

ANAIIS



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

20, 21 E 22 DE OUTUBRO DE 2020

BELÉM | PARÁ | BRASIL

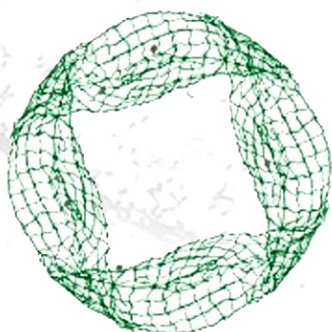


UNAMA



PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELACE DE SABERES

ANAIS

20, 21 e 22 de outubro de 2020

ISBN 978-65-88274-11-8

Organizadores

Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior
Profa. Dra. Analaura Corradi
Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa
Profa. Dra. Márcia Cristina Nunes



BELÉM | PARÁ | BRASIL
2020

COMISSÕES DO VII CONFLUÊNCIAS – ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

COMISSÃO GERAL DE ORGANIZAÇÃO

Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Profa. Dra. Analaura Corradi (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Máira Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Márcia Cristina Nunes (PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO DE EDITORAÇÃO

Profa. Dra. Analaura Corradi (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (PPGIC/FEEVALE)
Profa. Msc. Karen do Santos Correia Bittencourt (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)
Profa. Esp. Thaís Paula Fernandes Ferreira (Mestranda – PPGCLC/UNAMA)
Dorivaldo Pantoja Borges Junior (Bolsista PIBIC/CNPQ – PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Profa. Dra. Máira Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Profa. Dra. Ana D'Arc Martins de Azevedo (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Analaura Corradi (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Márcia Cristina Nunes (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Betânia Fidalgo Arroyo (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Ivana Claudia Guimarães Oliveira (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Jorge Leal Eiró da Silva (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. José Mariano Klautau Filho (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Lucilinda Ribeiro Teixeira (PPGCLC/UNAMA)
Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes (PPGCLC/UNAMA)
Profa. Dra. Rosângela Araújo Darwich (PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO

Profa. Dra. Ivana Claudia Guimarães Oliveira (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Prof. Msc. Diogo Borges (Doutorando – PPGCLC/UNAMA)

COMISSÃO DE ARTES E APOIO

Profa. Dra. Márcia Cristina Nunes (PPGCLC/UNAMA) – Coordenação
Profa. Msc. Amanda Roberta Botelho Menezes (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)
Prof. Msc. Diogo Borges (Doutorando – PPGCLC/UNAMA)

EXPEDIENTE

Chanceler do Grupo SER Educacional

Prof. Dr. José Janguê Bezerra Diniz

Reitora

Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão

Profa. Dra. Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos

Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura

Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior

Conselho Editorial

Profa. Dra. Maria Betânia de Carvalho Fidalgo Arroyo (Presidente)

Profa. Dra. Analaura Corradi

Profa. Dra. Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos

Profa. Dra. Danila Gentil Rodriguez Cal Lage

Prof. Dr. Edgar Monteiro Chagas Junior

Profa. Dra. Evanilde Gomes Franco

Prof. Dr. Leonardo Augusto Lobato Bello

Prof. Dr. Luis Otávio do Canto Lopes

Profa. Dra. Márcia Athayde Moreira

Prof. Dr. Marco Aurélio Arbage Lobo

Prof. Dr. Ronaldo Lopes Rodrigues Mendes

Prof. Dr. Sérgio Cardoso de Moraes

Prof. Dr. Sérgio Castro Gomes

Revisão

Comitê científico; próprios autores

Editoração Eletrônica

Profa. Dra. Analaura Corradi

Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção

Profa. Msc. Karen do Santos Correia Bittencourt

Dorivaldo Pantoja Borges Junior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Universidade da Amazônia (7.:2020: Belém, PA)
Anais do VII confluências [livro eletrônico] :
artes de ser : etrelace de saberes /
organização Edgar Monteiro Chagas Junior ...
[et al.]. -- 1. ed. -- Belém, PA : Universidade
da Amazônia, 2020.
PDF

Outros organizadores : Analaura Corradi, Maira
Evangelista de Sousa, Márcia Cristina Nunes.
Vários colaboradores.
ISBN 978-65-88274-11-8

1. Ciências sociais 2. Comunicação - Pesquisa -
Brasil 3. Cultura 4. Linguagens I. Corradi, Analaura.
II. Sousa, Maira Evangelista de. III. Nunes, Márcia
Cristina.

21-68345

CDD-300.06

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais : Congressos 300.06

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Universidade da Amazônia

Campus Alcindo Cacela: Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal, Belém/PA, CEP: 66060-000.

Fone: (91) 4009-3000. Homepage: www.unama.br

© Editora UNAMA – Os textos assinados, tanto no que diz respeito à linguagem quanto ao conteúdo, são de inteira responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da Universidade da Amazônia. É permitido citar parte dos textos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

STREET RIVER AMAZÔNIA DE SEBÁ TAPAJÓS: UMA BREVE APRESENTAÇÃO	15
Ingrid Nazaré de Souza Franco Mendes José Mariano Klautau Filho	
EXPERIMENTAÇÕES NA PINTURA DE JOSÉ SIMÕES	46
Vera Maria Segurado Pimentel José Mariano Klautau Filho	
1,99 - UM SUPERMERCADO QUE VENDE PALAVRAS: SOCIEDADE DE CONSUMO, IMAGENS, FETICHE E ALIENAÇÃO	68
Luiz Guilherme dos Santos Junior Danieli dos Santos Pimentel	
DESCENTRALIZAÇÃO DO PODER: O PAPEL DOS SITES DE REDES SOCIAIS NO JORNALISMO	84
Giovanna Figueiredo de Abreu Maíra Evangelista de Sousa Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira	
IDENTIDADE SINDICAL NA PANDEMIA: A RELEVÂNCIA DIGITAL DO SINDMEPA DURANTE A CRISE DO NOVO CORONAVÍRUS	105
Diego Duarte Borges Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira	
POSSÍVEIS CAMINHOS PARA O PROFISSIONAL DE JORNALISMO NO BRASIL	131
Rodolfo Silva Marques	
DA GÊNESE ÀS METODOLOGIAS: A TRANSMÍDIA NO JORNALISMO EM PESQUISAS DE 2000 A 2019 NO BRASIL	148
Elaide Martins Romulo Cardoso	
FAKE NEWS: UM ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PARA UM ALERTA À DESINFORMAÇÃO NA INTERNET	165
Lucas Matheus Santos Porto	
INTRODUÇÃO AO ESTUDO ENTRE JORNALISMO E LITERATURA DE CAMPOS RIBEIRO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	179
Alcione do Nascimento Carepa Vânia Torres Costa Paulo Nunes	
TÓ TEIXEIRA: UM RECORTE BIOGRÁFICO DE UMA OUTRA MARGEM DA ACADEMIA DO PEIXE FRITO	195
Jaqueline Bandeira Paulo Nunes	

O BATUQUE, O SANTO E O BARRACÃO: SOCIABILIDADES E RECIPROCIDADES PRESENTES NA FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO – IRITUIA - PA	208
Gleice Antonio Almeida de Oliveira Edgar Monteiro Chagas Junior	
UMA ANALOGIA ENTRE AS NARRATIVAS SOBRE A EDUCAÇÃO DE POPULAÇÕES RIBEIRINHAS E AS OBRAS DE DALCÍDIO JURANDIR	218
Helbe Almeida Maria José da Silva Gomes Paulo Jorge Martins Nunes	
A REPRESENTAÇÃO DE PSICOPATOLOGIAS NOS VÍDEOS DO FESTIVAL DE FILMES UNIVERSITÁRIOS OSGA	233
Dorivaldo Pantoja Borges Junior Analaura Corradi Douglas Junio Fernandes Assumpção	
O ENCONTRO TERAPÊUTICO GESTÁLTICO COMO EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA	248
Lia Cristina da Silva Botega Jorge Eiró Mariano Klautau Filho Larissa Fortes Carvalho Rosângela Araújo Darwich	
REVISÃO DE ESTILOS PARENTAIS: EXPERIÊNCIAS DE UM GRUPO DE MÃES:	281
Rosângela Araújo Darwich Ana Letícia de Moraes Nunes	
EDUCAÇÃO DIANTE DO FUTURO DO MUNDO - A NECESSIDADE DE UMA VISÃO HOLÍSTICA.....	292
Dirk Oesselmann	
DISCURSO CONTEMPORÂNEO FEMININO – A CAMINHADA DA MULHER AO EMPODERAMENTO	306
Terezinha de Jesus Rodrigues Barbagelata Ana D’Arc Martins de Azevedo	
EPISTEMOLOGIA IORUBÁ/NAGÔ: ANÁLISES DE POEMAS AFRO-BRASILEIROS E AFRICANOS	322
Camila Bastos Lopes da Silva Carla Regina Santos Paes José Guilherme de Oliveira Castro	
FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: NARRATIVAS NO INSTAGRAM A PARTIR DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS DE BELÉM	338
Dalva Lima dos Santos Analaura Corradi Ivana Claudia Guimarães de Oliveira	

LEITURA LITERÁRIA NA CONTEMPORANEIDADE: FRAGILIDADES E RELEVÂNCIA.....	359
Márcia Nemer Furtado Paulo Nunes	
A IDENTIDADE VISUAL DO MOVIMENTO SOCIAL VIRTUAL ANTIFA 2020. UMA RELEITURA DE SIGNOS NA SEMIÓTICA PEIRCEANA	377
Kyria Melo Rodrigues Monteiro Jorge Leal Eiró da Silva	
O REFÚGIO SECRETO: A LITERATURA DE TESTEMUNHO NO TESTEMUNHO DE CORRIE TEN BOOM	390
Raimunda Berenice Pinheiro Cardoso Lucilinda Ribeiro Teixeira José Guilherme de Oliveira Castro	
NARRATIVAS MUDIÁTICAS MULTIPLATAFORMA E OS EFEITOS DE SENTIDO IDEOLÓGICO NA EJA SOBRE AS PROBLEMÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS	420
Aline do Socorro Martins Pacheco Sakaguchi	
CURRÍCULO ESCOLAR E LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: UM ESTUDO EM UMA ESCOLA EM BELÉM (PA)	439
Ana D'Arc Martins de Azevedo André Felipe da Costa Cunha Igor Luiz Machado da Silva	
AFEIÇÃO/COGNIÇÃO NUMA PERSPECTIVA CURRICULAR INCLUSIVA: UM OLHAR SOBRE O ESTUDANTE AUTISTA NA SALA INCLUSIVA'	455
Ana Daniela de Oliveira Lima Ana D'Arc Martins de Azevedo	
ENTRELAÇANDO SABERES EM EJA: VIVÊNCIAS EXPERIENCIADAS POR UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA EM ABAETETUBA	471
Ana D'Arc Martins de Azevedo Leida Cristina Saraiva Teixeira	
A MNEMOSYNE AMAZÔNIDA	
Guilherme Pastana F. de Oliveira	
NARRATIVA ETNOGRÁFICA NA INFÂNCIA QUILOMBOLA: RELAÇÃO SOCIAL E INSTRUMENTO MUSICAL 'CARIMBÓ'	495
Elziene Souza Nunes Nascimento	
PODCAST: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO 5.0	511
Carolina de Sousa Franco Santos Maíra Evangelista de Sousa	
REPRESENTAÇÕES DA BIBLIOTECONOMIA SOCIAL NO CONTEXTO DO NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS (NEABI) IFAC	526
José de Arimateia Ferreira de Oliveira	

**VULNERABILIDADE DAS CLASSES POPULARES E A HERMENÊUTICA
GADAMERIANA SOBRE SAÚDE 542**

Analaura Corradi

José Maria Eiró Alves

**O AUDIOVISUAL SOB A ÓTICA FEMININA PÓS EFEITO WEINSTEIN: UMA
ABORDAGEM SOBRE RELAÇÕES DESIGUAIS DE PODER, IDENTIDADE E
REPRESENTAÇÃO 558**

Andréa da Silva Mendes Borges

**TRAVESSA CAMPOS SALES: COMUNICAÇÃO E MOBILIDADE EM TEMPOS DE
PANDEMIA DO CORONAVÍRUS 570**

Leonardo José Góes Oliveira

Maíra Evangelista de Sousa

**AS CULTURAS INDÍGENAS SÃO CARACTERIZADAS NO PARQUE DOS POVOS
INDÍGENAS? 584**

Luciélia de Aquino Ramos

Andre Demarchi

Cynthia Mara Miranda

**COMUNICAÇÃO E FIBROMIALGIA: INSTAGRAM COMO ESTRATÉGIA DE
COMUNICAÇÃO DIGITAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS
FIBROMIÁLGICOS (ABRAFIBRO) 601**

Marlene Silva de Moura

Analaura Corradi

Ivana Claudia Guimarães de Oliveira

**PRIVACIDADE DIGITAL: A INTOLERÁVEL VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA
IDOSA 618**

Walquíria Marcelina de Almeida

Ivana Claudia Guimarães de Oliveira

Rosângela Araújo Darwich

APRESENTAÇÃO

Neste ano de 2020 – tão abalado e diferenciado em nossos hábitos, costumes, formas de relacionamentos e ações de contatos reconfigurados e... decorrência da pandemia de um novo coronavírus que se alastrou pelo mundo – tivemos a sétima edição do **Confluências**, realizada nos dias 20, 21 e 22 de outubro e organizada pelo **Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC)** da Universidade da Amazônia (Unama).

O tema do VII Confluências este ano foi “**Artes de Ser: entrelace de saberes**” e contou com uma programação 100% *online*. Porém, mesmo com as peculiaridades desse ano atípico e com uma proposta de atividades remotas, o evento atingiu os seus objetivos propostos de obter uma boa experiência de participação, com a congregação de ideias e com o compartilhamento de pesquisas entre os estudantes e professores no meio acadêmico. Enfim, fora um ano difícil, mas um evento gratificante e muito produtivo para a ciência.

A primeira atividade, ocorrida no dia 20 de outubro de 2020, foi o lançamento de livros composto por imensa **Mesa Redonda de Autores** mediada pelo coordenador do PPGCLC, Prof. Dr. Edgar Chagas Junior. Vale a pena listá-los, pois, com esta mesa, provamos a produção das pesquisas e dos debates que representam o contexto acadêmico universitário, bem como a delimitação dos pontos da pesquisa realizados na região Norte.

Os livros provenientes de coletâneas de artigos lançados no evento foram: *Interfaces V2*, obra organizada por Márcia Cristina Nunes que se refere aos artigos ligados às produções e às pesquisas do PPGCLC; *I WEBNÁRIO Viver, Morar e Rezar na Cidade*, organizado por Márcia Cristina Nunes e Ana Maria Vasconcelos, em que apresentam artigos que abordam aspectos sobre as cidades; *Um olho no Peixe e outro na...* uma coletânea de artigos da Academia do Peixe Frito, organizado por Paulo Nunes, Vânia Torres Costa, Elaine Oliveira e Kátia Silva; *Vulnerabilidades, Narrativas e Identidades*, organizado por Cynthia Miranda, Carlos Alberto de Carvalho, Leandro Lage e Maíra Evangelista de Sousa; e, por fim, *Sentimentos Isolados: narrativas do isolamento social*, organizado por Camila Bastos, José Guilherme Castro e Lucilinda Ribeiro.

Na categoria de autores individuais e resultados de pesquisas foram ainda lançados os seguintes livros: *Duas faces da morte: corpo e alma do Cemitério da Soledade*, autoria de Paula Andrea Calluf Rodrigues; *Rádio na Escola: um olhar educacional para o ensino médio*, escrito por Gecilene Magalhães Marinho Barros; *Tú já viste um rei?* de Antônio Carlos Pimentel Junior; e o livro *A mídia sob o império da lei. As políticas de regulação dos meios de comunicação no Brasil e na Argentina no século XXI*, com autoria de Rodolfo Silva Marques. Todas essas obras comprovam o espaço interdisciplinar do PPGCLC amadurecido ao longo de 11 anos de atuação e de produções científicas nos cursos de mestrado e de doutorado da Instituição.

A programação continuou com a **Palestra Magna “Cultura ao espetáculo: dilemas atuais”**, que teve como convidado o Prof. Dr. Victor Sales Pinheiro, professor da PPGD/UFGA e mediação do Prof. Dr. Edgar Chagas Junior e do Prof. Dr. Jorge Eiró. A palestra apresentou teorias abordadas no livro *A crise da cultura e a ordem do amor. Ensaios filosóficos* – a ser ainda lançado pelo palestrante. As discussões motivaram o pensar entre as relações e as ações da sociedade e dos indivíduos decorrentes do impacto da cultura que nos contextualiza rotineiramente.

Na quarta-feira, dia 21 de outubro de 2020, aconteceu a **Palestra “Narrativas do feminicídio na Amazônia”**, ministrada pela professora Dra. Cynthia Mara Miranda (PPGCOM/UFGA) e mediada pela professora Dra. Maíra Evangelista de Sousa (PPGCLC/Unama). A programação integrou as atividades do projeto “Narrativa e acontecimento midiáticos: desafios metodológicos para apreensão das experiências locais amazônicas”, do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia (Procad/AM), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), realizado pelo PPGCLC/Unama, PPGCOM/UFGA e PPGCOM/UFMG.

Durante a mesa, a Profa. Dra. Cynthia Mara Miranda apresentou os resultados da pesquisa de pós-doutorado que realizou no PPGCOM/UFMG, sob a supervisão do Professor Dr. Carlos Alberto de Carvalho e financiada pelo Procad/AM/Capes. O objetivo da pesquisa foi analisar as narrativas jornalísticas do feminicídio em jornais de todos estados da região Norte e que pertencem à

Amazônia Legal. A pesquisa apontou para a existência da dominação simbólica e afetiva das mulheres assassinadas na Amazônia, em um contexto de privação de direitos: direito a uma existência digna, direito de ir e vir e direito ao protagonismo sobre suas próprias narrativas. Os dados apresentados são importantes resultados do projeto de pesquisa financiado Procad/AM/Capes.

No dia 22 de outubro de 2020, encerrando as palestras, a Profa. Dra. Maria Betânia Fidalgo Arroyo, atual reitora da Unama, presidente do Conselho Estadual de Educação do Pará e Membro da Academia Paraense de Letras e docente do PPGCLC discorreu sobre a temática **“Autoetnografia, gestão e gênero”** – objeto de sua tese de doutoramento, na qual apresenta dados de como fazer uma pesquisa autoetnográfica e as situações de demanda de gestão e de gênero vivenciadas e tão destacadas atualmente.

Além das palestras, o VII Confluências contou também com artigos apresentados, de forma remota, entre os seis Simpósios de Trabalho distribuídos na programação, possibilitando a participação de representantes de outros estados como Tocantins, Rondônia, Acre, dentre outros, além da participação de representantes e pesquisadores de outro país, como a Alemanha.

O Simpósio de Trabalho **O SER DA IMAGEM: PENSAMENTO, POÉTICAS E PROCESSOS ARTÍSTICOS** foi coordenado pelos professores Márcia Nunes, Jorge Eiró, Mariano Klautau Filho e expôs a apresentação de quatro artigos abordando destaques teóricos e críticos sobre as relações das artes com os saberes transdisciplinares, considerando a Arte como campo de produção do conhecimento.

O Simpósio de Trabalho **JORNALISMO E TECNOLOGIAS DIGITAIS** foi coordenado por Maíra Evangelista de Sousa, Elaide Martins, Giovanna Abreu e Camila Simões que avaliaram cinco artigos sobre as pesquisas teóricas e/ou empíricas que problematizam e discutiram o jornalismo a partir das narrativas, das linguagens, dos processos de produção, circulação e consumo noticioso, bem como dos processos e das rotinas da profissão, da identidade do jornalista, do estatuto do jornalismo, dentre outros. Além disso, os trabalhos versaram sobre sociabilidades nos sites de redes sociais e dispositivos digitais, e questões envolvendo práticas comunitárias, ubíquas, inovadoras e/ou convergentes.

REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA. DIÁLOGOS NARRATIVOS: LITERATURA E COMUNICAÇÃO, também foi um dos Simpósios de Trabalho, coordenado por Paulo Nunes e Vânia Torres Costa, reunindo reflexões acerca dos modos tradicionais e contemporâneos de narrar. Os quatro artigos perpassam sobre a prática de representação do tempo narrativizado através das diversas práticas midiáticas, desde o oral até o eletrônico.

O Simpósio de Trabalho **LITERATURA, SEMIÓTICA, LINGUÍSTICA E PSICOLOGIA** foi coordenado por José Guilherme de Oliveira Castro; Lucilinda Ribeiro Teixeira; Rosângela Araújo Darwich e Dirk Oesselmann que oportunizou diálogo e reflexão nos campos da Literatura, Semiótica, Linguística e Psicologia por meio de estudos teóricos e/ou crítico-analíticos e de relatos de pesquisa e de experiência. Este Simpósio contou com o maior número de participação em artigos inscritos e aceitos, resultando em onze pesquisas apresentadas.

Em segundo lugar, com nove artigos, o Simpósio de Trabalho **SABERES E FAZERES CURRICULARES INTERCULTURAIS EM ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES**, coordenado por Ana D'arc Azevedo; Betânia Fidalgo Arroyo e Edgar Chagas Júnior, abordou a perspectiva que admite que o currículo intercultural se mostra possível diante de rupturas e afastamentos de práticas excludentes e que podem estar presentes em processos pedagógicos nesses cotidianos, no sentido de permitir o fazer pedagógico baseado em princípios pautados de valorização de culturas que intencionalizam uma aproximação com as identidades pertinentes ao contexto em que esse currículo está situado.

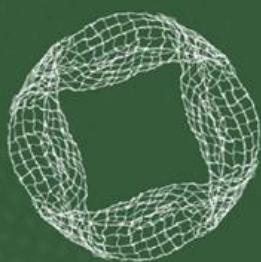
E, com seis artigos, o Simpósio de Trabalho **CAPITAL SOCIAL E CULTURAL**, coordenado por Analaura Corradi; Ivana Oliveira; Douglas Fernandes e Karen Bittencourt, versou discussões e reflexões sobre a crítica teórica de ações de reconfiguração de aspectos comportamentais, de mercado, políticas, socioculturais e econômicos na busca da interdisciplinaridade das observações entre a sociedade e a capacidade de cada indivíduo de nela progredir e desenvolver a si e seu espaço sociocultural.

Desta forma, temos o **Anais VII Confluências: Artes de ser: entrelace de saberes** que materializa os debates e as produções decorrentes de 38

pesquisas envolvidas na região e que provocam futuros passos e processos de investigações e reflexões interdisciplinares.

Desejo a todos uma boa leitura e bons estudos. E que possamos nos encontrar no VIII Confluências, em 2021!

Profa. Dra. Analaura Corradi.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

ANALISE

SIMPÓSIO DE TRABALHO – O SER DA IMAGEM: PENSAMENTO, POÉTICAS E PROCESSOS ARTÍSTICOS

COORDENAÇÃO:

Profa. Dra. Márcia Cristina Nunes (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Jorge Eiró (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Mariano Klautau Filho (PPGCLC/UNAMA)

EMENTA:

A proposição deste Simpósio de Trabalho parte da compreensão da Arte como campo de produção do conhecimento e, neste sentido, abrigará pesquisas em seus mais diversos modos: palestras, conferências, relatos e rodas de conversas nas áreas de criação artística, pesquisa em poéticas visuais e análise teórico-crítica que possam ampliar as relações da Arte com o saber transdisciplinar.



PPGCLC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA



STREET RIVER AMAZÔNIA DE SEBÁ TAPAJÓS: UMA BREVE APRESENTAÇÃO¹

Ingrid Nazaré de Souza Franco Mendes²

José Mariano Klautau Filho³

Resumo: Transformando o rio em galeria de arte e as casas ribeirinhas em suas telas, o projeto *Street River Amazônia* recebe tanto elogios quanto críticas e polêmicas visto que as histórias, origens e sabedoria de um povo que tem muito a ensinar são temas bastante explorados. Por envolver aspectos multidisciplinares, o tema é relevante e atual. O artigo pretende fazer uma apresentação sobre o projeto, situar o leitor no que consiste o mesmo, sua origem e mostrar a que e a quem se destina. Todo esse processo se dá através dos discursos do idealizador Sebá Tabajós e de outros artistas grafiteiros e suas percepções, encontrados em entrevistas e documentários na internet. A análise propõe uma abordagem crítica com o intuito de alcançar a complexidade e a responsabilidade envolvidas em um projeto com tal dimensão.

Palavras-chave: *Street River Amazônia*. Grafite. Ribeirinhos. Sebá Tapajós.

SEBÁ TAPAJÓS'S STREET RIVER AMAZÔNIA: A BRIEF PRESENTATION

Abstract: Transforming the river into a gallery and the riverside houses on their canvases, the *Street River Amazônia* project receives both praise and criticism and controversy, since the stories, origins and wisdom of a people who have a lot to teach are themes that have been widely explored. As it involves multidisciplinary aspects, the theme is relevant and current. The article intends to make a presentation about the project, to situate the reader about what it consists of, its origin, what and to whom it is intended, through the speeches of the creator and other graffiti artists and their perceptions, found in interviews and documentaries, on the internet. The analysis proposes a critical approach in order to achieve the complexity and responsibility involved in a project with such a dimension.

¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho O Ser da Imagem: Pensamento, Poéticas e Processos Artísticos do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

² Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Pós-graduada em Design de Interiores e Paisagismo pela Estácio. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura. E-mail: ingridnsf_mendes@hotmail.com

³ Doutor em Artes Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP (2015). Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999). Professor da Universidade da Amazônia desde 2000 onde atua na graduação em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura. E-mail: marianokf@uol.com.br



Keywords: Street River Amazônia. Graphite. Riparians. Sebá Tapajós.

STREET RIVER AMAZÔNIA DE SEBÁ TAPAJÓS: UNA CORTA PRESENTACIÓN

Resumen: Transformando el río en galería y las casas ribereñas en sus lienzos, el proyecto Calle Río Amazônia recibe tanto elogios como críticas y polémicas, ya que las historias, los orígenes y la sabiduría de un pueblo que tiene mucho que enseñar son temas que han sido ampliamente explorado. Al involucrar aspectos multidisciplinares, el tema es relevante y actual. El artículo pretende hacer una presentación sobre el proyecto, situar al lector sobre en qué consiste, su origen, para qué y a quién va dirigido, a través de los discursos del creador y otros grafiteros y sus percepciones, encontradas en entrevistas y documentales, en internet. El análisis propone un enfoque crítico para lograr la complejidad y responsabilidad que implica un proyecto de tal dimensión.

Palabras-clave: Street River Amazônia. Grafite. Ribereños. Sebá Tapajós.

1 INTRODUÇÃO

Street Art, ou Arte de Rua, é uma expressão artística que denota manifestações em espaços públicos, principalmente no âmbito das cidades, que iniciou como um movimento *underground* e foi gradativamente constituindo-se como forma de fazer artístico, abrangendo várias modalidades. Entre elas está o Grafite, que consiste em desenhos estilizados, geralmente feitos com *sprays* em paredes de edifícios, túneis, ruas e etc. Há muitas técnicas de grafite, entre as quais nota-se mais atenção atualmente aos trabalhos em 3D. É relevante citar que as grafitagens também que chamam a atenção dos críticos⁴. Santaella (2005, p. 15) comenta que “uma das marcas mais relevantes da arte modernista estava na rebelião dos artistas contra as normas sociais.”

⁴ Segundo Norman Mailler é, “uma rebelião tribal contra a opressora civilização industrial” e, por outros, como “violação, anarquia social, destruição moral, vandalismo puro e simples”. Muitas polémicas giram em torno desse movimento artístico, pois de um lado o grafite é desempenhado com qualidade artística, e do outro não passa de poluição visual e vandalismo. A pichação ou vandalismo é caracterizado pelo ato de escrever em muros, edifícios, monumentos e vias públicas. Normalmente, distingue-se o grafite, de elaboração mais complexa, da simples pichação, quase sempre considerada como contravenção.



A **história do grafite** se origina em meados dos anos 1960 e início dos anos 1970 nas periferias das cidades de **Paris e Nova York**, que serviram de cenário para artistas anônimos que buscavam se expressar. Foi em Paris, em 1968, que o grafite começou a conquistar o mundo, a partir do movimento contracultural, tendo os muros como tela para inscrições e imagens de cunho poético-político. Essa arte urbana tem vários contextos, tipos e estilos que podem ser caracterizados como uma espécie de demarcação de território ou murais, podendo assim, algumas pinturas serem consideradas obras de arte. Os grafites podem também estar vinculados aos movimentos e tribos urbanas, como o **hip hop** e **movimento Flower Power** dos *hippies*. Partindo dos muros das casas, o grafite chegou até os metrô e trens, levando a arte e o protesto do gueto para outras regiões de Nova York. A primeira grande exposição de Grafite foi realizada em 1975 no “*Artist’s Space*”, de Nova York, porém foi a arte urbana foi consagrada apenas em 1981 com a mostra “*New York/New Wave*” organizada por Diego Cortez, no PS1, um dos principais espaços de vanguarda de Nova York.

Já no Brasil, com as influências da contracultura internacional da época o grafite teve impacto importante na música, no movimento tropicalista e nas periferias de capitais brasileiras. Essa modalidade da *Street Art* é que dá origem ao tema e o objeto de estudo deste artigo.

Arte de Rua não precisa de tempo, espaço, movimento cultural nem tão pouco de reconhecimento para acontecer, ela só precisa da rua, e assim ela acontece, nos lugares menos esperados, nos guetos, nos lixões, debaixo de pontes, em paredes estragadas e em lugares abandonados (IMBROISI, 2017).

E é nesse contexto da grafiteagem que o artista plástico Sebá Tapajós inseriu a arte na vida dos ribeirinhos que moram à margem do rio na Ilha do Combú⁵, em Belém do Pará. Esta localidade é composta pelos igarapés Combú e Piriquitaia, além dos furos Benedito e Paciência.

⁵ É uma das 39 ilhas da região de Belém que fazem parte da APA- Área de Proteção Ambiental De acordo com a Mestra em Antropologia Thainá Nunes com base nas informações do IBGE de 2010, seus moradores fazem parte de uma população que compõe a área rural de Belém que



A iniciativa chamada de *Street River Amazônia* se faz presente no cotidiano dos moradores da ilha, além de exercer influência socioeconômica, paisagística e estética. Seu idealizador carrega uma linhagem artística e o orgulho de suas origens amazônicas, já que é filho do violonista paraense Sebastião Tapajós. Por ser daltônico, resolveu expressar suas ideias de mundo através das cores.

Ao longo dos anos, o projeto ganhou público com o apoio da *internet* e das redes sociais. Uma imagem midiática com grande capilaridade despertou o interesse de estudiosos incluindo o objeto deste trabalho, que surgiu a partir da proximidade com o tema, já que este será objeto de dissertação de mestrado da autora.

Capilaridade significa entrar em qualquer mínimo espaço, porque é de uma capilaridade eólica, que se transmite o vento, pelas nuvens pode acessar e mandar agora uma imagem do celular para outro celular, sem nenhum fio ligado, apenas pelo ar, pelo vento, pelas ondas (BAITELLO JUNIOR, 2019).

O presente trabalho tem o intuito de ser produzido para contribuir com futuras pesquisas e com a dissertação final da autora deste artigo. Portanto, dentre os objetivos estão: o objetivo geral, que consiste em conhecer o projeto *Street River Amazônia* desde sua origem até os dias atuais, numa narrativa construída a partir do ponto de vista idealizador e de outros artistas que já participaram das pinturas. Já os objetivos específicos são: explorar os discursos e intenções do idealizador e de outros artistas sobre o *Street River*; considerar o que se pretende com o projeto e quem são os que o apoiam e analisar se esses discursos condizem com o que realmente está sendo feito. De antemão, vale ressaltar que os discursos são praticamente os mesmos em todas as reportagens e mídias sociais.

Para alcançar tais objetivos, primeiramente estabeleceu-se o recorte do espaço/tempo do objeto a ser analisado, que serão as pinturas de grafites nas fachadas das palafitas dos ribeirinhos da ilha do Combú, entre 2015 até 2020

até 2010 possuía um total de 11.924 pessoas. Hoje encontram-se morando somente na ilha citada 560 famílias, o que daria em torno de mais de 2.000 pessoas (NUNES, 2010).



Uma vez que, em condições atuais recomendadas pela crise sanitária pandêmica do COVID-19⁶, o isolamento social é extremamente recomendado, a metodologia utilizada baseou-se em uma pesquisa histórica, análise de conteúdo e análise semiótica, uma abordagem qualitativa e pesquisa exploratória, através de uma revisão narrativa e integrativa.

Para Laurence Bardin (1977), a análise de conteúdo é uma série de técnicas que servem para uma análise das comunicações, informações, e descrição do conteúdo das mensagens de maneira sistemática e objetiva. De forma semelhante, Bauer e Gaskell (2002) definem essa mesma metodologia como sendo apenas um método de análise de textos que está presente nas ciências sociais empíricas, que na maioria das vezes, buscam com atenção aos "tipos", "qualidades", e "distinções" no texto.

Tratando-se de imagens, ícones, símbolos e significados, visto que o tema aborda as pinturas nas palafitas, a análise semiótica, segundo Pierce, tem uma contribuição relevante para ajudar a compreender o processo de construção da pintura. Assim, a compreensão da imagem pelo observador também acontece através de um percurso semiótico, em que, quem está interpretando pode continuar no nível de primariedade como no nível mais profundo de um processo cognitivo, alcançando assim a terceridade. E é indiscutível que o observador tem tanta importância, quanto o artista, visto que seus pensamentos interferem na interpretação dos signos, reconhecendo assim, as intenções do autor da obra e o uso social e ideológico dos signos.

Peirce desenvolveu uma fenomenologia de apenas três categorias universais: A primeiridade, é a categoria do sentimento imediato e presente das coisas, sem nenhuma relação com outros fenômenos⁷ do mundo. A secundidade começa quando um fenômeno primeiro é relacionado a um segundo fenômeno qualquer. A terceridade é a categoria que relaciona um fenômeno segundo a um terceiro. (WINFRIED NOTH, 2003).

⁶ O novo Coronavírus também é chamado de COVID-19 que significa em inglês Coronavírus Disease – 2019, que em tradução livre significa “Doença do Coronavírus”, onde o “19” se refere ao ano que se iniciou o contágio da doença, ou seja, 2019.

⁷ “Fenômeno é tudo aquilo que aparece à mente, corresponde a algo real ou não” (Santaella, 1998).



Já a abordagem qualitativa, “envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.” (DENZIN e LINCOLN, 2006).

Bauer e Gaskell (2002) complementam essa ideia afirmando que a análise qualitativa fornece os dados básicos à compreensão das relações sociais e suas situações.

A pesquisa exploratória tem como função preencher as lacunas que costumam aparecer em um estudo. Segundo Gil (2010, p.27), as pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

A pesquisa exploratória visa à descoberta, o achado, a elucidação de fenômenos ou a explicação daqueles que não eram aceitos apesar de evidentes. A exploração representa, atualmente, um importante diferencial competitivo em termos de concorrência. (GONÇALVES, 2014).

Portanto, é importante deixar claro, que o roteiro da pesquisa se deu apenas por meio digital, através de sites da internet devido ao coronavírus. Por conta disto, não houve pesquisa de campo e, conseqüentemente não haverá resultados específicos para descrever neste artigo, que neste momento se propõe a ser um estudo introdutório sobre o projeto *Street River*.

2 O STREET RIVER AMAZÔNIA E A STREET ART: ORIGEM E CARACTERÍSTICAS

Conhecido como a “primeira galeria de arte fluvial do Brasil” o projeto leva a *Street Art* àqueles que moram às marges dos rios da Ilha do Combú, cerca de 10 a 15 minutos de barco, da cidade de Belém do Pará. Teve início em 2015 e logo começou a ganhar forma grafitando cinco fachadas de palafitas ao longo da ilha.



O processo da pintura começa por uma imersão na cultura local e no estilo de vida ribeirinho, onde os artistas são hospedados por alguns dias nas residências dos ribeirinhos, de comum acordo e concessão do dono da casa.

Em 2016, Sebá reuniu grafiteiros convidados de outros Estados e de reconhecimento global a participarem da iniciativa, pintando nove casas ao longo do rio em homenagem aos 400 anos de Belém. Com o tempo, o projeto evoluiu e, em 2017, segundo Evandro Pimentel (2017), foram mais de 10 casas grafitadas com um tipo de tinta impermeável, que preserva a madeira das casas de palafita. Já em 2018, houve a pintura de 12 casas no Igarapé Combú, mesmo ano que foi criado oficialmente o Instituto *Street River*⁸.

O *Street River*, que já teve um documentário próprio divulgado no festival Vulica Brasil 2017, em Bielorrússia, não tem fins lucrativos e pretende transformar a vida dos ribeirinhos com a arte. Com o passar do tempo, a iniciativa foi ganhando maiores proporções e, hoje em dia, algumas metas foram atingidas, como: instalação de filtros de água, através de parcerias feitas com ONG's e colaboradores que se interessaram em ajudar os moradores locais a receberem água potável e de qualidade, no seu dia-a-dia, como são os casos da *Waves for Water* e da *Amana Katu*. Essas colaborações para disponibilizar água de qualidade, segundo o próprio Sebá Tapajós, conseguiram reduzir em mais de 70% a infecção de crianças na Ilha Combú.

A instalação/manutenção de placas de energia solar em escolas também foram um dos benefícios proporcionados, as quais produzem aproximadamente 12.200 Wh por ano e deixará de emitir 19,3 toneladas de CO₂ na atmosfera.

Nos dias atuais, o projeto também abrange como meio de interação e integração o Festival de Arte e o Turismo de Experiência, que engloba pacotes fechados como *Street River Experience* Residência Artística na Amazônia direcionado às pessoas que buscam conhecer o local.

⁸ O instituto se dedicava (pois atualmente o site do mesmo encontra-se desativado, e ainda não se tem informações se voltará com suas programações) à capacitação dos moradores em guias turísticos e na profissionalização das atividades do extrativismo natural que já desempenham. Também será o braço responsável por promover o turismo de experiência pelas ilhas, furos e igarapés. Levando sistema de biofiltro para água potável e mapeando as necessidades de saúde infantil dos povos que vivem ao longo do Rio Amazonas (Instituto *Street River*).



De acordo com o site Sympla em 2018, Sebá Tapajós afirma que:

A Ilha do Combú é um alvo turístico usado pelo poder público em feiras pelo Brasil e exterior, porém, com planejamento estratégico da Secretaria de Turismo de Belém para 2020. E mesmo vivendo rodeado de água e a 15 minutos de Belém do Pará, os Povos Ribeirinhos não tem saneamento básico, luz estável e água potável, a falta desta última, uma das principais causas de morte infantil no planeta terra. (SYMPLA, 2018).

Em 2020, por conta da pandemia, as pinturas e passeios, assim como o planejamento estratégico da Secretaria de Belém, ficaram parados. A Informação que se tem é que foram instaladas cisternas em alguns pontos para maior higienização dos ribeirinhos, como prevenção ao Covid19.

O Projeto *Street River Amazônia*, atualmente, tem 37 residências pintadas/grafitadas em sua totalidade, com tintas antimoho, que preserva a qualidade do ar e as madeiras.

2.1 OS DISCURSOS DE SEBÁ TAPAJÓS SOBRE O PROJETO

Segundo Sebá, ele se sentia incomodado com a realidade dos povos ribeirinhos e resolveu criar a galeria de arte, e o projeto em sua essência, “é um tratado de responsabilidade social com os ribeirinhos”, discurso que ele prega em suas redes sociais e em entrevistas. E levar dignidade e um olhar para um povo, que só no Pará está esquecido há mais de uma década e meia do poder público, é o principal objetivo.

Para Sebá, as pessoas estão sendo muito receptivas, e o projeto está ganhando uma repercussão enorme. [...] Essa é a hora de não só chamar a atenção para o grafite, mas para fortalecer a dignidade dos ribeirinhos (PANTOJA, 2016).

O discurso de Tapajós vem da ligação que ele tem com a Amazônia, desde sua infância, através de seu pai, o músico Sebastião Tapajós nascido em Santarém, no estado Pará. Em suas palavras, no documentário intitulado *Street River Amazônia*, Tapajós afirma que:



Só queria pintar, os barcos, ensinar as crianças a desenharem. Trazer arte e colorido pra muitas famílias que não tem grana pra comprar tinta e gostariam de pintar suas casas, pois já é muito caro construir a casa, que dirá pintar (STREET..., 2017).

Em entrevista intitulada “Grafiteiro transforma casas de ribeirinhos em obras de arte – Projeto *Street River* leva arte urbana para moradores das ilhas de Belém. A iniciativa de Sebá Tapajós terá seis convidados de outros estados”, ao G1 Pará, da Rede Liberal, quando questionado sobre a permissão dos ribeirinhos para pintar suas residências, Tapajós acredita que o que ajudou a alguns moradores a concordarem com as pinturas, foi sua aparição no programa nacional conhecido como “Encontro com Fátima Benardes”, no qual ele explica sobre seus trabalhos na Amazônia.

E quem cede sua casa como suporte para a arte de Sebá precisa saber que o processo exige uma relação de confiança: uma obra leva um dia inteiro para ficar pronta e o dono da casa não pode dar palpites. Ainda na mesma entrevista dada ao G1 PA mencionada acima, “Para grafitar a casa de um ribeirinho, demoro em média 8 horas. Vou às 7h da manhã e encerrou por volta de 16h. E não aceito ‘pitaco’: tem que gostar do meu trabalho”, conta o artista. Segundo reportagem realizada no jornal Rede Liberal no ano de 2016, Sebá Tapajós declara que:

Para fazer esse projeto a gente foi conversando: no começo foi bem difícil, a galera não está acostumada com isso, mas a gente foi mostrando. A primeira casa foi a do chefe da associação de moradores, então a partir daí foi mais tranquilo. Como ele é um cara que viaja a trabalho para as outras ilhas tem gente de Barcarena, ilha das Onças, de várias outras localidades querendo as próximas edições do projeto (REDE LIBERAL, 2016).

Ainda, no documentário *Street River Amazônia* de 2017, de acordo com Sebá:

A ilha não tem comparação com nada, em primeiro lugar isso daqui é Amazônia, e em segundo lugar isso aqui é um povo, não é uma comunidade, é o povo ribeirinho. O mundo hoje é a Amazônia, e 60% da Amazônia é do Pará [...] passar e ver é uma coisa, viver a vida do povo que vive dentro da floresta é uma outra situação. É um povo rodeado de água, mas que não tem água potável, que paga conta de



luz, mas a luz vive faltando toda semana, por 24h a 48 horas (STREET, 2017).

2.2 O *STREET RIVER* DO PONTO DE VISTA DE OUTROS ARTISTAS GRAFITEIROS

Sobre os discursos de outros artistas, o filme/documentário *Street River Amazônia* está cheio deles. O qual retratou a imersão e experiências dos artistas convidados, na ilha do Combú. Ao todo foram dez importantes artistas da cena atual que participaram do projeto em 2017, entre eles: – Sebá Tapajós (PA), Tereza Dequinta e Robézio Marqs (Acidum Project, CE), Rimon Guimarães e Zéh Palito (Cosmic Boys, SP), Herbet Baglione (SP), Curiot (México), Zezão (SP), Ramon Martins (SP), Enivo e Lobot (A7MA, SP). Alguns comentários⁹ esses artistas serão relatados e comentados a seguir.

Nesse processo de 2017, ao verem que os ribeirinhos ainda tinham receios sobre as imagens que seriam pintadas nas fachadas de suas palafitas e por ser um grupo maior de grafiteiros em relação ao primeiro ano de *Street River Amazônia*, em 2015, que contava apenas com Sebá Tapajós, cada artista tinha seu próprio método de produção e inspiração para produzir sua arte, e foi nesse processo que a maioria permitiu as opiniões e ouviram as sugestões dos ribeirinhos para os desenhos a serem pintados.

William Baglione (2017), que fez parte da curadoria do projeto, afirma que “a verdade do projeto, contaminar de forma positiva, e levar essa semente para fora do Brasil”. Baglione ainda afirma no documentário *Street River Amazônia* que:

É um Brasil, dentro do Brasil. A ausência do Estado tem como consequência um povo invisível para a sociedade, tão perto e tão longe, que acha que a partir do elemento artístico é possível pulverizar-se para o mundo o que é esse lugar e a magia dessa experiência. [...] Os artistas envolvidos estão trabalhando com um tipo de arte que é a mais popular do mundo, pois ela dialoga com qualquer tipo de pessoa, em níveis socioeconômicos, culturais, religiosos, ela não descrimina com quem ela vai conversar, e então a partir disto se tem uma ferramenta importante para sensibilizar pessoas e movimentar projetos

⁹ Comentários realizados por artistas grafiteiros que participaram do documentário *Street River Amazônia*, dirigido por Beto Macedo, em 2017. Disponível em: <https://vimeo.com/236424354>.



adjacentes para construir uma vida melhor para esse povo. Se chega um artista que se acha muito superior a essa história toda, literalmente vai tudo por água a baixo (STREET..., 2017).

Segundo Ramon Martins, o ponto favorável é que nenhum artista recebeu nenhum dinheiro. E de acordo com Enivo, os artistas estavam lá para entrar em consenso com todo mundo, e não para impor suas culturas e se apropriar do lugar. O mesmo compara a Amazônia como uma Veneza brasileira e repara nos barcos com grafias muito ligadas a fé. Já para Tereza Dequinta da Acidum Projeto, foi uma forma de desprender do ego, da competição, a qual nas cidades acontece muito.

Apesar de toda movimentação para fazer o projeto acontecer, alguns moradores ainda resistem em deixar pintar suas residências. Zezão, um dos artistas, narra que tiveram casas que iam pintar, mas acabaram não pintando, pois os moradores não se sentiram à vontade. É um sinal de que nem todos concordam com as pinturas nas fachadas.

Os artistas se inspiram ao olhar para o lado e ver a natureza e acabam fazendo uma pintura de natureza morta, ou um retrato de uma pessoa. Inspiram-se nas estampas de colcha de cama. E nem sempre os moradores gostam das cores ou do desenho, mas alguns moradores em consenso com os artistas conseguem encontrar uma pintura para suas casas. Lobot cita que, “como estamos no meio da floresta, quando você ver de longe é tudo verde, e depois a partir das cores que colocamos já dá uma espécie de ‘explosão’.” É importante ressaltar que esta é uma visão de alguém que vem de “fora”, ou seja, não é um morador local da ilha.

De acordo com Robézio Marques, as pinturas são “uma quebra, mas uma quebra mais harmônica e criam uma sintonia com o espaço e com as pessoas. Como trabalham muito com símbolos e códigos, esses códigos muitas vezes vêm da natureza e textura, por isso o ambiente ajudou na criatividade.”

De acordo com Santaella (2002, p.39, apud Vassoler, 2014), “É muito importante lembrar que, em todo ato de análise semiótica, sempre ocupamos a posição lógica do interpretante dinâmico, pois analisar também significa interpretar”. Com base nas classificações de Pierce, o ícone (primeiridade) por



sua vez, é a imagem, semelhança com seu objeto. O índice (secundidade), a proximidade física com seu objeto, e por fim, o símbolo (terceridade) é a convenção, a relação codificada com seu objeto.

Segundo Santaella (2002, p. 20):

O símbolo tem uma função um tanto complexa em relação aos dois primeiros níveis, pois ele trabalha de acordo com as leis e convenções sociais de cada lugar [...] O símbolo tende a carecer de mais conhecimento prévio que os outros, pois é o resultado de normas de construção social, lembrando que o mesmo não tem o mesmo valor ou o mesmo significado em todas as culturas. (apud VASSOLER, 2014).

Conforme menciona um dos artistas, Zéh Palito, há no processo um caráter lúdico onde as crianças participam pintando os trapiches, “o que acaba valorizando mais, pois sabem que fizeram aquilo e que fazem parte daquilo também.” De acordo com André Bretas, produtor convidado para participar do documentário, “os moradores que conhecem o Sebá e o projeto, se dedicam ao projeto.” comenta que:

Transformando o plano pictórico em espaço, o artista não anulará o caráter original da superfície. Esta continua tendo uma função relevante, servindo de referência visual constante para tudo que vá ocorrer dentro de seus limites. As margens e a superfície nos permitem avaliar as novas dimensões em que o espaço foi articulado pelo artista a fim da imagem tornar-se portadora das qualidades da experiência vivida. (FAYGA OSTROWER, 1983)

Tereza Dequinta (2017) observa que:

O projeto em si é inédito, por ter os rios como palco, mas não se trata de só vir pintar. Vejo como uma ação de inclusão social, pois movimentou a comunidade. Já tem barqueiros fazendo visitas guiadas pela galeria. Além do embelezamento, ele fortalece as conexões entre esses dois ambientes da cidade. (STREET..., 2017)

A edição do *Street River* de 2019, de acordo com o Diário Online (2019), gerou uma grande polêmica no meio dos artistas engajados, com a proposta, intitulada como a “Primeira Edição do Street River GRLPWR. Um recorte do Ativismo Feminino dentro do Street Art Nacional”. Segundo a página do evento



do Instagram na época, a proposta consistia em “Artistas Brasileiras enchendo de Cor a Ilha do Combú com seus trabalhos autorais e suas histórias de luta e resistência”. Porém, ao perceber que dentre as artistas mulheres convidadas, apenas uma era paraense, dois movimentos feministas do Pará, contestaram tais escolhas. Freedas Crew (2019), um dos movimentos, afirma em sua nota:

Ao questionarmos a falta de artistas paraenses ao organizador do evento em sua rede social, nossos comentários foram apagados e nossos perfis bloqueados. O que nos indica que, além de nos invisibilizar enquanto artistas, também fomos silenciadas. Um evento que usa mulheres artistas de outras regiões carregando a bandeira do feminismo, que visibiliza determinadas mulheres, mas que ao mesmo tempo silencia outras, é no mínimo incoerente (DIÁRIO ONLINE, 2019).

Segundo Beto Macedo, diretor do documentário em questão, o projeto continua acontecendo e pretende ser permanente (PIMENTEL, 2017).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a *Street Art* aproxima os ribeirinhos às pessoas residentes em grandes cidades, como artistas influentes e turistas, mas nos leva também a uma reflexão sobre suas consequências no habitat e no cotidiano dos moradores locais. E que as pessoas que vivem ao longo das margens dos rios, podem ser consideradas como uma população tradicional, já que se caracterizam por ter uma relação de frequente dependência e simbiótica com a natureza e o profundo conhecimento sobre a mesma. Portanto é sempre bom ter um cuidado e zelo quando são introduzidas questões tecnológicas e urbanas nessas áreas.

Com uma maior divulgação e análise mais profunda sobre o *Street River Amazônia*, e através de suas ações, os ribeirinhos ganham cada vez mais visibilidade em relação às suas necessidades de forma que a população urbana conheça melhor suas histórias e modo de vida, e não visitem as ilhas apenas para apreciar a beleza e tirar fotos, e sim também como uma consciência ambiental, humana, social e histórica. Não se trata somente de chamar a atenção e nem apenas mostrar os problemas e a realidade. Talvez promover um projeto



mais específico de conscientização não deveria ter que transformar a paisagem local pra poder chamar a atenção das autoridades, isso teria que ser independente disso. É preciso acontecer algo que, para os moradores da cidade, seja relevante e esteja na moda para ser notado.

Sebá pensou em contribuir através do que sabe fazer de melhor, que é a arte. Procurou se movimentar e ajudar dentro do possível que ele podia, já que, segundo ele, se fosse esperar vender tela, pra levar o dinheiro e fazer benfeitorias seria muito mais difícil.

Porém, considerando que as pinturas estão inseridas em um contexto incomum, que é em meio a floresta amazônica, existe uma alteração estética na paisagem local. Segundo Silva (2008, apud BERTRAND, 1972, p. 141): “a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos. É o resultado da combinação dinâmica, instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que se manifestam dialeticamente uns sobre os outros e fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução”.

Apesar de serem pintados elementos culturais, a grafiteagem foge do contexto estético e paisagístico do local. A pintura atrai o foco pra si, dispersando o olhar do observador da paisagem natural, tornando-o assim, apenas um fundo de apoio. O projeto chama mais atenção do público em geral para a arte ou para a realidade local? Os turistas que vão, na maioria das vezes, somente para visitar e usar o cenário para postar suas fotos em suas redes sociais se encantam, mas não observam a fundo a realidade que está por trás.

Os elementos visuais parecem ser os agentes causadores da transformação espacial, ao passo que o meio ambiente – fisicamente maior, mais disperso e mais homogêneo – é considerado passivo. Parecendo recuar ligeiramente, passar a significar fundo, enquanto que o elemento visual passa a ser figura. A área que tem a função de fundo não só parece recuar em nossa percepção, como também recebe menos atenção; nessa relação de figura-fundo – que pode modificar-se a todo instante – a atenção maior é sempre concentrada na figura. (OSTROWER, 1983, p. 55).

Segundo Castro (2013), para o fotógrafo Nil Muniz, os tons verdes da paisagem abraçam a câmera e o contraste das tonalidades locais é único. Uma



beleza que “mostra o quão incrível e magnífica é a natureza interagindo com a necessidade de sobrevivência do povo ribeirinho.” A paisagem por si só é uma verdadeira galeria artística.

Já sobre a polêmica gerada na edição de 2019, com artistas mulheres, a resposta dada pela organização do evento dizia que suas ações não se restringem aos dias de pintura, mas também a realização de projetos sociais, ambientais e educacionais na Ilha. Porém, segundo Laís Azevedo, jornalista do Diário do Pará, em sua matéria sobre o tema, cita que um trecho da nota não agradou os artistas locais. A organização responsável (2019) pelo evento neste trecho específico afirmava que, “o convite aos artistas parte de ‘diversos motivos curatoriais’, norteados ‘pela capacidade de patrocínio’, que seria mais fácil por meio de ‘artistas nacionais e internacionalmente reconhecidos’”. Quando ações dependem de capitais patrocinados, envolve outros interesses e acabam limitando e interferindo no objetivo principal.

O projeto *Street River Amazônia* atrai também a atenção de indivíduos e grupos de pessoas com os mais diversos interesses e é nesse contexto, entre mediações e representações que se vê o assunto sendo abordado, mas ainda faltando discursos de conflito, para que assim, a população tenha pontos de vistas de prós e contras. “A crítica é algo para ser assumido, é uma posição de espírito.” (PIZA, 2018, apud GOMES, 1990, p. 31).

REFERÊNCIAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. A imagem mediática. **Revista da Fapcom**, v.3, n. 5, 2019. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/90/84> . Acesso em: 20 de maio de 2020.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. **RA´E GA**, Curitiba, ano 2004, ed. 8, p. 141-152, 19 set. 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Downloads/3389-6601-1-PB.pdf> Acesso em: 25 jul. 2020.



CASTRO, Orlando. Amazônia: Espaço e Tempo. 1. ed. Belém: Vitória, 2013.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. *A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa*. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: ArtMed, 2006, p.15-41.

DIÁRIO ONLINE. Festival de arte Street River vira polêmica. **DOL**, [s. /], p. 1-1, 1 jun. 2019. Disponível em: <https://www.diarioonline.com.br/entretenimento/cultura/ultimas/noticia-599456-festival-de-arte-street-river-vira-polemica.html> . Acesso em: 20 jul. 2020.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLÇALVES, Hortência de Abreu. Manual De Metodologia Da Pesquisa Científica. São Paulo: Avercamp, 2005.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Arte de Rua – Street Art. História das Artes, 2020. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/arte-de-rua-street-art/> . Acesso em 25 Dez 2020.

NÖTH, Winfried. Panorama da semiótica: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 2003.

OSTROWER, Fayga. Universos da arte. Rio de Janeiro: Campus Ltda., 13º Ed, 1983.

PANTOJA, Brenda. Arte dá visibilidade aos ribeirinhos. **O Liberal**: Responsabilidade Social, Belém/PA, p. 8-8, 26 jan. 2018. Disponível em: [https://www2.mppa.mp.br/sistemas/intranet/framework/view/upload/poder\(193\).pdf](https://www2.mppa.mp.br/sistemas/intranet/framework/view/upload/poder(193).pdf) . Acesso em: 20 jul. 2020.

PIMENTEL, Evandro. A 1ª galeria de arte a céu aberto da Amazônia. In: Projeto 'Street River' convidou 10 artistas para retratar vida de ribeirinhos na região; tudo foi registrado em um documentário que estreia em agosto em festival na Bielorrússia. [S. /], 17 jul. 2017. Disponível em: <http://linguadetesoura.com.br/priscila-fantin-inaugura-projeto-de-agua-potavel-em-ilha-de-belem/> . Acesso em: 25 de julho de 2020.

PIZA, Suze. Pensar desde a América Latina: em defesa das epistemologias do Sul. Revista Fapcom, v. 2, n. 3, 2018. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/47/55> Acesso em: 22 de maio de 2020.



REDE LIBERAL (Pará). Grafiteiro transforma casas de ribeirinhos em obras de arte: Projeto Street River leva arte urbana para moradores das ilhas de Belém. Iniciativa de Sebá Tapajós terá seis convidados de outros estados. **G1 PA**, 15 jan. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/01/grafiteiro-transforma-casas-de-ribeirinhos-em-obras-de-arte.html> . Acesso em: 22 maio 2020

VASSOLER, Wyliam. A semiótica de Peirce: Delineando os estudos de Santaella baseados na análise peirceana. **Medium**, [S. l.], p. 1-1, 16 jun. 2014. Disponível em: <https://medium.com/@wyliam/a-semiotica-de-peirce-3a2c0620cd39> . Acesso em: 20 ago. 2020.

SANTAELLA, L. Por que as comunicações e as artes estão convergindo? São Paulo: Paulus, 2005.

SILVA, Márcio Luiz Da. Paisagem E Geossistema: Contexto Histórico E Abordagem Teórico-Metodológica. **Geoambiente On-Line**, Jataí-GO, n. 11, p. 163-185, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Downloads/25971-Texto%20do%20artigo-109041-1-10-20130816.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020

STREET RIVER AMAZÔNIA. Direção: Beto Marcedo. Produção: André Bretas. Intérprete: Vários. Fotografia de Adalberto Rossette. Bielorrússia, TILT, 2017. Documentário, 59'51". Disponível em: <https://vimeo.com/236424354> . Acesso em: 20 jul. 2020.

SYMPLA (Pará) (ed.). Street River Amazônia. In: **Street River Amazônia**. [S. l.], 2 jun. 2018. Disponível em: https://www.sympla.com.br/street-river-amazonia__266644 . Acesso em: 22 jul. 2020.



O CINEMA OLYMPIA E SUA SIGNIFICAÇÃO PARA O MODERNISMO BRASILEIRO¹⁰

Enilene Débora Leite Rodrigues¹¹
Márcia Cristina Gonçalves Nunes¹²

Resumo: O Modernismo brasileiro tem como característica um importante movimento de ruptura nas manifestações artísticas no início do século XX. Influenciado pelos movimentos de vanguardas da Europa, buscou a transformação de sua linguagem artística, literária e imagética. Esse movimento também se posicionou com um novo olhar artístico e intelectual acerca da realidade sociocultural do país, revelou a necessidade de renovação e abriu caminho para novos estilos e técnicas. Nesse sentido, o objetivo central do trabalho é demonstrar como o Modernismo renovou as produções artísticas no Brasil na década de XX, tomando como referência o Cinema Olympia, no contexto da cidade de Belém no início do século XX. Considerando neste estudo a forma de projeção fílmica do Cinema Olympia na primeira metade do século XX, assim como a influência no estilo e na maneira de viver da sociedade belenense. A ideia é discutir o modernismo e sua relação com o Cinema Olympia, assim como sua capacidade de se manter na memória dos belenenses. Busca-se através de diferentes abordagens de teóricos e pesquisadores como Aby Warburg, Deleuze, Walter Benjamin e Immaculata, respostas para a compreensão da estética no contexto cinematográfico em questão.

Palavras-chave: Modernismo brasileiro. Cinema. Cinema Olympia. Estética.

CINEMA OLYMPIA AND ITS SIGNIFICANCE TOWARDS BRAZILIAN MODERNISM

Abstract: Brazilian Modernism is characterized by an important rupture movement in artistic manifestations at the beginning of the 20th century. Influenced by Europe's avant-garde movements, he sought to transform his artistic, literary and imaginary language. This movement also positioned itself with a new artistic and intellectual look at the country's socio-cultural reality,

¹⁰ Trabalho apresentado ao Simpósio 1; O Ser da Imagem: Pensamento, poéticas e processos artísticos do VII Confluência realizado na Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém (PA), de 20 a 22 de outubro de 2020.

¹¹ Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura, do programa de pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura – PPGCLC da Universidade da Amazônia - UNAMA. Graduada em Arquitetura e Urbanismo, pela Universidade da Amazônia - UNAMA. E-mail: deboraleitearq@gmail.com

¹² Pós Doutoranda da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Doutora em História pela Universidade Federal do Pará. Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano e Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela universidade da Amazônia. Professora de Arquitetura e Urbanismo e do Stricto Sensu no programa de pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura – PPGCLC da Universidade da Amazônia. E-mail: marcianunes2011@gmail.com



revealed the need for renewal and paved the way for new styles and techniques. In this sense, the main objective of the work is to demonstrate how Modernism renewed artistic productions in Brazil in the twenties, taking Cinema Olympia as a reference, in the context of the city of Belém in the early twentieth century. Considering in this study the form of film projection of Cinema Olympia in the first half of the twentieth century, as well as the influence on the style and way of life of Belenense society. The idea is to discuss modernism and its relationship with Cinema Olympia, as well as its ability to remain in the memory of Belenenses. Through different approaches by theorists and researchers such as Aby Warburg, Deleuze, Walter Benjamin and Immaculata, we seek answers for understanding aesthetics in the cinematic context in question.

Keywords: Brazilian modernism. Cinema. Cinema Olympia. Aesthetic.

CINEMA OLYMPIA ET SES IMPORTANCE POUR LE MODERNISME BRÉSILEN

Abstrait: Le modernisme brésilien se caractérise par un important mouvement de rupture dans les manifestations artistiques du début du XXe siècle. Influencé par les mouvements d'avant-garde européens, il cherche à transformer son langage artistique, littéraire et imaginaire. Ce mouvement s'est également positionné avec un nouveau regard artistique et intellectuel sur la réalité socioculturelle du pays, a révélé le besoin de renouveau et a ouvert la voie à de nouveaux styles et techniques. En ce sens, l'objectif principal de l'œuvre est de démontrer comment le modernisme a renouvelé les productions artistiques au Brésil dans les années vingt, en prenant le cinéma Olympia comme référence, dans le contexte de la ville de Belém au début du XXe siècle. Considérant dans cette étude la forme de projection cinématographique du cinéma Olympia dans la première moitié du XXe siècle, ainsi que l'influence sur le style et le mode de vie de la société de Belém. L'idée est de discuter du modernisme et de sa relation avec le cinéma Olympia, ainsi que de sa capacité à rester dans la mémoire de peuple de la ville. À travers différentes approches de théoriciens et de chercheurs comme Aby Warburg, Deleuze, Walter Benjamin et Immaculata, nous cherchons des réponses pour comprendre l'esthétique dans le contexte cinématographique en question.

Mots-clés: Modernisme brésilien. Cinéma. Cinéma Olympia. Esthétique.

1 MODERNISMO BRASILEIRO

O Modernismo brasileiro surgiu no início do século XX, em meio a uma grande dependência cultural que o país trazia advinda dos países europeus desde sua colonização. Embora tenha adquirido sua independência política da



coroa portuguesa em 1822, permaneceu culturalmente dependente, seguindo modelos europeus, principalmente da escola de artes de Paris, até meados do século XX. Toda essa estrutura de pouca identidade cultural ocorreu a partir do processo de formação do Brasil, que foi dominado econômica e politicamente por nações europeias durante séculos.

Desde as décadas finais do século XIX, até aproximadamente o ano de 1920, a cultura brasileira era influenciada diretamente pelos discursos acadêmicos importados da Europa. Todo o conceito de arte e literatura foi oficializado e codificado de acordo com as normas que refletiam a arcaica estrutura de classes da sociedade brasileira, sendo privilégio apenas da elite brasileira ter acesso à intelectualidade.

Uma das contradições do movimento é que, para romper com os códigos estrangeiros dominantes, os modernistas buscavam na Europa, novas e modernas técnicas de produção, pois no contexto histórico, o Brasil simplesmente não oferecia as condições necessárias de renovação, com princípios arcaicos dominando desde a sociedade até as artes em todos os níveis.

O modernismo brasileiro foi, sem dúvida, uma revolta aristocrática inicialmente baseada na técnica literária moderna trazida da Europa por jovens artistas ligados a esse seguimento social. Foi criado o “Grupo dos Cinco”, artistas brasileiros envolvidos com o intuito de apresentar uma arte inovadora, pautada nas vanguardas artísticas europeias, dentre elas o cubismo, futurismo, expressionismo, dadaísmo, surrealismo e outros grupos que buscavam uma expressão independente das vividas em academias passadas, esta iniciativa inicialmente pequena, ganhou corpo a partir da Semana de Arte Moderna de 1922.¹³

Foi contra esses paradigmas que a Semana de Arte Moderna de 1922 surgiu ao estruturar-se como forte movimento de reivindicação de uma cultura ainda sem uma identidade artística. O *Correio Paulistano* (1922) noticiava que

¹³ A Semana de Arte Moderna, também chamada de Semana de 22, ocorreu em São Paulo, entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal da cidade de São Paulo.



“diversos intelectuais de São Paulo e do Rio, devido a iniciativa do escritor Graça Aranha¹⁴ estariam na Semana de Arte Moderna no Municipal”.

(...) pretendiam apresentar no municipal uma demonstração do que haveria de “rigorosamente atual” no mundo artístico, da escultura à literatura, passando pela música, pela arquitetura e pela pintura. O programa transcorreria de 11 a 18 de fevereiro de 22 (GONÇALVES, 2012, p.16).

Apesar do cinema não ter sido um assunto central, nem mesmo abordado na Semana de Arte Moderna, “é sabido que a crítica literária da época, dissecou a literatura modernista e mostrou o impacto que o “cinematógrafo¹⁵”, teve na geração da semana de arte moderna de 1922” (PARANAGUÁ, 2014, p.13). O próprio Menotti¹⁶, que fazia parte do *Grupo dos Cinco*, expôs críticas sobre a semana de arte ressaltando a falta da abordagem do cinema, “Arte nova é o cinema, o resto já existia na Idade Média” (PARANAGUÁ, 2014, p.16).

A partir de 1922, percebe-se um período de mudanças e percepção de diferenças nas diversas culturas e nacionalidades. Nesse período, o cinema começa a se mostrar como um dos meios de comunicação de grande influência política e econômica de toda uma sociedade.

Diante de uma convulsão social, de um filme ou de uma paixão, as únicas armas válidas para a ação ou o conhecimento são aquelas que nos são fornecidas pela conjuntura, isto é, as que inventamos (SALLES GOMES, 1974, p.34).

A Semana de Arte reuniu apresentações de dança, música, exposições e recitação de poesias. Foi um evento que chocou grande parte da população brasileira, por estar avessa ao tradicionalismo vigente, estabelecendo assim, novos paradigmas de arte. Os artistas que fizeram parte do chamado *Grupo dos Cinco* são merecedores de destaque nessa primeira fase do modernismo

¹⁴ Escritor e diplomata brasileiro pertencente ao movimento pré-modernista no Brasil.

¹⁵ Equipamento a manivela que permitia captar as imagens, revelar o filme e, depois, também projetá-lo.

¹⁶ Menotti Del Picchia (1892-1988) foi um poeta, romancista, ensaísta, cronista, jornalista, advogado, tabelião e político brasileiro. Foi ativista do Modernismo, mas sua obra mais marcante é o poema “Juca Mulato”, em que a temática é o caboclo como o maior traço do Pré-Modernismo.



brasileiro. Mario de Andrade (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954), Menotti Del Picchia (1892-1988), Tarsila do Amaral (1886-1973) e Anita Malfatti (1889-1964) são os ícones no contexto da implantação de ideias vanguardistas e revolucionárias para a época.

Na literatura, Mário de Andrade e Oswald de Andrade são considerados os pioneiros do modernismo no país. Nas artes plásticas, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Victor Brecheret, Antônio Gomide, Vicente do Rego Monteiro, Ismael Nery, Lasar Segall e Flávio de Carvalho foram alguns dos artistas que constituíram o primeiro grupo da mostra que reuniu obras do Modernismo no Brasil. Tanto o *Grupo dos Cinco* como os demais artistas do eixo Rio - São Paulo, enfrentaram críticas e uma falta de entendimento do modelo de arte apresentado.

Nesse contexto, o cinema ainda não era visto como uma arte, autores como Mario de Andrade, já intuía em suas escritas que na arte apresentada faltava o cinema e criticava dizendo que “Na França, já há quem fale em sétima arte. E nós aqui apesar de modernos, ficamos na poesia, na música, na pintura e na escultura. Em matéria de arte ainda estamos no período da pedra lascada” (PARANAGUÁ, 2014, p.18).

Após 1922, os modernistas buscavam efetivamente criar uma arte e uma cultura nacional, em uma constante busca pela brasilidade. Vários manifestos foram criados, entre eles o *Manifesto Antropofágico*¹⁷ escrito por Oswald de Andrade, que deu origem ao *Movimento Antropofágico*, que tinha por objetivo teórico o nacionalismo e regionalismo cultural, ou seja, alegavam que não se deve negar a cultura estrangeira, mas ela não deveria ser imitada.

Observa-se diante de todo esse contexto histórico que o modernismo deve ser encarado como “uma ruptura, um abandono de princípios e de técnicas consequentes, sendo uma revolta contra o que era a inteligência nacional” (JOHNSON, 1982, p. 54).

¹⁷ O Manifesto Antropófago ou Antropofágico foi um manifesto literário escrito por Oswald de Andrade, publicado em maio de 1928, que tinha por objetivo repensar a dependência cultural brasileira.



2 O CINEMA DIANTE DO MODERNISMO BRASILEIRO

No Brasil, o cinema acompanha o desenvolvimento e crescimento de uma nação que sofre influência dos filmes estrangeiros. Cabe ressaltar que no contexto histórico no qual eclodiram os modernistas, o cinema no Brasil ainda era uma atividade iniciante, sem uma tradição ou padrões dominantes, ficando de fora dos preceitos do movimento.

Neste contexto, surge o *Cinema Novo*, assim como o modernismo, também revela sua preocupação em combater diretamente a dominação da cultura nacional por modelos estrangeiros, que resultava na alienação do povo brasileiro a sua própria realidade. Começa uma ação contra a influência dos países estrangeiros em sua cultura, tornando-se a favor de um cinema com temas nacionais.

As produções fílmicas modernas buscavam representar temáticas voltadas a questões nacionais e populares, o regionalismo passou a ser apresentado como uma busca de identidade, explorando novas formas de narrativa e de estética. O movimento inicial foi fundado por jovens intelectuais que se conheceram em cineclubes e na cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

As películas produzidas tinham como característica uma produção de baixo custo e de interesse pela contribuição que o cinema poderia oferecer ao desenvolvimento do Brasil.

O cinema novo foi popular no sentido de haver tomado como seu assunto principal os problemas do povo brasileiro, o que significava, inicialmente, os setores marginalizados da sociedade, favelados, pescadores pobres e camponeses que viviam na miséria do nordeste brasileiro (JOHNSON, 1982, p. 77).

Os artistas envolvidos com o novo cinema se fortaleceram, surgindo entre eles cineastas e diretores, que passaram a fazer parte de um movimento que busca através do cinema uma nova possibilidade de contribuir para a resolução de alguns dos problemas enfrentados pelo subdesenvolvimento do país. Buscaram no cinema, um mecanismo de engajamento político e social. O



impulso inicial do movimento, em contraste com a produção da época, era retratar e registrar criticamente a realidade nacional.

E foi com um conceito de retratar a realidade que a representação fílmica apresentada pelo movimento, buscou a partir da representação da miséria, comunicar ao mundo as mazelas que assolavam o Brasil. O movimento cultural passou a ser estratégico, onde buscou posicionar o filme como uma descolonização necessária para a produção nacional.

Ao assumirem tal posicionamento, estavam adquirindo consciência crítica da real situação do país, numa tentativa conjunta, tanto de representar tais dilemas, como de buscar por possíveis soluções. Essa produção engajada foi desenvolvida principalmente por membros da classe média e média alta, envolvidos nos movimentos "populares" de teatro, música e cinema.

As décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960 seriam marcadas por uma produção primordialmente amadorística, vivenciando um período marcado por arroubos produtivos, muitas tentativas frustradas de execução e uma crítica muito atuante nas produções desses longas. A busca desse novo cinema nos anos de 1960 atrelava-se não apenas a uma nova estética, mas também a modelos alternativos de produção que se interligam às novas formas de expressão nacional da época.

Os anos 1960 marcaram profundas transformações políticas, sociais e culturais no país. O golpe militar encerrou inúmeras revoltas advindas de setores, movimentos e de intelectuais insatisfeitos com a realidade sociopolítica nacional. E o Cinema Novo com sua própria formação artística e vanguardista no próprio impulso de sua militância, trouxe para o cinema certos temas de uma ciência social brasileira, ligados a questões da identidade e às interpretações conflitantes do Brasil.

Se o modernismo surgiu na década de 1920 rompendo com os padrões e normas das artes tradicionais, questionando o colonialismo da cultura brasileira, o cinema, a partir de ideias modernistas, caminhou para uma realidade revolucionária e militante. Este artigo busca, de maneira geral, um maior



entendimento do que era verdadeiramente nacional, na tentativa de criar um cinema com uma linguagem genuinamente brasileira.

3 O CINEMA OLYMPIA DIANTE DO MODERNISMO BRASILEIRO

O cinema é considerado uma das artes mais jovens e revolucionárias desde sua aparição no final do século XIX. Mesmo com produções independentes, é visível que o cinema, de alguma forma, modifica a comunicação e a interpretação de toda uma sociedade.

A partir do século XX, novas produções surgiram no Brasil como uma forma de arte, entre elas, o cinema. Segundo Walter Benjamin, em seu ensaio *Obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* (1936), ele faz uma análise de como as novas técnicas de reprodução de arte transformaram a sociedade. É grande a importância da literatura e do cinema no século XX, são transformações em um período no qual a modernidade chega trazendo novas experiências estéticas e sensoriais de toda uma coletividade humana.

Em Belém, um locus com várias salas de exibição de filmes começou a aparecer, tornando-se uma pioneira na produção do cinema. Ramon de Baños, considerado o precursor da cinematografia na região, inicia uma série de documentários, que retratam toda uma sociedade com suas diferenças sociais e culturas diversificadas. Muitos cinemas de bairro começam a surgir na capital do Pará.

A primeira fase dos filmes produzidos em Belém data do ano de 1896 a 1897. Apresentava um cinema com estilo mais documental e mostrava a realidade vivida àquela época, suas pessoas, cultura e costumes. Uma segunda fase fílmica em Belém ocorreu a partir de 1912 com a construção do Cinema Olympia, que apresentou o cinema a elite paraense, este chegou criando muito mais diferenças sociais diante dos que frequentam os cinemas mais populares. Uma sociedade burguesa que passava a introduzir o cinema como um grande evento em espaços fechados e de grande luxo.

O Cinema Olympia é inaugurado com grande ostentação, em 24 de abril de 1912, “pelos empresários Antônio Martins e Carlos Augusto Teixeira, que já



eram proprietários do Grande Hotel e do *Palace Theatre*”(VERIANO,1999). Neste mesmo período, já funcionavam 12 pequenas salas de cinema em Belém, todas consideradas cinemas de bairro.

Neste período de expansão, as salas de cinema também passavam por transformações. Novas salas foram sendo inauguradas como o Cinema Iracema e o Cine Poeira, um modelo de cinema bem mais simples e popular e que levou esse nome em decorrência do seu piso se encontrar todo em terra batida. O Teatro *Chalet*, que mais tarde se transformaria em Cinema Moderno, este mostrava bem o contraste social existente daquele momento, era dividido por uma cerca de madeira em que a primeira classe se sentava em cadeiras e a segunda, em bancos. O Cine Independência também surgiu do cinema de Bairro e em seu interior também dividia os espaços em classes sociais.

Diante de todo esse contexto histórico é possível avaliar o início do cinema na capital do Pará. Este artigo analisa o contexto histórico no qual surgiram as primeiras manifestações do cinema em Belém, abordando o surgimento do Cinema Olympia e sua relevância estética, entender ainda as diferenças de características do cinema moderno como uma forma de interação social na vida do belenense diante de mudanças artísticas e culturais ocorridas no Brasil.

Segundo Aby Warburg “as imagens são memórias sociais”, e essas memórias se mostram através da tela dos filmes apresentados, criando uma interferência do homem na memória cultural, culminando, dessa forma, em ideias e conceitos do cinema vivido até hoje.

As décadas seguidas em Belém, a partir da semana de arte moderna de 1922 seriam marcadas por uma produção primordialmente amadorística, o qual vivenciou um período marcado por arroubos produtivos, muitas tentativas frustradas de execução e uma crítica muito atuante nas produções desses curtas e longas metragens.

Foi em novembro de 1930, que chegou a Belém o cinema falado *Alvorada do Amor*¹⁸, o filme exibido no Cinema Olympia foi uma opereta, causando grande

¹⁸ The Love Parade é um filme norte-americano dos gêneros musical-comédia, lançado em 19 de novembro de 1929 por Ernst Lubitsch e protagonizado por Maurice Chevalier.



espanto à elite belenense. Os filmes exibidos, inicialmente mudos, eram substituídos pelo cinema sonoro e com formatos mais modernos. O som conhecido como *Movietone*, aparelho que sincronizava som e imagem, substituiu o cinema mudo do período. Compreender essas mudanças no decorrer dos anos na cidade de Belém, influenciadas pelo cinema, se faz necessário para avaliar as características comportamentais de uma geração, a qual passou pela experiência de grandes mudanças de valores e cultura.

O cinema caminhou para divulgar e afirmar sua cultura. Para Immaculata, existe um “movimento de ruptura histórica ocasionado pelo que se convencionou chamar de globalização”. Emergem dentro desse campo novos movimentos nacionalistas para transformar os estabelecimentos culturais.

A atividade cinematográfica paraense é resultado direto da busca de nova política e fomento do filme gerado pela nacionalização cultural. As muitas reflexões sobre o cinema e sua importância na identidade nacional fortalecem a produção interna. Tal postulado permite o crescimento do cinema nacional ou regional, todo esse movimento é fundamental para o desenvolvimento e entendimento histórico do cinema.

O Olympia vivencia toda essa mudança histórica e cultural de uma sociedade que busca através das cenas fílmicas uma identidade própria. Pensar a imagem cinematográfica em uma visão moderna é buscar inspiração no pensamento de Aby Warburg no qual ele diz que “a relação das imagens entre si é mais importante que elas em si”.

Warburg discute uma interpretação fílmica, não como um dispositivo de gravação e projeção, mas propõe que “o cinema constitui tão somente a aplicação material e a configuração espetacular”. Desse modo, o autor discute pensar a história da arte na era da sua reprodutibilidade em movimento:

Os meios assumem sua independência e passam a valer por si mesmos. As qualidades e potenciais já não se expõem em espaços quaisquer, já não povoam mundo ordinários e, sim, se atualizam diretamente em espaços-tempos determinados, geográficos, históricos e sociais (DELEUZE, 2018, p.219).



O Cinema Olympia teve, desde suas origens, a incumbência de se entregar aos processos de reinvenção, o qual pode-se assegurar que a arte cinematográfica sempre esteve em profunda transformação. A substituição das películas dos filmes do passado por processos avançados de imagem transformou a sétima arte em um novo produto, trazendo para a sociedade paraense o *Cinema Novo* e o Modernismo como futuro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo visou chamar atenção à necessidade de continuidade de um modelo de reflexão matizado e sistemático. Uma reflexão sobre o modernismo no Cinema Olympia desde o final do século XIX e segunda metade do XX. Desde sua formação e de como a sociedade belenense da época entendeu a chegada do uso das imagens como evolução da tecnologia.

O cinema moderno incorpora uma visão do meio de comunicação de massa desde sua formação e o contrapõe aos dias de hoje. Em um entendimento que aborda novos conceitos, métodos, práticas narrativas e novas tecnologias, cabe compreender tais questões de como o cinema, como objeto de pesquisa, significa e se comporta perante os novos modelos de exposição fílmica.

É possível concluir que o movimento moderno buscou pelo que era verdadeiramente nacional, na tentativa de criar uma linguagem genuinamente brasileira, diferenciando-se dos modelos europeus copiados e criticados daquele período.

O Cinema passou não apenas como uma renovação estética e o desejo de romper com a dominação estrangeira, mas, sobretudo, com a busca em representar a cultura popular, com suas mazelas e peculiaridades. O modernismo buscou inspiração nos modelos vanguardistas para criar uma nova representação na literatura como nas artes plásticas. O cinema voltou-se aos modernistas para criar um novo retrato do Brasil, assim como também no cinema regional.



Historicamente, o cinema moderno surgiu em um contexto no qual o mercado interno era dominado por filmes estrangeiros, principalmente de películas hollywoodianas. Assim como o modernismo, o Cinema Novo também revela sua preocupação em combater diretamente a dominação da cultura nacional por modelos estrangeiros, que resultava na alienação do povo brasileiro a sua própria realidade.

Pontuam-se aspectos estéticos e de comportamento em relação a essa nova maneira de ver o cinema. A virada dos anos 1930 foi marcante para a transição do cinema clássico e moderno, bem como realizou convergência ética ao neorrealismo, apresentando seu inconformismo ao mostrar uma sociedade com sua nova realidade e imperfeição. Toda essa transformação é vivenciada pelo Cinema Olympia, desde sua criação, e toda sociedade belenense, atribuindo como característica à sua própria narrativa.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Marta Rossetti. Anita Malfatti no tempo e no espaço: biografia e estudo da obra. São Paulo: Ed.34; Edusp,2006.

BATISTA, Marta Rossetti. Os artistas brasileiros na Escola de Paris: anos 1920. São Paulo: Ed.34, 2012.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Porto Alegre, RS. L&PM, 2019.

CARNEIRO, Eva Dayane Felix. Belém entre filmes e fitas: a experiência do cinema, do cotidiano das salas às representações sociais nos anos de 1920. Belém, 2011.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAIS, Denis de (org.). **Por outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de janeiro: Record, 2003, p. 255 - 287.

Database, Filme B, 2006.

DELEUZE, Gilles. Cinema 1- A imagem - Movimento. São Paulo: editora 31,2018.

DELEUZE, Gilles. Cinema 2- A imagem - Tempo. São Paulo: editora 31,2018.



DE LOPES, Maria Immaculata V. O campo da comunicação: sua constituição, desafios e dilema. Revista FAMECOS: mídia cultural e tecnologia, n. 30, agosto, 2006, pp.16-30. Porto Alegre, Brasil.

DIDI - HUBERMAN, Georges. Diante da Imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte. São Paulo: Editora 34, 2013.

GETINO, Octavio. Cine Ibero americano: Los desafios del nuevo siglo. Buenos Aires: Fundación Centro Integral Comunicación, Cultura Y Sociedad, 2007.

GOMES, P.E.S. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2º edição. 1986.

GONÇALVES, Marcos Augusto. 1922: a semana que não terminou. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2012.

HALL, S. A identidade cultural na pós modernidade. Ed. Rio e Janeiro, 2005.

RAMOS, Fernando Pessoa. Teoria contemporânea do cinema: documentário e narrativa ficcional. São Paulo: São Paulo, 2005 vol. II

RAMOS, Fernando Pessoa. Teoria Contemporânea do cinema: pós-estruturalismo e filosofia analítica. São Paulo: SENAC, 2005. vol. II

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTINS, E. " Um dia Qualquer". In. VERIANO, P. **A Crítica de Cinema em Belém**, SECULT, 1983.

MESQUITA, D. **Líbero Luxardo: Cineasta da Amazônia**. 1999. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Belém, Universidade Federal do Pará, 1999.

MELEIRO, Alessandra (org.). Cinema no mundo: indústria, política e mercado, volume II. São Paulo: Escrituras Editora, 2007.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=vkowE#>> Acesso em: 28nov2018.

MUMFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas. [trad. Neil R. da Silva]. 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NICHOLS, Bill. A voz do documentário. In: RAMOS, Fernão Pessoa. **Teoria contemporânea do cinema: documentário e Narratividade ficcional**. Volume 2. São Paulo: SENAC, 2005 p. 50.

NUNES, P. **Útero de Areia, um estudo do Romance Belém do Grão Pará, de Dalcídio Jurandir**. 2008. Tese (Doutorado). Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008.



OLIVEIRA, R.P. de. Amazônia, Cidade e Cinema em Um dia Qualquer e Ver-o-Peso. Belém, IAP, 2012.

PARANAGUÁ, Paulo Antônio. A invenção do Cinema brasileiro: modernismo em três tempo. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2014.

PARENTE, A. Ensaios sobre o Cinema do Simulacro: Cinema Existencial, Cinema Estrutural e Cinema Brasileiro Contemporâneo. Rio de Janeiro: Pauzilin, 1998.

PETIT, Pere. Ramon e Baños, um pioneiro do cinema catalão em Belém do Pará nos tempos da borracha (1911-1913). Salvador, 2010.

PETIT, P. Ramon de Baños: Do Rio Branco ao Olympia. Belém: GEPEN, 2012.

PINHO, Relivaldo. Antropologia e filosofia: Experiência e estética na literatura e no cinema da Amazônia. Belém: ed. Ufpa, 2015.

SILVA, Denise Mota da. Vizinhos Distantes: Circulação cinematográfica no Mercosul, São Paulo: Annablume, 2007.

SOUZA, José Inácio. Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930). São Paulo: Editora SENAC, 2016.

VERIANO, Pedro. Cinema no Tucupi: SECULT, 1999.

VERIANO, Pedro. Fazendo fitas: memórias do cinema paraense. Belém: EDUFPA, 2006

VERIANO, Pedro; ALVARES, Maria Luiza Miranda (org.). Cinema Olympia - 100 anos da história social de Belém. Belém: GEPEN, 2012.



EXPERIMENTAÇÕES NA PINTURA DE JOSÉ SIMÕES¹⁹

Vera Maria Segurado Pimentel²⁰

José Mariano Klautau Filho²¹

Resumo: O artigo visa revelar a trajetória artística de José Augusto Toscano Simões, ou simplesmente Simões, um dos objetos de estudo de futura tese sobre os artistas premiados no Salão UNAMA de Pequenos Formatos, cuja premiação máxima ocorreu na I versão da mostra em 1995. O estudo se baseia nas teorias e concepções de Mammi (2012), Heidegger (2018), Magalhães (2017) e Dewye (2010), além de revistas e catálogos de exposições. De abordagem qualitativa, descritiva, utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista, tanto pessoal, como alguns depoimentos enviados por aplicativo de mensagem instantânea. Simões não foi revelado pelo “Pequenos Formatos”, pois já vinha em uma trilha de prêmios anteriores, como Salão Nacional – FUNARTE em 1980, algumas versões do Arte Pará e várias exposições individuais e coletivas entre as décadas de 1970 e 1990. Todavia, o prêmio do Salão UNAMA de Pequenos Formatos possibilitou maior visibilidade aos trabalhos do artista, consolidando ainda mais sua carreira. Para Simões, pintar é experimentar sempre, verbo este que serve de válvula motora para todas as suas ações, seja pessoal ou profissional. A investigação é relevante, por ser necessário registrar a trajetória de artistas visuais, que fazem parte da história do circuito de artes do Pará.

Palavras-chaves: Simões. Experimentação. Artes Plásticas. Salão UNAMA de Pequenos Formatos.

EXPERIENCES IN JOSÉ SIMÕES' PAINTING

Abstract: The article aims to reveal the artistic trajectory of José Augusto Toscano Simões, or just Simões, one of the objects of study for a future thesis on the artists awarded at the UNAMA Small Format Exhibition, whose maximum award occurred in the first version of the exhibition in 1995. The study is based on the theories and conceptions of Mammi (2012), Heidegger (2018), Magalhães (2017) and Dewye (2010), in addition to magazines and exhibition catalogs. With

¹⁹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Arte e visualidades do VII Confluências - Artes de Ser: Entrelace de Saberes, realizado na Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém, Pará, de 20 a 22 de outubro de 2020

²⁰ Doutoranda de Comunicação Linguagem e Cultura (UNAMA – 2018); mestre em Comunicação Linguagem e Cultura (UNAMA – 2012); especialista em Linguística Aplicada ao Ensino do Inglês (UNAMA – 2002); graduada em Letras (UNAMA – 2002) e Educação Artística (UFPA – 1985). Pesquisadora de salões, artistas visuais e acervos.

²¹ Doutor em Artes Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (2015). Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia.



a qualitative, descriptive approach, the interview was used as a data collection instrument, both personal and some testimonies sent by instant messaging application. Simões was not revealed by “Pequenos Formatos”, as it was already on a trail of previous awards, such as Salão Nacional - FUNARTE in 1980, some versions of Arte Pará and several individual and collective exhibitions between the 1970s and 1990s. the UNAMA Small Format Awards gave greater visibility to the artist's works, further consolidating his career. For Simões, painting is to always experiment, a verb that serves as a motor valve for all his actions, whether personal or professional. The investigation is relevant, as it is necessary to record the trajectory of visual artists, who are part of the history of the Pará art circuit.

Keywords: Simões. Experimentation. Visual arts. UNAMA Small Format Exhibition.

EXPERIÊNCIAS EN LA PINTURA DE JOSÉ SIMÕES

Resumen: El artículo pretende dar a conocer la trayectoria artística de José Augusto Toscano Simões, o simplemente Simões, uno de los objetos de estudio de una futura tesis sobre los artistas premiados en la Exposición de Pequeño Formato de la UNAMA, cuyo máximo galardón se dio en la primera versión de la exposición en 1995. El estudio se basa en las teorías y concepciones de Mammi (2012), Heidegger (2018), Magalhães (2017) y Dewye (2010), además de revistas y catálogos de exposiciones. Con un enfoque cualitativo y descriptivo, la entrevista se utilizó como instrumento de recolección de datos, tanto personales como algunos testimonios enviados por aplicación de mensajería instantánea. Simões no fue revelado por “Pequenos Formatos”, ya que estaba en una estela de premios anteriores, como el Salão Nacional - FUNARTE en 1980, algunas versiones de Arte Pará y varias exposiciones individuales y colectivas entre los años setenta y noventa. Los Premios UNAMA Pequeño Formato dieron mayor visibilidad a la obra del artista, consolidando aún más su carrera. Para Simões, pintar es siempre experimentar, un verbo que sirve de válvula motora para todas sus acciones, ya sean personales o profesionales. La investigación es relevante, pues es necesario registrar la trayectoria de los artistas plásticos, quienes forman parte de la historia del circuito artístico de Pará.

Palabras-clave: Simões. Experimentación. Artes plásticas. Exposición UNAMA Pequeño Formato.

1 PERCURSOS INICIAIS

José Augusto Toscano Simões nasceu em Belém do Pará, em 09 de novembro 1958, filho de José Couceiro Simões, químico industrial, professor da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Euribia Toscano Simões, dona de casa.



O casal, além de Simões, teve mais 4 filhas: Maria Betânia, Tereza Cristina, Patricia e Renata. Estudante do então Núcleo Pedagógico Integrado (NPI), hoje Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, sempre foi autodidata, cujos desenhos foram desenvolvidos desde criança, como aos 10 anos de idade, em que já realizava alguns exercícios de desenho cego.

Nessa fase de estudante, no NPI, Simões conheceu Pedro Paulo Condurú, ou melhor, PP Condurú, artista plástico também, cuja amizade que perdura até os dias atuais, promoveu muitos encontros e aventuras pelo mundo das artes. Ainda nos bancos escolares, foi-lhes solicitado a elaboração de um cartaz, que juntos puderam revelar suas criações e trilhar novos projetos, como discutir artes no período da adolescência.

Nas décadas de 1960 e 1970, o campo das artes em Belém era praticamente nenhum. A carência de museus e o pouco contato com artistas não os permitia conhecimento maior. O centro das exposições e dos grandes expoentes dos circuitos das artes estavam no Rio de Janeiro e São Paulo, ficando para os habitantes das outras regiões, apenas as publicações em poucas revistas e nos livros, com as postagens de poucas obras de cada artista.

Assim, Simões foi crescendo e aprendendo por meio do que estava ao seu alcance, porém com muita vontade de experimentar, cada vez mais, coisas novas. Para o artista, o verbo *experimentar* é a essência do seu trabalho, além de ressignificar e reconstruir o que já está posto, apresentando novas concepções e ideias que se materializam, a partir do seu olhar e da técnica da policromia. A técnica utilizada combinada com o figurativismo ou mesmo abstracionismo, revelam o seu interior e a busca por transcender os caminhos da arte. Por meio dessas combinações e da necessidade de sempre experimentar, Simões foi vencedor da 1ª edição do Salão UNAMA de Pequenos Formatos em 1995, com uma pintura *sem título*.

O artigo em questão objetiva analisar a trajetória de Simões no campo das artes visuais, até a conquista do “*Pequenos Formatos*”. Como dito, Simões já tinha uma trajetória atuante no circuito das artes regional e nacional, anteriores



ao Salão UNAMA de Pequenos Formatos, com prêmios em outras mostras competitivas e exposições individuais e coletivas.

Em relação aos procedimentos metodológicos, a investigação está baseada em autores como Mammi (2012), Heidegger (2018), Mokarzel (2005) Gullar (2010), Magalhães (2017), Dewye (2010), além de revistas e catálogos de exposições. Com abordagem qualitativa, utilizou-se como instrumento de coleta de dados, entrevista com o artista, com perguntas baseadas na sua trajetória artística e alguns questionamentos via aplicativo de mensagens instantâneas.

O estudo revisita o Salão UNAMA de Pequenos Formatos, a fim de contextualizar a premiação de Simões no primeiro evento e revelar as atuais ações da mantenedora da universidade com a inauguração do Museu UNAMA de Arte. Em seguida, aborda a trajetória da carreira artística de Simões, seus desdobramentos até a conquista do I Salão UNAMA de Pequenos Formatos em 1995, por meio de conceitos sobre experimentação, como essência nos trabalhos do artista.

2 O SALÃO UNAMA DE PEQUENOS FORMATOS E O MUSEU UNAMA DE ARTE

Torna-se necessário abordar o Salão UNAMA de Pequenos Formatos, visto ter sido Simões, o artista premiado na I versão da mostra competitiva. Assim, é válido iniciar mencionando a criação da Galeria Graça Landeira que, segundo Emanuel Franco, coordenador técnico e responsável pelo espaço, surgiu por duas razões: uma devido à necessidade de melhor acomodar as exposições instaladas no hall de acesso da Universidade e a outra motivada pelo incentivo da Pró-Reitora de Administração à época, Professora Maria da Graça Landeira (PIMENTEL, 2012).

A idealização do projeto galeria de arte teve participação de professores da Universidade, como Alexandre Sequeira, Jorge Eiró, Rosângela Brito, Paulo Andrade, Mário Barata e Sanchris. Para a exposição de inauguração, foi formado, então, um Conselho Curador, tendo a Professora Graça Landeira como



presidente. Os demais conselheiros eram: Elza Lima (fotógrafa), Geraldo Teixeira (artista visual), Mauro Bonna (jornalista), Paulo Cal (arquiteto) e Roberta Maiorana (coordenadora do salão Arte Pará), que indicaram Emanuel Franco como coordenador técnico da galeria (PIMENTEL, 2012).

Assim, acontece a 1ª mostra coletiva formada pelos artistas-professores: Emanuel Franco, Alexandre Sequeira, Jorge Eiró, Rosângela Brito, Paulo Andrade, Mário Barata e Sanchris, com a abertura no dia 26 de novembro de 1993. Cada artista expôs uma obra e a mostra teve a duração de pouco mais de um mês, sendo encerrada no dia 30 de dezembro do mesmo ano (PIMENTEL, 2012).



Fig.1 Galeria Graça Landeira (PIMENTEL, 2012, p. 75)

A partir dessa mostra inaugural, outras propostas começaram a surgir, percebendo-se a necessidade da criação de um edital de pauta para que outros projetos pudessem ser inscritos e analisados. Criou-se, então, um Conselho Curador da Galeria, formado por Graça Landeira – presidente; Emanuel Franco – coordenador técnico; e os conselheiros Acácio Sobral (artista visual), Aurélio Meira (arquiteto), Elza Lima (fotógrafa), Geraldo Teixeira (artista visual) e Rosângela Brito (artista visual). Dentre vários projetos, chegou-se então à ideia de um salão competitivo, que pudesse divulgar a arte contemporânea paraense e nacional (PIMENTEL, 2012)

A ideia de “Pequenos Formatos”, segundo Emanuel, baseou-se em um espaço expositivo que havia em Belém, chamado 115 Escritório de Arte. O espaço servia de galeria e possuía outros projetos, porém como era reduzido, a artista só trabalhava com mostras em pequenos formatos. (PIMENTEL, 2012)



No que tange à galeria e ao Salão de Pequenos Formatos, outro fator a se destacar foi o espaço destinado à mostra, a princípio, apenas o acesso ao hall do auditório David Mufarrej, estendido naquela época para o Salão Multiuso anexo. A ampliação e valorização do espaço foram interligadas com a intenção de valorizar a real criação dos artistas produtores nessa diminuta dimensão, com técnicas diversificadas como a fotografia, a gravura e pequenos objetos. Assim, no dia 15 de março de 1995, ocorre o *vernissage* do I Salão Unama de Pequenos Formatos, o qual contou com a presença do Reitor à época, Professor Edson Franco, todos os membros da mantenedora UNESPA, pró-reitores, diretores de centro, coordenadores de curso, alunos e alguns visitantes que prestigiaram o evento (PIMENTEL, 2012, p.76).

A comissão de seleção para o I Salão UNAMA de Pequenos Formatos foi constituída por profissionais reconhecidos no circuito, como Beatriz Milhazes, importante artista visual carioca, participante do *Grupo Geração 80* (grupo de artistas que buscou retomar a pintura em contraposição à vertente conceitual dos anos de 1970, e tem por característica a pesquisa de novas técnicas e materiais), além de Antonio Augusto Fontes, fotógrafo da Paraíba, Jorge Eiró, Luciano Oliveira e Cláudio de La Rocque Leal, do Pará (FRANCO, 1995, 2002, p. 4).

Vale ressaltar que, nesta primeira versão, o Salão recebeu patrocínios de algumas importantes empresas do Estado do Pará, como: Petro Amazon, do setor de navegação; Big Burger, do setor alimentício (Bob's); CEJUP (editora); Villa del Rey (construção civil) e 115 Escritório de Arte. Segundo Franco, os patrocinadores eram captados normalmente em empresas cujos proprietários ou diretores tinham alguma afinidade com as artes plásticas no estado, seja como colecionadores, como participantes ativos de exposições ou fornecedores da instituição e que faziam parte do círculo de amizade da Professora Graça Landeira.

O Grande Prêmio do I Salão foi destinado ao artista plástico José Augusto Toscano Simões, que recebeu das mãos do Sr. Carlos Rebelo, diretor da Petro Amazon, a quantia de R\$ 3.000,00 reais, pela obra *sem título* (Fig. 03).



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELACE DE SABERES

Segundo Cláudio de La Rocque Leal (1956 - 2006), a obra transmite a construção da luta entre Jacó e o anjo, cujo dourado tem intenção de construir algo divino, metaforizando com o irreal e simbolizando com as cores, a vitória do espírito da criação, confrontando a morte e a vida em uma dimensão poética que é a Arte. O quadro revela o artista que “busca o mundano e o transforma em seu universo” (LEAL, 1995, p.4 *apud* PIMENTEL, 2012, p. 77).



Fig.02. Sem Título - Mista sobre papel - 40 x 24 cm. 1994.
Aquisição: PETROAMAZON (PIMENTEL, 2012, p. 77)

Os prêmios aquisitivos eram baseados no valor especificado pelo artista para cada obra. No primeiro salão, com o término da exposição e pelo fato da Universidade contar com parcerias e patrocinadores, essas obras adquiridas foram entregues aos patrocinadores já citados acima. Portanto, as obras premiadas como aquisição na primeira versão foram:



Fig.3 CARMEM PALHETA
Sem Título - Fotografia - 40 x 40 cm
s/papel
Aquisição: CONSTRUTORA VILA DEL REY



Fig.4 MARINALDO SANTOS
Que coisa mais linda - Mista
Aquisição: Editora CEJUP



Fonte: PIMENTEL, 2012, p. 77



Fig.5 ARTHUR MAROJA
Sem título – Objeto fotográfico - 12x12x5.5
Aquisição: LANCHONETE BIG BURGER
Fonte: PIMENTEL, 2012. p.77

Fonte: PIMENTEL, 2012, p. 77



Fig.6 CELSO OLIVEIRA
Sem Título - Fotografia - 40x40 cm
Aquisição: ESCRITÓRIO DE ARTE.
Fonte: PIMENTEL. 2012, p.77

Em 18 versões do Salão UNAMA de Pequenos Formatos, todo o acervo adquirido passou a fazer parte da reserva técnica da Casa da Memória, em um pequeno espaço não apropriado para tal, sob os cuidados, então, da coordenadora Jonise Nunes. O acervo hoje consta com mais de 1000 obras, adquiridas pelos prêmios designados aos artistas, além de outras, adquiridas via exposições na galeria.

Em virtude da crise instaurada a partir de 2008 na instituição, a mantenedora decidiu pela venda da Universidade para o grupo Ser Educacional, cujas negociações finalizaram no ano de 2014. Logo, o Salão teve sua última versão em 2012, não sendo mais possível sua realização, em função da falta de patrocínio e de verbas da própria instituição. Apesar da não realização mais do salão, a nova administração decidiu pela preservação do acervo de forma adequada, transferindo-o para um espaço maior, de qualidade.

Surge, então, em novembro de 2017, em Ananindeua, o *Museu de Arte UNAMA* e a *Galeria de Arte Ananin*, em homenagem ao município referente, onde está instalado o maior campus da instituição. Além da galeria, o espaço possui reserva técnica, sala de manutenção e sala de projeção. De acordo com Jonise Nunes, a ideia foi de contribuir para a formação cultural de alunos, professores, colaboradores e sociedade paraense. A coordenadora, à época, afirmou que:



A criação do Museu de Arte UNAMA destaca a importância de práticas acadêmicas e profissionais em seus espaços, atendendo ao estágio e pesquisa dos cursos de Artes Visuais, História, Arquitetura, Letras e programas de Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura (FONSECA, 2017).

Assim, percebe-se a real intenção da atual administração da Universidade em preservar e promover o rico acervo adquirido de obras regionais e nacionais, estabelecendo e fortalecendo “a relação do saber acadêmico com arte e cultura e memória e patrimônio histórico, além de integrar a comunidade acadêmica com as políticas de ensino, pesquisa, pós-graduação e extensão universitária”. A proposta é manter um intercâmbio com instituições culturais e artistas, além de estar de portas abertas a todos os cursos e público externo que desejem conhecer o acervo (FONSECA, 2017).

3 A EXPERIMENTAÇÃO NA PINTURA DE JOSÉ SIMÕES.

Como destacado anteriormente, o trabalho visa analisar a trajetória de José Augusto Toscano Simões, artista plástico de Belém do Pará, do período inicial de sua carreira até vencer o prêmio máximo no 1º Salão UNAMA de Pequenos Formatos, em 1995. A entrevista foi realizada na residência de suas tias, local onde se hospeda em Belém, visto que atualmente reside em Mosqueiro, ilha banhada pelo rio Pará, distante 60 km da capital, refúgio onde mantém seu atelier e busca inspiração para suas obras.

Para Simões, a experimentação sempre foi o condutor de sua vida, seja na profissão, seja na vida pessoal, desde que se descobriu desenhando aos 10 anos de idade, nos bancos da escola. Segundo Magalhães:

Experimentação é a própria ação de experimentar, por isso, é muito pertinente que seja utilizada para se referir também à arte, que desde sempre oscilou entre momentos de reprodução e de experimentação de materiais e técnicas, o que permitiu transformações, assim como o surgimento e o abandono de modelos, movimentos e tendências, cedendo ou compartilhando espaço com outros tantos que surgiram ao longo da história. (MAGALHÃES, 2017, s/p.)



O encontro com PP Condurú no NPI também é considerado um marco de novas experiências na vida do artista, visto que a partir dessa amizade, Simões começa a adentrar no campo da arte, via desenho e pintura, com a elaboração de um cartaz para um evento escolar. No período da adolescência, os encontros dos dois artistas passaram a ser regados a muitas discussões sobre artes, ainda na década de 1970, período em que Belém não possuía vida cultural proeminente.

As discussões e o conhecimento adquiridos nesses encontros se baseavam nas poucas coleções de revistas de artes, enciclopédias e livros, que publicaram algumas imagens das obras de artistas renomados.²² Simões argumenta que, hoje, com a revolução tecnológica, há facilidade de se alcançar um número maior de artistas e suas obras, com apenas alguns *clicks*, coisa impossível de se realizar nas décadas de 1960 e 1970.

Em 1976, ainda adolescente com 17 anos, Simões e PP Condurú realizam a primeira exposição no interior da Aliança Francesa, conceituada escola de idiomas da cidade. Com técnica de iniciante, o artista recorda que utilizou em suas obras materiais bem excêntricos como, mertiolate²³, violeta de genciana²⁴ e guache escolar, as quais estavam mais disponíveis, sendo a primeira e a segunda, tinturas medicinais que todas as famílias da época possuíam em casa e o guache escolar, material comum usado nas escolas, de custo baixo.

No ano seguinte, estando por volta de 18 anos de idade e ansiando por aventurar, adquirir novas experiências e conhecimentos ligados à arte, Simões e PP resolvem trilhar novos caminhos, abandonando os estudos para juntos

²² Entrevista realizada com o artista no mês de dezembro de 2018.

²³ É um medicamento antisséptico que tem como substância ativa o *Digluconato de clorexidina*. Esse medicamento de uso tópico e local é utilizado para limpar ferimentos e outras lesões superficiais da pele ou da boca, sendo sua principal ação combater as bactérias, evitando que ocorram infecções. Por sua coloração vermelha, era usado com uma pazinha no local do ferimento. Atualmente já é encontrado incolor, o que não deixa a pele avermelhada. Fonte: Tua Saúde. Disponível em: www.tuasaude.com/merthiolate/. Acesso em: 08 jan 2019

²⁴ A violeta genciana é a substância ativa de um medicamento antifúngico normalmente utilizado no tratamento da candidíase. Além de ser usado para tratar infecções por *Candida albicans*, a violeta de genciana pode ser utilizada para tratar queimaduras e lesões de pele devido à sua propriedade antisséptica e antibacteriana.. Fonte: Tua Saúde. Disponível em: www.tuasaude.com/violeta-de-genciana/. Acesso em: 08 jan 2019.



alçarem voos em Belo Horizonte (BH). Tal fato foi alvo de grande polêmica nas famílias, de concepções tradicionais, em que os filhos deveriam seguir os caminhos dos estudos para o nível superior. Todavia, isso não fazia parte dos desejos de Simões, que decidiu como na música de Dorival Caymmi, pegar um Ita no Norte, dizer adeus a Belém do Pará (...)”²⁵ e ir para BH.

Entretanto, nem tudo foram “flores” nessa aventura, pois os dois viajantes chegaram à Praça da Liberdade, em BH e acharam que iam “abraçar” as vanguardas, como as lidas nos livros, dos acontecimentos revolucionários ligados à arte das décadas de 1960 e 1970, na Europa. Na verdade, os dois aventureiros se depararam com uma cidade extremamente dominada pela repressão, durante pleno período da ditadura militar. O cenário que experimentaram em Belo Horizonte foi de grande censura, fortes intervenções policiais nos bairros de todas as classes sociais da cidade, sem exceção. Assim, desencantados, partiram para São Paulo em busca de novas aventuras, mas, devido às dificuldades encontradas para sobreviver, retornaram à Belém.

A partir da década de 1980, Simões conhece Osmar Pinheiro, artista plástico já atuante no circuito das artes em Belém e professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), falecido prematuramente em 2006. Os encontros promoveram maior conhecimento cultural aos dois artistas, Simões e PP Condurú, com a leitura de textos realizados por Osmar. Nesta época, Simões se torna sócio de Osmar Pinheiro na Galeria Um, já citada anteriormente, cujo projeto foi realizado por Paulo Chaves (arquiteto e ex Secretário de Cultura do Estado do Pará nos governos de Almir Gabriel e Simão Jatene).

A ideia inicial da galeria não era ser somente um espaço cultural expositivo, mas também um local de debates, oficinas e cursos que fomentam a

²⁵ Em 1945, Dorival Caymmi narra a viagem costeira a bordo do vapor “Itapé”, quando o genial baiano migrou em 1938 para o Rio de Janeiro, então capital federal, numa bela melodia “Peguei um Ita no Norte”. A composição tornou-se tremendo sucesso, sendo gravada por cantores e cantoras da nata da música nacional.

ITA – era o nome que designava a classe de navios, ou qualquer um dos navios a vapor brasileiros, pertencentes à Companhia Nacional de Navegação Costeira*. Faziam a chamada “cabotagem”, transportando cargas e passageiros de Norte a Sul do Brasil, na primeira metade do século XX. Fonte: JORNAL DA BESTA FUBANA. Disponível em: <http://www.luizberto.com/2018/05/01/geografia-das-musicas-peguei-um-ita-no-norte/>. Acesso em: 08 jan 2019.



cultura no estado. Contudo, o projeto, infelizmente, não foi adiante, em virtude da pouca condição financeira de manutenção do espaço e principalmente da falta de mercado de artes em Belém, neste período.

Apesar de todos os dissabores experimentados até então, Simões não desistiu da arte e continuou trabalhando no que acreditava: a pintura e assim, as premiações começaram a surgir na sua carreira. Em 1980 recebeu o Prêmio Aquisição, no III Salão Nacional de Artes Plásticas - Funarte, no Rio de Janeiro, com a obra *"INTERIORES III"* (Fig. 07), cuja técnica foi elaborada em pastel seco. Este trabalho foi transferido posteriormente para Belém e, hoje, faz parte do acervo permanente do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, do Sistema Integrado de Museus (SIM) do Estado do Pará.

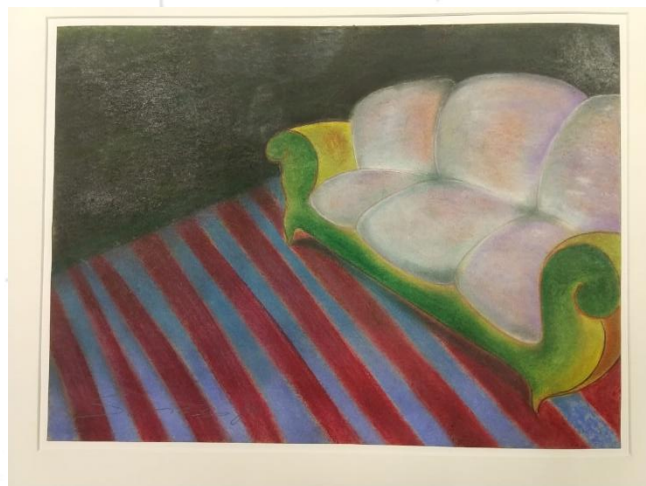


Fig. 07. SIMÕES – “INTERIORES III”, 1980 – pastel/pastel, 42 x 57cm.
Acervo do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas - Sistema Integrado de Museus
Doação FUNARTE, 2000 – (3º Salão)
Foto: Zenaide Paiva, 2019

Observa-se que, ao usar a técnica do pastel seco, Simões trabalha cores fortes, destacando-se o vermelho, verde e azul, consideradas cores luz primárias, definidas também como cor energia porque estão contidas na luz e por ela são refletidas. A soma das três cores-luz primárias (vermelho-alaranjado, verde e azul forte) produz a luz branca, por isso elas também são chamadas de cores primárias aditivas (PORTAL SÃO FRANCISCO, s/d). Assim, após essa análise, nota-se que o artista sofre muita influência da policromia marcante de



Matisse (1869 – 1954), em que dialoga com as cores de maneira híbrida e ao mesmo tempo singular.

Um detalhe que vale ressaltar é que Simões não se prendeu a apenas um tipo de técnica ou material, mas sempre buscou experimentar, o que por hipótese, pode lembrar Robert Rauschenberg (1925 -2008), artista que transitou entre o *Dadaísmo* e *Pop Arte*, também influenciado por Matisse, que dialogava com cores, materiais e técnicas diferentes (PÚBLICO, 2008).

Segundo o artista²⁶,

Apesar das cores fortes (uma característica constante no meu trabalho), este quadro retrata uma sala com um dramático chão de madeira, uma sala quase que baldia, se não fosse um velho sofá empurrado para o canto da composição. Talvez eu não estivesse tão feliz nessa época. Acho que há uma sensação de abandono e solidão.

Pelo depoimento de Simões percebe-se que o artista pinta com a emoção, ou seja, o estado emocional é um elemento constante nas suas experiências e presente nas obras, como será observado em outros trabalhos. O vazio do espaço inserido no quadro, revela de maneira clara, apesar das cores fortes, ser “a remissão a si mesmo e ao próprio corpo, (...) como se o artista procurasse um espaço absolutamente íntimo, impossível de ser transformado em informação objetiva” (MAMMI, 2012, p.15). Simões, neste caso, não transmite no quadro algo bem objetivo, principalmente pela policromia apresentada. Porém, revela sim, um estado íntimo de solidão, de vazio, em que precisava ressignificar algo em sua vida que nem ele lembra o que seria.

Em 1984, Simões foi premiado em 3º lugar no salão Arte Pará, Belém (PA) –com a obra *Beth, Mateus e eu* (Fig. 08), em técnica de acrílica sobre papel.

²⁶ Depoimento enviado via aplicativo de mensagem instantânea, no dia 10 de janeiro de 2019.



Fig. 08 – SIMÕES – *Beth, Mateus e eu*.

Técnica: acrílica sobre papel.

Fonte: CATÁLOGO ARTE PARÁ, 1984

Simões revela nesta obra um momento de família feliz, em que retrata a si próprio, em pé na prancheta, desenhando, a mãe de seu filho sentada na cadeira (sua esposa à época) e no carrinho de bebê, seu filho mais velho. Para o artista, o trabalho é pura memória, um período muito feliz de sua vida²⁷.

Novamente pode-se notar o uso das cores fortes, com ênfase no azul do piso e no vermelho, passando pelo branco e pelo verde. Os elementos figurativos remetem bem à estética expressionista, que buscava a deformação das imagens e o uso de cores vibrantes, por meio do vai e vem de pincéis.

Todavia, destaca-se neste trabalho, uma relevante diferença das obras expressionistas, cujos cenários são obscuros, tristes e angustiantes, como os de Edvard Munch (1863 – 1944). O que se percebe na cena de *Beth, Mateus e eu* é um período de sublimação emocional do artista, que a chegada de um novo ser vem contribuir, ainda mais, para a felicidade familiar, ou seja, a essência interior de Simões, a emoção e o sentimento do período, foram deslocados para o quadro.

Sobre esta essência da obra de arte, Heidegger (2018, p.47) afirma, “a realidade da obra determina-se a partir do que na obra está em obra, a partir do acontecer da verdade (...). Na obra, o acontecimento da verdade está em obra.

²⁷ Depoimento enviado via aplicativo de mensagem instantânea no dia 10 de janeiro de 2019.



Mas o que assim está em obra está também, de facto, na obra”. Logo, esse trabalho de Simões transmite um momento de verdade real, poeticamente transmitido por meio de cores e figuras que representam um novo tempo na vida do artista, voltada para os laços familiares.

Em 1985, Simões recebe a premiação máxima do 4º Salão de Arte Liberal, do Arte Pará, com a obra *sem título* (Fig. 09), em técnica de desenho, prêmio este compartilhado com outro artista, Emanuel Nassar.



**Fig. 9 – SIMÕES – *sem título*.
Acrílica sobre papel, 1985²⁸
Fonte: CATÁLOGO ARTE PARÁ, 1985**

Simões, em seu depoimento, afirma:

Nessa fase, eu voltei-me para a criação de cenas cotidianas, cujos muitos espaços/personagens que os habitavam, me eram familiares; eventos como aniversários, enterros, ou simplesmente pessoas capturadas em seu simples cotidiano eram objetos do meu interesse. Exemplos desse período foram o enterro do avô de Mateus, que na minha versão realiza-se não na casa moderna que morava quando morreu, mas na antiga que morou por muitos anos, na Generalíssimo. As minhas tias na varanda de nossa casa, cada uma a ocupar-se com suas coisas, como exemplo, a tia Munda (tia caçula) de tão absorta a assistir um programa do Silvio Santos na TV, quase entrando na cena, que sua figura se banha em uma luz fortemente azul.²⁹

²⁸ A imagem postada encontra-se em preto e branco por ter sido apropriada do catálogo do salão Arte Pará de 1985 e não fazer parte do acervo da Fundação Rômulo Maiorana. Nessa época, as obras premiadas no Salão Arte Pará eram adquiridas pelos visitantes e patrocinadores. Esse quadro foi adquirido pela Companhia Souza Cruz, patrocinadora desta versão especificamente, conforme dados do catálogo e depoimento de Vânia Leal, no dia 11 de janeiro de 2019, atual curadora adjunta da mostra. Por esse motivo, não foi possível conseguir a imagem colorida.

²⁹ Simões foi criado por 4 tias, irmãs de seu pai, por quem possui um carinho todo especial, visto terem sido sempre muito presentes em sua vida. Com mentes abertas e bem à frente de suas épocas, as tias propiciaram diversos momentos culturais aos sobrinhos, como, leituras existencialistas, visitas



Portanto, nota-se, no quadro, a presença do figurativismo marcante representando os familiares, em várias cenas. No centro, a mesa com bolo de velas, pratos e copos, o aniversariante próximo a mesa, sentado ao chão, aguardando ansioso o “cantar dos parabéns”, familiares conversando e a tia assistindo TV. A realidade de um aniversário de criança, bem presente nas cenas expressas na obra.

Neste quadro, Simões aborda bem as cenas cotidianas, voltadas para relações familiares e de amizades, em um momento festivo que é a celebração de aniversário de seu filho, deslocado para a tela. Fayga Ostrower, em relação a momentos, indica que, “a pessoa os vivencia (...) no campo da arte, ao escolher, digamos certas cores ou linhas e nelas vislumbrar novas possibilidades de forma expressiva (...)”(OSTROWER, 2013, p. 29).. Logo, Simões expressa momentos vivenciados, que fazem parte do seu cotidiano e das suas relações, destacando-se principalmente, o colorido e o figurativismo do cenário.

Posterior a essa premiação, em 1987, Simões vence o concurso “*Em busca de Talentos Regionais*”, promovido pela Telepará³⁰, em Belém (PA). Em seguida, também recebeu a premiação máxima no “1º Salão de Agosto” da Prefeitura Municipal de Belém, em 1989, com a obra *Guardiã da Luz*, conforme imagem abaixo (Fig. 10).

culturais aos museus do Rio de Janeiro, além de idas ao presídio visitar a Tia Lu, revolucionária que se filiou ao partido Comunista e amargou uma prisão por subversão.

Depoimento enviado via aplicativo de mensagem instantânea no dia 10 de janeiro de 2019

³⁰. Ressalto aqui que, a impossibilidade de localização dessa obra, em virtude de a Telepará, antiga estatal, ter sido privatizada e adquirida por outro conglomerado empresarial de telefonia móvel e fixa, o grupo Oi e não haver nenhum registro do trabalho premiado.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELACE DE SABERES



Fig. 10 – Guardiã da Luz, 1989
Acrílico/papel – 50,5 cm x 60,5 cm
Acervo MABE/ FUMBEL - Foto: Osvaldo Forte, 2020

Em 1989, mais um prêmio na carreira de Simões, o Aquisição no 8º Salão Arte Pará, com a obra *“Lombra nossa de cada dia (1989),* acrílica sobre papel (Fig. 11).



Fig. 11 – SIMÕES – *Lombra nossa de cada dia.*
Acrílico sobre papel, 1989.
Fonte: CATÁLOGO ARTE PARÁ, 1989.

De acordo com o depoimento do artista, este trabalho é

Como um autorretrato, como um EU pensador... na verdade, ao falar em “Lombra”, eu estou usando uma gíria para a maconha, assumindo para o distinto público que este ar contemplativo, sonhador e colorido



era a expressão de quem usava uma droga proibida para suportar a mediocridade da vida cotidiana. Maconha e poesia era uma maneira de dizer NÃO.³¹

A obra, em questão, revela a tendência de Simões fortemente marcada pela influência de Matisse, não só nos extasiantes tons de vermelho e azul, mas, em alguns elementos, como a decoração na parede, que recordam a obra, *Sala em vermelho (1908)*, em que Matisse utiliza uma profusão de cores primárias, mesa, cadeira e uma criada. Apesar dos elementos figurativos presentes no quadro, o olhar e a mente dos espectadores se prendem principalmente nas cores fortes do quadro.

O quadro de Simões não é uma sala, mas sim um quarto, onde o personagem, no caso o artista, está sentado em uma cadeira, apoiado na cômoda, contemplando o horizonte, provavelmente em um momento de pós uso da erva. Novamente pode-se notar as marcas expressionistas nas figuras deformadas, mas que não impedem de identificar a cena na sua totalidade. Como no quadro de Matisse, apesar dos elementos figurativos, o olhar do espectador se volta, muito mais, para a profusão policromática, do que para o personagem em si, em uma harmonia habilmente integrada a composição que preenche a tela.

Então, chega-se a 1995 e a realização do 1º Salão UNAMA de Pequenos Formatos, já citado anteriormente, mostra que Simões apresenta a pintura *sem título*. Para o artista, vencer o salão foi importante, pois seu trabalho ganhou visibilidade e o consolidou, ainda mais, no circuito de arte regional e nacional. A intenção é continuar a pesquisa sobre a sua trajetória pós “Pequenos Formatos”, principalmente em um período que o artista se afasta das artes plásticas para empreender em nova aventura, o “Café Imaginário”, espécie de bar/café experimental.

³¹ Depoimento enviado via aplicativo de mensagem instantânea em 11 de janeiro de 2019.



4 IR ALÉM....

A pesquisa sobre a trajetória artística de Simões tem sido especialmente gratificante, não só para a autora, mas principalmente para o artista, pois, muitas obras apresentadas no artigo, estavam adormecidas em sua memória no passado e não foram registradas em arquivos. Em seu depoimento, Simões relata que, “(...) já estava acostumado com trabalhos a boiar do remoto passado...Momentos que estavam longe, no fundo da memória e que passam a flutuar no presente com o perfume de antigas histórias e sonhos....”³². Essa falta de arquivos tornou-se muito comum nas décadas de 1960, 1970 e 1980, principalmente entre os artistas plásticos, por falta de preocupação em registrar seus trabalhos de forma geral.

Assim, esse primeiro momento da trajetória de Simões tem provocado uma investigação minuciosa na localização de alguns trabalhos, visto que as obras de alguns prêmios, vencidos pelo artista, foram adquiridas por patrocinadores dos salões, como o caso da Companhia Souza Cruz de cigarros, que não possui mais filial em Belém, por empresas privatizadas, como o caso da antiga estatal Telepará, em que inexistem arquivos de registros.

Simões, de espírito aventureiro e sempre em busca de novas experiências, é, no entanto, um artista que no campo das artes, prima pela tradição, como é o caso da pintura como linguagem artística. Apesar de admirar muito a fase tecnológica das artes visuais, especialmente a fotografia e o vídeo, o artista sente necessidade de “colocar a mão na massa”, ao fazer referência a pincéis, tintas, papel ou tela. Como característica marcante de suas obras, pode-se ressaltar as cores fortes, em especial vermelho, azul e o verde, o que revela a forte influência que Simões sofre de Matisse, artista do período *Fovista*, cuja explosão de cores foi um marco estético.

Outra característica do artista, observada nesses primeiros trabalhos, foi de deslocar para as telas, a emoção de momentos vivenciados no período da criação ou de algum evento que tenha ficado marcado na sua memória, como

³² Depoimento enviado por aplicativo de mensagem instantânea no dia 12 de janeiro de 2019.



nos quadros *Beth, Mateus e eu* ou no trabalho *sem título*, que retrata a festa de aniversário de seu filho. Em relação a esses momentos e na busca de sua memória, Simões relembra trabalhos que tenham relação com situações próximas a ele, como o que retratou a ex-esposa, rodeada de abelhas, por após a separação, a moça iniciar um relacionamento com um apicultor, cujo quadro ainda não foi localizado pela autora. Portanto, percebe-se que o artista se inspira em momentos que tenham alguma relação com o que sente ou esteja vivenciando no momento.

Ir além é adentrar, ainda mais, a memória de Simões, é caminhar nas trilhas da trajetória profissional do artista, de 1995 aos dias de hoje, perpassando pelo período do “Café Imaginário”, empreendimento que afastou o artista das telas por um certo período. Esse momento vivenciado por Simões torna-se relevante para a pesquisa, como registro de um espaço que vislumbrava o diferente, a experimentação, local frequentado pela sociedade paraense, principalmente artistas, músicos e intelectuais, que desfrutaram de momentos inesquecíveis, que será abordado na continuação desta investigação.

REFERÊNCIAS

CATÁLOGO DO IV SALÃO NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS. Presença das regiões. Aspectos do Trabalho de Artes Plásticas no Brasil. Ministério de Educação e Cultura/ Secretaria de Cultura/Fundação Nacional de Arte/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1981.

CATÁLOGO ARTE PARÁ, 1985. Disponível em: <http://www.frmaiorana.org.br/1989/default.html>>. Acesso em: 11 jan 2019.

CATÁLOGO ARTE PARÁ, 1989. Disponível em: <http://www.frmaiorana.org.br/1989/default.html>. Acesso em: 11 jan 2019.

DEWEY, John. Arte como Experiência. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FONSECA, Alessandra. UNAMA inaugura Museu de Arte e Galeria Ananin. Em 08 de novembro de 2017. In: UNAMA. Disponível em: <http://www.unama.br/noticias/unama-inaugura-o-museu-de-arte-e-galeria-ananin>>. Acesso em: 10 jul 2019.



FRANCO, Elisete do Socorro Ribeiro. A Galeria de Arte da Unama no Circuito Artístico Nacional: do sonho a realidade. Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Artística. Belém: UNAMA, 2002

GULLAR, Ferreira. Arte sem Arte. São Paulo, domingo, 21 de novembro de 2010. In: Folha de São Paulo, Ilustrada, São Paulo, 2010.

HEIDEGGER, Martin. A Origem da Obra de Arte. Trad. Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 2018.

JORNAL DA BESTA FUBANA. Geografia das músicas. Disponível em: <<http://www.luizberto.com/2018/05/01/geografia-das-musicas-peguei-um-ita-no-norte/>>. Acesso em: 08 jan 2019

MAGALHÃES, Estela. EXPERIMENTAÇÃO. Disponível em: <https://cinescontemporaneos.wordpress.com/2017/11/14/experimentacao/>. Acesso em: 08 jan 2019.

MAMMI, Lorenzo. O que resta? Arte e Crítica de Arte. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MOKARZEL, Marisa. **Percursos Transversais e Descontínuos: visualidade amazônica e o circuito de arte em Belém (1980-2000)**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal do Ceará, 2005.

OSTROWER, Fayga. Acasos e criação artística. 1ª ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2013.

PIMENTEL, Vera Maria Segurado. **O salão de pequenos formatos (2010 - 2011): Processos de análise e considerações**. 202 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura). Universidade da Amazônia, Belém, 2012.

PORTAL SÃO FRANCISCO. Cores. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/curiosidades/cores>. Acesso em: 10jan2019.

PUBLICO.PT. Robert Rauschenberg: o artista que combinou todas as linguagens. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2008/05/15/jornal/19252008-robert-rauschenberg-o-artista-que-combinou-todas-as-linguagens-261103>> Acesso em: 10 jan 2019.

VII PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA: coleção prêmio diário contemporâneo de fotografia: mostra Belém – ressacas, heranças/organização Mariano Klautau Filho – Belém: Diário do Pará, 2016



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

SITE DA GALERIA ELF. Galeria Elf. Disponível em:
<http://www.elfgaleria.com.br/index.php?ACAO=agaleria>. Acesso
em: 07 jan 2019

TUA SAÚDE. Merthiolate. Disponível em: www.tuasaude.com/merthiolate/.
Acesso em: 08 jan 2019.

TUA SAÚDE. Violeta de Genciana. Disponível em: www.tuasaude.com/violeta-de-genciana/. Acesso em: 08 jan 2019.



1,99 - UM SUPERMERCADO QUE VENDE PALAVRAS: SOCIEDADE DE CONSUMO, IMAGENS, FETICHE E ALIENAÇÃO³³

Luiz Guilherme dos Santos Junior³⁴

Danieli dos Santos Pimentel³⁵

Resumo: o filme *1,99 - Um supermercado que vende palavras* (2004), de Marcelo Masagão, apresenta uma visão irônica e ao mesmo tempo crítica da sociedade de consumo atual. A experiência visual do filme mostra um supermercado artificial e todo branco, em que os consumidores encontram a satisfação plena ao comprar produtos rotulados com frases de incentivo. A partir de aportes teóricos de estudiosos da sociologia, da comunicação e da semiótica, propomos uma análise atentando para a relação entre sujeito, imagem, consumo e alienação, destacando de que maneira o poder das marcas e *slogans* apelativos seduzem e condicionam a mente dos consumidores nesse mercado global de compras, e onde a frieza das pessoas alimenta um sistema marcado pela liquidez das relações humanas. Para essa análise utilizamos os aportes teóricos de Baudrillard (1997); Santaella (2008); Sodré (2012); Debord (1997); Bauman (2004; 2008) e Santos (2008; 2001).

Palavras-chave: 1, 99 – um supermercado que vende palavras. Sociedade de consumo. Imagens. Fetiche. Alienação.

1.99 - A SUPERMARKET SELLING WORDS: CONSUMER SOCIETY, IMAGES, FETISH AND ALIENATION

Abstract: the movie *1.99 - a supermarket that sells words* (2004), by Marcelo Masagão, presents an ironic and at the same time critical view of the current consumer society. The visual experience of the film shows an artificial supermarket and all white, in which consumers find full satisfaction when buying products labeled with incentive phrases. Based on theoretical contributions from sociology, communication and semiotics scholars, we propose an analysis focusing on the relationship between subject, image, consumption and alienation, highlighting how the power of appealing brands and slogans seduce and

³³ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho O Ser da Imagem: Pensamento, Poéticas e Processos Artísticos do VII Confluências, realizado na Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém, Pará, de 15 a 19 de setembro de 2020.

³⁴ Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Artes (ICA-UFPA). Doutor em Comunicação Social (PUCRS). Professor efetivo do Curso de Letras, Campus do Marajó-Breves (UFPA). Professor integrante do Núcleo de Pesquisas Culturais e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA).

³⁵ Doutora em Letras (PUCRS). Mestra em Educação (UEPA). Especialista em Língua Portuguesa: uma abordagem textual. Professora integrante do Núcleo de Pesquisas Culturais e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA).



condition consumers' minds in this global shopping market, and where the coldness of people feeds a system marked by the liquidity of human relations. For this analysis, we used the theoretical contributions of Baudrillard (1997); Santaella (2008); Sodré (2012); Debord (1997); Bauman (2004; 2008) and Santos (2008; 2001).

Keywords: 1.99 - a supermarket that sells words. Consumer society. Images. Fetish. Alienation.

1.99 - UN SUPERMERCADO QUE VENDE PALABRAS: SOCIEDAD DE CONSUMO, IMÁGENES, FETICHE Y ALIENACIÓN

Resumen: la película *1.99 - un supermercado que vende palabras* (2004), de Marcelo Masagão, presenta una visión irónica y al mismo tiempo crítica de la sociedad de consumo actual. La experiencia visual de la película muestra un supermercado artificial y todo blanco, en el que los consumidores encuentran plena satisfacción al comprar productos etiquetados con frases de incentivo. Partiendo de las aportaciones teóricas de estudiosos de la sociología, la comunicación y la semiótica, proponemos un análisis centrado en la relación entre sujeto, imagen, consumo y alienación, destacando cómo el poder de las marcas y los eslóganes atractivos seducen y condicionan la mente de los consumidores. en este mercado global de compras, y donde la frialdad de las personas alimenta un sistema marcado por la liquidez de las relaciones humanas. Para este análisis utilizamos las contribuciones teóricas de Baudrillard (1997); Santaella (2008); Sodré (2012); Debord (1997); Bauman (2004; 2008) y Santos (2008; 2001).

Resumen: 1.99 - un supermercado que vende palavras. Sociedad de consumo. Imágenes. Fetiche. Alienación.

1 1,99 - UM SUPERMERCADO QUE VENDE PALAVRAS

O filme *1,99 - Um supermercado que vende palavras* (2004) encena criticamente o tema da sociedade de consumo aliada à crítica das implicações ideológicas e contradições do sistema capitalista globalizado. Nessa projeção cinematográfica, os consumidores passeiam hipnoticamente no interior de um supermercado, nada convencional, para além do que estamos acostumados a considerar como estabelecimentos comerciais.

Esse supermercado não vende propriamente bens e serviços, e sim, palavras e frases de efeito dispostas em objetos de vários formatos, num



bombardeio de slogans em que se pode ler, dentre várias frases de efeito: “o mundo está ficando cada vez mais complicado”, “Amar é chique”, “Você consegue”, “*No limits*”, “Vendo carro batido”, “Chique é ser inteligente”, “Pense desiludidamente”, “Você conhece você confia”, “Você é a única pessoa no mundo que pode fazer o que você faz”, “Você precisa correr”, “Você é demais”, “Você é um anjo e não sabia”, “Seja você mesmo”, “Você faz e acontece”. São inúmeras as frases impressas nos produtos dispersos nas prateleiras, e todas as frases trazem em seu significado mensagens de positividade no sentido de induzir ao bem-estar social e material advindo do consumismo, para atrair os clientes ao consumo, já que prometem maneiras eficazes de “curar os males” da sociedade.

Acompanhado pela trilha sonora de Wim Mertens e André Abujamra, o filme retrata de maneira fria e angustiante os movimentos repetitivos no interior do estabelecimento, gerando, de maneira progressiva, um sentimento de angústia que provoca certa estranheza no espectador, pois as notas musicais se repetem num ciclo sinfônico e mórbido. Desse modo, de maneira sarcástica, o diretor do filme recupera em 1,99 um universo infinito de jogos de palavras constantemente utilizadas pelas propagandas, ao registrá-las de forma sedutora nos frascos e nas caixas do supermercado.

O que fica evidente nesse espaço é a influência que as propagandas comerciais exercem diariamente nos consumidores. A linguagem da propaganda no filme é clara e enfática, utilizada para atuar no inconsciente das pessoas, com mensagens de satisfação e positividade. Podemos inferir que a proposta do filme dialoga com a crítica de Baudrillard acerca do “poder das marcas”, pois, para o estudioso, a prática do consumo é “a totalidade virtual de todos os objetos e mensagens constituído de agora então em um discurso cada vez mais coerente. O consumo, pelo fato de possuir um sentido, é uma atividade de manipulação sistemática de signos” (BAUDRILLARD, 1997, p. 206).

Nessa geometria, dos objetos dispostos em prateleiras e gôndolas, a câmera em plano sequência acompanha as ações das personagens que circulam pelo interior de um supermercado repleto de promoções e



possibilidades de consumo. O espaço marcado pela cor branca provoca a tranquilidade dos compradores; os movimentos de câmera registram as ações circulares ou “ritornelos” de cada sujeito em meio às prateleiras e diante das ofertas de compra. Esse fato presente nas sociedades contemporâneas emerge de maneira sarcástica e pessimista no filme de Masagão. Por exemplo, numa das cenas do filme, surge um vídeo em que se vê uma cachoeira diante de espectadores que a observam de maneira fria. Por alguns minutos, os consumidores podem sentir “virtualmente” o contato com a natureza. A crítica à sociedade de consumo, proposta pelo cineasta, demarca a satisfação a partir do consumismo em que as personagens estão imersas, tanto que não resta mais lembranças reais do mundo externo, mas apenas simulacros da natureza.

Adiante, o cineasta apresenta também de forma irônica a lei da “oferta e da procura”, já que o preço 1,99 se refere à inversão do valor-preço, e o barateamento suscitado a partir da constante procura e consumismo exacerbado. Tal fator, no filme, reafirma a estratégia mercadológica da política neoliberal instalada no âmbito do livre comércio, cenário de proliferação da circulação de bens e serviços importados em detrimento das economias locais. Nesse cenário, os clientes têm a ilusão de pagar os produtos mais baratos, porém, nem sempre com garantia de qualidade.

Ao retomar a questão do público consumidor, o cineasta recria artificialmente um cenário complexo, repleto de ícones e índices que metaforizam o contexto de uma sociedade “tentacular” e imersa num cenário de intenso consumismo. Desse modo, o supermercado retratado no filme torna-se um prolongamento da vida humana, pois quem está nesse espaço e tem acesso aos produtos adquire uma satisfação simbiótica e compulsiva alimentada pelo prazer de compras.

O poder de “satisfação” toma conta das pessoas que transitam no estabelecimento, porém, há também pessoas do lado de fora, que não têm acesso aos bens oferecidos pelo mundo globalizado, ou não dispõem de poder aquisitivo para entrar no supermercado. Contudo, são consumidores em potencial que esperam o “chamamento” do mercado, para não se manterem fora



da “normalidade” da vida moderna. Esse modo de vida, para Sodré (2012, p. 18) “torna aguda a consciência de que é preciso acompanhar as mudanças, mesmo sem que se conheça exatamente a sua natureza”. Da forma como estão dispostos esses consumidores em 1,99, todos parecem caminhar alienadamente no contexto mercadológico. Imersos neste cenário, os sujeitos encontram todos os produtos e serviços para mantê-los, na maior parte do tempo, ocupados ao estímulo do consumo entre lojas ou contemplando manequins em vitrines de luxo, vestidos com roupas da última estação, imagens muito próximas do cotidiano dos Shoppings em diversas cidades do país.

Por outro lado, a aquisição e o uso dos celulares, como aparece no filme, apresentam uma falsa homogeneidade de consumo e sintonia em rede de comunicação, o que se mostra patente nas ações das pessoas que transitam dentro e fora do “supermercado que vende palavras”. Nesse sentido, Sodré (2012, p. 15) explica que a velocidade em que circulam os “objetos técnicos” transmite aos sujeitos uma ilusão de sintonia com o futuro, no entanto, abre-se como “um novo tipo de exercício de poder sobre o indivíduo (o ‘infocontrole’, a ‘datavigilância’)”.

2 SUPERMERCADO E ESPETÁCULO

O domínio das imagens na contemporaneidade forma uma redoma quase intransponível, em que o sujeito se debate, mas não se percebe escravo do consumo. Segundo Debord (1997, p.15), “a linguagem do espetáculo é constituída de sinais da produção reinante, que são ao mesmo tempo a finalidade última da produção”. A partir dessa tese, é possível entendermos como funciona o agenciamento da moda e da mercadoria nos espaços de venda, ou seja, coloca-se em evidência o que realmente é configurado como “novidade” e está num circuito massificado de consumo. Nesse circuito *ad infinitum*, o sujeito é peça de uma engrenagem, em que ele tem papel primordial: ser mantenedor de sua “auto-alienação”, pois, nessa dialética consumista “quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens



dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo” (DEBORD, 1997, p. 24).

Nessa perspectiva, o espaço cinematográfico de 1,99 se projeta a partir de uma tela onírica, em que todos os sonhos e desejos de consumo podem se concretizar, e onde a maioria das pessoas, alienadamente, acredita ter um poder aquisitivo, de compra e de crédito, ilimitados. Sobre esse comportamento do sujeito em relação à mercadoria, Baudrillard (1997, p. 169) afirma que “o consumidor moderno integra e assume espontaneamente esta obrigação sem fim: comprar a fim de a sociedade continue a produzir, a fim de se poder pagar aquilo que foi comprado”. Assim, a ideia de alienação acenada por Baudrillard, no tocante ao sujeito-consumidor, diz que vendedor e consumidor são partes de um mesmo processo alienatório.

No trânsito contínuo do supermercado, as pessoas não se tocam, não se olham e nem trocam palavras. A comunicação acontece apenas entre os consumidores e as mercadorias. Estas apresentam um único formato icônico: caixas pequenas, médias e grandes. A cor branca domina todos os espaços e embalagens, e diversos *slogans* de multinacionais seduzem o interesse individual de cada consumidor. Num cenário de pessoas e produtos, sujeito e mercadoria desenvolvem uma simbiose erótica, assim, “o produto se dá à vista, à manipulação: ele se erotiza” (BAUDRILLARD, 1997, p. 181).

Numa análise semiótica do filme, com base em Santaella (2008), a supremacia da cor branca pode ser entendida como um nível de “primeiridade”, em que se evidencia o branco como “quali-signo”, ou seja, ícone de “qualidade”, “possibilidade” e “significação”. A recorrência cromática de tal signo projeta uma “cadeia associativa” que produz interpretações como: passividade, liberdade e leveza. Diante desse cenário, o consumidor sente-se amortecido pelo domínio da cor branca predominantemente no espaço do supermercado. Aliado a isso, Masagão problematiza a dialética do consumo ao dar mais “ênfase” aos *slogans*, em contraponto ao design das embalagens. A partir dessa lógica espectral, as caixas (brancas) podem ser vistas como “espelhos” que refletem o poder e a homogeneidade do consumismo, além de uma inversão do prazer que



transforma a mercadoria em “fetiche”. Em seu livro *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1997, p. 32) explica que o fetichismo é a substituição do “objeto normal”, “por outro que guarda certa relação com ele”. No caso de 1,99, o prazer humano é substituído pela mercadoria que passa ser “alvo” de desejo. Esse universo sem variações cromáticas aponta para uma forma de hipnose, em que as ações, quase em câmera lenta, são acompanhadas por longos planos em sequência e *travellings* de aproximação (movimentos de câmera), o que demonstra a apatia e sonambulismo dos consumidores.

Ainda sobre a significação da cor branca, Baudrillard (1997, p. 40) a interpreta como “tudo o que pertence ao prolongamento imediato do corpo”. Dessa forma, o branco, em harmonia com o desejo dos consumidores, “anuncia a omissão profunda, da consciência, da responsabilidade que a eles se liga e das funções nunca inocentes do corpo”, ou seja, a presença marcante do signo representa os “prolongamentos” do corpo orgânico desses consumidores. No filme, essa imagem do sujeito condicionado é representada por um rato preso numa caixa em que se lê a pergunta: fetiche? Essa imagem retoma os experimentos com ratos (a “caixa de Skinner”) e alude aos textos realizados pelo psicólogo americano B. F. Skinner sobre a teoria dos condicionamentos. O reforço da ação e o prazer do resultado provocam comportamentos que se tornam recorrentes. O rato na caixa em busca de satisfação simboliza o consumidor na busca do prazer da compra. Noutro sentido, surge a imagem de uma cobra devorando o mesmo rato, como uma retomada da “seleção natural”, de Charles Darwin, atualizada para o “mundo-líquido” em que habitamos, onde a “trama das imagens” coordena uma vida assentada na busca da felicidade através da satisfação do poder de compra e do voyeurismo extremo. Sobre esse aspecto, a tese 47 de Debord (1997, p. 33) é muito oportuna para entender a relação entre aquele que consome e a atração visual dos produtos: “o consumidor real torna-se consumidor de ilusões. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral”.

3 O ESPELHO, O FETICHE E A MERCADORIA



A imagem duplicada é recorrente em 1,99, tema marcante na psicanálise. O espelho reflete o Eu-mercadoria, o vazio interior (branco) do indivíduo contemporâneo. Numa interpretação psicanalítica, as imagens duplicadas significam a perda da referência de si, já que se projetam como “fascinações” e como simulacro, em que o ícone do espelho simula uma imagem invertida e distorcida dos sujeitos. Tais pressupostos são recorrentes no filme de Masagão, pois, o sujeito em frente ao espelho parece não se conformar com seu aspecto físico, por isso, a busca constante da “boa forma” massificada pelas academias de ginásticas, pelos outdoors e mídias televisivas.

Essa “busca da forma perfeita” apresenta-se na falsa impressão que as personagens têm de seus corpos. O exemplo disso pode ser percebido quando duas mulheres experimentam uma calça jeans e ficam estáticas mirando seus corpos num mesmo espelho, porém em provadores diferentes. Enquanto a primeira desejaria ser magra, dada à ênfase em sua expressão entristecida e descontente, a segunda, diante do espelho, parece não enxergar a sua verdadeira imagem, descontente também por não se achar nos ditos padrões ideais de um corpo perfeito. Diante disso, o que temos é a dupla projeção de imagens, em que o espelho reflete o desejo íntimo de cada uma delas. Assim, a simbologia do espelho no filme pode ser entendida como a “imagística do mundo”, a partir do momento em que os sujeitos já não se reconhecem em sua autonomia e singularidade (SODRÉ, 2012, p. 52-3).

Usando ainda uma conceituação psicanalítica, Santos (2011, p. 37) chama o consumo de “veículo de narcisismo”, porque agencia “estímulos estéticos, morais, sociais; e aparece como o grande fundamentalismo de nosso tempo”. Tal narcisismo é um sintoma de como a sociedade de consumo utiliza-se dos objetos visando enquadramentos estéticos e uma forma de exibicionismo que fomenta um padrão de vida a partir da moda e dos ditames da mídia em geral. A felicidade estaria ligada diretamente ao consumo e o discurso de que o cliente “nunca está satisfeito”. Como bem afirma Bauman (2008, p.63), “a sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de



satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar”. Porém, essa rede de consumidores afeta diretamente as relações humanas, o que se justifica na maneira como os sujeitos buscam se relacionar nos espaços de convivência.

Destacamos, ainda, dois tipos de relacionamentos presentes em *1,99*. Primeiramente, um casal se auto-observa detidamente, mas numa distância que revela outros sentidos contidos na cena. Da forma como se olham, parece, de fato, haver uma relação amorosa mais contemplativa, do que realmente afetiva. Noutro momento, um homem coloca moedas numa espécie de máquina que seleciona o perfil de consumidores(as) mais indicados(as) para um tipo de relacionamento afetivo. Em ambos os contextos, as pessoas se envolvem muito mais pelas aparências, do que propriamente pela reciprocidade sentimental. Além disso, nos dois momentos, ou se busca a melhor forma física para se relacionar ou quem tem mais poder de compra.

A partir do conceito de “amor líquido”, Bauman (2004) reitera a sua crítica social a respeito da “modernidade líquida”, expressão utilizada por ele para designar os tempos “confusos” e sombrios da sociedade atual, isto é, um mundo marcado pelas transformações velozes, momento de profunda imprevisibilidade afetiva. Esse modelo de vida afeta diretamente a forma dos relacionamentos interpessoais, retirando do sujeito a capacidade de cultivar sentimentos mais duradouros e realmente afetivos. Nesse âmbito, as relações humanas tornam-se cada vez mais “flexíveis” e pouco sedimentadas.

No tocante às relações interpessoais, o universo virtual atua fortemente no inconsciente das pessoas, num contexto em que os seres humanos priorizam muito mais as relações pautadas nas diretrizes das redes sociais, do que relações mais próximas e concretas. Assim, o filme de Masagão mostra que todo esse sintoma vivido pela sociedade atual vem gerando o acúmulo de pessoas inseguras e pouco preocupadas em manter laços afetivos.

Em outro livro, *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*, Bauman (2008, p. 22) afirma que “na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria”. Visto pelo



sociólogo como uma sociedade de consumidores profundamente marcada pelas relações interativas em redes sociais, o consumo torna-se a peça chave para as escolhas “amorosas”. Dessa forma, no entender de Bauman (2008, p. 19), “os encontros dos potenciais consumidores com os potenciais de objetos de consumo tendem a se tornar as principais unidades na rede peculiar de interações humanas” (“sociedade de consumidores”). Imersos num cenário onde impera o comércio de bens e serviços, os consumidores se alastram por toda a rede eletrônica, assim, o fluxo de consumidores, na afirmativa do autor, divide-se entre “as coisas escolhidas e os que escolhem”, ou ainda para o estudioso confirma a “transformação dos consumidores em mercadorias” (BAUMAN, 2008, p. 20).

O consumo gerado pelo discurso da globalização, na contemporaneidade, engendra-se de forma contundente nos debates suscitados por Santos (2011). O geógrafo discute a ideia do mundo globalizado apresentado “como fábula”, ideia pré-fabricada e alimentada pelos mercados avassaladores que se dizem capazes de “homogeneizar” o planeta, quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Além disso, conforme o pensador brasileiro, “a máquina ideológica que sustenta as ações preponderantes da atualidade é feita de peças que se alimentam mutuamente e põem em movimento os elementos essenciais à continuidade do sistema” (SANTOS, 2011, p. 12).

4 SOCIEDADE DE CONSUMO, O PRAZER E A MORTE

Nesse “mundo-líquido moderno”, o prazer é alimentado pela posse de cartões de crédito e pela ilusão de que todos são livres para consumir. Semelhante crítica é tecida em 1,99 quando um dos consumidores se aproxima de um caixa eletrônico que tem em sua tela a imagem virtual de uma mulher. Ao introduzir o seu cartão de crédito na máquina eletrônica, a personagem se depara com um rosto feminino. Em seguida, a cada “fricção”, a fisionomia da mulher se modifica na tela; primeiramente, uma expressão fria e séria se apresenta; na sequência da utilização do cartão bancário, a fisionomia da mulher virtual modifica-se, exprime um prazer que se transforma num contínuo, como



se homem e máquina mantivessem um relacionamento erótico-virtual. Essa relação entre homem e máquina pode ser interpretada a partir do que Baudrillard chama de “gozo dos objetos”, que fornece a ilusão do crédito livre, porém, alienado, quando ele afirma que “esta sociedade que lhe confere crédito, ao preço de uma liberdade formal, é você que a ela dá crédito ao lhe alienar seu porvir” (BAUDRILLARD, 1997, p. 170).

Ainda na perspectiva teórica proposta por Baudrillard, a dependência em relação às marcas perfaz toda a história do “consumidor-mercadoria”. Esse domínio das marcas é explicado como uma imposição do mercado: “a função da marca é indicar o produto, sua função segunda é mobilizar as conotações afetivas” (BAUDRILLARD, 1997, p. 199). No filme em análise, a câmera acompanha a “avaliação” de um desses consumidores, desde a infância até sua vida adulta. Tal “retrospectiva” evidencia um sujeito marcado pela intervenção de diversos produtos consumidos ao longo de sua vida: Johnson’s, Nestlé, Kellogg’s, Disney, McDonald’s, Coca-Cola, Nintendo, Aspirina, Nokia, Nike, Jontex, Microsoft, Camel, MTV, Visa, Wolksvagem, Intel Inside, Armani, CNN e Prozac.

Num giro panorâmico de câmera de 360° numa balança, as imagens evocam a passagem do tempo e suas transformações. Além disso, mostra o sujeito na idade adulta destinado ao consumo permanente de outros produtos ao longo de sua vida. Dentre as imagens, destaca-se a utilização do Prozac, medicamento indicado ao tratamento de depressão, que sugere a história de um sujeito atravessado pelo consumismo e pelas insatisfações do mundo pós-moderno. Nesse giro quase incessante, as marcas vão se sobrepondo a cada transição como se fosse um código de barras, para que o espectador possa ter uma visão de como os produtos fizeram parte da vida do referido consumidor.

Outra crítica bastante contundente no filme é sugerida a partir da imagem de uma idosa que tristemente caminha entre os corredores do supermercado. Neste cenário, emerge a clara relação entre velhice e mercado consumidor. Ao divagar entre produtos e corredores, ela se depara com uma ala de pessoas idosas sentadas calmamente no interior de várias geladeiras. Alternadamente ao



plano sequência, em que a personagem caminha, acompanhamos a história de vida da idosa por meio de fotografias antigas, mostrando que ela acompanhou os acontecimentos mais importantes do século XX.

Nas fotografias estão contidos momentos importantes das artes em geral, invenções que mudaram o pensamento da humanidade, nomes de intelectuais, e, sobretudo, cineastas como: François Truffaut, Orson Welles, Federico Fellini, Stanley Kubrick, Ingmar Bergman, dentre outros, já que a vida da personagem perpassou pelas grandes invenções cinematográficas da história. Ao final, assim como os outros idosos que ela contempla, a senhora “toma seu posto” ao adentrar e se acomodar numa das geladeiras, em seguida, fica com os olhos estáticos, como se fosse um estágio final de sua vida.

Estamos diante de uma situação emblemática proposta por Masagão: o mercado consumidor que se alimenta da constante procura de bens e serviços parece não atender as perspectivas dos velhos na sociedade contemporânea. Criticamente, o filme mostra que após terem vivido para gerar lucros aos interesses do mercado, os idosos são pouco a pouco substituídos por novos consumidores. Mas ao que parece, *1,99* mostra como as memórias perdem o devido valor, já que para o mundo globalizado, não importa o que essas pessoas tenham vivido.

Retomemos novamente a imagem da senhora ao fechar-se na geladeira. Parece oportuno demarcar que o filme problematiza o destino que a sociedade legou aos velhos, o destino fatal e pessimista da morte, através do congelamento, associado ao “esfriamento” da vida. Em *1,99*, a velhice se associa ao grupo dos que consomem menos, seja pelo fato das inovações não atenderem as suas necessidades, ou ainda pelo fato de não se enquadrarem na faixa dos que mais consomem e poderiam contribuir para a permanência capitalista do mercado. O ato de fechar-se numa geladeira pode também ser entendido como uma forma de sentir-se à margem da sociedade mercadológica, ou ainda, pelo fato de não exercerem a força de trabalho que as empresas almejam.



Bosi (1994), ao compor um estudo sobre a lembrança de velhos, dedica uma sessão de sua obra para tratar da velhice na sociedade industrial. Todo o trabalho de pesquisa empreendido pela estudiosa tem a sua devida importância e comprometimento com o tema da velhice. Assim, deslocamos a sua abordagem para os dias atuais, no sentido de compreender como vivem os velhos na sociedade de consumo, com vistas a perceber como se estabelecem as relações entre velhice e mercado. Segundo a estudiosa (1994, p. 77), por ser a “velhice uma categoria social”, em cada época “a sociedade vive de forma diferente o declínio do homem”. No entendimento da autora, a era industrial acarretou muitos “malefícios para a velhice”. Desta maneira, nesse período, os velhos foram confinados a situação de abandono e exclusão, uma vez que a sociedade, ao rejeitá-los, “não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra, perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor”. Sendo assim, “o velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor” (BOSI, 1994, p. 77-78).

Assim, como no mercado consumidor dos tempos industriais a força manual de trabalho foi substituída pela máquina, impulsionando a economia pela “velocidade”, a substituição dos velhos configura-se como um ciclo interminável de manutenção do sistema. Isso corrobora com o fato de que, para o capitalismo, a velhice já não proporciona mão de obra ativa, nem consumidores que possam se adequar à tecnologia e às necessidades impostas pelo universo do consumo.

Em meio ao poder das marcas, dos *slogans* e da alienação dos consumidores no supermercado de 1,99, Masagão sugere uma possibilidade de reação frente ao poder da sociedade de consumo. Nas últimas cenas do filme, acontece uma invasão do supermercado que sugere um acontecimento revolucionário de mudança e transformação. Numa encenação que parece significar a destruição desse espaço, alguns sujeitos mascarados entram no supermercado portando armamentos. Os consumidores ficam assustados diante da situação ameaçadora. Porém, as armas não atiram projéteis de aço, e sim balas de tintas coloridas, como se os atiradores estivessem dando vida à paralisia cromática do supermercado. A aquarela formada pelos tiros de tinta,



aparentemente destroem a opacidade da cor branca, sinônimo de uma falsa tranquilidade, criando a utopia de que é possível libertar as mentes consumistas. A cena final mostra a figura do patrão ou gerente do supermercado sendo implodido, junto com todo o espaço de compras, restando, apenas, uma fumaça e estilhaços de palavras, como se a partir daquele momento os seres humanos pudessem “reescrever” novamente uma história livre do consumo exacerbado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

1,99 é um filme ousado em sua proposta ideológica e estética. Marcelo Masagão, sintonizado com as transformações do mundo globalizado, instaura uma leitura do mundo dos consumidores por meio de um filme experimental e politicamente engajado. Diante da frieza de consumidores compulsivos, sua câmera perscruta o comportamento de sujeitos marcados e condicionados por *slogans* que apelam para o prazer momentâneo da compra. O filme mostra que o poder de compra se estabelece como uma visão ilusória e alienada, em que os consumidores se transformam em mercadorias, ao impulsionar o funcionamento da oferta e da procura.

Nesse sentido, *1,99* mantém-se atual no que tange à crítica de uma sociedade regida pela tecnologia e pela livre circulação de bens de consumo; sobretudo porque o filme problematiza, de maneira crítica e mordaz, os agenciamentos criados pelos sistemas de informação e de propaganda, que se prolongam formando uma grande rede de corporações poderosas que dominam e instituem comportamentos, a “tirania das marcas”, normas de consumo, gostos, modas e estilos de vida no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

1,99 - Um supermercado que vende palavras. Dir. Marcelo Masagão. Brasil: Immovision, 2003. 1 DVD. 72 min.

BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.



BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. 4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

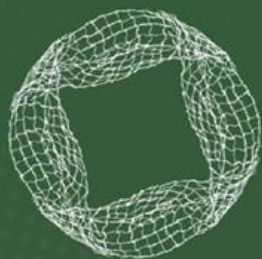
FREUD, Sigmund. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. Trad. Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imagem, 1997.

SANTAELLA, Lucia. Semiótica Aplicada. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2011.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

ANIMAIS

SIMPÓSIO DE TRABALHO – JORNALISMO E TECNOLOGIAS DIGITAIS

COORDENAÇÃO:

Profa. Dra. Máira Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Elaide Martins (PPGCOM/UFGA)

Giovanna Abreu (Mestranda – PPGCLC/UNAMA)

Camila Simões (Doutoranda – PPGCOM/UFGA)

EMENTA:

Tem como objetivo refletir sobre o jornalismo sob uma mirada interdisciplinar, enfocando-o a partir de suas diversas nuances enquanto prática social e cultural contemporânea e em interface com a Sociologia, Filosofia, Psicologia, História e outros campos de conhecimento. O Simpósio de Trabalho (ST) pretende discutir as reconfigurações do jornalismo e os desafios decorrentes, sobretudo, das transformações ocasionadas pelas tecnologias digitais. Assim, o ST abarca pesquisas teóricas e/ou empíricas que problematizem e discutam o jornalismo a partir das narrativas, das linguagens, dos processos de produção, circulação e consumo noticioso, mas, também, dos processos e das rotinas da profissão, da identidade do jornalista, do estatuto do jornalismo, dentre outros. Questões sobre sociabilidades nos sites de redes sociais e dispositivos digitais, como também questões envolvendo práticas comunitárias, ubíquas, inovadoras e/ou convergentes também fazem parte dos temas de interesse.



PPGCLC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA



DESCENTRALIZAÇÃO DO PODER: O PAPEL DOS SITES DE REDES SOCIAIS NO JORNALISMO³⁶

Giovanna Figueiredo de Abreu³⁷

Maíra Evangelista de Sousa³⁸

Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira³⁹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar de que maneira os sites de redes sociais pautam os portais de notícia da capital paraense: *O Liberal* e *Diário Online*, a partir da discussão sobre a descentralização do poder da grande mídia. A pesquisa, de abordagens qualitativa e quantitativa, combinou as seguintes técnicas: pesquisa bibliográfica, coleta de dados e análise de conteúdo. A análise foi realizada a partir da coleta de 153 matérias dos respectivos portais, sendo 63 conteúdos de *O Liberal* e 90 notícias do *Diário Online*, selecionadas por estarem posicionadas nos quadros dos destaques da página inicial dos portais, no período de 08/01 a 14/01/2020.

Palavras-chave: Poder. Jornalismo. Sites de redes sociais. *O Liberal*. *Diário Online*.

DECENTRALIZATION OF POWER: THE ROLE OF SOCIAL NETWORKING SITES IN JOURNALISM

Abstract: This article aims to analyze how the social networking sites guide the news portals in the capital of Pará: *O Liberal* and *Diário Online*, based on the discussion about the decentralization of the power of the mainstream media. The research, with qualitative and quantitative approaches, combined the following techniques: bibliographic research, data collection and content analysis. The

³⁶Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Jornalismo e Tecnologias Digitais do VII CONFLUÊNCIAS ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES, realizado na Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém, Pará, de 20 a 21 de outubro de 2020.

³⁷ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA). Especialista em Assessoria de Comunicação pela Faculdade Estácio de Sá. Integrante do Grupo de Pesquisa Ubiquidade da Comunicação – UBICOM (UNAMA/CNPQ). E-mail: giovannamfigueiredo@gmail.com

³⁸Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e dos cursos de Comunicação Social da Universidade da Amazônia (UNAMA). Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCOM/UFPA). Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). É coordenadora do Grupo de Pesquisa Ubiquidade da Comunicação - UBICOM (UNAMA/CNPQ). E-mail: maira.evangelistadesousa@gmail.com

³⁹Docente do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA). Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental (NAEA/UFPA). Integrante dos Projetos e Grupo de Pesquisa Mídia e Violência: percepções e representações na Amazônia e Narrativas Contemporâneas na Amazônia Paraense (NARRAMAZÔNIA/UFPA/UNAMA). E-mail: ivana.professora@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-3194-7259>



analysis was carried out based on the collection of 153 articles from the respective portals, with 63 contents from *O Liberal* and 90 news items from *Diário Online*, selected for being placed in the highlights of the homepage of the portals, in the period from 08/01 to 14 / 01/2020.

Keywords: Power. Journalism. Social networking sites. *O Liberal*. *Diário Online*.

DESCENTRALIZACIÓN DEL PODER: EL PAPEL DE LOS SITIOS DE REDES SOCIALES EN EL PERIODISMO

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar cómo los sitios de redes sociales orientan los portales de noticias en la capital de Pará: *O Liberal* y *Diário Online*, a partir de la discusión sobre la descentralización del poder de los grandes medios de comunicación. La investigación, con enfoques cualitativos y cuantitativos, combinó las siguientes técnicas: investigación bibliográfica, recolección de datos y análisis de contenido. El análisis se realizó a partir de la recopilación de 153 artículos de los respectivos portales, con 63 contenidos de *O Liberal* y 90 noticias de *Diário Online*, seleccionados para ser colocados en los destacados de la homepage de los portales, en el período del 01/08 al 14/01/2020.

Palabras-llave: Poder. Periodismo. Sitios de redes sociales. *O Liberal*. *Diário Online*.

1 INTRODUÇÃO

A internet apresenta novas possibilidades para a sociedade, segundo Castells (2015), o qual afirma que o jornalismo e os jornalistas foram completamente afetados por essa tecnologia e procuram, constantemente, meios de se adaptar e de se reinventar diante das mudanças. "Se quisermos entender a natureza da modernidade - isto é, as características institucionais das sociedades modernas e as condições de vida criadas por elas - deveremos dar um lugar central ao desenvolvimento dos meios de comunicação e seu impacto" (THOMPSON, 2014, p. 12).

São incontáveis as transformações: as noções de espaço, tempo e velocidade não são mais as mesmas; novas formas de coletar, armazenar e apurar informações; os fluxos comunicacionais possuem outra lógica; outras



possibilidades de interação, novos geradores de conteúdo, entre inúmeras mudanças que contribuíram para o desenvolvimento do jornalismo como um todo. Diante desse cenário de mudanças, os sites de redes sociais se destacam e trazem muitas implicações para a produção jornalística:

As transformações que acompanham a estruturação do meio digital e a relação do público com a informação que consome têm gerado importantes modificações nos processos produtivos do jornalismo. Neste campo, observa-se que muitas empresas têm buscado por novas estratégias que atendam às demandas do público (CASTRO; CUNHA, 2016, p. 01).

As pessoas sempre buscam novas formas de se comunicar e, nesse sentido, a internet provocou a revolução mais rápida e desconcertante que o mundo já viu. Segundo Jesus, Araújo & Carvalho (2018), especialmente, a partir da utilização dos sites de redes sociais. E esse é um dos pontos fundamentais para a discussão a ser feita neste artigo, sobre a descentralização do poder da grande mídia em contraponto da cultura da participação, com base em Castells (2007, 2015) e Foucault (1979, 2001). Segundo Brambilla (2013), o lugar da mídia de massa, enquanto detentora do poder de informação, passou a ser questionado ao se perceber o poder dos usuários na era digital.

Antes restrito aos grandes grupos de mídia tradicionais e aos conglomerados corporativos, o poder passa a estar também nas mãos do público, que, especialmente, por meio de publicações em sites de redes sociais, faz parte de um processo de descentralização do poder (TERRA, 2011). A configuração de um novo padrão de consumo e produção cultural com base na participação do consumidor via internet tem se tornado uma característica da sociedade atual (JENKINS, 2009; SHIRKY, 2011).

Para analisar de que maneira os sites de redes sociais pautam os portais de notícia da capital paraense: *O Liberal*⁴⁰ e *Diário Online*⁴¹, definiu-se um corpus composto por 153 matérias, sendo 63 do portal *O Liberal* e 90 do portal *Diário*

⁴⁰ Disponível em: <https://www.oliberal.com/> . Acesso em 25 set. 2020.

⁴¹ Disponível em: <https://www.diarioonline.com.br/> . Acesso em 25 set. 2020.



Online. Destaca-se que as matérias foram coletadas no período de 08/01 a 14/01/2020, criteriosamente, às 9h. A preocupação em coletar as matérias dos portais no mesmo horário se justifica pela velocidade em que as notícias surgem na internet. Esse artigo foi, metodologicamente, construído a partir de uma pesquisa bibliográfica, seguida da coleta de dados e da análise de conteúdo (BARDIN, 2006; CHIZZOTTI, 2000), com base em técnicas de abordagens qualitativa e quantitativa (FRAGOSO, RECUERO; AMARAL, 2011).

2 COMUNICAÇÃO E PODER

Com o objetivo de analisar de que maneira os sites de redes sociais pautam os portais de notícia da capital paraense: *O Liberal* e *Diário Online*, a partir da discussão sobre a descentralização do poder da grande mídia, partimos da premissa de que a estruturação do meio digital e a relação com o público geram mudanças significativas para a comunicação, em especial, para o jornalismo (CASTRO; CUNHA, 2016).

Tradicionalmente, o aparato midiático era considerado o próprio poder, entretanto, segundo Brittos e Gastaldo (2006), o status não era relacionado ao papel social que caracterizava o jornalismo, mas pela construção, da própria mídia, de uma visão da sociedade que percebia a mídia tradicional como algo superior, detentora da verdade e definidora da realidade. Entretanto, de acordo com Brambilla (2013), essa realidade vem se transformando, especialmente, a partir do desenvolvimento das ferramentas de comunicação, proporcionadas pela internet, que surgem para modificar essa lógica, pois estimulam a participação de novos atores no processo jornalístico, seja durante o processo de produção, seja no processo de circulação e consumo.

Nesse sentido, os usuários, sobretudo, por meio de uma das ferramentas que mais impactaram a realidade da sociedade, segundo Brambilla (2013), que são os sites de redes sociais, passam, além de consumir, a produzir conteúdos, que, muitas vezes, se transformam em matérias jornalísticas e agendam o que será publicado nos portais de notícias. Deste modo, as empresas de



comunicação e os usuários estão imersos em relações de poder. E o poder e suas relações são os assuntos que permeiam todo esse estudo, tendo em vista, que, Foucault (2001) afirma “que o poder não está localizado no aparelho de Estado”, encontra-se além dele. “Quando fala-se de poder, as pessoas pensam imediatamente a uma estrutura política, um governo (...) isto não é de nenhum modo aquilo que eu penso quando falo de relações de poder. Eu quero dizer que, nas relações humanas, qualquer que sejam, o poder continua presente” (FOUCAULT, 2001, p. 1538).

Ressalta-se que, para Foucault (1979), o poder em si, da maneira negativa que era entendido, não existe, pois o real poder deve ser assimilado como algo positivo, capaz de construir e somar; e não apenas como fonte de dominação e opressão. O autor (1979) acredita em um poder dinâmico e não estático, que pode auxiliar o ser humano a manifestar sua liberdade, que pode se tornar instrumento de diálogo entre as pessoas, como algo “enigmático, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e escondido, investido por toda a parte” (FOUCAULT, 2001, p. 1180).

Apesar dos estudos foucaultianos não se debruçarem, especificamente, na comunicação, pode-se relacionar as acepções do autor com as transformações do jornalismo, especialmente, ao que é discutido nesse artigo: a descentralização do poder da grande mídia. Observa-se que as relações de poder são móveis, conforme Foucault (1979), o que se pode relacionar à participação ativa dos usuários, a partir dos sites de redes sociais, no processo jornalístico, que passaram a consumir e também a produzir conteúdos. Esse novo papel dos usuários traduz a liberdade manifestada a partir dessa ideia de poder abordada pelo autor (1979).

As transformações se dão a partir das relações de poder, que dizem respeito às práticas sociais e aos discursos construídos ao longo dos anos que podem determinar o corpo e a mente das pessoas. “As relações entre indivíduos são, eu não diria antes de tudo, mas são em todo caso, também relações de poder” (FOUCAULT, 2001, p. 1666). E a partir dessas relações de poder entre, de um lado as tradicionais mídias e empresas de comunicação, do outro, os



usuários vivendo a cultura da participação, elemento da cultura da convergência (JENKINS, 2009), fundamenta-se esse estudo.

Outro autor importante para essa discussão sobre a descentralização do poder da grande mídia, é Castells (2007, 2015). A partir do entendimento de que o poder também passa a ser de domínio do público, diante das possibilidades proporcionadas aos usuários pelos sites de redes sociais (BRAMBILLA, 2013), deve-se ter em mente, segundo Castells (2007), que todos os sistemas institucionais refletem relações de poder que envolvem a ideia de dominação e contra dominação - poder e contra poder. Enquanto o autor (2007) considera poder como a capacidade de imposição de um ator social sobre os outros, o contra poder seria a capacidade dos atores desafiarem e alterarem relações de poder institucionalizadas na sociedade.

As relações de poder entre as empresas de comunicação, jornalistas e o público enquanto produtor, para Castells (2015), geram intensos debates, mas podem ser percebidas em um processo de complementaridade que faz nascer uma nova realidade midiática, “cujos contornos e efeitos irão em última instância ser decididos pelas lutas de poder político e empresarial, à medida que os donos das redes de telecomunicação se posicionam para controlar o acesso e o tráfego” (CASTELLS, 2015, p.118).

O poder, para Castells (2015), é multidimensional e está alicerçado nas atividades, de acordo com os interesses e valores, daqueles que o detêm. Por isso, o poder da sociedade em rede é o poder da comunicação. O autor (2015) ainda afirma que a mídia de massa tradicional é um espaço poderoso de produção de poder, entretanto, encontra resistência com a existência da internet e suas plataformas de comunicação distintas.

Para compreender tais relações de poder, deve-se ter em mente que vivemos uma cultura da convergência, que, para Jenkins (2009, p. 30), não se refere apenas à concentração de diferentes formatos em um único aparelho, mas envolve transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais “dentro dos cérebros dos consumidores individuais e por meio de sua interação social com outros”. Esse processo de mudanças, sobretudo culturais, promove a



intensificação e transformação do fluxo de informações, a partir da relação entre jornalismo e internet, que para Jenkins (2009), está associado, diretamente, à participação do consumidor.

É importante ressaltar que para Brambilla (2013), há valores envolvidos nesse cenário de mutação, os quais podem se relacionar diretamente com o poder: os veículos de comunicação não possuem mais o apelo de guardiões singulares da informação crível, especialmente, pela facilidade de publicação em sites de redes sociais; a popularização de dispositivos digitais de produção de conteúdo despertaram o cidadão para uma consciência mais colaborativa, o que faz com que a participação do público não seja mais uma escolha.

A participação colaborativa pode ser considerada um movimento de resistência, segundo Primo (2013), à medida que o público se apropria de conteúdo proprietário da grande indústria. Antes, a circulação midiática era privilégio de quem detinha a posse de concessões de rádio ou televisão. Atualmente, com a emergência das tecnologias via mídias digitais, as grandes corporações midiáticas precisam se reinventar, pois “o poder passou a ser dividido com milhões de cidadãos pilotando diferentes tecnologias” (PRIMO, 2013, p.21).

Desta forma, consideram-se os desdobramentos dos conceitos de Castells (2015) sobre a revolução comunicacional, a qual apresenta, inicialmente, a comunicação de massa (unidirecional) - envolve a transmissão de informação de um emissor para muitos receptores – que se desenvolve e se transforma em comunicação interpessoal (interativa), na qual as mensagens são enviadas de um para um com laços de retroalimentação. Contudo, a partir da difusão da internet, segundo Castells (2015), modificaram-se as formas de comunicação. Surge a autocomunicação de massa - capacidade de envio de mensagens de muitos para muitos.

A partir dessa transformação comunicacional, verifica-se que o poder comunicativo e informacional da internet está sendo distribuído para todos os campos da vida social. “À medida que as pessoas (os chamados usuários) se apropriaram de novas formas de comunicação, elas construíram seus próprios sistemas de comunicação de massa, por SMS, blogs, vlogs, podcasts, wikis e



afins” (CASTELLS, 2015, p. 113).

Diante dessas mudanças, Shirky (2011) afirma que os usuários podem explorar novos modelos de comunicação, sem precisar da permissão de ninguém, o que pode provocar medo para as mídias tradicionais, além de uma notícia ter o poder de penetrar na consciência pública sem a ação da mídia tradicional, o que, segundo Shirky (2011), ao ser publicada por outros meios, a notícia pode acabar pautando a mídia.

Todas essas transformações fazem parte da cultura da convergência da comunicação (JENKINS, 2009). “Para que essa convergência ocorresse, algumas transformações críticas tiveram de acontecer em cada uma das dimensões do processo de comunicação” (CASTELLS, 2015, p.102). O autor (2015), define quatro delas: transformação tecnológica (digitalização); a redefinição de emissores e receptores (estrutura organizacional e institucional); a dimensão cultural do processo; e por fim, a expressão das relações sociais de poder. Esse artigo se baseia especialmente nas transformações das relações de poder da comunicação, no que se refere às mudanças no papel do usuário, diante dos sites de redes sociais.

3 JORNALISMO E SITES DE REDES SOCIAIS

Para que se compreenda sobre a descentralização do poder proporcionada pelos usuários, especialmente, por meio dos sites de redes sociais, deve-se entender as mudanças estruturais da comunicação e as transformações do fluxo de informações, que Jenkins (2009) associa à maior participação do consumidor. Nesse aspecto, deve-se ressaltar a autocomunicação de massa, conceito abordado por Castells (2015), a partir da difusão da internet, a qual se caracteriza pela capacidade de envio de mensagens de muitos para muitos. Deste modo, os usuários não apenas são receptores de informações, como podem se tornar engajados em inúmeras possibilidades comunicativas.

O público sempre procurou expor o que para si seria importante divulgar, seja por meio de carta ou telefone. Então, é importante registrar que “o jornalismo



colaborativo não nasceu com a web” (SILVA, 2011). Entretanto, a internet e o fácil acesso às ferramentas de produção de informação, para Jenkins, Green e Ford (2014), incitam um papel ativo do usuário, inclusive, como colaborador no processo noticioso. O público passa a ser visto como pessoas que moldam, reconfiguram e fazem a remixagem de conteúdos de mídia (JENKINS; GREEN; FORD, 2014).

Essa transformação de posicionamento passou a integrar as linhas editoriais de muitos veículos jornalísticos, que criaram novas possibilidades de interação com o público, seja por meio de comentários, blogs, fóruns, sites de redes sociais, envio de informações, entre outros. Entretanto, somente se deve falar em jornalismo participativo, segundo Aroso (2013), quando os jornalistas e cidadãos participam efetivamente na produção, construção e transmissão da informação. A autora (2013) afirma ainda que potencialidades como fugir das agendas e da dominação dos media tradicionais e se aproximar do público são possibilidades atribuídas ao jornalismo participativo. Ao mesmo tempo que o jornalismo participativo possibilita ouvir novas vozes e olhares, também requer cautela, seja em relação às especulações, à qualidade do conteúdo ou às fontes. Consequentemente, o papel do jornalista ganha novos contornos em meio às mudanças.

Uma das transformações, segundo Brambilla (2013), é que os usuários não correm atrás dos repórteres para oferecer uma notícia, mas sim os jornalistas devem adquirir uma postura proativa e seguir em busca de notícias, pautas e personagens, principalmente, em sites de redes sociais. Outra observação da autora (2013, p. 267) é que é “nítida a transformação em notícia de trivialidades postadas por celebridades, por exemplo, em seus perfis pessoais de redes sociais. As redações reorganizam suas rotinas em monitoria de modo a acompanhar atentamente as manifestações públicas de fontes”.

Há, assim, um conjunto de mudanças radicais no ecossistema global da informação, as quais Shirky (2012) identifica como uma das principais: a utilização das ferramentas da web que anulam as limitações em relação aos veículos tradicionais de comunicação. Sem limitações também de espaço, o



papel do jornalista não apenas seleciona as informações a serem publicadas, mas também quais receberão destaque (ZAGO, 2009). Para analisar o papel dos jornalistas na internet, segundo Recuero (2009a) não se pode deixar de considerar a função dos profissionais diante dos sites de redes sociais, já que eles podem produzir, filtrar e reverberar notícias.

No contexto do jornalismo participativo, há um conceito que deve ser destacado: *gatewatching*. Para se referir à participação do público na produção de informação e à possibilidade de qualquer cidadão poder colaborar no processo noticioso, Bruns (2005) definiu o termo - diante da necessidade de atualizar o conceito de *gatekeeping* - como a “observação dos portões de saída da informação noticiosa e outras fontes, no sentido de identificar material importante assim que ele esteja disponível” (BRUNS, 2005, p. 17). Vive-se o fenômeno dos sites de redes sociais, o que se relaciona, diretamente, com a cultura da participação e com a própria movimentação do ser humano na sociedade, o que provoca a noção de usuários ativos e uma revolução da forma de consumir e produzir conteúdo por meio da internet (JENKINS; GREEN; FORD, 2014).

O tempo livre da sociedade, segundo Shirky (2011), é absorvido, especialmente, pela internet. E essa mudança de comportamento, diante das novas possibilidades ofertadas pela web, resultou em uma transformação social. As tecnologias de comunicação apresentam novas ferramentas que, segundo Recuero (2009b), desenharam um novo espaço informativo para a sociedade, sem a dominação totalitária dos meios de comunicação de massa: os sites de redes sociais. Percebe-se então, a descentralização do poder da grande mídia.

Ao relacionar os sites de redes sociais com o jornalismo, Rodrigues (2010) afirma que essa relação modifica algumas práticas: gera novas formas de relacionamento com as fontes, diferentes modos de distribuição de conteúdos, as tentativas de captação/fidelização de leitores, velocidade de publicação, entre outros. Essas transformações alteram também a relação entre emissores e receptores. Os veículos noticiosos tradicionais, segundo Rodrigues (2010), traçam novos caminhos para ir ao encontro e aproximar-se do público, como



serem pautados por sites de redes sociais.

Podemos relacionar o jornalismo com os sites de redes sociais de três formas, de acordo com Recuero (2009a): redes sociais como fontes produtoras de informação; redes sociais como filtros de informações ou, como redes sociais espaços de reverberação dessas informações. E este artigo discute, exatamente, sobre a primeira contribuição que os sites de redes sociais podem proporcionar para o jornalismo. É possível encontrar informações, imagens, vídeos, dados, entre outros elementos que podem se transformar em uma notícia.

Recuero (2009a) afirma que a novidade da informação é um valor que se reflete em capital social nos sites de redes sociais. Enquanto circuladores de informações, os sites de redes sociais podem mobilizar, agendar notícias e influenciar as pautas dos veículos jornalísticos. Na segunda relação, enquanto filtro, os sites de redes sociais coletam e republicam informações observadas dentro da própria rede. Já a terceira envolve a questão dos debates e discussões que reverberam informações na rede.

Ao retomar a função dos sites de redes sociais como complementares ao trabalho do jornalista, com base em Bruns (2005), as redes atuam de forma colaborativa em relação à produção de notícias. Observa-se que, de acordo com Recuero (2011) nem sempre as informações que circulam nos sites de redes sociais focam no bem comum, social ou conhecimento coletivo, por isso é comum circular piadas, jogos, comentários e outras informações que não são necessariamente enquadradas dentro dos valores notícia característicos do texto jornalístico.

Diante do exposto, o processo de agendamento de conteúdos nos portais de notícias, a partir dos sites de redes sociais, provoca transformações no jornalismo e demonstra o caráter móvel do poder (FOUCAULT, 1979), como manifestação da liberdade da sociedade, caracterizando as relações de poder e a descentralização dele. Ressalta-se ainda, que a autocomunicação de massa (CASTELLS, 2015) passa a ser uma maneira de desafiar o controle corporativo da comunicação.



4 ANÁLISE DOS PORTAIS DE NOTÍCIAS

Esta pesquisa, de abordagens qualitativa e quantitativa, combina as seguintes técnicas: pesquisa bibliográfica, coleta de dados e análise de conteúdo. A abordagem qualitativa, segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2011), busca observar, aprofundar, contextualizar e analisar os fenômenos intencionalmente, levando em conta o seu caráter dinâmico. Já a quantitativa utiliza uma amostra representativa de uma realidade, que apesar de reduzida, é fidedigna. É indicada para compreender alterações ou tendências. Para as autoras (2011), as duas abordagens podem ser complementares, o que enriquece a análise da pesquisa. Observa-se que os componentes da amostra foram escolhidos deliberadamente, de acordo com as características coincidentes com os objetos empíricos.

A análise de conteúdo parte da conceituação de Bardin (2006), a qual a organiza em três fases: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; inferência e interpretação, a partir de um campo teórico aprofundado. O objetivo da análise de conteúdo é “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (CHIZZOTTI, 2000, p. 98). O corpus desse artigo é composto por 153 matérias analisadas, sendo 63 matérias do portal *O LIBERAL* e 90 matérias do portal *Diário Online*. Destaca-se que as matérias foram coletadas no período de 08/01 a 14/01/2020, criteriosamente, às 9h. A preocupação em coletar as matérias dos dois portais no mesmo horário se justifica pela velocidade em que as notícias surgem na internet.

Se faz necessário apresentar os dois veículos estudados, pois, inclusive as linhas editoriais influenciam na pesquisa. Em circulação desde 1946, o jornal *O Liberal* integra o *Grupo Liberal de Comunicação*. Considerado o diário mais antigo em circulação do Pará, ele foi o pioneiro, em 1997, a ofertar conteúdo jornalístico nas plataformas digitais. Nasceu como *O Liberal Online*, contudo, em 2004 deu lugar ao *Portal ORM* (SOUSA, 2008). E em 2019, nasce o novo portal:



o *O LIBERAL*. Com a primeira edição em 1982, o jornal *Diário do Pará* faz parte do grupo RBA de Comunicação. O site *Diário do Pará*, criado em 2004, disponibilizava na íntegra o jornal impresso do grupo, por meio de uma Edição Eletrônica gratuita. O portal de notícias *Diário Online* – nasceu em 2010 como um novo veículo do grupo, com a proposta de apresentar notícias e também entretenimento (DARWICH, 2011).

Os dois portais, que são objetos empíricos dessa pesquisa, possuem a promessa de utilizar a sugestão dos usuários para a construção das matérias noticiosas. O *Diário Online*, por exemplo, disponibiliza um número de Whatsapp e destaca “Faça sua denúncia pelo WhatsApp do Diário e apareça no DOL!”. O portal *O Liberal* também disponibiliza um contato de WhatsApp, no qual os usuários são adicionados em uma linha de transmissão de notícia, na qual somente administradores podem enviar mensagens. Entretanto, ao abrir a lista de participantes do grupo, há um contato disponível do Whatsapp da Redação Integrada da empresa, que apresenta a mensagem: “Sugestão de Pauta? Nos envie”. Entretanto, observa-se que o portal *O Liberal* não divulga seus canais de comunicação (telefone, chat, e-mail) e interação, apenas disponibiliza a lista de transmissão aos usuários.

Entretanto, das 153 matérias coletadas dos dois portais, nenhuma apresentava esse perfil, ou seja, não encontramos matérias construídas a partir de material (vídeos, fotos, informações) enviado pelos usuários. Essa constatação corrobora com a afirmação de Brambilla (2013), ao garantir que os usuários não correm atrás dos repórteres para oferecer uma notícia, mas sim os jornalistas devem adquirir uma postura proativa e seguir em busca de notícias, principalmente, em sites de redes sociais.

Nesse contexto, ao ser utilizada a proposta de Aroso (2013), ao considerar jornalismo participativo quando os cidadãos fazem parte efetivamente dos processos produtivos, como o envio de conteúdo, não se pode dizer que há jornalismo participativo nos dois portais analisados.

Em relação às matérias pautadas por meio de postagens dos usuários em sites de redes sociais: no portal *O LIBERAL*, das 63 matérias coletadas, apenas



quatro foram pautadas por sites de redes sociais, o que representa, em média, 0,57 matérias publicadas por dia de pesquisa. Este resultado foi obtido por meio da análise do conteúdo. As matérias pautadas por usuários de sites de redes sociais em *O LIBERAL* representam 6,35% do total de conteúdos coletados. Já no portal *Diário Online* há uma incidência significativa de conteúdos produzidos a partir de informações de usuários publicadas em sites de redes sociais.

Das 90 matérias coletadas, 18 foram pautadas por sites de redes sociais, o que representa, em média, 2,57 matérias por dia com esse teor, o que se traduz em 20% do total de matérias coletadas. A partir dessa pesquisa, verifica-se que a maioria das matérias (54,5%), abordavam assuntos que viralizaram sobre pessoas famosas. Das 22 matérias coletadas nos dois portais de notícias pautadas por sites de redes sociais, 12 informavam sobre alguma polêmica da vida de celebridades: em *O LIBERAL*, das quatro matérias, três pautavam esse assunto; enquanto no *Diário Online*, das 18, metade delas abordavam a vida dos famosos.

Sobre a maior parte de conteúdos dos sites de redes sociais que pautam os portais de notícia estudados, coincide a afirmação de Brambilla (2013) sobre as trivialidades postadas por celebridades serem transformadas em notícias. A autora afirma ainda que o papel do jornalista envolve essas informações: monitorar as redes em busca de notícia para selecionar o assunto de interesse do público dos veículos. Segundo Rodrigues (2010), os meios de comunicação tradicionais também se pautam a partir das publicações dos portais de notícias que selecionam conteúdos disponibilizados pelos usuários dos sites de redes sociais.

Nesse sentido, ressaltam-se as mudanças nas linhas editoriais abordadas, que para Aroso (2013), influenciam no conteúdo das postagens nos portais. O *Diário Online*, por exemplo, segundo Darwich (2011), sempre exaltou o orgulho de dar vez e voz aos seus usuários e possui um caráter mais popular, apostando em conteúdos sobre entretenimento. Desta forma, compreende-se a quantidade de matérias pautadas por meio de sites de redes sociais com caráter mais popular ser muito maior que as do outro portal.



Diante das informações coletadas, pode-se verificar, de forma clara, a diferença entre as linhas editoriais dos dois veículos de comunicação. Pode-se entender o perfil mais politizado do grupo *O Liberal*, quando Silva e Filho (2011) afirmam que os conteúdos dos veículos do grupo eram mais voltados para a elite, classe A e B, por isso, conteúdos mais populares, como a divulgação de informações sobre a vida de celebridades, seriam mais característicos do grupo RBA, por ser mais popular entre as classes C, D e E. Percebe-se essa característica, inclusive, na análise das matérias. Para exemplificar, aborda-se uma matéria do portal *O Liberal* sobre celebridades, a qual apresenta uma *hashtag* #meuídolonãofeminicida como uma manifestação social e não somente por ser uma notícia sobre uma celebridade. Diferentemente do portal *Diário Online*, por exemplo, os assuntos sobre celebridades envolvem mais a vida pessoal dos artistas, como notícias de traição, nascimento de filhos, brigas, entre outros assuntos.

Nesse sentido, segundo Castro e Cunha (2016), as empresas têm buscado por novas estratégias que atendam às demandas do público. Esse é outro fator que indica qual linha editorial, quais postagens, qual o interesse do público que utiliza os portais. O que demonstra que os portais não utilizam, necessariamente, a autocomunicação de massa (CASTELLS, 2015), mas sim o que se aproxima mais de uma estratégia mercadológica das empresas.

No segundo lugar dos assuntos que mais pautaram os portais está o esporte, especialmente, futebol. Foram quatro matérias no total. Destaca-se uma delas, em especial, pelo motivo que pautou a matéria do portal *Diário Online*: um determinado jogador começou a seguir o perfil do Paysandu no Instagram, e a partir dessa ação, começaram as especulações sobre a contratação do mesmo, após uma publicação em que anunciava a saída do seu antigo time.

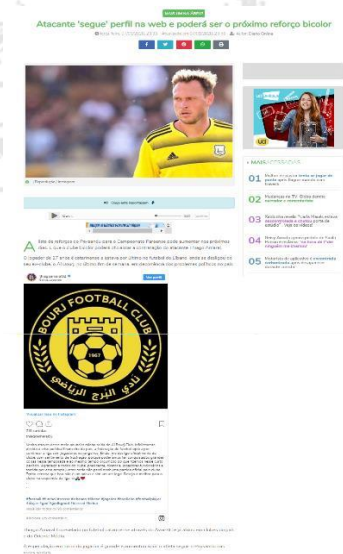
Figura 1: Matéria de
Diário Online do dia 07/01/2020.

Figura 2: Matéria de
O Liberal do dia 10/01/2020

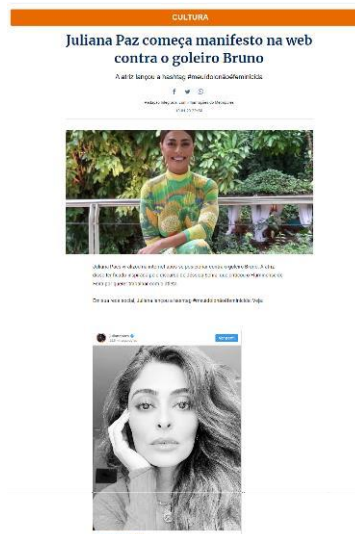


VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES



Fonte: *Diárioonline.com.br*



Fonte: *Oliberal.com*.

O portal *Diário Online* ainda apresentou uma pauta sobre um vídeo de um assassinato que circulou no Facebook, um cultural e três vídeos que viralizaram sobre casos inusitados. Essa transformação de posicionamento originou novas possibilidades de interação com o público, seja por meio de comentários, blogs, fóruns, envio de informações, entre outros. Um dos aspectos que chamaram a atenção na pesquisa é que os dois portais apresentam espaço para comentários após cada notícia, entretanto, no portal *O Liberal* os comentários são liberados e publicados sem mediação, enquanto no portal *Diário Online*, há um pré-cadastro para que o usuário possa comentar. Ele precisa preencher o nome completo, e-mail e ler e concordar com um Termo de Uso e Política de Privacidade.

A partir da coleta e análise das 153 matérias, identificamos, no total, 20 comentários no portal *O Liberal* e nenhum comentário no portal *Diário Online*, o que se pode indicar que a burocratização do processo para a realização de um comentário prejudica a interatividade dos usuários que utilizam o referido portal.

É importante ressaltar, também, que de acordo com Recuero (2011), as mídias tradicionais eram responsáveis pelo agendamento de notícias, filtragem, seleção, apuração, etc. Entretanto, a comunicação digital ganhou força e os usuários, por meio dos sites de redes sociais, ganharam espaço. A partir da



análise realizada, pode-se compreender a função dos sites de redes sociais como complementares ao trabalho do jornalista, com base em Bruns (2005). As redes atuam de forma colaborativa em relação à produção de notícias, mesmo que não sejam focadas no caráter social do jornalismo e mesmo que não sejam enquadradas dentro dos valores notícia tradicionais do texto jornalístico.

Assim, verificam-se as relações de poder, entre usuários, por meio de sites de redes sociais, e os portais de notícias paraenses, demonstrando o poder dinâmico, de forma positiva (FOUCAULT, 2001) diante da grande mídia. O que Castells (2007) pode considerar como contra poder nesta análise: a manifestação de liberdade dos usuários pautando os veículos, que alteram as relações de poder e se fazem resistência diante das grandes corporações (PRIMO, 2013).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de analisar de que maneira os sites de redes sociais pautam os portais de notícia da capital paraense: *O Liberal* e *Diário Online*, a partir da discussão sobre a descentralização do poder da grande mídia, essa pesquisa, de abordagem qualitativa, combinou-se as seguintes técnicas: pesquisa bibliográfica, coleta de dados e análise de conteúdo.

Esta análise indicou algumas contribuições interessantes para o campo jornalístico. Destaca-se que a participação de conteúdos produzidos por usuários, por meio de publicações em sites de redes sociais não são, necessariamente, a autocomunicação, no sentido de Castells (2015), mas aproxima-se de uma estratégia de mercado das empresas.

Os dois portais prometem e incentivam a cultura participativa, por meio da utilização de sugestão dos usuários para a construção das matérias noticiosas, entretanto, entre as 153 matérias coletadas, nenhuma apresentava essa característica, com efetiva participação (AROSO, 2013). Observa-se que a linha editorial de cada veículo influencia todo o processo. Os interesses das grandes redes de comunicação, segundo Castells (2015), têm peso na definição de algumas



políticas mais cautelosas em relação a essa participação.

No portal *Diário Online*, há uma incidência significativa de conteúdos produzidos a partir de informações de usuários publicadas em sites de redes sociais, representando 20% das matérias selecionadas, o que demonstra a descentralização do poder das grandes mídias, diante do contexto estudado. No portal *O LIBERAL*, das 63 matérias coletadas, apenas quatro foram pautadas por sites de redes sociais, o que representa, em média, 0,57 matérias publicadas por dia de pesquisa.

O debate em torno da descentralização do poder da grande mídia, da cultura participativa e das redes sociais são um campo em plena construção do jornalismo, especialmente, no que se refere aos embates nas relações de poder, entre empresas de comunicação e os usuários.

REFERÊNCIAS

AROSO, Inês Mendes Moreira. As redes sociais como ferramentas de jornalismo participativo nos meios de comunicação regionais: um estudo de caso. In Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2013. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/aroso-ines-2013-redes-sociais-ferramenta-jornalismo.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

BARDIN, Laurence (2006). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BRAMBILLA, Ana Maria. Jornalismo colaborativo nas redes sociais: peculiaridades e transformações de um modelo desafiador. In: PRIMO, Alex. (Org.). *A internet em rede*. Porto Alegre, Sulina, 2013.

BRITTOS, Valério; GASTALDO, Edison. Mídia, poder e controle social. In: Revista ALCEU. Rio de Janeiro, v.7. 2006. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc.rio.br/media/alceu_n13_Brittos%20e%20Gastaldo.pdf. Acesso em 20 dez 2012.

BRUNS, Axel. *Gatewatching: Collaborative Online News Production*, New York: Peter Lang. CARDOSO, Gustavo, ESPANHA, Rita, ARAÚJO, Vera (Org.). *Da Comunicação de Massa à Comunicação em Rede*. Porto: Porto Editora, 2005.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede. A era da informação: economia,*



sociedade e cultura. V. 1, 10^a ed. Tradução: Roneide Venancio Majer. Atualização: Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CASTELLS, Manuel. O poder da comunicação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CASTRO, Mariana Costa; CUNHA, Elaide Martins. O Bom Dia Pará e a participação do público na construção da narrativa jornalística, 2016. Disponível em <http://www.eavaam.com.br/anais/anais/2016/38.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. S. Paulo: Cortez, 2000.

DARWICH, Cláudio. Diretor Executivo do Portal Diário Online, Entrevista (agosto de 2011). In: SILVA, William; FILHO, Paulo. A Análise Comparativa Entre os Portais de Internet dos Maiores Grupos de Comunicação do Pará: Portal ORM e Portal Diário OnLine. Faculdade Internacional de Curitiba, 2011.

FORD, Sam; GREEN Joshua; JENKINS, Henry. Cultura da Conexão: criando valor e Significado por Meio da Mídia Propagável. 1a ed. São Paulo: Aleph, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**. Édition Établie sous la direction de Daniel Defert. Collaboration de Jacques Lagrange, Vol. I et II. Paris. Q. Gallimard, 2001.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRAGOSO, Suely. RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

JENKINS, Henry. 2009. Cultura da convergência. São Paulo, Aleph.

JESUS, Gabriela; ARAÚJO, Wellington; CARVALHO, Carmen. Internet e redes sociais: Jornalismo no meio digital. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0820-1.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2020.



PRIMO, Alex. Interações em rede. Porto Alegre: Sulina, 2013.

SILVA, Letícia Flávia. "Webjornalismo Colaborativo ou Culto ao Amador?" in Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC), 2011. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-leticia-webjornalismo-colaborativo-ou-culto-ao-amador.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2020.

SHIRKY, Clay. A cultura da participação. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

SHIRKY, Clay. Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In SOSTER, D.; SILVA, F.F. (Orgs.) *Metamorfoses Jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul. EDNISC, 2009a.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009b.

RECUERO, Raquel. Deu no Twitter, alguém confirma? Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais. In: Anais do congresso da SBPJor. Rio de Janeiro, 2011.

RODRIGUES, Catarina. Redes sociais: novas regras para a prática jornalística?. Universidade da Beira Interior, 2010.

Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/fc35/e6756ff467c52849e8b1cd1ce85844cd68d4.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2020.

SILVA, William; FILHO, Paulo. **A Análise Comparativa Entre os Portais de Internet dos Maiores Grupos de Comunicação do Pará: Portal ORM e Portal Diário On Line**. Faculdade Internacional de Curitiba, 2011.

SOUSA, Maira Evangelista. **Jornalismo digital no Pará: análise do Portal ORM, do Portal Cultura e do Diário do Pará**. TCC (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

TERRA, Carolina Frazon. Mídias Sociais... e agora?: O que você precisa saber para implementar um projeto de mídias sociais. 1ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2011.

THOMPSON, John. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 15.^a



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELACE DE SABERES

ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

ZAGO, Gabriela Silva. Informações jornalísticas no Twitter: redes sociais e filtros de informações. In: III Simpósio da ABCiber, São Paulo, SP, 2009.



IDENTIDADE SINDICAL NA PANDEMIA: A RELEVÂNCIA DIGITAL DO SINDMEPA DURANTE A CRISE DO NOVO CORONAVÍRUS⁴²

Diego Duarte Borges⁴³

Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira⁴⁴

Resumo: A pandemia do novo Coronavírus tomou de assalto as entidades sindicais brasileiras, que de uma hora para outra, se viram lidando novos problemas e questionamentos em uma disputa diária para firmar sua relevância em um inexplorado espaço público: O ambiente digital. Na linha de frente dessa discussão encontra-se a classe médica, atacada e exaltada em diversas frentes enquanto luta por melhores condições de trabalho, por reconhecimento e essencialmente para ser ouvida enquanto traz à tona questionamentos necessários para o bem-estar público. Este artigo visa analisar a atuação do Sindicato dos Médicos do Pará no ambiente digital durante os primeiros meses da pandemia, mapeando seu crescimento, alcance e acima de tudo, relevância.

Palavras-chave: Covid 19. Coronavírus. Internet. Pandemia. Classe Médica.

UNION'S IDENTITY IN PANDEMIA: THE DIGITAL RELEVANCE OF SINDMEPA DURING THE NEW CORONAVIRUS CRISIS

Abstract: The new Coronavirus pandemic assaulted Brazilian union entities, who suddenly found themselves dealing with new problems and questions in a daily dispute to prove their relevance in an unexplored public space: The digital environment. At the forefront of this discussion is the medical profession, attacked and exalted on several fronts while fighting for better working conditions, for recognition and essentially to be heard while bringing up questions necessary for public well-being. This article aims to analyze the performance of the Pará Doctors' Union in the digital environment during the first months of the pandemic, mapping its growth, reach and above all, relevance.

Keywords: Covid 19. Coronavírus. Internet. Pandemic. Medical Class.

⁴²Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Jornalismo e Tecnologias Digitais do VII CONFLUÊNCIAS ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES, realizado na Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém, Pará, de 20 a 21 de outubro de 2020.

⁴³ Graduado em Comunicação Social pela Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA) Pós-Graduado em Marketing pela Universidade Estácio de Sá Mestre e Doutorando em Comunicação, Linguagens & Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA).

⁴⁴ Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU/ NAEA / UFPA). Professora do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA) e dos cursos de Jornalismo e Publicidade da Universidade da Amazônia (UNAMA).



IDENTIDAD SINDICAL EN PANDEMIA: LA RELEVANCIA DIGITAL DE SINDMEPA DURANTE LA CRISIS DEL NUEVO CORONAVIRUS

Resumen: La nueva pandemia de Coronavirus se ha apoderado de las entidades sindicales brasileñas, que de repente se encontraron lidiando con nuevos problemas y preguntas en una disputa diaria para establecer su relevancia en un espacio público inexplorado: el entorno digital. En la vanguardia de esta discusión está la profesión médica, atacada y exaltada en varios frentes mientras lucha por mejores condiciones laborales, por el reconocimiento y esencialmente por ser escuchada mientras plantea interrogantes necesarios para el bienestar público. Este artículo tiene como objetivo analizar el desempeño del Sindicato de Médicos de Pará en el entorno digital durante los primeros meses de la pandemia, mapeando su crecimiento, alcance y sobre todo, relevancia.

Palabras-clave: Covid 19. Coronavirus. Internet. Pandemia. Clase médica.

1 INTRODUÇÃO

Fundado em 1931 o *Sindicato Médico Paraense* serviu de embrião do que viria a se tornar, quase uma década depois, a *Associação Profissional dos Médicos do Pará*, que só teve essa definição por conta da legislação de 1939, que afirmava que para fundar um Sindicato havia a exigência de existir antes uma Associação profissional. A Associação permanece desativada até 1979 para virar o *Sindicato dos Médicos do Pará* (SINDMEPA) alguns anos depois, em 1981 ⁴⁵. Dois anos antes do próprio surgimento da internet, em primeiro de janeiro de 1983.

Por se tratar de uma entidade de classe que reúne e agrega interesses de uma única categoria, a evolução da comunicação sindical para as redes sociais parecia ser um caminho obvio já que elas são verdadeiras metáforas para a estrutura dos agrupamentos sociais (RECUERO; BASTOS; ZAGO. 2015) e

⁴⁵ Disponível em: <https://www.sindmepa.org.br/sindmepa/historia/>. Acesso em 15 de julho de 2020.



capazes não só agregar informações como de identificar qual nicho virtual com maior pré-disposição em consumi-las, como definiram de Paula e Hessel:

As redes sociais (sobretudo o Facebook e o Instagram), as redes geosociais (em especial os aplicativos de relacionamentos) e os mensageiros instantâneos (como o Whatsapp e o Messenger) têm atualmente destaque entre essas comunidades, e parecem abrigar flancos e nichos virtuais que fazem aflorar distintas nuances do sujeito em si. (DE PAULA; HESSEL. 2018. p121)

A importância desse novo espaço público para as manifestações sindicais fica ainda mais evidente ao analisarmos as redes sociais no contexto da pandemia de Covid-19 onde elas se tornam traduções dos espaços *off-line* dos indivíduos, de suas conexões sociais (RECUERO; BASTOS; ZAGO. 2015), do lugar onde buscam informações, conforto, apoio e lugar de fala. Nas figuras abaixo fizemos o cruzamento da palavra “sindicato” com os nomes das duas principais redes sociais atuantes no Brasil, o *Facebook* e o *Instagram*.

Figura 1: Pesquisa Google da relação entre Sindicato e Facebook



Fonte: Pesquisa do Autor. Acesso em 20 de agosto de 2020.

Figura 2: Pesquisa Google da relação entre Sindicato e Instagram



Fonte: Pesquisa do Autor. Acesso em 20 de agosto de 2020.



A pesquisa acima não representa o total de sindicatos que usam as redes sociais, mas revela um dado importante: A quantidade de vezes que a palavra “sindicato” é usada junto com os termos Facebook e Instagram. Isso mostra não apenas a presença constante na rede, mostra que as formas de complexas relações de comunicação no mundo mudaram. O mundo permanece em perene e cada vez mais acelerada mudança (LOUREIRO. 2020) o que reforça a necessidade da presença acima mencionada, já que além das ações dos sindicatos também apresenta as menções diárias aos termos e a procura por eles, o que foi potencializado durante a pandemia do novo Coronavírus que além de isolar as pessoas em casa também fechou empresas, fazendo com seus empregados recorressem a as redes sociais como lugar para depositar suas angustias e trazer visibilidade aos problemas de toda uma categoria já que retirar um assunto da invisibilidade e leva-lo a público permite, partilhar a realidade. (VICTOR GUERRA.2018. p108).

A estratégia está amparada no entendimento de que, por meio da visibilidade, é possível influenciar a formação da opinião pública, com a qual vislumbra-se pressionar os políticos e governantes para a formulação de políticas públicas humanitárias. (VICTOR, GUERRA.2018. p107). O trabalho que realizei no sindicato como gestor de mídias sociais desde 2018 me permitiu desenvolver o presente artigo, que busca compreender a maneira pela qual o sindicato dos Médicos do Pará desenvolveu ações de comunicação por meio de plataformas digitais e o que este fato suscitou na criação de uma nova condição de alcance de públicos, bem como de interação com seus associados.

2 PRIMEIRO CONTATO

É inegável que em tempos de pandemia e distanciamento social a chamada cultura das lives se tornou não apenas uma alternativa viável, mas um caminho natural para artistas, marcas, influenciadores e empresas continuarem em contato com seu público-alvo que, de uma hora pra outra, se viu incapacitado



de consumir seus produtos ou conteúdo de forma presencial. A *live* se tornou uma necessidade global, como bem atestam Raposo e Terra (2020): ⁴⁶

De djs à alta cúpula da igreja católica, passando por cantores de prestígio nacional e mundial, assistimos agora a uma midiatização compulsória de nossas vidas transmitidas pelo digital e fomentada pelas regras de distanciamento e isolamento social para combate ao espalhamento da COVID-19. (RAPOSO; TERRA. 2020).

Meses antes de se falar *em isolamento social obrigatório* o SINDMEPA saiu na frente e promoveu a primeira *live* para se falar do ainda desconhecido Coronavírus. O evento aconteceu no dia 06 de fevereiro de 2020, porém o primeiro anúncio de que seria uma live aconteceu três dias antes e foi visto por 687 pessoas, como mostram as figuras a seguir:

⁴⁶ RAPOSO, J; GUERRA; C. Como o conteúdo ao vivo se tornou estratégia de sobrevivência, relacionamento e influência na pandemia. Proxima. Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.proxima.com.br/home/proxima/how-to/2020/05/15/como-o-conteudo-ao-vivo-se-tornou-estrategia-de-sobrevivencia-relacionamento-e-influencia-na-pandemia.html>. Acesso em 20 de julho de 2020.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

Figura 5: Post da Live no Instagram



Fonte: www.instagram.com/sindmepa.
www.facebook.com/sindmepa
Acesso em 10 de março de 2020.

Figura SEQ Figura 1* ARABIC 3:
Post da Live no Facebook



Fonte:
Acesso em 10 de março de 2020.

No dia da *live*, que contou com a presença de jornalistas, profissionais de saúde e público em geral, a presença online foi de 576 pessoas, quase seis vezes a lotação do auditório da casa. Um resultado positivo se considerar que esta foi a primeira iniciativa do gênero da história do sindicato e a primeira *live* sobre o Coronavírus do Pará, que foi realizada no Facebook por dois motivos: Por concentrar a maior parte do público-alvo do sindicato e porque:

O Facebook passou a permitir a transmissão de vídeos em tempo real, incluindo a possibilidade de realizar transmissões ao vivo dentro de grupo. Além de interagir com quem está transmitindo o vídeo, os espectadores podem demonstrar suas impressões por meio de botões animados de “reações” (CAMPANELLA; DE ALMEIDA. 2018. p, 26).



Figura 6: Cobertura da primeira live do Sindmepa



Fonte: www.facebook.com/sindmepa. Acesso em 17 de março de 2020.

Criadores de conteúdo e marcas possuem fortes laços de confiança com suas comunidades e podem atuar como grandes parceiros das marcas durante períodos de crise, como a da pandemia do Coronavírus (RAPOSO; TERRA. 2020). Foi com base nesta confiança adquirida que antes mesmo de começarem a se proliferar pela internet informações verdadeiras ou não sobre o Covid-19, a ação seguinte do sindicato foi tirar dúvidas e desmitificar conceitos em relação a nova doença, buscando parcerias com hospitais e corpo médico especializado.

A comunicação precisava ser direta, clara e acima de tudo passar a mensagem correta já que cada vez mais as tecnologias instigam o posicionamento, a expressão de opiniões, argumentos, valores e impressões dos indivíduos. (CAMPANELLA; DE ALMEIDA. 2018. p.27). Tudo era uma questão de firmar sua credibilidade com o que estava sendo passado enquanto ajudava a tornar pública a necessidade de se “falar” sobre o novo Coronavírus, de inclui-lo no ciclo de vida da opinião pública, como explicam Victor e Guerra (2018):



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

Esse ciclo, cujo cerne está na formação da esfera pública, na sua concepção habermasiana, tem início com a circulação de informações, ou seja, com a partilha da realidade. A partir da circulação de informações dá-se início ao processo de agendamento das conversas cotidianos, majoritárias, e não exclusivamente, pelos meios de comunicação, até formar a opinião pública, á qual competirá a responsabilidade da pressão política para, por exemplo, intervir na realidade do tema em foco. (VICTOR; GUERRA. 2018. p, 109).

Nas figuras abaixo, observam-se as primeiras iniciativas do SINDMEPA de formar esse círculo.

Figura 9: Post de sintomas e prevenção



Fonte: www.instagram.com/sindmepa
Acesso em 10 de setembro de 2020

Figura SEQ Figura 1* ARABIC 7: Divulgação



Fonte: www.instagram.com/sindmepa
Acesso em 10 de setembro de 2020.

Figura SEQ Figura 1* ARABIC 10:

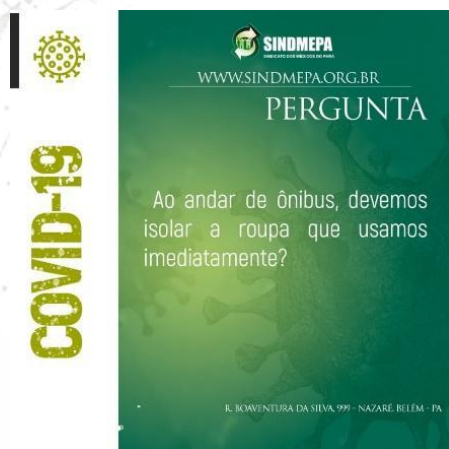
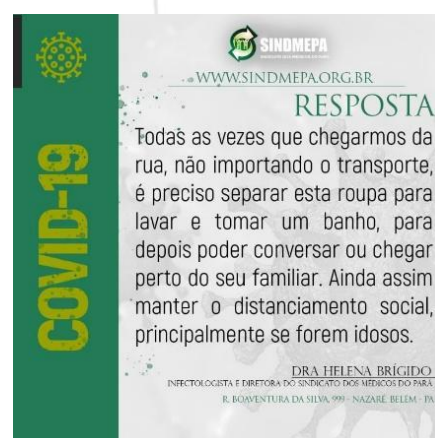


Figura SEQ Figura 1* ARABIC 12:





3 O PRIMEIRO “BOOM”

A riqueza da internet como campo e ferramenta de pesquisa é em grande parte derivada do fato de que tantas informações e registros sobre a vida social estão disponíveis online (FRAGOSO; RECUEDO; AMARAL. 2016) e em uma situação pandêmica esse fluxo de informação todo usuário tem sua opinião a dar e a comunicação ainda mais assertiva se o número de sites, blogs e perfis criados e ou transformá-la em ferramenta política. Uma vez mais fértil e luta para conseguir relevância e visibilidade era constante. Raposo e Terra (2020) entenderam essa luta ao afirmar que:



Diante de um cenário de busca incessante pela visibilidade digital, as marcas e artistas são estimulados a fazerem uso de narrativas voláteis (como as *lives*) com seus públicos para criar laços sociais via plataformas da rede. Elas exploram novos recursos, replicam fórmulas pré-definidas, estabelecem conexões, fazem testes e negociam novas possibilidades de linguagens comunicacionais (RAPOSO; TERRA. 2020).

Ao compararmos gráficos de acesso, alcance e engajamento da página do SINDMEPA no Facebook em fevereiro de 2020 com os de março do mesmo ano fica claro esse repentino interesse pelo conteúdo:

Figura 16: Alcance e engajamento Fev/20



Figura 14: Alcance e engajamento Mar/20



O vertiginoso alcance nas publicações da página do Sindicato desde o primeiro mês de combate a pandemia é facilmente explicado quando olhado pelo prisma do algoritmo da internet, haja vista que é de conhecimento geral o fato de que quanto mais se procura determinado tipo de conteúdo mais a internet entrega conteúdo orgânico e patrocinado relacionado ao mesmo tema: O medo da nova doença fez com que as pessoas buscassem maiores informações e a internet se encarregou de entregar estas informações a elas. Paula Sibilia (2016) nos falou do impacto destas novas formas de se ter acesso à informação:

Seria vão menosprezar a influência que esses novos artefatos – cada vez mais utilizados para escrever, ler, pensar e comunicar – estão exercendo na maneira como que escrevemos, lemos, pensamos e nos comunicamos. Os textos eletrônicos, que se deslizam pelas telas dos computadores, muitas vezes pontilhados de sons e imagens fixas ou em movimento, instauram novos hábitos e práticas; e isso tanto para os autores quanto para os leitores (SÍBILIA. 2016. p, 65).

Outro fato a se observar aconteceu no Instagram que mostrou em sua média semanal uma diferença 300% entre as contas alcançadas (usuários únicos) e as impressões (visualizações em geral). O que comprova a fidelidade do público atingido que retornava ao perfil sempre que eram postadas informações novas.



Figura 17: Média semanal de acessos no Instagram, Mar/20



Alcance 2.467

+511 vs. mar 16 - mar 22

Impressões 7.307

+1.410 vs. mar 16 - mar 22

Fonte: Relatório cedido pela Amazona Digital. Acesso em 17 de março de 2020.

Todo o dia a dia da comunicação era pensado de uma forma que gerasse um conteúdo participativo já que a participação do sujeito na construção do conteúdo expandido é fundamental para a polarização da narrativa e a estratégia desenvolvida nas redes sociais do SINDMEPA foi criada para fazer com que a informação viraliza-se. Abaixo alguns exemplos desse conteúdo e da forma que foi abordado no período:



Figura 13: Chamada de atenção Mar/20



Fonte: www.instagram.com/sindmepa
Acesso em 17 de março de

Figura 14: Pedido de apoio a comunidade Mar/20



Fonte: www.instagram.com/sindmepa
Acesso em 17 de março de 2020.

4 VIVENDO O LUTO NO AMBIENTE DIGITAL

Em tempos de pandemia o distanciamento social levou as pessoas a passar a maior parte do seu tempo na internet e o isolamento surge como o principal catalizador de um certo vazio existencial exclusivo da sociabilidade no território digital (DE PAULA; HESSEL.2018). Este sentimento foi mais visível no mês de abril em virtude das denúncias envolvendo hospitais, condições de trabalho e ao aumento no óbito dos profissionais de saúde, vitimados pelo novo Coronavírus. Estes dois tipos de publicação tomaram a esmagadora maioria do conteúdo do SINDMEPA em abril de 2020. Foi neste período que o Sindicato criou um canal exclusivo para denúncias de médicos que estivessem na linha de frente.

A seguir, exemplos dos conteúdos com maior destaque



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELACE DE SABERES

Figura 15: Denúncia sobre hospitais de campanha



Fonte: www.instagram.com/sindmepa
Acesso em 20 de agosto de 2020.

Figura 16: Nota de pesar



Fonte: www.instagram.com/sindmepa
Acesso em 20 de agosto de 2020.

Figura 17: Divulgação de resultados



Fonte: www.instagram.com/sindmepa
Acesso em 20 de agosto de 2020.

Figura 18: Lançamento do portal de denúncias



Fonte: www.instagram.com/sindmepa
Acesso em 20 de agosto de 2020.

O agravamento da pandemia, local e globalmente, fez com que as redes sociais do SINDMEPA não só se tornassem fonte de informação como responsável por gerar informações em outros meios, representando a opinião pública e sua relação com a categoria médica. Recuero, Bascos e Zago (2015) entenderam o papel das redes sociais nesse processo ao afirmar que:



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELACE DE SABERES

Os sites de redes sociais, com isso, podem ser compreendidos como elementos ampliadores da esfera pública que proporcionam um espaço onde, além de socialização, os atores podem expressar e reproduzir opiniões políticas e ideias que contribuem para o debate público. (RECUERO; BASTOS; ZAGO. 2015. p, 35).

Com isso o crescimento pelo interesse da comunicação digital do SINDMEPA continuou crescendo como mostra o comparativo entre março e abril de 2020 no Facebook e a média semanal de crescimento do Instagram.

Figura 19: Alcance e engajamento em Mar/20



Fonte: Relatório cedido pela Amazona Digital
Acesso em 17 de março de 2020.

Figura 20: Alcance e engajamento em Abri/20



Fonte: Relatório cedido pela Amazona Digital
Acesso em 17 de abril de 2020.

Figura 21: Crescimento semanal do Instagram em Abri/20



Fonte: Relatório cedido pela Amazona Digital; Acesso em 17 de abril de 2020.



Ainda nos estágios iniciais da pandemia diretoria do Sindicato dos Médicos adaptou seu atendimento e suas reuniões para o ambiente virtual dando acesso aos associados a todas as reuniões online de Diretoria, mantendo a Diretoria Colegiada funcionando e realizamos Assembleias virtuais para atender até mesmo demanda dos médicos do interior do estado. Abaixo um dos cards de atendimento postado constantemente durante a pandemia.

Figura 22: Atendimento online sete dias por semana



Fonte: www.instagram.com/sindmepa
Acesso em 17 de agosto de 2020.

5 CONTEÚDO CONSTANTE, INTERAÇÃO CONSTANTE

Padovani e Nesteuriuk (2018) definem a premissa do ativismo como estando calcada na produção de engajamento para a organização de ações que possam provocar mudanças e / ou incitar questionamentos sobre as mais diversas pautas e a produção de engajamento é basicamente o que norteia as ações da comunicação via redes sociais, ainda mais em tempos de pandemia e isolamento social onde nossa busca por informação é constante e compreender o mundo através das redes ganhou importância com a revolução da mídia social, que absorveu bilhões de pessoas. (RECUERO; BASTOS; ZAGO. 2015).

E foi justamente a busca pela compreensão e acesso à informação que motivou a ação seguinte, a divulgação de conteúdo constante e atualizado sobre



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

o Coronavírus, na forma de artigos diários que eram postados de segunda a sexta, sempre no mesmo horário, que levaram ao pico de acesso diário, como mostram as figuras a seguir:

figura 23: dados de número de *simpósio de trabalho – saberes e fazeres curriculares interculturais em espaços escolares e não escolares* acessos / horário



Fonte: Relatório cedido pela Amazona Digital. Acesso em 17 de março de 2020.

Figura 24: Post diário de Atualizações sobre a Covid-19



Fonte: www.instagram.com/sindmepa.
Acesso em de junho de 2020.



Outro ponto que merece destaque foi a criação do podcast *SINDMEPA Expresso*, um programa semanal gravado pela diretoria do Sindicato que fica online toda segunda-feira para comentar as notícias da semana, humanizando o contato do associado com a diretoria enquanto a aproxima dos seguidores das páginas. Riga (2020) ⁴⁷definiu o formato o papel dos podcasts durante a pandemia:

Os podcasts, programas em áudio distribuídos nas plataformas de streaming para música, têm características bem definidas pelo mercado: alto nível de reprodução em dispositivos móveis, retenção acima de 60% e consumo realizado principalmente no trajeto entre casa e trabalho. A pandemia do novo coronavírus (Sars-Cov-2), no entanto, trouxe não só mudanças para quem produz, mas também para os ouvintes do formato (RIGA. 2020, s/p).

O podcasting é cada vez mais o modo como as pessoas passam o tempo, tentando se educar e ficar mais inteligentes, em um momento em que as pessoas estão sozinhas (GRUNDMANN, 2020) e o *SINDMEPA Expresso* vem nesta linha, direcionando a comunicação para a categoria médica mas com linguagem acessível a quem não pertence à classe. O site Mundo Podcast (2020) ⁴⁸explica a necessidade dessa relação:

E justamente porque agora coexistimos em um sistema em que o fluxo de comunicação é praticamente imediato devido à ascensão e perfeição da era digital e das redes sociais, é que se torna ainda mais importante que a mídia – sejam elas de grandes empresas ou comunicadores independentes – saiba como transmitir sua mensagem ao maior número de pessoas possível (MUNDO PODCAST. 2020, s/p).

⁴⁷ RIGA, M. Podcasts se reinventam com isolamento e miram novos públicos. Terra. Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/inovacao/podcasts-se-reinventam-com-isolamento-e-miram-novos-publicos,f4cae863561e10943a2123471a7553e81yz7s1dj.html>. Acesso em 20 de julho de 2020.

⁴⁸ MUNDO PODCAST. Como o mercado de podcast está sendo afetado pela pandemia. Mundo Podcast. Brasil, 2020. Disponível em: <https://mundopodcast.com.br/noticia/como-o-mercado-de-podcasts-esta-sendo-afetado-pela-pandemia/>. Acesso em 22 de julho de 2020.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

Abaixo um exemplo de distribuição do *SINDMEPA Expresso*, que tem esse projeto gráfico para fazer alusão a hora do café da tarde, quando ele vai ao ar semanalmente:

Figura 25: Sindmepa Express



Fonte: www.facebook.com/sindmepa. Acesso em 10 de setembro de 2020.

6 CONEXÕES REAIS

Outro fator analisado envolve a estratégia de envolvimento e engajamento com os seguidores, e a criação de uma comunidade real que, potencializada pela pandemia e pelo distanciamento social, evoca o atual imperativo da conexão, por exemplo, tão pregnante em tempos de redes sociais na internet e aparelhos moveis de comunicação, responde a demanda pelo traspassamento de tais barreiras espaciais. (SIBÍLIA. 2015).

E foi justamente como forma de traspassar essas barreiras que o *SINDMEPA* adaptou sua programação semanal de filmes e shows para o ambiente virtual, dando dicas de filmes e fazendo transmissões de shows musicais online no formato de *lives* no Instagram, como nos exemplos abaixo:



VII CONFLUÊNCIAS

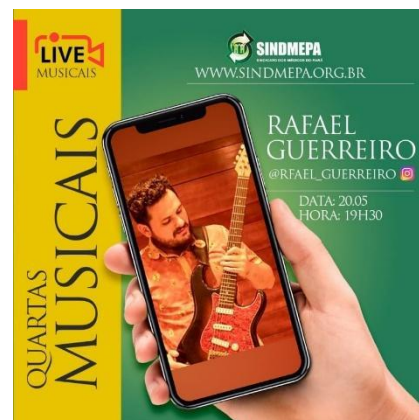
ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

Figura 26: Primeiro Cineteatro em Casa



Fonte: www.instagram.com/sindmepa.
Acesso em 17 de agosto de 2020.

Figura 27: Live das Quartas Musicais



Fonte: www.instagram.com/sindmepa.
Acesso em 17 de agosto de 2020.

Dessa forma a comunicação do SINDMEPA atinge não apenas a classe médica, ela contribui com a saúde mental da sua comunidade, gerando conteúdo de qualidade e significativo para quem está isolado em casa, assumindo o poder e a responsabilidade que vem com ele enquanto sai na frente em relação a outras instituições do gênero, como bem afirmou Raposo e Terra (2020) quando disse que sai na frente quem reaprende a trabalhar sua comunicação aliando habilidades como agilidade, empatia, confiança, novos formatos e conexão de real valor às marcas no contexto da pandemia e do isolamento social (e depois dele), seja via *lives* ou não.

E para aumentar ainda mais essa relação de influência e confiança da comunidade em sua relação com o Sindicato a ação seguinte foi a criação de uma atendente virtual, uma inteligência artificial criada para atender as demandas do dia a dia da página do facebook, tirando dúvidas e mediando as demandas dos seus seguidores com os setores responsáveis.

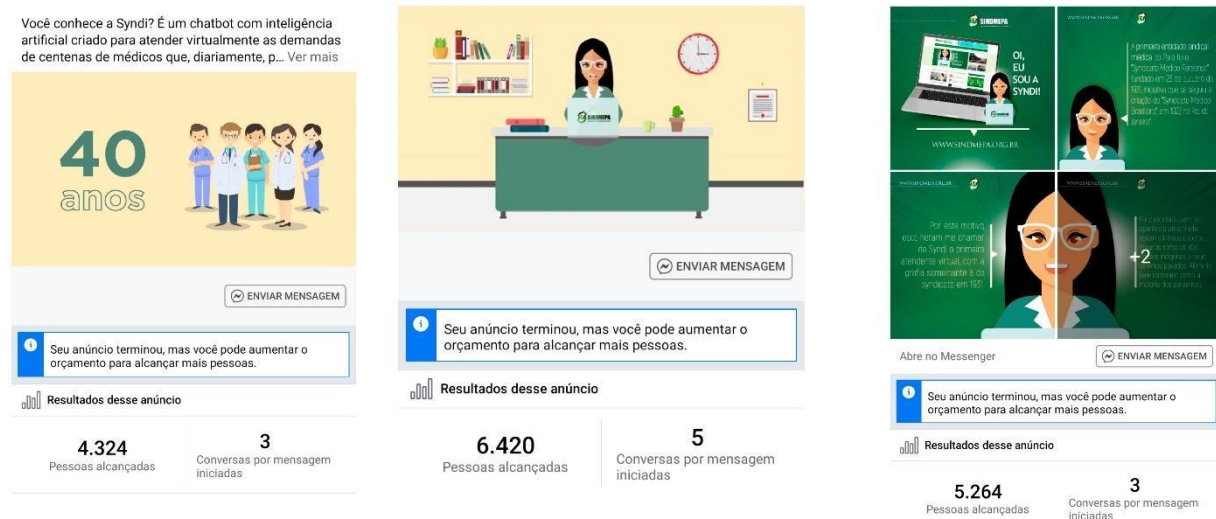
A estratégia de lançamento da Syndi, a inteligência artificial do SINDMEPA envolveu suas redes sociais e gerou impacto nos principais jornais do estado, como mostrado abaixo:



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELACE DE SABERES

Figura 28: Dados do lançamento da Syndi nas redes



Fonte: Relatório cedido pela Amazona Digital. Acesso em 17 de agosto de 2020.

Figura 29: Matéria sobre o lançamento da Syndi no jornal O Liberal

OLIBERAL.COM 30° Belém-PA

AMAZONIA ÚLTIMAS VERÃO LIBERAL MOBILIZA CORONAVÍRUS LIBPLAY LIBLAB COLUNAS & BLOGS CONEXÃO AMZ BAGAGEM DE BOLSO ESPORTES CUL

LIBERAL FM O LIBERAL DIGITAL CLASSIFICADOS ASSINE TV LIBERAL

PUBLIEDITORIAL

Sindmepa inova e recorre à inteligência artificial para facilitar atendimento ao médico

Assistente virtual Syndi promete resolver problemas do dia a dia dos médicos e evitar aglomerações

Fonte: <https://www.oliberal.com/publi/sindmepa-inova-e-recorre-a-inteligencia-artificial-para-facilitar-atendimento-ao-medico-1.264782>. Acesso em 17 de agosto de 2020.



Figura 30: Matéria sobre o lançamento da Syndi no jornal O Diário do Pará



Fonte: <https://www.oliberal.com/publi/sindmepa-inova-e-recorre-a-inteligencia-artificial-para-facilitar-atendimento-ao-medico-1.264782>. Acesso em 17 de agosto de 2020.

7 SURGE O MEMORIAL

Um dos pontos aprendidos durante os primeiros meses da pandemia foi de que o luto antes era algo que se sofria na intimidade, porém as redes sociais em geral reverteram isso e trouxeram novamente a morte ao âmbito público. (CESARE. 2016). Esse fator se tornou muito claro quando constamos que as notas de pesar estiveram entrar as publicações com maior alcance e envolvimento durante o período da nossa análise. O passo seguinte da nossa estratégia de comunicação era criar uma ferramenta que lidasse com esse luto ao mesmo tempo em que desenvolvesse uma nova forma narrativa para honrar os colegas mortos durante a pandemia. Padovani e Nesteriuk (2018) definem a importância de lidar com essas questões complexas:

As questões sociais complexas também estão atravessadas por essa complexa ecologia de mídia e necessitam de novas formas narrativas e de plataformas que possibilitem, a um só tempo, explicá-las e criar múltiplos pontos de entrada para o engajamento dos usuários (PADOVANI; NESTEURUK. 2018. p, 217).

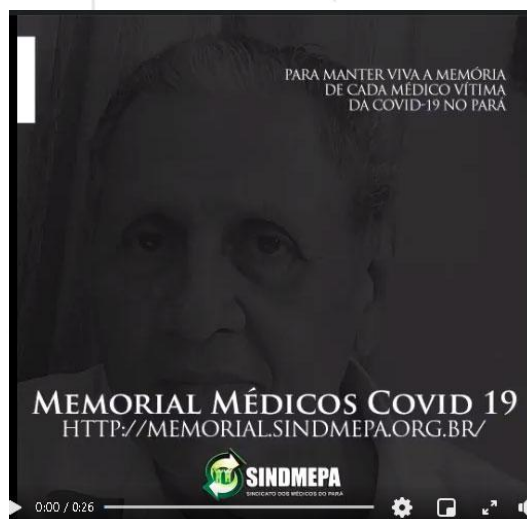


VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

Todos esses fatores foram levados em consideração na criação do *Memorial dedicado a todos os médicos e médicas do Pará vítimas da Covid-19* onde, em um esforço multiplataforma, foi lançado um portal exclusivo para honra a vida e o legado de todos os médicos paraenses vítimas do novo Coronavírus. Abaixo analisamos dados relativos à campanha de lançamento do memorial nas redes sociais e em sites de notícias.

Figura 31: Vídeo do lançamento do memorial



Fonte: www.facebook.com/sindmepa
Acesso em 17 de agosto de 2020.

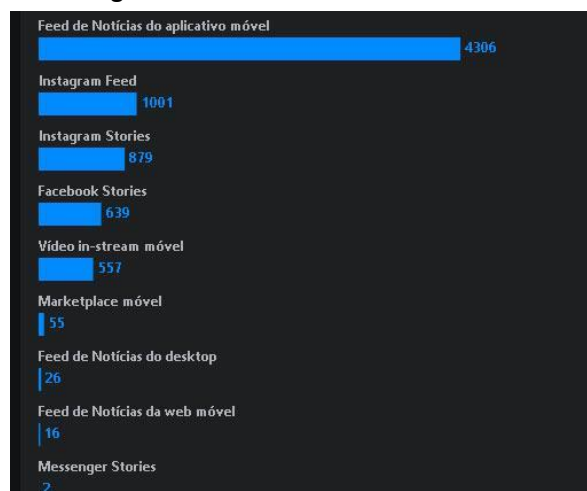


Figura 32: Relatório de engajamento do post do memorial



Fonte: Cedido pela Amazona Digital.
Acesso em 17 de agosto de 2020.

Figura 33: Relatório de alcance do memorial



Fonte: Cedido pela Amazona Digital.
Acesso em 17 de agosto de 2020.

Figura 34: Matéria sobre o memorial no site de O Liberal



Iniciativa do Sindicato dos Médicos do Pará será lançada no próximo sábado (18)

Fonte: <https://www.oliberal.com/para/memorial-virtual-homenageia-medicos-paraenses-que-perderam-a-vida-para-a-covid-19-n-1.285909>. Acesso em 17 de agosto de 2020.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

Figura 35: Matéria sobre o memorial no site do Diário do Pará



Fonte: <https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/597670/sindmepa-lanca-memorial-virtual-em-homenagem-a-medicos-vitimas-da-covid-19>. Acesso em 17 de agosto de 2020.

Com o lançamento do memorial sendo matéria no topo dos sites dos principais jornais da cidade e obtendo um alcance de sete mil, duzentos e trinta e quatro usuários diferentes só nas redes sociais do SINDMEPA até o momento em que finalizamos nosso estudo. É possível dizer que o padrão da comunicação volátil, efêmera (em tempo real), ágil, desintermediada e utilizando-se das plataformas digitais tem se consolidado como uma realidade inegável (RAPOSO; TERRA. 2020) que abre um leque de possibilidades a ser explorado no futuro, por todos aqueles que se permitirem evoluir com essa realidade, sem perder o contato com o elemento humano.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Moreira⁴⁹ (2002) há indícios de que a origem dos sindicatos seriam os colégios romanos, que foram mantidos até o ano 56 D.C e o próprio Moreira define o sindicato atual como uma “Entidade formada, em caráter

⁴⁹ MOREIRA, G. Breve estudo sobre o sindicato. Jus. Brasil, 2002. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/2781/breve-estudo-sobre-o-sindicato>. Acesso em 22 de julho de 2020.



permanente, por trabalhadores, que exerçam suas atividades a empregadores do mesmo ramo de negócio, ou empresas, que explorem o mesmo ramo econômico, cujos objetos são o estudo e a defesa dos interesses daqueles que a compõem. (MOREIRA. 2002). E é justamente sobre formas ser mais efetivo na representação e defesa de uma categoria que esse estudo de caso trata, já que:

O surgimento das novas tecnologias da comunicação e da informação (NTIC) estabeleceu uma nova lógica nos processos de produção e de difusão de conteúdo. A partir do momento em que a população adota o uso dessas novas ferramentas, ela se empodera e assume o papel de narradora de si própria – como uma alternativa aos meios tradicionais de comunicação. (CANCIAN; FALCÃO; MALINI. 2013. p, 02)

A efetividade do papel do SINDMEPA nas redes sociais durante a pandemia do novo Coronavírus deixa claro a importância de uma organização sindical evoluir a forma com que sua comunicação é feita, pois permite a ela ter o controle sua narrativa e da forma como ela é vista pela sociedade, ajudando a dar visibilidade para problemas e reivindicações da categoria médica, tornar públicos seus deveres e responsabilidades enquanto luta pelo reconhecimento do seu papel e de seus direitos.

REFERÊNCIAS

FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL, A. Métodos de pesquisa para internet. 4ª reimpressão. Porto Alegre: Sulina, 2016.

FLYNN, K. Spotify apostou em podcasts, e então a pandemia mudou o que ouvimos. CNN. Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/06/15/spotify-apostou-em-podcasts-e-entao-a-pandemia-mudou-o-que-ouvimos> . Acesso em 17 de julho de 2020.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. “Cultura Amazônica e meio ambiente” Seleta pelo autor. Inédito.

NIETO, M. Como as redes sociais mudaram a forma de lidar com o luto e a morte. El País. Brasil, 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/19/tecnologia/1471622152_106143.html. Acesso em 17 de julho de 2020.



MASSAROLO, J; SANTAELLA, L; NESTERIUK, S (orgs). Desafios da Transmídia: Processos e Poéticas. 1ª edição. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

MOREIRA, G. Breve estudo sobre o sindicato. Jus. Brasil, 2002. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/2781/breve-estudo-sobre-o-sindicato>. Acesso em 22 de julho de 2020.

MUNDO PODCAST. Como o mercado de podcast está sendo afetado pela pandemia. Mundo Podcast. Brasil, 2020. Disponível em: <https://mundopodcast.com.br/noticia/como-o-mercado-de-podcasts-esta-sendo-afetado-pela-pandemia/>. Acesso em 22 de julho de 2020

RAPOSO, J; GUERRA; C. Como o conteúdo ao vivo se tornou estratégia de sobrevivência, relacionamento e influência na pandemia. Proxima. Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.proxima.com.br/home/proxima/how-to/2020/05/15/como-o-conteudo-ao-vivo-se-tornou-estrategia-de-sobrevivencia-relacionamento-e-influencia-na-pandemia.html>. Acesso em 20 de julho de 2020.

RECUERO, R; BASTOS, M; ZAGO, G. Análise de Redes para Mídia Social. 1ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RIGA, M. Podcasts se reinventam com isolamento e miram novos públicos. Terra. Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/inovacao/podcasts-se-reinventam-com-isolamento-e-miram-novos-publicos,f4cae863561e10943a2123471a7553e81yz7s1dj.html>. Acesso em 20 de julho de 2020.

SANTAELLA, L (org). Cacofonia nas redes. 1ª edição. São Paulo: Educ, 2018

SIBILIA, Paula. O show do Eu: A intimidade como espetáculo. 2ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SIBILIA, Paula. O homem pós-Orgânico: A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.



POSSÍVEIS CAMINHOS PARA O PROFISSIONAL DE JORNALISMO NO BRASIL

Rodolfo Silva Marques⁵⁰

Resumo: Este artigo apresenta como principal fim a realização de uma discussão sobre o campo profissional, a partir das categorias das tecnologias e da convergência das mídias, mostrando um pouco de como os jornalistas estão relacionando a práxis com a academia, no âmbito sociológico. O problema de pesquisa está em como vem se dando a formação profissional dos jornalistas no Brasil, a partir do âmbito acadêmico, diante das novas exigências dos mercados? Usam-se a revisão de literatura e a observação dos meios acadêmicos e profissionais, em uma abordagem a partir dos conceitos discutidos durante a referenciação teórica. Como resultados preliminares, já que a pesquisa está em andamento, identificam-se que as relações entre academia e mercado profissional no país estão mais solidificadas, que os profissionais de jornalismo vêm adquirindo um perfil mais convergente no contexto das mídias, a partir dos recursos tecnológicos e que há uma relação mais consolidada entre a teoria e a prática.

Palavras-chave: Jornalistas. Recursos tecnológicos. Campo profissional. Convergência.

POSSIBLE PATHS FOR THE JOURNALISM PROFESSIONAL IN BRAZIL

Abstract: This paper has as main objective the realization of a discussion about the professional field, starting from the categories of technologies and the convergence of the media, showing a little of how journalists are relating praxis with the academy, in context of sociology. The research problem is how has journalists' professional training been taking place in Brazil, from the academic sphere, given the new demands of the markets? Literature review and observation of academic and professional circles are used, in an approach based on the concepts discussed during the theoretical referencing. As preliminary results, since the research is ongoing, it is identified that the relations between academia and the professional market in the country are more solidified, that journalism professionals have acquired a more convergent profile in the context of the media, from the technological resources and that there is a more consolidated relationship between theory and practice.

⁵⁰ Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor-Adjunto dos cursos de Graduação em Comunicação Social, Marketing e Relações Internacionais da Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: rodolfo.smarques@gmail.com



Keywords: Journalists. Technological resources. Professional field. Convergence.

POSIBLES CAMINOS PARA EL PROFESIONAL DEL PERIODISMO EN BRASIL

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo principal la realización de una discusión sobre el campo profesional, a partir de las categorías de tecnologías y la convergencia de los medios, mostrando un poco cómo los periodistas están relacionando la praxis con la academia, con la sociología. El problema de la investigación es ¿cómo se ha venido desarrollando la formación profesional de los periodistas en Brasil, desde el ámbito académico, ante las nuevas demandas de los mercados? Se utiliza la revisión de la literatura y la observación de círculos académicos y profesionales, en un enfoque basado en los conceptos discutidos durante la referencia teórica. Como resultados preliminares, dado que la investigación está en curso, se identifica que las relaciones entre la academia y el mercado profesional en el país están más solidificadas, que los profesionales del periodismo han adquirido un perfil más convergente en el contexto de los medios, a partir de los recursos tecnológicos. y que existe una relación más consolidada entre teoría y práctica.

Palabras-Clave: Periodistas. Recursos tecnológicos. Campo profesional. Convergencia.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como foco o contexto vivenciado pelo menos nas últimas três décadas, em que cada vez mais o jornalismo e a sociologia vêm se comunicando em várias vertentes, em especial nas perspectivas interdisciplinares. O trabalho pretende se situar como um ponto de partida para uma compreensão ampliada sobre as interações do jornalismo com a sociologia e, acima de tudo, identificar os processos de formação do profissional de jornalismo nos períodos mais contemporâneos.

As pesquisas sobre o jornalismo, o campo profissional dos jornalistas e a integração com as diferentes mídias vêm se tornando mais comuns no Brasil. Identifica-se que as áreas têm posturas importantes a respeito da intervenção nos espaços público e político, mas que podem se complementar no contexto de entendimento das sociedades ao redor do mundo (ARAÚJO; MAGALHÃES,



2012). Há os desafios inerentes à formação profissional, às mudanças de legislação no Brasil e o uso cada vez mais constante das mídias digitais como caracteres do atual cenário. Por uma análise sociológica do jornalismo e por uma compreensão melhor do mercado brasileiro, fazer o mapeamento dos diferentes cenários se torna um desafio importante.

Em linhas gerais, há diferentes abordagens sociológicas para melhor entender a produção jornalística – e seu próprio consumo. Propõe-se, aqui, entender um pouco mais sobre a formação (no campo acadêmico) e a seleção para a profissão jornalística, em um viés mais prático. A ideia também é compreender um pouco mais sobre as modificações nas atividades de aprendizado e identificação diante das mídias digitais, que se tornaram onipresentes. Busca-se ainda o exame do fato de que o jornalismo se torna mais presente nos espaços para os debates públicos pelos motivos mais diversos, dialogando com a sociologia no âmbito da divulgação através dos meios de comunicação (ARAÚJO; MAGALHÃES, 2012).

A formação geral de jornalistas, nos contextos mercadológico acadêmico, apresenta fragilidades e desafios, em especial pelas necessidades de adequação às novas tendências e exigência (ABREU E FREITAS, 2017; AGUIAR, SOARES, TOLEDO E ROCHA, 2019). Por suas características de informação e de grau de influência junto às pessoas, a prática jornalística reforça seu papel social como nos cenários político e econômico. Assim, jornalismo e sociologia devem andar “juntos”, compartilhando possibilidades para uma compreensão melhor dos fenômenos inter-relacionais.

De acordo com Neveu (2005), o jornalismo tem suas características formas diretamente ligadas ao campo profissional e se desenvolve de maneira diferenciada nos mercados norte-americanos e europeus. O Brasil se insere nesse contexto com suas características próprias, que geram investigações para um melhor entendimento da prática do jornalismo em seu grande e diversificado território.

A avaliação das interações dos jornalistas com suas fontes de informação, com as empresas e com diferentes públicos gera uma reflexão inicial,



principalmente nessa perspectiva, em que o fazer jornalístico tem peculiaridades e se relaciona diretamente com as comunidades e com os cenários socioeconômicos das regiões em questão. O jornalismo e a formação profissional, dentro do ambiente cada vez mais amplificado com as mídias digitais, para além da realidade acadêmica, vêm despertado muito a atenção da pesquisa científica, motivando a realização de trabalhos de investigadores e profissionais direta e indiretamente ligados à área.

A noção de Neveu (2005) indica que existem jornalismo, considerando-se as especificidades de cada realidade mercadológica, vinculando a atividade às redes existentes, às morfologias profissionais e às rotinas do trabalho jornalístico, enfatizando os poderes existentes dentro da atividade e que podem ser exercidos de diferentes maneiras e intensidades em uma perspectiva sociológica.

Assim, para buscar aprofundar dessa discussão, o presente artigo se divide em quatro tópicos de conteúdo, além das conclusões. Na primeira parte, apresenta algumas questões do jornalismo profissional, mostrando aspectos das rotinas e uma discussão conceitual. A seguir, expõem-se elementos sobre a formação e o recrutamento para a profissão jornalística. Na terceira seção, discutem-se alguns possíveis destinos do profissional de jornalismo no Brasil, com enquadramentos percebidos no atual contexto. Na seção seguinte, há um debate breve sobre as tendências para o futuro dos jornalistas, considerando-se também a presença das mídias digitais. E, por fim, há as conclusões do trabalho, considerando-se que se trata de uma agenda de pesquisa que deve prosseguir.

2 DESAFIOS DO JORNALISMO PROFISSIONAL

De acordo com Neveu (2005), os jornalistas são “produtores de si mesmos” ao desenvolverem avaliações das suas atividades rotineiras, além das suas responsabilidades na democratização de uma nação. Ao desenvolver pontos de vista a partir da sua atividade jornalística e de suas rotinas, os



profissionais da comunicação acabam por trazer comportamentos inerentes à sua atividade com algo constante e ampliado (NEVEU, 2005).

Usando a metodologia etnográfica, Neveu (2005) crê ser essencial entender as rotinas dos trabalhos diários nas redações, produção de entrevistas e na apuração de conteúdos. Da mesma forma, ao propor a discussão de uma visão sociológica do jornalismo, torna-se relevante examinar o cenário de surgimento nos diferentes lugares, as condições sociais de implantação e progressão da prática jornalística (NEVEU, 2005).

Problematizar o fazer jornalístico, em várias nuances, é um processo essencial na incursão sociológica da análise, com a perspectiva de entender os conflitos, segmentações e peculiaridades da atividade. De acordo com Neveu (2005), embora haja o predomínio de uma visão funcionalista no contexto da sociologia das atividades profissionais, o jornalismo tem uma dinâmica própria, com características e visões específicas para o planejamento e a execução do trabalho. É importante entender, portanto, a formação social dos jornalistas, a titulação profissional, as tarefas realizadas e a divisão geral do trabalho, entre outras coisas. Como ressalta Neveu (2005), torna-se um desafio real avaliar as hierarquias do ofício jornalístico, as especialidades e de que maneira os profissionais se forjam durante a trajetória acadêmica e o ingresso no mercado de trabalho.

Buscar a compreensão sobre os eventos que compõem as rotinas das atividades jornalísticas, como a formulação e a execução das pautas, além da divisão de responsabilidades e o entendimento da ordenação e da hierarquia está no cerne de uma investigação sociológica do jornalismo. Traquina (2002) contribui neste debate ao ampliar a compreensão conceitual sobre a ideia de valor-notícia no escopo da atividade jornalística. Tal definição é um dos principais critérios utilizados na seleção das notícias que serão veiculadas, com a identificação dos valores gerados por aqueles dados a serem transformados em informação e noticiário, considerando-se o reflexo junto à opinião pública. A notícia, como matéria-prima basilar para o desenvolvimento do processo



jornalístico, torna-se um caminho traçado para o interlocutor ter acesso a diferentes realidades nas diferentes mídias (TRAQUINA, 2012).

Há, dessa forma, parâmetros que conduzem a que determinados temas, conteúdos e fatos passem a ter uma determinada valoração e cabe aos jornalistas fazer essa avaliação e essa escolha, no contexto dos diversos fatos cotidianos. São especificidades que precisam ser observadas com atenção (TRAQUINA, 2002 e 2012).

Dentro desse debate, Lage (2001) traz algumas reflexões a respeito do desenvolvimento da apuração e da transmissão da notícia, além de discussões no campo ideológico. O valor da informação povoa o processo de pautar o trabalho cotidiano do jornalista, além de influenciar no foco narrativo dos conteúdos e da própria rotina do exercício profissional (LAGE, 2001). Esse valor-notícia, na divulgação de conteúdo jornalístico na mídia, reforça a ideia de que os meios de comunicação se convertem em plataformas essenciais para a formação da opinião pública (LAGE, 1998; LIPPMANN, 2008).

Nesse contexto, Lippmann (2008) definiu que a opinião pública, até mesmo como um reflexo do trabalho jornalístico, é o conjunto de imagens feitas por grupos de pessoas, em um grau de identificação que correlaciona as necessidades, o relacionamento e os propósitos. Neveu (2005) propôs, portanto, uma reformulação da discussão sociológica sobre os reais poderes dos jornalistas junto ao público, em especial no campo dos poderes de influência. Também se destaca a percepção de um poder de comunicação e os elementos paradoxais que fazem parte de uma rotina jornalística, como as práticas discursivas e a atenção pública sendo desenvolvidas de forma processual e gradativa (NEVEU, 2005).

Para Araújo e Magalhães (2012), nesse processo de aproximações e distanciamentos entre jornalismo e sociologia, há também imposições das fronteiras disciplinares, discursivas e metodológicas. De acordo com McQuail (2003), ao discutir a comunicação e o jornalismo em relação às massas, há um foco maior na figura do emissor da mensagem. A perspectiva estrutural da análise está na sociologia, embora haja contribuições da história, da economia



e da ciência política. Há um ponto importante de verificação do funcionamento e das características das mídias, mostrando de que maneira há um grau de influência no comportamento das pessoas. As dinâmicas essenciais dos fenômenos da mídia e do jornalismo estão ligadas ao exercício do poder (McQUAIL, 2003).

Como destaca Neveu (2005), a fonte jornalística, dentro da construção da notícia, gera um vínculo de investigação e de pesquisa para o repórter, criando uma relação direta com o âmbito sociológico. A perspectiva de o jornalista ser o principal ator da produção das informações traz também uma certa amplificação da importância das fontes.

Deriva daí igualmente o aspecto da recepção dos conteúdos que vem ocupando espaço nas pesquisas sociológicas a respeito da comunicação. É muito importante a maneira de a mensagem ser comunicada.

Assim, o trabalho dos jornalistas, neste sentido, deve estimular a autonomia dos interlocutores na compreensão de conteúdos, assim como reforçar os diferentes aspectos referentes à criticidade diante dos fatos, buscando a compreensão das novas tecnologias e dos recursos disponíveis (ESTEVES, 2011; MIELNICZUK, 2013).

3 FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO JORNALISTA

Dentro de uma investigação sociológica a respeito dos processos de formação e recrutamento para a profissão jornalística no Brasil, é possível identificar alguns pontos essenciais a esses cenários.

O primeiro aspecto que pode ser destacado é o da vocação. A formação acadêmica contribui para a reconstrução da carreira profissional ao estimular a ação crítica e de refletir o exercício do fazer jornalístico (COELHO, 2015). Ser vocacionado para a atividade contribui sobremaneira no objetivo de ser jornalista, principalmente nesses estágios de formação inicial e com os desafios que a profissão traz. Segundo Coelho (2015), o jornalismo exige a formação de profissionais ágeis, que atendam às tarefas de um mercado que ordena o ensino



formal, técnico e que valoriza, prioritariamente, a dimensão da habilidade – ou o “saber fazer”.

Um segundo ponto é o oferecimento, por parte das instituições de educação superior, de disciplinas introdutórias à atividade prática e as de fundamentos do campo profissional. Coelho (2015) ressalta o problema/desafio do jornalismo nos momentos contemporâneos, que é, no âmbito do ensino do jornalismo, a credibilidade profissional e acadêmica. Os conceitos da indústria do jornalismo e sua produção em larga escala, juntamente com os do ensino acadêmico, abrangem realidades diversas e que contribuem na formação dos novos jornalistas (COELHO, 2015).

A vida acadêmica tem como atores importantes, no Brasil, as universidades e faculdades, os coordenadores de cursos, os professores e os alunos. Esse desafio constante em busca da credibilidade se relaciona aos processos de construção de conhecimento, geração de interesse junto aos diferentes públicos e uma relação intrínseca com a questão do profissionalismo. Leitores, ouvintes, internautas e espectadores buscam algo que combine, na visão deles, os aspectos de credibilidade e de profissionalismo (CARDOSO, VIEIRA e MENDONÇA, 2010).

O terceiro fator que deve ser destacado na formação profissional do jornalista é a apuração e a checagem da notícia. Esse é um dos principais componentes do processo de forjar o acadêmico de jornalismo a se tornar um profissional da área. Verificar as principais possibilidades de uma pauta, com diferentes pontos de vista e as devidas checagens, contribui para a compreensão da atividade de produzir notícias e comunicá-las. Há um peso crescente dos cursos de comunicação e de jornalismo, reforçando a premissa de que o meio acadêmico é o principal fornecedor de mão-de-obra para as empresas de comunicação, em especial, seus veículos (COELHO, 2015).

E o quarto elemento dessa discussão sociológica é o da relação com as fontes, de forma teórico-prática. A ação e o pensamento se configuram em um ambiente de confiança entre o jornalista e as pessoas que vão fornecer informações, de forma aberta ou secreta. Esse exercício profissional é a melhor



correlação visível entre as perspectivas teóricas – adquiridas durante o período acadêmico –, o senso crítico e a atividade prática. A chamada complexidade do jornalismo demanda um modelo formativo que, em todas as matrizes curriculares e de forma permanente, estimule o pensamento e a reflexão diante de casos concretos – o processo absoluto de construção teórica ou a ação prática sem posturas críticas ou reflexões não geram quaisquer avanços (COELHO, 2015).

Em verdade, a ideia é que ambos os ambientes sejam complementares, com trocas de demandas e objetivos, superando discussões duais como prática e teoria, ação e pensamento e formação e profissão. Essa discussão, vinculada à capacidade de adequação dos acadêmicos de jornalismo para o ambiente profissional, acaba por reforçar também uma nova dicotomia: jornalismo e comunicação (COELHO, 2015).

4 DESTINOS PROFISSIONAIS DO JORNALISMO NO BRASIL

Conceitualmente, no Brasil, o profissional de jornalismo é responsável, portanto, pela busca, investigação de conteúdos, redação e transmissão de notícias através das mídias (jornais, revistas, televisão, internet, etc.). O estudante de jornalismo pode desenvolver vários tipos de estágio profissional e, após sua graduação, estar habilitado a ocupar várias funções, como as de repórter, de editor, chefe de reportagem, redator, assessor de imprensa, entre outras atividades.

A ética é um dos princípios essenciais à postura profissional de um jornalista, aliada a aspectos como o compromisso com a verdade, o respeito às fontes e a responsabilidade com o que é divulgado. Além disso, a adequação da linguagem a cada veículo de comunicação e aos diferentes públicos está entre as habilidades de quem trabalha com jornalismo. O nível de atualização sobre os conteúdos e a respeito dos formatos também é um importante diferencial. A figura do “novo” jornalista, com tantos recursos disponíveis e diante de um mundo com exigências múltiplas, em tempos de internet, deve apresentar o mesmo nível de característica dos “bons jornalistas das antigas” (SILVA, 2010).



De acordo com Silva (2010), o jornalista precisa combinar as técnicas de pesquisar, escrever, entrevistas, filmar, fotografar e diagramar, com um nível similar de qualidade e respeitando os interlocutores através de princípios éticos.

Os cursos superiores de Jornalismo no Brasil têm a duração básica de quatro anos, distribuídos em oito semestres letivos, com conteúdos teórico-práticos, nas modalidades presencial e a distância. Do ponto de vista formal, a profissão do jornalismo e o seu exercício são regulamentados pelo Decreto-Lei 972/69, este regulamentado pelo Decreto 83.284/79. A regulamentação da profissão definia a formação de nível superior especializada em jornalismo com um requisito essencial para o exercício da profissão. Todavia, essa determinação foi alterada por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) no ano de 2009, que passou a considerar a exigência do diploma como algo inconstitucional, possibilitando outros caminhos para que a pessoa pudesse obter o registro profissional junto ao Ministério do Trabalho⁵¹.

No Brasil, após a formação, os profissionais de jornalismo, em geral, podem se inserir em quatro caminhos principais. O primeiro deles está vinculado ao mercado tradicional das redações (rádio, televisão, jornal impresso e internet), assessorias de imprensa e departamentos de comunicação das empresas privadas. Nesse mercado, emergem questões como o número de empregos disponíveis, as diferentes cargas horárias, o pagamento de salários – em geral, baixos – e a adequação à integração das mídias, geralmente adotado pelas principais corporações de comunicação no território brasileiro.

O segundo caminho escolhido pode ser o dos concursos públicos. A formação superior em jornalismo permite a participação nos certames e esse segmento vem chamando a atenção dos egressos das faculdades, considerando a possibilidade de buscar uma carreira estável, com carga horária mais definida – e com salários mais atrativos.

⁵¹ Fonte: Agência Câmara de Notícias, disponível em www.camara.leg.br/noticias/439105-conselho-de-comunicacao-aprova-exigencia-do-diploma-de-jornalista/, acessado em 20 set. 2020.



O terceiro tipo de participação no mercado é o do jornalista empreender em seu próprio negócio, tendo uma empresa de assessoria de comunicação, de geração de conteúdos (online ou offline) e oferecer novos formatos. Há, em consequência, uma maior autonomia de tempo e de investimentos, ao mesmo tempo em que há instabilidade em relação à remuneração e um ambiente de concorrência cada vez mais acirrada.

A quarta opção mais clara de participação no mercado é se manter na área acadêmica. Um egresso do curso de jornalismo pode seguir fazendo cursos de pós-graduação *lato sensu*, mestrado e doutorado e se converter em professor e/ou pesquisador.

De maneira resumida, é possível estabelecer possíveis caminhos após a formação profissional no quadro a seguir:

Quadro 1: Caminhos profissionais comuns para um jornalista

POSSÍVEL CAMINHO	CARACTERÍSTICAS	DESAFIOS
• Mercado tradicional	• Trabalho em redações (jornal impresso, rádio, televisão e internet;	• Vagas de empregos • Salários • Adequações à convergência de mídias
• Concursos públicos	• Estabilidade no emprego; • Carga horária fixa; • Remunerações, em geral, mais altas.	• Aprovação no certame • Manter o nível de atualização e vínculo com o mercado
• Empreendedorismo	• Autonomia de tempo e de investimentos; • Ocupação de diferentes nichos de mercado.	• Instabilidade nos ganhos e custos • Concorrência cada vez mais acirrada; • Exercício constante da criatividade.
• Meio acadêmico	• Prosseguimento de pesquisas • Aperfeiçoamento profissional	• Manutenção de um regime de estudos • Limitação de vagas • Especialização cada vez maior.

Fonte: elaborado pelo autor



5 TENDÊNCIA DO CENÁRIO DIGITAL NO JORNALISMO

Um dos grandes pontos da constituição desse “novo” profissional de jornalismo no Brasil – e pode ser considerada a primeira tendência – é a respeito de sua adaptação aos mercados a partir da sua compreensão a respeito da convergência de mídias. As mídias digitais, a partir dos recursos da internet e das redes sociais, tornam-se espaços permanentes de criação de conteúdos e, em paralelo, responsabiliza ainda mais os jornalistas a apresentarem materiais diferenciados e com um nível de qualificação de quem é oriundo do meio acadêmico.

Ao entender a questão da convergência de mídias e os desafios para lidar com os diferentes aparelhos tecnológicos, o jornalista, em seu processo de formação, identifica novos recursos e diferentes formas de testes, como em experiências, usando aplicativos, plataformas digitais, recursos radiofônicos e as tecnologias de forma integrada (PRADO, 2012; MIELNICZUK, 2013).

Prado (2012) reforça a ideia de que o jornalismo passa por um processo de hibridização cultural, tanto na forma como na produção de diferentes conteúdos. É a ideia do jornalismo multiplataforma consolidada.

A internet tomou uma grande dimensão, de forma intensa, gerando informações sem fronteiras, com públicos cada vez mais diferentes no ciberespaço (FERRARI, 2004). A vida de um jornalista online/digital – ou repórter web – torna-se mais desafiadora pela convergência dos meios e pela necessidade de estar atento a todos os fatos que estão em seu entorno (FERRARI, 2004). Os profissionais de jornalismo, ao lidarem diariamente com os canais digitais, em uma nova conformação sociológica, precisam apresentar requisitos fundamentais para o exercício da atividade, principalmente para entender esse mundo digital (CASTELLS, 1999; FERRARI, 2004; SANTAELLA, 2005).

Capacitar-se para estes novos cenários se torna uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento do profissional de jornalismo. A convergência de



mídias gera uma realidade, via internet, em que os conteúdos são multidirecionados e que a informação pode ser gerada de diversas fontes (RECUERO, 2009).

O segundo ponto é que, diante da desobrigatoriedade de as empresas exigirem o diploma de jornalismo para contratar profissionais nesta área, o ensino acadêmico enfrenta novos desafios. As faculdades de jornalismo vêm buscando acompanhar, ao máximo, as etapas da profissionalização dos jornalistas, enfatizando aspectos que possam correlacionar teoria e prática, e gerar uma formação mais completa e crítica.

Um terceiro aspecto a ser discutido é o combate a qualquer tipo de supressão prévia de conteúdos. Para Hohlfeldt e Valles (2008), por exemplo, um fator que influenciou a prática do jornalismo no Brasil nos séculos XIX, XX e no início do século atual, é a censura. A Carta Magna de 1988 trata do jornalismo e regula as profissões da comunicação social, vetando toda e qualquer forma de censura prévia, garantindo os direitos à liberdade de expressão e de imprensa, nos mais diferentes patamares e sendo resguardados os posicionamentos divergentes dentro da sociedade.

Outra tendência clara no jornalismo, em relação ao campo acadêmico, é o intercâmbio das disciplinas. De acordo com Zelizer (2009), o jornalismo, com suas diferentes interpretações, é pluridisciplinar, desenvolvendo leituras a partir da sociologia, da história, da ciência política, da análise cultural e da linguística. Para Zelizer (2009), a sociologia traz ao jornalismo um foco nos seres humanos e nas percepções; a história oferece o aspecto da análise documental à prática jornalística, legitimando-a, e usando o passado como fonte da análise dos dados; a construção da narrativa está ligada aos processos linguísticos; a ciência política e o jornalismo caminham na busca das condições ideais para a execução do trabalho; e a análise cultural trata dos meta-conceitos jornalísticos.

O jornalismo multiplataforma é, pois, um campo de humanidades, como forma de expressão, a partir da interdisciplinaridade, em que a ação do cotidiano pressupõe um enquadramento teórico e, ao mesmo tempo, o experimento com novas abordagens, feitos a partir dos espaços acadêmicos (ZELIZER, 2009).



Profissionais de Design Gráfico e de Tecnologia de Informação também estão cada vez mais integrados a esse processo interdisciplinar de produção de conteúdos jornalísticos. Dessa forma, a partir das quatro tendências apresentadas, os desafios para o jornalismo brasileiro se afiguram mais claros, o que reforça a premissa para uma capacitação mais ampliada, integrando os aprendizados acadêmicos com as novas realidades do meio profissional.

6 CONCLUSÕES

Destarte, a partir dos conceitos aqui apresentados, além das observações mercadológicas e acadêmicas, com a discussão das interfaces do jornalismo e da sociologia, é possível apresentar alguns pontos de reflexão.

Respondendo à problemática apresentada, com os cenários apresentados sobre o mercado brasileiro, com as tendências e com os processos de formação e recrutamento de jornalistas a partir do meio acadêmico, observa-se como vem se dando a formação profissional dos jornalistas, a partir do âmbito acadêmico, diante das novas exigências dos mercados. O objetivo básico do trabalho foi atingido, com a realização de uma reflexão a respeito do campo qualificado, discutindo como os jornalistas estão se relacionando com o mercado profissional e com o meio acadêmico.

Como resultados preliminares dessa pesquisa que ora se inicia, percebe-se que as relações entre academia e mercado profissional no país estão mais sólidas e que os profissionais de jornalismo vêm adquirindo um perfil mais convergente, nas mídias e em uma relação efetiva entre a teoria e a prática.

Assim, corroborando os dados acima apresentados, como ressaltou Bourdieu (1996), as relações entre sociologia e jornalismo são claras, valorizando o papel da primeira na compreensão do segundo. De acordo com Bourdieu (1996), o sociólogo é o decodificador, um “desencantador”, para visualizar algumas coisas e desconsiderar outras, em sua constante função de revelar os fatos até então, ocultos.



Dessa forma, fica o desafio lançado para a formação de uma agenda de pesquisa que busque identificar, no mercado brasileiro (e considerando-se as diferenças regionais) todo o desenrolar de capacitação dos jornalistas para o ingresso no mercado de trabalho, as características das opções desenvolvidas e como se forja esse profissional dentro do meio acadêmico.

Os processos de formação e recrutamento se formam – e se reformam – de maneira dinâmica – e precisam ser acompanhados de forma mais detalhada e crítica. A pesquisa deve continuar, para desenvolver um mapeamento mais amplo da atividade jornalística no Brasil, com suas especificidades, peculiaridades, enfrentamentos e tendências.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ricardo Gomes.; SOARES, Daniel Lisboa Soares; TOLEDO, Renata Ferraz de; ROCHA, Arnaldo. Os sete saberes de Edgar Morin são necessários também à comunicação. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul – v. 18, n. 35, jan./jun. 2019, p. 57-75

ARAÚJO, Emília; MAGALHÃES, Ricardina. Jornalismo e a Sociologia: um contributo. Porto/Portugal. *Revista Comunicando/SOPCOM*, v.1. n.1. Dezembro, 2012.

ABREU, Josyane; FREITAS, Nadia. Proposições de inovação didática na perspectiva dos três momentos pedagógicos: tensões de um processo formativo. *Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.* (Belo Horizonte) [online]. 2017, vol.19, e2734. Epub Dec 07, 2017. ISSN 1415-2150.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BOURDIEU, Pierre. *Acerca de la Televisión*, transcrição integral das emissões de 18 de março de 1996 da Paris Première. Paris: CNRS audiovisual, 1996.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra, v.1, 1999.

CARDOSO, Gustavo; VIEIRA, Jorge; MENDONÇA, Sandro. *Tendências e prospectivas: Os “novos” jornais*. Obercom, 2010. Disponível em: www.superdownloads.com.br/download/61/tendencias-prospectivas-novos-jornais-gustavo-cardoso-jorge-vieira-sandro-mendonca/redir.html, acessado em 20 mar. 2020.



COELHO, Pedro. Jornalismo e mercado: os novos desafios colocados à formação. Covilhã/UBI, Livros LabCom, 2015. Disponível em https://labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150223-2015_08_pedro_coelho.pdf. Acesso entre 10 e 20 mar. 2020.

ESTEVES, João Pissarra. Sociologia da comunicação. Lisboa: FCG, 2011.

FERRARI, Pollyana. Jornalismo Digital. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

GUIMARÃES, Manoel Marques. Sociologia do jornalismo: o caso Brasil. In: Neveu, Erik. *Sociologia do Jornalismo*. Trad. Daniela Dariano. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael. Conceito e história do jornalismo brasileiro na Revista da Comunicação. Porto Alegre: Edipucrs; 2008.

LAGE, Nilson. Controle da opinião pública: um ensaio sobre a verdade conveniente. Petrópolis: Vozes, 1998.

LAGE, Nilson. Ideologia e técnica da notícia. Florianópolis: UFSC – Insular; 2001.

LIPPMANN, Walter. Opinião pública. Rio de Janeiro: Vozes: 2008

MIELNICZUK, Luciana (Orgs). Jornalismo e Tecnologias móveis. Covilhã: UBI, LabCom, Livros Labcom, 2013.

McQUAIL, Denis. Teoria da comunicação de massas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

NEVEU, Erik. Sociologia do jornalismo. Porto: Porto Editora, 2005.

PRADO, Magaly. Relatos de experiências de jornalismo hiperlocal. Revista Comunicare/Faculdade Cásper Líbero. Volume 12, Edição 2 - 2º semestre de 2012.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre, Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lucia. Por que as comunicações e as artes estão convergindo? São Paulo: Paulus, 2005.

SILVA, Gilmar Renato da (org.). Novos jornalistas: para entender o jornalismo hoje. 2010. Edição Online. Brasil: [s.n.], 2010. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2016/07/Novos-jornalistas-para-entender-o-jornalismo-hoje.pdf>, acessado em 20 mar. 2020.

TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: o que é? Lisboa: Quimera Editores, Lda, 2002.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELACE DE SABERES

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular; 2012.

ZELIZER, Barbie. Journalism and the Academy, in T. Hanitzsch & K. WahlJorgensen, (org.), The Handbook of Journalism Studies (pp. 29-42). New York: Routledge, 2009.

www.camara.leg.br/noticias/439105-conselho-de-comunicacao-aprova-exigencia-do-diploma-de-jornalista/, acessado em 20 set. 2020.



DA GÊNESE ÀS METODOLOGIAS: A TRANSMÍDIA NO JORNALISMO EM PESQUISAS DE 2000 A 2019 NO BRASIL⁵²

Elaide Martins⁵³

Romulo Cardoso⁵⁴

Resumo: O objetivo deste trabalho é identificar e compreender os procedimentos metodológicos presentes nas pesquisas sobre transmídia no jornalismo, a fim de perceber suas regularidades e especificidades, pensando em categorias de análise para a temática. Segundo Lakatos e Marconi (2003), a metodologia é o que caracteriza as ciências para alcançar objetivos e, portanto, enfocá-la representa importante contribuição aos estudos na área da Comunicação, sobretudo no Jornalismo. Ademais, observa-se a origem, gênero, ano de produção e tipos de plataformas e suportes enfocados nessas pesquisas. Nesse sentido, visando a construção do Estado da Arte (FERREIRA, 2002) sobre transmídia no jornalismo, estabeleceu-se como recorte temporal o período de 2000-2019. O levantamento bibliográfico feito na plataforma Google Acadêmico resultou em 79 trabalhos (artigos, capítulos de livro, dissertações, TCCs, tese), dos quais 50 foram analisados. A coleta, organização e categorização dos dados foram organizadas por meio da elaboração de planilhas e formulários. A análise e interpretação ampararam-se na Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Como principais resultados, indica-se a Análise de Conteúdo e o Estudo de Caso como procedimentos metodológicos mais usados nas pesquisas em foco, apontando-se, ainda, o caráter expansivo e multiplataforma da narrativa jornalística transmídia como importantes elementos na construção de categorias analíticas sobre o tema.

Palavras-chave: Jornalismo. Transmídia. Estado da Arte. Procedimentos Metodológicos.

⁵² “Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Jornalismo e Tecnologias Digitais do VII CONFLUÊNCIAS ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES, realizado na Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém, Pará, de 20 a 21 de outubro de 2020.

⁵³ Doutora em Ciências Socioambientais pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo e Graduada em Jornalismo pela UFPA. Docente da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA. Coordena o GP Inovação e Convergência na Comunicação-InovaCom (CNPq). Integra a Rede de Pesquisa Aplicada ‘Jornalismo e Tecnologias Digitais’ da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. E-mail: elaide@ufpa.br

⁵⁴ Graduando do curso de Comunicação Social / Habilitação em Jornalismo na Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista do **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação** (PIBIC/UFPA) e integrante do Grupo de Pesquisa Inovação e Convergência na Comunicação-InovaCom (UFPA/CNPq). E-mail: romulo-matheus@hotmail.com



FROM GENESIS TO METHODOLOGIES: TRANSMEDIA IN JOURNALISM IN RESEARCH FROM 2000 TO 2019 IN BRAZIL

Abstract: The objective of this work is to identify and understand the methodological procedures present in the researches about transmedia in journalism, to perceive its regularities and specificities, thinking about categories of analysis for the theme. According to Lakatos and Marconi (2003), the methodology is what characterizes the sciences to reach objectives and, therefore, focusing on it represents an important contribution to studies in Communication, especially in Journalism. In addition, the origin, gender, year of production and types of platforms and supports focused on these researches are observed. In this sense, aiming at building the State of the Art (FERREIRA, 2002) on transmedia in journalism, the period 2000-2019 was established as a time cut. The bibliographic survey done on the Google Academic platform resulted in 79 works (articles, book chapters, dissertations, TCCs, thesis), of which 50 were analysed. The collection, organization and categorization of data were organized through the elaboration of spreadsheets and forms. The analysis and interpretation were supported by the Content Analysis (BARDIN, 1977). The main results indicate the Content Analysis and the Case Study as methodological procedures more used in researches in focus, also pointing out the expansive and multiplatform character of the transmedia journalistic narrative as important elements in the construction of analytical categories on the subject.

Keywords: Journalism. Transmedia. State of the Art. Methodological Procedures.

DE LA GÉNESIS A LAS METODOLOGÍAS: LA TRANSMEDIA EN EL PERIODISMO EN LAS INVESTIGACIONES DE 2000 A 2019 EN EL BRASIL

Resumen: El objetivo de esta labor es identificar y comprender los procedimientos metodológicos presentes en la investigación sobre la transmedia en el periodismo, a fin de percibir sus regularidades y especificidades, pensando en categorías de análisis para el tema. Según Lakatos y Marconi (2003), la metodología es lo que caracteriza a las ciencias para lograr objetivos y, por lo tanto, centrarse en ella representa una importante contribución a los estudios en el ámbito de la comunicación, especialmente en el periodismo. Además, se observa el origen, el género, el año de producción y los tipos de plataformas y soportes centrados en estas investigaciones. En este sentido, con el fin de construir el estado del arte (FERREIRA, 2002) sobre la transmedia en el periodismo, se estableció el período 2000-2019 como un corte de tiempo. La encuesta bibliográfica realizada en la plataforma Académica de Google dio como resultado 79 trabajos (artículos, capítulos de libros, disertaciones, TCC, tesis), de los cuales se analizaron 50. La reunión, organización y categorización de los datos se organizaron mediante la elaboración de hojas de cálculo y formularios. El análisis y la interpretación fueron apoyados por el Análisis de Contenido.



(BARDIN, 1977). Los principales resultados indican que el Análisis de Contenido y el Estudio de Caso son los procedimientos metodológicos más utilizados en las investigaciones focalizadas, señalando también el carácter expansivo y multiplataforma de la narrativa periodística transmedia como elementos importantes en la construcción de categorías analíticas sobre el tema.

Palabras clave: Periodismo. Transmedia. Estado del arte. Procedimientos metodológicos.

1 INTRODUÇÃO

Inserido no âmbito da cultura da convergência, o jornalismo vem passando por diversas transformações em seu cotidiano, seja em seus aspectos de linguagem, em suas narrativas e formatos e/ou em seus processos produtivos. A cultura da convergência tem provocado inegáveis mudanças na sociedade contemporânea e uma de suas principais expressões é a narrativa transmídia, entendida por Henry Jenkins (2009) como uma história que se desenrola “através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo” (p. 138). Trata-se de uma narrativa sinérgica e, ao mesmo tempo, ‘tão ampla que não pode ser contida em um único texto’ (JENKINS, 2009, p. 135).

Por essa natureza multiplataforma, as pesquisas que se debruçam sobre a transmídia no jornalismo, geralmente, necessitam observar distintos objetos empíricos. Além disso, precisam se atentar para as diferentes concepções (MARTINS; DUARTE, 2019) do jornalismo transmídia, o qual, segundo Martins, Castro e Fecury Vinagre (2017), pode ser configurado sob diversas vertentes, como linguagem, narrativa, formato e estratégia, podendo, ainda, ser associado a meios, recursos e gêneros jornalísticos, a exemplo do *newsgame*, infográfico, grande reportagem, jornalismo imersivo e outros.

Além disso, é importante considerar a natureza multiplataforma e expansiva de sua estrutura, a conexão, convergência e os pontos de entrada em sua narrativa e as possibilidades de participação ativa do público, permitindo novas experiências e maior fluxo de consumo de notícias. “Podemos



compreender, ainda, o jornalismo transmídia como um sistema de fluxo midiático marcado pelo avanço das tecnologias digitais, da convergência midiática e das conexões entre diversas plataformas” (MARTINS, CASTRO, FECURY VINAGRE, 2017, p. 4).

Diante desse amplo conjunto de perspectivas, elementos e vertentes do jornalismo transmídia, as abordagens sobre a temática têm sido um desafio para diversos pesquisadores, em especial no que diz respeito à definição conceitual do termo e aos seus aspectos metodológicos. Assim, nesta pesquisa, buscou-se identificar e compreender os procedimentos metodológicos mais frequentemente utilizados nas pesquisas sobre transmídia no jornalismo, a fim de refletir sobre seus aspectos para, posteriormente, propor categorias de análise para os estudos sobre jornalismo transmídia.

Entende-se que a metodologia é fundamental para tornar a pesquisa científica confiável, devendo-se considerar, ainda, que a definição adequada do(s) método(s) para a coleta e para a interpretação de dados é decisiva para alcançar a compreensão de um determinado objeto de estudo. Segundo Lakatos e Marconi (2003), as ciências se caracterizam justamente pelo uso de métodos científicos para alcançar objetivos. Ao focar os aspectos metodológicos nas pesquisas voltadas para a transmídia no jornalismo, este trabalho constitui-se uma ampliação dos estudos sobre jornalismo transmídia e traz uma relevante contribuição para a sua compreensão.

Nesta pesquisa, além do objetivo geral de analisar as técnicas metodológicas utilizadas com mais frequência nas pesquisas em foco a fim de perceber suas regularidades e pensar em suas especificidades, tem-se o olhar para os suportes e plataformas dos objetos de análise sobre os quais tais estudos se debruçam, assim como procurou-se conhecer a origem e o gênero dos trabalhos e seus principais anos de produção.

Entre artigos, capítulos de livro, dissertações, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), resumo e tese, foram selecionados 50 trabalhos de um universo inicial de 79 textos. Este total resultou do levantamento das produções referentes à transmídia no jornalismo, realizadas nas duas décadas deste milênio. A busca



foi feita por meio da plataforma Google Acadêmico. Convém destacar que durante o nosso percurso de pesquisa, encontrou-se um terreno fértil para melhor entender o desenvolvimento das pesquisas sobre a transmídia no jornalismo, percebendo a sua evolução ao longo do período pesquisado, no caso os anos de 2000 a 2019.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Ao direcionar o nosso olhar ao leque de pesquisas realizadas sobre transmídia no jornalismo, parte-se para o levantamento do conjunto de trabalhos acadêmicos produzidos durante o período de 2000 a 2019, recorte temporal estabelecido para esta pesquisa, a fim de construir o estado da arte sobre a temática. Trata-se de um mapeamento visando a construção do panorama do que tem sido produzido sobre determinado assunto, indicando o seu estado atual do conhecimento. Segundo Norma Ferreira (2002, p.1), as pesquisas desse tipo são de caráter bibliográfico e costumam ser reconhecidas por adotarem 'uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles'. Portanto, um caminho fundamental para conhecer a evolução das pesquisas em determinada área, a partir, inclusive, de tópicos específicos.

No presente trabalho, buscou-se conhecer, especificamente, os procedimentos metodológicos empregados nas pesquisas já citadas. Assim, o primeiro passo ocorreu no sentido de escolher a plataforma para fazer o levantamento. Após observarmos alguns bancos de dados que reúnem trabalhos de interesse, como os anais da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), anais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Portal de Periódicos da Capes, *Scielo* e Google Acadêmico, optando-se por este último. O motivo desta escolha justifica-se duplamente: a) pelo manuseio da plataforma em si, cuja simplificação de seus recursos e funções facilitam sua operacionalização b) pela amplitude de



seus resultados de busca, concentrando maior quantidade de trabalhos, uma vez que reúne textos de várias outras plataformas, como a da CAPES, Scielo, Compós e SBPJor.

Uma vez definido o banco de dados, partiu-se para a sua exploração. O Google Acadêmico possui uma série de filtros e minúcias que otimizam a pesquisa e que foram amplamente usados durante os meses em que o mapeamento foi realizado. Elementos como aspas e conectores foram bastante testados nas simulações iniciais até encontrarmos os filtros que nos dariam a maior quantidade possível de trabalhos dentro do período pesquisado. O recorte temporal, por sua vez, foi decorrente de uma minuciosa pesquisa exploratória para melhor conhecer as produções sobre a temática. Com isso, estabeleceu-se que os trabalhos pesquisados seriam referentes à produção realizada a partir dos anos 2000, década em que as discussões sobre convergência e transmídia na comunicação começam a se desenvolver no Brasil, até 2019, ano imediatamente anterior à realização deste trabalho.

Em seguida, definiu-se da palavra-chave que conduziria todo o levantamento feito na plataforma de busca. Considerando-se os objetivos desta pesquisa, escolheu-se como palavra-chave “Transmídia no Jornalismo”, entre aspas e com o conector “no”. Após explorar todos os recursos oferecidos pela plataforma de busca, optou-se por descartar certos filtros, como “Patentes” e “Citações”, decisão que possibilitou alcançar um volume maior de trabalhos resultantes da busca. Também convém destacar que a pesquisa se restringiu a trabalhos produzidos em idioma português, a partir da escolha do filtro ‘Pesquisar páginas em Português’.

Depois disso, foram identificados 79 trabalhos, entre artigos, capítulos de livro, dissertações, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), tese e resumo. Uma parte expressiva dos trabalhos constitui-se de artigos publicados em periódicos voltados à Comunicação e ao Jornalismo, como também se encontra disponível em anais de eventos, como dos encontros da SBPJor e das edições do Encontro de Pesquisas em Comunicação na Amazônia (EPCA), realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Dos 79 trabalhos levantados, 29



foram descartados por se tratar de repetições de outros já relacionados ou por não tratarem diretamente de Comunicação, Jornalismo e Transmídia - alguns abordavam linguagens de programação e entretenimento, por exemplo. Com isso, o *corpus* da pesquisa foi constituído por 50 trabalhos.

Feita essa filtragem, era necessário organizar as informações coletadas. Nesse sentido, criou-se uma planilha em Excel, definindo certas categorias para a sua sistematização. Assim, a organização dos dados considerou, enquanto categorias, desde o título até os autores mais citados em cada trabalho. Dessa forma, a planilha contém as seguintes informações: título do artigo, autor(a), ano, instituição, palavras-chave, modalidade textual, origem do trabalho, objeto de análise, suporte/plataforma, técnica metodológica e autores mais citados. Os principais resultados dessa organização foram analisados no tópico a seguir.

3 DA GÊNESE DOS TRABALHOS AOS TIPOS DE METODOLOGIA: ANALISANDO AS PESQUISAS EM FOCO

Após o preenchimento da planilha em Excel com os dados dos trabalhos selecionados, viu-se a necessidade de visualizar seus índices e proporções, o que levou os dados a serem dispostos em gráficos, a fim de demonstrar as informações mais facilmente, uma vez que este tipo de ferramenta nos ajuda a identificar padrões, como também a verificar e comparar resultados de forma mais ágil. Assim, criou-se um formulário na plataforma Google Form., um aplicativo de gerenciamento de pesquisas usado para coletar e/ou organizar informações a partir de formulários de registro.

Como dito, além de identificar seus procedimentos metodológicos, foi investigado de onde vem a maioria dos trabalhos, ou seja, se a sua gênese está em anais, periódicos ou livros, saber quais os anos de maior produção sobre a temática, os principais gêneros e quais as plataformas e suportes mais pesquisados quando o assunto é transmídia no jornalismo. Ao manter as categorias já utilizadas, destacaram-se as seguintes informações:



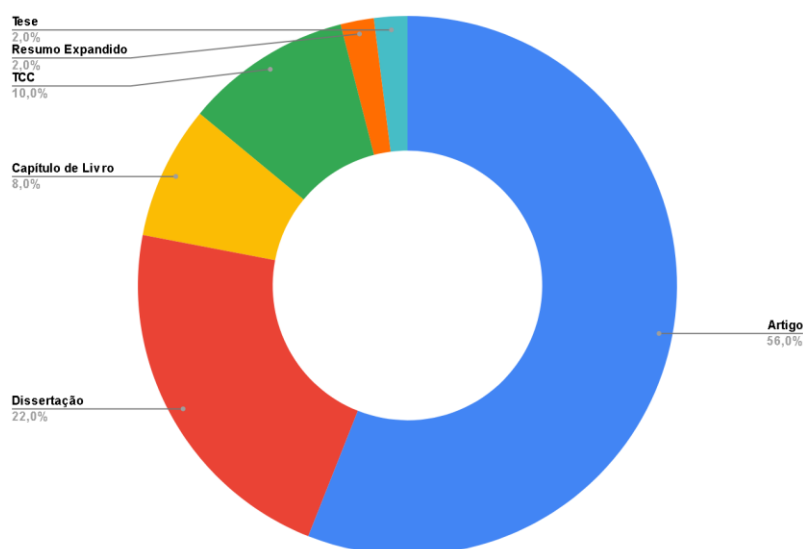
3.1 SOBRE A ORIGEM DOS TRABALHOS

Do total de 50 trabalhos analisados, 18 estão disponíveis em Bibliotecas/Acervos Digitais (36%) como repositórios institucionais, outros 18 estão disponíveis em anais de eventos (36%), 10 em periódicos (20%) e 4 em livros on-line (8%). Com isso, percebe-se que a maioria dos trabalhos vem tanto de anais de eventos como de repositórios institucionais.

3.2 SOBRE A MODALIDADE TEXTUAL (GÊNERO)

Quanto ao tipo de texto analisado, o gênero mais presente no conjunto de 50 trabalhos investigados trata-se de artigo acadêmico. Ao todo, foram identificados: 28 artigos acadêmicos (56%), 11 dissertações (22%), 5 TCCs (10%), 4 capítulos de livro (8%), além de uma tese (2%) e um resumo expandido (2%), conforme gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1: Modalidade Textual dos trabalhos analisados



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.



3.3 SOBRE O ANO DE PRODUÇÃO

Durante o percurso da pesquisa, ficou claro que há uma particularidade quanto ao período pesquisado: de 2000 a 2009 não foi relacionado nenhum trabalho sobre transmídia no jornalismo. É preciso esclarecer que isso pode ser associado às próprias escolhas e critérios definidos no processo de busca e levantamento de dados para a pesquisa, como os filtros adotados e, principalmente, as palavras-chave. Portanto, quaisquer alterações nessas escolhas podem afetar diretamente o resultado, sobretudo se forem usadas outras palavras-chave ou excluídas as aspas ou conectores.

Diante desse resultado, demarcou-se o filtro “Período Específico”, deixando a busca ser feita a ‘Qualquer Momento’. Ainda assim, não houve uma alteração expressiva nos resultados. Nossos achados indicam que é a partir de 2010 que as pesquisas sobre transmídia no jornalismo começam a ganhar corpo no Brasil. Ademais, demonstram que o período 2010-2019 também pode ser dividido em dois ciclos: o primeiro, de 2010 a 2012, no qual 2010 apresenta 1 trabalho (2%), 2011 apresenta 3 trabalhos (6%) e 2012, 4 trabalhos (8%). Já no segundo período, de 2014-2019, são 5 trabalhos (10%) em 2014, 5 (10%) em 2015, 6 (12%) em 2016, 4 (8%) em 2017, 13 (26%) em 2018 e 9 trabalhos (8%) em 2019. Essa linha ascendente entre um ciclo e outro torna evidente o crescente interesse acadêmico sobre o Jornalismo Transmídia e a necessidade de se investigar as transformações por ele causadas no jornalismo contemporâneo. Convém ressaltar, ainda, que o ano de 2013 não registrou nenhuma pesquisa, servindo como ponto de ruptura na linha do tempo referente aos trabalhos produzidos.

3.4 SOBRE A PLATAFORMA E/OU SUPORTE DO OBJETO PESQUISADO

Neste aspecto, é importante ressaltar que há uma divisão entre plataformas e/ou suportes midiáticos propriamente ditos (TV, Impresso, Rádio, Internet, redes sociais digitais, sites, blogs, *streaming*, etc.); Trabalhos

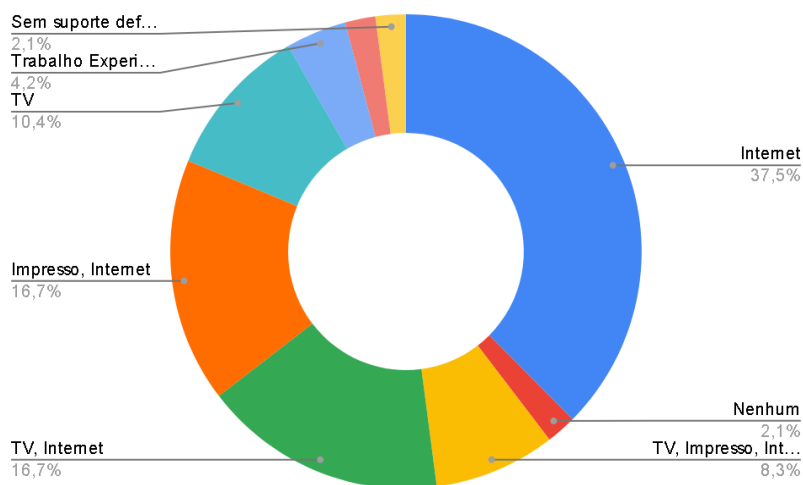


Experimentais inspirados na estrutura multiplataforma da Narrativa Transmídia; e trabalhos sem suporte definido, aproximando-se das discussões teóricas. Pela própria natureza da transmídia, também é importante frisar que parte dos trabalhos pesquisados relacionam mais de um suporte e/ou plataforma

Assim, após a catalogação e sistematização dos dados, chegou-se às seguintes proporções: 18 trabalhos têm como plataforma principal a Internet, compreendendo plataformas secundárias como sites, blogs e redes sociais (37,5%), 8 enfocam Impresso/Internet (16,7%), outros 8 a TV/Internet (16,7%), 5 elegem a TV como principal suporte (10,4%), 4 analisam o trio TV/Impresso/Internet (8,3%), 2 são trabalhos experimentais que não elegeram um determinado suporte e/ou plataforma (4,2%), 1 trabalho que também não teve um suporte principal (abordando-os de forma generalizada), mas não é experimental (2,1%), 1 com o Rádio/Internet como suporte principal (2,1%) e 1 trabalho que simplesmente não enfocou nenhum suporte (2,1%). É perceptível que a Internet, Impresso/Internet e TV são os suportes que mais motivam as pesquisas sobre a temática no Brasil no período analisado, algo que corrobora a TV e o Impresso como plataformas que ainda mostram fôlego e que ganham um novo escopo a partir da sinergia com a Internet. Muitos trabalhos sobre TV mostram o uso de redes sociais digitais na construção da notícia, inclusive com a participação do público da web como o 'mergulho' que a TV incita. No gráfico a seguir, o resumo desses dados.



Gráfico 2: Distribuição dos trabalhos por plataforma e/ou suporte midiático



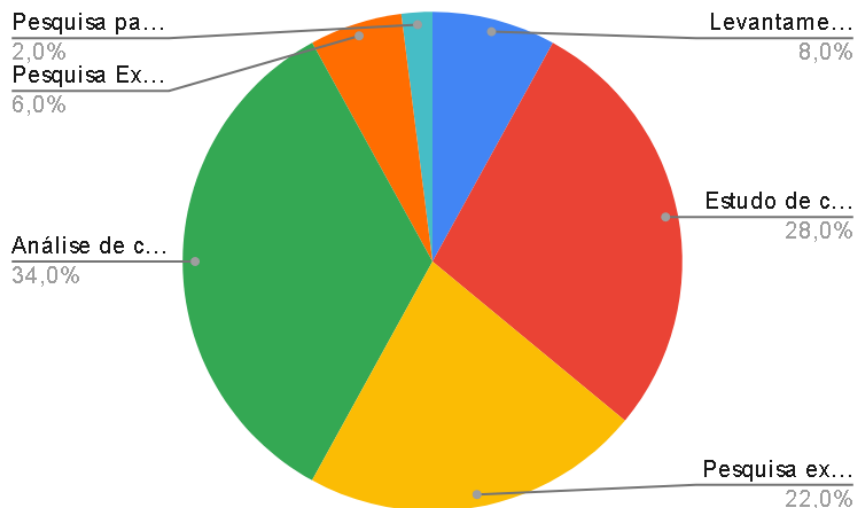
Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

3.5 SOBRE AS METODOLOGIAS DOS TRABALHOS

O foco desta pesquisa é compreender quais os procedimentos metodológicos usados com mais regularidade nas pesquisas sobre Jornalismo Transmídia e convém destacar que se trata de uma análise ainda em estágio inicial, mas que já apresenta dados relevantes. Como muitos dos trabalhos utilizam mais de um procedimento na metodologia de pesquisa, foi destacado o mais evidente em cada um dos trabalhos. Com isso, foram quantificados 17 trabalhos que são baseados em análise de conteúdo (34%), 14 em estudo de caso (28%), 11 em pesquisa exploratória (22%), 4 em levantamento bibliográfico (8%), 1 em pesquisa participativa (2%) e 3 trabalhos que se constituem pesquisa experimental (6%). Percebe-se que, conforme a década de 2010 avança, mais surgem trabalhos que utilizam a análise de conteúdo e o estudo de caso como técnicas metodológicas principais. Além disso, é perceptível como no biênio de 2010 a 2012, os procedimentos metodológicos predominantes são referentes à revisão bibliográfica ou, de forma mais ampla, a pesquisas exploratórias em si.



Gráfico 3: Procedimentos metodológicos nos trabalhos analisados



Fonte: Dados da Pesquisa, 2020.

Uma informação que foi evidenciada durante esta pesquisa e que corrobora investigações de pesquisadores como Pernisa Jr. e Alves (2010), Souza (2011), Alzamora e Tárzia (2012), Martins (2012, 2015a, 2015b), Scolari (2013) e Canavilhas (2013) se refere ao potencial narrativo que o Jornalismo Transmídia apresenta, o que contribui inclusive para a pluralidade das pesquisas realizadas. Temáticas e formatos podem ser amplamente explorados, além das novas possibilidades nas etapas de produção do jornalismo que surgem, favorecendo, assim, que as pesquisas se desenrolem sobre diferentes perspectivas e ângulos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida com o intuito de identificar os procedimentos metodológicos mais frequentemente utilizados para analisar o jornalismo transmídia a partir do olhar sobre as pesquisas realizadas no Brasil no período de 2000 a 2019. Com isso, buscou-se construir um panorama dos



trabalhos que abordam transmídia e jornalismo, visando a construção de seu estado da arte, sobretudo no que diz respeito às técnicas de metodologia. No entanto, também se deu enfoque para a origem, gênero, ano de produção e tipos de plataformas e suportes em que os objetos são pesquisados. A partir dos resultados desse estado da arte, pôde-se chegar às constatações importantes.

Em primeiro lugar, a busca pela compreensão dos métodos usados com maior regularidade nas pesquisas sobre transmídia no jornalismo nos levou a perceber que não há, pelo menos no conjunto de pesquisas analisadas, um método específico para essa abordagem, valendo-se das técnicas mais usuais nas pesquisas de comunicação. Em segundo, ao olharmos para as técnicas metodológicas mais utilizadas nos trabalhos consultados, identificou-se, como já mostrado no gráfico 3, a Análise de Conteúdo e o Estudo de Caso como os mais frequentes, especificamente a partir do ano de 2014 quando as pesquisas sobre a temática em foco se intensificam. Também é importante frisar a presença de levantamento bibliográfico e pesquisa exploratória nos primeiros anos da década 2010, percebida em trabalhos preocupados em compreender o conceito de jornalismo transmídia.

Em terceiro, voltando-se aos demais elementos, percebe-se que essa temática é bastante discutida em eventos científicos, mas com um índice de publicação em periódicos que atinge apenas 1/5 do total de trabalhos analisados. Portanto, os levantamentos sobre o tema tendem a encontrar terrenos mais férteis em plataformas de anais de eventos e em repositórios institucionais do que nas plataformas de periódicos propriamente ditos. Sobre a modalidade textual, a predominância do artigo científico (seja ele publicado em anais, periódicos, acervos digitais ou como capítulo de livros) sugere que as discussões sobre a temática sejam bastante atuais, uma vez que o tempo demandado para esse tipo de texto costuma ser menor do que, por exemplo, para a conclusão de um TCC, dissertação ou tese.

Observou-se, ainda, que a internet figura como a principal plataforma dos objetos analisados, sendo incluída também nas pesquisas que enfocam impresso, televisão e, claro, redes sociais digitais, blogs, sites e outros. Essa



constatação reforça a nossa percepção de que o jornalismo transmídia, diferentemente do entretenimento, requer o uso de certas potencialidades da internet, como multimídia, hipertextualidade e interatividade, uma vez que a sua própria linguagem no universo narrativo precisa considerar essas características.

Ademais, destacou-se que durante todos esses anos de produção, as abordagens voltaram-se, predominantemente, à vertente narrativa da transmídia no jornalismo. Por mais que as discussões iniciais sejam em torno do conceito ou se concentrem nas manifestações desse tipo de narrativa nas práticas jornalísticas, o seu papel enquanto narrativa sempre esteve em foco ao longo do tempo.

Por último, ao encararmos o desafio de pensar e propor categorias analíticas para o jornalismo transmídia, nossas reflexões nos levaram a considerar não apenas os objetos empíricos e suas correlações, mas sobretudo a estrutura multiplataforma na qual esses objetos constroem a narrativa. Encontram-se muitos trabalhos que abordam as transformações advindas da Narrativa Transmídia dentro desse contexto convergente, transformando os métodos de produção do jornalismo, suas narrativas, formatos e até mesmo a forma como o público participa desse processo. Isso reforça estudos anteriores (MARTINS, 2012, 2015b) e nos aponta a importância de considerar os processos produtivos polivalentes, o caráter multiplataforma e expansivo da narrativa jornalística e os seus canais de entrada que possibilitam a participação e engajamento do público enquanto categorias importantes para analisar o jornalismo transmídia.

É evidente que este é um trabalho ainda em construção, que o material coletado ainda pode ser analisado por outros ângulos, que seus dados podem ser sopesados e avaliados mais minuciosamente. Contudo, esse primeiro esforço em melhor compreender o recorte de pesquisas em transmídia no jornalismo já nos trouxe resultados muito interessantes, conforme anteriormente apresentados. Percebe-se a força que a Internet apresenta na convergência com outros suportes, sendo que a TV se apropria bastante da linguagem transmídia



para construir suas narrativas. Com a escalada das pesquisas desenvolvidas na área, o horizonte apresenta várias e novas possibilidades. Uma delas, que vem se descortinando nitidamente em nossas investigações (MARTINS, 2018; MARTINS, CASTRO, FECURY, 2018), é o uso da transmídia enquanto elemento inovador no jornalismo – um aspecto que construindo narrativas que possibilitam novos modos do jornalismo se fazer presente na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALZAMORA, Geane; TÁRCIA, Lorena. A narrativa jornalística transmidiática: considerações sobre o prefixo trans. In: LONGHI, Raquel; D'ANDREA, Carlos (Orgs.). *Jornalismo convergente: reflexões apropriações, experiências*. Florianópolis: Insular, 2012.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CANAVILHAS, João. Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. In: Renó, D.; Campalans, C.; Ruiz, S.; Gosciola, V. (Orgs.). *Periodismo Transmedia: miradas múltiples*, pp. 53-68, Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2013.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas Estado da Arte. *Educação & Sociedade*, 79, ano XXIII, ago/2002, CEDES, Campinas – SP, 258 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 11 de set. de 2020.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Trad. Suzana Alexandria. 2 ed. São Paulo. Aleph, 2009. ISBN: 978-85-7657-084-4.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Elaide. Telejornalismo na era digital: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel. **Brazilian Journalism Research**, SBPJor, v. 8, n. 2, 2012.

MARTINS, Elaide. Narrativa transmídia no jornalismo amapaense: percepções e apropriações. In: SARDINHA, Antonio; MARTINS, Elaide (Org.) *Interfaces Midiáticas na Amazônia – pesquisas, saberes e vivências*. Rio de Janeiro: Autografia / EdUNIFAP, 2015a. p. 156-179.



MARTINS, Elaide. Convergência e Narrativa Transmídia no Jornalismo: transformações nas práticas e no perfil dos profissionais. *Brazilian Journalism Research*. SBPJor, v.11, n. 2, 2015b, p. 184-203.

MARTINS, Elaide. Modos e sentidos da inovação no jornalismo. *Comunicação & Inovação*, v. 19, n. 39, 2018.

MARTINS, Elaide; CASTRO, Mariana; FECURY VINAGRE, Isabelle. Jornalismo transmídia: características e concepções. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO, 8, 2017, Campo Grande/MS. **Anais...** Campo Grande, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2017.

MARTINS, Elaide. TRANSMÍDIA E REDES SOCIAIS: aspectos da inovação no telejornalismo. *Revista Observatório*, v. 4, n. 3, p. 571-600, 2018.

MARTINS, Elaide; DUARTE, Glenda Suelem Magno. CONCEPÇÕES DO JORNALISMO TRANSMÍDIA: EM BUSCA DE UM CONCEITO. *Aturá-Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, v. 3, n. 3, p. 56-75, 2019.

MOLONEY, Kevin. (2011). **Porting transmedia storytelling to journalism** (Master Thesis). Faculty of Social Sciences, University of Denver, United States. Disponível em: https://digitalcommons.du.edu/do/search/?q=author_lname%3A%22Moloney%22&author_fname%3A%22Kevin%22&start=0&context=7293930. Acesso em 12 Jul. 2020.

PERNISA JÚNIOR, Carlos; ALVES, Wedencley. *Comunicação digital: jornalismo, narrativas, estética*. Rio de Janeiro; Mauad X; 2010. 115 p.

SCOLARI, Carlos A. *Narrativas Transmedia – cuando todos los medios cuentan*. Barcelona: Deusto, 2013.

SOUZA, Maurício. **Jornalismo e Cultura da Convergência – a narrativa transmídia na cobertura do caso cablegate nos sites El País e Guardian**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Santa Maria-RG: UFSM, 2011, 252 f.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELACE DE SABERES



FAKE NEWS: UM ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PARA UM ALERTA À DESINFORMAÇÃO NA INTERNET⁵⁵

Lucas Matheus Santos Porto⁵⁶

Resumo: Este artigo consiste em um estudo feito sobre Fake News. O objetivo é discutir esse conceito que é pauta de muitas conversas nos últimos tempos. Grande parte da população não consegue identificar os perigos em compartilhar uma notícia como será mostrado ao longo deste artigo. Felipe Pena (2012) fala que uma notícia compartilhada pode causar danos irreversíveis à vida de alguém. O trabalho tem como base referências teóricas sobre comunicação, Fake News, algoritmo, bolhas sociais e pós-verdade. A metodologia deste artigo é de pesquisa bibliográfica. Os resultados mostram como pode ser perigoso compartilhar informações falsas. Os autores discutem temas relacionados à comunicação, desinformação e Fake News.

Palavras-chave: Fake News. Pós-verdade. Comunicação.

FAKE NEWS: A BIBLIOGRAPHIC REVIEW FOR AN ALERT TO DESIFORMATION ON THE INTERNET

Abstract: This article consists of a study about the theme Fake News. The objective is discuss that concepet that has been the theme of many conversations on these days. A larg part of the population do not know how to identify the dangers on share news as going to showing on this article. Felipe Pena (2012) says that to share a news can cause irreversible dangers to someone's life. The work has as base the theoretical references about communication, Fake News, algorithms, social circles and post-truth. The methodology of this article is a bibliographic research. The results going to show how can be dangerous to share Fake News. The authors discuss topics about communication, misinformation and Fake News.

Keywords: Fake News. Post-truth. Communication.

FAKE NEWS: UNO ESTUDIO DE REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA PARA UNO ALERTA A LA DESIFORMACIÓN EM INTERNET

Resumen: Este artículo consiste en un estudio realizado sobre Fake News. El objetivo es discutir este concepto que ha sido objeto de muchas conversaciones recientemente. Una gran parte de la población es incapaz de identificar los

⁵⁵ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Jornalismo e Tecnologias Digitais do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

⁵⁶ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (porto-lucass@hotmail.com)



perigos de compartilhar notícias como se verá a lo largo de este artículo. Felipe Pena (2012) dice que las noticias compartidas pueden causar daños irreversibles en la vida de alguien. El trabajo se basa en referencias teóricas sobre comunicación, Fake News, algoritmo, burbujas sociales y posverdad. La metodología de este artículo es la investigación bibliográfica. Los resultados muestran lo peligroso que puede ser compartir información falsa. Los autores discuten temas relacionados con la comunicación, la desinformación y las noticias falsas.

Palavras-Clave: Fake News. Posverdad. Comunicación.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, é comum ler ou ouvir o termo Fake News em conversas do dia a dia, principalmente no que diz respeito à esfera política dos debates contemporâneos. Em uma tradução ao pé da letra para o português, o termo significa notícias falsas.

A questão das Fake News é o pano de fundo deste artigo de revisão bibliográfica que irá mostrar a importância do processo de comunicação, o compartilhamento de informações no ciberespaço, o uso de algoritmos nas redes sociais online para filtrar as buscas dos usuários e definição do que será mostrado. O objetivo deste artigo é mostrar como a compartilhamento de Fake News é um problema da atual sociedade.

Infelizmente, é cada dia mais frequente se deparar com Fake News espalhadas em redes sociais online. É possível encontrar nas mais diversas redes sociais online, tais como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* ou até mesmo aplicativo para troca de mensagens, como o *Whatsapp*. Quem nunca recebeu uma informação no grupo da família ou de amigos com uma fonte ou título duvidoso? Ou viu um compartilhamento um pouco duvidoso no *Facebook*?

As notícias falsas estão presentes em diversas áreas e nem sempre têm relação com o mundo político, além de fazer parte da história da humanidade há muitos anos. As notícias falsas, os boatos e rumores não são novidade, conforme cita Caroline Delmazo e Jonas Valente (2018).



O presidente do Brasil, Jair Bolsonaro teve uma publicação sinalizada como falsa em sua conta na rede social online Instagram, no dia 11 de maio de 2020⁵⁷. Segundo a publicação, o número de mortes no Ceará diminuiu em 2020, o que já foi comprovado como falso. A partir das redes sociais online e da disseminação de notícias falsas, Jair Bolsonaro é capaz de influenciar pessoas.

As redes sociais online têm um papel muito grande no processo de desinformação e do compartilhamento de informações falsas na rede. “Apesar das notícias fabricadas serem um fenômeno antigo, a disseminação das redes sociais online e a cultura de partilhar abrem margem para que a desinformação atinja um novo patamar”, conforme cita Caroline Delmazo e Jonas Valente (2018).

Tal assunto é de diversa importância, pois no dia 30 de junho de 2020, o projeto de lei 2.630/2020 que tem o objetivo de combater o compartilhamento de informações falsas no ciberespaço foi aprovado no Senado. Há pontos importantes no projeto atual que vão desde o usuário ter que se identificar para não haver contas falsas nas redes, a proibição de contas robôs, que são contas automatizadas, publicações sinalizadas como conteúdos publicitários e entre outros de grande importância que irão ajudar na identificação de informações falsas.

No primeiro momento, o artigo mostrará a importância do processo de comunicação e o surgimento das Fake News. No segundo momento, mostrará a relação com o termo pós-verdade, a influência dos algoritmos nas buscas online e como as bolhas sociais podem prejudicar o usuário. No terceiro momento, o artigo mostrará as considerações finais sobre os estudos feitos para a produção do artigo de revisão.

⁵⁷ Instagram sinaliza como falsa a postagem do presidente. Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/instagram-tarja-postagem-de-bolsonaro-com-informacoes-falsas-24422196>



2 COMUNICAÇÃO

Estamos sempre conectados no mundo virtual, consumindo ou trocando informações, seja para responder um e-mail, uma mensagem ou até mesmo assistindo um noticiário, conforme *Ciro Marcondes Filho (2017)*.

A comunicação faz parte do ser humano desde o início dos tempos e ela acontece do simples ao mais extenso diálogo. Pode se manifestar desde uma fala, um canto, um grito, uma dança ou até mesmo um voto de silêncio, com o objetivo de passar uma mensagem.

Quando se comunica com alguém, queremos repassar uma informação, seja qual for o tema. *Filho (2017)* fala que “um diálogo pode ser bem mais que somente a palavra falada e caminha em busca de ter responsabilidade com o próximo”. Ao pensar nisso, vê-se uma necessidade em repassar uma informação com veracidade, levando em conta que cada ser humano recebe uma notícia e irá vive-la de modo único.

Com a tecnologia, novas formas de comunicação surgiram, como as redes sociais online. Um espaço para interagir, trocar e receber informações. “A tecnologia é capaz de causar novas sensações no processo de comunicação, onde as pessoas podem experimentar e vivenciar a diversidade do espaço e tempo”, conforme *Mauro Sousa (2017)*.

A interação social mediada pelos dispositivos técnicos, desde a escrita e das possibilidades da fala, tem hoje na internet a oportunidade de construção de um mundo, se não ambivalente e dual e de múltiplas opções, por onde o protagonismo dos atores sociais pode se resumir à capacidade de se conectar apenas para experimentar e vivenciar essa mesma diversidade de espaço e tempo (*SOUSA, 2017, p. 20*).

“O mundo se transformou e novos formatos de conteúdo foram criados e defende que as redações jornalísticas devem saber lidar com a nova forma de produção de conteúdo”, conforme *Denis Renó (2013)*. É nesse momento em que novas tecnologias surgem para as pessoas se unirem e moldarem novos formatos.



3 FAKE NEWS

Traduzido para o português, a palavra Fake News significa notícia falsa. Tal termo ganhou destaque nas plataformas digitais, mídia e conversas do dia-a-dia. Raquel Recuero e Anotolly Gruzd (2018) definem Fake News como um termo utilizado pela mídia para representar notícias falsas que circulam principalmente no mundo virtual. Para os autores, as notícias falsas são sinônimo de desinformação. Além dos dois autores, Marta Sintra (2019) mostra a importância de verificar as procedências de uma informação na rede.

“Uma vez que o termo Fake News não é novo e tem sido usado em numerosos contextos é primordial verificar as diferentes maneiras pelas quais as Fake News foram anteriormente definidas”, conforme classifica Marta Sintra (2019).

Em tempos de fugacidade e com a chegada da tecnologia, o ciberespaço tornou-se uma grande fonte de informação. As notícias são compartilhadas no espaço online ligeiramente e o que importa é compartilhar o máximo de informações possíveis, no menor tempo, sem ao menos checar as fontes, procedência e se a história é real. Esse compartilhamento aumenta o fluxo de informações na rede, sejam notícias verdadeiras ou falsas, e podem causar danos irreversíveis à sociedade.

As designações mais populares como Fake News, pós-verdade e desinformação têm trazido à tona uma recente preocupação com a veracidade e a confiabilidade das informações disseminadas na internet, as quais acabam por formar opiniões e conhecimentos perniciosos, baseados em informações falsas ou imprecisas (SINTRA, 2019, p.7).

Nesse momento, antes de compartilhar qualquer informação, checar a fonte é essencial. A partir do momento em que a informação é compartilhada, ela transforma-se em um caminho sem volta, e mais pessoas receberão aquela informação, seja falsa ou não.



A internet como um meio tecnológico muito importante contribui diretamente para a disseminação de informações verdadeiras ou falsas. Além de ser um espaço em que você pode receber qualquer conteúdo, é um local onde você pode checar todas as fontes de informação.

As definições de Fake News estão alterando ao longo do tempo. “O termo foi anteriormente usado para definir tipos de conteúdo relacionados, mas distintos, como paródias de notícias, sátiras políticas e propagandas de notícia. Já atualmente é sobretudo utilizado para assinalar as histórias falsas que se espalham nas redes sociais, com objetivos muito específicos de atuação, como nos casos em que foram apontados como tendo tido o propósito de desacreditar os relatórios críticos de algumas agências noticiosas (TANDOC, LIM E LING, 2018, p. 139 apud SINTRA, 2019).

Com isso, é preciso deixar explícita a diferença entre Fake News e má apuração. Para Eugênio Bucci (2020), a notícia falsa é criada com o objetivo de disseminar um falso acontecimento e é distribuída deliberadamente, e a má apuração acontece quando um jornalista ou cidadão não apura a informação que recebeu. “A desinformação corrói a verdade e uma pessoa que repassa a desinformação propositalmente não é ética”, conforme Bucci (2020).

Felipe Pena já alertava sobre o perigo de compartilhar informações falsas desde muito tempo, porque os danos são grandes. No jornalismo não há como cicatrizar o que foi machucado. Depois que uma notícia for exposta, é bem difícil contê-la, conforme Pena (2005).

No jornalismo, não há fibrose. O tecido atingido pela calúnia não se regenera. As feridas abertas pela difamação não cicatrizam. A retratação nunca tem o mesmo espaço das acusações. E mesmo que tivesse, a credibilidade do injustiçado não seria restituída, pois a mentira fica marcada no imaginário popular. Quem tem a imagem pública manchada pela mídia não consegue recuperá-la. Está condenado ao ostracismo (PENA, 2005, p.1).

O *Instagram* é uma rede social online em que é possível compartilhar fotos e vídeos. Raquel Recuero (2009) fala que são essas redes que irão definir e compartilhar as informações que são relevantes para os grupos sociais.



As ações das plataformas do mundo online não são seguras. Antes de tudo, é necessário educar as pessoas que estão no meio digital, e não repassar nada antes de checar a fonte da informação. O compartilhamento precisa ser ético e com um senso crítico, conforme classifica Pollyana Ferrari (2018).

Segundo Ferrari (2018), isso mostra que as pessoas tem consciência de que as notícias são falsas, mas como é uma opinião a favor do que a pessoa crê, ela compartilha mesmo sabendo que aquilo se trata de uma farsa.

A pós- verdade aponta para uma sociedade informacional que compartilha personas digitais, desejos que não tem lastro com o real. Vejo que às vezes as pessoas até têm dimensão de que determinada informação é falsa, mas como isso vai ao encontro do seu desejo, ela compartilha (FERRARI, 2018, p. 1).

As *Fake News* sempre existiram e fizeram parte da história mundial, não sendo apenas um termo da atualidade que surgiu recentemente. A comunicação mostra que com as redes sociais e todo o ciberespaço de forma geral, as pessoas tem um espaço maior para se expressar, conforme classifica Pollyana Ferrari (2018).

Newton Calegari (2017) define as *Fake News* em três classificações: em notícias propriamente ditas, as “não notícias”, que são irrelevantes e notícias falsas. O autor classifica que existem sites que compartilham informações falsas e enganam o leitor, como por exemplo, sites que usam títulos sensacionalistas ou sites com teor humorístico, como o Sensacionalista.

4 A RELAÇÃO ENTRE FAKE NEWS E PÓS-VERDADE

O termo *Fake News* e o termo pós-verdade estão conectados. O Dicionário Oxford definiu o termo “pós-verdade” como a palavra do ano de 2016. É uma reação da opinião pública aos acontecimentos quando o apelo emocional



é mais forte que os fatos reais, como classifica José Zarzalejos (2017). Por exemplo, quando você não gosta de determinada pessoa e te contam algo ilógico, que você tem plena consciência que é mentira, finge que acredita e mesmo assim compartilha, é um retrato real da pós-verdade.

O termo pós-verdade é uma influência no processo de produção de *Fake News*, já que elas são produzidas para alimentar uma pós-verdade. Zarzalejos (2017) ressalta que a notícia falsa nada mais é que um produto final da pós-verdade. É um ciclo sustentável, levando em conta que quanto mais você espalha notícias falsas, mais as pessoas vão acreditar.

Quando você acredita em tudo de ruim ou errado que falam sobre algo ou alguém só por não gostar daquilo, você não acredita porque é verdade, acredita porque é um critério individual. E isso não se trata de uma pós-verdade, trata-se de uma mentira. Levando em conta que várias pessoas tem acesso à essas informações, as consequências podem ser muito grandes, conforme classifica Leandro Karnal (2017).

Para ele (2017), “A internet esgarçou e capilarizou a capacidade de acesso à informação. O lado positivo é que mais gente tem acesso à informação. O negativo é que mais gente tem acesso à informação também”.

“O conceito de pós-verdade foi revigorado a partir da explosão de informações geradas ou reproduzidas da web”, conforme classifica Armando Medeiros (2017). Medeiros (2017) cita que nas mídias sociais, encontram-se proximidades em gostos, seja em grupos familiares, de amigos ou desconhecidos. O compartilhamento de notícias falsas e o surgimento do termo pós-verdade causa um impacto diretamente no jornalismo, como classifica Victoria Prego (2017).

Como se o exército do jornalismo não tivesse suficientes ameaças a enfrentar, em um momento em que começa a caminhar por uma trilha pouco conhecida, marcada pelas novas tecnologias, em constante mudança em um mundo globalizado, cujo limites, se é que existem, ainda estão por ser descobertos, agora, na comunicação também a informação enfrenta um fenômeno crescente, que foi piedosamente nomeado com um evidente eufemismo: a pós-verdade (PREGO, 2017, p.20).



Atualmente, é frequente achar pessoas que se intitulam jornalistas por simplesmente compartilharem um conteúdo no ciberespaço. É necessário ressaltar que fazer jornalismo não é só escrever um texto. Essa ação irracional causa um grande impacto na credibilidade do jornalismo, pois a população acha que o veículo de comunicação não mostra a veracidade dos fatos e preferem acreditar em informações do ciberespaço, como cita Victoria Prego (2017).

5 ALGORITMOS E BOLHAS SOCIAIS

Fake News e pós-verdade são termos intimamente ligados ao mundo digital. A partir deles, na internet, é possível encontrar bolhas sociais e algoritmos, que são responsáveis por filtrar e definir as buscas e gostos dos usuários do mundo on-line.

Segundo Julio Castro (2019), plataformas algorítmicas materializam a governança algorítmica. De acordo com ele, os dados que o usuário fornece irão definir o conteúdo que será exibido. Por exemplo, quando você entra no Google e pesquisa sobre viagens, provavelmente após a busca, suas redes sociais estarão repletas de anúncios relacionados a viagens. Esse é o trabalho do algoritmo: Filtrar os assuntos mais importantes para você e te oferecer informações sobre.

Se as plataformas algorítmicas induzem a performatividade, via interação, é primordialmente para oferecer aos usuários conteúdos com os quais eles tenham maior afinidade e familiaridade, mirando atrair a sua atenção. (CASTRO, 2019).

Os algoritmos são uma tentativa de descrever o passo a passo necessário para realizar um procedimento de forma objetiva para executar de forma independente, como descreve Tales Tomaz e Guilherme Silva (2018). Segundo os dois autores, o ideal dos algoritmos é descrever todos os passos de forma tão objetiva a ponto desse processo ser automatizado.

Uma rede social muito conhecida por trabalhar com algoritmos é o *Facebook*, que mostra anúncios baseados em buscas de navegadores. Desse



modo, os algoritmos criam “bolhas sociais” para indivíduos, maquiando a realidade ao redor e mostrando somente interesses pessoais.

É importante que se distinga o que são as redes sociais na Internet. Elas não constituídas de forma diferente das redes offline, justamente por conta da mediação. As redes sociais online, por exemplo, são apresentadas através de representações dos atores sociais. Ou seja, ao invés de acesso a um indivíduo, tem-se acesso a uma representação dele. (RECUERO, 2012, p. 2).

Essa segregação faz com que as pessoas vivam em bolhas sociais, já que o conteúdo mostrado a elas será um conteúdo encomendando, baseado em informações pessoais. Com o processo de algoritmos, as pessoas são alvos mais fáceis de informações falsas no ciberespaço, mais um exemplo de onde a pós-verdade se aplica no mundo real.

Por exemplo, se uma pessoa acessa diariamente links de páginas políticas específicas, quando se deparar com notícias que vão a favor do pensamento delas, a probabilidade de compartilhar informações falsas é maior.

De acordo com Júlio Castro (2019), os dados nas plataformas com algoritmo levam à terceirização de escolhas, porque o usuário passa a ter mais confiança na plataforma devido ao conteúdo compartilhado baseado nos gostos pessoais.

A comunicação é definida por Tales Tomaz e Guilherme Silva (2018) como um processo de troca de informação. Os autores acreditam que os algoritmos são capazes de controlar a vida das pessoas e alteram o conceito de tecnologia no processo comunicacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o objetivo de discutir o conceito de Fake News. A partir da revisão bibliográfica, foi possível perceber como pode ser perigoso compartilhar informações falsas. Um simples compartilhamento como mostrado



ao longo do trabalho, pode causar danos irreversíveis à vida de alguém, seja físico ou psicológico, como diz Felipe Pena (2012).

Ao longo da produção deste artigo, percebi que a desinformação é uma das principais responsáveis pelo compartilhamento de informações falsas na rede. Estar informado é essencial em uma sociedade onde uma informação falsa pode ser responsável por destruir vidas, carreiras e momentos.

As notícias falsas são o reflexo da desinformação. A desinformação e o compartilhamento de informações falsas podem gerar grandes transtornos e perigos à uma sociedade. Assim, como as notícias falsas, a desinformação é capaz de manipular atitudes. É necessário estar atento aos perigos da manipulação e disseminação das informações.

Após a produção deste trabalho, percebi que grande parte da população não consegue identificar os perigos em compartilhar uma notícia falsa. O primeiro passo é checar a fonte da informação e a procedência da notícia. Antes de compartilhar qualquer conteúdo no ciberespaço, pesquisar no Google e checar se a notícia está em sites de relevância é muito importante para não repassar informações falsas.

O cidadão precisa ser ético, acima de tudo, para conviver em uma sociedade justa e sem informações falsas. É necessário educar a população para todos entenderem que compartilhar notícias falsas é uma questão de ética e empatia, além de ser crime.

REFERÊNCIAS

AMADO, Guilherme. Instagram tarja postagens de Bolsonaro com informações falsas. Época, São Paulo, 11 maio. 2020. Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/instagram-tarja-postagem-de-bolsonaro-com-informacoes-falsas-24422196>

BUCCI, Eugênio. Eugênio Bucci fala sobre a luta da universidade contra as Fake News. CRB-8. 19 de maio de 2020. Fake News, Desinformação e Notícia. Disponível em: <http://www.crb8.org.br/eugenio-bucci-fala-sobre-a-luta-da-universidade-contras-fake-news/>

CASTRO, Julio. Revista Famecos. Plataformas Algorítmicas: Interpelação, perfilamento e performatividade. 2019. Disponível em:



<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/33723/19366>

CALEGARI, Newton. Encontros com a Web: Fake News. São Paulo. 2017. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/newtoncalegari/fake-news-na-web>

DELMAZO, Carolina; VALENTE, Jonas. Fake News nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. Media & Jornalismo. Coimbra. 2017.

FERRARI, Pollyana. Como sair das bolhas?. App Sindicato. 18 de Abril de 2018. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/como-sair-das-bolhas/>

FILHO, Ciro Marcondes. Revista Paulus. Comunicação e revelação. 2017. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/5/5>

GRUZD, Anatoliy. RECUERO, Raquel. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/gal/n41/1519-311X-gal-41-0031.pdf>

KARNAL, Leandro. Programa Ponto a Ponto: Leandro Karnal. Vídeos Band. Disponível em: <https://videos.band.uol.com.br/16372383/programa-ponto-a-ponto-leandro-karnal.html>

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MEDEIROS, Armando. A Mentira da pós-verdade. Revista Uno, 2017, número 27, pág 26.

PENA, Felipe. No Jornalismo Não Há Fibrose: A Ruína das Fontes, O Denuncismo e a Opinião Pública. INTERCOM 2012. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/56720104782204466316291578702110319214.pdf>

PREGO, Victoria. Bolhas Informativas. Revista Uno, 2017, número 27, pág 20.

QUIROGA Sergio Ricardo y Ainara Larrondo Ureta, Ana Serrano Tellería, André Luiz Sens, Andrea Cristina Versuti, Camila August (2019). Dimensoes Transmidia. Lisboa: RIA. Disponível em: <https://www.aacademica.org/sergio.ricardo.quiroyga/32.pdf>

RENÓ, Denis. Linguagens e interfaces para o jornalismo transmídia. In: CANAVILHAS, João. (Org.). *Notícias e mobilidade: jornalismo na era dos dispositivos móveis*. Covilhã, 2013. p. 55-70

REQUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. 2009. Disponível em: <http://raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>



REVISTA ÉPOCA: Caderno Negócios. O Que São Algoritmos?. 2017.
Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2017/09/o-que-sao-algoritmos.html>

SINTRA, Marta. Fake News e Desinformação: Perspetivar comportamentos e estratégias informacionais. 2019.

SOUSA, Mauro Wilton de. Revista Paulus. Comunicação e cultura: práticas sociais em debate. 2017. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/39/49>

TOMAZ, Tales; SILVA, Guilherme. Repensando big data, algoritmos e comunicação: para uma crítica de neutralidade instrumental. 2018.

ZARZALEJOS, José. Comunicação, Jornalismo e 'fact-checking'. Revista Uno, 2017, número 27, p. 11.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

SIMPÓSIO DE TRABALHO – REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA. DIÁLOGOS NARRATIVOS: LITERATURA E COMUNICAÇÃO

COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Paulo Nunes (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Vânia Torres Costa (PPGCOM/UFPA)

EMENTA:

Este Simpósio de Trabalho reúne reflexões acerca dos modos tradicionais e contemporâneos de narrar. Perpassa a prática de representação do tempo narrativizado através das diversas práticas midiáticas, desde o oral até o eletrônico. Engloba o narrativo a partir de pensamento sistematizados por teóricos da narratologia e/ou da narrativa, como Mikhail Bakhtin (2003), Paulo Ricouer (2010), Luiz Gonzaga Motta (2013) e Katia Kanton (2009), entre outros.



PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA



INTRODUÇÃO AO ESTUDO ENTRE JORNALISMO E LITERATURA DE CAMPOS RIBEIRO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX⁵⁸

Alcione do Nascimento Carepa⁵⁹

Vânia Torres Costa⁶⁰

Paulo Nunes⁶¹

Resumo: O movimento literário Modernista paraense contou com a participação do literato e jornalista De Campos Ribeiro, jovem, fundador da Associação dos “Novos” e integrante efetivo da Academia do Peixe Frito, grupo que contribuiu para a renovação estética da escrita literária e jornalística destes intelectuais, a partir da década de 20. Escritores engajados, fundaram revistas como a “Belém Nova”, em 1923, base de publicação dos modernistas paraenses. Foram tempos de mudanças, de ação e de pensamentos dos representantes deste movimento. Variações textuais percebidas por meio da análise do conteúdo da escrita, dos locais de publicações dos textos, por meio de entrevistas e, principalmente, no contexto social em que tudo aconteceu. Foram épocas de disseminação de textos questionadores e instigantes sobre situações referentes ao cotidiano urbano e cultural da cidade de Belém, publicados em revistas, livros e jornais. Fatos que motivaram este estudo introdutório que investiga a produção jornalística e literária de De Campos Ribeiro, jornalista e cronista, contador de histórias, irreverente e memorialista.

Palavras-Chave: De Campos Ribeiro. Jornalismo. Modernismo. Literatura. Academia do Peixe Frito.

INTRODUCTION TO THE STUDY BETWEEN JOURNALISM AND LITERATURE DE CAMPOS RIBEIRO IN THE FIRST HALF OF THE 20TH CENTURY

Abstract: The Paraense Modernist literary movement counted on the participation of the young literary and journalist De Campos Ribeiro, founder of the “Novos” Association and effective member of the Academia do Peixe Frito, a

⁵⁸ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST 3: Representações da Amazônia. Diálogos Narrativos: Literatura e Comunicação do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

⁵⁹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFPA). alcione.carepa@hotmail.com

⁶⁰ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFPA). vaniatorres@ufpa.br

⁶¹ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFPA). vaniatorres@ufpa.br



group that contributed to the aesthetic renewal of these intellectuals' literary and journalistic writing, from the 1920s onwards, engaged writers founded magazines such as "Belém Nova", in 1923, the publication base of modernists from Pará. These were times of change, of action and of thoughts of the representatives of this movement. Textual variations perceived through the analysis of the writing content, the places of publication of the texts, through interviews and, mainly, in the social context in which everything happened. There were times of dissemination of questioning and thought-provoking texts about situations related to the urban and cultural daily life of the city of Belém, published in magazines, books and newspapers. Facts that motivated this introductory study that investigates the journalistic and literary production of De Campos Ribeiro, journalist and chronicler, storyteller, irreverent and memorialist.

Key words: De Campos Ribeiro. Journalism. Modernism. Literature. Fried Fish Academy.

INTRODUCCIÓN AL ESTUDIO ENTRE PERIODISMO Y LITERATURA DE CAMPOS RIBEIRO EN LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XX

Resumen: El movimiento literario modernista Paraense contó con la participación del joven literario y periodista De Campos Ribeiro, fundador de la Asociación "Novos" y miembro efectivo de la Academia do Peixe Frito, grupo que contribuyó a la renovación estética de la escritura literaria y periodística de estos intelectuales. a partir de la década de 1920, escritores comprometidos fundaron revistas como "Belém Nova", en 1923, base de publicaciones de los paraenses modernistas. Fueron tiempos de cambio, acción y pensamientos de los representantes de este movimiento. Variaciones textuales percibidas a través del análisis del contenido de la escritura, los lugares de publicación de los textos, a través de entrevistas y, principalmente, en el contexto social en el que todo sucedió. Hubo momentos de difusión de textos cuestionadores y sugerentes sobre situaciones relacionadas con la cotidianidad urbana y cultural de la ciudad de Belém, publicados en revistas, libros y periódicos. Hechos que motivaron este estudio introductorio que investiga la producción periodística y literaria de De Campos Ribeiro, periodista y cronista, narrador, irreverente y memorialista.

Palabras-clave: De Campos Ribeiro. Periodismo. Modernismo. Literatura. Academia de pescado frito.



1 INTRODUÇÃO

Este estudo trata de uma introdução à pesquisa na produção jornalística e literária de José Sampaio De Campos Ribeiro⁶² (1901–1980), participante efetivo dos movimentos intelectuais paraenses de renovação estética ocorridos na primeira metade do século XX. De Campos, como era chamado é, assim, um importante representante do Modernismo no Pará, o que justifica o empenho desta pesquisa em desvelar as escritas deste intelectual.

De Campos integrou a “Academia do Peixe Frito” (APF)⁶³, um grupo formado por cerca de 13 intelectuais que participaram, por meio de suas obras literárias e jornalísticas, do pensamento político e social da Belém das décadas de 20, 30 e 40. O grupo era liderado pelo poeta, ficcionista e “homem de ideias” Bruno de Menezes, que, por meio de seus textos, contribuiu com o Modernismo paraense e com a defesa da Negritude no Pará (NUNES; COSTA, 2016).

Bruno de Menezes (1893-1963) é autor de Candunga⁶⁴, Batuque⁶⁵ e São Benedito da Praia⁶⁶, que segundo Wanzeler (2018), são obras de expressão da cultura regional, consideradas registros poéticos do folclore paraense. Fatos de grande importância na composição, atuação e criação literária e jornalística destes jovens da APF.

De origem simples, Bruno de Menezes nasceu e cresceu no bairro do Jurunas⁶⁷ (NUNES; COSTA, 2016), como a maioria dos componentes do grupo.

⁶² Neste trabalho José Sampaio De Campos Ribeiro será chamado de “De Campos”.

⁶³ O grupo “Academia do Peixe Frito” será identificado pela sigla APF ou APFs quando se tratar de seus acadêmicos.

⁶⁴ Segundo Azevedo (1990), Candunga foi escrito em 1939 e lançado em 1954. O romance faz referência à migração nordestina para a Amazônia.

⁶⁵ Poema publicado inicialmente na revista Belém Nova (1923 – 1929), em 1924, e depois, em 1931, como uma coletânea de poesia em livro, separadamente a partir da segunda edição, em 1939, que o poema virou livro.

⁶⁶ Poema que originou o livro publicado em 1959. Texto retrata a festa de São Benedito, na feira do Ver-

⁶⁷ Um dos bairros mais antigos de Belém e mais populosos. Considerado tenso do ponto de vista da diversidade cultural. Guarda tradições, mas inova criativamente no que se refere a festas e mobilizações em prol do que é considerado tradicional. Um bairro barulhento e tido como perigoso, segundo os noticiários jornalísticos diários sobre violência, segundo Rodrigues (2008).



De Campos, por sua vez, morou durante toda a infância e juventude no bairro do Umarizal⁶⁸ (REGO, 2004), dois bairros de periferia da capital paraense, no que se refere ao processo de expansão da cidade como o crescimento estrutural urbano, iniciado em Belém, pela região à margem dos rios, como o bairro da Cidade Velha, considerado bairro centro.

De acordo com Figueiredo (2001) e Leal (2014), os “Novos”, como também eram chamados os referidos literatos, durante a década de 20, tinham como objetivo questionar e problematizar situações urbanas e socioculturais da cidade de Belém daquele período. Faziam reuniões informais que contribuíram para a criação de um novo ideário político-literário, que objetivava se contrapor aos intelectuais da arte do passado, parnasianos e simbolistas, mais formais, cerimoniais e excludentes; povo abastado, em geral, que se reunia nos cafés à parisiense de Belém, enquanto herdeiros dos comerciantes e seringalistas. Diferente dos ‘acadêmicos’, jovens que não se identificavam com este lugar, que abrigava os demais jovens pertencentes aos meios mais “chiques” da cidade de Belém.

Os questionamentos e as inquietações dos Acadêmicos, de origem humilde, tinham como finalidade criar uma “roupagem” mais popular para os textos, diferente do que se fazia na Belém da *Belle Époque*⁶⁹, na qual as produções literárias dos poetas paraenses mais antigos se assemelhavam aos literatos europeus (FIGUEIREDO, 2001; LEAL, 2014).

O movimento dos Novos poetas se mostrava como uma opção diferente ao que antes existia, uma outra opção, uma nova maneira de escrever. Era a busca de uma identidade o que ajudou a formar a “Academia do Peixe Frito”, denominação remetida à feira do Ver-o-Peso, onde, desde então, já era

⁶⁸ De acordo com Rodrigues (2008) o nome do bairro do Umarizal, foi advindo do fruto silvestre chamado umari (nome científico) existente em abundância lá, na época da colonização. Assim como Salles (2005) explicou o motivo do bairro ter sido formado por um aglomerado de gente humilde, popular, onde os indivíduos negros alforriados habitaram por muito tempo que ficou conhecido na cidade como o ‘bairro dos pretos’.

⁶⁹ Foi um processo de embelezamento e modernização que a cidade de Belém passou no final do século XIX, de forma a atender aspectos semelhantes aos da capital da França. Um modelo de evolução cultural que atendia aos anseios da elite paraense em relação à arte, cinema, literatura, teatro e arquitetura (CASTRO, 2010).



tradicional a venda do peixe frito acompanhado de cachaça para as pessoas que por ali circulavam (NUNES; COSTA, 2016).

Segundo Leal (2014), seus integrantes foram marcados pela precária situação financeira, pelas ideologias socialistas, campo fértil para uma produção textual peculiar à realidade desses modernistas. Portanto, é neste contexto social e de época que De Campos sedimentou, ao lado de seus pares, o terreno fértil para o Modernismo em terras paraenses, Modernismo que, de forma significativa, já se fazia sentir na Europa e chegava ao Brasil naquele momento (CASTRO, 2011).

Foi nesse contexto que se definiu a problemática desta pesquisa: como reconhecer, nos textos jornalísticos e literários de De Campos, problemas sociais e culturais recorrentes em Belém e debatidos na Academia do Peixe Frito, na primeira metade do Século XX?

Não é difícil perceber nos textos de De Campos o quanto ele se mostrava preocupado com os problemas sociais e urbanos vivenciados na capital paraense, enquanto reflexo das situações existentes no Brasil, como as questões dos bairros periféricos e de seus moradores. Suas publicações e dos demais integrantes da APF remetiam às inquietudes relativas a estes assuntos, que marcaram sobremaneira suas vivências desde a infância. Tais informações prévias, moveram esta pesquisa que teve como objetivo, compreender esses textos, como meio da difusão de pensamentos críticos, relacionados à sociedade belenense dessa época.

O reconhecimento do contexto histórico, o relacionamento dos fatos descritos aos autores, assim como, a análise do material coletado possibilitou a compreensão textual. Processo que abriu caminho para o reconhecimento e a identificação da escrita literária e jornalística sobre problemas sociais e culturais, recorrentes em Belém no período proposto.

Para alcançar os objetivos de pesquisa, elenca-se um formato de texto que permite a construção de uma ponte do cotidiano da cidade às histórias fundamentadas na criatividade do autor. Foi a partir desse ponto, que as crônicas de De Campos entraram como referência textual desse trabalho.



Inúmeras crônicas foram publicadas em revistas, como a Belém Nova, fundada por Bruno de Menezes, principal representante do Modernismo paraense, que então se desenhava. A Belém Nova era um magazine que circulou de 1923 a 1929. Segundo Leal (2014), a revista tinha como linha editorial a difusão das obras de autores paraenses, propagando, assim, os conceitos modernistas locais.

Que faz lembrar o conceito de “modernidades periféricas”, de acordo com Castro (2010, p. 11):

Seriam marcadas por um processo próprio de sentir o moderno: a técnica não é, ali, triunfante [...]. Ela seria, a técnica, antes, uma espécie de rejeição de um próprio arcaico – um eu arcaico presente como a antipodia de um desejo de superação e autonomia.

Castro (2010) chama a atenção para o tipo de criação dessa época, textos que refletiam o desejo dos literatos, que ultrapassava a estética. Era o desejo de mostrar, por meio dos textos, uma verdade que precisava ser dita e um objeto a ser identificado e superado, independente da técnica empregada nos textos.

É neste contexto que perceberemos textos e testemunhos expostos, como os da edição da revista Belém Nova, do dia 25 de junho de 1924, em que o autor da declaração, Camillo Athayde, faz a ligação entre os “Novos”, que estavam se revelando verdadeiros jornalistas. Ele chama a imprensa de “centro de irradiação do engenho humano” e ainda ressalta que as “poucas” revistas que existiam na capital faziam surgir “inteligências promissoras” (ATHAYDE, 1924).

De Campos iniciou sua trajetória literária na revista Belém Nova, aproximadamente em 1924⁷⁰, ainda muito jovem, mas já com experiência de três anos na profissão de jornalista, atividade iniciada em 1921, no jornal A Província do Pará⁷¹.

⁷⁰ Não temos relatos oficiais desta informação, mas é o ano em que começam a aparecer, os textos assinados por De Campos na revista Belém Nova (31.5.1924 N°15, p.17) em que De Campos noticia o 4º salão Paraense de Bellas Artes como um evento que prestigiaria a cultura do povo. Disponível em: <https://bit.ly/2Yvf24j>. Acesso: 27 de março 2019.

⁷¹ O jornal “A Província do Pará” foi fundado em 25 de março de 1876 por Joaquim José de Assis (redator), Francisco de Souza Cerqueira (tipógrafo) e Antônio Lemos (redator-gerente). Belém



Detalharemos os textos de De Campos publicados na revista Belém Nova, em 1924, o que pode ajudar a relacionar suas duas atividades, com jornalista e literário, em um mesmo período, ponto da pesquisa que pretende trazer luz à importância desta relação para o aprimoramento da escrita de De Campos em sua trajetória profissional, como jornalista e como literato.

Esse caminho é importante para que pontos tratados em seus textos sejam revelados diante do contexto em que De Campos vivia, como a participação com seus companheiros da APF e sua participação em movimentos que ajudaram a criar o Sindicato dos Jornalistas em Belém, por exemplo.

Foi durante a existência da revista Belém Nova que De Campos se engajou na organização de movimentos sociais formadores de opinião, como a Associação da Imprensa no Pará e a Federação Acadêmica Paraense Universitária. Foi também, no fim da década de 20 que De Campos lançou suas obras literárias em livros, sendo que muitos dos textos que os compunham foram antes publicados na revista Belém Nova, o que se configura em ponto relevante para o contexto deste trabalho.

O material usado como referência da atuação jornalística, social e literária de De Campos foi obtido a partir de pesquisas em revistas, como a Belém Nova e A Semana, além dos jornais Folha do Norte⁷², O Liberal⁷³, entrevistas com a família. Os dados coletados permitem formar uma linha de pensamento em relação ao trabalho de De Campos no que se refere ao Modernismo paraense e à Academia do Peixe Frito.

ganha, então, a primeira máquina rotativa em 1897, uma impressora francesa Marinoni, o que promove uma nova era no jornalismo regional. “A Província” posicionava-se a favor da luta contra a escravidão. Assunto polêmico que causou represália contra o periódico, ocasionando um incêndio em sua sede, em 1912. “A Província do Pará” foi publicada durante mais de 100 anos, aproximadamente, período este marcado por várias paralisações, ora por motivos políticos, ora por motivos financeiros (CORRÊA; CLAUDINO; COSTA, 2007, p. 7).

⁷² O jornal Folha do Norte (1896-1974) é um dos mais importantes da história da imprensa no Pará. Com longevidade de 78 anos, foi um dos jornais pelo qual os leitores acompanharam acontecimentos regionais, nacionais e também internacionais. Disponível em: <https://bit.ly/1LMV2gm>. Acesso: 27 de março 2019.

⁷³ Periódico nascido em 1946 para dar sustentação ao “Partido Liberal”. Assim era chamado o Partido Social Democrático (PSD), o que coincide com o nome do jornal atualmente. Disponível em: <https://bit.ly/2Os1lcc>. Acesso: 27 de março 2019.



A APF entra nesse diálogo como referência de mudança de perspectiva no que se refere à escrita literária, antes e pós-Modernismo paraense. Denominações como “Associação dos Novos” surgiam em publicações nas revistas como marca dos encontros dos jovens rapazes, posteriormente, esses mesmos, se autor reconheciam como “Acadêmicos do Peixe Frito”.

A APF não deixou ata de reunião, registros de frequência, mas é clara e radiante como o raio de sol a existência desta associação devido aos rastros textuais que traçaram a fisionomia da cidade de Belém entre detalhamentos dos bairros, teatros, bares e ruas da cidade. Lugares que eles, os acadêmicos, registraram em seus textos desenhando um novo mapa literário belemense (COSTA; NUNES, 2018). Exemplo disto são as Revistas Guajarina, Belém Nova, A Semana, Pará Ilustrado e Amazônia.

Escolheram-se exemplares de publicações e reportagens nos períodos das décadas de 20, 30, 40 e até do ano de 1972. A coleta dos dados ocorreu em um período longo, porém justificado pela percepção, durante a pesquisa, de um reflexo que se expande pelo texto de De Campos entre esses períodos. Grande parte das crônicas que inicialmente foram publicadas em jornal, De Campos as reuniu no livro “Gostosa Belém de Outrora”, publicado em 1966, obra que constitui a base deste estudo e aqui será desvelada como forma de contribuir ao entendimento do leitor em relação ao autor pesquisado.

Percebe-se, na obra citada, uma identificação com a proposta desta dissertação, da qual não nos afastaremos, de que a experimentação nas redações dos jornais depois tomará outra feição quando os fatos forem fixados em livro, sem desconsiderar o público leitor. Leiamos: “ao dar lume, nas colunas domingueiras da “Folha do Norte”, algumas delas [crônicas], fi-lo como teste de receptividade e o resultado foi de estimulação confortadora” (DE CAMPOS RIBEIRO, 2005, p. 8).

As crônicas a que ele se refere narram fatos das décadas de 20, 30 e 40. Estas foram selecionadas pois darão concretude a um tempo/espço de muita efervescência cultural da Belém que o cronista foi, ao mesmo tempo, testemunha e personagem, como teremos a oportunidade de perceber mais adiante.



Nesse sentido, justifica-se o destaque para a entrevista concedida em 1972 por De Campos, para o jornal O Liberal. Uma reportagem que homenageou o Modernismo e os intelectuais modernos paraenses, o que reforça a nossa afirmação, de que os Acadêmicos do Peixe Frito, incluindo o literato aqui estudado, formavam um grupo de extrema importância para a literatura daquela época (CAREPA, 2019).

Como essa pesquisa é de naturezas exploratória e explicativa, o aporte teórico no processo de categorização dos temas se baseou no levantamento documental e bibliográfico, material colhido durante a fase exploratória desse processo e iniciado com o levantamento bibliográfico das referências que especialmente tratavam de assuntos relativos ao período analisado, assim como, ao literário De Campos Ribeiro e aos Acadêmicos do Peixe Frito.

Seguindo essa forma de trabalho, identificamos temas relevantes, assuntos citados, pesquisadores que anteriormente estudaram o Modernismo Paraense, assim como, datas importantes e matérias noticiadas. A exploração de livros e teses, possibilitou a sistematização dos textos e a identificação dos temas mais relevantes que definissem características de De Campos, assim como, dos Acadêmicos do Peixe Frito.

Para que encontrar tais referências, recorreu-se à análise crítica da narrativa, como meio pragmático metodológico. Esse método nos possibilitou a seguirmos procedimentos operacionais, científicos e conceitual para que conseguíssemos emergir o efeito do real, no texto escolhido em relação ao contexto de escrita de De Campos.

O levantamento documental foi iniciado pelas referências bibliográficas de autores que estudaram Belém a partir da *Belle époque* e do Modernismo. Depois, a busca se estendeu às revistas e aos jornais datados a partir de 1923, ano que está entre os anos em que De Campos trabalhou na A Província do Pará, de 1921 a 1929, e escreveu, paralelamente, suas obras literárias idealizadas pelos pensamentos gerados através dos encontros com amigos escritores e jornalistas, como a “Associação dos Novos” e na revista Belém Nova



(CASTRO, 2011). Durante este procedimento, identificamos as temáticas mais escolhidas por De Campos para compor seus textos (CAREPA, 2019).

Após esse primeiro período, percebeu-se a necessidade de contextualizar a escrita de De Campos. Por esse motivo, esse trabalho fora dividido em uma breve história de Belém e a *Belle époque* com a finalidade de iniciar o movimento de observação sobre os porquês do surgimento de um Modernismo Paraense. A referência sobre a contextualização do que se escrevia no sudeste brasileiro e o que se fazia no Norte foi importante nessa parte do trabalho. A identificação desse processo, nos ajudou a entender as entrelinhas textuais de De Campos.

Realizou-se, também, um levantamento sobre a Academia do Peixe Frito, por meio da visão conceitual encontrada nas referências bibliográficas já existente, assim como, por meio de entrevistas coletadas de familiares, pesquisadores e jornalistas sobre os Acadêmicos do Peixe Frito. Material de origem primária, organizado para a produção do documentário “Geração Peixe Frito”, áudio visual feito com finalidade didática e historiográfica e que serviu como fonte para essa pesquisa.

A viabilidade da pesquisa foi assegurada, visto que parte do material necessário para a realização estava disponível nos arquivos digitalizados e abertos ao público da Biblioteca Pública Arthur Vianna, no Centro Cultural Tancredo Neves, CENTUR, em Belém. A participação como pesquisadora no projeto de pesquisa “Academia do Peixe Frito”, do Programa de Pós-Graduação em Cultura, Linguagem e Comunicação (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA), foi fundamental para a coleta de material bibliográfico, disponibilizados aos estudantes, assim como, o acesso às entrevistas dos familiares do autor De Campos Ribeiro, como exemplo, a entrevista com a filha do autor, Maria do Céu.

A filha de De Campos depôs sobre o pai de tal maneira que esse material foi a base concreta de referência da vida do autor. Dona Maria do Céu faleceu antes da finalização desse trabalho. É importante destacar a relevância do projeto Moronguetá, do Fórum Landi, na UFPA, para essa pesquisa. O projeto



disponibilizou aos pesquisadores do grupo da Academia do Peixe Frito, exemplares da revista Belém Nova, fundamental fonte documental desse processo.

A literatura feita, então, no Pará, diante da observação da escrita, buscava o encontro com o atual, o convívio com as máquinas, com a presença do cotidiano vivenciado pelos moradores da cidade, que, nesta altura, se vestia de moderno, porém não deixava de lado os detalhes do passado. Uma forma “nova”, mais acessível, de retratar a grande cidade na literatura:

Não bastava descobrir, identificar e retratar a Belém dos velhos tempos, era necessário tornar esse passado acessível a todo cidadão, como uma preciosa raridade que anualmente deveria ser admirada, como um norte para o presente da nação (FIGUEIREDO, 2001, p. 173).

E, nesse contexto, aos poucos, vai ganhando forma aquilo que hoje se chama de Modernismo paraense, estilo que surge em diálogo com a cidade e seus moradores, sobretudo os das periferias, negros, índios, caboclos, que serão valorizados pelo grupo do Peixe Frito, do qual faz parte De Campos Ribeiro, autor-assunto deste trabalho. Neste sentido algumas observações podem ser feitas, como as descrições em crônicas, escritas em anos posteriores às décadas de 20 e 30, baseadas nas lembranças de tipos, grupos e movimentos populares, que no início do século XX passaram a ganhar visibilidade na imprensa belemense, reverberando nas páginas dos jornais através de crônicas, mais tarde publicadas em revistas de apoio ao movimento modernista no Pará. Exemplo significativo é De Campos Ribeiro (2005), que escreve a crônica “Oh! Noites de Junho Antigo...”, uma lembrança de como as manifestações populares eram importantes do ponto de vista da imprensa, como notícia. Já no primeiro parágrafo De Campos descreve as festas juninas como destaques na imprensa e que apareciam em “largas colunas estimuladoras nos dois grandes jornais então existentes” (DE CAMPOS, 2005, p. 99).

Essa grande visibilidade reverberou, de certa forma, fortalecendo o movimento da cultura popular junina, que iniciava e perduraria por uns 50 anos como um dos movimentos populares muito importantes da periferia de Belém.



Rodrigues (2008, p. 117), em sua pesquisa, conta que “nos anos 20 e 30, as festas no largo de São João do Bruno, na Avenida São João – hoje Senador Lemos –, passaram a rivalizar com os festejos do largo de São José”. Fatos estes confirmados em entrevistas e observados por esta pesquisadora nos rastros deixados por literatos modernos, como De Campos, que detalha os cordões de pássaros, a rivalidade dos bois bumbás, assim como narra os lugares de importância.

De Campos descreve as festas juninas, assim como os confrontos populares que aconteciam em uma época em que estes movimentos foram “importantes” e conhecidos por uma grande parte dos belemenses. Eram grupos oriundos dos bairros periféricos de Belém, como Jurunas, Umarizal, Pedreira, Guamá. Rodrigues (2008) relata em sua pesquisa sobre o bairro do Jurunas e as manifestações populares que ali aconteciam durante a quadra junina. “O maior destaque no bairro era dado ao bumbá Pae do Campo, fundado, organizado e dirigido por Antonio Pedro de Castro, conhecido como Neném Pae do Campo, junto com seus irmãos” (RODRIGUES, 2008, p. 117).

A partir desse relato a autora procedeu pesquisas sobre esse espaço urbano, o bairro do Jurunas, e identificou fatos reais encontrados, também, na crônica de De Campos. Rodrigues (2008) descobriu em entrevistas com familiares dos organizadores das festas juninas do bairro do Jurunas, o senhor Pae do Campo, pessoa responsável pela organização do boi durante as décadas de 1914 a 1956, personagem encontrado na crônica de De Campos, exemplificada a seguir.

Entre as manifestações de alegria popular em nossa terra, nenhuma tanto apaixonava a alma do povo quanto as festas juninas, chamadas há cousa de cinquenta anos joaninos, com largas colunas estimuladoras nos dois grandes jornais então existentes – “O Estado do Pará” e a “Folha do Norte”, posto que o maior daqueles lidos – A Província do Pará, desde 1912, deixara de existir.

Aqui não só o “Boi-Bumbá”, ainda hoje com teimosos afinados, tinha seu império. O grupo joanino entre nós tomara rumos novos, ganhara variantes de característico tom local, reveladoras, para mais, não só de libretistas e músicos brilhantíssimos [...].

Já aí por volta de 1905 fizera furor como cordão de pássaro, cousa única em todo o Brasil como manifestação folclórica de junho [...].



Nesse ano, um conflito durante uma apresentação de também renomado bumbá, o “Canário”, levava a polícia a proibir a saída à rua dos cordões [...]. Mas dez anos depois, em 1915, povo e polícia esqueciam as restrições, os cordões reorganizados, e em maior número, voltavam à rua mais eufóricos na apresentação e também mais dispostos aos encontros, com a indefectível briga entre bairros para provar a liderança do grupo local.

Cidade Velha, Umarizal e Jurunas eram os bairros de bumbás famosos [...], sendo que no Umarizal já ao tempo se criara uma fronteira separatista da nascente São João do Bruno e a Pedreira tomara por seu turno foros de independência, respeitada, além do mais, pelo Terreiro de Mãe Joana da Castanheira.

Surgiram, então, os bambas tiradores de toadas, os Amos de bumbá respeitados pelo poder da improvisação [...]. Ninguém ignorava o peso do investidor Primo, do Boi Galante da Pedreira, do Pistonista Vicente Teixeira do Veludo, de Moisés “Branco, [...] **do Nenê do “Pai do Campo”**.

No São João do Bruno, um façanhudo cantador ganhara esporas de ouro com seu bumbá “Dois de Ouro”, mais tarde chamado “Estrela Dalva”, depois que, num ruidoso e sangrento encontro com o “Pingo de Ouro”, do Umarizal (DE CAMPOS RIBEIRO, 2005, p. 99-100) (**grifo nosso**).

Exemplo de exaltação e grandiosidade na representação da cultura popular, modelo do que foi o Modernismo paraense. O tema escolhido para compor a crônica de De Campos sobre as festas juninas também virou poesia. Mais um exemplo desse Modernismo que abriu espaço de valorização para a poética como materialização da forma estilística, dando uma visão do real, segundo Proença Filho (1994). O poema lembrado aqui foi publicado no livro “Aleluia”, no ano de 1930, com o título “Uma noite de São João”.

Enorme e feio, o casarão sombrio,
Negras barras de ferro nas janelas,
Dorme à noite luarenta, enquanto, ao frio
Andam, cheias de sono, as sentinelas.

É a casa horrível da miséria. É, feia,
Sinistra em meio às árvores da praça,
Perpetuamente enorme, vive cheia
De todos os farrapos da desgraça.

E é noite de São João. Longe, na rua,
Passam foliões numa alegria louca,
E, quando em quando, para o céu e a lua,
Doido, um foguete no ar subindo, espouca...

É noite de São João... Na noite lenta
Sobem cantigas para o céu, em molhos,
E, olhando a sentinela sonolenta,



Ficam nas grades torturados olhos...[...]

E, ah! Que contraste! Pela noite linda,
Na desolada praça, à luz da lua,
Passa um “Bumbá” ... e que alegria infinita
Cantarolando trovas pela rua...

Observam-se os rastros deixados pelos literatos da época, ponto de surgimento da ideia de se denominar o movimento de inovação estética como Modernismos, conceito caracterizado por aparecimento de mudanças estilísticas singulares, com marcas locais, ou seja, como se cada cidade tivesse atingindo a máxima da “temática passa [por] dos assuntos universais para os particulares, individuais e específicos” (PROENÇA FILHO, 1994, p. 306). É de onde se inicia o momento de efervescência na escrita local. Algumas revistas do gênero, como a Belém Nova, faziam referência a este “novo” estilo dos literatos paraenses como característica.

Porém, o que pretende-se diferenciar é a relevância dada pelo autor ao assunto da crônica e do poema. A importância oferecida por De Campos à ação do cotidiano, de tonalidade obviamente popular, que passa a constituir provocação para a literatura, celebrando, deste modo, o que acontecia ao redor do poeta e cronista. Será esta uma das especificidades que levaremos em conta quando falarmos de Modernismo paraense.

Camillo Athayde, colaborador da Revista Belém Nova, escreveu em 25 de junho de 1924, sobre a relação dos jornalistas com a “Nova” literatura de então. Athayde exemplificou em texto o que era rotina na experiência profissional dos jornalistas da época, que era a integralidade dos literatos aos jornais e vice-versa, sendo que neste momento em Belém representou a renovação da estética literária com participação de jornalistas, dos jornais e revistas.

O Pará Literário e a Geração “Moderna” onde diz que a “imprensa, centro de irradiação do engenho humano, abre suas portas, franquia suas colunas. Onde nomes há que já se vêm revelando tipos perfeitos jornalistas” (REVISTA BELÉM NOVA, 1924, p. s/n).

Diante dessas observações é que será construída a investigação em relação ao Modernismo, material fruto da pesquisa documental exploratória, da



pesquisa bibliográfica e que comporão o contexto de fundamental importância para a análise narrativa.

Será por meio da análise que observará aqui uma época em que vozes da periferia (na época eles chamavam arrabalde) eram ecoadas por seus representantes, que emergiam dos bairros pobres e “afastados” do centro da cidade. Jovens escritores começavam a colocar no papel suas visões e seus interesses, suas crenças e seus anseios.

Por se tratar de estudo introdutório à produção jornalística e literária do intelectual, jornalista, cronista e literato José Sampaio De Campos Ribeiro – ou, simplesmente De Campos –, ‘homem de letras’, um dos destacados representantes do Modernismo paraense, esta pesquisa utilizou textos literários deste autor que se enquadraram àquilo que Moisés (1978) conceituou como texto híbrido, a escrita que circula entre a literatura e o jornalismo, a exemplo da crônica, gênero jornalístico-narrativo, estudado no decorrer de nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Camillo. O Pará literário e a geração Moderna. **Revista Belém Nova**. v. 17, de 25.06.1924.

CAREPA, Alcione do Nascimento. **De Campos Ribeiro: interfaces entre jornalismo e literatura na Belém da primeira metade do século XX**. Dissertação (Mestrado) – Universidade da Amazônia, Belém. 2019.

CASTRO, Maria das Neves Rocha de. **Memórias de uma velha cidade: a representação histórico-social de Belém pós-Belle Époque em crônicas de De Campos Ribeiro**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, 2011.

FIGUEIREDO, Aldrin. **Eternos Modernos: uma história social da arte e da literatura da Amazônia (1908 – 1929)**. 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Campinas, São Paulo. 2001.

GERAÇÃO PEIXE FRITO. Direção: Paulo Nunes. Doc. Belém: Unama e UFPA, 2018. Vídeo (30 min.), digital, som, color.

NUNES, Paulo; COSTA, Vânia Maria Torres. Academia do Peixe Frito: diálogos e intersecções entre Literatura, jornalismo e Ciências Sociais na Amazônia do



século XX. In: 40º Encontro Anual da Anpocs. ST02. Belém: 2016.

CASTRO, Fábio Fonseca de. A Cidade Sebastiana. Era da Borracha, Memória e Melancolia numa Capital da Periferia da Modernidade. Belém: Edições do Autor, 2010.

DE CAMPOS RIBEIRO. Aleluia. Belém: Guajarina, 1930.

DE CAMPOS RIBEIRO. Gostosa Belém de outrora. Belém: UFPA, 1966.

DE CAMPOS RIBEIRO. Gostosa Belém de outrora.... 2 ed. Série Lendo os Municípios, n. 4. Belém: SECULT-PA, 2005.

DE CAMPOS RIBEIRO. Graça Aranha e o Modernismo no Pará. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. Gladiadores de escassa musculatura: sociabilidade, literatura e responsabilidade intelectual na Amazônia. Belém: IAP, 2014.

MOISÉS, Massaud. A Criação Literária: Prosa. São Paulo: Cultrix, 1978.

PROENÇA FILHO, Domício. Estilos de época na literatura. São Paulo: Editora Ática, 1994.

REGO, Clovis de Moraes. De Campos Ribeiro: o Poeta Maior que Belém Perdeu. Belém: L&A Editora, 2004.

RODRIGUES, Carmem Izabel. Vem do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Belém: Editora do NAEA, 2008.

WANZELER, Rodrigo de Souza. **Peixe Frito, Santos e Batuques: Bruno de Menezes em Experiências Etnográficas**. 2018. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, Belém, 2018.



TÓ TEIXEIRA: UM RECORTE BIOGRÁFICO DE UMA OUTRA MARGEM DA ACADEMIA DO PEIXE FRITO⁷⁴

Jaqueline Bandeira⁷⁵

Paulo Nunes⁷⁶

Resumo: A pesquisa tem como intuito ressignificar o trabalho de Tó Teixeira, com o objetivo de fazer um recorte biográfico da vida do músico, o processo de aproximação com a Academia do Peixe Frito e suas contribuições para a cultura no Pará. Para alcançar estes objetivos, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre a Academia do Peixe Frito como base teórica nos estudos de Nunes e Costa, bem como a partir da entrevista com Habib e das contribuições de outros como Salles, Hall, Sarges para sedimentar. Os resultados apontam a influência na formação dos integrantes da Academia do Peixe Frito e na constituição de uma identidade nacional.

Palavras-chave: Tó Teixeira. Academia do Peixe Frito. Vozes da periferia.

TÓ TEIXEIRA: A BIOGRAPHIC CUTTING FROM ANOTHER MARGIN OF THE FRIED FISH ACADEMY

Abstract: The research aims to resignify the work of Tó Teixeira, with the objective of making a biographical cut out of the musician's life, the process of approximation with the Fried Fish Academy and its contributions to culture in Pará. To achieve these objectives, a bibliographic survey was conducted on the Fried Fish Academy as a theoretical basis in the studies of Nunes and Costa, as well as from the interview with Habib and the contributions of others such as Salles, Hall, Sarges to sediment. The results point to the influence on the

⁷⁴ Trabalho apresentado ao simpósio de trabalho 3: Representações da Amazônia, diálogos Narrativos: Literatura e comunicação. Do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

⁷⁵ Especialista em Educação Especial, pela Faculdade De Ciências De Wenceslau Braz - FACIBRA; graduada em Pedagogia, pela Universidade Paulista (UNIP) e Letras/Língua Portuguesa, pela Universidade da Amazônia (UNAMA); membro do Grupo de Pesquisa Academia do Peixe Frito/UNAMA. Membro do Grupo de Pesquisa Narramazônia: narrativas contemporâneas da Amazônia Paraense. E-mail: jaquelinebandeira16@hotmail.com

⁷⁶ Doutor em Letras - Literaturas em Língua Portuguesa - pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. É professor titular da Universidade da Amazônia, onde atua na graduação em Letras, mestrado e doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura da UNAMA. É um dos coordenadores do Grupo de Estudos interinstitucionais (UNAMA/UFGA) Narramazônia: narrativas contemporâneas da Amazônia Paraense, e um dos coordenadores do projeto de Pesquisa Academia do Peixe Frito: interfaces jornalismo e literatura. E-mail: pontedogalo3@gmail.com



formation of the members of the Fried Fish Academy and on the constitution of a national identity.

Keywords: Tó Teixeira. Academia do Peixe Frito. Voices from the periphery.

TÓ TEIXEIRA: UN CORTE BIOGRÁFICO DE OTRO MARGEN DE LA ACADEMIA DE PESCADO FRITO

Resumen: La investigación tiene como objetivo replantear la obra de Tó Teixeira, con el objetivo de hacer una sección biográfica de la vida del músico, el proceso de acercamiento a la Academia do Peixe Frito y sus aportes a la cultura pará. si se trata de una encuesta bibliográfica, sobre la Academia do Peixe Frito, como base teórica en los estudios de Nunes y Costa, sobre el guitarrista, centrada en la investigación de campo a partir de la entrevista con Habib. Además de los aportes de otros como Salles, Hall, Sarges al sedimento. Los resultados muestran que la influencia en la formación de los miembros de la Academia do Peixe Frito y la constitución de una identidad nacional es notoria.

Palabras-clave: Tó Teixeira. Academia do Peixe Frito. Voces de la periferia.

1 INTODUÇÃO

Para se entender a produção do violonista e homem de ideias Tó Teixeira, faz-se necessário falar de Belém em primeiro momento, a cidade que abrigou a sua geração aquela que mais tarde seria denominada de Geração ou Academia do Peixe Frito. Abaixo Belém é descrita, de modo sucinto:

Em sua exuberante geografia Belém era cortada por riachos e igarapés, que davam ao lugar um ar de excêntrica beleza, de cercados com caramanchões de jasmineiros, onde o perfume entorpecia à tarde daqueles que enamorados do poente, aguardavam as primeiras estrelas da noite, mutambeiras plantadas cuidadosamente e cadeiras de fuxico nas calçadas realçavam o ar das tardes tão fagueiras (HABIB, 2013, p. 25).

Período em que permeou os caminhos de Tó Teixeira no bairro do Umarizal⁷⁷, pois este constitui informes de sua trajetória de vida, luta e as vozes

⁷⁷ Umarizal, nome advindo do fruto chamado umari (nome científico), bairro que possuía um amontoado de gente advindo da periferia, local conhecido na cidade como o 'bairro dos pretos'.



modernistas que viveram com o poeta do violão⁷⁸ (HABIB, 2013, p. 30) no período da *Belle Époque*⁷⁹.

Nesse sentido, a capital vivenciava a época rica de desenvolvimento econômico, social e cultural na era lemist. A elite burguesa era a principal beneficiada pela economia, no entanto a população pobre e negra era renegada do ideário de progresso e modernidade na região. Ressalta Salles, (2015, p. 90): “O cidadão de pele negra vai lutar durante muito tempo pelo simples direito de sobreviver à margem das conquistas do mundo moderno”. Nesse contexto, a luta do negro pela busca de igualdade social e cidadania era desprezada pela cultura do branco. Assim, estabeleceu-se a reorganização da sociedade e os desfrutes dos bens promovidos por Lemos que se restringiu a uma classe dominante mercantilista e/ou comercial que se instaurou na capital do Pará.

No tocante à questão cultural, o músico e pesquisador Salomão Habib, afirma:

Contudo, não era somente a visão urbanista, administrativa e política que Lemos tinha. Belém recebia com frequência companhias de Teatro da Europa para apresentações em praças públicas, tendo uma vida artística de dar inveja” (HABIB, 2013, p.28).

Não obstante, o deleite dos cafés chiques, das peças teatrais, da arte literária, da música, manifestações artísticas que estavam restritas à aristocracia, ao contrário das camadas populares, que viviam nos subúrbios das favelas com poucos recursos de saneamento básico, violência e o desemprego estrutural nas periferias de Belém.

Para Hall (2002) “a marginalidade, embora permaneça periférica nunca foi tão produtiva como é agora, e isso é a abertura nos espaços dominantes, resultado de lutas em torno da diferença” (HALL. p.337, 338. 2002). E é neste contexto que alguns intelectuais nortistas, poetas e jornalista nascidos nas baixadas e bairros pobres, teriam destaque na movimentação e expansão das vozes periféricas, em busca da igualdade social e na organização de uma

⁷⁸ Pseudônimo adotado por Salomão Habib autor responsável pela obra *Tó Teixeira: O poeta do violão* em 2013.

⁷⁹ Belle Époque, período em que consiste um processo urbanístico de embelezamento da cidade de Belém do Pará tendo como referência a cidade de Paris.

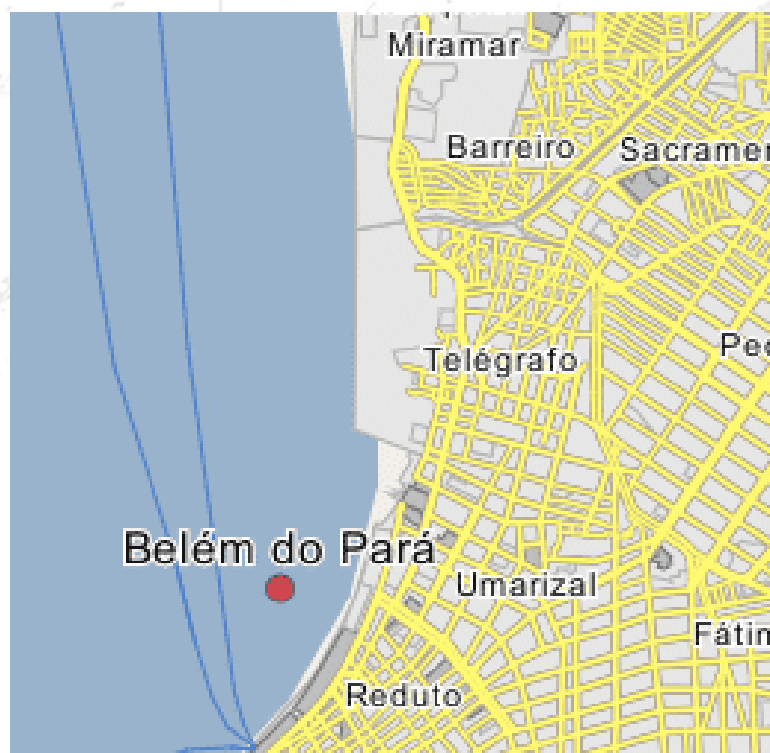


postura que se colocasse contra o silenciamento acerca das contradições, conflitos do dia a dia e mesmo das inter-relações que esses espaços mantinham com outros territórios da cidade e sua população.

2 ONDE TUDO COMEÇOU: O UMARIZAL

O nome, que pode parecer estranho à maioria das pessoas da atualidade, vem de um fruto chamado *umari*, árvore frutífera abundante na região no período de colonização. A população era majoritariamente negra, composta por intelectuais e músicos das camadas pobres da população, conhecida por organizar frequentemente várias festas de rua, blocos de carnaval, arraiais juninos e festas de santos.

Figura 1 - bairros do centro de Belém



Fonte: <https://mapas.guiamais.com.br/belem-pa>, acesso dia 20/11/2019.



Até o ano de 1960, o bairro do Umarizal contava com 33.289 habitantes. Havia um corpo d'água chamado Igarapé das Almas, que dividia os bairros do Umarizal e do Reduto que era usado pela população para lavar roupas e promover o comércio à canoa. O igarapé era bastante conhecido por ser cenário de lendas urbanas e assombrações, geralmente relacionadas à Cabanagem, revolução popular realizada.

Nesse sentido, entende-se que o conceito de bairro está relacionado ao conceito de pertencimento através das relações interpessoais existente entre os moradores e o meio que em que está inserido, ou seja, as manifestações culturais, sociais, políticas e afetivas que une determinada população.

Conforme Bosi (2003:74-5), “o bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade”. “resultante de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência, soma das trajetórias inauguradas a partir do seu lugar de habitação” (CERTEAU, 1996, p. 41-42). Ou seja, o Umarizal, para os que vivem o cotidiano do bairro, é mais que um lugar de moradia é um espaço de pertencimento formando a partir das lutas sociais, econômicas, a devoção aos cultos africanos, à diversidade étnica racial que nesse ambiente ingressará o negro africano (SALLES, 2015. P.25).

Daí porque HABIB ressalta sobre esse tempo anacrônico no Umarizal do passado:

No bairro do Umarizal, residiam os negros que trabalhavam nos engenhos e nas casas dos ricos fidalgos portugueses, senhores de escravos e proprietários de vastas terras e das “rocinhas”, [...] Os moradores do Umarizal mantinham um relacionamento raro com o chamado “mundo dos brancos”, com os senhores das luxuosas casas de rocinhas, convivendo pacificamente com os mesmos e em algumas circunstâncias, até participando de alguns eventos festivos e religiosos. [...] O bairro era uma movimentação frenética com seu intenso comércio. [...] Pastorinhas, Cordões de Pássaros, Mestros de Santo, Carimbós, Grupos de Pau e Cordas, entre outras ricas manifestações artísticas [...] que acordavam e adormecia ao som dos batuques negros do Umarizal. Povo festeiro e simpático, criador de dezenas de folguedos (HABIB, 2013, p. 28-29).



Nesse contexto, o bairro do Umarizal era um espaço de resistência negra, de hibridação religiosa e de povos subalternizados. E então. É novamente, Habib quem afirma “Foi nessa atmosfera de grande virtuosidade artística e resistência que nasceu e cresceu Tó Teixeira”(HABIB. 2013. p. 33).

3 O VIOLONISTA: DA MÚSICA À BOEMIA.

Após este contexto, de transformações históricas e sociais de Belém e num sobre salto temporal para o ano de 1893, no bairro periférico do Umarizal. HABIB (2017) relata sobre Antônio Teixeira do Nascimento Filho, o Tó Teixeira:

Tó Teixeira foi um negro, descendente de escravos, pobre, poeta, materialmente pobre, mas riquíssimo espiritualmente e culturalmente. O responsável pela dignidade, pela dignificação do violão, pela proliferação da técnica violonística, pela divulgação do instrumento solista, e pela disseminação da música para os diletantes e para aqueles que futuramente se tornariam profissionais. O Tó Teixeira não era somente um professor de violão, ele não era somente um compositor, ele era muito mais que isso, ele era um representante vivo de uma geração de poetas, de boêmios, de compositores, de diletantes e de profissionais que, apesar da discriminação, apesar da música não ter uma qualificação profissional na época dele, apesar de todas as vicissitudes que tinha um profissional da arte (...) (informação verbal).⁸⁰

Figura 2 - Tó Teixeira

⁸⁰ Informação fornecida, em entrevista, por Salomão Habib em 04 de maio de 2017 para o documentário.



Fonte: <http://eliazarcaetano.blogspot.com/2012/03/teixeira-waldemar-henrique-villa-lobos.html>

acesso em: 30 de outubro de 2019.

Nesse sentido, Tó Teixeira foi um dos principais nomes da arte, da música, do violão e dos acalantos do Umarizal de seu tempo. Na companhia do seu violão, ele engrandeceu, por meio de seus acordes musicais, aqueles que viviam no círculo da pobreza, na segregação social, à margem da sociedade paraense, o que Dalcídio Jurandir, romancista paraense que tanto o admirava, chamaria de 'criaturada dos pés no chão'. "Foi um homem pobre que não submeteu sua criação ao mercado e nem submeteu sua música mercadoria em um mundo que começava a se mercantilizar também no Pará" (HABIB, 2013, p. 16).

Para ele, a música não era um trabalho, mas amor e sentimento. Criada para saciar a entoação simbólica e transposição dos afetos, sem preocupação teórica de ofício na temporalidade. "Nunca toquei para atrair multidões. Quando moço, dos vinte aos cinquenta anos, meu prazer era tocar para quantos me quisessem ouvir" (HABIB, 2013 apud Teixeira).

Ao falar de Tó, não há como não circunscrever sua relação com a música e sua concepção de criação artística (HABIB, 2013). Apesar, da paixão pela música, "Tio Tó", como também era conhecido, não conseguiu sobreviver da arte



frente a exclusão, o preconceito com negro marginalizado pelos brancos senhores das casas: “Viola e violão foram particularmente estimados pelos negros e ficaram associados à vadiação dos escravos” (SALLES, 2015, p. 180). Vale observar o que afirma Tó Teixeira a respeito da discriminação sofrida por ele como artista negro, conforme nos deixa conhecer o registro de Habib (2013, p. 191):

[...] Naquela noite ao sentir as pétalas caindo sobre minha cabeça bem que pude ter a sensação de que era um príncipe; de ser um verdadeiro Deus da arte dos sons! Triste ilusão de um homem de cor. Nesse momento bem que pudemos sentir as lágrimas descenderam de nossos olhos [...] (Tó Teixeira).

Tó Teixeira, assim como seu pai, sentiu na pele o preconceito daqueles que historicamente viveram subalternizados as margens. Em relação à produção musical ressaltar-se a diversidade nas suas composições, com traços autênticos e característicos de sua negritude:

‘Tó Teixeira compunha a mazurca que é polonesa, compunha a [alça que austríaca], compôs o choro, que é brasileiro], compôs tango, e Tó Teixeira compôs também carimbó, muito bambiá. Ele coloca na musicalidade elementos africanizados, elementos da cultura africana já miscigenada, mas transcrita numa linguagem popular urbana, que esse é o grande moti da obra do Tó,’ (informação verbal)⁸¹.

As composições de Tó Teixeira retratavam suas experiências do cotidiano no Umarizal. Com um tom romântico, ele compunha as mais variadas peças, todas muito originais, com técnicas de grandes artistas e sensibilidade de quem possuíam uma obra historicamente marcada pelo racismo e preconceito. Em continuidade, Tio Tó teve uma vida simples; ministrava aulas em sua residência um verdadeiro artista que viveu na temporalidade histórica de seu tempo. As noites de boêmia eram frequentes entre os grandes mestres e seresteiros que alegravam as noites de Belém com suas serenatas e composições musicais

⁸¹ Informação fornecida, em entrevista, por Salomão Habib em 04 de maio de 2017 para o documentário.



de quem chorava as mágoas da sociedade esquecida e privada pelos direitos básicos do cidadão.

4 TÓ TEIXEIRA, BRUNO DE MENEZES E A ACADEMIA DO PEIXE FRITO.

A sociedade da década de 20 e 30 era composta por uma burguesia emergente, enriquecida pelo ouro branco da economia gomífera, marcada pelo pensamento eurocêntrico colonial e segregador. Nesse contexto, surge à geração de Bruno de Menezes, grupo que acompanhava as discussões modernistas no Brasil, as questões políticas e sociais na Amazônia, com um sentimento de inovação, ruptura e crítica das artes literárias. Jornalistas, poetas, músicos e sujeitos sociais que manifestavam um olhar de valorização do cotidiano de Belém mediante a literatura pela busca da identidade amazônica, com um viés popular.

Estes, em geral negros e pobres, formavam a Academia do Peixe Frito. Movimentaram esse período de revolução de pensamento e resistência literária frente à realidade vivida na metrópole e as mazelas sociais brasileiras. A saber, sobre esse grupo:

A Academia do Peixe Frito ou Geração do Peixe Frito foi uma associação literária formada por 13 intelectuais, o grupo informal de jovens intelectuais (literatos, jornalistas, artistas), em sua maioria autodidatas, negros, de condição econômica modesta, provenientes da periferia de Belém, os quais costumavam se reunir em bares, nas imediações do Ver-o-Peso, para conversar amenidades e discutir literatura, enquanto comiam peixe frito e bebiam. O grupo, liderado pelo poeta e jornalista Bruno de Menezes, contribui para instaurar a modernidade literária e a defesa da Negritude no Norte do Brasil (NUNES; COSTA, 201, p. 2).

A formação dos rapazes que viviam uma divisão de classes, em oposição ao tradicionalismo e conservadorismo, ao poder estatal que se restringia a uma elite detentora dos direitos políticos e sociais da sociedade. Nesse sentido, não há como dissociar a história cultural e a política que unia esses rapazes: a caboquice, negritude, e a religiosidade (terreiros e folguedos populares), expressões culturais que foram essenciais para o movimento cultural de resistência em tempos de efervescência da sociedade Paraense.



Os locais frequentados pelos acadêmicos representavam a vida simples de gente, que passavam por questões sociais, com seus valores culturais de ancestralidade africana, indígena, enfim, dos subalternizados. O que transfigurava uma relação de similaridade social com Tó Teixeira. Entre as criações que comprovam, destaca-se uma peça em homenagem a Bruno de Menezes, com destaque para “Eu Já Gostei Muito do Samba” e “Rubelema”, dedicadas às filhas de Bruno, Maria Ruth, Maria de Belém, Leonora e Marília (HABIB. 2013. p. 264).

Outro elemento de aproximação entre os acadêmicos e o músico era a cultura (HABIB, 2013). Entre os folguedos mais significativos, o Boi bumbas e pássaros juninos populares que tem raízes intensamente nas culturas das diásporas negras. Fato que pode ser confirmados nos trechos dos acadêmicos, abaixo.

Jacques Flores (1990), em *Panela de Barro*, relata sobre a rivalidade existente entre os bairros nos festejos. Diz no excerto sobre isso:

É exato que, antigamente, quem morava no Umarizal não gostava de quem morava no centro da cidade? “Sim, sinhô! No Umarizá [sic] era a Campina. Morava os campinêro. Na cidade, os cidadão. Eu morava na rua São Vicente, hoje Paes de Carvalho. Cidadão no Umarizá era veneno (LEAL, 2005. p. 258 apud JACQUES FLORES, 1990, p. 101).

Campos Ribeiro (2005), com um olhar também muito sensível, em *Gostosa Belém de Outrora*, relata sobre os grupos juninos e Tó Teixeira:

Foram assim o encadernador Pantaleão, dono da oficina que é hoje de Tó Teixeira. E como ele, “Periquito”, que era foguista; “Trincheta”, Honorato, ferreiro do Gasômetro; no “Domingos Freire”; “Benga”, barbeiro. Todos “balizas” de carnaval e “caboclos” de grupos (RIBEIRO, 2015, p. 153).

Em um olhar também atento, Habib (2013), em sua obra “Tó Teixeira, o poeta do Violão”, descreve uma nota publicada por De Campos Ribeiro – jornalista, literato e membro da Academia do Peixe Frito –, em 25/06/1955, no Jornal “O Estado do Pará”, que trata da relevância do amigo de Tó Teixeira para os folguedos realizados no Umarizal.



Em linhas gerais, é válido pensar que as experiências vividas por Tó Teixeira no cotidiano e a aproximação com alguns moços da Academia do Peixe Frito, certamente, foram fundamentais para a construção do Umarizal como bairro “dos pretos”, e isto, insere-se como referência da narrativa que se vê atravessada às práticas modernizantes daqueles jovens intelectuais que tinham como finalidade promover a renovação estética, literária e jornalística, enfim, cultural do Pará na primeira metade do século XX.

Tó Teixeira, enfim, foi um mestre. E é como mestre que ele deve ser lembrado, não é à toa que ele é tão citado por Dalcídio Jurandir em romances e cartas. Afinal, Dalcídio, o maior romancista modernista da Amazônia, um observador apurado e humanista inveterado, sabia sobre quem estava tratando.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trago para a pesquisa as reflexões que envolvem a consciência do presente para um sujeito fundamental na formação de nossa história cultural escrever sobre Tó Teixeira, revigorá-lo, como têm feito alguns que nos antecederam – Salomão Habib, Lenora Menezes Brito – é tratar do empoderamento negro em Belém, por meio da boa música, da revalorização da raiz africana e da manifestação cultural diásporica.

Essas condições viabilizou a percepção da aproximação direta de tio Tó com os moços da Academia do Peixe Frito, a partir, sobretudo, da amizade com Bruno de Menezes. Bruno era líder de dos jovens negros e autodidatas que presenciaram as mesmas condições sociais existentes no Umarizal, no Jurunas, no Guamá, no Telégrafo, No Curro; pois foram estes jovens acadêmicos que, a partir da década de 20 do século passado, iniciaram um movimento cultural, lúdico-etílico, de perfil literário e jornalístico, que ajudou decisivamente na concretização do Modernismo no Pará. Sendo assim, fica evidente que Tó Teixeira viveu uma vida com um olhar atento às vozes periféricas porque ele soube dialogar com a agremiação do Peixe Frito.



Sendo assim, na gênese de sua história, restou-me assumir uma fonte de validação para a produção cultural e social na sociedade paraense, fato que pode ser comprovado a partir da promulgação da Lei Municipal 7.850 /97, denominada “Tó Teixeira e Guilherme Paraense”, que comporta projetos de incentivos culturais e apoia atletas de iniciativa amadores. A lei determina aos contribuintes municipais de IPTU E ISS que podem direcionar 20% de seus impostos aos projetos. Nessa perspectiva, os estudos mostram a contribuição de Tó Teixeira para o legado sobre as identidades, a religiosidade e para a cultura, um idealista que, nas feitura de sua obra, demonstrou apuro e sensibilidade de um artista que nem o contraste social e o racismo reinante em nossa sociedade puderam apagar.

Para finalizar, ressalta-se que ainda há muito para se conhecer sobre um dos mais célebres moradores do bairro do Umarizal. Portanto, reitero as palavras dos escritos de Salomão Habib (2013. p. 15): “na obra de Tó Teixeira emerge a qualidade do que se denomina de temporalidade transversal, que atravessa as linhas horizontal e vertical da temporalidade histórica”.

Por isto, a potencialidade de sua história atualiza-se a cada novo contexto cultural que valoriza a negritude, a musicalidade e viabiliza as contribuições para a resistência da negritude e a sobrevivência das expressões da diáspora africana no Umarizal, e de uma poética negra que emergia na Academia do Peixe Frito, que estava ligada as produções que combatiam a discriminação, o preconceito, o racismo e o silêncio imposto aos que estavam à margem das periferias de Belém. Da primeira metade do século XX para cá, pouca coisa mudou social e politicamente. Daí porque precisamos ressaltar que a obra de da Academia do Peixe Frito precisa ainda ser difundida, e Tó Teixeira, caros e caras, é um dos protagonistas desta história.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.



BRASIL. Lei Municipal n.7.850/97. Lei Municipal de Incentivo ao Esporte Tó Teixeira e Guilherme Paraense, Belém, PA, set 2002.

CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano. 1- Arte de Fazer 2- Morar e Cozinhar. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GERAÇÃO PEIXE FRITO. Direção: Paulo Nunes e Vânia Torres Costa. Produção: Alcione do Nascimento Carepa. Belém: Unama e UFPA, 2018. Vídeo (30 min.), digital, som, color.

HABIB, Salomão. Tó Teixeira: o poeta do violão/ Salomão Habib. Belém: Violões da Amazônia, 2013.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

NUNES, Paulo; COSTA, Vânia Maria Torres. Academia do Peixe Frito: diálogos e intersecções entre Literatura, jornalismo e Ciências Sociais na Amazônia do século XX. In: 40º Encontro Anual da Anpocs. **Anais**. Belém: 2016.

RIBEIRO. De Campos. Gostosa Belém de outrora. 2ª ed. Série: Lendo os Municípios, n. 4. Belém: SECULT-PA, 2005.

REIS, Marcos Valério Lima. **Entre poéticas e batuques: Trajetórias de Bruno de Menezes**. 2012. 157f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura), Universidade da Amazônia, Belém, 2012.

SALLES, Vicente. O negro na formação da sociedade paraense: textos reunidos. 2ª ed. Belém: Paka-Tatu, 2015.



**O BATUQUE, O SANTO E O
BARRACÃO: SOCIABILIDADES E RECIPROCIDADES
PRESENTES NA FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO
BENEDITO – IRITUIA - PA⁸²**

Gleice Antonio Almeida de Oliveira⁸³

Edgar Monteiro Chagas Junior⁸⁴

Resumo: Irituia possui uma riqueza cultural construída ao longo de seu percurso histórico-geográfico que aporta na existência de remanescentes de quilombos, o que pressupõe a existência de características peculiares a esta parcela da população, transferida aos demais pela construção de uma identidade cultural representada na Festividade do Glorioso São Benedito. A construção da identidade Irituiense configura-se numa realidade histórico-geográfica constituída de diversos fatores, dentre eles a religiosidade popular e clerical presente na festa que ocorre todos os anos em Irituia, sob a responsabilidade da Igreja Católica, posteriormente assumida pela Comunidade São Benedito. Os negros Paquês continuam sendo responsáveis pelas orações em devoção ao santo, cantadas em latim, desde a oração da alvorada, até a benção da noite. Assim, pretende-se analisar o rito, a festa, a paisagem e o lugar, a partir da Festa de São Benedito, integrando esse conhecimento presente nos bens materiais e imateriais que formam a cultura Irituiense a partir dos negros Paquês. A festa composta de ritos e danças, destacando a imagem do Santo Negro, bem como o carimbó dançado no barracão construído para esse fim, relaciona-se com a paisagem e o lugar, a partir da geoetnografia, considerando a sociabilidade e a reciprocidade.

Palavras-chave: Santo. Festa. Sociabilidades. Reciprocidades.

**BATUQUE, HOLY AND BARRACÃO: SOCIABILITES AND
RECIPROCITIES IN SÃO BENEDITO'S GLORIOUS FESTIVITY –
IRITUIA - PA**

Abstract: Irituia has got a cultural richness built along its geographical historical path which comes from the existence of quilomba remnants that presupposes the existence of peculiar characteristics to this part of the population, transferred to

⁸² Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST 6 "Saberes e Fazeres Curriculares Interculturais Em Espaços Escolares e Não Escolares do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

⁸³ Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura na Universidade da Amazônia, Belém-PA. Endereço eletrônico: gleiceantonio75@gmail.com.

⁸⁴ Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Pará. Docente do PPGCLC/UNAMA, Belém-PA. Endereço eletrônico: edgarchagas2@gmail.com.



the others by the construction of a cultural identity represented at São Benedito's Glorious Festivity. Irituiense identity construction has been configured in a geographical historical reality made up of several factors, among them the popular clerical religiosity present at the festival held every year in Irituia, under the responsibility of the Catholic Church, later on, assumed by São Benedito Community. The Black Paqués still continue in charge of prayers in devotion to the Saint, the songs in Latin, from the dawn prayer to the night's blessing. This way, aims to analyze the rite, festivity, scenery, and place by starting from São Benedito's Party, integrating this knowledge present in material and immaterial goods that compound Irituiense's culture, especially from the Black Paqués. The Party composed of rites and dances, highlighting Negro Saint's image, as well as the dance of carimbó in a large shed built for this purpose, is related to the scenery and place, as from the geo ethnography that considers sociability and reciprocity.

Key words: Holy. Party. Sociability. Reciprocity.

EL BATUQUE, EL SANTO Y EL GALPÓN: SOCIABILIDADES Y RECIPROCIDADES EN LA GLORIOSA CELEBRACIÓN DE SAN BENEDICTO - IRITUIA - PA

Resumen: Irituia tiene una riqueza cultural construida a lo largo de su recorrido histórico-geográfico que contribuye a la existencia de huellas de quilombos, lo que presupone la existencia de características propias de esta parte de la población, trasladadas a las demás por la construcción de una identidad cultural representada en la Fiesta de San Benedito glorioso. La construcción de la identidad irituiense se configura en una realidad histórico-geográfica compuesta por varios factores, entre ellos la religiosidad popular y clerical presente en la fiesta que se realiza cada año en Irituia, bajo la responsabilidad de la Iglesia Católica, luego puesta a cargo por la Comunidad de São Benedito. Los negros Paqués siguen siendo los responsables de las oraciones en devoción al santo, cantadas en latín, desde la oración de la mañana hasta la bendición de la noche. Así, pretende analizar el rito, la fiesta, el paisaje y el lugar, a partir de la Fiesta de São Benedito, integrando este conocimiento presente en los bienes materiales e inmateriales que forman la cultura Irituiense del Paqués negro. La fiesta compuesta por ritos y danzas, destacando la imagen del Santo Negro, así como el carimbó bailado en la choza construida para tal efecto, se relaciona con el paisaje y el lugar, desde la geoetnografía, considerando la sociabilidad y la reciprocidad.

Palabras-clave: Identidad. Bienes Materiales. Inmateriales. Fiesta.



1 INTRODUÇÃO

Irituia/PA possui uma riqueza cultural construída ao longo de seu percurso histórico-geográfico que aporta na existência de remanescentes de quilombos, o que pressupõe a existência de características peculiares a esta parcela da população, transferida aos demais pela construção de uma identidade cultural representada na Festa de São Benedito, destacando a análise dos conceitos de festa, ritual, paisagem e lugar presentes como parte essencial desta análise, havendo a mesma de centrar-se no seguinte problema: Que aspectos materiais e imateriais estão presentes na Festa de São Benedito, inicialmente protagonizada pelos negros, composta de ritos e saberes transmitidos e que tenham sido essenciais para a significação do lugar, enquanto espaço construído a partir da festa celebrada com a união do sagrado e do profano como categorias identitárias?

O presente trabalho visa dar sequência aos estudos iniciados na graduação em Geografia pela Universidade Federal do Pará, cuja temática “O PAPEL DA IGREJA CATÓLICA NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: Estudo sobre a formação urbana de Irituia”, apresentou observações importantes e essenciais indicadoras de que europeus e negros foram os formadores da identidade Irituiense.

Essa fundamentação tornou-se fato confirmado e embasado academicamente quando foi elaborada a dissertação de Mestrado realizado na Universidade da Amazônia no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, cujo tema “ENTRE O SAMBA E A FÉ: Memórias e Identidade dos Negros Paqués de Irituia-PA” alicerçou a hipótese de negros quilombolas urbanos, oriundos de área rural próximo ao núcleo urbano, cuja cultura e fé foram fundamentais na formação e manutenção da tradição religiosa intitulada “Festividade do Glorioso São Benedito”, realizada em três dias, sempre



no mês de Janeiro, com a realização de novenas, esmolações⁸⁵, missa e dança de carimbó, inicialmente denominado de “samba” pelos negros Paquês.

Para este estudo, estabelece-se como objetivo compreender o processo de formação cultural e identitária irituiense a partir da Festa de São Benedito, composta de ritos e danças, relacionando-a com a paisagem e o lugar, a partir da geoetnografia, considerando a sociabilidade e a reciprocidade.

Por se tratar de um método de pesquisa qualitativo que trata de aspectos sociais, políticos, religiosos e culturais, a pesquisa será desenvolvida a partir do método antropológico da abordagem etnográfica, utilizada pela Geografia e denominada por esta de geoetnografia, abordando as manifestações culturais do lugar, seus ritos, a festa em si, as sociabilidades e reciprocidades, fazendo um profundo mergulho na manifestação cultural da Festa de São Benedito e seus atores, bem como as relações estabelecidas nesse processo.

2 OS NEGROS PAQUÊS, A FESTA E O BATUQUE

A dança, seja ela o “samba” ou o carimbó sempre fez parte da cultura Irituiense e sempre esteve ligado à festa religiosa de São Benedito, sendo separada na década de 1990 com a realização da parte religiosa e da parte profana em momentos distintos, assumindo o poder público municipal esta última. A Igreja Católica, através da Comunidade São Benedito, assumiu a parte religiosa e o poder público municipal assumiu a parte profana da festa com a realização de festivais de carimbó ao longo dos anos.

Os negros Paquês continuam sendo responsáveis e guardiões das orações em devoção ao santo, entoadas em latim, todas elas, desde a bênção das refeições, até a benção da noite, quando os Foliões se retiravam para descansar. Todo momento exigia um ritual organizado e sincronizado, respeitando-se horários e momentos litúrgicos específicos.

⁸⁵ Trata-se das visitas que a imagem de São Benedito e os Foliões do Santo realizam no período que antecede o dia da festa. Esse período é compreendido entre 03 de novembro a 03 de janeiro, realizando-se a festa no dia 6 de janeiro. Nos últimos anos, houveram mudanças nestas datas com a redução drástica das visitas aos devotos e comunidades rurais.



As danças sempre foram celebradas debaixo de um grande barracão, feito de madeira roliça e coberto de palha de inajá ou palmeira similar. É o templo de celebração à dança e a festa, que, com o tempo, tornou-se também festa de brancos e não mais festa de pretos. A devoção à São Benedito foi requisitada pelos negros, já que não podiam participar da Festa de São Sebastião que era exclusiva dos homens brancos.

Essa dança e música típica do Pará, elevada à categoria de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro em 2015, traz consigo a valorização também do negro que a introduziu na Amazônia Paraense. E essa valorização se deve como tributo e incentivo dado aos “Mestres de Carimbó”. No caso de Irituia, à três mestres distintos e de gerações diferentes: Mestre Chico (pertencente ao primeiro grupo de carimbó de Irituia, já tendo tocado e cantado com Verequete); o saudoso Mestre Tio Minga, autor de sucessos locais, mas já gravados por cantor regional paraense; e Mestre Miguelito (geração mais atual cuja característica é a introdução de instrumentos eletroeletrônicos).

Fato relevante são as áreas certificadas de remanescentes quilombolas, a saber: Bracinho, Nossa Senhora do Carmo do Igarapé da Ponte, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro da Montanha, Santa Maria do Curuçá, São José do Açaiteua, Nova Laudicéia, São José do Pataueteua, São Francisco do Maracaxeta, Medianeira das Graças da Boa Vista e Santa Terezinha do Km 23. Além destas estabelecidas em agrovilas, existe ainda a concentração de negros Paquês no bairro urbano São Benedito na sede municipal.

Essas comunidades apresentam estreita relação, embora cada uma tenha características próprias. Primeiro por se localizarem em regiões próximas, segundo pelos traços culturais e sociais que apresentam, seja em seu passado histórico, seja em seu presente de lutas por sua afirmação e construção de identidade.

Entretanto, para fundamentar e embasar nossa tese, concentraremos nossos estudos nos negros Paquês, conforme já destacado anteriormente, mantenedores diretos do rito e das danças presentes na Festa de São Benedito. Esses negros habitavam inicialmente a região do Olaria, posteriormente



estabelecendo-se no núcleo urbano em um bairro que foi denominado Paquelândia, depois mudando-se para Vila Palha ou atualmente, bairro São Benedito. Aqui, focaremos nas questões pertinentes ao lugar e à paisagem, essenciais nesta análise.

Assim, pretende-se analisar o rito, a festa, a paisagem e o lugar, a partir da Festa de São Benedito, integrando esse conhecimento presente nos bens materiais e imateriais que formam a cultura Irituiense a partir dos negros que aqui viveram como escravizados e depois libertos, organizadores e, ainda hoje, atores diretos dessa grande festa religiosa e cultural de Irituia. Serão considerados aspectos do sagrado e do profano; o papel da Igreja Católica como detentora institucional do sagrado presente na imagem do santo negro; e a importância dos negros nesse processo de construção da cultura presente no lugar.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A construção da identidade Irituiense perpassa por uma realidade histórico-geográfica constituída de diversos fatores, dentre eles a religiosidade popular e clerical presente na Festa de São Benedito que ocorre todos os anos em Irituia, desde 1900 (OLIVEIRA, 2014), sob a responsabilidade da Igreja Católica, posteriormente assumida pela Comunidade São Benedito, uma das 111 comunidades católicas que compõem a Paróquia Nossa Senhora da Piedade.

Todo o conhecimento produzido no seio das comunidades negras é um saber que, articulado às contribuições externas, pode produzir uma riqueza incalculável de sustentabilidade, cultura e linguagem numa perspectiva do etnodesenvolvimento, levando-se em conta as análises de espaço e sociedade em Milton Santos (2006), Murilo Marx (2003) e Zeny Rosendahl (2009). Esses autores alicerçam a noção de espaço e suas relações estabelecidas no urbano. Assim, considerando que os negros Paquês desde há muito fincaram morada em bairros próprios no espaço urbano em Irituia, são eles que, desde a primeira



feira até hoje, trazem ritos, orações, batuques, danças e novenas em devoção ao Santo Negro, como parte integrante de suas vidas como devoção àquele santo católico cuja cor lhes era mais que familiar.

Nesta temática, objetiva-se trabalhar conceitos que corroboram a fundamentação central que responderá problemática proposta a partir do debate sobre festa, rito, lugar, espaço, sociabilidade e reciprocidade. O faremos sobre bases sólidas presentes na Geografia, na Antropologia e na Sociologia.

As questões culturais são fundamentadas em Homi Bhabha (1988), pois faz-se necessário afirmar aqui que a cultura é uma representação que faz parte da união coletiva; é resultado de aprendizado, de contato, de experiências que são trocadas pelos homens e não produto de herança genética.

Stuart Hall (2006) é primordial na compreensão da diáspora, o que nos leva aos modos de vida dos grupos remanescentes de quilombos como elemento motivador que contribui para a construção de uma identidade, mostrando o valor de sua cidadania, de suas experiências históricas e culturais, como valor social determinante dos traços de formação de uma sociedade.

Fredrik Barth (2011) oferece contribuições importantes no quesito etnia e afirmação de que, “a constituição dos grupos étnicos e a natureza de suas fronteiras não foram examinadas de maneira tão sistemática.” (p. 188). Carecem de estudos mais profundos as contribuições que os negros legaram à atual geração que, muitas vezes, deixa de lado sua verdadeira origem.

Segundo Kabengale Munanga (2006), a compreensão, a partir das perspectivas dos movimentos negros contemporâneos, supõe o resgate cultural, a afirmação de um passado histórico negado e, muitas vezes, falsificado; além da posição positiva participante da construção do Brasil. Isso corrobora a afirmação de sua cor inferiorizada, redescoberta através de lutas e conquistas sociais.

O conceito de festa, presente de forma singular no evento de devoção ao santo negro, leva-nos a adentrar nesse universo festivo e suas abordagens, embasado pelos autores Émile Durkheim, Roberto da Mata e Reginaldo Gonçalves. As questões referentes à sociabilidade enquanto relação



estabelecida entre os indivíduos através de ações e reações, serão fundamentadas nos autores Georg Simmel, Carmem Izabel Rodrigues e Edgar Chagas Júnior.

Para trabalhar a reciprocidade, a ideia da troca, destacando pontos como oferta e dádiva presentes na Festa de São Benedito, tem-se Marcel Mauss, antropólogo francês que fundamentou a temática e a apresenta de maneira muito atual. Nas questões referentes ao lugar como experiência, espaço vivido com afeto e sentimento, o que leva a pensar no pertencimento ao lugar, utiliza-se Henri Lefebvre, com sua linguagem poética, porém enfatizando o reencontro com a totalidade do social, tomando como base filosófica a fenomenologia.

Para contextualizar a festa dentro das irmandades religiosas, utiliza-se Heraldo Maués e Aldrin Figueiredo, por se tratar de uma festa religiosa na qual, indiretamente, se formulou a ideia de irmandade de negros em torno de São Benedito. No que tange a relação estabelecida entre os que fazem a festa e o lugar em seus rituais, utiliza-se Victor Turner e Mariza Peirano, cujos estudos sobre rituais e símbolos irá colaborar na abordagem a ser desenvolvida de acordo com o método geoetnográfico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da identidade negra irituiense, enraizada nos traços culturais oriundos dos negros Paquês, cuja vivência foi de total dedicação à sua história, refaz um caminho que está paralelamente relacionado com a própria história de Irituia. Foram eles quem mais preservaram os traços que foram determinantes para alcançar-se os níveis identitários de hoje.

Refere-se aos negros quilombolas que introduziram a devoção à São Benedito realizando novenas e danças as quais somente os negros podiam ter acesso, contrapondo-se à festa dos brancos que era a Festividade de São Sebastião. Enfatiza-se a devoção a um santo negro para os negros venerarem, segregando ainda mais a relação com os brancos.



O batuque, que representa a festa e a dança, também é realizado para São Benedito, como louvor e alegria, reforçando a devoção, embora mereça destaque que o samba e, posteriormente, o carimbó, se tornaram um louvor e agradecimento ao divino pela própria vida e história, reforçada por ocasião da celebração que ocorre todos os anos em janeiro.

Assim, reforça-se a relevância deste trabalho que pretende compreender a formação identitária do irituiense a partir da cultura negra Paqué, estabelecendo relação com as categorias de lugar, festa, rito, reciprocidade e sociabilidade a partir da Festividade do Glorioso São Benedito, realizada todos os anos em Irituia, Pará.

REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, p. 185-229.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARVEY, D. A justiça social e a cidade. São Paulo: Hucitec, 1980.

LE GOFF, J. História e memória. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

ROSENDAHL, Z. Hierópolis: o sagrado e o urbano. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 2ª Ed.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.



MARX, M. Nosso chão: do sagrado ao profano. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MONTENEGRO, A. T. História oral e memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, G. A. A. de. **Entre o Samba e a Fé: Memórias e Identidade dos Negros Paquês de Irituia-PA**. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2014.

PARÉS, Luis Nicolau. A formação do Candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

SANTOS, M. A natureza do espaço. 4. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

TURNER, V. W. O processo ritual: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.



UMA ANALOGIA ENTRE AS NARRATIVAS SOBRE A EDUCAÇÃO DE POPULAÇÕES RIBEIRINHAS E AS OBRAS DE DALCÍDIO JURANDIR⁸⁶

Helbe Almeida⁸⁷

Maria José da Silva Gomes⁸⁸

Paulo Jorge Martins Nunes⁸⁹

Resumo: Este artigo objetiva tratar da educação ribeirinha a partir de duas narrativas do escritor paraense Dalcídio Jurandir, fazendo uma similitude da educação ribeirinha dos anos 20 com o período atual. Constitui-se em um estudo bibliográfico sobre as obras do autor e os referenciais teóricos sobre o tema. Os resultados deste estudo demonstram semelhanças ainda presentes entre o contexto atual e as narrativas do autor paraense reportadas ao longo da analogia dos textos.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir. Educação Ribeirinha. Amazônia.

AN ANALOGY BETWEEN THE NARRATIVES ABOUT THE EDUCATION OF THE RIVERSIDE POPULATIONS AND THE WORKS OF DALCÍDIO JURANDIR

Abstract: This article aims to deal with riverside education based on two narratives by the “paraense” writer Dalcídio Jurandir, making an approximation of the riverside education of the 1920s with the current period. It consists of a bibliographic study on the author's works and of theoretical references on the subject. The results of this study shows that is still present similarities between the current context and the narratives of the author reported along the analogy of the texts.

Key words: Dalcidio Jurandir. Riverside Education. Amazon.

⁸⁶ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Representações da Amazônia. Diálogos Narrativos: Literatura e Comunicação do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020;

⁸⁷ Discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Linguagem e Cultura da/na Amazônia. E-mail: helbealmeida@gmail.com;

⁸⁸ Discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Linguagem e Cultura da/na Amazônia. E-mail: mariajosesilvagomes48@gmail.com.

⁸⁹ Professor Doutor e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Linguagem e Cultura da/na Amazônia. E-mail: pontedogalo3@gmail.com



UNA ANALOGÍA ENTRE LAS NARRATIVAS SOBRE LA EDUCACIÓN DE POBLACIONES RIBEREÑAS Y LA OBRA DE DALCÍDIO JURANDIR

Resumen: Este artículo tiene como objetivo abordar la educación ribereña a partir de dos narrativas del escritor paraense Dalcídio Jurandir, haciendo una similitud de la educación ribereña de los años veinte con el período actual. Consiste en un estudio bibliográfico sobre los trabajos del autor y en referencias teóricas sobre el tema. Los resultados de este estudio demuestran similitudes aún presentes entre el contexto actual y las narrativas del autor de Pará relatadas a lo largo de la analogía de los textos.

Palabras claves: Dalcídio Jurandir. Educación de Riverside. Amazonas.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo volta-se para a educação ribeirinha no contexto amazônico, a partir de duas narrativas do escritor paraense Dalcídio Jurandir, que são: “A Escola” e o “O velho e os miritizeiros”, fazendo uma similitude entre a educação ribeirinha dos anos 20 com o período atual. Busca-se refletir sobre quais aspectos as narrativas educacionais atuais sobre a educação ribeirinha se diferem ou se aproximam das narrativas de Dalcídio Jurandir?

Para essa proposição, pretende-se tecer uma analogia entre os textos de Dalcídio e a convergência com os referenciais teóricos de autores que tratam sobre a questão. O percurso metodológico traçado para esta pesquisa foi a revisão bibliográfica. A relevância deste estudo reside no aprofundamento entre as obras dos autores e na ampliação dos conhecimentos destes sobre a temática proposta.

O texto constitui-se de quatro tópicos os quais tratarão sobre a narrativa, o sistema educacional da educação no campo, os saberes dos povos amazônicos em sua relação com os conhecimentos e a natureza. Na tessitura do texto busca-se travar essa conversa e suscitar as similitudes e reflexões sobre as questões.



2 A NARRATIVA NAS PRÁTICAS CULTURAIS

As obras do Dalcídio Jurandir que tratam sobre a região amazônica em especial os municípios pertencentes aos Estado do Pará descrevem a vida e as experiências do homem que ali reside e sobrevive. “Sua literatura constitui-se em diversas temáticas, ultrapassa os limites do regionalismo, abordadas de maneira sutil como a proximidade com o rio, os caboclos, as tradições e o sofrimento do homem da Amazônia” (FARIAS; C.S.G, 2015, p.172).

A forma como o autor aborda as relações cotidianas de homens, mulheres e crianças em seus contextos de vida, transporta o leitor para uma realidade em que o centro são as relações humanas, no cenário que contrasta, a beleza natural, as riquezas da Amazônia, a pobreza e falta de condições de seus habitantes. “A Amazônia que surge em seus livros não é a terra farta, de paisagem e habitantes exóticos ou, ainda, o lugar de onde saem crenças maravilhosas ou mitos e lendas fantásticas, mas trata de um lócus em que convivem sonho e miséria”. (VELOSO, 2007, p. 17).

Motta (2013) reflete a respeito dos elementos e conceitos básicos da narrativa, enfatizando as intenções e os efeitos da construção de sentido, no desejo de envolver, atrair, trazer o leitor para esse jogo de construção. “O narrar funde suas raízes na nossa ancestral herança cultural de relatar histórias. Os seres humanos têm uma predisposição cultural, primitiva e inata, para organizar e compreender a realidade de modo narrativo, como diz Bruner”. (1998 apud MOTTA, 2013, p.71). “A narrativa põe naturalmente os acontecimentos em perspectiva, une pontos* ordena antecedentes e consequentes, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis” (MOTTA, 2013, p.71).

As narratologias podem ser literárias e históricas, fictícias ou fáticas, imaginárias ou reais, já que envolvem as práticas culturais como um todo, ou seja, configurando-se como uma teoria interpretativa da cultura.



A narratologia que defendo parte do pressuposto de que a organização dramática dos discursos em sequências encadeadas ocorre espontaneamente, e é intuitivamente reconhecida pelos seres humanos. As narrativas são fatos culturais (não apenas literários). Em suas expressões linguísticas, os humanos se expressam construindo blocos semanticamente coesos que dão tessitura às histórias. Essa espontaneidade e a intuição narrativa revelam que a narração é um fato universal e transcultural, comum a todas as culturas: é uma substância comum e inquestionável de todos os seres humanos (a fatalidade de narrar, no dizer de alguns. (MOTTA, 2013, p.80).

As narrativas de Dalcídio Jurandir nos textos “A escola” e “O velho e os miritizeiros” também estabelecem as relações elencadas em Motta (2013). São costumes, saberes e fazeres - verdades amazônicas para uns, invenções para outros - que precisam ser respeitados e resguardados para que as gerações futuras ainda possam ter acesso à rica cultura de nossos precursores.

As narrativas podem ser, como já vimos, factuais e imaginárias, permanecendo ambas narrativas. As narrativas factuais, por um lado, procuram estabelecer relações lógicas e cronológicas das coisas físicas e das relações humanas reais ou fáticas. As narrativas ficcionais, por outro, procuram estabelecer relações lógicas e cronológicas das coisas imaginadas ou fictícias. Ambas, entretanto, são atividades miméticas (imitativas) das ações humanas, metáforas da vida, e guardam com o referente empírico uma relação mais ou menos íntima, dependendo da intenção de verdade de cada uma delas. (MOTTA, 2013, p.80).

Conforme Motta (2013), no processo comunicativo faz-se necessária a análise sobre os efeitos intencionais e não intencionais das narrativas, e se as intenções pretendidas pelo autor foram alcançadas, na busca pela visibilidade e atenção no processo de co-construção da realidade pelos interlocutores, uma vez que, é impossível tirar o caráter persuasivo da narração, pois o narrador é aquele que interfere livremente na narrativa, no sentido de que narrar já pressupõe uma argumentação.

3 SISTEMA EDUCACIONAL DO CAMPO

De acordo com a Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei 9394/96, no artigo primeiro, “A educação abrange os processos formativos



que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996, [s.p.]).

No sistema educacional a modalidade educação do campo, tem esta denominação pela localização geográfica, pela cultura e identidade de uma população que mantém um modo peculiar de relacionarem-se com a terra e com as águas. Necessitando de uma educação condizente com a cultura e identidade do seu povo.

O Decreto 7352/2010, em seu artigo primeiro, conceitua população de campo e escola de campo:

População do campo: agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzem suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural. Escola do campo: aquela situada em área rural, conforme instituída pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a população do campo. (BRASIL, 2010).

Em seu artigo 28, a LDB 9394/96 delineia como as escolas do campo devem ser organizadas:

Art.28 Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesse dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequações do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas. III – adequação à natureza do trabalho na zona rural. Parágrafo Único. O fechamento de escolas do campo, indígena e quilombolas será precedido de manifestações do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. (Incluído pela Lei nº 12.96/20140). (BRASIL, 2014).

Segundo Oliveira (2008), a comunidade ribeirinha define educação de duas maneiras: da educação do cuidar, presente no cotidiano familiar, com sentido de orientar os filhos, a partir das narrações, de histórias de experiências



vivida pelos mais velhos e a educação como estudo, que possibilita a comunicação escrita e oral, melhorando suas relações sociais.

Os alfabetizados entrevistados evidenciam em suas falas saberes, imaginários e representações presentes em suas práticas sociais cotidianas. Saberes experienciais provenientes de sua relação de trabalho com a terra, com a mata e com as águas, e a sua relação com as comunidades, populações e culturas locais. Saberes que expressam dimensões educacionais, religiosas, medicinais, culturais e etc. (OLIVEIRA, 2008, p.64).

Considerando os princípios das diversidades culturais e partir para questões concretas do meio em que o educando vive, por meio da pesca, da agricultura, com os curandeiros, com artistas, “mestres e doutores” que desenvolvem em suas práticas diárias de vidas inteiras, que lhes atribuem reconhecimento e títulos que não se obtém em cinco, oito ou dez anos de estudos, no entanto têm muito a nos oferecer, contribuindo na informação e formação acadêmica, em áreas diversas.

4 SABERES SOBRE AS PRÁTICAS EDUCACIONAIS DE POVOS AMAZÔNIDAS EM DALCIDIO JURANDIR

Menino de beira-rio, do meio do campo, banhista de igarapé. É assim que se apresenta um dos maiores escritores modernistas da literatura brasileira do século XX, nascido em Ponta de Pedras, em 1909, criado em Cachoeira do Arari, no Marajó, e autor de vigorosa obra romanesca sobre a Amazônia paraense, conhecida como Ciclo Extremo Norte, composta por 10 livros que trazem para o centro da cena ficcional a dura realidade do povo pobre das barrancas e ribanceiras marajoaras e tapajônicas e dos subúrbios da capital, dando voz e protagonismo aos deserdados e expondo as mazelas sociais e suas causas, muitas das quais perduram até hoje (NUNES, 2015,[s.p.]).

As descrições do cotidiano são construídas pelas observações do mundo real, servindo sempre como modelo. “Diante de contextos reais e ficcionais, fica coerente afirmar que é a partir da realidade amazônica, duramente sequelada o início do século XX, que Dalcídio tece “flores de romances”, assim como sua



realidade ficcional é substancialmente ensopada de realidade” (FARIAS, F.J.S 2009, p.81).

Para Motta (2013) o importante na narratologia é a observação da comunicação que há entre a narrativa e um fato cultural em contexto em uma situação de comunicação. Quando Dalcídio estrategicamente discorre sobre a realidade do estudante amazônida, produzindo significados e interpretações das relações humanas.

As narrativas são representações, construções discursivas sobre a realidade humana. São representações mentais linguisticamente organizadas a partir de nossas experiências de vida. Sejam elas fictícias ou fáticas, são sempre construções de sentido sobre o mundo real ou imaginado. (MOTTA, 2013, p.83).

Diante da realidade da educação ribeirinha Dalcídio apresenta a narrativa denominada Escola, em um dos contos da obra Chão de Lobos.

Diante das vivências que tem, principalmente as relacionadas a uma educação das classes populares, Dalcídio sente-se na “responsabilidade” de representar amargamente grande parte do povo amazônida que sofre e luta para sobreviver, ‘famintos por saber, como é o caso do marajoara Alfredo. (FARIAS, F.J.S 2009, p.79).

O texto “A Escola”, é um excerto do romance Chão de Lobos, que faz parte do Ciclo do Extremo Norte. Ao retratar a educação na Amazônia no início dos anos 20, Dalcídio incorpora o entendimento de uma literatura capaz de mostrar não as escolas particulares, mas o ensino público precário, sem qualidade, ofertado, principalmente no interior do estado do Pará. (FARIAS, F.J.S 2009, p.81).

4.1 A ESCOLA

Biá, tu te lembrás daquela tua escola? A professora: Meninos o Brasil é muito, muito, muito rico. Tem riquezas colossais. E tu: Professora, que é colossais? A mestra: Mas, menino! E o nosso ouro e o nosso café e o nosso e o nosso Conselheiro Ruy Barbosa? Escreva no quadro.

- Mas, professora, e o giz?



- Então no caderno: o Brasil...
- Nem um tico de papel que dirá caderno, professora.
- Tome papel, escreva a lápis.
- Lápis?

Que é que tinha naquela escola? O inspetor chegava. A professora com aquela cara de quem sempre jejuava, vexada, gaguejando:

- Inspetor, nem unzinho material escolar? Estou sem um toco de giz.
- Providenciaremos, providenciaremos. Já decoraram o Hino?

E a mestra voltava a ensinar que o Brasil... Vamos decorar o Hino, criançada. Os meninos cabeceavam, sequinhos, ou roíam seu torrão de terra, a ponta da caneta, muitos vindo de longe, remando, do de comer só o ar do rio, só, sem um torrão de açúcar, um xibé. As letras viravam aquela rosca no balcão, o pão na canoa ligeira, a farinha pesando na balança do Delfim, cuspiam. Não cusparam no chão, mal-educados! Cantem. Nossa terra mais flores. A professora: Vamos meninos. Biá voltava, remando, apanhava pelo rio algum taperebá que ia roendo, roendo até chegar no jirau da barraca onde o periquito lhe beliscava o dedo. Em casa o pau de lenha à espera do aracu que o pai há de trazer — peixe anda arisco, arisco. Veio a mãe, amarela, seco e solto o cabelo, um trapo em cima da pele, verme até os olhos.

— Mamãe, por que diz que o Brasil é tão rico e a gente...

Farias aborda as práticas de ensino, recursos pedagógicos:

A representação de educação na Amazônia por Dalcídio Jurandir me faz entender, enquanto educador, que representar, para o escritor, é escrever pautado na realidade dura que o interior do Estado apresenta. Em meio ao ofício amargo de transpor para a ficção o sofrimento do amazônida, o caboclo d'água mergulha na vida cotidiana da Amazônia e busca sentido ao coletivamente vivido. (FARIAS, F. J. S, 2009, p.111).

A educação como estudo está associada à instrução, à leitura e à escrita, sendo representada como melhoria de vida. O texto exemplifica a presença do contraste entre a riqueza do Brasil e a miséria na vida do homem que habita em um ambiente exuberante como a Amazônia, porém sofrido.



A personagem Biá, representa a dura realidade das crianças ribeirinhas, que não entendem a fala da professora em insistir no discurso de que o Brasil é um país rico cheio de “riquezas colossais”. Mostra a preocupação da escola em colocar em prática ações pedagógicas, sem levar em consideração a realidade dos alunos. Biá imagina as letras virarem alimento, pois não aguenta mais de tanta fome, a narração é cheia imagens e linguagem típicas do lugar, como o casco, o ato de pegar alguma fruta que vem com a maré, o jirau, o fogo à lenha, o animal de estimação. A família representada pela sabedoria do pai que ao sair para a natureza em busca do peixe, vê que não está no tempo dele, e a figura tão marcante da mulher, sua mãe, representando muitas outras famílias que viveram, e vivem aquela miséria. O texto a Escola faz refletirmos, nos traz a todo o momento novas sensações, prazer. (FARIAS, C.S. G, 2015, p.171).

As águas são referidas pelos rios, igarapés e fonte d'águas, também representam saberes. A imagem do rio está associada à alimentação, ao transporte, ao lazer, à higiene, ao trabalho e às condições naturais de vida. (OLIVEIRA, 2008, p. 70) conforme retratado no texto quando Biá voltava remando, apanhava pelo rio um taperebá e ia roendo até chegar no jirau da sua barraca.

Fernandes (2018) descreve as condições deslocamento e acesso as ilhas. As distancias entre a cidade e a ilha, de onde se deslocam os professores e alunos até a sede da escola são um desafio cotidiano. O transporte em sua maioria é viabilizado pelas águas dos rios, por meio de lanchas, canoas, casquinhas e rabetas, movidas a combustível ou a remos de acordo com os percursos realizados. O transporte escolar, é fornecido pelo sistema de ensino, entretanto, as condições deixam a desejar em relação a qualidade e a segurança. “As escolas das comunidades rurais-ribeirinhas são precárias e as dificuldades de acesso e permanência ao estudo apresentado pelos alfabetizados são muitas”. (OLIVEIRA, 2008, p.77).

Fernandes (2018), aponta ainda a falta de infraestrutura nas escolas das ilhas como: a falta de Sala de Recursos Multifuncionais para ao atendimento dos alunos com deficiência; a necessidade de local adequado para a prática da Educação física; ausência de sala de leitura; espaços inadequados para a educação infantil e falta de ventilação nas salas de aula.



A autora também relata: a queixa de professores, em relação a falta formação continuada que contemple a realidade da educação no campo; as incoerências em relação ao currículo e ao processo de avaliação e progressão dos alunos; as classes com alunos em distorção entre idade e série e a falta de material para a execução de suas atividades.

No trecho do texto sobre a escola na obra de Dalcídio Jurandir há um questionamento direcionado a Biá: “Que é que tinha naquela escola? O inspetor chegava. A professora com aquela cara de quem sempre jejuava, vexada, gaguejando: Inspetor, nem unzinho material escolar? Estou sem um toco de giz. Providenciaremos, providenciaremos. Já decoraram o Hino?”

5 SABERES CULTURAIS DA TERRA E DA MATA

Oliveira, informa que essas comunidades, na relação direta com o meio ambiente, constroem saberes que transcendem à materialidade do trabalho e, no imperceptível, estão presentes suas crenças, seus costumes, seus medos, suas fantasias e esperanças.

5.1 O VELHO E OS MIRITIZEIROS

O avô, calombento, andava um pouco de banda, o peito ossudo, queixoso dos rins; do cabelo cinzento as moitas em volta da careca tostada, um olhar de zangadão fingidor, mesmo dizendo uma graça era sisudo; mesmo com a caninha lhe subindo, o sempre pausado no falar. Tinha uma voz de provérbio. Sentado no molho de cipó, entre os cestos de tala ainda verde, o avô destrançava as fibras, ou no mochinho a enfiar tala por tala, os dedos, que pareciam entrevados, no tecer tão maneiro, tão sabidos, o avô dedilhava. E Alfredo teve uma semelhante visão: o avô não tecia, tocava. O cantar, e o gemer, o bulício das folhas e do chão saíam de sua harpa. (Que harpa, Alfredo via, horas, no dicionário.) Os cestos e paneiros enfeixados noutra manhã, lá se iam no ombro do avô para o trapiche. Entre o avô e os miritizeiros os havia uma sociedade. Das folhas de miriti que trazia, compridas ripas, saía que saía paneiro, quanto? E aqui em casa era todo de miriti a parede da cozinha, varanda, fundos, porta,



janela de miriti. Até possível seria que ao ver o velho, os miritizeiros avisavam: lá vem o nosso bom Bibiano. O miriti era o fio de sua fiação, dizia. E do miriti dava ao neto os frutos luzentes duros, casca vermelha, polpa dourada. Quem mandava para o chalé aqueles paneiros de miriti era sempre o avô. As frutas na despensa iam aos poucos amolecendo, ou coziam na lata d'água fervendo, delas a mãe espremia o vinho. Bom camarada o miriti, caroço grelando no caminho do igarapé onde, na enchente, as frutas bubuiavam, já moles que Alfredo com delícia descascava devagarinho comia. Seguiu uma vez o avô até o miritizal, o velho ali sentava, também miritizeiro, silencioso: antes de apanhar as palmas olhava os seus iguais um a um, como se quisesse mesmo ser um deles, ou dentro de cada um visse uma pessoa de seu sangue.

O texto “O velho e os Miritizeiros”, é um excerto do romance *Passagem dos inocentes*, que faz parte do *Ciclo do Extremo Norte*. A narrativa está plena de saberes, representações e imaginários presentes nas suas práticas cotidianas sociais e em seu contexto físico histórico-cultural, envolvendo a terra, a mata, as águas, os mitos, a educação e outros. A terra é compreendida como espaço de convivência, de trabalho, de ensinar-aprender, de moradia, de sobrevivência, de pertencimento e na construção de identidade.

Essa teia de conhecimentos proporciona um conjunto de objetivações, certezas e parâmetros que permitem ao sujeito compreender sua experiência e, além disso, torná-la inteligível aos demais. (MARTINIC, 1994, p.73 apud, OLIVEIRA, 2008, p. 67).

Saberes Culturais que educam no cotidiano familiar, orientado pelo saber adquirido, pela experiência de vida dos mais velhos, cujo conteúdo é produzido e refletido no saber fazer, no constante diálogo feito em casa, diferenciando-se da educação escolar.

A relação produtiva com a terra revela a consciência de um saber associado a dependência financeira e ecológica. Os saberes, representações e imaginários em relação à mata estão vinculados ao existir pessoal e em comunidade, envolvendo situações de sobrevivência, consubstanciadas na caça, no plantio, realizado no roçado com derrubada da mata, assim há transmissão de saberes, atitudes e valores através das práticas cotidianas para as futuras



gerações, de suas tradições historicamente construídas. (OLIVEIRA, 2008, p.66).

No leito de diversos rios, córregos e lagos, repousam conhecimentos tradicionais variados de gerações inteiras, alguns já perdidos no tempo, outros mantidos vivos através da oralidade educadora, transmitida de pai para filho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foucault (2001) ao tratar sobre apagamento do autor convida-nos a olhar a relação do texto com o autor e a amarração do texto com a linguagem. De acordo com o discurso o autor pode promover uma trandiscursividade.

Dalcidio, nessa linha de compreensão, se configura como instaurador de discursividade sobre a os homens e mulheres na Amazônia. Seus escritos possibilitam a produção de textos em diferentes direções, pela riqueza de seu olhar e capacidade da materialidade descritiva, enunciativa da realidade que é mostrada em suas obras, inscritas na memória levando-nos a refletir entre memória e a história, entre tempo e espaço. “A memória é, portanto, algo que atravessa, que “vence obstáculos”, que ‘emerge, que irrompe: os sentimentos associados a percursos tão ambíguos, mas estão sempre presentes. Não há memória involuntária que não venha carregada de afetividade”. (SEIXAS, 2001, p.47).

A oralidade apresenta-se como a forma típica das populações rurais-ribeirinhas de expressarem suas vivências, ao transmitirem seus saberes, valores e hábitos das gerações mais antigas às gerações mais novas, o que permite o enraizamento de uma cultura de conversa. A relação epistêmica, tornando o aprender numa apropriação de um saber. Dalcídio utiliza a cultura da atividade como um ato reflexivo das relações que cada sujeito tem com o meio, visto como parte integrante de sua identidade.

A educação nas escolas ribeirinhas sofre fortes influência dos condicionantes econômicos, políticos, culturais e éticos em sua realidade social. Há compreensão, também, de que a educação escolarizada é mais valorizada



do que a cultura da conversa e a consciência da exclusão e discriminação que sofre o analfabeto na sociedade letrada, por isso ressaltam a importância da escola para educação dos filhos. Em “A Escola”, Dalcídio apresenta-nos a experiência do fracasso escolar, a desvantagem da personagem, advinda do sistema institucional deficiente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996]. Brasília, 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 20 junho 2019.

BRASIL. [Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 12.960 de 27 de março de 2014]. Brasília, 2014. Disponível em:< <http://www.planalto.gov.br>> Acesso em 19 setembro 2020.

Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas/ Org. Ivanilde Apoluceno de Oliveira. Belém: EDUEPA, 2008, 2ª Edição. 120p.

JURANDIR, Dalcídio. **Chão dos Lobos**. [s.l.].Record, 1976.

FARIAS, Cristiane. S. G. Literatura e Escola: Experiência de Leitura com Alunos da 8ª Série. In. XIX Congresso Nacional de Linguística e Filologia e Política Linguística. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015.

FARIAS, Fernando Jorge Santos. **Representação de Educação na Amazônia em Dalcídio Jurandir: (des) caminhos do personagem Alfredo em busca da Educação Escolar**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará. Belém, 2009

FERNANDES, Ana P. Educação Especial nas Ilhas.- 1 ed Curitiba: Appris, 2018.

FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. [Decreto 7352 de 4 de novembro de 2010]. Brasília, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em 19 de setembro de 2020.



MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise crítica da narrativa. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

NUNES, Paulo (2015). Literatura toma chá com a obra de Dalcídio. [*entrevista cedida à imprensa*]. Disponível em: <<http://www.tjpa.jus.br/PortalExterno/imprensa/noticias/Informes/25746-Literatura-toma-cha-com-a-obra-de-Dalcidio.xhtml>>. Acesso em: 20 junho 2019.

EIXAS. Jacy A. Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

VELOSO, Ivone dos Santos. **Marajó: espaço, sujeito e escrita**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará. Belém, 2007.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

SIMPÓSIO DE TRABALHO – LITERATURA, SEMIÓTICA, LINGUÍSTICA E PSICOLOGIA

COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Lucilinda Ribeiro Teixeira (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Rosângela Araújo Darwich (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Dirk Oesselmann (Universidade Protestante de Freiburg, Alemanha)

EMENTA:

Interligações entre diferentes áreas de conhecimento estendem a interdisciplinaridade às pesquisas científicas, à arte e aos estudos interartes com a reunião do individual ao universal e atemporal. Este Simpósio de Trabalho objetiva oportunizar diálogo e reflexão nos campos da Literatura, Semiótica, Linguística e Psicologia por meio de estudos teóricos e/ou crítico-analíticos e de relatos de pesquisa e de experiência. Palavra, imagem e trocas sociais devem destacar temas como sociabilidade, constituição de identidade, letramento, significado e sensação, processos narrativos e suportes da escrita. O foco central no ser humano, em suas redes de relações, representa possibilidades múltiplas de análise dos papéis contemporaneamente intercambiáveis entre autor e leitor, entre sujeito de experiência única e social, entre consumidor e criador da cultura.



PPGCLC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA



A REPRESENTAÇÃO DE PSICOPATOLOGIAS NOS VÍDEOS DO FESTIVAL DE FILMES UNIVERSITÁRIOS OSGA⁹⁰

Dorivaldo Pantoja Borges Junior⁹¹

Analaura Corradi⁹²

Douglas Junio Fernandes Assumpção⁹³

Resumo: Este estudo objetiva investigar a presença de fenômenos psicopatológicos entre os vídeos apresentados no festival de filmes universitários Osga, movimento criado em 2005 pelo curso de Comunicação Social da Universidade da Amazônia (Unama). Foram sistematizados 286 curtas, sendo 24 correspondentes à pesquisa, visto que abordam o adoecimento mental. Dessa feita, os vídeos foram submetidos à análise categorial do conteúdo e agrupados de acordo com as semelhanças das psicopatologias apresentadas. Conclui-se que o campo de estudo da saúde mental, no diálogo com o campo da comunicação, fora frutífero visto que o material audiovisual utilizado nas análises é rico em aspectos subjetivos dos sujeitos e socioculturais dos sujeitos apresentados, variável essencial na reflexão sobre os episódios de adoecimento mental em suas diferentes dimensões.

Palavras-chave: Cinema. Psicopatologia. Subjetividade. Sofrimento. Festival de filmes universitários.

THE REPRESENTATION OF PSYCHOPATHOLOGIES IN THE VIDEOS OF THE OSGA UNIVERSITY FILM FESTIVAL

Abstract: This study aims to investigate the presence of psychopathological phenomena among the videos presented at the Osga university film festival, a movement created in 2005 by the Social Communication course at the University of the Amazon (UNAMA). 286 short films were systematized, 24 of which corresponded to the research, since they address mental illness. This time, the videos were submitted to a categorical analysis of the content and grouped

⁹⁰ "Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, Semiótica, Linguística e Psicologia, do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

⁹¹ Graduando em Psicologia pela Universidade da Amazônia (Unama); Bolsista PIBIC/CNPq do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/Unama). E-mail: dorivaldopsi@outlook.com.

⁹² Doutora em Ciências Agrárias pela Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra); Professora Titular na Universidade da Amazônia (Unama), no Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/Unama) e no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano (PPDMU/Unama). E-mail: corradi7@gmail.com.

⁹³ Doutor em Comunicação em Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP); Pós-doutorando em Indústria Criativa pela Universidade Feevale; Docente da Escola Superior Madre Celeste (Esmac). E-mail: rp.douglas@hotmail.com.



according to the similarities of the psychopathologies presented. It is concluded that the field of study of mental health, in dialogue with the field of communication, had been fruitful since the audiovisual material used in the analyzes is rich in subjective aspects of the subjects and socio-cultural aspects of the subjects presented, an essential variable in the reflection on the episodes mental illness in its different dimensions.

Keywords: Cinema. Psychopathology. Subjectivity. Suffering. University film festival.

LA REPRESENTACIÓN DE LAS PSICOPATOLOGÍAS EN LOS VÍDEOS DEL FESTIVAL DE CINE DE LA UNIVERSIDAD OSGA

Resumen: Este estudio tiene como objetivo investigar la presencia de fenómenos psicopatológicos entre los videos presentados en el festival de cine universitario de Osga, movimiento creado en 2005 por el curso de Comunicación Social de la Universidad de la Amazonía (UNAMA). Se sistematizaron 286 cortometrajes, de los cuales 24 correspondieron a la investigación, ya que abordan la enfermedad mental. En esta ocasión, los videos fueron sometidos a un análisis categórico del contenido y agrupados según las similitudes de las psicopatologías presentadas. Se concluye que el campo de estudio de la salud mental, en diálogo con el campo de la comunicación, ha sido fructífero ya que el material audiovisual utilizado en los análisis es rico en aspectos subjetivos de los sujetos y aspectos socioculturales de los sujetos presentados, variable esencial en la reflexión sobre los episodios. enfermedad mental en sus diferentes dimensiones.

Palabras-clave: Cine. Psicopatología. Subjetividad. Sufrimiento. Festival de Cine Universitario.

1 INTRODUÇÃO

As ideias aqui dispostas foram elaboradas como uma síntese das atividades, bem como dos artigos com resultados parciais já publicados de um projeto de iniciação científica (PIBIC/CNPq, 2019 - 2020) realizado no Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC), na Universidade da Amazônia (Unama), cujo objetivo fora investigar, entre os curtas-metragens apresentados no Osga Festival de Filmes Universitários, a apresentação de construções psicopatológicas.



O Festival Osga, segundo informações de seu site⁹⁴ foi criado em 2005, como proposta acadêmica do Curso de Comunicação Social da Unama em Belém do Pará. Deu-se início a um projeto que se tornou reconhecido como um dos maiores festivais de premiação de filmes universitários da Amazônia: o Osga⁹⁵.

Palavra do vocabulário paraense, Osga significa Lagartixa (Gekkonidae-geconídeos), usado como um trocadilho sonoro equivalente ao Oscar, o mais conhecido festival de premiação cinematográfica realizado nos Estados Unidos desde 1929. Embora se tratasse de um processo avaliativo, a proposta ganhou contornos de competição ao proporcionar premiações aos alunos que se destacassem.

O festival é aberto aos cursos de Comunicação Social, Artes Visuais, Cinema e entre outros, dispondo de diversas categorias de inscrição dos vídeos tais como ficção, vídeo arte e vídeo minuto, sendo cada tipo de produto avaliado de acordo com suas características⁹⁶.

Elegeram-se os materiais fílmicos devido a sua riqueza de conteúdo no que se refere aos aspectos internos – representação do universo subjetivo de seus personagens – e, também, os aspectos externos referentes ao contexto sociocultural que circunda os primeiros (MOMBELLI & TOMAIN, 2014).

Não obstante, têm-se os filmes como aliados à produção de conhecimento por conta da possibilidade de empreender, a partir de análises, verdadeiros dispositivos de intervenção (BTESHE & ESTELLITA-LINS, 2011), de estudos de caso (LEBREGO *et al*, 2020) e, além disso, meios de construção de aprendizagens ativas (BORGES JUNIOR, CORRADI & ASSUMPÇÃO, 2020).

Portanto, na construção desse estudo, seguiu-se o seguinte percurso: em primeiro momento, delimitou-se o campo de estudos da psicopatologia fundamental e sua interface com os conflitos sociais contemporâneos; em

⁹⁴ Disponível em: <http://osgafestival.blogspot.com/p/o-festival.html>. Acesso: 25 set. 2020.

⁹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mBCiUDJnVXM&t=140s>. Acesso: 25 set. 2020.

⁹⁶ Disponível em: <http://osgafestival.blogspot.com/p/edital-2014.html>. Acesso: 25 set. 2020.



seguida, traçaram-se breves comentários sobre o histórico do cinema e as características do produto cinematográfico.

No segundo momento, fora circunscrita a estratégia metodológica do estudo e realizados o levantamento e a descrição dos vídeos correspondentes à pesquisa, ressaltando as configurações psicopatológicas pelos quais o sofrimento é representado nos materiais, cujos resultados foram agrupados e retomados como considerações finais do texto.

2 O CAMPO DOS ESTUDOS PSICOPATOLÓGICOS

Ceccarelli (2005, p. 471), utilizando do termo psicopatologia, afirma que este remete a “um discurso representativo a respeito do *Pathos* psíquico; um discurso sobre o sofrimento psíquico; sobre o padecer psíquico. A *psychê* é alada; mas a direção que ela toma lhe é dada pelo *Pathos*, pelas paixões”.

Berlinck (2000) circunscreve o *Pathos* enquanto uma experiência penosa ao sujeito. Trata-se de algo que o acomete e o deixa passivo, necessitando de cuidados externos – de um médico cuja ocupação residiria nos cuidados de um Eros adoecido. Tal proposição é o que baseia a ética do campo de estudos da Psicopatologia Fundamental.

Ainda em Berlinck (2000), tem-se o sofrimento enquanto matéria prima da psicopatologia, dessa feita, o corpo teórico criado por Piérre Fedidá se diferencia da Psicopatologia Geral de Karl Jaspers, visto que essa última se centra nos fenômenos conscientes e observáveis, enquanto a outra se baseia na experiência psicopatológica subjetiva.

Doravante o fazer científico em Psicopatologia Fundamental, Queiroz (2002) aponta que a investigação nesse campo é de caráter transdisciplinar, congregando e fazendo interagir narrativas sobre o padecer humano oriundas de diversos campos do saber, produzindo um conhecimento novo e amplo sobre seu objeto de estudo.

Ao as analisar formas de subjetivação contemporânea, identifica-se que, para além do mal-estar mencionado por Freud no século XX, as sociedades



contemporâneas, de acordo com os estudos produzidos por Saflate (2018, p. 4), “produzem psicopatologias”.

Freud ([1930] 2020) oferece pressupostos para compreender funcionamentos psicopatológicos contemporâneos. Para ele, é frente ao mal-estar social, que o sujeito humano é obrigado a desenvolver estratégias para satisfazer suas necessidades. Abrir mão de sua satisfação pulsional⁹⁷ é motivo de sofrimento, mas é necessário para que ocorra o laço social que, por sua vez, possui a função de proteção contra as fontes de sofrimento citadas anteriormente.

Tal proposição freudiana fora aprimorada e contextualizada por psicanalistas pós-freudianos, como Joel Birman (2019) que, ao se deter nos destinos subjetividade contemporâneas, afirma que as subjetividades contemporâneas são baseadas na valorização do Eu, o que aponta para uma estetização da existência.

Não obstante, seguindo na mesma linha de argumentação, o autor defende que a base das saídas psicopatológicas contemporâneas reside na não adequação aos ideais de vida dominantes, no caso, a de viver a vida como uma performance (parecer em detrimento de ser). Nesse sentido, o Eu é colocado em uma posição de majestade constante. Caso o sujeito não sustente tal posição, uma possível psicopatologia é inserida como saída.

Cabe ressaltar que a concepção de psicopatologia é ampla, já que seu estudo comporta contribuições de diversas áreas, tais como a Psicanálise, a Psicologia, a Psiquiatria e entre outras. A psicopatologia remete à construção subjetiva proveniente de fatores biológicos, psicológicos e sociais. Ou seja, trata-se de um fenômeno de uma variabilidade extrema, dependendo de onde ocorra (DALGALARRONDO, 2019).

Tal campo despertou interesse de outras áreas do conhecimento, incluindo as Artes e, mais especificamente, o Cinema. Este último lançou mão de construções teóricas sobre a mente humana para fundamentar suas

⁹⁷ Pulsão é um dos quatro conceitos metapsicológicos criados por Sigmund Freud, sendo sistematizado pelo autor no texto intitulado *As pulsões e seus destinos* ([1915] 2013). Trata-se da energia que impulsiona o sujeito rumo à satisfação.



narrativas cinematográficas. Esse movimento é mais bem explicitado no tópico a seguir.

3 CINEMA, COMUNICAÇÃO E SUBJETIVIDADE

Para Bernardet (2006), não se pode pensar Cinema sem levar em conta os componentes sócio-históricos que atravessam sua criação e desenvolvimento. Nesse sentido, embora a característica básica do filme seja o movimento de imagens, cada sistema cultural atribuirá características e objetivos próprios à produção.

Outro aspecto a ser levado em conta quando se fala em cinema é que, a sua característica do movimento de imagens proporcionou aos diretores a sensação de criação de realidades (BERNARDET, 2006). Além disso, como mostra Ferraraz (2000) com a incorporação de vanguardas artísticas, tais como o surrealismo, potencializaram ainda mais tal movimento.

Rivera (2008), observa-se que o filme também remete ao que há de pulsional no sujeito. Ora, a relação entre um espectador e um material audiovisual é dialógica porque nesse último há o encontro de componentes imagéticos e sonoros em uma dinamicidade que não viabiliza a sua compreensão total. Nesse sentido, para a autora, pode-se afirmar o cinema enquanto dispositivos de reflexão sobre si e sobre a vida.

Não obstante, Homem (2015) questiona sobre a possibilidade de empreender uma escuta fílmica dos conteúdos que emergem a partir da montagem cinematográfica. Ora, se o produto fílmico é composto por construções sonoras e imagéticas, há a possibilidade de estabelecer ligação entre os significantes presentes neste, com o intuito de refletir sobre processos humanos (HOMEM, 2015).

É mediante tais características da produção cinematográfica que se sustenta este trabalho: utilizar o material fílmico como recurso de reflexões sobre



processos subjetivos humanos visando uma possível articulação teórica em psicanálise.

4 MÉTODO

Considerando o Festival Osga de filmes universitários como unidade de análise, fundamentou-se a metodologia no processo de análise de conteúdo, metodologia criada essencialmente para o estudo no processo comunicacional, embora possa ser empregada em outros contextos (BARDIN, 2011).

A análise de conteúdo, enquanto estratégia metodológica, é dividida em três etapas abaixo descritas (Quadro 1). Além disso, tal metodologia compõe diversas estratégias de trabalho, então cabe a(o) pesquisador(a) identificar e lançar mão das que julga melhor contemplar seus objetivos de pesquisa.

No presente estudo, a técnica de análise do conteúdo utilizada fora a análise categorial, que se caracteriza pelo desmembramento e reagrupamento do material a partir de temas específicos.

Quadro 1 – Etapas da análise de conteúdo

Etapa	Procedimentos
Pré-análise	Escolha e preparo dos materiais que serão submetidos à análise, o que envolve o estabelecimento de hipóteses, categorizações e elaboração de indicadores à análise provindos da leitura flutuante.
Exploração do material	Consolidação dos procedimentos planejados na pré-análise. Trata-se da execução de tais apontamentos seguindo as regras já estabelecidas anteriormente.
Tratamento dos resultados	Obtido os resultados dos procedimentos realizados na exploração, estes devem ser submetido às validações estatísticas, sínteses e inferências.

Fonte: Elaborado por Borges Junior; Corradi; Assumpção (2020) a partir de Bardin (2011).

Na pré-análise realizada, utilizou-se da investigação flutuante durante a tabulação dos 286 vídeos referentes ao arquivo da pesquisa (2005 -2018). Nesse momento, amparando-se na literatura científica sobre psicopatologia



fundamental destacaram-se os curtas que apresentam a temática direta ou indiretamente, bem como as manifestações presentes nos materiais.

Posteriormente, na etapa de exploração do material, os vídeos foram sistematizados cronologicamente e especificados a partir do ano de apresentação e sinopse. Além disso, foram agrupados e caracterizados de acordo com as categorias de análise: os comportamentos suicidas apresentados.

Mediante a obtenção dos dados decorrentes da etapa anterior, realizou-se a síntese das ocorrências, a comparação dos resultados com a literatura científica especializada e a atribuição de inferências ao material, este agrupado em quatro tópicos que agrupam as temáticas presentes no festival.

5 O PHATOS EM CENA: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Do montante de 286 vídeos sistematizados, 24 curtas-metragens corresponderam à pesquisa, ao apresentar em seus enredos sujeitos acometidos por experiências psicopatológicas. Os filmes foram sistematizados cronologicamente, contendo o ano de apresentação, número de vídeos correspondentes e as manifestações patológicas envolvidas (Tabela 1).

Tabela 1 – Sistematização dos vídeos correspondentes à pesquisa.

Vídeos que apresentam condições de sofrimento mental		
Edição	Número de vídeos	Temas apresentados
2005	4	Comportamento suicida, pânico, uso de drogas.
2006	0	Não apresenta
2007	0	Não apresenta
2008	2	Luto e comportamentos suicidas
2009	1	Comportamentos antissociais
2010	1	Comportamento suicida
2011	0	Não apresenta
2012	3	Comportamento suicida



2013	4	Alterações de humor, comportamentos suicidas, alterações do pensamento/ percepção.
2014	2	Comportamento suicida e alterações do humor.
2015	1	Alterações de percepção/pensamento
2016	3	Comportamentos suicidas e luto
2017	1	Alterações de percepção/pensamento
2018	2	Autismo e luto
Total	24	

Fonte: Elaborado por Borges Junior, Corradi & Assumpção (2020) a partir do arquivo de filmes universitários do Festival Osga (2005 - 2018).

Durante a sistematização dos filmes, identificou-se que temas como comportamentos suicidas, luto, sentimentos depressivos e alterações do pensamento/percepção são os mais recorrentes dentre a produção do festival. Por outro lado, temáticas como comportamentos antissociais, pânico e autismo, embora pouco, também foram localizadas.

Além disso, pôde-se observar que os anos de 2005 e 2013 são os períodos de maior presença da temática, totalizando 4 vídeos em cada edição. Em contra partida, nos anos de 2006, 2007 e 2011, não foram encontrados vídeos correspondentes à pesquisa.

Posto isso, durante a categorização do material, pôde-se criar grupos menores, ao agrupar os vídeos. Dessa forma, têm-se: 1. Comportamentos suicidas; 2. Luto e alterações de humor; 3. Alterações do pensamento/percepção. Após o agrupamento dos vídeos, relacionou-se os achados com apontamentos presentes na literatura científica sobre a temática.

5.1 OS COMPORTAMENTOS SUICIDAS

Eis mais um dado importante a ser mencionado: dos 24 fenômenos psicopatológicos achados no arquivo da pesquisa, 11 apresentam o comportamento suicida em alguma de suas dimensões, sendo estes: A casa (2005); Me desculpe, meu bem! (2005); O fim (2008); Antes de ouvir a verdade



(2010); Positivo (2012); Além do olhar (2012); Chevalier (2013); Epitáfio (2013); Autofobia (2014); História de Sofia (2016).

De acordo com Botega (2019), o suicídio pode ser entendido em três dimensões. A primeira diz respeito a intenção de se realizar o suicídio (ideação suicida); a segunda diz respeito aos comportamentos auto lesivos, mas não necessariamente letais (parassuicídio) e, por fim, tem-se a tentativa de suicídio (consumação do ato) como terceira possibilidade.

Em primeira análise, observou-se que a maior parte dos vídeos que abordam os comportamentos suicidas o fazem através da terceira forma de compreensão, as tentativas e, diga-se de passagem, sobretudo as consumadas.

5.2 O LUTO

Em um de seus textos que discute o processo de investimento e desinvestimento libidinal, Freud ([1917] 2018) faz uma diferenciação entre o Luto e a Melancolia. Para este, ambos dizem respeito a um processo de perda de um objeto amando, a quem (ou ao o quê) se investe emocionalmente.

Contudo, o que vai diferenciá-los é o movimento frente à perda. Enquanto o luto é elaborado, ou seja, se desinveste emocionalmente e se reinveste em outro objeto, a Melancolia se mostra diferente porque, frente à perda, se destrói esse objeto, que se encontra introjetado ao Eu (FREUD, [1917] 2018).

A temática do luto aparece 3 vezes no decorrer das edições do festival, sendo estas as edições de 2008, 2016 e 2018, através de 5 vídeos, sendo estes: Aquele que voltou (2008); O fim (2008); Eu tô bem (2016); Sanjun (2018).

Embora não se objetive aqui circunscrever o que aparece enquanto Luto e enquanto Melancolia, parte-se do pressuposto de uma ruptura de uma relação de investimento emocional que desemboca tanto em sentimentos de saudade, passando por momentos de profunda tristeza e, até mesmo, comportamentos suicidas.

5.3 ALTERAÇÕES DO PENSAMENTO E DA PERCEPÇÃO



Dalgalarrondo (2019) elenca as alterações do pensamento e da percepção como recorrentes em síndromes psicóticas, caracterizadas pelo rompimento com a realidade. Nesse sentido, as alterações do pensamento (ou do juízo) são denominadas de delírios, enquanto as da sensopercepção, de alucinações.

No que diz respeito a tais manifestações apresentadas nos vídeos, identificou-se presente nos anos de 2013, 2015 e 2017, através dos vídeos: a viagem de Edgar (2013) abordando alucinações de um jovem após uma briga com seu pai; Limbo (2015) vinculando as alucinações como componentes de um processo de luto familiar; 3:15 AM (2017) representando um delírio que precede um assassinato de um fanático religioso.

Durante a primeira sistematização desses vídeos, identificou-se maior recorrência da apresentação das alterações da sensopercepção (alucinações) atreladas a um sofrimento aparente, enquanto as alterações do pensamento (delírios) atreladas à violência.

5.4 OUTROS ACHADOS

Para além dos agrupamentos mencionados até aqui, identificou-se a presença de vídeos que apresentam outras temáticas como pânico e uso de drogas, presentes no ano de 2005, nos vídeos Compulsão (2005) e Réquiem para um sonho (2005). Ambos os casos, como elenca Birman (2019), são saídas psicopatológicas características da contemporaneidade.

Além disso, outro aspecto presente na produção foram as alterações do humor. De acordo com Dalgalarrondo (2019), tais alterações podem estar associadas às síndromes depressivas, onde processos afetivos e volitivos são afetados, acarretando apatia, angústia, sentimentos de vazio e tristeza. As alterações em questão podem ser vislumbradas nos vídeos Epitáfio (2013) e Amanhã Eu (2014).

Por último, tem-se um vídeo documentário – O diagnóstico não é o fim (2018) - cujo tema central é o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesse



material, é exibido o cotidiano de uma facilitadora de uma criança autista, bem como são levantadas reflexões sobre os desafios da assistência à saúde destes sujeitos, tal como, também é apresentado por Barros (2018), no que diz respeito ao crescente aumento de diagnósticos na infância e os entraves no cuidado com as crianças.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo investigar, dentre a produção apresentada no Festival Osga de Filmes Universitários, a caracterização dos curtas que abordassem a temática do adoecimento mental. Para tanto, investigou-se os vídeos referentes a 14 anos de Festival (2005 – 2018).

Todos os vídeos disponibilizados à pesquisa foram devidamente sistematizados de acordo com a ordem cronológica do projeto junto de informações tais quais título e sinopse. Passada essa etapa, identificou-se que, dentre os vídeos que abordam o sofrimento psíquico, mais da metade destes falam, direta ou indiretamente, sobre o suicídio.

Entretanto, 3 outros agrupamentos também surgiram a partir da leitura flutuante do material: o luto, as alterações do pensamento/sensopercepção e, por último, vídeos que abordam a psicopatologia, mas não foram tão recorrentes na produção do Osga, tais como o pânico, o autismo e a drogadição.

Identificou-se que as psicopatologias apresentadas nos curtas-metragens trazem em seus bojos, experiências de profundo sofrimento, o que já se mostra, também, na literatura sobre psicopatologia fundamental. Entretanto, ao empreender as análises dos audiovisuais, observou-se um movimento de figuração dessa *Pathos* que padece o sujeito e, frente às tenções causadas pelo *Pathos*, tal sujeito produz movimentos psicopatológicos.

REFERÊNCIAS

3:15 AM. Direção: Ariela Motizuki. Belém: Independente. 2017. (07:30 min.). son, color.



A CASA. Direção: Bruna Mesquita, Carlos Guzzo Jr e Lorena Bentes. Belém: Independente. 2005. (02:37 min.). son, color.

ALÉM DO OLHAR. Direção: Denize Oliveira. Belém: Independente. 2012. (05:27 min.). son, color.

AMANHÃ EU. Direção: Natália Paixão. Belém: independente. 2014. (08:11 min.). son, color.

ANNA COM DOIS NS. Direção: Ise Araujo. Belém: Independente. 2014. (05: 56 min.). son, color.

AQUELE QUE VOLTOU. Direção: Jorge Machado. Belém: Independente. 2008. (03:41 min.). son, color.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Almedina, 2011.

BARROS, I. P. M. Quase tudo virou autismo: uma reflexão sobre os desdobramentos do diagnóstico precipitado. In: BATISTA, J. S; GUILDUGLI, S. N. (Orgs.). **Psicologia da Saúde e Clínica: conexões necessárias**. 1º ed. Curitiba: Appris, 2019.

BERLINCK, M. T. **Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, 2000.

BERNARDET, J. C. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise as novas formas de subjetivação**. 13º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019

BOTEGA, N. J. **Crise suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BTESHE, M.; ESTELLITA-LINS, C. Os diferentes usos do vídeo no cuidado à saúde materno-infantil. **Rev Eletron Inf Nov Saúde**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 1-12, jun. 2011. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/521>. Acesso: 25 set. 2020.

CECCARELLI, P. O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 3, p. 471-477, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722005000300015&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso: 25 set. 2020.

CHEVALIER. Direção: Erik Ranieri e Thamires Cardoso. Belém: Independente. 2013. (07:29 min.). son, color.



COMPULSÃO. Direção: Luana Bezerra, Rui Leal e Suellen Oliveira. Belém: Independente. 2005 (04: 55 min.). son, color.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

EPITÁFIO. Direção: Gustavo Aguiar. Belém: Independente. 2013. (07:02 min.). son, color.

EU TO BEM. Direção: Shinohara e Neil York. Belém: Independente. 2013. (07:07 min.). son, color.

FESTIVAL OSGA. O festival, 2016. Disponível em: <http://osgafestival.blogspot.com/p/o-festival.html>. Acesso: 25 set. 2020.

FERRARAZ, R. As marcas surrealistas no cinema de David Lynch. Revista Olhar, n. 3, n. 5-6, p. 1-8, 2000. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar5-6/rogerio.pdf>. Acesso: 25 set. 2020.

FREUD, S. As pulsões e seus destinos (1915). In: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Edição Bilingue. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. Rio de Janeiro: Editora Autêntica, 2013.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917). In: FREUD, S. **Neurose, Psicose e Perversão**. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Rio de Janeiro: Editora Autêntica, 2018.

FREUD, S. O mal-estar na cultura (1930). In: FREUD, S. **Cultura, Sociedade, Religião**: o Mal-estar na cultura e outros escritos. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Rio de Janeiro: Editora Autêntica, 2020.

HISTÓRIA DE SOPHIA. Direção: Ariela Motizuki. Belém: Independente. 2016. (07:30). son, color.

HOMEM, M. L. A escuta fílmica. In: DUNKER, C. I. L.; RODRIGUES, A. L. **Cinema e Psicanálise** - montagem e interpretação: direção da cura. São Paulo: nVersos, 2015. (Coleção cinema e psicanálise, volume 4).

LEBREGO, A. M. *et al.* Psicanálise, Cinema e Formação em Psicologia: movimento de um grupo de estudos em Belém do Pará. FAP – **Revista Científica**, n. 22, v. 1, p. 181-193, 2020. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/3295>. Acesso: 25 set. 2020.

LIMBO. Direção: Lucas Silva. Belém: Independente. 2015. (07:29 min.). son, color.



MASCARELLO, F. **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papirus, 2006. (Coleção Campo Imagético).

O DIAGNÓSTICO NÃO É O FIM. Direção: Bianca Souza. Belém: Independente. 2018. (12:30 min.). son, color.

PARALELO. Direção: Victor Lopes. Belém: Independente. 2012. (05:22 min.). son, color.

PÔR DA TERRA. Direção: Lucas Moraga. Belém: Independente. 2015. (07:09 min.). son, color.

POSITIVO. Direção: Léia Rodrigues e Alberto Ferreira. Belém: Independente. 2012. (05:30 min.). son, color.

PRECIPITAÇÃO. Direção: Lucas Silva. Belém: Independente. 2012. (07:29 min.). son, color.

QUEIROZ, E. F. A pesquisa em psicopatologia fundamental: um discurso interdisciplinar. In: QUEIROZ, E. F.; SILVA, A. R. R. (Orgs.). **Pesquisa em Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, 2002.

REQUIEM PARA UM SONHO. Direção: não especificado. Belém: Independente. 2005. (04:21 min.). son, color.

RIVERA, T. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

SAFATLE, V. *Em direção a um novo modelo de crítica: as possibilidades de recuperação contemporânea do conceito de patologia social*. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C (Orgs.). **Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SERIAL KILLER. Direção: Luciana Santos. Belém: Independente. 2009. (06:49 min.). son, color.

VIAGEM DE EDGAR. Direção Allan Alencar. Belém: Independente. 2013. (07:17 min.). son, color.



O ENCONTRO TERAPÊUTICO GESTÁLTICO COMO EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA⁹⁸

Lia Cristina da Silva Botega⁹⁹

Jorge Eiró¹⁰⁰

Mariano Klautau Filho¹⁰¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir no encontro terapêutico gestáltico enquanto experiência artística através da realização de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e exploratória. A Gestalt-terapia é uma teoria que constitui o escopo da Psicologia e que compreende o homem a partir da interação organismo-ambiente. E a partir dessas interações, o indivíduo pode apresentar disfuncionalidades na interação necessitando de auxílio para a busca de um contato com maior fluidez. Este encontro terapêutico pode ser compreendido como uma experiência artística na medida em que esta é compreendida como as formas de manifestação criativa do humano em suas mais diversificadas formas.

Palavras-chave: Gestalt-terapia. Experiência artística. Encontro terapêutico.

THE THERAPEUTIC GESTALT ENCOUNTER AS AN ARTISTIC EXPERIENCE

Abstract: This article aims to reflect on the therapeutic gestalt encounter as an artistic experience by conducting qualitative, bibliographical and exploratory research. Gestalt-therapy is a theory that is the scope of Psychology and that understands man from the interaction between organism and environment. And from these interactions, the individual may present dysfuncionalities in the interaction needing assistance in the search for a contact with greater fluidity. This therapeutic encounter can be understood as an artistic experience insofar as it is understood as the forms of creative manifestation of the human in its most diverse forms.

⁹⁸ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, Semiótica, Linguística e Psicologia do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

⁹⁹ Psicóloga, Gestalt-terapeuta, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama). lia@ccgt.com.br.

¹⁰⁰ Arquiteto, artista plástico e curador independente. Mestre e doutor em Educação pela UFPA. Professor-pesquisador do PPGCLC/Unama. Professor da FAU-UFPA. Como artista, participou de diversas exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. eirojorge@gmail.com.

¹⁰¹ Artista, pesquisador em arte e fotografia, professor e curador independente. Doutor em Artes Visuais pela ECA/USP e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Professor-pesquisador do PPGCLC-Unama. Curador do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, em Belém. Como artista, participou de diversas exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. marianokf@uol.com.br.



Keywords: Gestalt therapy. Artistic experience. Therapeutic encounter.

EL ENCONTRO TERAPÉUTICO GESTALT COMO EXPERIENCIA ARTÍSTICA

Resumen: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el encuentro terapéutico Gestalt como experiencia artística mediante la realización de una investigación cualitativa, bibliográfica y exploratoria. La terapia Gestalt es una teoría que está dentro del ámbito de la Psicología y que entiende al hombre desde la interacción entre organismo y medio. Y a partir de estas interacciones, el individuo puede presentar disfuncionalidades en la interacción necesitando asistencia en la búsqueda de un contacto con mayor fluidez. Este encuentro terapéutico puede entenderse como una experiencia artística en la medida en que se entienda como las formas de manifestación creativa del ser humano en sus más diversas formas.

Palabras-clave: Terapia Gestalt. Experiencia artística. Encuentro terapéutico.

1 INTRODUÇÃO

A vivência dos horrores das grandes guerras mundiais no século XX e a concepção de efemeridade das coisas nos tempos modernos contribuíram para criar um ambiente propício para a manifestação da arte moderna, a qual questionava o *status quo* e liquefazia a concepção de homem até então existente. A partir da segunda metade do século XIX, pensadores como Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Charles Baudelaire tiveram fundamental importância na concepção de novas formas de expressar e experienciar a arte, o que viria a influenciar decisivamente os próprios movimentos artísticos das vanguardas modernas no início do século XX, levando a um processo de desconstrução de muitas concepções e convenções do homem moderno em suas diversas formas de interagir consigo e com o mundo (EIRÓ, 2020).

Assim como na arte, a compreensão acerca da terapia também perpassou por modificações, chegando, em determinado momento, a serem olhadas como coabitantes do mesmo espaço. A psicóloga e educadora norte-americana Margareth Naumburg, durante a década de 1940, foi a principal responsável pela



consolidação da arte e da terapia como campos unificados e com um fundo teórico consistente permitindo a realização de trabalhos específicos em arteterapia (CIORNAI, 2004; RUEDA e FERREIRA, 2016).

Por sua vez, também nos Estados Unidos, a Gestalt-terapia vivenciava, em 1951, a inauguração da teoria, através do livro escrito por Fritz Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman “*Gestalt-terapia*” que se configurou como produto de importantes reflexões que surgiram dentre um grupo de pensadores – o chamado grupo dos sete, composto por Fritz Perls, Laura Perls, Paul Goodman, Isadore From, Paul Weisz, Elliot Shapiro e Sylvester Eastman – que questionava as formas até então conhecidas de compreender a psicoterapia e trazia, em sua gama de influências, uma atitude revolucionária, anárquica e fortemente influenciada pelos movimentos contraculturais e pela experiência artística, em razão de muitos de seus fundadores terem estabelecido profícuas relações com os contextos artísticos e culturais nessa época, em peças teatrais, literárias e de dança (PERLS, HEFFERLINE e GOODMAN, 1997; PERLS, 2012; BELMINO, 2017).

Rueda e Ferreira (2016, p. 33) afirmam que “para conhecer o homem como um todo, precisamos também conhecer a arte; e para conhecer a arte como um todo, precisamos também conhecer o homem”. Neste sentido, Belmino (2017) reforça a interlocução entre arte e experiência humana a partir dos estudos de Paul Goodman que identifica, no autor, a necessidade

[...] em problematizar a experiência humana e suas vicissitudes como um ato artístico [pois Goodman acreditava que] a experiência humana se encontra de maneira mais expressiva, a saber, na política, na educação e na clínica (BELMINO, 2017, p. 241).

Contemporâneo à Goodman, Dewey também exerceu forte influência no desenvolvimento da teoria gestáltica. Segundo Gomes (2018, p. 94), Dewey compreendia a experiência de forma estética onde “toda arte tem a ver com a manipulação intencional das energias e matérias externas com o intuito de se criar alguma consequência que não ocorreria antes das modificações”. De igual modo, a compreensão de que os ajustamentos criativos (ou criadores) compõem



a possibilidade de transformação do organismo na sua relação com o ambiente através da manutenção de uma relação intersubjetiva é, em linhas gerais, o fundamento do entendimento da teoria do *Self*, base da compreensão gestáltica do modo de funcionamento de cada indivíduo (BELMINO, 2017; PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1997; MULLER-GRANZOTTO e MULLER-GRANZOTTO, 2007). Zinker (2007, p. 51-52) diz

para mim, fazer terapia é como fazer arte. O meio para tanto é a vida humana. Admitindo ou não, o terapeuta eficaz molda vidas. [...] Trabalhar com vidas humanas é um privilégio a ser posto em prática com o conhecimento, o respeito e a humildade que lhe são devidos (ZINKER, 2007, p. 51-52).

Neste sentido, o presente artigo tem o objetivo de refletir acerca do encontro terapêutico, de base gestáltica, como experiência artística apresentando-se como resultado de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e exploratório.

De acordo com Lima e Mioto (2007 *apud* RUEDA e FERREIRA, 2016, p. 36),

a pesquisa bibliográfica permite que o autor tenha um grande número de informações alcançadas nos dados dispersos em diversas publicações, auxiliando também nas construções e definições de pressupostos referentes ao objeto de estudo definido.

No que se refere à pesquisa exploratória Gil (2008, p. 27 *apud* NASCIMENTO, 2020, p. 56) afirma que

as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

A pesquisa foi realizada a partir da base de dados Google Acadêmico utilizando os descritores “encontro terapêutico em gestalt-terapia e experiência artística”, sendo incluídos artigos escritos na língua portuguesa, no período de 2016 a 2020, além da utilização de material em livro voltados para a temática



pesquisada. Foi considerada para discussão a análise indutiva a qual Becker (2007 apud RUEDA e FERREIRA, 2016, p. 35-36) aponta que

através da indução analítica, o pesquisador não pretende trabalhar as diversas possibilidades de explicação de um determinado fenômeno, mas foca em algumas explicações específicas (BECKER, 2007 apud RUEDA; FERREIRA, 2016, p. 35-36).

2 O ENCONTRO TERAPÊUTICO GESTÁLTICO

Fritz Perls era psicanalista, mas começou a questionar o processo de desenvolvimento do homem e do mundo até então existente levando-o a estudar e conhecer pessoas novas em diversas partes do mundo, como Friedlander, Kurt Goldstein, Paul Goodman. Após sua saída da Alemanha em 1934, principalmente devido a sua descendência judaica e o avanço do nazismo, esteve em contato com outros teóricos em diversos lugares do mundo, até que nos Estados Unidos da América, em meados de 1940, conseguiu inserir-se em um ambiente científico e social que possibilitou sustentação à sua nova teoria. No Brasil, a Gestalt-terapia chegaria somente no início dos anos 1970, após o aumento da repressão da ditadura no país com a promulgação do Ato Institucional Nº 5 em 1968 e onde o Movimento Tropicalista se apresentava como a primeira manifestação contracultural que se apresentava fundamentalmente engajada na crítica ao contexto político e cultural vivenciado. (PERLS, HEFFERLINE e GOODMAN, 1997; ESCH e JACÓ-VILELA, 2019).

[O Movimento Tropicalista] caracterizou-se assim, pela radicalização das questões colocadas pelas artes nos anos 1960, na sua interface com a vanguarda mundial e com a indústria cultural brasileira. Estas questões confluem num ponto: a crise terminal do "nacional-popular" como eixo da cultura e da política (ESCH e JACÓ-VILELA, 2019, p. 5).

Em entrevista ao trabalho de Holanda e Suassuna (2009, p. 53), Jorge Ponciano relata que “a grande evolução da Gestalt-terapia no Brasil nasce, de um certo modo, como se fosse uma contracultura, [...] à psicanálise e à comportamental”. Esch e Jacó-Vilela (2019) confirmam a fala de Jorge Ponciano



ao reconhecer a significativa influência do movimento da contracultura à Gestalt-terapia.

Nesse sentido, a Gestalt-Terapia caminhou contrariamente às propostas que visavam uma adaptação ou ajustamento, considerando o conflito entre indivíduo e sociedade genuíno. Ao partir da interação e influência recíprocas do campo organismo-ambiente, deixa de localizar apenas no indivíduo a necessidade de mudança, lançando um olhar e considerando as exigências e imposições sociais, no jogo contínuo de forças atuantes na interação indivíduo/sociedade (ESCH E JACÓ-VILELA, 2019, p. 2).

A abordagem encontrou espaço no Instituto Sedes Sapientiae, em 1977, quando muitos psicólogos foram para fora do país, em especial para os EUA para conhecer melhor a teoria. Na volta, faziam grandes *workshops* apresentando e vivenciando um novo olhar para Psicologia (HOLANDA e SUASSUNA, 2009). Juliano (1999, p. 25) afirma que mais que uma teoria a Gestalt implica em encontro singular, vivencial, da experimentação do momento presente e “que estimula uma presença constante e atenta, com ênfase sensorial [focalizada no] fluxo [e na] direção da energia corporal”.

Pertinente à Gestalt-terapia o conceito de *awareness* comparece com fundamental importância para compreensão da experiência de contato na experiência humana. Para existir o contato, a *awareness* é dispensável, mas o contrário não ocorre. (PERLS, HEFFERLINE e GOODMAN, 1997).

Paul Goodman, a partir das influências de John Dewey e Withman no início do século XX, pode contribuir no desenvolvimento da Gestalt-terapia entendendo “a experiência [humana] como o conjunto de interlocuções ocorridas entre o organismo e o seu ambiente para produzir mudanças e resoluções de problemas” (BELMINO, 2017, p. 126).

Desta forma, a existência humana é compreendida através dos contatos estabelecidos nas relações ocorridas no campo organismo-meio (PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN, 1997). Yontef (1998) afirma que a Gestalt-terapia tem um interesse maior no *como* ocorrem as interações o organismo-meio focando no momento, no aqui-e-agora da vivência, dentre estas relações, podemos situar a relação terapêutica.



Neste sentido, toda relação é também entendida a partir da noção dialógica, proposto por Martin Buber (1982), pois o que acontece *entre* e *como* acontece a partir da relação de dois sujeitos participantes e não coisificados, estabelecendo assim uma relação dialógica experienciada no *EU-TU*, ou seja, “o encontro, no qual cada uma das partes envolvidas aprecia a alteridade e a totalidade da outra, simultaneamente” (DOS SANTOS FILHO e COSTA, 2016, p. 36).

Dentro desse cenário, a relação entre terapeuta e cliente ganha dimensões estéticas na medida em que ela ocorra de maneira autêntica, singular, com corresponsabilidade e potencialmente criativa (ZINKER, 2007). Neste encontro dialógico existe uma sabedoria organísmica, por isso, a psicoterapia depende não apenas do terapeuta, mas, primordialmente, do que o cliente quer na medida em que este prioriza suas necessidades, as organiza e faz contato com isso.

A Gestalt-Terapia não é uma psicoterapia de encaixes, fôrmas ou moldes, é única com cada cliente, em cada sessão, construída em cada relação. Como uma obra de arte, acontece diferente para cada ser humano, como é cada digital. O terapeuta não se prende ao discurso, está também atento ao ritmo, aos sons, ao corpo, ao mínimo gesto e a toda respiração. Sabe que cada cliente é um todo e traz consigo um mundo. Está atento às sutilezas, aos detalhes, à poesia que é cada ser em si (CARUSO, 2019, p. 249).

O terapeuta desempenha o papel de auxiliar o cliente a perceber o que, como e onde age, buscando a identificação dos pontos de fluidez e de interrupção, para que ele tenha consciência e esteja *aware*, de suas escolhas e funcione de forma fluida (PERLS, HEFFERLINE e GOODMAN, 1997; YONTEF, 1998; ZINKER, 2007).

O processo de crescimento e expansão da consciência é, em parte, autônomo. Sob essa luz, vemos que cabe ao psicoterapeuta e ao cliente aprender a *dar passagem*, a compreender e cooperar com esse processo (JULIANO, 1999, p. 21).

O respeito às formas as quais os clientes lidam e funcionam é primordial na Gestalt-terapia. E as inúmeras formas de interagir nesse campo podem ser



entendidas como ajustamentos criativos. Esse conceito dá base para uma ampla compreensão acerca dos meios de contato e de evitação ou impossibilidade do contato. O termo ‘ajustamento criativo’, proveniente dos estudos de Perls com Kurt Goldstein (MULLER-GRANZOTTO e MULLER-GRANZOTTO, 2007), dá a noção de algo criado, construído, para se ajustar em alguma circunstância. Lidar de maneira funcional/saudável, “fluir” pelas situações, satisfazer sempre os desejos nem sempre é possível e consiste em uma das maiores lutas da relação indivíduo x sociedade (PERLS, HEFFERLINE e GOODMAN, 1997).

Belmino (2017, p.236) afirma que “enquanto [as] áreas [da ciência] estão comprometidas com a evidência e com a aplicabilidade, a arte está preocupada exclusivamente com a experiência”. Sendo assim, é possível afirmar que ajustamento criativo é a forma como o sujeito experiencia o mundo através da existência de um sistema de contatos, nomeado por Perls, Hefferline e Goodman (1997) de Sistema *Self*.

O Sistema *Self* exerce funções na fronteira de contato o que permite compreender a temporalidade da sua manifestação, baseada na concepção fenomenológica acerca da intencionalidade da consciência, bem como se compreende os modos de distúrbios que o sistema pode apresentar ao longo do processo de contato no contínuo de crescimento do organismo. As funções apresentadas por Perls, Hefferline e Goodman (1997) consistem em ID, Ego e Personalidade. O comprometimento das referidas funções leva à manifestação de ajustamentos criativos considerados disfuncionais, mas que Perls, Hefferline e Goodman (1997) acreditavam ser a melhor forma encontrada pelo organismo para sua adaptação frente ao meio que este coexista.

O comprometimento da função ID conduz aquilo que Pels, Hefferline e Goodman (1997) denominaram como psicose e que Muller-Granzotto e Muller-Granzotto (2012) denominaram de ajustamentos de busca, nos quais os autores apresentam a seguinte afirmação

as situações clínicas em que as ações da função de ato, no consulente, parecem desorientadas, como se não dispusessem de hábitos [...] que lhes fornecessem direção. Ou, então, ocupadas em encontrar essa orientação ausente, não importando a exploração das possibilidades



abertas pelos dados na fronteira de contato. [...] Trata-se de um quadro provavelmente relacionado ao comprometimento da função id, que se mostraria incapaz de disponibilizar, de maneira organizada, um fundo de codados (excitamentos ou intenções) (MULLER-GRANZOTTO E MULLER-GRANZOTTO, 2012, p. 142-143).

A neurose é mais uma das possibilidades de manifestação que o indivíduo pode demonstrar diante de uma situação e consiste no comprometimento da função Ego. Ao estudar a antropologia da neurose, Perls, Hefferline e Goodman (1997) levantaram a proposição de que na civilização, os avanços que foram dados por todos esses anos são reconhecidos sim, mas ficam ofuscados pela ênfase que se dá aos tropeços no meio do caminho. Eles dizem que ao fazer isso, há um olhar mais voltado “[...] aos perigos que nos sujeitamos e aos pontos vulneráveis que foram expostos [...]” (PERLS, HEFFERLINE e GOODMAN, 1997, p.119), ao invés das conquistas obtidas, conduzindo a constituir experiências cada vez mais exigentes e complexas, o que conduz, a partir disso, a potencializar à modalidade de ajustamento disfuncional criada para reagir quando ocorrem situações similares do que agir na continuidade e fluidez daquele processo, ou seja, o indivíduo se mantém fixado em uma inoperância da função Ego.

Muller-Granzotto e Muller-Granzotto (2007, p. 178) afirmam que a neurose é caracterizada a partir da teoria do *self* como uma

[...] inexplicável falta de autonomia no consulente para agir e dizer, como se sua função de ato (sua corporeidade agente e falante) estivesse alienada em favor de algo que não se deixasse reconhecer na realidade social (MULLER-GRANZOTTO; MULLER-GRANZOTTO, 2007, p. 178).

Este ato de evitação é orientado por um hábito inibitório o qual é aprendido no momento de reagir à determinada situação de sofrimento. Esse hábito inibe o excitação natural que surge em qualquer interação, na medida em que se acredita irreflexivamente que àquela forma neurótica é a que melhor se ajusta à situação. Na neurose, o indivíduo perde a confiança na experiência, em si mesmo e no outro. Assim sendo, age de maneira fixa, sem dar espaço ao que emerge do seu fundo de vividos.



Já o comprometimento da função personalidade não apresentou profundas elaborações pelos fundadores da Gestalt-terapia, tendo apenas menções como comprometimento da função personalidade do sistema self denominando por *misery*, em português: aflição. Todavia, Muller-Granzotto e Muller-Granzotto (2012) a partir da leitura fenomenológica da dinâmica de funcionamento do self, denominaram o referido comprometimento como sofrimento ético-político-antropológico sobre o qual afirmam:

Referimo-nos àquelas experiências em que nos sentimos antes ameaçados [...]. Em comum, essas experiências põem em tela um flagrante conflito entre as possibilidades políticas (ou desejos) dos sujeitos (de atos) que nos procuram e nossa posição política antropológica, a qual, por vezes, encarna os desejos, valores e pensamentos do outro social (MULLER-GRANZOTTO e MULLER-GRANZOTTO, 2012, p. 195).

Seja qual for o comprometimento apresentado pelo sujeito, no encontro terapêutico, a intervenção clínica implica na ampliação de consciência, buscando auxiliar o indivíduo permitir-se agir de forma espontâneo, criativa e voltada para o crescimento frente ao contato com a novidade frente aos seus excitamentos – quando na neurose –, na constituição de um espaço de suporte social e de cidadania frente às produções psicóticas – quando dos ajustamentos de busca – e no funcionamento solidário enquanto um *self* suporte para lidar com as situações de vulnerabilidade vivenciadas, pois como exposto por Silva, Oliveira e Alvim (2017, p. 93),

a ação criativa é expressão, um gesto motor (corporal) e espontâneo guiado pela *awareness*, uma consciência não-reflexiva. É um saber da experiência que se dá sempre na interação com o outro, no campo (SILVA; OLIVEIRA; ALVIM, 2017, p. 93).

Segundo Hycner (1995 apud DOS SANTOS FILHO e COSTA, 2016, p. 35) a habilidade que necessita de maior atenção e cuidado por parte do terapeuta é a ação que integra “arte e a ciência da psicoterapia” podendo implicar em prejuízos ao cliente que o procura na condução do processo terapêutico.



3 A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA

A experiência artística pode ser compreendida em conjunto com o desenvolvimento da história. Desde os desenhos nas cavernas, perpassando pelas esculturas da Grécia antiga, às expressões pictóricas da Idade Média e do Renascimento, dentre outras expressões e chegando até os vídeos performáticos reproduzidos atualmente nas redes sociais, compreender a experiência artística pode implicar em uma imensa gama de possibilidades da manifestação criativa do homem. Haja vista as inúmeras formas de expressão artística, tais como pintura, música, literatura, fotografia, dentre outras, ao mesmo tempo produzindo diferentes compreensões e manifestações a partir da época e cultura na qual é produzida, contemplada e analisada (TAKEHANA, 2017).

“No ato artístico o artista cria algo ao mesmo tempo em que se entrega à criação” (BELMINO, 2017, p. 238). Rueda e Ferreira (2016) afirmam que a definição do que seja arte é árdua tarefa, entretanto ratificam que o consenso sobre a arte implica no

fato [de] que grande parte daquilo que [se] institui uma obra de arte não está na obra em si, como a princípio nos parece, mas em diversas variáveis contextuais que envolvem a obra de arte em questão [...]. Essa produção transformadora pressupõe o trabalho que cria o ser a partir do não ser, que faz brotar o ato da potência (RUEDA e FERREIRA, 2016, p. 38).

Acerca das produções artísticas da atualidade, Favareto (2017, p. 129) afirma que a arte radicalmente moderna surge na

patente nas atividades contemporâneas, as obras, os experimentos e as proposições de toda sorte funcionam como interruptores da percepção, da sensibilidade, do entendimento; funcionam como um descaminho daquilo que é conhecido (Favareto, 2017, p. 129).

Por sua vez, Russo (2018, p. 65) afirma que



a expressão do sujeito, aquilo que parece mais exclusivo do indivíduo, seus gostos, posicionamentos e movimentos afetivos não deixam de levar, necessariamente, elementos, reminiscências do social que se alongam e alastram por cada obscuro lugar de seu íntimo (RUSSO, 2018, p. 65).

Compreendendo assim a expressão artística, a partir dos conceitos de Theodor W. Adorno.

A experiência estética é uma forma de implicação em uma obra, em que a experiência inteira é vinculada à atenção crescente que dedicamos ao ato artístico [...] Goodman entende que a experiência é mais bem descrita pela experiência estética advinda da literatura do que das construções científicas advindas das ciências humanas e das ciências naturais (BELMINO, 2017, p. 234).

Gutmacher (2017), refletindo sobre os trabalhos de Lygia Clark no Brasil dos anos 1960, afirma que o artista possui um papel de proposição: “O artista-propositor será aquele que convida o espectador para a ação que se desdobra no tempo e refaz o espaço da obra, um organismo vivo” (p.66). Desta maneira, transforma o lugar das propostas artísticas, radicalizando o lugar de apreciação da arte para a constituição de um espaço de experimentação.

Essa desconstrução da ideia de uma subjetividade privatizada a partir da leitura fenomenológica da experiência é vivida intensamente pelo artista, pois ele compreende que o conflito não lhe pertence exclusivamente. Mas, sim, que seu conflito é o retrato de algo que se manifesta nele como um corpo alargado, um corpo histórico, ou seja, uma subjetividade intersubjetiva (BELMINO, 2017, p. 237).

Sob essa percepção, o corpo também pode ser compreendido como lugar de vivência da arte. Silva, Oliveira e Alvim (2017) compartilhando as experiências a partir de um trabalho terapêutico realizado a partir do uso da dança referem que

No mundo da dança, ouve-se muito a expressão “dançar com a alma”. O que significa que o corpo presente em cena é resultado dessa complexidade de dimensões formando uma totalidade. Esta noção de corpo tridimensional vira o aprimoramento da presença na cena, e está relacionado à entrega do intérprete naquele momento. Este corpo deve passar pelo lugar da reprodução dos movimentos, expostos pelo professor a fim de levá-lo a experimentar coisas novas, mas também



percorre o lugar da intuição e da criação (SILVA, OLIVEIRA E ALVIM, 2017, P. 90).

Bourriaud (2009 apud GOMES e CHAVES, 2020, p. 322) compreende que as experimentações artísticas contemporâneas visam “estabelecer o intercâmbio das relações humanas, a proximidade, a troca de experiências e saberes, o contato e o diálogo” com o objetivo de construir uma sociedade com relações mais baseada em liberdade e menos conflitos.

Por sua vez, Ciornai (2004) afirma que a experiência criativa possui significativos entrelaçamentos entre arte e educação quando refere que Victor Lowenfeld, Florence Cane, entre outros, sustentavam a importância da inserção do

exercício da criatividade e da linguagem artística no currículo escolar como caminho para tornar viável o desenvolvimento integrado do conjunto das diversas potencialidades da criança: cognitivas, afetivas, motoras e criativas (CIORNAI, 2004, p.23).

Neste sentido a experiência artística pode ser pensada a partir da interação entre indivíduos e ambiente através da busca de encontros e desencontros através daquilo que Dewey apontou como “papel ativo da totalidade do organismo na adaptação dinâmica do ambiente” (DUARTE, 2017, p. 162).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer terapêutico proposto pela Gestalt-terapia apresenta um forte viés estético, pois é voltado para a experimentação da forma como as relações são estabelecidas. Este olhar para a forma como a experiência se dá só é possível ser vivenciado no aqui e agora a partir de determinada percepção, espaço e tempo. Ou seja, mesmo que o encontro entre terapeuta e cliente ocorra de forma periódica, todos os encontros se configuram como experiências únicas são captadas e vivenciadas naquele momento singular. Tal vivência singular, no aqui e agora, baseada na percepção, tempo e espaço únicos também pode ser



considerada característica da experiência artística, seja qual for a forma da arte experimentada.

É possível ainda encontrar proximidades entre arte e o fazer terapêutico a partir da afirmação de Favaretto (2017) que considera as manifestações artísticas contemporâneas frutos da radicalidade moderna como mudança de percepção e entendimento, um desvio do habitual. Para a Gestalt-terapia, considerando o funcionamento neurótico como um hábito disfuncional, o encontro terapêutico visa o desvio daquilo que se tornou habitual e fixado para a criação de novas possibilidades de ação através do contato com a novidade.

Por sua vez, Belmino (2017) ao tecer aspectos da influência de Dewey no pensamento gestáltico refere que

A forma de repetição e diferença do ajustamento criativo se apresenta na obra artística de uma maneira muito explícita: olhar para um quadro, ouvir uma música, ler um livro ou poema produz esse lugar ambíguo de afetação em que somos ao mesmo tempo ativos e passivos do processo de entrega em relação à experiência (BELMINO, 2017, p.238).

A relação dialógica que considera o encontro terapêutico apenas pela via da intersubjetividade pode, a partir da citação acima exposta, sustentar a concepção de que o encontro terapêutico se constitui em uma experiência artística, visto terapeuta e cliente serem mutuamente afetados e, a partir da relação estabelecida, promoverem processos de contato para o crescimento.

A possibilidade de intervenção pedagógica, onde o Gestalt-terapeuta busca junto aos familiares de pessoas que realizam ajustamentos de busca/psicose, na construção de um ambiente de suporte e auxílio no processo adaptativo desse sujeito que possui produções delirantes e alucinatórias, pode também ser entendido como uma proposta de experiência artística. Especialmente quando considerado o apresentado nos pressupostos da educação da arte, pois, educar o ambiente da e para a pessoa que faz ajustamentos psicóticos, auxilia na construção de uma relação menos danosa tanto para aquele que vive a psicose, quanto para aqueles que convivem com a pessoa psicótica.



No que se refere aos ajustamentos de sofrimento ético-político-antropológico, o papel do Gestalt-terapeuta busca a reivindicação de um lugar de diminuição da vulnerabilidade e dos contextos de violência aos quais o indivíduo pode se encontrar. E esta intervenção também pode ser experienciada como artística quando se considera o pontuado por Gutmacher (2017) acerca da atitude do artista-propositor apresentado nos trabalhos de Lygia Clark. Convidar a pessoa que se encontra em vulnerabilidade a intervir em seu meio, construindo novas formas de enfrentamento daquilo que lhe violenta e vulnerabilizam são formas potentes de transformação pessoal e social.

REFERÊNCIAS

- BELMINO, Marcus Cézár. **A ontologia gestáltica de Paul Goodman e seus desdobramentos clínicos, políticos e educacionais**: Gestalt-terapia, anarquia e desescolarização. 1ª ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do diálogo**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1982.
- CARUSO, Lara M. et al. Gestalt-Terapia: o ofício da Arte Gestalt-Therapy: The Craft of Art. **IGT na Rede**, v. 16, n. 31, 2019. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=567> Acesso em: 18 Ago. 2020.
- CIORNAI, Selma (org.). **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterpia. São Paulo: Summus, 2004.
- DOS SANTOS FILHO, Júlio Manoel; COSTA, Virgínia Elizabeth Suassuna Martins. Encontrando um modo de ser esquizofrênico: arte e técnica na gestalt-terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 22, n. 1, p. 27-36, 2016.
- DUARTE, Miguel Mesquita. A arte como experiência. **Revista Crítica Cultural**, v. 12, n. 1, p. 161-169, 2017.
- EIRÓ, Jorge. **Modernismo – percepção histórica da arte**. Estéticas que se transformam ao longo dos tempos – Impressionismo. 29 abr. e 06 mai. 2020. 7 fl. Notas de aula.
- ESCH, Cristiane Ferreira.; JACÓ-VILELA, Ana Maria. A Gestalt-Terapia chega ao Brasil. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 36, p. 1-29, 18 jun. 2019.



FAVARETTO, Celso. Questões contemporâneas: arte, educação e formação. **dObra [s]–revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 10, n. 21, p. 124-135, 2017.

GOMES, Thiago Barros. **Experiência como arte** [Manuscrito]: John Dewey e a vanguarda estadunidense, 2018. 231 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B2UPML>. Acesso em: 18 ago. 2020.

GOMES, André Marques; CHAVES, Larissa Patron. A estética relacional e a experiência estética do Hip-hop: O eu e o outro no fazer artístico. **Palíndromo**, [S.l.], v. 12, n. 27, p. 310-328, maio 2020. ISSN 2175-2346. Disponível em: <http://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/12499/11413>. Acesso em: 24 ago. 2020. doi:<https://doi.org/10.5965/2175234612272020310>.

GUTMACHER, Luana. Arte e clínica: experiências de cocriação da arte, da vida e da existência. In: ALVIM, Mônica, Botelho; MOLAS, Adriana (orgs.). **A potência política do corpo**. Expressão e trans-form-ação: arte e clínica com crianças e jovens na Mangueira. Curitiba: CRV, 2017, pp. 61-73.

HOLANDA, Adriano; SUASSUNA, Danilo. **“Histórias” da Gestalt-terapia no Brasil-um estudo historiográfico**. Curitiba: Juruá, 2009.

JULIANO, Jean Clark. **A arte de restaurar histórias: o diálogo criativo no caminho pessoal**. São Paulo: Summus, 1999.

MULLER-GRANZOTTO, Marcus, MULLER-GRANZOTTO, Rosane. **Fenomenologia e Gestalt-terapia**. São Paulo, Summus, 2007.

_____. **Clinica gestálticas: sentido ético, político e antropológico**. São Paulo: Summus, 2012.

NASCIMENTO, Lázaro Castro Silva. Gestalt-musicoterapia no Brasil: explorando o campo. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 53-62, abr. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672020000100006&lng=pt&nrm=iso. acessos em 18 ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.5>.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R; GOODMAN, P. **Gestalt-Terapia**. 2ed. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, Laura. **Living at the Boundary: the collected works of Laura Perls**. (eBook edition). Gouldsboro: The Gestalt Journal Press, 2012.



RUEDA, Carlos Velázquez; FERREIRA, José Krishnamurti Costa. A experiência artística como fundamento no processo de individuação. **Revista de Humanidades**, v. 30, n. 1, p. 32-50, 2016.

RUSSO, Caio. TECER IMAGENS ARTÍSTICAS: APARÊNCIA, EXPRESSÃO. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 59, n. 139, p. 55-76, Jan. 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2018000100055&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Aug. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/0100-512x2017n13903cr>.

SILVA, Carla do Eirado; OLIVEIRA, Cíntia Siqueira de; ALVIM, Mônica. Diálogos entre a Gestalt-terapia e a dança: corpo, expressão e sentido. In: ALVIM, Mônica, Botelho; MOLAS, Adriana (orgs.). **A potência política do corpo**. Expressão e trans-form-ação: arte e clínica com crianças e joens na magueira. Curitiba: CRV, 2017, pp. 87-103.

TAKEHANA, Jesiele Yuri. A necessidade da arte a atuação da arte na terapia. 2017. Disponível em: <https://repositorio.pgsskroton.com//handle/123456789/29093>. Acesso em: 18 ago. 2020.

YONTEF, Gary. M. **Processo, Diálogo e Awareness – ensaios em Gestalt-terapia**. 3ed. São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, Joseph C. **A busca da elegância em psicoterapia: uma abordagem com casais, famílias e sistemas íntimos**. São Paulo: Summus, 2001.



CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO YOUTUBE: DIÁLOGO EM FAMÍLIA NA PANDEMIA DE COVID-19¹⁰²

Larissa Fortes Carvalho¹⁰³

Rosângela Araújo Darwich¹⁰⁴

Resumo: Este estudo descreve procedimentos de intervenção e análise que dão prosseguimento a uma pesquisa de campo em situação de pandemia de COVID-19, mantendo a interdisciplinaridade entre psicologia e literatura. Objetivamos refletir sobre relações entre contação de histórias e espaço de diálogo em família mediados pela internet. O contato direto com pesquisadores foi substituído pela companhia da mãe ou do pai de cada uma das dez crianças participantes, com a disponibilização de um vídeo de contação de história e um roteiro de conversa. Verificamos que a interação mediada pela internet ofereceu subsídios para a investigação da sociabilidade, sendo um veículo de aprofundamento de relações não coercitivas e transformações pessoais e sociais. Outros vídeos e roteiros de conversa foram criados e disponibilizados on-line, concretizando a ideia de ampliar os limites de intervenções presenciais.

Palavras-chave: Pesquisa Mediada pela Internet. Pandemia de COVID-19. Contação de História. Sociabilidade. Família.

YOUTUBE STORY TELLING: FAMILY DIALOGUE IN THE PANDEMIC OF COVID-19

Abstract: This study describes intervention and analysis procedures that gives continuity to a field research in a COVID-19 pandemic situation, maintaining the interdisciplinarity between psychology and literature. We aim to reflect on the relationship between storytelling and family dialogue space mediated by the internet. Direct contact with researchers was replaced by the company of the mother or father of each of the ten participating children, with the provision of a storytelling video and a conversation script. We verified that the interaction mediated by the internet offered subsidies for the investigation of sociability, being a vehicle for deepening non-coercive relationships and personal and social transformations. Other videos and conversation scripts were created and made

¹⁰² Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, Semiótica, Linguística e Psicologia do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹⁰³ Estudante de Psicologia e integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) da Universidade da Amazônia (Unama). E-mail: larissa21fortes@gmail.com.

¹⁰⁴ Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará (2007). Universidade da Amazônia (Unama). E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br.



available online, realizing the idea of expanding the limits of face-to-face interventions.

Key words: Internet-Mediated Research. COVID-19 Pandemic. Storytelling. Sociability. Family.

CONTACI3N DE HISTORIAS EN YOUTUBE: DIÁLOGO FAMILIAR EN LA PANDÉMICA DE COVID-19

Resumem: Este estudio describe procedimientos de intervenci3n y análisis que continúan una investigaci3n de campo en una situaci3n de pandemia de COVID-19, manteniendo la interdisciplinariedad entre la psicología y la literatura. Nuestro objetivo es reflexionar sobre la relaci3n entre la narraci3n y el espacio de diálogo familiar mediado por internet. El contacto directo con los investigadores fue sustituido por la compańa de la madre o el padre de cada uno de los diez niños participantes, con la provisi3n de un video narrativo y un gui3n de conversaci3n. Comprobamos que la interacci3n mediada por internet ofrecía subsidios para la investigaci3n de la sociabilidad, siendo un vehículo para profundizar las relaciones no coercitivas y las transformaciones personales y sociales. Se crearon otros videos y guiones de conversaci3n y se pusieron a disposici3n en línea, dando cuenta de la idea de ampliar los límites de las intervenciones cara a cara.

Palavras-clave: Investigaci3n mediada por Internet. Pandemia de COVID-19. Narraci3n. Sociabilidad. Familia.

1 INTRODUÇ3O

Os fatores de proteç3o a criançãs e adolescentes s3o direitos constitucionais que foram estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990) visando diminuir os fatores de risco e, por consequência, garantir um desenvolvimento saudável desde a infânciã (BRASIL, 1990).

Fatores de risco ao desenvolvimento infantil correspondem, em linhas gerais, à vivência de violências e negligência. Maia e Williams (2005) destacam a ocorrência de violênciã física, psicológica, sexual, assim como exposiç3o à violênciã conjugal e à negligência e ausência de cuidados. Por seu turno, o Ministério da Saúde (2002) aponta, como fatores de risco, a adoç3o de estilo



disciplinar rigoroso e déficits no autocontrole por parte dos pais, aliados à pouca manifestação de afeto em família.

Garmezy (1985), classificando os fatores de proteção ao desenvolvimento infantil, abrange características da família e da própria criança e indica outras fontes de apoio, individual ou institucional, que também contrastam com a exposição à violência e negligência. Estudos longitudinais, como o iniciado na década de 1950, em uma ilha do Havaí, destacam a presença de um adulto que demonstre apoio e confiança na criança como sendo um fator fundamental de proteção e responsável pelo desenvolvimento natural de resiliência (WERNER; SMITH, 1982). Em linhas gerais, a presença de assertividade, ao contrário do confronto com agressividade e passividade, faz toda a diferença.

Assertividade, assim como empatia e resolução de problemas, é uma importante habilidade social. Em uma troca assertiva, pensamentos e sentimentos negativos e positivos são expressos sem ofender e sem causar incômodos, favorecendo a relação. Atenção às próprias demandas e às dos demais é aliada a respeito pelas diferenças (CARDOSO; DEL PRETTE, 2017).

Ser assertivo corresponde a ser congruente na exposição de pensamentos, sentimentos e atos. Agir ao contrário do que se deseja com o intuito de evitar possíveis punições corresponde à passividade, enquanto a imposição unilateral da vontade é uma postura agressiva, que fere os direitos dos demais (TEIXEIRA; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2016).

Assertividade, passividade e agressividade podem ser relacionadas a diferentes estilos educativos parentais – respectivamente, autoritativo, permissivo e autoritário (BAUMRIND, 1966). O estilo permissivo é dividido em duas categorias, negligente e indulgente, quando consideradas as seguintes dimensões básicas de práticas disciplinares: estabelecimento de limites e responsividade às necessidades das crianças (WEBER *et al.*, 2004). Assim sendo, a adoção de estilo parental autoritativo corresponde à exposição dos filhos a fatores de proteção, ao contrário da adoção dos demais estilos, que os expõem a riscos.



Tal perspectiva interpretativa corresponde, de modo amplo, à presença ou não de coerção nas relações familiares. Coerção corresponde ao encontro entre agressividade e passividade tipicamente presente quando pais adotam o estilo autoritário. No entanto, o abandono e a falta de cuidados de pais negligentes, assim como a falta de limites claros, no sentido de indulgência ou permissividade, também podem ser prejudiciais ao desenvolvimento saudável das crianças. A não coerção é a saída conhecida para garantir a qualidade das interações e se encontra presente quando pais adotam o estilo autoritativo (BAUMRIND, 1966; DARWICH; GARCIA, 2019; SIDMAN, 1989; SKINNER, 1965).

Em 2020, fatores de risco e de proteção ganharam uma dimensão mais ampla dada a situação de pandemia de COVID-19 que, em Belém, teve suas especificidades. O pico de adoecimentos em abril gerou o colapso do sistema de saúde e foi combatido com a manutenção de medidas de isolamento social, com lockdown um tanto tardio, a partir de 7 de maio, e com a iniciativa precoce de médicos que desenvolveram protocolos com abordagens terapêuticas por fases (BARBOSA, 2020; CAMPOS, 2020).

O relato de uma médica neonatologista que trabalha em hospitais de São Paulo que se tornaram referência para a COVID-19, situa a situação de pandemia em nossa cidade em meio a ações que complementaram as medidas de isolamento social.

Acompanhei, à distância, Belém sofrer, principalmente em abril. Inúmeras mortes, hospitais e pronto atendimentos lotados. Até que houve a ajuda em duas frentes: foi criado, por médicos de renome internacional, um protocolo de ação especialmente para os casos avançados, enquanto o socorro chegava para os casos em fase inicial. A distribuição de medicamentos pelas redes pública e privada fez a curva despencar em três semanas.

Como médicos, temos que tomar decisões rápidas e a polêmica nos cerca. É uma doença nova, com menos de um ano. Se não fosse tão contagiosa e tão letal na fase avançada, todos aguardariam pacientemente a cura e as vacinas (DARWICH, 2020).

Um médico cardiologista de Belém detalha sua atuação em unidade de pronto atendimento e em consultório.



No pico da COVID-19 eu cheguei a atender 70 a 80 pacientes por dia. Todos na fase aguda. Todos com tomografia. A média de entrar com essa medicação [CAMPOS, 2020] foi entre o terceiro e o sétimo dia, com todos os meus pacientes, sem comorbidade ou com comorbidades.

Os pacientes com comorbidades, do consultório, todos começaram a vir comigo - pacientes cardiopatas, cardiopatas graves, cardiopatias, miocardiopatia dilatada, hipertensos, diabéticos. Com todos iniciei o tratamento e foi colocado para todos os pacientes os riscos, que eles assumiram. Nenhum paciente meu morreu. As tomografias pulmonares variaram desde pulmão limpo até o pior pulmão que eu vi, com 80% de comprometimento (PAMPLONA, 2020).

Após o pico do primeiro semestre, as medidas de isolamento social estão sendo retiradas gradualmente desde 31 de maio, com o projeto Retoma Pará (GOVERNO DO PARÁ, 2020). Por seu turno, desde 16 de março, a pesquisa “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência” passou a ser intermediada pela internet. Até o momento, em setembro, permanecem modificações que correspondem à substituição do contato direto de participantes com pesquisadores em grupos presenciais por, por exemplo, vídeos disponibilizados no YouTube, acompanhados por roteiros de conversa, em formulários Google. Os *links* que direcionam ao material são distribuídos aos participantes por meio da rede social WhatsApp.

Neste estudo utilizamos o livro *Sulwe* (NYONGO, 2019), a partir do qual criamos um vídeo e elaboramos um roteiro de conversa. Em linhas gerais, objetivamos refletir sobre relações entre contação de história e espaço de diálogo em família mediadas pela internet.

2 SULWE E DIÁLOGO EM FAMÍLIA

Sulwe (NYONGO, 2019) é um livro que narra a história de uma menina que apresenta autoimagem negativa, potencializada pelo impacto do racismo a que se sente submetida. A autoestima dela é prejudicada, pois ela não aceita a cor da sua pele e se esforça para alterá-la, sentindo-se infeliz por ser como é. Uma visão positiva trazida por mundos imaginados, próprios de sonhos e da literatura, foi fundamental para as mudanças na autoimagem e na autoestima



vivenciadas pela menina. A mensagem é direta e restrita à cor da pele, mas pode se estender a todo tipo de discriminação e preconceito, pois as relações sociais têm o poder de construir tudo, de maus tratos e isolamentos a encontros e amor.

A escolha do livro se deveu às relações sociais estabelecidas por Sulwe, com esquivas diante de outras crianças sendo seguidas pelo apoio da mãe e, então, dela própria. Para tanto, sete perguntas foram disponibilizadas em um roteiro de conversa. Coube à mãe ou ao pai conversar com a criança e preencher o formulário, mas também interagir com ela de forma não coercitiva.

Participaram do estudo dez crianças acompanhadas por um adulto de referência. As crianças são identificadas por meio de códigos alfanuméricos: uma letra destaca o gênero (“F” para as meninas e “M” para os meninos) e um número, a idade, em ordem crescente. No caso dos meninos da mesma idade, a ordem foi atribuída aleatoriamente (Gráfico 1).

Gráfico1 - Idade e escolaridade dos participantes



Fonte: autoria própria

O número de participantes meninos (seis) foi maior que o de meninas. Oito crianças, quatro meninos e todas as meninas, moravam em Belém. Com exceção de M5, que foi acompanhado pelo pai, todas as crianças participaram deste estudo com a mãe. Metade das crianças (F1, M1, M2, M3 e M4) estava com 5 anos, F2 e M5, com 6 anos, estavam na média de idade dos participantes, e F3, F4 e M6 eram mais velhos (a média é indicada pela linha vermelha).



Quatro crianças estavam na pré-escola. F1 estava no Jardim 2, assim como todos os meninos da mesma idade, com exceção de M4, que estava no 1º ano do ensino fundamental. As crianças de 6 anos, F2 e M5 também estavam no 1º ano. Temos ainda crianças que estavam no 2º (F3), no 3º (M6) e no 6º ano (F4).

3 ROTEIRO DE CONVERSA

A primeira questão do roteiro de conversa foi voltada ao autoconceito das crianças, investigando se elas se consideram boas amigas. Todas responderam positivamente e M5 disse, inclusive, que é um super amigo. Quatro crianças justificaram suas respostas - F2 porque gosta dos amigos como eles são, F3 por se considerar confiável e boa, M3 porque brinca com os amigos e M6 porque brinca e conversa com os amigos.

A segunda questão, voltada à autoestima, investigou características positivas e negativas que a criança identifica em si mesma. Tais características foram classificadas como sendo de ordem pessoal ou comportamental, conforme se referissem ao verbo “ser” ou ao “fazer”, respectivamente (Quadro 1).

Quadro 1. Características positivas e negativas

P	Característica positiva	Característica negativa	Autoestima
F1	Pessoal	Comportamental	Positiva
F2	Pessoal	Nada	Positiva
F3	Não soube responder	Não soube responder	-
F4	Comportamental	Nada	Possivelmente positiva
M1	Pessoal	Nada	Positiva
M2	Comportamental	Comportamental	Possivelmente negativa
M3	Comportamental	Não respondeu	Possivelmente negativa
M4	Pessoal	Comportamental	Positiva
M5	Pessoal	Comportamental	Positiva
M6	Pessoal e comportamental	Pessoal	Possivelmente positiva

Fonte: autoria própria

Com exceção de F3, que disse que não sabia responder, todas as crianças apontaram características positivas de ordem pessoal (F1, F2, M1, M4 e M5), comportamental (F4, M2 e M3) ou de ambos os tipos (M6). Além disso, cinco crianças indicaram também características que precisam ser melhoradas,



de ordem pessoal (M6) ou comportamental (F1, M2, M4 e M5), três (F2, F4 e M1) disseram não reconhecer em si mesmas qualquer característica negativa e M3 não respondeu a segunda parte da pergunta.

Características pessoais, que independem de o comportamento ser considerado adequado ou não, indicam a valorização da pessoa enquanto tal e, portanto, refletem alta autoestima (GUILHARDI, 2002). Assim sendo, reconhecemos a possibilidade de as crianças apresentarem alta ou baixa autoestima, assim como autoestima possivelmente alta ou baixa.

É indicativo de alta autoestima a criança reconhecer em si características pessoais positivas e, ainda que identifique características negativas, essas serem de ordem comportamental. É o caso de F1 (considera que é legal e gostaria de não fazer tolices), de M4 (“uma coisa legal é o meu coração”; “uma coisa que preciso melhorar é a birra”) e de M5 (brincalhão e amoroso e elogia as pessoas, e gostaria de não quebrar as coisas).

Consideramos também que a autoestima da criança está alta quando ela reconhece características pessoais positivas e não identifica em si qualquer aspecto negativo, como F2 (“sou carinhosa”) e M1 (alegre e animado). Consideramos que a autoestima está possivelmente alta quando a criança cita uma característica positiva de ordem comportamental, na ausência de identificação de características negativas, como F4 (sabe fazer histórias). M6 foi a criança que mais apresentou detalhes acerca de suas qualidades, citando uma característica pessoal (“sou alegre”) e uma comportamental (“sei desenhar”), mas também a necessidade de mudança na área emocional (“sou ansioso”), o que nos levou a considerar que sua autoestima possivelmente está alta.

Por outro lado, é indicativo de autoestima possivelmente baixa a criança identificar características positivas e negativas apenas de ordem comportamental (como M2, que gosta de brincar e acha que precisa obedecer mais) ou citar característica comportamental positiva sem detalhar em que poderia melhorar, como M3 (gosta de brincar).

A terceira e a quarta questões são referentes a fontes de apoio que as crianças percebem ter - na existência de espaço de diálogo e na resolução de



problemas. O estabelecimento de diálogo também demonstra assertividade por parte da criança (TEIXEIRA; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2016), enquanto o simples ato de pedir ajuda é indicativo de resiliência (FISCHER; FRÖHLICH-GILDHOF, 2019) (Quadro 2).

Quadro 2 - Fontes de apoio

	F1		F2		F3		F4		M1		M2		M3		M4		M5		M6	
	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
Mãe																				
Pai																				
Avós/s																				
Tia																				
Irmãos																				
Primos																				
Amigos																				
Prof.																				
Vários																				

Fonte: autoria própria

1 - Diálogo; 2 - Apoio

A cor azul indica congruência na resposta, com presença das duas fontes de apoio.

Respeitadas as diferenças individuais, a presença de espaço de diálogo e de apoio externo foi uma constante no relato das crianças. Na opinião de F2, F3 e F4, ter espaço de diálogo com os familiares, amigos ou professoras não está necessariamente ligado à participação dessa mesma pessoa na resolução de problemas. De modo consistente, F1, M2, M4 e M5 indicaram a mãe como fonte de apoio, sendo que os três meninos adicionaram o pai. M3 e M6 também citaram o pai, e este último acrescentou a tia. Além disso, M1 citou a irmã como fonte de apoio. A única menina que respondeu de modo consistente foi F1, em referência à mãe.

Mais especificamente, com exceção de M5, que respondeu “não muito”, todas as crianças disseram que gostam de conversar com pessoas próximas, citando a mãe como exemplo. Nove citaram outros membros da família, como no caso de F2, M2, M3, M4 e M5 (pai), F1 (pai, avó e primos), M1 (pai e irmã), F4 (primos) e M6 (pai, avó, tia e irmãos). M1, M2 e M6 responderam que também conversam com amigos.

Além disso, todas as crianças disseram que já receberam para resolver problemas e, com exceção de F3, descreveram algum tipo de detalhe, como a



pessoa que ajudou e/ou a situação. Seis crianças citaram membros da família, para além de mãe ou pai (F1, F2, F4, M1, M2 e M6), M2 citou também professoras e F2 e M1 citaram amigos.

Três crianças deram destaque a uma situação em especial: F2 (“a minha amiga segurou a minha mão e disse para eu não ter medo e parar de chorar quando eu caí e me machuquei”), M3 (“meu pai me ajuda a ler as palavras”) e M6 (“minha tia me ajudou a ficar mais calmo, me ensinou a respirar melhor”).

A quinta questão foi referente a fontes de expressão criativa e de diversão. Foi perguntado, especificamente, se as crianças gostam de inventar histórias e desenhar. Além disso, foram citadas outras sete alternativas de atividade (ler, inventar e ouvir histórias, fotografar e ver fotografias e pinturas, ouvir música e ver filmes.

Quanto à expressão criativa, com exceção de F3, todas as crianças indicaram gostar de inventar histórias e desenhar, sendo que F2 enfatizou gostar muito de inventar histórias. Além disso, F1 disse gostar de gravar vídeos, F3, M2 e M3, de fotografar (M3 detalhou que gosta de fotografar o céu), F4 de ler e M1 de dançar.

Todas as crianças demonstraram interesse pelas demais atividades de lazer, com exceção de M6. As crianças citaram entre duas (F2, F4 e M4) e quatro (M1, M2 e M5) outras atividades que realizam com prazer. Percebe-se a presença de um ambiente não coercitivo, de liberdade, para expressão criativa, bem como para diversão, que são importantes fatores de contato com contextos não coercitivos.

A sexta questão apresenta respostas acerca de possíveis alternativas de solução de problemas que as crianças utilizariam, seguindo o modelo da Sulwe, que viajou em uma estrela cadente e passou a gostar de si mesma. A pergunta (“se você fosse voar em cima de uma estrela cadente, para onde você iria?”) visou permitir que as crianças demonstrassem desejos que gostariam de realizar.

As respostas das crianças variaram de lugares existentes e de possível acesso, como Rio de Janeiro (F4) e, no geral, o Brasil (F1) ou mesmo o mundo



(M5) até outros astros, como a Lua (M3 e M4), a proximidade do Sol (F3) e outros planetas (M6). As respostas também variaram entre possibilidades extremamente concretas, como a casa de uma prima (F2), razoavelmente abstratas, como uma ilha com um farol de piratas (M1), e totalmente imaginativas, como a resposta de M2: “eu iria para a savana africana, para pegar uma joia verde, virar um dinossauro e ir para a era dos dinossauros”.

Diante da pergunta que incitou a imaginação das crianças, verificamos que todas elas deixaram transparecer desejos, ainda que nem todas as respostas deixem claro se expressariam a presença de problemas que necessitassem de solução. A resposta que mais se aproxima de uma tentativa de resolução de problema é a F2, que iria “para a casa da [...] minha prima que mora longe”. Podemos levantar a hipótese de que as crianças se voltaram mais à possibilidade de participar de uma aventura do que de reproduzir a situação da Sulwe.

Foi pedido às crianças que fizessem um desenho da Sulwe, o fotografassem e enviassem para as pesquisadoras. Ainda que todas as crianças tenham dito que gostam de desenhar (com exceção de F3 que não se posicionou diante da pergunta), apenas sete se comprometeram a realizar a tarefa (F2, F3, M2, M3, M4, M5 e M6) e, ao final, apenas duas realmente o fizeram - F3 (desenhou a Sulwe) e M2 (desenhou a Sulwe e a mãe, o Dia, a Noite, um carro e um tapete mágico).

O roteiro de conversa terminou com um espaço para comentários livres das crianças e algumas mães completaram com observações sobre a vivência proposta. Apenas três crianças se valeram do espaço de despedida: F2, que agradeceu pela história, da qual disse ter gostado muito, M1, com “eu amo o escuro e a luz”, e M3, com a seguinte observação, que a mãe comentou não ter compreendido: “eu gostaria de ler a história da Sulwe na biblioteca”. Esta mãe complementou “queria informar que meu filho não esquece de jeito nenhum a história da Sulwe. Ele simplesmente amou”. A mãe de M4 também informou que o filho gostou da história.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dez crianças participaram da pesquisa, assistiram a um vídeo e conversam com a mãe ou com o pai com base em um roteiro com sete perguntas. As perguntas exploraram temas como autoconceito, autoestima, expressão criativa e de desejos, e fontes de apoio e de diversão.

Percebemos um excelente engajamento das famílias de Belém, São Paulo e Coimbra, considerando os novos desafios apresentados pela situação de pandemia de COVID-19, que levou os adultos a acumular funções novas em suas casas, de *home office* ao acompanhamento de aulas com as crianças, em modo remoto.

As atividades propostas aproximaram pais e filhos. Em suas respostas ao roteiro de conversa, todas as crianças citaram a mãe como fonte de apoio por meio da possibilidade de diálogo. Além disso, seis crianças indicaram fontes consistentes de apoio (pessoas presentes tanto para o diálogo, quanto para resolução de problemas): F1, a mãe; M3 e M6, o pai; e M2, M4 e M5, ambos os pais.

Refletindo sobre a qualidade dos encontros em família, percebemos a presença de não coerção, por exemplo, quando as crianças respondem o que é perguntado com maior ou menor detalhamento, aparentemente conforme desejarem no momento - ou seja, na ausência de cobrança ou insistência por parte do adulto. Esse tipo de ocorrência ficou mais clara diante da questão que permitia investigar o autoconceito das crianças por meio da percepção delas acerca de serem (ou não) boas amigas. Embora todas tenham respondido afirmativamente, apenas 40% justificaram suas respostas: F2 (única menina na média de idade do grupo), F3 (com 7 anos, uma das três crianças acima da média de idade do grupo), M3 (com 5 anos e todas as características de identificação iguais às de M2) e M6 (com 6 anos, o mais velho dentre os meninos).

Expressar defeitos e desejo de melhorar é um indicativo de confiança no ouvinte e reflete a qualidade não coercitiva da relação estabelecida. F1 (a



menina mais nova) admitiu fazer tolices, M4 (o menino mais adiantado no grupo, quanto à vida escolar) admitiu fazer birra, M2 (com características de identificação iguais às de M3), disse que é desobediente, M5 (única criança que esteve acompanhada pelo pai e único menino na média de idade do grupo), que quebra as coisas e M6 (o menino mais velho), que é ansioso. Temos aí 60% das crianças.

Complementarmente, verificamos que todas as crianças descreveram desejos que realizariam caso fosse possível o transporte por uma estrela cadente, o que é um indicativo da qualidade lúdica da troca estabelecida com o adulto. Apesar de essa ter sido a estratégia que Sulwe utilizou para solucionar um problema, apenas F2 (única menina na média de idade do grupo) pareceu relacionar o espaço de fantasia à realização de um desejo concreto e específico (encontrar uma prima). Assim, nove das dez crianças simplesmente soltaram a imaginação, traçando rotas no Brasil, no sistema solar e para além dele, além de viagem no tempo.

Por outro lado, a ausência de detalhes nas respostas pode ser tida como um ponto a ser melhor observado quando passa a ser muito frequente, como no caso de F3, que foi a única criança que não deu subsídios para levantarmos uma hipótese acerca de sua autoestima (não soube responder acerca de seus pontos positivos e negativos), além de não ter respondido se gosta de desenhar, mesmo tendo sido uma das duas crianças que enviou um desenho da Sulwe para as pesquisadoras. F4 (a mais velha do grupo), foi vaga ao responder quem lhe oferece apoio para a resolução de problemas, dando indícios de que o diálogo com a mãe poderia ter se estendido mais a partir daí. O mesmo aconteceu com M6, que não citou outras fontes de diversão além de desenhar e inventar histórias.

Consideramos que a interação mediada pela internet oferece subsídios para a construção de procedimentos adequados à investigação de diferentes fatores comportamentais e relacionais, mas também que pode ser um veículo de transformação pessoal e social. Assistir vídeos com contação de história na companhia da mãe ou do pai e, em seguida, conversar sobre a própria vida, é



mais uma forma de engajamento em atividades criativas, associadas a momentos em que a atenção do adulto é especialmente dirigida à pessoa da criança - e vice-versa. Além disso, a possibilidade de diversão aproxima a família e aprofunda o estabelecimento de trocas não coercitivas, abrindo espaço para a orientação de mães ou pais por meio do compartilhamento de dúvidas com as pesquisadoras.

Quatro outras intervenções foram criadas e direcionadas aos participantes deste estudo após ter sido concluído o procedimento delineado a partir da história da Sulwe (NYONGO, 2019) e de outra, com teor semelhante, “Por que sou uma menina xadrez?” (FRANCO, 2015). Por meio delas centramos o foco em temas como autoconfiança, seguimento de regras, assertividade e resiliência. Após a superação da necessidade de isolamento social, pretendemos integrar os conhecimentos acumulados em 2020 às estratégias presenciais.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Catarina. Pará decreta lockdown em Belém e em outros nove municípios. *Brasil de Fato*, Belém, maio 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/NfNyRte>. Acesso em: 10 maio 2020.

BAUMRIND, D. Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, v. 37, n. 4, p. 887-907, 1966.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. *Portaria nº 1.399, de 15 de dezembro de 1999*. Brasília, 1999.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <https://cutt.ly/cfNyZvn>. Acesso em 10 ago. 2020.

CAMPOS, A. C. COVID -19: manejo por fases clínicas. Belém: Médicos - Pará contra COVID-19, 2020.

CARDOSO, B. L.; DEL PRETTE, Z. A. P. Habilidades sociais conjugais: uma revisão da literatura brasileira. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 19, n. 2, p. 124-137, nov. 2017. Disponível em: <https://cutt.ly/xfNy52G>. Acesso em: 30 jul. 2020.



DARWICH, S. *COVID-19 em Belém* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <rosangeladarwich@yahoo.com.br> em 15 maio 2020.

DARWICH, R. A.; GARCIA, M. L. G. Grupos vivenciais e permanência com sucesso na escola: conquista de direitos. *Katálisis*, v. 22, n. 3, p. 558-565, 2019.

FRANCO, B.; LOLLO, J. C. *Por que sou uma menina xadrez*. São Paulo: Blocker, 2015.

FISCHER, S.; FRÖHLICH-GILDHOFF, K. *Chancen-gleich*. Kulturelle Vielfalt als Ressource in frühkindlichen Bildungsprozessen. Manual zur Qualifizierung pädagogischer Fachkräfte. Stuttgart: Kohlhammer, 2019.

GARMEZY, N. Stress-Resistant Children: The Search for Protective Factors. In: STEVENSON, J. E. (Ed.). *Recent Research in Developmental Psychopathology: Journal of Child Psychology and Psychiatry Book Supplement*, 1985, p. 213-233.

GOVERNO DO PARÁ. Governo apresenta programa “Retoma Pará” e anuncia reabertura gradual e segura da economia. *Secretária de Planejamento e Administração*, Belém, 29 de maio de 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/WfNukEe>. Acesso em: 30 ago 2020.

GUILHARDI, H. Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. *Instituto de Análise de Comportamento e Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento*, 2002.

NYONGO, L. *Sulwe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

MAIA, J. M. D.; WILLIAMS, A. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas em Psicologia*, v. 13, n. 2, p. 91-103, 2005. Disponível em: <https://cutt.ly/9fNu8dD>. Acesso em: 28 ago. 2020.

PAMPLONA, I. S. *COVID-19* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <rosangeladarwich@yahoo.com.br> em 20 maio 2020.

SIDMAN, M. *Coercion and its fallout*. Massachusetts: Authors Cooperative, 1989.

SKINNER, B. F. *Science and human behavior*. New York: Free Press, 1965.

TEIXEIRA, C. M.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Assertividade: uma análise da produção acadêmica nacional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 18, n. 2, p.56-72, 2016. Disponível em: <https://cutt.ly/rfNieGz>. Acesso em: 3 set. 2020.



WEBER, L. N. D. et al. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, p. 3, p. 323-331, 2004.

WERNER, E.; SMITH, R. *Vulnerable but invincible: A longitudinal study of resilient children and youth*. New York: Adams, Bannister and Cox, 1982.



REVISÃO DE ESTILOS PARENTAIS: EXPERIÊNCIAS DE UM GRUPO DE MÃES^{105;106}

Rosângela Araújo Darwich¹⁰⁷
Ana Letícia de Moraes Nunes¹⁰⁸

Resumo: Este estudo apresenta uma intervenção grupal com cinco mães de crianças de seis a doze anos em situação de vulnerabilidade social. Objetivamos incentivar as participantes a identificar o estilo parental que adotam e alternativas de ação, testar mudanças de comportamento entre os encontros e avaliar os resultados. A pesquisa de campo descrita corresponde a um dos grupos focais criados em 2018 no contexto de uma pesquisa-ação implementada na Universidade da Amazônia, em Belém. Processos narrativos de mudança ao longo dos encontros e em uma entrevista individual apoiaram a formação de categorias de análise correspondentes a três estilos parentais: autoritativo ou democrático, autoritário e permissivo. Um instrumento padronizado e uma segunda entrevista foram aplicados ao final dos encontros. Verificamos mudanças que geraram impactos positivos nas relações familiares. As habilidades sociais adquiridas pelas crianças levaram a um maior engajamento na escola.

Palavras-chave: Vulnerabilidade Social. Estilos Parentais. Habilidades Sociais. Intervenções em Grupo. Processos Narrativos.

SELF-REVIEW OF PARENTING STYLES: EXPERIENCES IN A GROUP OF MOTHERS

Abstract: This study presents a group intervention with five mothers of children from six to twelve years old in a situation of social vulnerability. We aimed to encourage the participants to identify the parenting style they adopt and alternatives for action, test changes in behavior between group meetings and evaluate the results. The field research described corresponds to one of the focus groups created in 2018 in the context of an action research implemented at the

¹⁰⁵ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, Semiótica, Linguística e Psicologia do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹⁰⁶ Tradução de Rosângela Araújo Darwich do original, em língua inglesa, "Self-review of parenting styles: Experiences in a group of socially vulnerable mothers in Northern Brazil", apresentado em "InPACT 2020. International Psychological Applications Conference and Trends", 2020, organizado pelo World Institute for Advanced Research and Science, Ilha da Madeira. Encontro virtual.

¹⁰⁷ Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará (2007). Universidade da Amazônia (Unama). E-mail: rosangeladarwich@yahoo.com.br.

¹⁰⁸ Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará (2010). Universidade da Amazônia (Unama). E-mail: al.mn@hotmail.com.



Universidade da Amazônia, in Belém. Narrative processes of chance in meetings and individual interviews supported the realization of content analysis, based on the formation of analysis categories corresponding to three parenting styles: authoritative or democratic, authoritarian and permissive. A standardized instrument and a second interview were applied at the end of the meetings. We noticed changes that have had a positive impact on family relationships. The social skills acquired by children led to greater engagement at school.

Key words: Social Vulnerability. Parenting Styles. Social Skills. Group Interventions. Narrative Processes.

AUTOEVALUACIÓN DE ESTILOS PADRES: EXPERIENCIAS EN UN GRUPO DE MADRES

Resumen: Este estudio presenta una intervención grupal con cinco madres de niños de seis a doce años en situación de vulnerabilidad social. Nuestro objetivo era alentar a los participantes a identificar el estilo de crianza que adoptan y las alternativas de acción, probar los cambios de comportamiento entre las reuniones de grupo y evaluar los resultados. La investigación de campo descrita corresponde a uno de los grupos focales creados en 2018 en el contexto de una investigación acción implementada en la Universidade da Amazônia, en Belém. Los procesos narrativos de azar en reuniones y entrevistas individuales apoyaron la realización del análisis de contenido, basado en la formación de categorías de análisis correspondientes a tres estilos parentales: autoritario o democrático, autoritario y permisivo. Se aplicó un instrumento estandarizado y una segunda entrevista al final de las reuniones. Notamos cambios que han tenido un impacto positivo en las relaciones familiares. Las habilidades sociales adquiridas por los niños llevaron a una mayor participación en la escuela.

Palabras-clave: Vulnerabilidad social. Estilos de crianza. Habilidades sociales. Intervenciones grupales. Procesos narrativos.

1 INTRODUÇÃO

Situações de vulnerabilidade social apresentam características específicas dependendo dos contextos sociais avaliados. Assim, a desigualdade de oportunidades entre os diversos setores da população não se limita ao chamado Sul Global. Segundo Fischer e Fröhlich-Gildhoff (2019), mesmo no caso da Alemanha, país que representa muito bem o Norte Global ou o ocidente, estrangeiros e seus descendentes são considerados socialmente vulneráveis, sendo foco de diversas intervenções desde o ingresso na pré-escola.



A infância costuma ser vista como um período fundamental para o desenvolvimento humano. Estudos longitudinais iniciados na década de 1950 em Kauai, uma ilha do Havaí, explicam a importância de fatores de proteção para o desenvolvimento saudável das crianças. Mesmo quando expostas a fatores de risco desde o nascimento, a presença de um adulto significativo na infância, demonstrando apoio e confiança, favorece o desenvolvimento espontâneo de resiliência e a superação de diversos desafios ao longo do desenvolvimento (WERNER; SMITH, 1982).

Fatores de proteção e de risco são estudados em diferentes contextos. Neste trabalho, destacamos aqueles relacionados a estilos parentais, considerando que a forma como os pais educam seus filhos pode ter efeitos positivos e negativos previsíveis, embora nem sempre para eles próprios.

Os estilos parentais foram diferenciados com base em duas dimensões de práticas disciplinares - demandas aos filhos, com estabelecimento de limites flexíveis, e responsividade às necessidades deles. Um dos estilos é considerado o mais adequado, pois representa a presença das duas dimensões (estilo autoritativo). Nos demais, portanto, há ausência de ambos (estilo negligente) ou presença mais marcante de um deles, como responsividade (estilo indulgente) ou demanda (estilo autoritário) (WEBER; PRADO; VIEZZER; BRANDENBURG, 2004). É importante notar que Baumrind (1966) categorizou anteriormente apenas três estilos parentais. Os estilos indulgentes e negligentes são um desenvolvimento do que ele identificou como estilo permissivo.

Por outro lado, agressividade, passividade e assertividade são amplas classes de desempenhos interpessoais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011) que permitem o estabelecimento das seguintes afirmativas: pais autoritativos seriam mais assertivos, enquanto pais autoritários tenderiam a ser mais impositivos e mesmo agressivos, e indulgentes e negligentes estariam mais próximos da passividade diante dos desejos e demandas dos filhos.

Coerção está presente onde existe punição e ameaça de punição e, portanto, fuga e esquivas. A agressividade de um tende a gerar passividade nos demais ou, por outro lado, imitação de posturas violentas. Os efeitos emocionais



são obviamente negativos. É difícil aprender e aplicar o autocontrole em um relacionamento social em que a obediência é alcançada sob gritos. A criatividade, a espontaneidade, a autoconfiança e a confiança nos outros ficam comprometidas e, com elas, o desenvolvimento do autocuidado e do senso crítico. Por outro lado, a não coerção está presente nas relações em que todas as partes envolvidas têm o direito de falar e ouvir, como quando os pais adotam um estilo de educação autoritativo, com posturas assertivas (SIDMAN, 1989).

Há uma vasta literatura que destaca o valor da assertividade para a qualidade das relações interpessoais e até mesmo para a qualidade de vida. O indivíduo assertivo estaria mais apto a expressar seus pensamentos e sentimentos, compartilhando respeitosamente seu mundo interno. Ser assertivo também envolve reunir palavras e agir de forma consistente com elas, favorecendo uma aliança entre compreender e ser compreendido. Segundo Teixeira, Del Prette e Del Prette (2016), assertividade corresponde à “capacidade de expressar sentimentos e desejos de forma adequada, defender os próprios direitos e respeitar os do outro” (p. 57).

Considerando que o estilo parental autoritativo favorece as relações entre pais e filhos (WEBER et al., 2004), crianças que convivem com pais que o adotam têm modelos de assertividade em casa desde o início da vida. Em linhas gerais, as trocas positivas favoreceriam as habilidades sociais, o apoio e a confiança necessários para o desenvolvimento de resiliência.

Resiliência é um termo que pode ser considerado oposto à vulnerabilidade, embora vulnerabilidade social implique desvantagens amplamente distribuídas a um determinado segmento da população. Pessoas em tal condição estão expostas à manutenção da situação em que se encontram – assim como seus descendentes (FISCHER; FRÖHLICH-GILDHOFF, 2019; WÜNSCHE; FISCHER, 2020). Embora o fortalecimento de indivíduos isolados não seja suficiente para reverter injustiças sociais generalizadas, é fácil perceber o duplo efeito destrutivo do encontro entre vulnerabilidade social e fragilidade emocional, principalmente no ambiente familiar, que deve ser a base protetiva para o desenvolvimento saudável das crianças.



Neste estudo de campo descrevemos procedimentos que estão sendo investigados e refinados em uma pesquisa-ação que combina não-coerção, habilidades sociais e resiliência. Consideramos útil o raciocínio que associa estilos parentais à presença de assertividade, agressividade ou passividade por parte dos pais quando se trata de identificar a presença de coerção nas relações familiares. Com tal base, objetivamos incentivar as participantes, mães em situação de vulnerabilidade social, a identificar o estilo parental que adotam e alternativas de ação, testar mudanças de comportamento entre os encontros e avaliar os resultados de seus esforços.

2 UM GRUPO DE MÃES

Este estudo de campo corresponde a um grupo de mães formado na clínica-escola de psicologia da Universidade da Amazônia (CLIPSI / UNAMA) em 2018, no contexto de uma pesquisa-ação intitulada “Grupos vivenciais e vida em sociedade: uma intervenção interdisciplinar” (DARWICH; GARCIA, 2019). As atividades relacionadas ao grupo de mães foram inicialmente descritas por três pesquisadoras, estudantes de Psicologia (BRAGA; SANTOS; SANTOS, 2018).

De um grupo composto por quinze mães, cinco participaram do estudo por terem estado presentes em, no mínimo, seis dos dez encontros semanais realizados. Elas tinham um total de seis filhos, pois dois deles eram irmãos. As idades das mães variaram de 20 a 40 anos e as dos filhos, de 6 a 12 anos. A identificação das participantes é feita por meio de códigos alfanuméricos que descrevem o gênero (“M” ou “F”) e a idade dos filhos. Então, temos M6, F7, M9, M10, M11 e M12 (apenas uma menina). Conforme necessário, usamos M10/12 para identificar a mãe com dois filhos.

Antes do início dos encontros, as participantes foram submetidas a uma entrevista individual, semiestruturada. Na ocasião, relataram quatro tipos de problemas em seus filhos: desobediência e agressão (em todos os casos), dificuldade nos estudos (filhos de F7, M9, M11 e M12), dificuldade de socialização (filhos de F7 e M10), e ansiedade e tristeza (filho de M12). Assim



sendo, o caso do filho de M12, já entrando na adolescência, juntamente com o da única menina participante, foi o mais grave, com um total de três tipos de problemas. O caso aparentemente menos grave foi o do filho de M6, a criança mais nova do grupo, em quem apenas um tipo de problema foi identificado (desobediência e agressão).

Os tipos de problemas apresentados pelas crianças correspondem a demandas que justificaram que as participantes buscassem ajuda na CLIPSI. As mães não acrescentaram dificuldades específicas na educação dos filhos que resultassem de seus próprios problemas ou deficiências. No entanto, ao aceitarem participar de um grupo de mães, acreditamos que elas se reconheceram como parte da solução dos problemas enfrentados pelos filhos - embora ainda não se percebessem claramente como parte desses problemas.

No início dos encontros, quatro dos cinco participantes descreveram atitudes que são típicas do estilo parental autoritário, com vários exemplos de postura agressiva e dificuldade de responsividade, apontando também situações em que demonstraram pouca empatia para com as demandas dos filhos. Uma das participantes, F7, ao contrário, adotava o estilo parental permissivo, sendo frequentemente passiva ante às demandas da filha. Deste modo, nenhum dos participantes adotava o estilo autoritativo.

Nos encontros, as rodas de conversa iniciavam com a leitura compartilhada de um poema, seguida de reflexões sobre temas trazidos pelas participantes, como informações gerais sobre os efeitos positivos da assertividade e do enfrentamento dos problemas por meio do diálogo; efeitos negativos de punições, fugas e esquivas; relações entre ações, pensamentos e sentimentos; e como favorecer a autoestima e a autoconfiança (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017; GUILHARDI, 2002; SIDMAN, 1989, SKINNER, 1965). Ler poemas juntos acabou sendo uma forma de saudação da qual derivava uma primeira pergunta, iniciando a troca de impressões e informações.

Criamos três categorias de análise, correspondentes aos estilos parentais autoritário, permissivo e autoritativo. Para analisar os resultados, consideramos que tais estilos representam, respectivamente, a adoção de atitudes



principalmente agressivas, passivas e assertivas nas relações entre mães e filhos (BARDIN, 2011).

Após os encontros, foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica para Crianças (SSRS) com as mães, na versão traduzida e validada (BANDEIRA; DEL PRETTE; DEL PRETTE; MAGALHÃES, 2009). Além disso, uma segunda entrevista semiestruturada foi aplicada, desta vez com foco nas mudanças de comportamento das participantes e das crianças. Ambos os instrumentos foram aplicados individualmente.

Quanto aos problemas comportamentais identificados com a aplicação do instrumento padronizado, apenas o filho de M6 apresentou resultado na média, em que o equilíbrio entre recursos e déficits nos itens e subescalas foi um indicativo apenas da necessidade de cuidados preventivos por parte dos responsáveis (pais e professores). As outras crianças apresentaram resultados acima da média superior, sugerindo sérios problemas e a necessidade de treinamento de habilidades sociais. Considerando os percentis, o filho mais velho de M10/12 está logo abaixo de M6, com resultado ainda razoável quando comparado aos demais.

Em relação às habilidades sociais, os filhos de M6 e M9 obtiveram resultados acima da média, indicando um repertório elaborado, enquanto as demais crianças obtiveram resultados abaixo da média, indicando a necessidade de treinamento de habilidades sociais. O menor resultado, considerado muito abaixo da média, foi obtido pela menina.

O filho de M6 também obteve um resultado melhor que as demais crianças em termos de problemas de comportamento. Por outro lado, a filha de F7, embora com resultados semelhantes aos da maioria das crianças neste quesito, diferiu negativamente de todas em termos de habilidades sociais.

Na entrevista final, em situação de fala espontânea, percebeu-se uma contradição importante em relação aos resultados alcançados por meio do instrumento padronizado, pois foi possível identificar mudanças positivas no comportamento de todas as crianças, mesmo no que diz respeito às habilidades



sociais. Além disso, as mães relataram mudanças positivas em seus próprios comportamentos. A disparidade entre as informações chama a atenção para a utilização de instrumentos padronizados com participantes não familiarizados com o uso de escalas Likert.

Comparando as respostas das mães nas duas situações de entrevista, percebemos que os problemas de comportamento que o filho de M6 apresentava inicialmente foram superados, à medida que a desobediência e a agressão deram lugar à adoção de uma postura mais sociável e maior atenção às regras. No caso da filha de F7, os problemas também foram resolvidos, pois a maior sociabilidade em casa e com os colegas restringiu as posturas de desobediência, agressividade e déficits de socialização apontados inicialmente, além de ter ocorrido melhora nos estudos. O filho de M9 não apresentava problemas de relacionamento com outras crianças, mas fora isso seu caso era como o da menina, assim como seus avanços se tornaram. O filho de M10 também tinha problemas semelhantes aos da menina, mas sem as dificuldades do estudo, então seus avanços ocorreram em duas áreas problemáticas, de interação familiar e com outras crianças. O filho de M11 apresentava os mesmos problemas que o filho de M9 e, apesar de ter se tornado mais obediente, não melhorou nos estudos. O filho mais velho de M10/12 não parece ter superado problemas emocionais, como tristeza e ansiedade, nem suas dificuldades nos estudos, mas tornou-se mais sociável, o que pode ser considerado um passo importante para a realização de outras mudanças, principalmente quando levamos em consideração que o contexto familiar mudou positivamente, com os avanços da mãe e do irmão.

Quanto às mudanças de comportamento das participantes, M6, inicialmente autoritária, relatou características que correspondem à adoção do estilo autoritativo. M9, embora dando exemplos de trocas menos agressivas e mais assertivas com o filho, ainda gritava com ele quando não era obedecida. As demais participantes, duas delas com postura previamente agressiva (M10/12 e M11) e uma com postura passiva (F7), passaram a conversar mais



com as crianças, reproduzindo o diálogo e as reflexões assertivas presentes nos encontros do grupo.

As participantes foram estimuladas a observar as crianças e a relatar os comportamentos delas como forma de identificar os impactos que causavam sobre elas. A percepção de si por meio da percepção do outro é importante para o entendimento de que os problemas relacionais podem ser resolvidos quando um dos envolvidos toma a iniciativa de se rever e mudar.

Em se tratando de relacionamento entre pais e filhos, o conhecimento do estilo parental adotado pode favorecer a adoção de atitudes que correspondam à descrição de regras e limites de forma empática e flexível. É importante ressaltar que todas as participantes passaram a ter mais diálogo e flexibilidade na relação com seus filhos, gritando menos com eles e lhes dando mais atenção e carinho, além de terem voltado o foco a aspectos positivos, conseguindo lhes dirigir elogios. Assim sendo, antes dos encontros do grupo, todas as mães estavam longe de adotar um estilo parental autoritativo. Ao final deles, essa situação foi revertida.

3 PESQUISA-AÇÃO E PANDEMIA DE COVID-19

Em uma pesquisa-ação, os procedimentos utilizados são avaliados e aprimorados para permitir avanços futuros. No caso deste estudo é necessário investigar a formação paralela de grupos de pais e grupos de crianças. Além de investigar os estilos educacionais dos pais com foco no relato dos adultos, os procedimentos devem ser planejados para conduzir a coleta de dados diretamente com as crianças.

Com a pandemia de COVID-19, decidimos realizar encontros de grupos experienciais pela internet, com a participação, por exemplo, de pais. A composição de grupos de crianças, entretanto, não foi possível, pois elas precisavam estar acompanhadas pelos pais. Dessa forma, a troca direta entre crianças e pesquisadores tornou-se inviável. Porém, desenvolvemos estratégias de intervenção familiar, com a criação de vídeos de contação de histórias,



disponíveis na plataforma YouTube, acompanhados de formulários Google com roteiros de conversa. Quando os pais assistem a vídeos com seus filhos e depois conversam sobre as histórias, abre-se espaço para o estabelecimento de trocas divertidas e não coercitivas. O contato com os pais por meio de grupos formados no WhatsApp e de forma privada permite que os pesquisadores monitorem as relações familiares estabelecidas. Avanços e problemas que surgem e persistem também são foco de diálogo.

“Quero colo!” (GRUPOS VIVENCIAIS, 2020) é um exemplo de vídeo criado a partir de um livro infantil (BARBIERI; VILELA, 2016) que está disponível em nossa playlist “Lendo com os Grupos Vivenciais”. Como as imagens correspondem a diferentes lugares e culturas, a leitura foi realizada por oito pessoas, duas de cada um dos seguintes países: Portugal, Alemanha, México e Estados Unidos.

Um possível direcionamento futuro da pesquisa é a realização de ambos os tipos de encontros, presenciais e on-line, no contexto da formação de grupos vivenciais. O contato com as histórias também pode favorecer o prazer da leitura e, portanto, mais diretamente as atividades escolares das crianças, conforme apontado por Peres, Naves e Borges (2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as trocas estabelecidas nos encontros e a construção gradativa de um maior autoconhecimento e sensibilidade frente a diferentes perspectivas, foram observadas mudanças na adoção do estilo parental autoritativo em diferentes graus entre as participantes. Apenas uma participante passou a adotar o estilo autoritativo, com um claro equilíbrio entre apresentação assertiva de regras e limites por meio de escuta ativa da criança e de flexibilidade. Nos outros casos, regras e limites continuaram a ser impostos de forma menos flexível ou menos consistente, embora as posições adotadas tenham se tornado mais afetuosas e todos as participantes tenham relatado avanços importantes na qualidade do relacionamento familiar.



Se os adultos são modelos para as crianças, também o são para outros adultos. Assim, o grupo vivencial passou a ser um lugar de fala e cuidado; fazer parte significou oportunidade de ouvir e ser ouvido, de concordar e discordar e de receber o apoio necessário para aplicar os conhecimentos adquiridos no dia a dia da família.

É importante destacar o “efeito dominó” das mudanças que realizamos. Assertividade e empatia no ambiente familiar geraram impactos positivos na vida escolar das crianças. As novas atitudes das mães também tendem a favorecer que os filhos desenvolvam resiliência. Em conjunto, podemos antever o fortalecimento de recursos pessoais, com consequências sociais necessárias na luta para superar a situação de vulnerabilidade social em que se encontra grande parte da população do Brasil.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, M.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A.; MAGALHÃES, T. Validação das Escalas de Habilidades Sociais, Comportamentos Problemáticos e Competência Acadêmica (SSRS-BR) no ensino fundamental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 25, n 2, p. 271-282, 2009.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMRIND, D. Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, v. 37, p. 887-907, 1966.

BRAGA, A. F. P.; SANTOS, M. J. G.; SANTOS, Y. M. N. *Grupos vivenciais: efeitos de intervenções sobre crianças na perspectiva dos pais*. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Psicologia). Universidade da Amazônia - UNAMA, Belém, Pará, 2018.

DARWICH, R. A.; GARCIA, M. L. G. Grupos vivenciais e permanência com sucesso na escola: conquista de direitos. *Revista Katálisis*, v. 22, n. 3, p. 558-565, 2019.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Enfoques e modelos do treinamento de habilidades sociais. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Orgs.). *Habilidades sociais: Intervenções efetivas em grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p. 19-56.



DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. *Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

FISCHER, S.; FRÖHLICH-GILDHOFF, K. *Chancen-gleich*. Kulturelle Vielfalt als Ressource in frühkindlichen Bildungsprozessen. Manual zur Qualifizierung pädagogischer Fachkräfte. Stuttgart, Germany: Kohlhammer, 2019.

GUILHARDI, H. J. Autoestima, autoconfiança e responsabilidade. In: BRANDÃO, M. Z. S.; CONTE, F. C. S.; MEZZAROBBA, S. M. B. (Orgs.), *Comportamento humano: tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor*. Santo André, SP: ESETec, 2002, p. 63-98.

PERES, S. G.; NAVES, R. M.; BORGES, F. T. *Recursos simbólicos e imaginação no contexto da contação de histórias*. Psicologia escolar e educacional, v. 22, n. 1, p. 151-161, 2018.

SIDMAN, M. *Coercion and its fallout*. Boston, MA: Authors Cooperative, 1989.

SKINNER, B. F. *Science and human behavior*. New York: Free Press, 1965.

TEIXEIRA, C.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Assertividade: uma análise da produção acadêmica nacional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 18, n. 2, p. 56-72, 2016.

WEBER, L. N. D.; PRADO, P. M.; VIEZZER, A. P.; BRANDENBURG, O. J. Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004.

WERNER E.; SMITH, R. *Vulnerable but invincible: A study of resilient children*. New York: McGraw-Hill, 1982.

WÜNSCHE, M.; FISCHER, S. Community Resilience. Networks for Developing Successful Migration. In: FINGERLE, M.; WINK, R. (Orgs.). *Forced Migration and Resilience*. Conceptual Issues and Empirical Results. Wiesbaden, Germany: Springer, 2020, p. 45-70.

EDUCAÇÃO DIANTE DO FUTURO DO MUNDO - A NECESSIDADE DE UMA VISÃO HOLÍSTICA¹⁰⁹

¹⁰⁹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, Semiótica, Linguística e Psicologia do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.



Resumo: Este estudo visa refletir acerca da educação em seus paradigmas e objetivos prioritários. Para tanto, abre espaço à noção de aprendizagem global, associando educação ao quadro geral da vida e transcendendo a uma dimensão de esperança diante de questões como diversidade e sustentabilidade. A luta por um mundo digno transparece nas três dimensões da educação que são imprescindíveis a processos de aprendizagem global: primeiramente a cognitivo-reflexiva, em seguida a emocional e de desenvolvimento da personalidade, e, por fim, a de atuação prática. Em uma perspectiva holística, conhecimento adquire sentido aliado à participação, a qual se sustenta na confiança que cada indivíduo precisa adquirir em sua própria capacidade de transformação da realidade. Visões positivas do futuro constituem um primeiro passo, abrindo espaço para processos comunitários que assumem os desafios do mundo de forma criativa e responsável.

Palavras-chave: Visões do futuro. Educação para o futuro. Aprendizagem global. Sociabilidade. Holismo.

EDUCATION IN THE FACE OF THE FUTURE OF THE WORLD - THE NEED FOR A HOLISTIC VISION

Abstract: This study aims to reflect on education in its priority paradigms and objectives. To this end, it makes room for the notion of global learning, associating education with the general framework of life and transcending a dimension of hope in the face of issues such as diversity and sustainability. The fight for a dignified world is reflected in the three dimensions of education that are essential to global learning processes: first the cognitive-reflective, second the emotional and personality development, and third the practical action. In a holistic perspective, knowledge acquires meaning combined with participation, which is based on the confidence that each individual needs to acquire in his or her own capacity to transform reality. Positive visions of the future are a first step, opening space for community processes that take on the challenges of the world in a creative and responsible way.

Keywords: Visions of the future. Education for the future. Global learning. Sociability. Holism.

EDUCACIÓN ANTE EL FUTURO DEL MUNDO: LA NECESIDAD DE UNA VISIÓN HOLÍSTICA

¹¹⁰ Doutor em Educação pela Universidade de Hannover (1998). Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, Alemanha. E-mail: dirk.oesselmann@eh-freiburg.ekiba.de.

¹¹¹ Tradução do original, em alemão, "Bildung angesichts der Zukunft von Welt – von der Notwendigkeit einer ganzheitlichen Vision", por Rosângela Araújo Darwich.



Resumen: Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre la educación en sus paradigmas y objetivos prioritarios. Para ello, da cabida a la noción de aprendizaje global, asociando la educación al marco general de la vida y trascendiendo una dimensión de esperanza frente a temas como la diversidad y la sostenibilidad. La lucha por un mundo digno se refleja en las tres dimensiones de la educación que son esenciales para los procesos de aprendizaje global: primero a la reflexión cognitiva, segundo al desarrollo emocional y de la personalidad, y tercero a la acción práctica. En una perspectiva holística, el conocimiento adquiere significado combinado con la participación, que se basa en la confianza que cada individuo necesita adquirir en su propia capacidad para transformar la realidad. Las visiones positivas de futuro son un primer paso, abriendo espacios para procesos comunitarios que asuman los desafíos del mundo de manera creativa y responsable.

Palabras-clave: Visiones del futuro. Educación para el futuro. Aprendizaje global. Sociabilidad. Holismo.

1 VISÕES DO FUTURO

Anos atrás, como parte da minha dissertação de mestrado em São Bernardo do Campo, perguntei a uns jovens que moravam nas ruas sobre suas perspectivas de vida: “o que você gostaria de fazer daqui a cinco anos?” As respostas foram inesperadamente claras e deprimentes. Muitos dos jovens permaneceram indiferentes e alguns iniciaram suas ideias dizendo “se ainda estiver vivo... honestamente, não sei o que quero fazer”. Um abismo se abriu diante dos meus olhos - de falta de perspectiva, de estagnação interna e de desistência. Não havia futuro no mundo desses jovens. Eles não acreditavam em futuro, não se empenhavam mais em direção a um futuro.

Tempos depois conheci Terezinha, Lola e Silvana em um contexto diferente. Elas distribuía sopa para crianças no subúrbio. Nada de grandioso, mas um primeiro passo. Da recusa em simplesmente aceitar o que estava posto foi desenvolvido um grupo com ações regulares e, a partir daí, um projeto em que posteriormente mais de cinquenta pessoas passaram a auxiliar cotidianamente quase quinhentas crianças e adolescentes. Não apenas as atividades em si ou a extensão do trabalho realizado no local merece nossa



atenção, mas sobretudo a atmosfera estabelecida entre as pessoas. A energia positiva é combinada com alegria e com uma paixão intensa. Essa atmosfera ultrapassa os muros da instituição; “é contagiosa”, conforme diz Terezinha. Assim, um pequeno oásis de dignidade e de despertar se instalou em meio a uma triste realidade. O futuro do mundo ganha forma.

O contraste entre as duas experiências me permitiu perceber um ponto fundamental, ligado à forma como o ser humano se adapta às circunstâncias ou, por outro lado, como age de modo a modificá-las por meio dos impulsos mais básicos que reconhece em si. Os episódios refletem uma atitude básica tomada diante de limites, particularmente impressionante no confronto com a violência social e a pobreza que no Brasil rapidamente se tornam um fenômeno coletivo. Os limites também se tornam importantes a cada caso individual, como no trato com doença ou mediante exigências extremas. O “futuro do mundo” - em se tratando de pequenos círculos ou de grandes contextos - começa onde pessoas se comprometem conscientemente com ele.

Com o término dos meus estudos, primeiramente voltei minha atenção para o *que* motiva as pessoas, por um lado, e, por outro, o que as paralisa. Assim me deparei com dimensões como crença e esperança, sonhos e fantasias - que, é claro, encontraram expressão em culturas religiosas. Por trás dessas dimensões há, em cada indivíduo, conscientes ou inconscientes, opiniões e decisões que favorecem determinados engajamentos, bem como características próprias diante da vida. É o que chamo de “disposições básicas”, as quais, com base na *filosofia analítica*, denotam “a possibilidade ou a capacidade de um objeto (incluindo um ser humano) se comportar de uma maneira particular” (KANTERIAN, 2004, p. 90).

Disposições básicas são complexas e, por vezes, contraditórias - não é possível reconhecê-las de modo incontestado. Elas podem ser expressas de muitas maneiras, como em preces e em toda sorte de gestos que aproximam os seres humanos, em posicionamentos políticos, mas também na forma como opiniões são compartilhadas. E assim chego às *visões*. Eles representam *uma* possibilidade de disposições básicas projetarem imagens do futuro. A fim de



fundamentar o desenvolvimento de minhas ideias, destaco que *visões dão forma e consistência a emoções e sentimentos inconscientes. A forma como vemos o futuro dá à percepção uma espécie de lente, à ação uma antecipação do que se tem como provável. Este é o campo do acreditar e da esperança.*

Em muitas narrativas bíblicas encontramos pistas para o significado de visões. Ezequiel e João são bons exemplos. Ezequiel (37: 1-14) (BÍBLIA, 2016) descreve o povo em uma situação de desesperança e desistência. As pessoas estão como mortas, murchas. O Espírito de Deus deverá despertá-las novamente para a vida e guiá-las para suas terras. A tarefa do profeta é avivar a visão de uma possível repatriação - e, assim, despertar novas forças de resistência nas pessoas.

Muitas outras narrativas descrevem situações semelhantes. João (5: 1-9) (DIE BIBEL, 2016) conta que um portador de paralisia esperava há 38 anos por alguém que lhe desse acesso à água de uma lagoa com poderes curativos. Jesus o desperta da visão ilusória que o condenara à imobilidade. A visão que cura tem início para ele com a crença em sua própria força.

Em ambas as narrativas, as visões estão conectadas a uma disposição básica de *imobilidade* ou de *movimento* que guia a perspectiva adotada por pessoas em situações-limite.

A falta de movimento decorre da falta de esperança - da falta de uma visão positiva do futuro –, mas também de uma ilusão (como na narrativa da possível salvação por meio da água de uma lagoa) que desperta falsas esperanças. Em ambas as narrativas não existe saída da situação desesperadora em que as pessoas se encontram e na qual permanecem, presas a limites sociais, ideológicos, culturais ou religiosos predeterminados. A desesperança em relação ao futuro limita o presente na medida em que impõe a ele uma imagem negativa pré-fabricada, que parece ser real, inerente ao sistema.

O objetivo das narrativas bíblicas é despertar novas imagens do futuro (e a possibilidade de salvação é uma imagem central), que transcendam o presente e abram espaço a novas alternativas para o futuro. Combinadas com encorajamento e afeição ativos, essas imagens do futuro substituem letargia e



desesperança por movimento. Entendo este movimento como sendo uma abertura emocional que possibilita participação interna e externa na construção de um estilo de vida que é um prerequisite para que o indivíduo se constitua como sujeito em contraposição à uma existência passiva, de um objeto.

Há muitas palavras para transcendência mental da realidade: *sonho*, *imaginação*, *utopia* ou *visão*. Elas enfatizam aspectos emocionais ou pictóricos ou mesmo a distância em relação ao presente. Em algum lugar entre desejo, anseio e esperança, elas representam um confronto com a possibilidade de transformação da realidade.

Visões dão às pessoas um motivo para se moverem - física, mental e emocionalmente. O teólogo da libertação norte-americano e professor batista de teologia Harvey Cox (1969) vê a imaginação como um ponto de suporte teológico básico para romper com o que está posto, entrar em lugares proibidos e experimentar novas possibilidades.

As fronteiras do presente são cruzadas em direção a um outro mundo, o que já se faz possível nas imagens mentais. “Adeus” ou melhor “a Deus” - assim aponta o professor Henning Luther (1992), quase vinte anos depois - é um movimento que leva ao necessário afastamento da autossuficiência em direção à diversidade e ao senso de pertencimento a uma comunidade. A despedida (adeus) é guiada por experiências de desconstruções, e leva a imagens diferentes do futuro que rompem com o presente, condensadas nas saudades e promessas de Deus: “a Deus”. É sobre isso que tratamos aqui.

Visões não são uma panaceia. Seu significado reside na possibilidade de expressar disposições internas básicas de uma pessoa ou de uma coletividade, tornando-as capazes de comunicar algo. Essa possibilidade de comunicação por meio de disposições básicas representa oportunidade de elaboração da própria história e de desenvolvimento de perspectivas de vida em comum.

A este respeito li um testemunho impressionante do escritor israelense Amos Oz, fundador do movimento de paz “Shalom Akhshaw”, na coluna *Eu Tenho um Sonho*, da revista *Die Zeit* (2005, p. 2).



Às vezes, em meus sonhos, tenho uma conversa profunda com refugiados palestinos que perderam suas casas graças aos israelenses, aqueles cujo antigo lar, onde viveram até 1949, agora é habitado por judeus romenos, russos ou marroquinos. Escuto a história dele ou dela com todos os detalhes. Como é não ter mais pátria, sentir falta de sua própria casa, ter cortado as raízes ou ter aprendido com seus avós como é ser expulso?

Então eu conto a ele a história do meu ponto de vista, o que não precisa levar meu interlocutor a concluir que estamos certos, que ele se desculpa por guerra e terrorismo, ou que me arrependo: “oh, irmão! Como pudemos ser tão terríveis? Pegue sua terra de volta e em troca me dê seu amor”. Nada disso.

No final, talvez continuaríamos do outro lado, mas com certeza menos distantes e indiferentes à perspectiva do outro.

Nas palavras de Amos Oz, o diálogo entre visão e realidade torna-se claro. A constante luta para realizar sonhos e anseios faz das visões um movimento que se contrapõe a fugas para mundos idealizados, irreais, a acomodações diante da complexidade dos desafios ou da permanência dentro dos limites prescritos de uma ordem mundial absoluta.

2 EDUCAÇÃO E VISÕES

O que as visões têm a ver com educação?

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O *sonho* é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz (FREIRE, 2014, p. 99).

Paulo Freire é um renomado educador brasileiro que – e isso o torna extraordinário entre os educadores - desenvolveu seus pensamentos a partir de suas próprias experiências de pobreza e exclusão social no miserável nordeste do Brasil.

Essas experiências causaram uma enorme agitação – ou “indignação”, como ele mesmo diz –, e definiram a base de seu projeto de pedagogia: a transformação das condições sociais pelas quais as pessoas são e permanecem excluídas. A exclusão social e ideológica se reflete no subconsciente dos



afetados. A eles é sugerida a possibilidade de ascensão e prosperidade individual (“de lavador de pratos a milionário”), que na verdade não está aberta à maioria das pessoas na miséria – como na narrativa bíblica de João, mencionada anteriormente. Segundo Freire (1978), a educação é utilizada para sustentar tal ideologia. Ele se refere a esse tipo de educação como “educação bancária”: o conhecimento é depositado a fim de gerar rendimentos. O objetivo é adaptar as pessoas às exigências sociais e às atribuições de papéis que devem desempenhar.

Essa experiência pré-programada de fracasso atua como uma disposição básica negativa que se volta contra os próprios indivíduos a que se destina e, em seguida, também para a comunidade. Para combater esse movimento, Freire (1996) desenvolveu um conceito de educação que se posiciona claramente em termos da opção que adota.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu (FREIRE, 1996, p. 18).

O maior desafio é quebrar a rigidez interna diante de situações aparentemente irremediáveis. Educação, neste sentido, significa dar movimento a situações cristalizadas, dar às pessoas espaço e apoio para que se sintam aceitas e vivenciem a si próprias como seres criativos e mutáveis. Isto é a libertação – libertação, quando o indivíduo se livra de um preconceito internalizado referente à sua própria incompetência; libertação, quando a resignação generalizada é quebrada e a esperança de relações mais justas toma forma. Esse processo de libertação não acontece sem conflitos, pois questiona também interesses do poder pré-estabelecido e o expõe à possibilidade de mudança. Libertação requer um exame crítico de aspectos propagados



socialmente, culturalmente e por meio da religião, bem como de visões pessoais acerca do futuro.

“Somos como educadores-profetas: olhamos para o caos e enxergamos a utopia”. Esta citação é de Paulo Freire no I Congresso da Alfabetizando da Cidade de São Paulo, em 1990. Ele continuou: ser educador-profeta é “ser sujeito histórico, molhado de seu tempo” (GRACIANI, 1996, p. 230). Despertar visões, tornar reconhecíveis coisas novas em meio ao caos, isto é ato de profecia que coloca a realidade em movimento a partir de uma perspectiva desejável e possível de futuro - a tarefa básica da educação! A educação ocorre no confronto e no cenário de relacionamento com a realidade da vida, na descoberta do futuro ou da utopia e no desenvolvimento de imagens compartilhadas. A educação acontece ao longo de um processo – e se um processo não tem uma visão de esperança que transcende o aqui e agora, ele fica estagnado.

Nos países do sul global, o “caos” pode ser mais evidente, mas também na Alemanha ele é fatal se o contexto social dos estudantes permanecer indiferenciado e não for levado em consideração. Somente nos últimos anos, com a discussão sobre imigração e escolas secundárias, os olhares foram voltados para aqueles com menos oportunidades educativas. A perspectiva de abordagem da política educacional é, acima de tudo, o bom desempenho do próprio sistema escolar no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), ou seja, conhecimento certificável. Ela esconde o “caos” que muitos alunos experimentam ou que está reservado para eles na escola. A partir disso, também esconde até demais o “caos” que já é perceptível em relação ao futuro desenvolvimento do mundo.

3 EDUCAÇÃO E FUTURO DO MUNDO

O foco aqui não se dirige aqui a desafios importantes como mudanças climáticas, desigualdades sociais e crises econômicas. Minhas reflexões estão orientadas para a educação em seus paradigmas e objetivos prioritários.



Sob o termo genérico “aprendizagem global”, nas últimas décadas os desafios do desenvolvimento mundial estão sendo cada vez mais incluídos na discussão educacional. O conhecimento deve gerar reflexos no quadro geral da vida, e somente a educação - como base da ação humana - pode manter este mundo habitável.

Isso fica particularmente claro com Peukert (2015, p. 298).

O significado fundamental da educação, em uma situação historicamente concreta, é proporcionar senso de identidade e capacidade de ação mediante os desafios postos em relação ao futuro. A educação não visa mais a concorrência, mas a vontade de permitir que as pessoas compartilhem espaços em um mundo finito.

Três níveis são importantes para processos de aprendizagem global:

1) O nível de incorporação consciente e diferenciada dos desafios atuais, enquanto preocupação em relação ao futuro do contexto abrangente da vida e enquanto denúncia das circunstâncias de risco de vida às quais grande parte da população mundial é submetida. Conhecimento se faz necessário para que se possa avaliar, de forma qualificada, situações críticas, e intervir adequadamente.

2) O nível de experiências diversas e valiosas para aqueles que participam do enfrentamento de desafios, seja por meio de ações solidárias, seja em encontros marcados por diversidade cultural e religiosa, seja enquanto superação de limites e de frustrações. Tais experiências estão na base de preocupações pessoais e constituem, portanto, o ponto de partida e o núcleo dos processos de aprendizagem global.

3) Por fim, o nível de mudança / transformação de situações e de planos de vida. A ideia visionária e o desenvolvimento de modelos alternativos à ordem mundial ocorrem ao longo da experientiação contínua de vivências positivas, bem como da crítica a estruturas e sistemas injustos.

Além da dimensão cognitivo-reflexiva, também são abordadas a dimensão emocional e de desenvolvimento da personalidade e a dimensão de atuação prática da educação. A aprendizagem global não tem a ver apenas com o conhecimento do mundo, mas também com participação. Em última análise,



um dos maiores desafios é dar às pessoas confiança em sua capacidade de construir seu mundo, embora problemas globais e cenários de crise as sobrecarreguem.

Com o fortalecimento dos debates sobre globalização na década de 1990, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) também reagiram, buscando chegar a um consenso sobre a meta e a forma da “educação para o futuro” por meio de grupos de trabalho e comissões em nível internacional. Uma profunda crítica à educação dominante ficou clara, conforme expresso por Federico Mayor (diretor-geral da Unesco entre 1987 e 1999).

A educação é o “força do futuro” porque é um dos instrumentos mais poderosos para a realização de mudanças. Precisamos repensar a forma como organizamos o conhecimento, como combinamos o que até então foi separado. Ao fazê-lo, devemos focar nosso curso em longo prazo, no mundo das gerações futuras com quem temos uma grande responsabilidade (MORIN, 2001, p. 11).

A visão da educação para o futuro deve ser holística. Ela não pode se voltar a particularidades, divididas em conhecimentos específicos. Relações entre tudo o que vive é a medida e o objetivo: “o holismo afirma que tudo existe em um relacionamento, em uma conexão e significado” (MILLER, 2000, p. 21). Visões holísticas são justapostas a visões e objetivos fragmentários (carreira, crescimento, lucro) que participam da estrutura geral e a estabelecem como absoluta e fundamental. A imagem do corpo na Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios (12:12-27) (DIE BIBEL, 2016) ilustra essa perspectiva. Eticamente, abordagens fragmentárias são responsáveis apenas por si mesmas.

A educação holística indica que a realidade não pode ser negociada apenas em *um dos* níveis acima mencionados. A vida só pode ser compreendida enquanto uma estrutura coerente. Intimamente ligado a um entendimento holístico está o ato de agir de modo responsável: apenas se eu reconhecer e entender a diversidade relacional da vida como base constitutiva, serei capaz de respeitá-la.



A educação tem funcionado muitas vezes como se fosse necessário que apenas a mente fosse engajada, e então apenas uma parte dela... Precisamos de formas de educação que ajudem indivíduos e comunidades a ampliar sua visão e a aprender a se relacionar com a diferença de formas positivas (SCHREINER; BANEV; OXLEY, 2005, p. 16-17).

Que a educação deve permanecer aberta é discussão crítica e luta dialógica. Neste sentido, visões holísticas não transmitem harmonia unificada e inclusiva, mas uma construção viva de tensão. Sistemas fechados de pensamento cultural-religioso, político-ideológico ou filosófico-científico transmitem segurança em situações extremamente complexas e, portanto, ainda estão em demanda, mas correm o risco de, de antemão, desvalorizar diferentes estilos de vida e fugir do debate aberto.

Por outro lado, os sinais de princípios universais (e não seus formatos culturais) que surgiram na história humana até hoje são fundamentais. Eles dão às visões holísticas uma base ética e moral. Os direitos humanos, o *ethos* mundial ou a Carta da Terra oferecem uma formatação atual a tais princípios fundamentais, mas são baseados em milênios de conhecimentos e perspectivas de culturas e religiões muito diferentes.

A questão continuará sendo trazer juntas, para diálogos abertos, visões para além de todas as fronteiras e de modo sempre novo. Por meio de quais ideias e desejos nos encontramos? Quais as diferenças entre nós - e como nos complementamos? Para onde podemos e devemos ir juntos? As visões devem ser fundamentadas em contextos concretos, repetidamente reconstruídos e colocados em seus próprios termos. Esse processo está no âmago da aprendizagem global: como moldamos o aqui e agora no horizonte da diversidade e do futuro?

Os processos de aprendizagem que confrontam o contexto da globalização devem intermediar entre o nível local de indivíduos em seus campos específicos de vida e o horizonte global - entre a objetificação destrutiva da vida do desenvolvimento mundial contemporâneo e a luta por um mundo digno e sustentável.



Isso coloca a educação sob uma nova luz. Para além da certificação individual de conhecimentos e competências, devem-se considerar processos coletivos, comunitários que assumem os desafios do mundo de forma criativa e responsável. Isso também deve ser implementado didaticamente. Aprendizado orientado a projetos, oficinas orientadas para o futuro ou por meio de encontros e troca de experiências são abordagens que trazem consigo novas esperanças.

4 CONCLUSÃO: EDUCAÇÃO COMO UM ATO DE PROFECIA

O processo de tornar-se sujeito e a responsabilidade de aguçar a perspectiva que se tem sobre a realidade da vida no horizonte de um sistema holístico e abrangente de valores e significados - este é o legado essencial da Reforma e do Iluminismo. As pessoas passaram a ser vistas não como reprodutoras de princípios sociais, mas como seres criadores e críticos que aprendem a ver o mundo como algo valioso e a transcender em direção a algo novo, que valha a pena. A criação cultural foi, assim, transformada: cada ser humano é respeitado em sua dignidade e em seu potencial únicos, mas como parte de um contexto maior que o sustenta. A aprendizagem global também se move nesse contexto: respeito pela dignidade da diversificação da vida com a abrangência de um *Oikos*.

Para mim, a visão de um *Oikos* que tudo engloba ainda hoje é um ato de profecia que exige críticas ao caos e desperta esperança para o poder da vida considerada enquanto contexto - e o futuro do mundo decidirá. Com isso em mente, cito meu orientador de doutorado, Ulrich Becker (1995, p. 114), ao final da apresentação dos meus pensamentos:

Diante da experiência do caos, a pedagogia se apega à fantasia da grande conexão. Ela vê em toda quebra da existência humana e para além dela uma totalidade da pessoa humana. [...] Sendo assim, então a pedagogia só pode ser pedagogia se tiver ações transcendentais. Com “transcendente” não me refiro necessariamente à religião e à teologia, mas a ações que sempre significam mais do que vemos e se referem e, portanto, a uma dimensão da esperança.



REFERÊNCIAS

BECKER, U. Ökumenisches Lernen und eine Pädagogik der Hoffnung. In: GOßMANN, K.; PITHAN, A.; SCHREINER, P. (Orgs.): *Zukunftsfähiges Lernen? Herausforderungen für Ökumenisches Lernen in Schule und Unterricht*. Münster: Comenius, 1995.

COX, H. *The feast of fools: A theological essay on festivity and fantasy*. Harvard University Press, 1969.

DIE BIBEL. *Altes und Neues Testament*, 2016.

DIE ZEIT. Ich habe einen Traum - Amos Oz. *Zeit Online*, 28. April 2005. Disponível em: https://www.zeit.de/2005/18/Traum_18/seite-2. Acesso em: 20 jun. 2020.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GRACIANI, M. S. S. Momentos que não dá para esquecer. In: GADOTTI, M. (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996, p. 229-230. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4144514/mod_resource/content/1/FPF_PTPF_12_069.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

KANTERIAN, E. *Analytische Philosophie*. Frankfurt a.M.: Campus, 2004.

LUTHER, H. *Religion und Alltag*. Stuttgart: Radius Verlag, 1992.

MILLER, R.: *Caring for new life*. New essays on holistic education. Brandon: Foundation for Educational Renewal, 2000.

MORIN, E. *Die sieben Fundamente des Wissens für eine Erziehung der Zukunft*. Hamburg: Krämer, 2001.

PEUKERT, H. Tradition und Transformation. In: JOHN, O; METTE, N. (Orgs.). *Bildung in gesellschaftlicher Transformation*. Paderborn: Schöningh, 2015, 290-305.

SCHREINER, P.; BANEV, E.; OXLEY, S. (Orgs.). *Holistic Education Resource Book*. Learning and Teaching in an Ecumenical Context. Münster / New York / München / Berlin: Waxmann, 2005.



DISCURSO CONTEMPORÂNEO FEMININO – A CAMINHADA DA MULHER AO EMPODERAMENTO¹¹²

Terezinha de Jesus Rodrigues Barbagelata¹¹³

Ana D’Arc Martins de Azevedo¹¹⁴

Resumo: O presente artigo trata de um breve estudo sobre o discurso feminino contemporâneo, a caminhada da mulher ao empoderamento. Destaca-se assim, sobretudo, a figura feminina e sua posição na sociedade. O objetivo da pesquisa é analisar o discurso contemporâneo em torno da mulher e sua caminhada ao empoderamento, descrevendo a figura/personagem desta como um ser frágil e identificando nessa fragilidade feminina a força da uma mulher, quando renuncia seus próprios desejos em favor do desejo do outro, além de identificar, também, o matriarcal, não no contexto de mãe, mas como líder, abrindo espaço para o empoderamento feminino. Fundamentam essa pesquisa, os estudos de Haraway (1998); Scott (1989); Beauvoir (1990); Grossi (2000); Butler (2010); Giddens (2002, 2008); Orlandi (2012); Santaella (2009) entre outros. A metodologia abordada foi a pesquisa bibliográfica e o estudo da arte, que contribuem para a elucidação de que a luta da mulher na contemporaneidade deve-se, principalmente, à assunção do seu papel na conquista do seu espaço na sociedade como ser forte.

Palavras-chave: Mulher. Discurso. Sociedade.

CONTEMPORARY FEMININE DISCOURSE – WOMEN'S WALK TO EMPOWERMENT

Abstract: This article is about a brief study on contemporary female discourse, women's journey to empowerment. It highlights, above all, the female figure and her position in society. The objective of the research is to analyze the

¹¹² Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, Semiótica, Linguística e Psicologia do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹¹³ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/Unama); Mestre em Linguística Espanhola pela Universidad Autónoma de Asunción; Especialista em Psicopedagogia (Idepa); Graduada em Pedagogia (UVA); Licenciada em Letras Português/Espanhol (Esmac); Coordenadora Curso de Letras e Professora de Língua Espanhola na Unama; Professora de Língua Espanhola em Castanhal e em Literatura Espanhola e Portuguesa na FAAM. | Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1461-4009>
Email: terezinhabarbagelata@hotmail.com.

¹¹⁴ Professora Titular do Programa *Stricto Sensu* de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (Unama); Doutora em Educação/Currículo (PUC/SP); Mestrado em Educação (Uepa); Mestrado em Educação (Unasp); Especialista em Educação Especial e Especialização em Supervisão Educacional; e Graduação em Pedagogia pela União do Ensino Superior (Unespa). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4240-9579>. | Email: azevedoanadarc@gmail.com



contemporary discourse around women and their journey to empowerment, describing their figure/personage as a fragile being and identifying in this female fragility the strength of a woman, when she renounces her own desires in favor of the desire of the other, besides also identifying the matriarchal, not in the context of the mother, but as a leader, opening space for female empowerment. This research is based on the studies of Haraway (1998); Scott (1989); Beauvoir (1990); Grossi (2000); Butler (2010); Giddens (2002, 2008); Orlandi (2012); Santaella (2009) among others. The methodology approached was the bibliographic research and the study of art, which contribute to the elucidation that women's struggle in contemporaneity is due, mainly, to the assumption of their role in the conquest of their space in society as being strong.

Keywords: Woman. Speech. Society.

DISCURSO FEMENINO CONTEMPORÁNEO – PASEO DE MUJERES HACIA EL EMPODERAMIENTO

Resumen: Este artículo es un breve estudio sobre el discurso femenino contemporáneo, el viaje de la mujer hacia el empoderamiento. Destaca, sobre todo, la figura femenina y su posición en la sociedad. El objetivo de la investigación es analizar el discurso contemporáneo en torno a la mujer y su camino hacia el empoderamiento, describiendo su figura/persona como un ser frágil e identificando en esta fragilidad femenina la fuerza de una mujer cuando renuncia a sus propios deseos a favor del deseo del otro, además de identificar el matriarcado, no en el contexto de la madre, sino como líder, abriendo espacio para el empoderamiento femenino. Esta investigación se basa en los estudios de Haraway (1998); Scott (1989); Beauvoir (1990); Grossi (2000); Butler (2010); Giddens (2002, 2008); Orlandi (2012); Santaella (2009) entre otros. La metodología abordada fue la investigación bibliográfica y el estudio del arte, que contribuyen a dilucidar que la lucha de la mujer en la contemporaneidad se debe, principalmente, a la asunción de su papel en la conquista de su espacio en la sociedad como algo fuerte.

Palabras-clave: Mujer. Discurso. sociedad.

1 INTRODUÇÃO

O feminismo surgiu na França e a partir da revolução francesa as mulheres acreditavam que as ideais de liberdade, igualdade e fraternidade deveriam ser estendidas para as classes feministas. Nesse período a luta era voltada para a conquista dos direitos civis, mas após a Segunda Guerra Mundial



quando adquiriram o direito de votar, trabalhar e de participar da política de forma ativa, começaram a lutar para expandir ainda mais esses direitos, pois queriam obter o fim da discriminação e a completa igualdade dos gêneros.

A partir dos novos questionamentos, ocorreram grandes mudanças no contexto da história de lutas das mulheres, onde a identidade feminina, ainda estava atrelada a representação masculina, em que o discurso estava inserido nos valores morais, éticos e à submissão, pois, a figura feminina era vista como sexo frágil, a ponto dela só poder exercer a função de esposa, mãe e afazeres domésticos, se tornando um sujeito aceito pela sociedade que determinava seu papel como a gente protagonista.

A pesquisa tem como objetivo analisar o discurso contemporâneo em torno da mulher e sua caminhada ao empoderamento. Para isso fez-se necessário descrever a figura da mulher-personagem como um ser frágil, que busca de todas as formas ser aceita em uma sociedade padronizada; identificar nessa fragilidade feminina a força de uma mulher, quando renuncia seus próprios desejos, a ponto de se submeter ao desejo do outro, além de identificar o matriarcal, não no contexto de mãe, mas como líder, abrindo espaço para o empoderamento feminino.

O aporte teórico-metodológico utilizado para fundamentar tal pesquisa, foram os estudiosos Haraway (1998); Scott (1989); Beauvoir (1990); Grossi (2000); Butler (2010); Giddens (2002, 2008); Orlandi (2012); Santaella (2009) entre outros. A relevância da pesquisa ao longo percurso da história, é mostrar a imagem feminina em diferentes olhares, ao se tratar da enunciação discursiva da mulher em uma sociedade contemporânea em que a própria mulher permeia por igualdade e por respeito em uma sociedade desigual.

2 GÊNERO E O FEMINISMO

Atualmente, novos questionamentos foram inseridos, quando se trata de gênero e feminismo, pois que ambos representam uma sociedade contemporânea, em que a mulher busca uma igualdade de gênero. Nesta



perspectiva, a questão de gênero está ligada à forma como a sociedade cria os diferentes papéis sociais e comportamentos relacionados aos homens e às mulheres. Donna Haraway (1998) diz que:

O gênero é uma relação, não uma categoria pré-formada de seres ou algo que alguém possa ter na sua posse [...]. O gênero é a relação entre categorias de homens e de mulheres, constituídas de forma variada e diferenciada por nação, geração, classe, linhagem, cor e muito mais (HARAWAY, 1998, p. 28).

O autor remete as bases patriarcais de poder, onde ideologias delimitam direitos e deveres, no qual legitimam a ordem social, justificando a supremacia dos homens, como poder masculino na sociedade.

Assim, para Faccio (1999) os valores impostos pela sociedade dicotomizam um conjunto de características e comportamentos a cada sexo através de processos de socialização, mantidos pela ideologia e por instituições patriarcal, presentes em estruturas sociais, instituições e outros.

Para Simone Beauvoir (1990) a liberdade se estenderá a toda sociedade.

quanto tempo e forças desperdiça para liquidar, sublimar, transferir complexos, falando das mulheres [...], temendo-as! Libertá-lo-iam, libertando-as. [...] obstina-se nas mistificações destinadas a manter a mulher acorrentada (BEAUVOIR, 1990, p. 489).

Entretanto, segundo Miriam Grossi (2000), a discussão de gênero determina tudo que é social, cultural e historicamente definido e está em constante processo de ressignificação, em virtude das interações concretas entre indivíduos do sexo feminino e masculino. Nesse sentido, “a sexualidade é apenas uma das variáveis que configura a identidade de gênero, como os papéis de gênero e o significado social da reprodução” (GROSSI, 2000, p. 27).

Como elemento constitutivo das relações sociais entre homens e mulheres, o gênero configura-se numa construção social e histórica que define masculinidade, feminilidade e padrões de comportamento, aceitáveis ou não para ambos, Scott (1989).



Contudo, o gênero se refere ao conjunto de relações, atributos, papéis, crenças e atitudes que definem o que significa ser homem ou ser mulher. Na maioria das sociedades, as relações de gênero são desiguais. Os desequilíbrios de gênero se refletem nas leis, políticas e práticas sociais, assim como nas identidades, atitudes e comportamentos das pessoas.

Destarte que “a inclusão da mulher como sujeito diferenciado das políticas públicas é o único caminho possível para o alcance mínimo de equidade social, nas sociedades contemporâneas” (FEGHALI, 2000, p. 279). O desinteresse pelas questões femininas (sua vida, saúde e direitos) está circunscrito no campo da cultura machista, em que os governos são em geral comandados por homens, que se consideram os únicos cidadãos e, portanto, os que têm direitos de cidadania, Feghali (2000).

Dessa forma, o feminismo é caracterizado por desenvolver uma luta sócio-política que busca promover a igualdade de direitos entre homens e mulheres na sociedade civil. Judith Butler (2010), cita que as,

[...] mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca emancipação (BUTLER, 2010, p. 19).

Ambas se alinham no que pretende ignorar as ideologias e tende ao reducionismo. As feministas ressaltam a importância do contexto cultural, histórico, normativo e emocional dos comportamentos.

O sociólogo Anthony Giddens (2008, p. 109), propõe a análise da diferença entre sexo e gênero, onde, na sociologia, sexo define as diferenças: *“anatômicas e fisiológicas que definem os corpos masculino e feminino”*. Diferente disso, o gênero: *“diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres. No entanto, o gênero está ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade”*. E, talvez ainda mais importante: *“não é necessariamente um produto direto do sexo biológico de um indivíduo”*.



Nessa perspectiva, o gênero é socialmente construído, havendo uma socialização do gênero e, as diferenças que dela surgem, são, de fato, culturalmente produzidas. Se há desigualdades entre homens e mulheres é porque “homens e mulheres são socializados em papéis diferentes. Estudos mostram que, em certa medida, as identidades de gênero são resultadas de influências sociais”, manifestações culturais inseridas na sociedade.

Atualmente no Brasil, o feminismo é algo historicamente recente, nasce na década de 30, com a luta pelo direito ao voto, mas somente na década de 70, se inicia as manifestações por oportunidades iguais, de forma geral. Por isso, a compreensão do que é ser feminista ainda não é clara, ou seja, 88% concorda que devem existir oportunidade iguais para homens e mulheres, que é justamente a definição básica de feminismo, mas apenas 51% se declaram feministas.

Assim, o final do século XIX até o início do XX, remete ao sufrágio feminino nas sociedades americanas e britânicas, que acontecera entre mulheres brancas e de alta sociedade que desejavam direitos jurídicos igualitários. Pois, eram contra a casamentos arranjados, serem vistas como propriedade dos maridos, pais e senhores, e lutavam pela garantia de seus direitos contratuais e à liberdade de expressão. Ainda no mesmo período ocorreu uma forte luta feminina pelos seus direitos políticos, a qual consistia a participação na vida pública, ressaltando o direito ao voto.

Aproximadamente nas décadas de 60 a 80, as mulheres se organizaram fortemente para a conquista dos seus direitos sociais. Nesse período, popularizaram-se os métodos contraceptivos, fazendo o papel gestacional e familiar construído durante séculos ser duramente questionado, e a mulher pela primeira vez sentiu possuir controle sobre o próprio corpo. Tal fato levou-as cada vez mais ao trabalho fora de casa, já que haviam conquistado autonomia em relação aos esposos, e agora, teoricamente, as preocupações com gestações indesejadas e cuidado com os filhos haviam diminuído consideravelmente.

Portanto, as conquistas e as lutas femininas, sobretudo, na segunda metade do século XX, estão associadas à construção do conceito de gênero,



que para Lia Machado (1998, p.112), “romper com os estudos da substancialidade do que é a mulher e do que é o homem e com a determinação do biológico sobre o sexo é construir um novo paradigma, os estudos de gênero conseguiram construí-lo”.

Nesse contexto, a epistemologia feminista, ao proclamar a experiência das mulheres como característica de uma cultura específica, torna-a uma modalidade de saber local e propõe para a feminista uma antropologia da cultura moderna.

3 A IMAGEM DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

As primeiras civilizações, homens e mulheres desempenharam papéis diferentes na sociedade, e ao permear esses momentos, se observou que o papel da mulher era sempre em posição de subordinação em relação ao homem. A história também prediz sobre a resistência e protagonismo de muitas mulheres que se rebelaram contra os estereótipos e a imposição de papéis sociais menos importantes. Historicamente, esses papéis estiveram relacionados com uma visão reducionista do universo feminino, intimamente relacionada com o papel de submissão, servidão e ausência de protagonismo.

De acordo com Xenofonte, apud Alves e Pitanguy (1985, p.12), ser submisso é sujeitar-se forçadamente ou voluntariamente. A condição da mulher em décadas passadas era de submissa aos homens “[...] que viva sob uma estreita vigilância, veja o menor número de coisas possível, ouça o menor número de coisas possível, faça o menor número de perguntas possível”. Pois, tal submissão não era por escolha, mas literalmente imposta pela sociedade e pela igreja católica.

A influência da igreja sobre a sociedade nessa época era bastante intensa, determinando a superioridade masculina, com base na bíblia, Corrêa da Silva et al (2005)

Era função da Igreja “castrar” a sexualidade feminina, usando como contraponto a ideia do homem superior a qual cabia o exercício da



autoridade. Todas as mulheres carregavam o peso do pecado original e, desta forma, deveriam ser vigiadas de perto e por toda a vida (CORRÊA DA SILVA, 2005, p.72).

Apesar dessa revolução cultural em relação a transformação do papel da mulher-esposa ser bem conhecida hoje, ainda na maior parte do tempo, a mulher é vista como dona de casa, pois mesmo em uma sociedade contemporânea, o que predomina nessa ocasião é a tradicional visão preconceituosa de uma mulher independente em todos os aspectos e sentidos desse empoderamento feminino.

No entanto, se tem percebido que a teoria do Imaginário Social tem contribuído para melhor entendimento das manifestações do comportamento humano. Desse modo, todo um conjunto de valores de um determinado grupo pode ser analisado a partir de diversos pontos de partida.

Para Cornelius Castoriadis (2000, p.13), todo pensamento da sociedade e da história pertence em si mesmo, à sociedade e à história, quando afirma que todo pensamento, qualquer que seja ele e qualquer que seja o seu objeto, é apenas um modo e uma forma do fazer social-histórico.

Nesse contexto, certas atitudes e hábitos são explicados em suas raízes, mesmo tendo perpassados por transformações temporais da sociedade. Assim, por séculos, a imagem da mulher remete as lutas sociais e ideológicas que foram entrelaçadas no contexto histórico. Entretanto, as influências imagéticas e seus reflexos sempre estiveram presentes no agir humano, o que levou, como ainda leva, à criação de uma série de ideias e atitudes impregnadas por ecos inconscientes nascidos na visão de mundo de cada um.

Falar do estudo do imaginário nos permite entender quais são as razões transversais e intrínsecas para muitos dos padrões comportamentais estabelecidos, bem como seus mitos, crenças e símbolos, colaborando para o desvelamento dos porquês de certos atos sociais que se perpetuam com raras rupturas, permanecendo inalterados e continuamente reproduzidos em sua estrutura e forma. Gilbert Durand (2004), argumenta que a imagem



[...] pode se desenovelar dentro de uma descrição infinita e uma contemplação inesgotável. Incapaz de permanecer bloqueada no enunciado claro de um silogismo, ela propõe uma “realidade velada” enquanto a lógica aristotélica exige “clareza e diferença” (DURAND, 2004, p.10).

O autor considera o imaginário como museu mental, pois afirma que o imaginário reside em todos os modelos de nossas representações e é a partir de sua sondagem que se pode averiguar os fragmentos das memórias reinantes e ainda atuantes das práxis humana.

Cada sociedade se apropria, estimulada pela herança cultural de seu imaginário, de crenças e tradições de sua realidade histórica, que, dependendo de qual seja o juízo de valor atribuído a cada uma delas, se manifestará prontamente ao menor estímulo. Assim, Kalina Silva e Maciel Silva (2009) elenca que o imaginário

[...] é parte do mundo real, do cotidiano, não é algo independente. Na verdade, ele diz respeito diretamente às formas de viver e de pensar de uma sociedade. As imagens que o constituem não são iconográficas, ou seja, não são fotos, filmes, imagens concretas, mas sim figuras de memória, imagens mentais que representam as coisas que temos em nosso cotidiano (SILVA; SILVA, 2009, p. 214).

Para os autores, cada imagem é um traço da mentalidade coletiva de sua época e, por isso, um ato ou um discurso pode estar impregnado de figuras de memória, existentes desde o início de sua institucionalização. De acordo com esse pressuposto, as criações e as reproduções humanas podem ser decodificadas como manifestações de algo muito mais profundo e latente, revelando uma ideia enraizada no passado de sua coletividade, instituída e categorizada ao longo do desenvolvimento histórico de uma sociedade, como nos aponta Castoriadis (2000), que diz que as categorias em função das quais pensamos a história,

[...] são por um lado essenciais produtos reais do desenvolvimento histórico. Estas categorias só se podem transformar, clara e eficazmente, em forma de conhecimento da história uma vez encarnadas ou realizadas nas formas de vida social efetiva (CASTORIADIS, 2000, p. 24).



As expressões do agir e pensar humano dão uma significação ao discurso, mas deve ser interpretada pela análise das circunstâncias sociais e históricas que envolvem o objeto em si. Compreender essas inflexões e a relevância para a entendimento das ações humanas, revelarão novas respostas e darão novos sentidos aos fatos.

Assim, o imaginário é um conjunto de imagens inculcadas na mente humana, que abarca em seu âmago todas as representações de uma memória coletiva, sendo o irradiador do ideário construído e, por conseguinte, o estimulante invisível a uma alienação sociocultural, cuja interpretação possibilita uma mediação dialógica entre o passado e o presente.

Para Lúcia Santaella (2009), o perfil da mulher na contemporaneidade – ou “modernidade líquida”, ocorre a partir da formação que envolve uma síntese complexa de valores revisitados do passado com as conquistas realizadas pelos movimentos feministas.

Entretanto, de qualquer forma, a presença petrificada da mulher na história social brasileira, como mucama, sinhá-moça, escrava ou professorinha, aponta possibilidades de mudança no horizonte de construção de uma nova mulher, que supera sua própria história ao recriar sua trajetória e existência, seja no trato profissional ou na militância política. A mulher atua com criatividade para responder aos imperativos da lógica pós-moderna e, em conjunto, lidar com a herança da cultura de invisibilidade, do serviço e do silêncio ao qual foi por séculos subjugada. Assim, o feminino consegue se estabelecer no meio social, enquanto agente produtivo, sem deixar de desempenhar seu importante papel no meio familiar e na sociedade.

4 EMPODERAMENTO FEMININO E O DISCURSO CONTEMPORÂNEO

No dicionário virtual, Aurélio, encontramos a definição de significado da palavra empoderamento - “Dar ou adquirir poder, ou mais poder” (AURÉLIO,



2010). Visto que em outro dicionário, também virtual, Michaelis encontramos uma definição com base na Sociologia:

Ação coletiva desenvolvida por parte de indivíduos que participam de grupos privilegiados de decisões. Envolve consciência social dos direitos individuais para que haja a consciência coletiva necessária e ocorra a superação da dependência social e da dominação política. É um processo pelo qual as pessoas aumentam a força espiritual, social, política ou econômica de indivíduos carentes das comunidades, a fim de promover mudanças positivas nas situações em que vivem. Implica um processo de redução da vulnerabilidade e do aumento das próprias capacidades dos setores pobres e marginalizados da sociedade e tem por objetivo promover entre eles um índice de desenvolvimento humano sustentável e a possibilidade de realização plena dos direitos individuais. (MICHAELIS, 2015, p. 102).

A definição, encontrada em Michaelis (2015), fomenta a ideia mais esclarecedora sobre o que vem a ser realmente esse empoderamento. Entretanto, na página da ONU MULHERES, encontramos uma definição ainda mais detalhada:

EMPODERAMENTO: Dar ou adquirir poder ou mais poder. O empoderamento significa uma ampliação da liberdade de escolher e agir, ou seja, o aumento da autoridade e do poder dos indivíduos sobre os recursos e decisões que afetam suas próprias vidas. A pessoa empoderada pode definir os seus objetivos, adquirir competências (ou ter as suas próprias competências e conhecimentos reconhecidos), resolver problemas e desenvolver seu próprio sustento. É, simultaneamente, um processo e um resultado. Fala-se, então, do empoderamento das pessoas em situação de pobreza, das mulheres, dos negros, dos indígenas e de todos aqueles que vivem em relações de subordinação ou são desprivilegiados socialmente. (ONU MULHERES, 2016, p. 25).

Assim, se pode verificar, que o termo empoderamento traz diversos significados e temas, como a igualdade de gêneros, a exclusão, preconceito, violência, direitos humanos, classe social, enfim, são vários temas e questões abordadas nesse paradigma e, portanto, temos que observar a produção discursiva, o contexto, pois, segundo Eni Orlandi (2012), os discursos foram produzidos, englobando os sujeitos e a situação, ou seja, é o contexto sócio histórico e ideológico que define o discurso. Neste caso, os discursos de



empoderamento da mulher, refletem o desejo de igualdade de gênero, no cenário político, econômico e social.

Nesse contexto preexistente, os discursos citados, são vistos como algo incompleto pela mulher, pois seu desejo de empoderamento é frustrado pela necessidade cristalizada em sua memória de ela/mulher tem de continuar sendo mãe, doméstica e esposa.

Assim, podemos dizer que são sujeitos multifacetados e contraditórios, pois mesmo querendo se libertar, se empoderar, estão presas a uma memória discursiva de mulher submissa, que “tem” que cuidar dos filhos, da casa e do marido. Não devemos esquecer que a ideologia está presente em todos os discursos, é no discurso que ela se materializa e produz sentido(s).

Assim, como argumenta Orlandi (2012), o sentido não está nas palavras em si, mas na discursividade, pois linguagem e ideologia estão intimamente ligadas na construção de/o sentido. No entanto, Orlandi (2012) ressalta que a questão da ideologia está sempre presente nos discursos, pois para a autora “[...] o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”. (ORLANDI, 2012, p. 17). Embora os discursos apresentem, de forma mais evidente, um discurso feminista de empoderamento, outros discursos encontram-se inseridos na memória feminina.

Sabendo que os discursos tratam do empoderamento feminino, construídos por enunciadores diferentes, ou seja, que as mulheres se encontram em diferentes posições sociais, compreende-se que a identidade da mulher é por natureza heterogênea e não se constitui plenamente, mesmo que a reunião de todos os domínios vividos por ela fosse possível, pois a identidade é um processo contínuo e as características identitárias de ontem não constituirão exatamente a identidade de hoje.

Porém, a identidade feminina é produto social e reflexo do olhar do outro, frisando este a vê e não apenas a imagem que ela tem de si mesma. Nesse diálogo social, percebemos que a identidade é construída socialmente pelas práticas discursivas, cujo discurso é produto da cultura que a construiu. Assim,



a identidade feminina é definida pelo discurso de seu interlocutor, que resulta do efeito espelho, identifica-se pelo reflexo do olhar do outro. Giddens (2002) levanta a questão de como as condições sociais modernas modificam e modelam a identidade pessoal, criando um novo discurso para a expressão dessa realidade.

Para Giddens (2002) a sociedade insere um discurso de resistência, cuja palavra de ordem é a adaptabilidade às novas formas de discurso do gênero feminino. Há que se transformar o discurso masculino de opressão em discurso de respeito a uma nova mulher: determinada, forte, que adota um projeto reflexivo de vida que implica responsabilidade pessoal, pontuando que a mulher é aquilo que ela faz de si própria, assegura, pois que essa nova mulher trabalha, possui salário próprio, sustenta-se e não depende do sexo masculino para sobreviver, assumindo uma postura, capitalista, independente economicamente, que consome e dita as leis no mercado, inclusive nas relações com o sexo masculino. Não aceita mais ser a escolhida, deseja também ter o direito de escolha com as exigências de quem também detêm o poder em suas mãos.

Nessa perspectiva, a nova mulher se confronta com um mundo instável, em crise de valores, fragmentado, sem direção clara sobre o que ser, o que fazer, o que sentir e pensar, de como viver uma vida significativa e plenamente realizada. Nesse novo contexto criado pela contemporaneidade da sociedade, o sujeito é colocado diante de uma multiplicidade nunca vista de escolhas e de oportunidades, possibilitando a mulher, o autoconhecimento do seu corpo, da sua vida e do que fazer dela, preenchendo-se pela interação de desejos e de liberdades de sua própria vida.

Assim, em uma sociedade atual, a mulher ainda luta por uma imagem de respeito, buscando o empoderamento de igualdade entre os gêneros, discernindo toda e qualquer forma de violência, física ou verbal, incluindo o próprio assédio sexual, e a inclusão social tanto profissional, como cultural.

Destarte, que os discursos de empoderamento têm como objetivo tentar estabelecer a igualdade de gêneros, de forma a diminuir a discriminação e a violência contra a mulher, violência tanto física quanto psicológica, bem como



aumentar sua participação nas atividades sociais de modo igualitário. A esse conjunto de ideias, como os princípios de empoderamento no caso, visam a incorporar conceitos e práticas de inclusão no meio empresarial, pois como exercem um importante papel na economia, podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida de trabalhadoras, dando a oportunidade de se fortalecerem economicamente e, por conseguinte, socialmente.

Empoderar é um ato diário. Você não precisa encabeçar algum ministério para ajudar outra mulher. Você pode começar compreendendo que mulheres não são substituíveis e que nenhuma nasceu para ser sua inimiga. Uma vez que se compreende isso, você também compreende que lugar de mulher é onde ela quiser.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais falar de empoderamento feminino, ainda é algo pertinente, principalmente na sociedade contemporânea, embora pareça ser uma temática repetitiva e sem importância para alguns, no entanto é algo relevante, que mostra lutas e conquistas da mulher ao perpassar dos séculos. Sobretudo, implica no reconhecimento e percepção de que a liberdade do feminismo, hoje, resulta na busca de igualdade, pois se firma na coexistência recíproca das diferenças existentes entre homens e mulheres.

Nesse pressuposto, as qualidades e características atribuídas social, histórica e culturalmente a homens e mulheres definem quais são as de um e de outro. Iniciativa, coragem, competência, controle emocional, responsabilidade, zelo, fragilidade, paciência, doçura, dependência, entre tantos outros atributos, tornam-se características altamente diferenciadoras do sexo, que são traços constituintes do ser humano de maneira geral, que podem estar presentes em ambos sexos, tornando-se traços distintivos entre personalidade masculina e feminina.

Entretanto, a maior de todas as lutas e batalhas do movimento feminista no mundo de hoje, é alcançar a consciência individual e coletiva de homens e



mulheres sobre a sua situação real, observando o processo incessante e inesgotável de construir e reconstruir a mulher, as suas funções, desejos e frustrações. Porém, observamos, que ainda que pareça confuso para a sociedade como um todo, podemos fomentar que já estamos caminhando para o possível equilíbrio e para a valorização do ser humano. Ou seja, ao invés de estabelecer formas de comportamento padronizadas para homens e mulheres, deveríamos privilegiar padrões de comportamento que expressassem interesses, talentos, qualidades, traços diversificados, que compõem o indivíduo como um todo, um sujeito social ativo e consciente.

Assim, portanto, reforça-se a perspectiva de que a luta da mulher, nesse empoderamento feminino, não se limita à desigualdade de gênero e temas transversais, como a liberdade de expressão e inúmeros conflitos e questionamentos, que dizem respeito à mulher atualmente. A luta da mulher na contemporaneidade se caracteriza, principalmente, pela assunção do seu papel na conquista do seu espaço na sociedade, porque lugar de mulher é onde ela quiser.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/empoderamento/>. Acesso em 15/07/2019.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é Feminismo*. São Paulo: Abril Cultura: Brasiliense, 1985

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CORRÊA DA SILVA, Glauce. et al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. *Rev. SBPH*. Rio de Janeiro, vol 8, n 2, dezembro, 2005.



DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

FACCIO, Alda. Feminismo, género y patriarcado. In: FRIES, Lorena; FACIO, Alda (eds.). *Género y Derecho*. Santiago de Chile, LOM Ediciones, La Morada, 1999.

FEGHALI, Jandira. Género e controle social na saúde. In: COSTA, Ana Maria, MERCHÁNHAMANN, Edgar e TAJER, Débora. (Orgs.). *Saúde, equidade e gênero: um desafio para as políticas públicas*. Editora UnB, 2000.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____, Anthony. *Sociologia*. 6ª. edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2008.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. *Estudos de Género: Cadernos de área* n. 9. Goiânia: Editora da UCG, 2000.

HARAWAY. Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*. Campinas, 1998.

MACHADO, Lia Zanotta. “Gênero: um novo paradigma?” *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 11, 1998.

MICHAELIS. Dicionário online da Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Ind8>. Acesso em 15/07/2019.

ONU MULHERES. Princípios de Empoderamento das Mulheres. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha_ONU_Mulheres_Nov2017_digital.pdf /. Acesso em 15/07/2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 9ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

SANTAELLA, Lúcia; NOTH, Winfried. *Imagem: Cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

SCOTT, Joan Wallach. “A história e a Política em gêneros”. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 3, 1989.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.



EPISTEMOLOGIA IORUBÁ/NAGÔ: ANÁLISES DE POEMAS AFRO-BRASILEIROS E AFRICANOS¹¹⁵

Camila Bastos Lopes da Silva¹¹⁶

Carla Regina Santos Paes¹¹⁷

José Guilherme de Oliveira Castro¹¹⁸

Resumo: A presente pesquisa analisa poemas africanos e afro-brasileiros a partir da teoria do pensamento nagô abordada por Muniz Sodré (2017). Neles, questões como erotismo, corporeidade coletiva, potência corporal, Exu e suas intermediações, Arkhé Africana e potência do axé são retratados, a partir da análise bibliográfica dos autores Rocha (2016), Barros (2009), Prandi (2001), Saraceni (2018), Gomes (2019), Maiê (2017) e Hooks (1995). Assim, pudemos observar a força de corpos negros que transcendem por intermédio do ato erótico, são corpos que subvertem os interditos estabelecidos desde a colonização. A partir da música, esses corpos ultrapassam a esfera material e alcançam a esfera mística, são corpo-música-axé, corpo-tambor que personificam a forças dos ancestrais a partir do rito.

Palavras-chave: Poemas. Pensamento nagô. Erotismo. Corporeidade. Arkhé Africana.

IORUBA/NAGÔ EPISTEMOLOGY: THE ANALYZE OF AFROBRAZILIANS AND AFRICAN POEMS

Abstract: This research analyzes African and Afro-Brazilian poems based on the Nagô theory of thought addressed by Muniz Sodré (2017). In them, issues such as eroticism, collective corporeality, body power, Exu and its intermediation, African Arkhé and power of axé are portrayed, based on the bibliographic analysis of the authors Rocha (2016), Barros (2009), Prandi (2001), Saraceni (2018), Gomes (2019), Maiê (2017) and Hooks (1995). Thus, we could observe the strength of black bodies that transcend through the erotic act, they are bodies that subvert the prohibitions established since colonization. From music, these bodies go beyond the material sphere and reach the mystical sphere, they are body-music-axé, body-drum that personify the forces of the ancestors from the rite.

¹¹⁵ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, Semiótica, Linguística e Psicologia do VII Confluências, realizado na Universidade da Amazônia (Unama), em Belém, Pará, no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹¹⁶ Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Unama, mestre em Letras pela PUC-GO. E-mail: camilabastos_19@yahoo.com.br.

¹¹⁷ Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Unama, mestre na mesma instituição. E-mail: paes.c@globo.com.

¹¹⁸ Doutor em Letras pela PUC- RS. Atualmente é professor titular da Unama e docente permanente do Programas de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Unama.



Keywords: Poems. Nagô thinking. Eroticism. Corporality. African Arkhé.

EPISTEMOLOGIA IORUBA/NAGÔ: ANÁLISIS DE POEMAS AFROBRASILEÑOS Y AFRICANOS

Resumen: Esta investigación analiza los poemas africanos y afrobrasileños basados en la teoría del pensamiento Nagô abordada por Muniz Sodré (2017). En ellos se retratan temas como el erotismo, la corporeidad colectiva, el poder corporal, Exu y su intermediación, Arkhé Africana y el poder del axé, a partir del análisis bibliográfico de los autores Rocha (2016), Barros (2009), Prandi (2001), Saraceni (2018), Gomes (2019), Maiê (2017) y Hooks (1995). Así, pudimos observar la fuerza de los cuerpos negros que trascienden a través del acto erótico, son cuerpos que subvierten las prohibiciones establecidas desde la colonización. Desde la música, estos cuerpos van más allá de la esfera material y llegan a la esfera mística, son cuerpo-música-axé, cuerpo-tambor que personifican las fuerzas de los antepasados del rito.

Palabras-clave: Poemas. Pensamiento nagô. Erotismo. Corporalidad. Arkhé Africana.

1 INTRODUÇÃO

1.1 ARKHÉ E PENSAMENTO IORUBA/ NAGÔ

Na ritualística ioruba, questões como equilíbrio de forças, ambiguidade do transe e as metamorfoses de gênero são confrontadas com o pensamento cristão. A mística afro está visceralmente marcada pela temporalidade presente e pela força da corporeidade coletiva, cuja força ontológica consiste na prioridade da comunidade sobre o indivíduo. “Na Arkhé nagô o corpo empírico torna-se possível pela corporeidade transcendental do grupo” (SODRÉ, 2017, p. 96).

Muniz Sodré (2017) no livro: *Pensar Nagô* argumenta que a Arkhé africana consiste em uma cerimônia em que, após a morte de um membro de uma comunidade, são reverenciados os ancestrais. Além disso, essa filosofia argumenta que uma parte do divino é humana e a outra pertence à ordem do suprarrazional, o humano diretamente relacionado ao Eros. Dessa maneira, os “orixás nagôs são zelados como princípios cosmológicos contemplados no horizonte de restituição de uma soberania existencial [...] a continuidade de outra



forma coletiva de subjetivação” (SODRÉ, 2017, p. 90). Assim, esse pensamento comunga com toda filosofia de reconstrução das formas de existência a partir do outro. Trata-se de um eterno renascimento através de um logos circular que rememora e revivencia as origens ancestrais, um tempo de pregnancy ancestral, a partir de uma corporeidade coletiva que agrega também os antepassados. Nesse momento, a morte deixa de ser vazia de sentido e passa a ser ritualizada.

Nessa forma coletiva de subjetivação, metaforizada em terreiros, a memória incide sobre as formas de ser e pensar do indivíduo. Esse espaço reterritorializado torna-se solo mítico da origem, espaço ritualístico. Lugar onde corpos e territórios se aproximam. Desse modo, o terreiro é o espaço em que o inexistente se torna existente, implica em:

Um tipo novo de subjetivação, em que ocupam um primeiro plano a experiência simbólica do mundo, o primado rítmico do existir, o poder afetivo das palavras e ações, a potência de realização das coisas, as relações interpessoais concretas, a educação para a boa vida e para a boa morte, o paradigma comunitário, a alegria frente ao real e o reconhecimento do aqui e agora da existência [...] decorre daí a grande importância outorgada ao corpo, já que não se trata de uma subjetivação ancorada em estruturas lógicas de representação, mas nos posicionamentos de potência corporal inscritos num território [...] nesse território, o corpo abriga as representações do cosmo e de todos os princípios cosmológicos, portanto, as divindades (SODRÉ, 2017, p. 100- 101).

O autor argumenta também que enquanto o cristianismo levou em conta a cisão entre corpo e espírito, o pensamento ioruba valoriza a visão ancorada na potência corporal inscrita num território. Nessa visão, o corpo está vinculado ao sagrado porque apreende as raízes da existência, desse modo, a experiência sacra é mais corporal do que intelectual. O autor também argumenta que a pessoa é constituída de uma parte material e por uma parte imaterial. As partes inseparáveis do corpo, segundo essa visão, são a cabeça (ori) e o suporte (aperê). Nesse sentido, no suporte são guardadas forças que mobilizam e asseguram a existência individual por meio do princípio cosmológico EXU “alojado no próprio corpo do indivíduo (Bara- aiê), com o qual se confunde Exu é ademais o intermediário entre os homens e os orixás” (SODRÉ, 2017, p. 117).



2 A EPISTEMOLOGIA DE EXU

A figura de exu é vista como “princípio da existência diferenciada, que o leva a propulsionar, a desenvolver, a mobilizar, a crescer, a transformar, a comunicar” (SODRÉ, 2017, p.175). Exu é o orixá da comunicação, é a junção da interação entre água (elemento masculino) e terra (elemento feminino), sendo ele portador do sêmen e do útero. O autor ressalta que Exu é primogênito, pai ancestral e como Exu Bara, ele rege o interior do corpo e assegura a circulação no interior do corpo, assim como o ato de dejeção que serve como um filtro de impurezas. Na narrativa mítica, Exu:

O caráter originário dos entes está na partilha entre o princípio masculino e feminino presente em todas as espécies existentes. Associa-se naturalmente à atividade reprodutiva da espécie, representada pelo falo e seus muitos deslocamentos simbólicos [...] Exu, todavia, revela algo muito mais amplo, algo inerente à condição humana, seja branca ou negra, europeia ou africana, que é a ligação visceral entre o sagrado e o erótico (SODRÉ, 2017, p. 180).

Soares argumenta:

Falar de Exu ser o principal não significa aqui subestimar a importância dos outros orixás, no entanto, quer dizer da necessidade de Exu para a realização do culto aos Orixás, onde este leva e traz mensagens e ebós, funciona como intérprete lingüístico dos Orixás, no oráculo é ele quem responde quando a mãe ou pai-de-santo consulta os búzios, além do papel que este desempenha na regência do cosmo, na visão dos iorubanos onde é parte individual e a energia vital de cada ser, sendo como Olodumaré parte constituinte de tudo que há no Órun e no Àiyé. Cabe a ele levar as oferendas dos humanos aos Orixás (SOARES, 2008, p. 39 apud ROCHA, 2016, p. 6).

Barros (2009, p. 222) explica que no Candomblé Exu recebe a denominação de *assiwaju* (“o que vem na frente”). O autor o define:

No início era o infinito, o branco etéreo, o silêncio, a imobilidade. De repente, à frente de Olorum, surge um pequeno monte de terra avermelhada, mexendo-se incessantemente. Era Exu (Èsù) que chegava, antes mesmo de possuir forma! Olorum sopra sobre ele seu



hálito sagrado e poderoso (o emí), insuflando-lhe a vida. Produz-se a partir daí o movimento, a agitação, a energia. A mobilidade surge com a chegada de Exu! Passou a ter existência a proto-criatura, o primeiro ser criado! Mesmo se transformado em muitos, seu princípio e sua origem são uma só (BARROS 2009, p. 220).

Em Iorubá, Exu, que é filho caçula de Orunmilá e Iemanjá, tem esse nome que o define como aquilo que não tem início nem tem fim. Também pode ser chamado por Legba, Bará e Eleguá. É o senhor dos caminhos, é o encarregado de guardar todos os lugares onde moram os Orixás. Exu é um ser atemporal, daí vem o ditado Iorubá de que “ele acertou um pássaro ontem com a pedra que jogou ontem” (PRANDI, 2001, p. 63).

Prandi argumenta que quando se fala em Exu está se falando de uma energia dinâmica que movimenta e transforma a vida de maneira ágil. Por ele ter esta natureza prática, traz consigo uma personalidade de extrema contradição, ou seja, pode ser tanto bom quanto mau, puro ou maquiavélico, manso ou agitado, harmônico ou incoerente. Trabalha somente visando receber alguma coisa em troca, isto é, só faz um trabalho mediante pagamento. Muito antes da existência do ser humano, Exu já existia e por proteger o acasalamento, é quem garante a continuidade da raça humana, por essa razão ele recebeu de Olorum a cabaça (adô) que o habilita a amparar os humanos nas horas em que precisam de ajuda. É orixá que mais se aproxima dos seres humanos. Contudo, só os ajuda a almejarem seus objetivos, não os estimula a desejar o que quer que seja. Por ser lépido, ouve segredos de todos, porém não os guarda, repassa-os todos, por isso está diretamente ligado aos oráculos de adivinhação, pois é aquele que transmite as mensagens, as advertências, os conselhos enviados pelos deuses aos consulentes. É igualmente o responsável por levar as oferendas que os indivíduos fazem aos outros orixás, por isso é o mensageiro, aquele quem liga essas deidades aos homens e vice-versa, todavia por mais que se vá agradar a outro orixá, Exu é sempre o primeiro a ser louvado e chamado a receber oferendas.

Saraceni (2018) ressalta que por ser esse o Senhor dos Caminhos, os encontros e divisões das chamadas encruzilhadas são seus lugares preferidos



para receber seus agrados e homenagens, afinal são nesses locais que confluem grande força e poder, já que ali circulam muitas energias. Os tributos podem ocorrer a qualquer dia e a qualquer hora porque o tempo dele é sempre este exato momento, porém o dia da semana em que é mais celebrado é às segundas-feiras.

Exu é muito carnal, por isso é relativamente fácil agradá-lo. Recebe as mais diversificadas espécies de presentes e oferendas. Até uma comida que será servida em casa, contanto que seja dada de bom grado e que ele seja o primeiro a ser servido. Todavia, em geral, os Exus costumam receber (dependendo do objetivo da oferenda): frutas (menos as azedas – abacaxi, tangerina, laranja etc.), flores, bebidas alcoólicas, comidas (diversas), cigarros ou charutos, toalhas, velas, fitas, pembas¹¹⁹ – tudo o que puder se escolher a cor, que seja nas cores que o representam: o preto e o vermelho.

Exu é um mistério da Criação Divina e existem muitos outros mistérios que giram em torno deles. Ele está em todos os campos dos orixás, mas não tão somente isso, também transcende todos esses campos, porque é um trabalhador da Lei Maior que existe no Universo. Barros (2009, p. 222-223), explica que mesmo Exu sendo apenas um, ele pode ter diversificadas definições e funções, tais como, Exu Iangui (Yangi) – o primeiro Exu criado; Exu Lonan (Olóònòn) – Senhor de todos os caminhos; Exu Alê (Alè) – “senhor das ruas”; Exu Ina – “senhor do fogo” (louvado no Ipadê); Exu Aquessã – (Akesan) – “senhor do Jogo de Búzios”; Exu Larin-otá – o “senhor da fala”; Exu Ojixebó (Òjísé Ebó) – o mensageiro encarregado de levar os sacrifícios rituais, e nossos pedidos, diretamente ao orum; Exu Eleru (Elèrù) – Exu do carregio; Oxe Oritá Metá – Exu que vigia as encruzilhadas de três pontas, onde recebe seus ebós, observa e inflige seus castigos aos faltosos; Exu Elebara (Elégbára) – “senhor do poder”. Administrador das longas estradas. Companheiro fiel de Ogum, ligado diretamente a Iemanjá.

¹¹⁹ Pemba é uma pedra mineral que serve para fazer limpeza, purificação, assentamentos, riscar pontos. (Saraceni, 2017).



A seguir, a imagem de Exu é recontada a partir do poema. Nele, o caráter erótico-transgressor de Exu é reforçado e a partir do uso do prefixo (ex) cultura, há uma jogo polissêmico entre as palavras “escultura” e ex(cultura)- cultura que deixou de ser contemplada” e (o) culto que ora denota que Exu era invisibilizado, ora polissemicamente demonstra a palavra culto, por meio de um jogo linguístico. A imagem de Zeus “de quatro” e de Exu eroticamente o dominando, exprime, a partir da linguagem do poema, o combate à heteronormatividade, assim como exalta simbolicamente o poder fálico de Exu sobre Zeus. Reescreve-se o mito subalternizado de Exu por meio da linguagem, tendo em vista que de acordo com Gomes (2019), uma das variadas características de Exu na cultura ioruba é sua virilidade. “Suas imagens retratam vitalidade sexual, energia libidinal, desejos ardentes, virilidade acentuada [...] é o patrono da cópula, responsável pela sexualidade” (GOMES, 2019, p. 53-55). Ele representa poder de movimento, cruzamento de fronteiras entre vida e morte. Seu falo interliga “os dois mundos na cosmologia religiosa ioruba” (PELTON, 1980, p. 145-146 apud GOMES, 2019, p. 53).

No poema a seguir, o caráter sexual avantajado de Exu demarca o chamado Exu- Legba. Conhecido como um deus de falo avantajado muito cultuado na tribo fon (Abomé). Seu caráter contraditório, talvez tenha sido responsável pela construção dúbia de sua imagem, sendo ele “intermediário entre os deuses, o comunicador e o senhor do acaso no destino das pessoas” (GOMES, 2019, p. 54), mas rebaixado ao caráter diabólico e medonho, ao contrário de Zeus, mais reconhecido na mitologia.

*De quatro, Zeus figura
em (ex)cultura nativa
o(culto) orixá Exu
vai comendo-lhe o cu
(Márcio Barbosa – CN 13, p.46)*

Gomes (2019) ressalta que os santuários de Exu na África ioruba geralmente são compostas por montes fálicos de terras colocados na entradas das casas, estabelecimentos públicos e encruzilhadas. É representado por uma



figura feminina e masculina ou hermafrodita, “segurando os seios nas mãos, com um pênis permanentemente ereto, compartilhando o impulso sexual insaciável estando em busca de gratificação sexual. Ele transcende as fronteiras de gênero” (PELTON, 1989, p. 120-130). Assim:

Numa canção popular iorubá descrita por Wescott (1962), o pênis de Eshu-Elegba é uma ponte que parte na travessia do rio deixando as pessoas cair. Pênis responsável pelos sonhos imorais, pelas relações adúlteras nada convencionais. Instinto sexual capaz de envolver as pessoas proporcionando-as fertilidade. Eshu-Elegba é o violador de tabus. O dissimulador de discórdias, elemento perturbador da ordem, ícone da criação. O poder de criar está Nele (PELTON, 1989, p. 120-130).

Muniz Sodré, ao descrever a Arkhé africana revela que o erótico apresenta uma dimensão ambivalente, ao mesmo tempo simbólica e biológica, contínua e descontínua do processo que determina a continuidade entre ancestralidade e descendência. Ao refletir sobre a união entre seres descontínuos no ato erótico, ele dialoga com Bataille e reflete que diferentemente da sexualidade apenas reprodutiva, o erotismo questiona a vida interior autônoma. Nesse processo, Sodré (2017, p. 181) argumenta “Exu simboliza o procriado e sua comunicação dinamiza a busca erótica”. O autor também infere que, de acordo com essa visão, o ser humano é constituído de dois lados: o orgânico e o inorgânico, materiais e coletivos (relacionados às entidades genitoras divinas e dos ancestrais) e de uma combinação individual de substâncias, responsáveis por sua personalidade autônoma.

Na concepção nagô, o corpo é configurado como um “objeto ativo”, tal como se definem os objetos compostos de um amálgama de elementos heteróclitos (animais, vegetais, minerais). Além de sujeito, o homem é objeto, no sentido de que partilha uma condição comum a animais, minerais e vegetais, assim como às divindades, investidas de idênticos elementos [...] no interior da configuração simbólica dos nagôs, o corpo humano é permeável a mundo histórico e cosmo mítico, exibindo ritualmente esta sua singularidade (SODRÉ, 2017, p. 121).

Comparamos a experiência do transe místico com seus princípios cosmológicos e ancestrais, origem e morte simbolicamente com a experiência do encontro erótico entre corpos. Na mítica ioruba, no entanto, o transe pode ser interpretado como uma linguagem, ou como a resultante de “signos de comunicação”. Esse signo é tanto da ordem do inteligível como do sensível, é



corpo e consciência, passagem de planos. O autor ressalta que segundo o paradigma africano, os deuses não “constituem uma diversidade abscôndita e absoluta, a exemplo do deus cristão, já que interagem ritualisticamente com os homens” (SODRÉ, 2017, p. 129).

No transe, o corpo e suas representações podem ser vistos como território onde se imbricam elementos físicos, míticos, coletivos e individuais. Ele está atrelado à força vital, diferentemente da metafísica cristã que de acordo com Tempels concebe o corpo como estático. Na corporeidade da Arkhé africana, o desejo afirma-se como potência de gozo e de realização. A palavra axé transfigura a força, movimentação energética dos seres, a qualidade e o estado do corpo e sua potência de realização ou de não realização. Ele é uma força mais biossimbólica do que biológica. É experienciado como um conteúdo real, que se acumula e se transmite por meio da mediação corporal, representa o ato de dar e de receber, fazendo funcionar os códigos comunitários. Ele preside as transformações de um estado de existência para outro. Portanto o axé é transferido desde a esfera individual até a esfera coletiva e é atravessado por um sincretismo de afetos.

O autor argumenta que na corporeidade da Arkhé africana, o desejo é representado como potência e não como poder de desfrute. Nesse contexto, “axé é na verdade um potencial de realização ou de não realização, apoiado no corpo” (SODRÉ, 2017, p. 133). No rito ioruba/nagô, a dimensão racional e semântica da língua é substituída pela dinâmica afetiva, mítica e simbólica do axé. A palavra é mais performativa do que semântica, sendo esta comparada a uma poesia originária, é imagem e música. Por outro lado, a música é central como manifestação do axé. O autor reitera que no transe as danças são geralmente executadas no interior de figuras geométricas, mas o círculo representa a forma mais antiga de simbolismo ritualístico sagrado em muitas culturas. E a Arkhé é reconfigurada por meio do ritmo, pois a partir do movimento sonoro e corporal a vida encontra sua forma originária de libertação. Assim:

A música permite-nos descortinar, pela pura sensibilidade, um cósmico e um biológico que carregamos em camadas profundas, inapreensíveis pela racionalidade instrumental e pela semântica [...] na música, os



signos sonoros são diferentes, mas não contraditórios, já que se aproximam ou se conciliam por afinidades sensíveis. Uma peça musical é, no limite, uma negociação sensível das diferenças [...] a perspectiva analógica aqui atribuída à filosofia afro mobiliza a interpenetração de contextos e regimes de pensamento diversos (SODRÉ, 2017, p.143; 164- 165).

No poema da escritora afro-brasileira Marise Tietra a seguir, conseguimos observar a força da transa a partir das anáforas e das aliterações (vai- vem- entra- sai), além do uso das onomatopeias e das reticências que concedem musicalidade ao verso, construído a partir de um formato modernista. O ato de cópula e de gozo são ritmados a partir do jazz, pois, conforme afirma Muniz Sodré, a música é elemento central para a manifestação do axé, haja vista que a partir do ritmo, a vida encontra sua forma originária de libertação. Desse modo, o gozo transforma-se em potência entre corpos que na forma rítmica se interpenetram, são corpos negros que transcendem interditos ao ritmo do jazz (polissemicamente apresentado como o ruído do gozo), pois esse ritmo musical também representa um ato de resistência:

Você entra...
você sai... eu sus... eu sus...
você vem... você vai... eu piro... piro...
você faz tudo você entra... você sai...eu hummm... hummpmmh
você vem...
você sai...
eu deixo você vem... você entra... você sai..
eu deixo
você entra... você vem... fundo fundo
eu fecho
você jazz.
(Marise Tietra – CN 5, p.59)

O poema abaixo do moçambicano José Craveirinha, por outro lado, transfigura o grito das vozes ancestrais a partir do toque do tambor. Por meio do instrumento, o rito revive o mito dentro dos terreiros e o indivíduo, conforme veremos no poema a seguir, metaforiza a força da potência coletiva. O tambor carrega o espírito da árvore, arquétipo de proteção ancestral, coração encarnado, expressão da Grande Mãe África, por isso é louvado no poema de



Craveirinha. Tornar-se tambor representa encarnar a força ancestral, ser porta voz da Grande Mãe África silenciada, pois ele ativa “a memória sócio corporal atômica intracelular. Ativa memórias de constelações familiares e comunitárias ancestrais que são nosso próprio cordão umbilical” (MAIÊ, 2017, p. 3).

Assim, o corpo se torna marcado como corpo-tambor, portador de Arkhé africana que transcende a esfera material e alcança a esfera do cosmos:

QUERO SER TAMBOR

Tambor está velho de gritar
Oh velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
corpo e alma só tambor
só tambor gritando na noite quente dos trópicos.

Nem flor nascida no mato do desespero
Nem rio correndo para o mar do desespero
Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero
Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero.

Nem nada!

Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra.

Eu

Só tambor rebentando o silêncio amargo da Mafalala
Só tambor velho de sentar no batuque da minha terra
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.

Oh velho Deus dos homens
eu quero ser tambor
e nem rio
e nem flor
e nem zagaia por enquanto
e nem mesmo poesia.
Só tambor ecoando como a canção da força e da vida
Só tambor noite e dia
dia e noite só tambor
até à consumação da grande festa do batuque!
Oh velho Deus dos homens



deixa-me ser tambor
só tambor!
(José Craveirinha)

O uso da anáfora “nem”, reforça a força do tambor que não é apenas força da natureza, mas a própria encarnação dos deuses, instrumento metáfora da força ancestral.

O poema a seguir da moçambicana Noémia de Sousa reflete o poder da música para os negros (as) como símbolo de resistência. O trecho “Que onde estiver nossa canção, mesmo escravos, senhores seremos; e mesmo mortos, viveremos. E no nosso lamento escravo estará a terra onde nascemos, a luz do nosso sol, a lua dos xingombelas, o calor do lume, a palhota onde vivemos, a machamba que nos dá o pão” reflete que a música sempre foi estrategicamente utilizada, seja nos ritos religiosos ou nas festas entre negros (as) como potência de axé. Ela transfigura a força dos (as) negros (as) transmitida a partir do sincretismo erótico de afetos presente nos batuques e calundus:

Súplica

Tirem-nos tudo,
mas deixem-nos a música!

Tirem-nos a terra em que nascemos,
onde crescemos
e onde descobrimos pela primeira vez
que o mundo é assim:
um labirinto de xadrez...

Tirem-nos a luz do sol que nos aquece,
a tua lírica de xingombela
nas noites mulatas
da selva moçambicana
(essa lua que nos semeou no coração
a poesia que encontramos na vida)
tirem-nos a palhota – humilde cubata
onde vivemos e amamos,
tirem-nos a machamba que nos dá o pão,
tirem-nos o calor de lume
(que nos é quase tudo)
– mas não nos tirem a música!

Podem desterrar-nos,



levar-nos
para longes terras,
vender-nos como mercadoria,
acorrentar-nos
à terra, do sol à lua e da lua ao sol,
mas seremos sempre livres
se nos deixarem a música!
Que onde estiver nossa canção
mesmo escravos, senhores seremos;
e mesmo mortos, viveremos.
E no nosso lamento escravo
estará a terra onde nascemos,
a luz do nosso sol,
a lua dos xingombelas,
o calor do lume,
a palhota onde vivemos,
a machamba que nos dá o pão!

E tudo será novamente nosso,
ainda que cadeias nos pés
e azorrague no dorso...
E o nosso queixume
será uma libertação
derramada em nosso canto!
– Por isso pedimos,
de joelhos pedimos:
Tirem-nos tudo...
mas não nos tirem a vida,
não nos levem a música!
(Noémia de Sousa)

No poema abaixo, há uma dessacralização da linguagem e dos tabus instituídos a partir da paródia da oração cristã do “Pai Nosso”. Nele, o sagrado encontra-se simbolicamente com o erótico num (a) transe (sa) místico (a). Nesse contexto, o corpo transfigura o mundo histórico e místico, pois sabe-se que a paródia da oração sagrada transfigura o corpo negro como potência, haja vista que a mulher negra sempre foi objetificada pela história, assim como os saberes e religiões de matriz africana. O corpo feminino negro, com base em categorias fenotípicas passou por muitas classificações: a mulata, a negrinha, a crioula, sendo submetido a normatizações sociais de controle e de disciplina. A selvageria e a sensualidade, desde a colonização, tornaram-se marcas pejorativas da mulher negra, cujo corpo sempre foi colonizado e tratado como



um corpo-produto. Por isso, desde sempre foi comum observar nas “cenas literárias nacionais”, corpos femininos negros marcados pela visão:

A mãe preta, perfil da generosa mãe-de-leite, sempre sorridente e amável, sempre alimentando e ninando a criança branca; a empregada doméstica, uma espécie de força bruta assexuada, de rosto indiferenciado, na função reificada de objeto do lar; e a insinuante mulata, corpo erotizado em excesso, objeto dos desejos “ocultos” do homem branco. (MARTINS, 1996, p. 112 apud GOMES, 2019).

Desse modo, no poema a seguir, no trecho “Amada minha que estais no cio; cultuado seja o vosso corpo” há a dessacralização. Nesse trecho, a palavra correspondente ao léxico CÉU na oração é substituída pelo termo CIO, porém, esse termo no poema, não corresponde à subalternização da mulher negra, mas ao encontro erótico de corpos negros apaixonados, que por meio da cópula alcançam a transgressão de normas, tabus e subalternizações. A ânsia por possuir o corpo da amada sem véus, nem tabeliões, reflete a transgressão dos interditos instituídos desde a colonização:

O Prazer Nosso

Amada minha que estais no cio; cultuado seja o vosso corpo; venha o prazer ao nosso leito; sejam saciadas nossas vontades, sem tabeliões e sem véus. Um amor pleno de poesias gozai hoje; desfrutaremos nossas querenças; um minuto sequer não percamos, discutindo leis que nos têm reprimido. Vamos copular com emoção, porque amar nunca fez mal... Axé!
(Oubi Inaê Kibuko – CN 11, p.63)

Por fim, o poema a seguir da escritora afro brasileira Miriam Alves, construído em forma de triângulo metaforiza a dança erótico-mítica ornamentada em forma de transe. De forma rítmica há um jogo com o corpo feminino, dando a impressão de que é tomado pela transa, quando na verdade é retratado o transe mítico dos terreiros, onde a mediação corporal transmite axé. O uso em tom crescente dos prefixos (pe-po-pa) transmitem a musicalidade do rito que indica a reconfiguração de poder a partir dos corpos que transitam eroticamente. O poema transfigura, a partir de um jogo de linguagem, a cerimônia de



candomblé, na qual, por meio do padê, pede-se passe a Exu antes do início do rito.

*Geometria Bidimensional
Confluência das coxas
Encontro pleno da geometria
Há um triângulo isóscele
triângulo isóscele
Triângulo isóscele pede
isóscele padê
pode
pede posse
(padê)
(Miriam Alves – CN 17, p.50)*

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o processo de escravização, conforme define Hooks, o corpo da mulher negra tem sido visto como “símbolo quintessencial de uma presença feminina natural e orgânica, mais próxima da natureza animalística e primitiva”. (HOOKS, 1995, p.468), por isso, os poemas apresentados na pesquisa são de fundamental importância porque transfiguram corpos negros que eroticamente performatizam a Arkhé Africana. São corpos que ritualmente personificam o transe místico, cujo porta- voz é Exu. Neles, a transa se imbrica ao transe, por intermédio de uma temporalidade cíclica. Assim, o corpo, metáfora da potência coletiva renasce ritmicamente, tornando-se corpo-axé, que alcança uma dimensão transcendental. Dessa forma, os poemas transfiguram as vozes ancestrais que ressoam a partir dos corpos negros e assim, subvertem os interditos impostos desde o processo de escravização do povo negro.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marcelo (Org.). *O candomblé bem explicado* (Nações Bantu, Iorubá e Fon). – Rio de Janeiro: Pallas, 2009.



GOMES, Adriano Oliveira Trajano. *Narrativas sobre dinâmicas sexuais de Exu no território sagrado da umbanda nos terreiros de Viçosa* – João Pessoa, 2019.

HOOKE, Bell. *Ain't I a woman. Black women and feminism*. London: Pluto Press, 1982. [Links]

_____. **"Intelectuais negras"**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-476, 1995. [Links]

MAIÊ, Mo. *O tambor e a ancestralidade*. Bahia, 2017.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SARACENI, Rubens. *Doutrina e teologia de umbanda sagrada: a religião dos mistérios um hino de amor a vida*. – São Paulo: Madras, 2017.

SARACENI, Rubens. *Rituais umbandistas: oferendas, firmezas e assentamentos*. – São Paulo: Madras, 2018.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô* – Rio de Janeiro: Petrópolis, 2017.



FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: NARRATIVAS NO INSTAGRAM A PARTIR DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS DE BELÉM¹²⁰

Dalva Lima dos Santos¹²¹

Analaura Corradi¹²²

Ivana Claudia Guimarães de Oliveira¹²³

Resumo: O presente artigo busca compreender como usuários do Instagram, mais especificamente dos seguidores na conta @nostalgiabelém, constroem suas narrativas a partir de fotografias do espaço urbano de Belém ali publicadas, relacionando imagem, memória e narrativa. Para tanto, à luz dos autores como Halbwachs (1990), Ferrara (2000 e 2004) e Barthes (1984, 1987 e 2011), foram analisados comentários feitos sobre a fotografia, datada dos anos oitenta, da Travessa 25 de setembro (atual Avenida Rômulo Maiorana) que revelaram que os seguidores da conta supramencionada constroem suas narrativas memoriais sobre a cidade a partir da imagem, mas também de interações com outros seguidores da conta @nostagiabelem.

Palavras-chave: Belém. Fotografia. Memória. Narrativa.

LA PHOTOGRAPHIE ET LA MÉMOIRE : DES RÉCITS SUR INSTAGRAM À PARTIR D'IMAGES PHOTOGRAPHIQUES DE BELÉM

Résumé: Dans cet article nous souhaitons comprendre comment les utilisateurs d'Instagram, plus précisément, ceux qui suivent la compte @nostalgiabelem, construisent leurs récits à partir de photographies de l'espace urbain de Belém qui y sont publiées, mettant en relation l'image, la mémoire et le récit. Ainsi, à la lumière de Halbwachs (1990), Ferrara (2000 et 2004) et Barthes (1984, 1987 et 2011), des commentaires faits sur la photographie, datée des années 1980, de la Travessa 25 de Setembro (actuelle Avenida Rômulo Maiorana) a révélé que ceux qui suivent le compte susmentionné construisent leurs récits de mémoires sur la ville de Belém à partir de l'image, mais aussi à partir des interactions entre eux.

Mots-clés: Belem. Photographie. Memoire. Narration.

¹²⁰ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, Semiótica, Linguística e Psicologia do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação de Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹²¹ Mestranda em Comunicação, Linguagens e Cultura na Universidade da Amazônia. E-mail: profdalvalima@hotmail.com.

¹²² Doutora em Ciências Agrárias pela Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra). E-mail: corradi7@gmail.com.

¹²³ Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: ivana.professora@gmail.com.



PHOTOGRAPHY AND MEMORY: NARRATIVES ON INSTAGRAM FROM PHOTOGRAPHIC IMAGES OF BELEM

Abstract: This paper intends to understand how Instagram users, more specifically those registered in the @nostalgiabelém account, build their narratives from photos of the urban space of Belém published there, relating image, memory and narrative. To this end, in the light of authors such as Halbwachs (1990), Ferrara (2000 and 2004) and Barthes (1984, 1987 and 2011), comments made on the photograph, dated from the eighties, of Travessa 25 de Setembro (Avenida Rômulo Maiorana) which revealed that the followers of the aforementioned account build their memorial narratives about the city from the image, but also from interactions with other followers of the @nostalgiabelém account.

Key-words: Belém. Photography. Memory. Narrative.

1 INTRODUÇÃO

Quantas memórias guardam uma imagem fotográfica? Obviamente, não há como mensurar a quantidade de histórias, portanto, de narrativas, que podem viver, ou conviver, em uma única fotografia. Isto ocorre porque a fotografia é um recorte do tempo, o congelamento de um instante e, por esta característica, ela nos permite, segundo Barthes (1984, p. 116), acessar “outros tempos, outros lugares e memórias”, e assim, construir outras histórias e narrativas que podem ser, de acordo com Motta (2013), ficcionais ou não.

No contexto digital, em que a câmera se tornou onipresente, as fotografias assumiram não apenas sua função de “guardar memória”, mas também de conectar pessoas através das redes sociais. O Instagram¹²⁴, rede social criada em 2010, com o objetivo inicial de compartilhar fotografias, é um exemplo de

¹²⁴ O Instagram, rede social criada em 2010 com o objetivo inicial de compartilhar fotografias, oferece aos seus usuários ferramentas próprias para editar, retocar, alterar cores e tons de suas fotografias antes da publicação. O usuário, ao criar sua conta, pode acompanhar outros usuários a partir da opção “seguir”, o que permite a interação, através de comentários em publicações, mensagens diretas entre os que utilizam esta rede social. Desde 2016, o aplicativo também permite aos seus usuários a possibilidade de construir narrativas instantâneas (*stories* – histórias, em português) que permanecem na plataforma por até 24h.



como as pessoas se conectam através de imagens e de suas narrativas. Essas imagens trazem consigo, não apenas o momento de há poucos instantes, como também memórias mais longínquas, entrelaçando passado e presente em uma única imagem, possibilitando a construção de diversas narrativas.

Também as transformações no espaço-tempo urbano, que são ou foram capturados em fotografias, narram memórias. A cidade, que segundo Barthes (1987, p. 184), é um discurso que “fala aos seus habitantes”, que por sua vez, falam da cidade que habitam ou onde se encontram, ao percorre-la, ao olha-la, e que está em constante movimento, por ser um discurso, pode, portanto, ser lida e relida, o que torna a imagem fotográfica da cidade uma superfície textual impregnada de memórias que podem ser narradas e, já que cada imagem traz em si uma lembrança e inúmeras sensações, a narrativa daquela memória, torna-se, muitas vezes, como diz Baitello Junior (2014, p. 64) uma “experiência sensorial”.

As fotografias da cidade de Belém, capital do Pará, publicadas na conta do Instagram @nostalgiabelém¹²⁵, criada em março de 2013 pelo publicitário Robson Santos, revela aos seus usuários cenas de um cotidiano nem sempre muito distante, uma vez que a ferramenta *stories* permite, agregada ao aplicativo em 2016, permite construir narrativas de forma instantânea de imagens (vídeos ou fotos) de seu cotidiano. No entanto, as memórias ativadas e as narrativas destas mostram que, mais do que narrar a imagem, os seus usuários, narram suas memórias a partir da imagem. Isto é, as significações de determinada fotografia, não está nela própria. Ao mesmo tempo que são individuais e exteriores, as narrativas criadas a partir das imagens sobrepõem-se na construção da memória.

Para compreender melhor essa relação entre construção de narrativas e memória, este artigo procurará compreender como usuários da rede social Instagram, mais especificamente dos seguidores no perfil @nostagiabelem constroem suas narrativas memoriais sobre o espaço urbano de Belém a partir de fotografias publicadas naquele perfil, evidenciando, assim, a relação direta

¹²⁵ Link da conta: <https://instagram.com/nostalgiabelem?igshid=1vjddyscwms5e>



entre imagem, memória e narrativa. Assim, serão trazidos para esta análise, Halbwachs (1990), Barthes (1984, 1987 e 2011), além de contribuições de Bruner (1997), Kossoy (2001), Baitello Junior (2014 e 2019).

2 IMAGEM E MEMÓRIA

Baitello Junior (2019, p. 63) afirma que o conceito de imagem, por ser amplo, “vai além dos campos das Ciências Sociais e da Comunicação”, no entanto, afirma o estudioso, é inegável que a imagem seja objeto de comunicação, “talvez o objeto hegemônico de toda comunicação”, sobretudo porque, desde o final do século XX, vivemos num mundo no qual predomina o que é visível. Isto ocorre, pois, ainda de acordo com o autor, tornamo-nos todos fotógrafos e/ou fotografados, o que resulta, assim, num painel imagético, “um labirinto de imagens” (Baitello Junior, 2014, p. 07), em que nos refletimos.

Ressalta-se que, apesar de estar-se vivendo na era da “proliferação compulsiva de imagens”, como afirma Baitello Junior (2014, p. 66), utilizar a fotografia como corpus para análise de um determinado recorte da realidade social, ainda é uma dificuldade. Isto, pois, segundo Barreto (1994, p.33), embora a fotografia registre a realidade tal qual ela seja ou é ou foi, a questão “aos olhos de quem?”, ainda se impõe.

Roland Barthes (1984), semiólogo francês, ao refletir sobre o estudo da fotografia, afirma que esta é esquivada quando se trata de classificá-la para posterior análise de um corpus, isso porque as tentativas de classificá-la partem de princípios exteriores a ela mesma, sem relação com a sua essência. Diante desta constatação, de que a fotografia é “inclassificável”, o autor conclui que parte desse problema está no fato de

o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Nela o acontecimento jamais se sobrepassa para outra coisa: ela reduz sempre o *corpus* de que tenho necessidade ao corpo que vejo. (BARTHES, 1984, p.13).

Para Barthes (1984), isso ocorre devido o referente aderir ao suporte (superfície do papel), o que nos permite ter a certeza de que algo ou alguém



esteve naquele lugar fotografado, portanto a fotografia não seria apenas uma recordação que se guardar para ser revisitada no futuro, porque, para o autor, a fotografia não rememora o passado.

Assim, o que se vê em uma fotografia não é, segundo Barthes (1984), apenas aquilo que não é mais, uma lembrança, um passado, mas a certeza daquilo que já foi, o que já existiu em outro tempo, o de atestar que o que se vê de fato existiu. A fotografia, desta forma, é a confirmação da presença, e por isso ela deixa transparecer, à primeira vista, uma lembrança, uma recordação, uma memória,

Mostre suas fotos a alguém: esta pessoa logo mostrará as dela: “olhe, este é meu irmão; aqui sou eu criança”; etc; a fotografia é sempre apenas um canto alternado de ‘Olhem’, ‘Olhe’, ‘Eis aqui’. (BARTHES, 1984, p. 14).

Baitello Junior (2014), trata a imagem como um gênero híbrido, pois esta possui características de diferentes linguagens: olfativas, acústicas, gustativas, táteis e visuais. Essa particularidade da imagem, de trazer consigo não apenas o que é visível, o que está enquadrado, mas também o que lhe é ausente, ou seja, o que está fora do quadro, faz da fotografia um suporte que transcende a visão. Sobre a percepção dos vestígios sensoriais que vão além do meramente visual que as imagens possuem, o autor afirma:

Além do mais, aquelas (imagens) que são visíveis possuem também ao menos algumas facetas e aspectos invisíveis aos nossos olhos. Isso quer dizer que ao lado ou atrás da visibilidade de uma imagem emergem numerosas configurações que a acompanham e que nossos olhos não conseguem ver. E, mais que isso, os procedimentos dessas configurações invisíveis são imprevisíveis, pois elas se alimentam das camadas, da história e das histórias soterradas do homem, se enraízam nas profundezas invisíveis do esquecimento. E, uma vez que cada pessoa vive as histórias próprias e alheias de maneira distinta, as sombras que acompanham as imagens podem apenas ser intuídas e penetras como campos de probabilidades, um espaço comunicativo de improvável determinação, às vezes impossível de se determinar. (BAITELLO JR, 2014, p.64).

Nota-se aqui, que a leitura de uma imagem perpassa pela historicidade de um dado espaço-tempo-memória. Em se tratando, especificamente, do espaço urbano, em constante movimento ocasionado pela dinâmica das



interações culturais, sociais, políticas e econômicas, essa relação parece ser mais evidente, uma vez que imagens da cidade urbana auxiliam na construção e na reconstrução da memória individual, mas principalmente coletiva.

Este artigo propõe compreender como se dá a construção de narrativas a partir de fotografias do espaço urbano de Belém. Neste momento, em que se aborda, especificamente, o elo entre imagem e memória, é justo que apareça a contribuição de Paul Ricoeur (2008, p. 61) que, na sua obra *“A memória, a história, o esquecimento”*, nos provoca: “é a lembrança uma espécie de imagem?”.

A fotografia é, um resíduo do passado e um testemunho visual, afirma Kossoy (2001). Segundo este autor, a fotografia é um “documento visual” detonador de emoções que traz em si emoções de toda sorte, pois

despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimentos e informação para outros que observam livres de paixões, estejam eles próximos ou afastados do lugar e da época em que aquelas imagens tiveram origem. (KOSSOY, 2001, p. 28).

Desta forma, pode-se dizer que a imagem fotográfica está ligada às narrativas que se faz do passado, pois, segundo Barthes (1984) quando uma pessoa ou até mesmo grupos sociais são capazes de reconhecer numa fotografia o “isto foi”, o “isto era”, presentes em uma imagem fotográfica, estão ancorando-se num referente comum para construção de sua própria história.

Quando se fala em fotografia como suporte de memória social, é necessário ressaltar que ela funciona como uma espécie de fragmento do tempo que foi congelado e que está arraigado de lembranças relevantes para quem está nela, o que não exclui a possibilidade de trazer significados para quem não se faz presente naquela imagem.

Memória e imagem, assim estão relacionadas, mas a construção da memória não se dá de maneira isolada nem a partir de um único momento fixado no tempo, pois como diz o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), nunca estamos sós.



A memória guarda, além de histórias, significados que são construídos ao longo de nossa existência. Maurice Halbwachs, que, segundo Cordeiro (2013, p. 102) foi fortemente influenciado por Durkheim (fatos sociais), trata da memória como um fenômeno social, assim, afirma, em sua obra dedicada ao tema “*A memória Coletiva*”, que a memória individual depende das relações que estabelecemos com os grupos sociais em que circulamos (família, igreja, profissão, etc..), uma vez que “o maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam” (HALBWACHS, 1990, p.55).

A memória individual sofre, portanto, diferentes influências sociais e por isso é um fenômeno eminentemente coletivo. Essa abordagem halbawchsiana da memória como um fato social, descarta a possibilidade de a memória ser um fato puramente individual, ou seja, o indivíduo, sozinho, isolado, não forma lembranças ou, de outra forma, não as sustentaria por muito tempo, pois necessitaria do testemunho, ou testemunhos, dos outros para formatá-las e alimentá-las.

De acordo com essa perspectiva,

nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Cabe destacar aqui a relação com a fotografia, uma vez que, para Halbwachs (1990), no trecho acima, não há necessidade de testemunhos no sentido literal, ou seja, testemunhas presenciais em um dado momento para que ele tenha de fato existido. Neste sentido, nos bastaria olhar uma imagem, uma fotografia de um acontecimento, daquele instante capturado pelas lentes de uma câmera, para que uma lembrança fosse confirmada, e, assim, uma memória construída sem que estivéssemos lá. A fotografia, assim, se constituiria uma evidência de que certo evento aconteceu, corroborando com o que diz Barthes em “*Câmera Clara*” (1984):



na fotografia jamais posso negar que a coisa esteve lá. Há dupla posição conjunta: de realidade e de passado. E já que essa coerção só existe para ela, devemos tê-la, por redução, como a própria essência, o noema da Fotografia. (...) O nome do noema da Fotografia será então: '*Isto Foi*' ou ainda: o Intratável. Em latim (pedantismo necessário porque esclarece nuances), isso seria sem dúvida: *interfuit*: isso que vejo encontrou-se lá, nesse lugar que se estende entre o infinito e o sujeito; ele esteve lá, e todavia de súbito foi separado; ele esteve absolutamente, irrecusavelmente presente, e no entanto já diferido (BARTHES, 1984. p.115-116)

Para Halbwachs (1990), a lembrança, é reconhecimento e reconstrução que dependem da existência de um grupo de referência, a família, um grupo de amigos, por exemplo. É reconhecimento, porque traz consigo o sentimento do *déjà vu* e é reconstrução por ser, não uma repetição, mas um resgate de acontecimentos e vivências:

Temos frequentemente repetido: a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além, disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores. (HALBWACHS, 1990, p. 71).

Fica claro que, por essa via, Halbwachs (1990), amarra a memória individual à memória de grupo e esta, à memória coletiva de cada sociedade. Apesar disso, o sociólogo francês não descarta a importância da memória individual, pois é preciso um mínimo de concordância entre as lembranças dos indivíduos para que elas possam se complementar, formando uma espécie de arquivo comum de recordações.

Diante do que foi exposto, fica evidente que existe relação estreita entre construção de memória e fotografia como suporte da memória coletiva.

3 MEMÓRIA E NARRATIVA

Narrar é uma forma de lembrarmos o passado, de contar as histórias que vivemos, as que presenciamos, as que ouvimos no decorrer de nossas vidas. O narrar histórias faz parte da natureza humana. Segundo Motta (2013), citando



Bruner, como seres humanos têm aptidão “cultural, primitiva e inata” e a utilizamos para compreender o mundo de forma narrativa.

Inúmeros são os estudiosos que têm se dedicado ao estudo da narrativa e sua relação com a memória. Halbwachs (1990), por exemplo contou inúmeras histórias de sua vida e de amigos próximos para melhor ilustrar sua teoria dos quadros sociais. Se mais longe se for na história, as pinturas rupestres, pertencentes à várias civilizações, encontradas nas cavernas, narram histórias das divindades, das colheitas, dos rituais, entre outros.

No Brasil, Ecléa Bosi (1994) entrelaça o narrar e o lembrar inspirada principalmente na obra de Bergson, Halbwachs e Barlett. Em “*Memória e sociedade*”, publicado em 1994, a autora parte das narrativas de velhos, como ela mesmo os chama, e percebe como as vozes presentes nessas narrativas reverberam também as vozes dos grupos sociais em que aqueles sujeitos estavam inseridos, e no quanto elas também pertencem a uma memória histórica.

Inerente à nossa condição humana, a narrativa, sobretudo a partir da década de 80, tem sido investigada por campos do conhecimento que vão além da teoria literária. Novos horizontes se abrem para as investigações que enfatizam o seu caráter social, discursivo e cultural. Nesse sentido, Jerome Bruner (1997), confere à narrativa papel fundamental nos estudos sobre a mente, pois, segundo ele, o que vivemos é organizado e construído obedecendo às regras da narrativa como a sucessão de acontecimentos, o tempo, o espaço, múltiplas interpretações, pontos de vistas e que

a forma típica de esquematização da experiência (e a memória que temos dela) é a narrativa, e Jean Mandler nos fez o serviço de reunir evidências mostrando que o que não se torna estruturado narrativamente sofre perdas de memória. A esquematização busca experiências na memória, onde, como sabemos desde os estudos clássicos de Barlet, ela é sistematicamente alterada para se adaptar às nossas representações canônicas do mundo social ou, se ela não puder assim alterada, é esquecida ou reforçada em sua excepcionalidade. (BRUNER, 1997, p. 54-55)



A narrativa é, portanto, definida como estruturadora de nossas experiências e das memórias que temos dessas experiências, o que corrobora com o que Walter Benjamin (1985), afirma, em “O narrador”, que quem narra recorre sempre a um acervo de experiências vividas que ou são suas ou foram relatados por outros e, que ao narrar essas histórias, as torna experiências daqueles que estão ouvindo. Assim, acaba por conferir à narrativa um caráter integrador e como um mecanismo de comunicação de experiências humanas.

Estudos no âmbito histórico-cultural do desenvolvimento humano, voltam-se para a narrativa como objeto de análise da constituição da memória e da identidade. Sendo a identidade uma construção social, é a memória que permite que o sujeito narre a si mesmo a partir das experiências compartilhadas no grupo que pertence, o que leva Candau (2008, p.138) a afirmar que

não pode haver identidade sem memória (assim como lembrança e esquecimento) porque somente esta permite a autoconsciência da duração. (...) Por outro lado, não pode haver memória sem identidade, pois o estabelecimento de relações entre estados sucessivos do sujeito é impossível se este não tem a priori um conhecimento de que esta cadeia de sequências temporais pode ter significado para ele.

Essa afirmação reforça, mais uma vez, que a memória coletiva tem papel preponderante na formação da identidade de um sujeito que pertence a um grupo com o qual compartilha um passado comum.

A partir dessas considerações sobre a relação de que sujeito (identidade) e memória constituem-se num processo narrativo, é possível vislumbrar que o estudo narrativo vai além dos estudos da teoria literária.

4 FOTOGRAFIA, CIDADE E MEMÓRIA

Com a popularização da fotografia, as cidades logo se tornaram objetos dos fotógrafos, mas antes disso, o francês Joseph Nicéphore Niépce, em 1826, da janela de sua residência, na pequena cidade francesa Saint-Loup-de-Varennes, registrou uma paisagem de edifícios, portanto, segundo Cavenaghi (2008, p. 9), a fotografia uma mais antiga do mundo é de uma cidade.



A cidade, é uma sobreposição de histórias e memórias. Olhar a imagem de uma cidade, caminhar pelas ruas de uma cidade com um olhar mais atento, sempre nos fará querer decifrar as memórias experienciadas ali, é como um texto a ser lido.

Ferrara (2004, p. 29), afirma que imagem e espaço estão intrinsecamente vinculados ao tempo, e compreender este vínculo é indispensável para a comunicação e para a cultura, uma vez que é “a dupla face espaço-tempo é a unidade que nos permite entender comunicação como fluxo cultural”. A imagem da cidade torna-se, portanto, mediadora das percepções que se tem sobre determinado espaço citadino, é necessário, assim, ler a cidade como um texto vivo e dinâmico que se relaciona com o tempo, a memória, mas também com o esquecimento, estabelecendo, desta forma, uma conexão comunicativa entre o presente, o passado e, porque não, o futuro.

Sobre a cidade ser um organismo vivo, em constante movimento, Silva (2016, p. 11)), historiador paraense, afirma que “a construção de uma cidade é contínua, viva, pulsante. Cada passo que damos, circulamos e entramos em uma espiral do tempo. Visitamos o passado e reconstruímos nosso presente.”

A relação fotografia, cidade e memória pode ser feita sob diversas abordagens: urbanistas, geógrafos, antropólogos, semiólogos buscam estreitar, em seus estudos, esta relação, aparentemente, evidente. Aqui, neste artigo, será considerado o vislumbre da cidade como um texto, não exclusivamente verbal, mas onde podem ser lidos os registros das experiências de seus habitantes.

Halbwachs (1990), para explicar como o nosso entorno material guarda tanto nossas marcas individuais quanto coletivas, utiliza o espaço doméstico como exemplo. A forma como os móveis e os objetos são dispostos numa casa, demonstram como isto nos remete às lembranças de nossos amigos e familiares que “víamos naquele quadro”. Esta análise se estende, posteriormente para o espaço urbano, ao afirmar que a memória se apoia nas pedras da cidade:

quando um grupo humano vive muito tempo em um lugar adaptado aos seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos, se regulam pela sucessão de imagens que lhe representam os objetos exteriores. Elimina agora parcialmente ou



modificai em sua direção, sua orientação, sua forma, seu aspecto, essas casas, essas ruas, essas passagens, ou mudai somente o lugar que ocupam um em relação ao outro. As pedras e os materiais não vos resistirão. Mas os grupos resistirão, e, deles, é com a própria resistência, senão das pedras, pelo menos de seus antigos arranjos na qual vos esbarreis. (HALBWACHS, 1990, p. 136).

Isso demonstra como as imagens de determinado espaço dentro da cidade desempenha papel decisivo na construção da memória coletiva.

Nesse sentido a rede social Instagram, lançado em 2010, criado inicialmente para compartilhar fotografias¹²⁶, pode ser considerado como espaço de criação e construção de memória. Inúmeras são as contas dedicadas à publicação de fotografias de cidades (urbanas ou rurais) que remetem os seus seguidores à décadas, séculos atrás, isto porque, além da possibilidade do registro da vida cotidiana, o Instagram permite a seus usuários visitar espaços que nunca visitaram, viver ou reviver memórias que não são suas e, nessa interação, construir memórias sobre determinado lugar, pois, assim como afirma Halbwachs (1990), nossas lembranças apoiam-se também sobre a dos outros, assim, ainda que não tenha estado naquele lugar, quando por ali passar,

mesmo que eu não tivesse caminhado ao lado de alguém, bastaria que tivesse lido as descrições da cidade, compostas de todos esses pontos de vistas. (...) Diremos que desse passeio eu não possa guardar senão lembranças individuais, que não sejam senão minhas? Não obstante, passei só somente na aparência. (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Assim, o Instagram tornou-se não apenas uma plataforma de narrativas cotidianas do presente apoiadas em imagens, mas também um espaço em que memórias podem ser construídas e narradas tendo a fotografia como suporte, um pouco como os álbuns de família que guardam lembranças, esta rede social permite acesso e compartilhamento de narrativas diversas a qualquer hora, em qualquer lugar.

Portanto, o painel de imagens fotográficas criado no Instagram, permite a seus usuários, vislumbrar e desvelar narrativas sobre diversos espaços citadinos

¹²⁶ Atualmente é possível o compartilhamento de vídeos de até dez minutos e de até uma hora para contas verificadas (com selo de autenticidade) que, normalmente pertencem a uma figura pública.



em contas dedicadas à publicação e compartilhamento imagens que os remetem ao passado, não apenas de forma nostálgica, mas como forma de certificação de que ali, aquele lugar capturado por um olhar fotográfico, seja amador ou profissional, “foi”, ali “era”, ali “existiu”, mas sobretudo que ali “há” experiências vivenciadas que são narradas tendo a fotografia como suporte da memória narrativa.

5 FOTOGRAFIA COMO SUPORTE DE MEMÓRIA NARRATIVA

Para analisar de que forma se constroem as narrativas a partir de fotografias de espaços urbanos, foram observados comentários de fotografias publicadas na conta do Instagram @nostagiabelém. Esta conta foi criada em março de 2013 no Instagram, pelo publicitário Robson Santos, motivado pela curiosidade em saber como eram as ruas ou os antigos estabelecimentos de Belém.

A conta do Instagram, até o dia 07 de junho de 2020, possuía 92 200 seguidores e mais de 3 mil publicações. O perfil é colaborativo, uma vez que, além do acervo pessoal do administrador da conta, os seus seguidores também enviam fotografias, vídeos e alguns documentos para serem publicados pelo publicitário e comentados por outros usuários. As fotografias selecionadas pelo administrador da conta são publicadas semanalmente e, além das fotografias na página principal, publica *stories*¹²⁷ com imagens (fotografias, imagens de jornais, documentos antigos) também enviadas por seus seguidores.

Para esta análise, foi escolhida a fotografia publicada no dia 27 de abril de 2020. A fotografia, traz a Travessa 25 de setembro (atual Avenida Rômulo Maiorana), no final dos anos 80, segundo o seguidor Rafael Silva, que enviou a fotografia para a conta @nostagiabelém. A escolha se deu, pois, entre as fotografias publicadas em datas anteriores, esta foi a que possuía maior número

¹²⁷ O Stories é um recurso incorporado em 2017 ao Instagram. Trata-se de um modelo de “ephemeral messaging”, um armazenamento temporário em que as imagens se apagam, automaticamente, em 24 horas após publicadas



de comentários (excluindo-se, reações com emojis¹²⁸ e marcações de outros usuários) que relacionavam imagem do espaço urbano e construção de narrativas.

Imagem 01: Avenida Rômulo Maiorana (até a década de 90, conhecida como Travessa 25 de setembro), com Trav. Perebebuí (atrás do Bosque). Final da década de 80.



Crédito: Rafael Silva. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/B_gJ216D9f5/?igshid=720apfhch9yl> Acesso: 30 abril 2020.

A fotografia escolhida teve mais de 2 400 curtidas¹²⁹ e reações. Entre essas reações estão, além dos comentários que narram as lembranças sobre aquele espaço urbano, há emojis, marcação de outros usuários do Instagram e elogios a publicação.

Assim, foram analisados 49 comentários de uma das fotografias publicadas no perfil supramencionado, identificou-se que,

Dados sobre reações à publicação

Tipos de comentários	Número absoluto	Percentual
Reações positivas	12	24,5%

¹²⁸ Termo criado em 1995, segundo Gláucio Henrique Matsushita Moro, por Shigetaka Kurita, da junção de dois termos em japonês: “e” (que significa “imagem”) e “moji” (que significa “letra”).

¹²⁹ Curtir uma fotografia no Instagram significa apreciar positivamente aquela publicação, sem necessariamente, tecer algum comentário.



Marcação de outros usuários	6	12,24%
Respostas aos comentários de outros usuários	9	18,36%
Memórias do espaço urbano	22	44,9%
Total:	49	100%

Fonte: elaborado pelas autoras.

As “reações positivas” tratada acima, relaciona os elogios recebidos pela publicação da fotografia, seja de forma escrita, propriamente dita, ou através de emojis. A “marcação de outros usuários”, citava apenas alguém que se esperava alguma forma de interação a partir da fotografia (comentar, curtir, compartilhar).

Já na categoria “repostas dadas aos comentários de usuários” percebeu-se que, ao interagirem uns com os outros, contribuindo com alguma informação, os seguidores da conta, ratificavam lembranças suscitada por aquela fotografia.

Essa “conexão comunicativa”, como afirma Ferrara (2004, p. 30) ocorre não apenas pelas lembranças compartilhadas pelos interlocutores, mas também das inferências que “estabelecemos entre imagem e experiência como elementos estimuladores e identificadores da ação para atingir o ápice comunicativo que é a produção da informação”.

Na categoria “memórias do espaço urbano”, foram classificados os comentários em que não houve interações com outros seguidores, ou seja, os usuários reagiram apenas em resposta à publicação da foto e não a outras narrativas que dela surgiram.

Assim, no geral, percebeu-se que, do total geral, 63,26% dos comentários e respostas à fotografia publicada estão relacionadas às memórias sobre o espaço urbano. Neste universo, notou-se que muitos e se relacionam ao pertencimento, à infância e às lembranças do que existe ou existiu naquele espaço urbano.

Imagem 02: Pertencimento e lembrança do espaço urbano.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

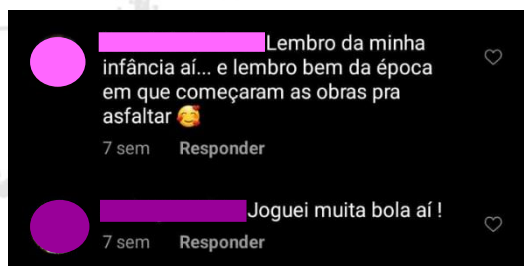
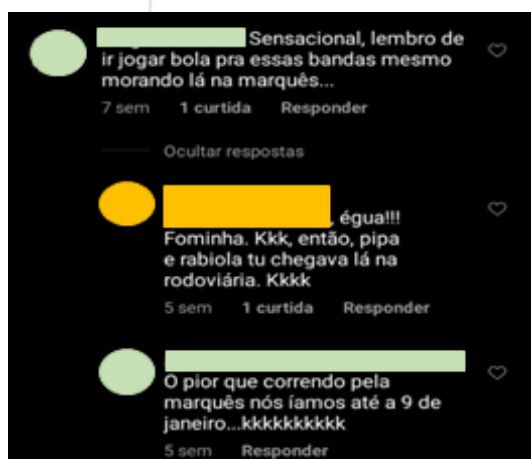


Imagem 03: Resposta a comentários de outros usuários.



Nota-se que os comentários trazem marcas linguísticas em suas narrativas relacionadas ao passado. Isso ocorre porque a relação afetiva com o espaço urbano, inegavelmente, contribui para a construção de narrativas, sobretudo quando se leva em consideração a construção da memória coletiva em que as lembranças dos outros contribuem e corroboram para a construção de narrativas sobre aquele espaço e sobre qualquer outro espaço dentro da cidade.

A leitura que alguns usuários fazem do espaço urbano fotografado corroboram para a ativação de memórias individuais sobre aquele espaço, e, reflete como se dá a construção da memória coletiva e o sentimento de pertencimento àquele lugar:

Imagem 04: referência à infância

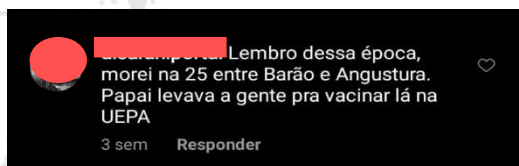


Imagem 05: referência à infância



Nota-se que a leitura que alguns usuários fazem do espaço urbano fotografado corroboram para a ativação de memórias individuais sobre aquele espaço, e, reflete como se dá a construção da memória coletiva e o sentimento de pertencimento àquele lugar.

Os comentários relacionados ao pertencimento estão relacionados à memória afetiva, mais especificamente, às memórias de infância, conforme se viu. Interessante notar que esses comentários são os que mais aparecem para relacionar a imagem à urbanização do lugar. As pedras da cidade, como diz Halbwachs (1990), movimentaram-se, as memórias relativas àquele lugar, no entanto, permanecem, se constroem e reconstroem num processo interacional entre os seguidores do perfil @nostagiabelem que teceram comentários sobre aquela fotografia:

Imagem 06: referência à urbanização.

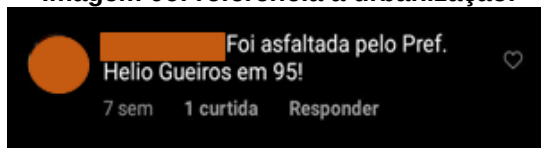
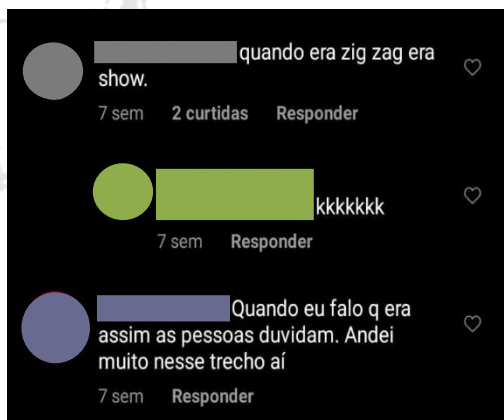


Imagem 07: referência à urbanização



Reforçar-se assim, o que Halbwachs (1990) afirma sobre a memória coletiva ser uma representação do passado a partir do presente compartilhado por membros de um grupo.

Barthes (1984), afirma que a fotografia não fala daquilo que não é mais, fala apenas daquilo que com certeza foi. Isso porque, como foi dito anteriormente, a fotografia é constatativa, e esta constatação incide sobre o passado, assim, diante de uma fotografia, não há como negar o que de fato esteve ali, ainda que não faça parte de nossa memória individual, ela pertence à memória de outros membros do grupo.

Diante da fotografia de uma cidade (urbana ou campestre) fica evidente a existência de uma sobreposição de memórias em que o tempo é desconstruído e lacunar, ou seja, não segue uma sucessão canônica, por assim dizer, dos eventos que tiveram aquele espaço como cenário. Apesar disso, nota-se que as memórias se encontram em vários comentários, alinhavando-se numa tessitura de presenças e ausências (“era”, “íamos”, “existia”, “foi”) que reconstituem uma espécie de mapa afetivo traçado a partir de vestígios de lembranças individuais, mas também coletivas.

A ativação de lembranças e memórias a partir de uma fotografia, sobre a criação de narrativas biográficas, isto é, ao ler uma imagem, as pessoas narram histórias sobre si, sobre suas vivências e ao contar histórias vividas, articulam passado e presente, o que ali esteve ao que ali está, e a narrativa está ligada a esse ir e vir no tempo.



Dessa forma, é possível perceber que as narrativas memoriais sobre o espaço urbano de Belém, dos seguidores da conta @nostagiabelém se constroem a partir de memórias suscitadas pelas imagens fotográficas ali publicadas. Essas imagens provocam nos seguidores, além da nostalgia de rememorar o passado, o de, segundo Barthes (1984, p. 123), atestar o passado, de ratificar que o que se vê ali naquela fotografia, de fato existiu.

A imagem fotográfica como suporte de memória demonstra que as significações de uma fotografia não estão nela mesma. Essas são exteriores. São possíveis diversas narrativas a partir de uma única fotografia, como se viu na imagem escolhida para análise. Narrativas que remetem à “nostalgia prussiana”, citada por Barthes (1984), mas sobretudo, “as pedras da cidade”, que segundo Halbwachs (1990), sustentam a memória coletiva sobre determinada localidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade tem sido objeto dos fotógrafos desde o surgimento da técnica fotográfica. O registro da cidade em imagens fotográficas é uma forma de narrar as modificações por que passou determinado espaço, seja urbano seja campestre. Em contato com imagens do passado, os indivíduos rememoram suas experiências individuais e constroem suas narrativas memoriais.

Após a análise dos dados, notou-se que, na conta do Instagram Nostalgia Belém, as interações entre os seus seguidores demonstram que as narrativas memoriais sobre a cidade dos seguidores desta conta se constroem a partir da imagem, mas também a partir de ratificações e de lembranças narradas por outros seguidores e que os comentários relacionados às lembranças suscitadas pela fotografia publicada em 27 de abril de 2020, em que se vê a atual Avenida Rômulo Maiorana, estão associadas tanto à questão da urbanização quanto às lembranças afetivas relacionadas à infância. Assim, a fotografia, neste caso específico, mostra-se como um suporte não apenas de memória nostálgica, mas



também de narrativas sobre a cidade e seus espaços que se constroem a partir de fotografias e que são ratificadas ou complementadas por outros usuários.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo. Paulus, 2014.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A imagem midiática**. Revista da Fapcom v3 nº 5 2019. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/90/84> Acesso: 27 abril 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo. Edições 70, 2011.

BARRETO, Maria Cristina R. Retratos da Cidade: a construção da memória urbana através da fotografia – caminhos metodológicos. **Revista De Ciências Sociais – Política & Trabalho**, 8. p. 33. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6354>. Acesso em: 01 maio 2020.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Tradução: Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Lisboa, Edições 70, 1987.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa** et al. Tradução: Maria Zélia Barbosa Pinto. 7ª ed. Petropolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2011.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador** – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo. Editora da USP, 1994.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Tradução: Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo. Contexto, 2008.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Cidade e Imagem**: entre aparências, dissimulações e virtualidades. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Volume 1: p. 21-32, janeiro/junho 2004.



FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Cultura como comunicação informal**. In: Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_734.pdf . Acesso: 23 maio 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffer. São Paulo. Revista do Tribunais LTDA, 1990.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História** – São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MORO, Gláucio Henrique Matsushita. Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 17, n. 43, p. 53-70, set. /dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22552> Acesso 18 jun 2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 2013.

RICOEUR, Paul. **A Memória, A História, O Esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas: UNICAMP, 2008.

SILVA, Michel Pinho. Entre o esquecimento e a história. **Revista Circular**, Belém, p. 10 - 11, 01 abr. 2016.



LEITURA LITERÁRIA NA CONTEMPORANEIDADE: FRAGILIDADES E RELEVÂNCIA¹³⁰

Márcia Nemer Furtado¹³¹

Paulo Nunes¹³²

Resumo: O objetivo do artigo é analisar as fragilidades e relevância envolvidas na leitura literária contemporânea. O contexto literário associa-se, hoje, à contradição entre o reconhecimento de sua importância para o desenvolvimento sociocultural e psicoemocional do ser humano e à desvalorização da literatura, ameaçando seu potencial libertador. Do ponto de vista das opções teórico-metodológicas, fazemos uso da abordagem: levantamento bibliográfico e documental. O cumprimento do objetivo delimitado foi realizado por meio da leitura, principalmente, da obra *Por que é importante ler literatura*, além de outros livros e artigos relacionados ao tema. A pouca importância dada à literatura é fruto da crise em que vive a própria sociedade capitalista que é desigual e geradora das desigualdades existentes. O acesso à literatura é fundamental para a compreensão dessas desigualdades e para libertarmos-nos de nossas amarras, tornando-nos mais donos de nós mesmos.

Palavras-chave: Literatura. Contemporaneidade. Fragilidades. Relevância.

LITERARY READING IN CONTEMPORARY TIMES: FRAGILITIES AND RELEVANCE

Abstract: The aim of the article is to analyze the fragilities and relevance involved in contemporary literary reading. The literary context is today associated with the contradiction between the recognition of its importance for the sociocultural and psychoemotional development of the human being and the devaluation of literature, threatening its liberating potential. From the point of view of the theoretical-methodological options, we make use of the focus of the bibliographic and documentary survey. The fulfillment of the delimited goal was achieved through the reading, mainly, of the work *Porque é importante ler literatura*, in

¹³⁰ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, Semiótica, Linguística e Psicologia do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹³¹ Professora de Sociologia – Seduc. Mestrado em Gestão Pública – Naea na Universidade Federal do Pará. Cursa doutorado na em Comunicação, Linguagens e Cultura da Unama E-mail: mnemerf@yahoo.com.br

¹³² Professor titular da Unama, atuando na Graduação em Letras e no mestrado e doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura. Integra os seguintes grupos de estudos e pesquisas: *Narramazônia*: narrativas contemporâneas da Amazônia paraense (UFPA/Unama); *Academia do Peixe Frito* (Unama/UFPA); *Cuma*: Estudos, Pesquisas Culturais e Memórias Amazônicas (Uepa), *Makunaíma*: Literatura Latino Americana (UFPA) e *Estradas de Ferro Belém Bragança*: sujeitos memórias e interações comunicacionais na Amazônia paraense (UFPA); é curador do Acervo Dalcídio Jurandir, Projeto Moronguetá (Fórum Landi, UFPA).



addition to other books and articles related to the subject. The little importance given to literature is the result of the crisis in which capitalist society itself lives, which is unequal and generates existing inequalities. Accessing literature is fundamental in order to understand these inequalities and to free ourselves from our chains, becoming owners of ourselves.

Keywords: Literature. Contemporaneity. Fragilities. Relevance.

LECTURA LITERARIA EN LA CONTEMPORANEIDAD: FRAGILIDADES Y RELEVANCIA

RESUMEN: El objetivo del artículo es analizar las fragilidades y relevancia involucradas en la lectura literaria contemporánea. El contexto literario se asocia hoy a la contradicción entre el reconocimiento de su importancia para el desarrollo sociocultural y psicoemocional del ser humano y la devaluación de la literatura, amenazando su potencial liberador. Desde el punto de vista de las opciones teórico-metodológicas, hacemos uso del enfoque de la encuesta bibliográfica y documental. El cumplimiento del objetivo delimitado fue logrado por medio de la lectura, principalmente, de la obra *Porque é importante ler literatura*, además de otros libros y artículos relacionados al tema. La poca importancia dada a la literatura es fruto de la crisis en la que vive la propia sociedad capitalista, que es desigual y generadora de las desigualdades existentes. El acceso a la literatura es fundamental para la comprensión de estas desigualdades y para liberarnos de nuestras ataduras, volviéndonos más dueños de nosotros mismos.

Palabras-clave: Literatura. Contemporaneidad. Fragilidades. Relevancia.

1 INTRODUÇÃO

Acorda! Já é dia e o teu destino
é fazer teu destino caminhando!
Tu és, ao mesmo tempo, oleiro e barro;
Tu és, num só momento, o boi e o carro!
Acorda! O tempo urge...Tu não sabes
que deténs as rédeas da ação? [...]
(SIQUEIRA, 2020)

O poema *O Oleiro e o Barro*, de Siqueira (2020), poeta marajoara, é um chamamento para que os oprimidos sejam condutores de sua própria vida: um convite à luta pelo reconhecimento do homem como sujeito de sua própria história. O excerto do poema ajuda-nos a compreender que se uma parte da nossa formação depende da sociedade, outra parte depende de nós. Em outros



escritos o autor destaca a função da arte contida na literatura como contribuinte ao processo de ‘acordar’ e lutar por uma sociedade que não aprisione nossa vida e nossa liberdade. Daí a literatura ser tão temida nas escolas, nas periferias, nos guetos, por exemplo. Embora aqui se priorize a leitura da “letra literária”, vale lembrar que a própria metáfora do oleiro e do barro, criada por Juraci Siqueira, remete à ideia da literatura oral e artesanal de Walter Benjamin (1994) em “O Narrador na obra de...”, o que significa dizer que não estamos indiferentes à “literatura da voz”, o que para os ortodoxos seria uma sacrilégio, uma vez que literatura para estes é sinônimo de letra.

A literatura sempre se instituiu como espaço de resistência, muito embora o acesso a ela tenha sido restringido a um pequeno grupo. Conforme Caldin (2003), a leitura, decorrente da necessidade da expansão do conhecimento por parte da burguesia, socializou o conhecimento, não mais se restringindo a uma classe privilegiada: a aristocracia. A ausência do domínio da leitura foi um dos elementos que impossibilitou o contato entre as classes subalternas e a literatura que nos instrui a perceber o que acontece ao nosso redor. Em oposição a tal ausência, afirma Candido (2004, p.186) que a literatura corresponde a “[...] uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza.”

Considerar a literatura um direito universal (CANDIDO, 1995), impõe que todas as gerações devam ter acesso ao ensino literário, muito embora percebamos que sua presença na escola seja cada vez mais escassa, atrelada, sobretudo, ao ensino da disciplina Língua Portuguesa, restringindo, assim, as potencialidades interdisciplinares da literatura. Assim, reconhecendo a importância da literatura na formação humana e no desenvolvimento pleno do sujeito, apresentamos a seguinte problemática: Qual a relevância da literatura na sociedade contemporânea? Decorre, daí, o objetivo deste artigo: analisar as fragilidades e relevância envolvidas na leitura de literatura, objetivo a ser realizado por meio da análise dos escritos de autores que escrevem acerca da temática.



No que tange nossa metodologia, Lakatos e Marconi (1992, p. 44), destacam que a pesquisa bibliográfica é o “[...] primeiro passo de toda pesquisa científica” e que esta tem como finalidade “[...] colocar o pesquisador em contato com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto”. Ainda que não seja possível alcançar o ‘tudo escrito’, nos esforçamos em uma tentativa de compreender melhor a importância da leitura literária e a situação do acesso a esse tipo de leitura. Manzo (1971) contribui afirmando que a pesquisa bibliográfica possibilita o levantamento das produções desenvolvidas sobre o tema e “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram” (p. 32).

2 POR QUE É IMPORTANTE LER LITERATURA?

Tecendo considerações acerca do escrito por CASER e SOUZA (2015) e colaboradores em *Por que é importante ler literatura*, nos esforçamos para compreender a relevância da leitura de literatura para o desenvolvimento intelectual e formação da humanidade. Em consequência, teremos a possibilidade de ampliar nossas próprias considerações, fazendo a tentativa de analisar dialeticamente os autores aqui considerados.

Biancardi (2015) indica que, no decorrer da história da humanidade, tanto a função da leitura como a maneira de ler literatura vêm se modificando e os textos literários serviram a diversos fins sendo utilizados de diversas maneiras. Apesar das ameaças de destruição, as diferentes narrativas, gêneros e temas literários sobreviveram, formando uma corrente de interpretações do mundo pela palavra e contribuindo para que os leitores tenham sua própria leitura da vida ao invés de se deixarem manipular pela concepção de mundo alheias a seus interesses. No mesmo caminho, Pereira Filho (2015) defende a ideia de que a ausência do hábito de ler e o frágil contato com textos literários impedem a formação do cidadão em vários de seus aspectos: pessoal, profissional e acadêmica. Isso se deve ao fato de que a leitura de obras literárias tem se



restringido ao espaço da sala de aula, limitando, assim, o prazer e o conhecimento mais profundo do mundo literário já que a leitura de literatura propicia um maior contato com a nossa cultura e a de outros povos.

Segundo Oliveira (2015), o fortalecimento da língua, as projeções das produções culturais de um povo ocorrem por via de uma leitura do mundo que trata da representação desse mundo. Nessa perspectiva, a criação literária é fundamental para essa aproximação do leitor com os valores culturais, identitários e linguísticos, haja vista a literatura contribuir para o crescimento do pensamento estético do leitor e, bem como, para o da sua capacidade de erudição e destreza linguística. Dessa maneira, ler um texto literário proporciona a aquisição de hábitos de leitura intercultural que permitem ao leitor escrever suas próprias leis, enfrentar hostilidades e descobrir sua identidade cultural.

Conforme Souza (2015), a leitura é fundamental às análises geográfica, histórica, política, artística e literária, possibilitando o desenvolvimento da capacidade do ser humano de atribuir sentido e de decidir diante dos fatos, de pensar e de interagir socialmente. Do mesmo modo, é indispensável à organização de relações sociais mais justas e à contribuição com a construção de uma sociedade menos limitada e escravizada, em outras palavras: mais humana. Com destaque a leitura literária, podemos pensar que, no interior desse processo, “A literatura é cenários humanos que se recortam e entrecruzam” (SOUZA, 2015, p. 90), não se sabe onde e como se fazem ou desfazem, onde começa ou termina ou porque se multiplicam e emergem. Por isso, ainda conforme o autor, a literatura não tem função, não se encerra em si mesma, não estando sua importância em sua essência, mas naquilo em que a tornamos (SOUZA, 2015).

Padilha (2015) defende que a importância da literatura está em seu caráter paradoxal em vista desta tecer um diálogo com o mundo que contraria seus princípios orientadores, além de contrariar o próprio paradoxo, uma vez que, apesar de sua desvalorização, a literatura se revela indispensável a muitos. Esta contradição, integrante da vida e da literatura, no interior de uma única



pulsção, pois suspender o olhar sobre a realidade, concentrando-o no texto literário, é uma das formas de compreensão da própria realidade.

Herkenhoff (2015) cita Candido para afirmar que a literatura corresponde a uma necessidade universal, pois, o leitor, ao ler um texto literário, cria um mundo dando forma aos sentimentos e à visão que o constituem. A literatura nos humaniza na medida em que organiza nossas criações e, conseqüentemente, nos liberta do caos interior que nos atormenta. Bergamini (2015) contribui dizendo que a importância de ler literatura passa pela experiência própria do leitor e do texto literário escolhido. Isso porque sempre haverá um elemento novo capaz de prender o leitor às narrativas literárias. O autor diz, ainda, que “Ler literatura é, então, o passaporte para essa viagem rumo ao desconhecido [...] ler é importante sim, mas, ler literatura tem um gosto todo especial” (BERGAMINI, 2015, p.63). Assim, o texto literário, com suas várias vozes, multiplica as possibilidades de comunicação e descrição do mundo, transformando cada narrativa em um mundo novo. Ao final, essas várias dimensões se unem e compõem uma diversidade de experiências extraordinárias e divertidas: “Ele cria ao sabor de uma imaginação sem fronteiras e consegue encantar ainda mais o leitor de sua obra” (BERGAMINI, 2015, p.64).

Costa (2015a) defende a leitura literária como forma de escapar à morte metafórica. O analfabetismo é, considerando-se o domínio da cultura letrada nas sociedades urbanas, uma espécie de apagamento metafórico, pois o sujeito não letrado tende a se amofinar, vivendo à margem de um sistema em que não consegue expressar-se integralmente. Nesse contexto, a literatura – e a literatura oral pode, em certas circunstâncias, ganhar força – seria uma maneira de revitalização da língua e, conseqüentemente, da vida. É discurso renascido em cada obra que transcende a morte e redescobre pela intervenção da palavra a dinâmica da força poética da literatura. Nas palavras do autor: “Os porquês de lermos e de integrarmos em nós a literatura variam. O que não muda é a certeza de que a ausência de literatura provoca nas pessoas a morte de suas qualidades mais nobres e mais humanas” (COSTA, 2015, p. 74).



Sodré (2015), citando sua própria experiência, afirma que o texto literário propicia, a quem o lê, a chance da elaboração de suas vivências, valores e de ruptura com sentimentos que aprisionam. Podemos dizer, assim, que mediante a leitura literária, as travas são quebradas; os preconceitos esvaziados; os receios diluídos, permanecendo a livre escolha. Entretanto, esse ato de libertação, de nos deixarmos levar por prosas ou versos tem-se tornado raro. Toscado (2015, pp. 112-113) destaca a importância da leitura literária:

A leitura literária é um instrumento valioso para a apropriação de conhecimentos relativos ao mundo interior e exterior. [...] desenvolver o hábito de leitura implica criar intimidade com a literatura; descobrir outros mundos, outras leituras que dialogam com a sua leitura, é desejar apoderar-se da cultura da história guardada pela escrita num livro qualquer. Então, por que não ler? Ler nos dias de chuva, ler quando o tédio tomar conta da existência, ler num dia de sol, ler na praia. Em qualquer momento, ler, apoderar-se de um bom romance, uma boa crônica, um conto.

Branco (2015) contribui com a discussão afirmando que vivemos um contexto social em que a vida e a arte são marcadas pela visualidade de um turbilhão de imagens prontas para serem divulgadas e assimiladas nos mais diversos meios digitais. Na contramão dessa visibilidade pronta, a literatura, assim como as mais diferentes formas artísticas, não fornece objetos visuais prontos ao leitor, contrariamente, “a literatura ultrapassa o sentido de imagem e chega à imaginação: a ação de criar imagem” (p. 129), pois essas construções constituem-se nas entrelinhas do texto, convidando o leitor a criar e recriar, isso, porque “O leitor transcende do passivo papel de receptor visual de imagens, para aquele que as cria, segundo o seu repertório cultural, impressões e memórias que lhe despertam o texto” (p. 129). E essas singularidades permitem ao leitor ocupar o papel de sujeito, capaz de agir e transformar o objeto observado, além de analisar de forma crítica seu meio individual ou social, dando a esse sujeito a possibilidade de reconstruir o objeto: “A literatura dá voz ao sujeito ao convidá-lo sempre a reescrever o texto lido, criando uma (re)escritura de autoria do sujeito-leitor-escritor” (BRANCO, 2015, p. 129). Pereira (2015) também assegura que a literatura é a arte em forma de linguagem escrita, pois, ela é capaz de propiciar um prazer inesgotável. Por isso, o texto literário, no ambiente escolar,



deveria ser utilizado com função totalizante, capaz de exprimir sentimentos transcendentais em relação às situações que, de lidas, passariam a vividas. É essa arte escrita e totalizante que faz a literatura ser tão importante.

De modo geral, todos os autores enfatizam características dos textos literários como caminho para a autoafirmação e para aproximação de valores identitários, culturais e linguísticos, que contribuem para a constituição de uma capacidade crítica e de um poder de decisão, interação, humanização, revitalização, criação, recriação, ação e libertação do ser humano.

3 AMEAÇAS À LEITURA LITERATURA NA CONTEMPORANEIDADE

A análise da literatura na contemporaneidade envolve um contexto de crise da leitura, de desprestígio da obra literária em detrimento dada cultura de massa, aos apelos tecnológicos que se opõem à natureza revolucionária da literatura. Até meados do século XX, a literatura era uma via privilegiada de acesso à cultura, sobretudo, à cultura erudita. Com a explosão das mídias e os avanços tecnológicos do mundo moderno, a diversidade de gêneros textuais cresce intensamente. Nesse contexto, a literatura sofre influências das demandas mercadológicas, objetivando atender a interesses do público consumidor.

Para Costa (2015b), a leitura é um facilitador do desenvolvimento intelectual. O hábito de ler cria no indivíduo a possibilidade de analisar e interpretar criticamente a diversidade social e, conseqüentemente, contribui com a formação de cidadãos com ideias próprias acerca dos problemas que envolvem sua realidade. Na contramão, temos uma geração de jovens despreocupados com as dimensões socioculturais que os envolvem, pois, com o avanço tecnológico, os mesmos têm se apegado ao que aparentemente é mais fácil, rápido e prático, menosprezando o desenvolvimento psíquico, social e crítico propiciado e provocado pela leitura. O Brasil é um exemplo de tal afirmativa sendo visível o fascínio pelas mídias e o desinteresse pelos textos literários e pela cultura nacional. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil indica



que “o tempo livre dos brasileiros está cada vez mais ocupado por uma variedade de atividades, com destaque em 2015 para o uso da Internet e outras atividades no computador ou no telefone celular” (FAILLA, 2018, p. 130). Subsídios de diferentes pesquisas evidenciam que a maioria da população não tem acesso à leitura literária haja vista 61% de crianças e de adolescentes brasileiros crescerem em uma situação de privação de cultura e, portanto, de leitura. De acordo com dados da UNICEF (2000):

2,8 milhões de meninos e meninas ainda estavam fora da escola (Pnad, 2015). E essa exclusão escolar tem rosto e endereço: quem está fora da escola são os pobres, negros, indígenas e quilombolas. Uma parcela tem algum tipo de deficiência. E grande parte vive nas periferias dos grandes centros urbanos, no Semiárido, na Amazônia e na zona rural. Muitos deixam a escola para trabalhar e contribuir com a renda familiar.

Corroboram a pesquisa dados de Azevedo (2020) indicando, ainda, que:

20,3% das crianças e adolescentes de 4 a 17 anos têm o direito à educação violado; 13,8% estão na escola, mas são analfabetos ou estão atrasados (privação intermediária). Além disso, indica que 6,5% estão fora da escola (privação extrema).

A pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (2018) indica que na idade entre cinco e vinte e quatro anos o gosto é o que impulsiona a leitura de livros e essas pessoas preferem o gênero conto. A maioria dos entrevistados pela pesquisa lê em casa; 25% leem na sala de aula e 19% em bibliotecas. Entre os que leem em bibliotecas, 14% leem em Bibliotecas da escola ou da faculdade, 8% em Bibliotecas públicas e 2% em Bibliotecas comunitárias, mantidas por moradores ou estabelecimentos. A ausência de biblioteca é indicada como um obstáculo à leitura por 12% dos entrevistados. E a principal forma de acesso dos entrevistados é pela rede pública escolar, enquanto 9% dos sujeitos têm acesso à leitura por intermédio das bibliotecas comunitárias. Outro dado importante é que apenas 44% da população brasileira é considerada leitora e o fator socioeconômico, renda e escolaridade é determinante para o referido número. Ou seja, o maior número de leitores brasileiros está entre os que possuem maior escolaridade e mais recursos econômicos. A maior habilidade leitora, além da qualidade e da diversidade dos materiais de leitura também, está entre os que



detêm maior poder aquisitivo e cultural (FAILLA, 2018). Nesse caminho, o processo de desigualdades que afeta o Brasil reflete a negação à direitos básicos, como à educação, e o não acesso à literatura pela maior parte da população. Como afirma Candido (2004), o direito à literatura esbarra no próprio desrespeito aos direitos humanos, pois a contemporaneidade é marcada por profundas contradições e o crescente domínio sobre a natureza. A razão que deveria estar a serviço do fim da fome mundo é uma irracionalidade que se mostra na forma da exclusão social e da degradação do homem e do meio ambiente. Nessa perspectiva, a luta pelos direitos humanos pressupõe a busca não somente por bens que assegurem a sobrevivência física, mas também a integridade espiritual expressa no direito à literatura, por exemplo, pois a mesma representa toda criação poética, ficcional ou dramática da humanidade, significa a manifestação universal e parece corresponder também a uma necessidade de todos (CANDIDO, 2004). A leitura literária que nasce enquanto direito é a mesma que se torna um instrumento dialético poderoso que visa tomar decisões em face aos problemas sociais de forma a produzir textos literários que fazem a crítica social, denunciando as mais diversas formas de mazelas sociais como, por exemplo, a miséria, exploração, marginalização, e a servidão. Nas palavras de Candido (2004, p. 193): “[...] a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura [...] uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos”.

Candido (2002,) chama atenção, ainda, para a desvalorização, na modernidade, da função humanizadora da literatura. Segundo o autor, se prioriza o conhecimento literário estrutural, aquele de “cunho científico, que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentração necessária na obra” (p. 82), abandonando o aspecto de prazer individual. Já a ideia de função provoca uma inclinação para o lado do valor humano e o interesse pelos elementos contextuais do escritor e do leitor, que envolve a preocupação com a nossa identidade e o nosso destino, “[...] mesmo que isto nos afaste de uma visão científica, é difícil pôr de lado os problemas individuais e sociais que dão lastro



às obras e as amarram ao mundo onde vivemos” (p. 82). Essa função humanizadora da literatura envolve vários campos de conhecimento, dentre os quais um dos mais complexos é o educacional, pois a formação que se propõe vai de encontro com a pedagogia oficial e a uma atividade convencional. Daí porque a literatura incomoda e provoca contradições que envolvem desde a restrição de textos literários que fogem ao padrão vigente até o reconhecimento de sua riqueza de iniciação a vida. Vale ressaltar, ainda, que pelo fato de a literatura desempenhar funções na sociedade e a mesma ser complexa e contraditória, ela tanto poderá exercer o papel de humanizar quanto o de alienar. Isso porque, segundo Candido (2002, p. 86):

[...] a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real.

No início do século passado, Todorov (2009) já mencionava o perigo em que se encontra a literatura. Alegava que a escassez da produção ou da criação poética, desde a escola primária até a faculdade coloca a literatura em uma situação difícil, além disso, a forma disciplinar e institucional provoca fragilidades no conhecimento sobre o mundo, sobre a vida que a literatura poderia proporcionar. Por isso, reivindica que o texto literário volte a ocupar o centro do processo educacional, de forma a manter o poder do imprevisto, do encantador, do emocionante, da criação e da liberdade que a literatura proporciona.

É preciso dizer, também, que a literatura – apesar das fragilidades, crises e riscos que corre pelo processo histórico de desvalorização, de desprestígio diante da valorização de uma cultura de massa, a preocupação excessiva com a estrutura literária e o esquecimento de sua função humana – continua colaborando para a formação crítica, educacional e social do ser humano, além de sua saúde psíquica, emocional e física como veremos na próxima seção.

4 A LITERATURA COMO CURA



Além do perigo que enfrenta a literatura, enfatizaremos, a partir desta seção, o texto literário como cura, considerando o efeito que a leitura de obras literárias em nossas emoções, indicando, assim, que sua relevância não está ligada somente a possibilidade de proporcionar uma formação cidadã, humana e crítica, mas, também a compreensão das forças externas e internas que atuam sobre nós. Em consequência, a leitura literária ajuda a promover uma saúde psíquica e emocional mais saudável. Na autobiografia de John Stuart Mill, por exemplo, publicada logo após a sua morte, em 1873, encontramos uma narrativa que descreve a intensa depressão da qual foi vítima, o que provocava uma insensibilidade a toda forma de alegria ou prazer. Entretanto, uma coletânea de poemas de Wordsworth, tem papel particular em sua cura, pois Mill passou a encontrar no livro uma felicidade permanente e verdadeira (TODOROV, 2009). Outro exemplo do poder da literatura foi o que aconteceu com Charlotte Delbo, que ainda jovem, foi presa em Paris por ter conspirado contra o invasor alemão. Apesar de não ter acesso à leitura, a detenta da cela de baixo fazia subir livros pela janela. A partir desse momento, as histórias literárias passaram a tirá-la da solidão. Mais tarde, tendo retornado à França, Delbo sofre para voltar à vida normal: diante da possibilidade de um ato extremo, descobre que as personagens dos livros podem se tornar novamente suas companheiras confiáveis (TODOROV, 2009).

Nessa perspectiva, a literatura contribui com o pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social, podendo nos libertar tanto dos sentimentos depressivos, quanto dos sentimentos de solidão, além de nos levar a um autoconhecimento. Assim, devemos valorizar todos os meios de leituras de literatura, inclusive a dos livros considerados como romances populares, pois os mesmos, apesar de suas limitações, levaram ao hábito da leitura milhões de adolescentes. As leituras posteriores poderão se encarregar de aprofundar a visão da complexidade social que envolve esse leitor (TODOROV, 2009). No mesmo caminho, Scliar (2008) questiona-nos: o que existe nos poemas e na literatura, em geral, que pode manter as pessoas vivas e, quem sabe, até ajudar na cura de algumas doenças? Segundo o autor, a *palavra* por si só já é um



remédio para as pessoas na medida em que tem um efeito terapêutico. A leitura de literatura, inclusive, tem se transformado em recurso terapêutico na psicoterapia. No Brasil, por exemplo, a leitura nos hospitais, tem ajudado muitas crianças a vencer o medo, a insegurança e a tristeza. De acordo com Nicesio (2017), atualmente esse modo de abordagem literária terapêutica passou a ser utilizado pela psicopedagogia, pela psicanálise e pela psiquiatria em variados processos de cura. Uma expressão dessa tendência é chamada biblioterapia que consiste em sessões de leitura e de comentários sobre obras escolhidas especificamente para proporcionar alguns efeitos, psíquico e emocional a quem ler. Já existem clínicas que atuam com listas de textos literários específicos para acompanhar o tratamento de pacientes diagnosticados com dores crônicas, concomitantemente com a psicoterapia. Outras iniciativas utilizam a literatura e o ato performático de contar histórias para promover a melhoria da saúde de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. A leitura de obras literárias também é utilizada para possibilitar o enfrentamento de problemas comuns à humanidade nos tempos atuais como, por exemplo, a intolerância, a violência, a ignorância, a indiferença (NICESIO, 2017).

Segundo Borrmann (2019), a biblioterapia é uma técnica de aconselhamento realizado por um grupo de profissionais – psicólogo, educador, bibliotecário ou assistente social – de modo a dar atenção ao paciente mediante ao ato de contar histórias. O objetivo é fazer surgir emoções e apaziguá-las, além de proporcionar o desenvolvimento de dimensões sensoriais, afetivas e sociais do ser humano e, conseqüentemente, ajudar na redução do estresse, da ansiedade e em tratamentos de problemas como a depressão. Nessa técnica, os livros são selecionados de acordo com a especificidade do problema de cada paciente. Há todo um processo que envolve desde o primeiro contato até o entendimento de como desenvolver o processo e trabalhar o *feedback* dessa leitura. É uma maneira diferenciada de compartilhar sentimentos, tristezas ou alegrias. Há dois tipos de biblioterapia: a clínica (se preocupa com a doença e é aplicada por psicólogos) e a de desenvolvimento (busca aliviar angústias pessoais, estimular emoções, promover o diálogo e é aplicada por bibliotecários,



professores). E pode ser realizada em grupo ou individual (BORRMANN, 2019). Vale frisar que apesar da literatura possuir essa capacidade terapêutica não se pode dizer que todo livro pode ser utilizado como terapia, segundo Borrmann (2019). A escolha de obras nesse processo deve privilegiar textos literários com histórias que permitam elaborar de maneira positiva eventos traumáticos e que possam ser aplicados para diferentes situações e faixas etárias. Podem ser livros de ficção, romances, contos e poesias. O ideal é selecionar textos leves, como crônicas, em que o humor predomina. Lembrando que a terapia com livro não exclui medicamentos e terapias convencionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é um direito universal e desenvolve um papel fundamental no desenvolvimento integral do homem – logo em seus aspectos cognitivos, geográficos, políticos, etc. O reconhecimento desse direito implica na garantia de acesso a esse bem universal, sobretudo das classes populares, considerando que essas foram, durante muito tempo, alijadas desse conhecimento.

Embora importante, a literatura tem ocupado papel secundário nas unidades de ensino, principalmente na contemporaneidade, como mostraram os dados nacionais indicados. O não protagonismo da literatura está relacionado ao modo como se lida com o conhecimento e as formas de acesso em uma sociedade que se preocupa mais com o desenvolvimento do capital do que com a formação do ser humano no sentido amplo.

A sociedade capitalista, e vivemos um momento crucial na destruição dos direitos trabalhistas, cada vez mais busca a exploração e opressão da classe trabalhadora, expropriando dela a capacidade de pensar e refletir sobre sua própria condição. A pouca importância dada à literatura¹³³ é fruto da crise em

¹³³ É evidente que há movimentos de contraposição a este descaso; são centenas de grupos de literatura que levam a *performance* da literatura oral às escolas, centros comunitários e praças públicas. O Pará é profícuo em grupos em todos os cantos do Estado.



que vive a própria sociedade capitalista que é desigual e geradora das desigualdades existentes. O acesso à literatura é fundamental para a compreensão dessas desigualdades e para libertarmos-nos de nossas amarras, tornando-nos mais donos de nós mesmos.

A sociedade contemporânea necessita da literatura como pilar da formação humana, mas acima de tudo para a manutenção de nossa humanidade cada vez mais distante de nós, esvaziada pela profusão de informações superficiais, pelo consumismo, pela exploração de nossa força de trabalho, enfim, pela alienação provocada pelos meios de comunicação de massa e as mídias sociais. A literatura, assim, mais que importante, é fundamental para nossa formação estética, sociocultural.

A literatura nos liberta, jovens e adultos, a cada ato de nova leitura, nos ajuda a superar dificuldades que se interpõem ao longo dos processos de formação, formais ou informais; ela possibilitando o gosto pela compreensão e o pensar em nós e no mundo circundante, da mesma forma como a letra e a voz confluem para o prazer e uma compreensão mais aguda do nosso lugar como sujeitos no mundo social e político, a leitura literária, configura-se num chamamento para que os oprimidos sejam os condutores de sua própria vida: um convite à luta sem perder a sensibilidade e a beleza do universo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Guilherme. **60% das crianças e adolescentes são pobres no Brasil, diz UNICEF** (2018). Disponível em. Universo Online: São Paulo. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/08/14/60-das-criancas-e-adolescentes-sao-pobres-no-brasil-diz-unicef.htm>. Acesso em: 12 Out. 2020.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.



BERGAMINI, Kamila Brumatti. A literatura e seus encontros surpreendentes. In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura**. Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015, pp. 62-64.

BIANCARDI, Azinete Maria Rocon. Por que ler Literatura. In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura**. Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015, pp. 18-19.

BORRMANN, Luciane. Biblioterapia usa a leitura para tratar depressão e reduzir estresse e ansiedade. In: Conselho Regional de Biblioteconomia 8ª Região. Disponível em: <http://www.crb8.org.br/biblioterapia-usa-a-leitura-para-tratar-depressao-e-reduzir-estresse-e-ansiedade/>. Acesso em: 12 Set 2020.

BRANCO, Thatty de Aguiar Castello. Vivendo e reescrevendo. In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura**. Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015, pp. 118-121.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: DANTAS, Vinícius. **Antonio Candido: Textos de intervenção**. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2002, p. 82-90.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura**. Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015. 147 p.

COSTA, Marta Moraes. Ler para não morrer. In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura**. Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015a, pp. 72-74.

COSTA, Ricardo André. Com a Palavra, o aluno – o jovem e a literatura. In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura**. Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015b, pp. 86-87.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: <http://www.escriitoriodolivro.com.br/bibliografia/Retratos%20da%20Leitura%20no%20Brasil%204.pdf>. Acesso em: 24 Fev. 2018.

HERKENHOFF, Joana d'Arc Batista. Por que é importante ler literatura. In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura**. Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015, pp. 50-



52.

INAF – **Indicador de Alfabetismo Funcional** – Edição Especial Jovens Metropolitanos. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=0B5WoZxXFQTCRWE5UY2FiMzFhZEk>. Acesso em 20 Out 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. 4^a ed., São Paulo, Atlas, 1992.

MANZO, A. J. **Manual para la preparación de monografías**: una guía para presentar informes y tesis. Buenos Aires: Humanistas, 1971.

NICESIO, Guilherme. Literatura como cura. In: **Ciência, Cultura, Literatura**. Disponível em: <http://confrariando.com/a-literatura-como-cura>. Acesso em: 5 Ago 2020.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. Por que ler literatura é importante. In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura**. Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015, pp. 34-36.

PADILHA, Fabíola. Por que ler literatura. In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura**. Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015, pp. 40-41.

PEREIRA FILHO, Cesário Alvim. Por que é importante ler literatura. In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura**. Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015, pp. 22-25.

PEREIRA, Valéria. Por que ler literatura. In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura**. Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015, pp. 126-129.

SCLIAR, Moacyr. **Literatura faz bem para a saúde**. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/literatura-faz-bem-para-saude-moacyr-scliar/>. Acesso em: 12 Fev 2008.

SIQUEIRA, Juraci. Oleiro e Barro. In: **Blog do Boto Juraci**. Disponível em: <http://blogdobotojuraci.blogspot.com/2008/06/oleiro-e-barro.html>. Acesso em: 12 jul 2020.

SODRÉ, Paulo Roberto. Edwaud Morgan Forster, *Maurice* e uma ponderação. In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura**. Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015, pp. 78-



81.

SOUZA, Santinho Ferreira. Apresentação. In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura.** Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015, pp. 6-8.

SOUZA, Santinho Ferreira. Por que é importante ler literatura. In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura.** Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015, pp. 90-91.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TOSCANO, Sueda Silva. Literatura e Tecnologia: por que não ler se eu posso ler? In: CASER, Maria Mirtis; SOUZA, Santinho Ferreira de. [Orgs.]. **Por que é importante ler literatura.** Dados eletrônicos. Vitória: EDUFES, 2015, pp. 112-114.

UNICEF. **Situação das crianças e dos adolescentes no Brasil.** Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/situacao-das-criancas-e-dos-adolescentes-no-brasil>. Acesso em: 12 Set. 2020.



A IDENTIDADE VISUAL DO MOVIMENTO SOCIAL VIRTUAL ANTIFA 2020. UMA RELEITURA DE SIGNOS NA SEMIÓTICA PEIRCEANA¹³⁴

Kyria Melo Rodrigues Monteiro¹³⁵

Jorge Leal Eiró da Silva¹³⁶

Resumo: Este artigo analisa, por meio de uma análise de conteúdo, a formação da identidade contemporânea do movimento social virtual Antifa 2020, onde o objeto imagético compartilhado virtualmente é constituído de uma releitura de signos já existentes na estética histórico social da luta antifascista de 1932. Na revisão bibliográfica foram destacados os conceitos de tríade universal Peirceana, primeiridade, secundidade e terceiridade, os quais foram diretamente relacionados com o processo de semiose de ressignificação de signos no cognitivo do intérprete, com a edição contemporânea e contextualizada de ícones e índices, gerando um novo símbolo identitário no ressurgimento da luta antifascista no contexto histórico moderno e virtual.

Palavras-chave: Antifa. Semiótica Peirceana. Signos. Releitura. Identidade Visual.

THE VISUAL IDENTITY OF THE ANTIFA 2020 VIRTUAL SOCIAL MOVEMENT. A REVIEW OF SIGNS IN PEIRCEAN SEMIOTICS

Abstract: This article analyzes, through a content analysis, the formation of the contemporary identity of the virtual social movement Antifa 2020, where the shared imaged object is virtually constituted by a reinterpretation of signs already existing in the social historical aesthetic of the 1932 antifascist struggle. In the bibliographical review, the concepts of the Peircean universal triad, firstness, secondness and thirdness were highlighted, which were directly related to the process of sign resignification in the interpreter's cognitive, with the contemporary and contextualized edition of icons and indexes, generating a new identity symbol in the resurgence of anti-fascist struggle in the modern and virtual historical context.

Keywords: Antifa. Peircean Semiotics. Sign. Rereading. Visual Identity.

¹³⁴ A Identidade Visual do movimento social virtual Antifa 2020. Uma releitura de signos na semiótica Peirciana. Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Literatura, Semiótica, Linguística e Psicologia do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹³⁵ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura pela Universidade da Amazônia (kyriamonteiro@yahoo.com.br).

¹³⁶ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará (eirojorge@gmail.com).



LA IDENTIDAD VISUAL DEL MOVIMIENTO SOCIAL VIRTUAL ANTIFA 2020. REVISIÓN DE SIGNOS EN SEMIÓTICA PEIRCEANA

Resumen: Este artículo analiza, através de un análisis de contenido, la formación de la identidad contemporánea del movimiento social virtual Antifa 2020, donde el objeto imagen compartido está virtualmente constituido por una relectura de signos ya existentes en la estética histórico-social de la lucha antifascista de 1932. En la revisión bibliográfica se destacaron los conceptos de tríada universal Peirceana, primeridad, segundad y terceridad, los cuales se relacionaron directamente con el proceso de resignificación del signo en lo cognitivo del intérprete, con la edición contemporánea y contextualizada de iconos e índices, generando una nueva símbolo de identidad en el resurgimiento de la lucha antifascista en el contexto histórico moderno y virtual.

Palabras-clave: Antifa. Semiótica Peirceana. Señales. Releyendo Identidad Visual.

1 INTRODUÇÃO

A estética imagética sempre foi um recurso utilizado em diversos eventos sociais e como estratégia direcionada aos ideais políticos no decorrer da história da humanidade. Os fenômenos sociais demonstram a necessidade de uma identidade visual ideológica para gerar uma imagem midiática que reflita seus ideais e que resulte numa comoção social.

Nesse sentido, as práticas políticas e sociais, em suas manifestações, vêm se utilizando de objetos imagéticos que dependem da arte em suas inúmeras vertentes para criar uma identidade visual própria na luta de questões sociais.

Com o desenvolvimento exponencial das tecnologias da informação nas últimas duas décadas, um dos espaços de maior veiculação dessas práticas estético-políticas mais utilizados na contemporaneidade é a internet e suas redes sociais. Nesse contexto, as mais diversas formas de manifestações, protestos, movimentações sociais, organizações, encontraram campo fértil e tudo foi transferido para o universo virtual.



A plataforma virtual Instagram representa uma dessas redes na qual consiste na publicação de imagens, na sua maioria, onde quem segue e é seguido utiliza do seu perfil individual para fazer suas postagens, criando sua própria visibilidade social por meio dessas práticas estéticas.

Um exemplo de utilização dessas plataformas virtuais no compartilhamento de objetos imagéticos e ideológicos na construção identitária visual é o movimento social e virtual Antifa (2020). Ele se deu na rede social Instagram dia 1º de junho de 2020 com o objetivo de protesto contra a violência, discriminação e desrespeito aos direitos humanos existentes no cenário brasileiro.

O movimento Antifascista, originalmente, surgiu na década de 1920, com fortes inclinações anarquistas, para combater o fascismo italiano, liderado por Benito Mussolini. A primeira bandeira foi criada pela organização antifascista Arditi del Popolo, mostrava num fundo vermelho um machado quebrando um fasces, símbolo associado ao poder que pertencia à estética do fascismo.

Imagem 1 – Bandeira Antifa original.



Fonte: <https://www.deviantart.com/thegreypatriot/art/Arditi-Del-Popolo-Italy-842330195>

Em 1932, com a ascensão de Hitler na Alemanha, por iniciativa do Partido Comunista Alemão, e com o objetivo de formar alianças entre as “esquerdas” para impedir o avanço do regime fascista instalado até então, o nazismo.



Após o fim da 2ª guerra, o movimento continuou se utilizando de algumas táticas que ilustraram a luta, uma delas são as bandeiras desenhadas pelos designers Max Kleison e Max Gebhard, membros da Associação de Artistas Visuais Revolucionários. As bandeiras têm as cores preta e vermelha, que representam a união do anarquismo (preto) com o socialismo (vermelho). Sendo assim, o preto está ligado à defesa da liberdade de posicionamentos e pensamentos, o vermelho representa os movimentos de luta de classes, e o branco o Humanismo.

Imagem 2 – Bandeira Anfifa adaptada em 1932.



Fonte: MOTA, Matheus. (2020).

<https://medium.com/@matheusMmota/antifascismo-n%C3%A3o-%C3%A9-moldura-para-o-seu-perfil-d648c1b3caa8>

Representação artística esta, utilizada na nova ascensão do movimento Antifa em 2020, onde a arte original foi editada e atualizada no contexto contemporâneo e de acordo com o grupo social que as compartilhava, causando assim, uma releitura estética histórico social contemporânea do objeto imagético em questão.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

Imagem 3 – Profissão Professor Antifa.



Fonte: Instagram (1º de junho, 2020). <https://www.instagram.com/p/CA5ilJDKSi/>

Imagem 4 – Profissão Jornalista Antifa.



Fonte: Instagram (1º de junho, 2020). <https://www.instagram.com/p/CA46noElzhi/>

Imagem 5 – Profissão Artista Antifa.



Fonte: Instagram (1º de junho, 2020). <https://www.instagram.com/p/CA52yQYFsu5/>



Imagem 6 – Grupo social Feministas Antifa.



Fonte: Instagram (1º de junho, 2020). <https://www.instagram.com/p/CA5b81Upwar/>

As imagens consistem nos nomes das profissões ou grupos sociais que se propuseram participar no protesto virtual junto ao símbolo do antifascismo que é retratado pelo par de bandeiras, mas já atualizado contemporaneamente e editado, gerando assim, uma releitura de signos.

De acordo com Peirce (1995), signo é a representação de algo para alguém, é tudo que diz alguma coisa, e tem como função decifrar a significação do objeto em um processo de semiose desenvolvido no cognitivo do intérprete.

“Um signo ou representamen, é tudo aquilo que, sob um certo aspecto ou medida, está para alguém em lugar de algo. Dirige-se à alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo mais desenvolvido. Chamo este signo que ele cria o interpretante do primeiro signo. O signo está no lugar de algo, seu objeto. Está no lugar desse objeto, porém, no em todos os seus aspectos, mas apenas com referência a uma espécie de ideia.” (CP, 2.228)

Este processo dinâmico de semiose no qual o signo está inserido, possui três categorias de modos de funcionamento da representação, que demonstram como o signo funciona em relação ao objeto que representa: o ícone, o índice e o símbolo. Estas podem também ser interpretados como as três categorias universais de Peirce: primeiridade, secundidade e terceiridade.



O objetivo deste artigo é analisar, a partir da tríade de Peirce (1995), a nova identidade visual contemporânea do movimento social Antifa (2020), gerada em função da releitura de signos do objeto imagético de 1932.

O objeto de estudo deste artigo é a relação da arte visual de 1932, que deu origem à identidade visual do movimento Antifa no âmbito mundial entre guerras, com a releitura desta mesma arte, sendo esta, adaptada e editada para o contexto contemporâneo de 2020 na rede social Instagram. Ambas analisadas pela ótica da tríade universal de Peirce.

2 A ÓTICA DE PEIRCE

Na tentativa de decifrar as categorias que servissem de modelo capaz de conter a multiplicidade dos fenômenos do mundo, Peirce (1995) se utilizou de teorias prévias de Aristóteles e Kant para desenvolver uma fenomenologia que consiste em somente três categorias universais: primeiridade, secundidade e terceiridade.

A primeiridade é caracterizada pelo sentimento imediato, sem ser relacionado à nada, é o signo pelo signo, sem o processo de reflexão. A secundidade é a relação da primeiridade com a experiência do intérprete, uma comparação do estímulo externo com o externo. A terceiridade é a interpretação do signo feita pelo intérprete, é a nova significação, a síntese do processo de semiose.

A semiótica Peirceana é a relação do signo com estes 3 componentes de modos de representação, é a função do signo/objeto neste processo de significação e interpretação no cognitivo do intérprete. Para Peirce (1995): “semiosis” significa a ação de quase qualquer signo, e a minha definição dá o nome de signo a qualquer coisa que assim age.” (CP, 5. 484)

3 A TRÍADE UNIVERSAL E A IDENTIDADE VISUAL ANTIFA



Na arte Antifa de 1932, os signos representados no objeto imagético consistem na utilização de cores específicas (vermelho e preto) e símbolos ideológicos (as duas bandeiras) que representam a luta contra o fascismo na segunda guerra mundial.

Esta arte que representa a primeira identidade visual do movimento, reconhecida mundialmente, pode ser associada com o conceito de primeiridade de Peirce, ela é o ícone que é reutilizado na contemporaneidade sem o processo de ressignificação da mesma à priori. É o ícone em seu estado bruto desde 1932.

Quando, no contexto político e social brasileiro, eventos de violência e discriminação demonstram inclinações ideológicas que flertam com o fascismo, a arte original é trazida para o contexto atual de 2020, causando assim uma comparação inevitável que consiste na secundidade de Peirce. A experiência da luta antifascista de 1932 comparada à mesma iniciativa social da luta em questão, mas no século XXI e no âmbito contemporâneo.

A partir do momento em que a identidade visual Antifa de 1932 é utilizada no contexto atual e com seus signos ainda presentes, mas já ressignificados, constitui-se assim, a terceiridade de Peirce.

Esse processo de ressignificação semiótica, que se dá na síntese da terceiridade, pode ser observado em alguns aspectos editados e adaptados na arte imagética que representa a luta antifascista de 2020 projetada agora em meio virtual.

A releitura estética histórico e social se dá na mudança das cores, que já não são somente o vermelho e o preto (que representavam o socialismo e o anarquismo respectivamente), mas sim cores diversas. Na incorporação de profissões, grupos sociais e tribos urbanas no *layout* da arte, ao invés de “partido antifascista”, constituem-se um determinado “grupo antifascista”, o intérprete cognitivo que se apropria da arte e da sua condição social para editá-la e compartilha-la na rede social instagram dia 1º de junho de 2020, gerando assim, um novo protagonismo múltiplo dentro do movimento.



Imagem 7 – Grupos sociais e profissões Antifa



Fonte: O Globo (2020). <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/conheca-origem-da-bandeira-antifascista-espalhada-nas-redes-sociais.html>

As duas bandeiras dentro do círculo permaneceram signos intocáveis dentro da releitura desta nova identidade visual Antifa (2020). No entanto, o meio de propagação já não é mais o físico, e sim, o virtual. O massivo compartilhamento desta arte ressignificada gerou um protesto virtual, ou seja, uma movimentação política e social que consiste no grande número de participantes intérpretes adeptos da luta antifascista que compartilharam a imagem em seus perfis de rede social na internet, mais especificamente no instagram no período do dia 1º de junho de 2020.

4 A ESTETIZAÇÃO DA POLÍTICA

A modernidade trouxe consigo a reprodução das artes em larga escala, questão sobre a qual Rancière (2005) busca relacionar com o conceito de Walter Benjamin “A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica”, onde, afirma que graças à modernidade e à alta reprodução de suas chamadas artes mecânicas, as grandes massas ganharam visibilidade nas práticas estéticas e políticas.



Com a revolução tecnológica e a chegada da internet, essa reprodução e compartilhamento em massa se tornaram cada vez mais automáticos e em “tempo real”.

O discurso social e político também se utiliza desse compartilhamento de massa para poder se propagar, de acordo com Rancière (2005), as práticas artísticas modernas geram inúmeras formas de visibilidade para as causas sociais. São justamente essas práticas artísticas que resultam na estetização da política.

Rancière (2005) afirma que a base da política em si já possui uma “estética primeira” ou “partilha do sensível” que consiste na subjetividade do “sensível comum”. Um estímulo comum social que serve de impulso para gerar a partilha do sensível compartilhado, ou seja, a motivação social em comum para que resulte o compartilhamento individual.

Uma vez que o sensível comum já está estabelecido socialmente, Rancière menciona o termo “partilha do sensível” que nada mais é do que os recortes sensíveis e individuais que constituem o sensível comum, surgindo assim, o comum compartilhado.

Sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência do comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum compartilhado em partes exclusivas (RANCIÈRE, Jacques. 2005, p. 15).

Esse comum compartilhado é formado pelas partes exclusivas da “partilha do sensível” que, ao serem compartilhadas em diversas atividades humanas, geram o sensível compartilhado. Rancière afirma que a chave para a construção dessa partilha se dá na união das práticas estéticas com as práticas políticas.

Ao analisar a volta e a nova ascensão do movimento Antifa nas redes sociais, especificamente o Instagram no dia 01/06/20, com a obra A Partilha do Sensível de Rancière (2005), nota-se claramente as definições de “comum compartilhado” e “partilha do sensível” bem definidas e apontadas para os aspectos contemporâneos.



O comum compartilhado é identificado como a necessidade de protesto, de uma parcela da população brasileira que possui perfil no Instagram, de se manifestar contra um único ideal, despertando recentemente a volta do movimento Antifa (2020), em função de casos de extrema violência, racismo e intolerância política que desde sempre se tornam cada vez mais frequentes no cenário brasileiro.

Este comum compartilhado é, de acordo com Rancière (2005), a base sensível, o estímulo em comum que gera uma mobilização social nas práticas políticas e estéticas.

A partir do momento em que diversos grupos sociais e profissões se utilizam de suas próprias identidades simbólicas, assim como suas funções sociais, para compartilhar do mesmo comum, configuram-se assim, as inúmeras partilhas do sensível compartilhado, o acúmulo de todas essas partes individuais forma e constitui o comum compartilhado de Rancière.

A adaptação e edição da imagem de 1932, configura a estetização do movimento social Antifa de 2020 no Instagram, em função da utilização da arte enquanto ferramenta de prática estética e política, editada e atualizada contextualmente.

5 METODOLOGIA

Por meio de uma análise de conteúdo, este artigo se utilizou de uma revisão bibliográfica dos conceitos da tríade universal Peirceana de primeiridade, secundidade e terceiridade para analisar a releitura do objeto imagético artístico que representa a identidade visual do movimento social Antifa.

A partir da leitura da obra “Panorama da semiótica de Platão à Peirce” (2005), foram destacados os conceitos de primeiridade, secundidade e terceiridade, os quais foram diretamente associados não só com a arte Antifa de 1932, mas com a ressignificação dela feita para o âmbito contemporâneo virtual.



Foram destacados e analisados na semiótica Peirceana todos os signos que passaram pelo processo de ressignificação no ressurgimento da luta antifascista em 2020 no meio virtual.

Foram utilizados também reflexões de Rancière (2005) sobre a relação da estética com a política. A necessidade inerente de qualquer movimentação política de passar por um processo de estetização afim de criar uma imagem identitária que cause comoção social.

Todos estes aspectos levantados geraram a análise deste conteúdo sob a semiótica de Peirce, os definindo e os associando diretamente com a tríade da semiose universal citada, gerando assim, uma releitura de signos, os ressignificando para o contexto moderno e virtual.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da releitura de signos na identidade visual do movimento político social Antifa, considera-se visíveis os conceitos semióticos de Peirce sendo diretamente aplicados e associados ao objeto imagético ressignificado e compartilhado virtualmente no ressurgimento da luta antifascista em 2020.

A insatisfação coletiva em função das inclinações fascistas no cenário social brasileiro, a utilização dos signos que representam a luta antifascista de 1932, devidamente adaptados e interpretados para o contexto contemporâneo e para fins identitários, a mobilização política e social de diversas profissões e tribos utilizando e compartilhando massivamente o objeto imagético ressignificado, gerando assim, protagonismos diversos na nova configuração do movimento.

Uma vez que o processo de ressignificação e interpretação do objeto imagético, que representa a identidade visual Antifa, é constituído no cognitivo do intérprete social, estabelece-se assim, a utilização da tríade universal da semiótica Peirceana na releitura desses signos adaptados e editados para o contexto contemporâneo e virtual da internet.



REFERÊNCIAS

GLOBO, O. 2020. Conheça a origem da bandeira antifascista espalhada nas redes sociais. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/conheca-origem-da-bandeira-antifascista-espalhada-nas-redes-sociais.html>. Último acesso em 15 de junho de 2020.

ILHÉU, Taís. O que é o movimento Anifa? 2020. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/o-que-e-o-movimento-antifa/>. Último acesso: 15 de junho de 2020.

Instagram. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CA5ilJDKSj/>. Último acesso: 15 de junho de 2020.

Instagram. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CA46noElzhi/>. Último acesso: 15 de junho de 2020.

Instagram. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CA52yQYFsu5/>. Último acesso: 15 de junho de 2020.

Instagram. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CA5b81Upwar/>. Último acesso: 15 de junho de 2020.

MOTA, Matheus. Antifascismo não é moldura para seu perfil. 2020. Disponível em: <https://medium.com/@matheusMmota/antifascismo-n%C3%A3o-%C3%A9-moldura-para-o-seu-perfil-d648c1b3caa8>. Último acesso: 15 de junho de 2020.

NÖTH, Winfried. Panorama da Semiótica: de Platão à Peirce. São Paulo: Annablume, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política; Tradução de Monica Costa Netto. 34ª Edição, São Paulo: EXO experimental org, 2005.



O REFÚGIO SECRETO: A LITERATURA DE TESTEMUNHO NO TESTEMUNHO DE CORRIE TEN BOOM¹³⁷

Raimunda Berenice Pinheiro Cardoso¹³⁸

Lucilinda Ribeiro Teixeira¹³⁹

José Guilherme de Oliveira Castro¹⁴⁰

Resumo: O propósito desse artigo é, primordialmente, tecer considerações sobre Literatura de Testemunho. E, a partir de reflexões de Giorgio Agamben (2008) sobre testemunha e de Paul Ricouer (2007) sobre testemunho, abordar a função do testemunho na era das catástrofes. A seguir, analisar a obra “O Refúgio Secreto”, de Corrie Ten Boom, sob a perspectiva de uma sobrevivente dos campos de concentração e testemunha das atrocidades que ocorreram na segunda guerra mundial.

Palavras-Chave: Literatura de Testemunho. Testemunha e Testemunho. O Refúgio Secreto.

THE SECRET REFUGE: THE TESTIMONY LITERATURE IN THE TESTIMONY OF CORRIE TEN BOOM

Abstract: The purpose of this article is primarily to make considerations about Witness Literature. And from Giorgio Agamben's (2008) reflections on witness and Paul Ricouer's (2007) reflections, addressing the role of witnessing in the age of disasters. Then analyze Corrie Ten Boom's work “The Secret Refuge,” from the perspective of a concentration camp survivor and witness to the atrocities that occurred in World War II.

Keywords: Testimony Literature. Witness and Testimony. The Secret Refuge.

EL REFUGIO SECRETO: LA LITERATURA DEL TESTIMONIO EN EL TESTIMONIO DE CORRIE TEN BOOM

Resumen: El propósito de este artículo es, principalmente, hacer consideraciones sobre la literatura de testigos. Y, a partir de las reflexiones de Giorgio Agamben (2008) sobre el testimonio y Paul Ricouer (2007) sobre el testimonio, abordar el papel del testimonio en la era de las catástrofes. A continuación, analiza la obra “El refugio secreto”, de Corrie Ten Boom, desde la

¹³⁷ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho de Literatura, Semiótica, Linguística e Psicologia do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹³⁸ Doutoranda do PPGCLC/Unama, berecardoso2015@gmail.com.

¹³⁹ Profa. Dra. em Comunicação e semiótica, UNAMA, lucilind@uol.com.br.

¹⁴⁰ Prof. Dr. em Letras, UNAMA, jgpsico.letras@gmail.com.



perspectiva de una superviviente de un campo de concentración y testigo de las atrocidades ocurridas en la Segunda Guerra Mundial.

Palabras-Clave: Literatura Testimonial. Testimonio y Testimonio. El Refugio Secreto.

1 INTRODUÇÃO

A literatura de testemunho tem como função primordial narrar acontecimentos traumáticos de cunho político e, sobretudo, de natureza histórico-social. Essas narrativas, por vezes, são registradas pelos sobreviventes ou pelas testemunhas, que julgam ser necessário levar ao conhecimento da humanidade todos os acontecimentos que nortearam as catástrofes de guerras. Essa necessidade da construção de uma narrativa, permite ao narrador a função de denunciante dos horrores da guerra. O extermínio de judeu, o massacre de crianças e os campos de concentração são elementos que compõem os estudos da *Shoah*.

A escrita produzida pelos sobreviventes dos campos de concentração nazistas concentra-se nos estudos da *Shoah*. Tal literatura assume a tarefa de denunciar os horrores da guerra vivida pelo povo hebreu. O extermínio de judeus, adeptos da seita Testemunhas de Jeová, homossexuais, comunistas e intelectuais formavam o grupo que sofreu as atrocidades da segunda Guerra Mundial. Todos os que se opunham ao regime nazista, liderado por Adolph Hitler, padeceram os horrores desses tempos sombrios. O termo *shoah* se refere ao padecimento que os judeus sofreram na segunda grande guerra mundial, a expressão refere-se à catástrofe que arrastou milhões de judeu à morte. O especialista em teoria de testemunho, Seligman-Silva, afirma que “o termo *Shoah* abarca o tema central da teoria de testemunho, tanto por sua exclusividade, quanto por sua contundência.” (SELIGMANN-SILVA, 2005).

A teoria de testemunho considera a *Shoah* um acontecimento marcante que se refere aos sofrimentos de um povo. Os padecimentos vividos pelos judeus marcam as fronteiras do horror materializado e da perversidade que o ser



humano é capaz de cometer. Outrossim, Selligman- Silva (2005) esclarece que o testemunho corrobora no sentido que os horrores da guerra e os traumas não sejam silenciados. Nessa perspectiva, os sobreviventes dos campos de concentração julgavam que narrar os momentos vividos aliviava a dor e servia como escape para sobreviver. O termo sobreviver é bastante recorrente nos discursos dos sobreviventes dos campos de concentração, pois as narrativas, que nada lembram as ficcionais, remetem ao passado que não poderá ser esquecido, a fim de que os sobreviventes pudessem viver o presente sem apagar a memória no porvir. Portanto, a necessidade de narrar os fatos tornou-se instrumento de sobrevivência.

Primo Levi, italiano sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, atuou como narrador-personagem. Ou seja, ele vivenciou os horrores da guerra e narrou sua própria história ainda no campo de concentração onde era prisioneiro. No seu livro *Se questo è un uomo?* (Se isto é um homem?), o narrador-personagem toma posse da literatura testemunhal para registrar um momento histórico que ocorreu nos campos de concentração. Tal narrativa, às vezes, se confunde com a escrita de um diário, como no trecho abaixo:

No instante, porém, em que de manhã estou livre da fúria do vento e transponho o umbral do Laboratório, aparece a companheira de todo momento de trégua, da enfermaria, dos domingos de folga: a pena de lembrar, o velho tormento feroz de me sentir homem que, logo que a consciência sai das trevas, me acua de repente como um cachorro que morde. Então pego lápis e caderno e escrevo o que não saberia confiar a ninguém. (LEVI, 1990, p.143).

Semelhantemente, Corrie Ten Boom ao vivenciar uma experiência traumática nos campos de concentração, decide compartilhar sua história. O seu testemunho ultrapassa a fronteira do relato pessoal e assume a função de literatura de testemunho. Contrapondo-se à narrativa escrita de Levi, Corrie Ten Boom decide compartilhar sua experiência nos campos de concentração e extermínio com o casal Sherril, os quais assumiram a escrita da narrativa testemunhal, a fim de que a experiência vivida por Corrie não se tornasse apenas fatos do passado, mas um documento histórico que ultrapassa o muro do silenciamento e serve como advertência para que a catástrofe e o horror do



extermínio dos campos de concentração não fossem mais reproduzidos. Então, essa é uma das tarefas da literatura de testemunho, lembrar os erros do passado para que não se repita no futuro. “É para isso que serve o passado. Cada experiência que Deus nos dá, cada pessoa que ele coloca em nossas vidas é a preparação perfeita para o futuro que só Ele pode ver.” (TEN BOOM, 2017).

Um passado que vislumbra uma preparação perfeita para o futuro. Desse modo, Corrie Ten Boom, autora do livro “O Refúgio Secreto”, define a obra que narra os horrores da segunda guerra mundial, nos campos de concentração nazistas. Trata-se de uma obra de cunho testemunhal, narrada por Corrie e escrita por John e Elizabeth Sherril. O livro apresenta o testemunho de Corrie Ten Boom e de sua família. Durante a ocupação nazista na Holanda, na Segunda Guerra Mundial, a família Ten Boom decidiu abrigar, em sua casa, judeus e membros da resistência holandesa.

O nome “O Refúgio Secreto” apresenta duplo sentido, pois refere-se, primeiramente, ao local físico onde a família escondia os judeus; no segundo sentido, a passagem bíblica que declara; “Tu és o meu refúgio e meu escudo...” (Salmos 119: 114). Cornélia ou Corrie, como é mais conhecida, já contava quarenta anos quando começou a segunda grande guerra. A família Ten Boom era conhecida na cidade de Haarlem, Holanda, pela perícia no manuseio de relógios. Eles viviam dos recursos provenientes de uma pequena relojoaria que funcionava no interior da casa centenária no centro de Haarlem, quando ocorreu a invasão nazista. Corrie e sua família decidem construir um pequeno esconderijo no terceiro piso da antiga casa, a fim de acolher judeus e perseguidos do regime nazista.

A família consegue êxito por um determinado tempo. No entanto, os nazistas descobrem que os Ten Boom não eram somente relojoeiros, mas também guardiões de judeus e de outros contrários ao regime nazista. Alguns da família Ten Boom são presos após denúncia de um suposto colaborador, infiltrado entre os membros da resistência holandesa. A família numerosa de Corrie se resume, naquele momento, ao pai e irmãos, os quais foram presos e enviados ao campo de concentração. O senhor Casper Ten Boom, pai de Corrie,



falece antes de chegar ao campo de concentração, Corrie e sua irmã Betsie são enviadas ao campo de concentração de Ravensbrück, na Alemanha. Neste ambiente nazista, sofrendo com o rigor do inverno europeu, com a escassez de alimentos e com o trabalho penoso, Betsie, irmã de Corrie, falece. No entanto, Corrie sobrevive, deixando para trás o campo de concentração de Ravensbrück e abandonando a identidade 66730 para tornar-se uma testemunha.

2 TESTEMUNHA E TESTEMUNHO

A testemunha é, segundo Salgueiro (2012), a pessoa que viveu a experiência, um superstes – um sobrevivente; enquanto, testemunho é o relato, o depoimento, o documento, o registro. Na obra “O Refúgio Secreto”, Corrie é a personagem que viveu a experiência e penúrias do campo de concentração, portanto ela se tornou a testemunha e sobrevivente da história por meio do seu relato, daí surge um testemunho.

O testemunhar para Corrie Ten Boom se distancia do sentimento de vingança e se aproxima da necessidade de narrar. Tal necessidade de narrar possibilita aproximação da sobrevivente com os ouvintes, pois ela acredita que o compartilhar redundava em aprendizagens: “Naqueles dias de desespero, falei em igrejas, em salões de clubes e em casas particulares sobre as verdades que Betsie e eu aprendemos em Ravensbruck” (TEN BOOM, 2017, p.292). Diferentemente, o italiano Primo Levi, sobrevivente dos campos de concentração nazistas, afirmou que havia a necessidade de narrar, a fim de experimentar uma catarse, ou seja, o compartilhar a experiência vivida nos campos de concentração torna o sofrimento ameno:

A necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com as outras necessidades elementares. (LEVI, 2000, p.8).

Os que sobreviveram a traumas, tanto Corrie quanto Primo Levi, tiveram experiências distintas relacionadas à catarse. Corrie considera, que ao



compartilhar sua dolorosa experiência nos campos de concentração lhe traria aprendizagens. Enquanto, Primo Levi, entende que o compartilhamento aliviaria a dor do sofrimento. Ambos experimentam a catarse ao compartilhar suas dores e aflições, o partilhar resulta no fenômeno que Seligmann apontou como: “A catarse testemunhal é passagem para o outro de um mal que o que testemunha carrega dentro dele” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 133). É a necessidade de expurgar o sofrimento, a fim de que a vítima do trauma se liberte do sofrimento, da amargura e da tristeza.

Ainda que a experiência dos dois sobreviventes, que vivenciaram atrocidades semelhantes no contexto de guerra, a reação de ambos é distinta no que se refere à catarse. Agamben (2008, p. 26) considera o depoimento de Primo Levi uma catarse, ao mencionar a vergonha que a testemunha carrega por ter sobrevivido, pelo sentimento de traição que domina e pelo sentimento de culpa. Ao contrário, Corrie reage com altruísmo, resiliência e destemor. Embora, a guerra tenha lhe reservado muitas perdas e danos, a moradora de Haarlem decidiu que a catarse fosse transformada em uma experiência de aprendizagem ao decidir amar os seus algozes e perdoar aqueles que a ofendeu. Corrie lembra que os sobreviventes tendem a viver e reviver seus sofrimentos:

Em Bloemendaal, eram lembrados de que não eram os únicos que haviam sofrido. E para todas essas pessoas com algo em comum, a chave da cura se mostrava a mesma. Cada uma precisava perdoar alguma ferida: um vizinho que o delatara, um guarda cruel, um soldado sádico. Por mais estranho que pudesse parecer, não eram os alemães ou japoneses os mais difíceis para se perdoar; eram os seus compatriotas holandeses, que tinham passado para o lado do inimigo. (TEN BOOM, 2017, pp.294-295).

Corrie enfatiza, além da catarse, a necessidade do perdão, a prioridade de criar uma nova narrativa a fim de viver o presente sem esquecer o passado. Ainda que o perdão não apague o passado, segundo Corrie, os sobreviventes de traumas precisavam entender que “a chave da cura” era o perdão.

3 LITERATURA DE TESTEMUNHO NO TESTEMUNHO DE CORRIE T. BOOM



Na perspectiva da literatura testemunhal, observa-se que o elemento catarse é relevante, tanto na obra *É isto um homem?* quanto em *O Refúgio Secreto*. São relatos históricos que contemplam temáticas semelhantes, ou seja, o padecimento no contexto de guerra e nos campos de concentração. Enquanto Primo Levi exerce a função de narrador-personagem e escreve sua autobiografia, Corrie Ten Boom atua como protagonista de sua vivência nos campos de concentração. Cornélia Ten Boom não é somente a narradora-personagem, mas a que recebe a tarefa de construir narrativas orais. Ao escritor cabe a responsabilidade de ouvir e narrar. Neste caso, o que escreve assume não somente o papel de ouvinte, mas também de testemunha secundária, ou seja, aquele que ouve a narrativa daqueles que tiveram experiências traumáticas. A essa categoria de testemunhas secundárias enquadram-se Elizabeth e John Sherril, co-autores do livro *“O Refúgio Secreto”*. Aos co-autores é delegada a missão de narrar o trauma não vivenciados por eles.

Nesta perspectiva, tanto Paul Ricoeur quanto Walter Benjamin comentam das dificuldades de narrar. Benjamin (1936) comenta que os sobreviventes, ao retornarem das experiências de guerra, assumiram o “mutismo,” porque aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras, porém o testemunho surge como facilitador à condição primordial de sobrevivência. Para tanto, na obra *O Refúgio Secreto* a condição de sobrevivência é expressa ainda no prefácio do livro. Corrie considera o testemunho uma atividade elementar, uma condição para que o sobrevivente do trauma reaja e enfrente a dor do passado, o narrar a situação radical que viveu, torna-se uma tarefa proeminente. Assim, esta tese é confirmada no trecho que Betsie Ten Boom, irmã de Corrie, ao mencionar: “Precisamos contar às pessoas, Corrie! Precisamos dizer a elas o que aprendemos...” (TEN BOOM, 2017, p.292)

O trecho grifado “contar às pessoas” remete-nos a outro registro, o de Primo Levi:

A necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. (LEVI, 1988, P.7).



O grifo do Primo Levi evidencia tanto a dificuldade de se relacionar com os “outros”, quanto à necessidade de expor a narrativa. Do mesmo modo, declara Elizabeth Sherrill, co-autora do livro *O Refúgio Secreto*: “Ela (Corrie Ten Boom) tinha muita pouca paciência com as perguntas sobre os acontecimentos do passado”. No entanto, considera-se que a narrativa é um instrumento que rompe os obstáculos para que os sobreviventes possam resgatar as experiências vividas nos campos de concentração, as quais se instauraram como feridas em sua memória. O termo “os outros”, empregado por Levi (1988) e Betsie Ten Boom (TEN BOOM, 2017) permite inferir que o sobrevivente possa iniciar uma tarefa de religamento, de reconstrução com o mundo pós-guerra. Então, o narrar o trauma tem o sentido primário de renascer, segundo Selligmann:

Teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma ponte com “os outros”, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do Lager (campo de concentração). (SELLIGMANN, 2008, p.66).

A literatura testemunhal garante a possibilidade aos sobreviventes romperem a barreira do silêncio, conectar-se com os outros, vencer o mutismo e medo, pois assumem o papel de protagonista da representação do evento e do trauma. O teórico Seligmann- Silva (2008-p. 73) afirma que a origem da noção de testemunho é jurídica e que os termos *testis* e *superstes* são fundamentais para a compreensão da teoria do testemunho. O primeiro significa o testemunho de um item comprobatório, como fotografia, áudio e objetos, elementos que não são protagonistas, mas assumem o papel elementar de comprovar e de certificar a verdade dos fatos. Enquanto, o segundo termo caracteriza a pessoa que sofreu na carne os horrores da guerra. No caso, o testemunho do *superstes* é a sobrevivente Corrie Ten Boom. Ela não somente testemunha a injustiça, as atrocidades e o crime, mas também dá testemunho de resiliência, da superação da perda e da dor vivida nos campos de concentração:



Não sei se aquele raio de liberdade revestira Ravensbruck de um aspecto de renovada crueldade, ou se aquela ala era mesmo o lugar mais terrível do campo; o certo é que o sofrimento ali era inimaginável. Ao meu redor, estavam os sobreviventes de um trem que fora bombardeado, quando se dirigia para Ravensbruck. As mulheres estavam horivelmente mutiladas, sofrendo dores atrozes, mas a cada gemido duas das enfermeiras zombavam delas, arremedando-as.

Mesmo as próprias pacientes demonstravam essa indiferença pétrea para com o sofrimento das outras, que era a "doença" mais fatal dos campos de concentração. Percebi que ela se alastrou e me atingiu também: como é que uma pessoa poderia sobreviver se se apegasse a qualquer forma de sentimento?

As que estavam inconscientes e as paráliticas estavam sempre caindo ao chão.

Naquela primeira noite, quatro mulheres caíram de beliches superiores e morreram ali mesmo. Era melhor a gente concentrar-se apenas nos próprios problemas e não ver nada, nem pensar.

Entretanto não havia jeito de se isolar o som. A noite toda as mulheres gritavam uma palavra que eu não conhecia.

- Schieber!

Repetidas vezes ouvia-se aquele pedido, feito com voz áspera - Schieber!

Afinal, compreendi que estavam pedindo a aparadeira. Estava claro que a maioria das ocupantes dessa enfermaria não poderia ir ao sanitário imundo que servia à ala. Por fim, ainda relutando em abaixar as pernas, desci do meu catre e entreguei-me àquela tarefa.

A gratidão delas era comovente.

- Quem é você? Por que está fazendo isto?

Era como se a crueldade e a dureza fossem a atitude normal, o certo; e a decência e a bondade, a exceção, o errado.

(TEN BOOM, 2017, p.280).

Essa ausência de solidariedade vivida nos campos de concentração não poderia ser entendida como egoísmo, mas sim uma questão de sobrevivência, como se observa no trecho anterior.

A situação das mulheres na prisão consolidou o testemunho de Corrie ten Boom. A autora assume um papel ambivalente: ela é a protagonista e, ao mesmo tempo, o arquivo coletivo. Ou seja, a relojoeira de Haarlem cumpre, ao mesmo tempo, o papel de arquivo, documento e testemunha dos eventos traumáticos. Nesse sentido, a literatura de testemunho é o produto dessa passagem à enunciação de um excesso de experiência que afoga o sobrevivente. A experiência de catástrofe provoca o testemunho não enquanto crônica do real, mas enquanto ato de fala que propõe, entre outras coisas, uma "performance de vida" (FELMAN, 1992). A narrativa de Corrie Ten Boom ultrapassa as fronteiras



da ficção, aliás, a obra é delineada em um tom tão realístico, que não nos permite outra interpretação senão que estamos diante de fatos históricos marcantes.

4 A FUNÇÃO DO TESTEMUNHO NA ERA DAS CATÁSTROFES

A literatura de testemunho possibilita a revelação dos acontecimentos nos campos de concentração nazistas (SELIGMANN-SILVA, 2005) e distingue fenômeno do shoah do termo holocausto. O Shoah (devastação, catástrofe) se difere de holocausto (todo queimado), este último referente a sacrifício para Deus, que assume um teor positivo. Agamben considera o uso do termo holocausto inadequado: “Por isso, nunca faremos uso desse termo [Holocausto]. Quem continua a fazê-lo, demonstra ignorância ou insensibilidade (ou uma e outra coisa ao mesmo tempo)” (AGAMBEN, 2008, p.40). O termo holocausto é empregado com frequência ao referir-se aos acontecimentos da segunda guerra mundial. O dicionário Houaiss (2015) da Língua Portuguesa registra, por exemplo, o vocábulo holocausto como “massacre dos judeus e de outras minorias, efetuado nos campos de concentração alemães durante a segunda guerra mundial. A sobrevivente Corrie tem Boom não se refere ao episódio empregando nenhum dos termos citados. Ela menciona os momentos vividos na segunda guerra mundial como “eventos”, como:

- Tio Herman! Gritei.

- Cornélia!

Com sua mão enorme, segurou a minha.

- Deus permitiu-me vê-la novamente.

A última vez que eu o vi fora na prisão de Haia, ladeado por dois soldados, tendo a cabeça ferida, coberta de sangue. Agora, ali estava ele, dando de ombros às minhas palavras de pesar, como se aqueles eventos [grifo meu] tivessem sido um incidente trivial demais para ser mencionado. (TEN BOOM, 2017, p. 288)

Outro trecho, outra referência:

As flores se abriam; as verduras e legumes cresciam, a conversa girava cada vez menos em torno daquele passado amargo, [grifo meu] e mais sobre as condições do tempo no dia seguinte. Assim que a mente de uma pessoa se alargava, eu lhe falava dos que estavam no



Beje; gente que nunca recebia uma visita, nem uma linha de correspondência.

Quando a menção de um nazista deixava de provocar uma erupção de raiva, eu sabia que a cura não demoraria muito. No dia em que a pessoa dizia: "Aquela gente de quem você falou, será que eles gostariam de umas cenouras de nossa horta?" então eu sabia que o milagre se dera.

(TEN BOOM, 2017, p. 296).

Tanto o vocábulo “eventos” quanto a expressão “passado amargo” referem-se aos mesmos contextos situacionais, que ocorreu na Segunda Guerra Mundial. Os sofrimentos nos campos de concentração nazistas são descritos detalhadamente, assim, pois, confere à narrativa autenticidade ao descrever o extermínio, seja pelo óbito, seja pelo sequestro da linguagem. O que sobrevive, testemunha por ele e pelos outros, ou seja, pelos que já não podem testemunhar a shoah. Este termo, embora implícito nos relatos da sobrevivente de Ravensbrück, assume um significado na história a partir do seu testemunho, bem antes do início da segunda guerra, a autora narra e transporta o leitor à festa do centenário da relojoaria Ten Boom, a mesa completa que reunia os membros da família e o cotidiano da relojoaria. A partir da invasão alemã na Holanda, Cornélia Ten Boom descreve a construção do quarto secreto na casa centenária, (O Refúgio Secreto), o acolher dos judeus e perseguidos pelo regime nazista, a prisão, a ida ao campo de concentração, o sofrimento e a morte da irmã Betsie no campo de concentração, na Alemanha. E, finalmente, o fim da guerra e a soltura de Corrie.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do binômio testemunha e testemunho, os termos análogos às catástrofes e aos traumas, como as guerras, as experiências nos campos de concentração e a violência vivida no período das ditaduras civil-militares. Esses acontecimentos, quando em narrativas, são denominados literatura de testemunho, pois, carregam um forte teor testemunhal. Assim confirma Seligmann, a literatura de testemunho ultrapassa o gênero:



É uma face da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes e faz com que toda a história da literatura (...) seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o “real” não deve ser confundido com “realidade” tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o “real” que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do trauma, de um evento que justamente resiste à representação. (SELIGMANN, 2008, p.53).

Ao analisar, portanto, a função do testemunho e a sua significação na obra *O Refúgio Secreto*, Corrie Ten Boom se debruça sobre alguns relatos das companheiras, prisioneiras dos campos de concentração, em particular, dos sofrimentos de Betsie, sua irmã. Cornélia chama atenção a um episódio ocorrido nos dias que antecederam à sua liberação:

O frio aumentava. Certa noite, durante a chamada, um grupo começou a bater os pés ritmadamente. Outros se uniram a eles e o ruído aumentou. Os guardas nem tentaram nos fazer parar, e daí a pouco, toda a coluna estava marcando passo no lugar, batendo os sapatos já tão gastos contra a terra gelada, para reavivar a circulação dos pés e pernas. Daí em diante, esse foi o som que sempre se ouvia na hora da chamada: o barulho de milhares de pés na longa estrada escura.

À medida que o frio aumentava, crescia também a pior tentação que se sofria num campo de concentração: pensar apenas em si mesmo. Ela tomava as formas mais diversas e sutis. Descobri que, quando conseguíamos nos colocar no meio do grupo, na formação para a chamada, ficávamos mais bem protegidas do frio.

Eu sabia que aquilo era egoísmo meu: quando eu e Betsie estávamos no centro, alguém tinha que estar na periferia. Como era fácil dar-lhe um nome mais digno! Eu agia assim pelo bem de Betsie.

Tínhamos um ministério importante ali, e por isso precisávamos estar bem de saúde. Na Polônia era mais frio que na Holanda, e assim as mulheres polonesas talvez não se ressentissem do frio tanto quanto nós.

O egoísmo tinha vida própria. Quando vi que o saquinho de levedo que Mien havia nos trazido estava se esgotando, comecei a retirá-lo de sob a palha somente depois que as luzes se apagavam; assim, as outras não o veriam e não poderiam pedir. A saúde de Betsie era mais importante [...]

Apesar de não ser muito certo, isso não era assim tão errado, era? Não tão horrível quanto o sadismo, a matança, e as outras monstruosidades que testemunhávamos em Ravensbruck. (TEN BOOM, 2017).

Ao narrar o sofrimento, que denota o indizível, Corrie Ten Boom confirma as ideias defendidas por Agamben (1998) que: “toda palavra, toda escrita nasça também como um testemunho. E aquilo que ela testemunha não pode ser de antemão língua escrita, mas algo que não pode ser colocado em testemunho”



(AGAMBEN, 2008). Assim, a relojoeira de Haarlem considera que há uma lacuna denominada indizível, onde reside o significado real da experiência e sobre o que a língua não é capaz de falar na sua integridade. Estaria aí, porventura, o propósito da obra *O Refúgio Secreto*?

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**, 1936.

FELMAN, Shoshana. **“Education and crisis, or the vicissitudes of teaching”**, in FELMAN, Shoshana e LAUB, Dori. **Testimony. Crisis of witnessing in literature, psychoanalysis, and history**. Nova York e Londres: Routledge, 1992.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades**. Tradução: Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

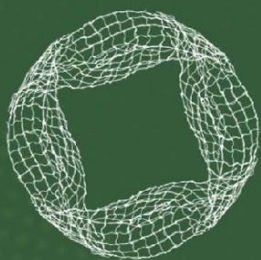
HOUAISS, Antônio, VILAR, Mauro de Sales, FRANCO, Francisco Manoel de Mello (ORG.). **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa/ Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia**, 1ed. -São Paulo: Moderna, 2015.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et al.]. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

SALGUEIRO, Wilberth (Org.). **O testemunho na literatura: representações de genocídios, ditaduras e outras violências**. Vitória: Edufes, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Ed. 34, 2005, p. 105-118.

_____, **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2008. SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Ed. 34, 2005,



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

SIMPÓSIO DE TRABALHO – SABERES E FAZERES CURRICULARES INTERCULTURAIS EM ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES

COORDENAÇÃO:

Profa. Dra. Ana D'arc (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Betânia Fidalgo Arroyo (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Edgar Chagas Junior (PPGCLC/UNAMA)

EMENTA:

Este Simpósio de Trabalho reúne pesquisas científicas, relatos de experiências etc., em torno da temática saberes e fazeres curriculares interculturais em espaços escolares e não escolares. Essa perspectiva admite que o currículo intercultural se mostra possível diante de rupturas e afastamentos de práticas excludentes que podem estar presentes em processos pedagógicos nesses cotidianos, no sentido que permite o fazer pedagógico baseado em princípios pautados de valorização de culturas que intencionalizam uma aproximação com as identidades pertinentes ao contexto em que esse currículo está situado. Nesse aspecto, o presente Simpósio de Trabalho aponta para um debate que consolida educação crítica de maneira ético-política a fim de legitimar os saberes e fazeres curriculares de modo intercultural em espaços escolares e não escolares.



PPGCLC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA



A MEMÓRIA NA AMAZÔNIA SOB O OLHAR MIGUEL DOS SANTOS PRAZERES, DE BENEDICTO MONTEIRO¹⁴¹

Cristina Dias Nogueira¹⁴²

Resumo: A Amazônia, seus homens e mulheres. É isto que conta o escritor paraense Benedicto Monteiro, através do herói Miguel dos Santos Prazeres, nos seus romances Verdevagomundo, O Minosssauo, A terceira margem, Aquele um e O Homem rio. Este trabalho investiga a cultura, a memória e a educação na Amazônia, por meio do protagonista das obras supra referidas. A partir daí construir uma visão mais complexa acerca da memória do amazônida, nas aventuras e nos conflitos vividos pelo herói de Benedicto Monteiro; e entender os processos educativos não formais na região, tendo em vista as histórias do narrador, e a superação da estereotipização do amazônida. Este olhar científico para a cultura amazônida, tendo em vista análise histórica da literatura, com a abordagem da Etnometodologia, com o enfoque do materialismo histórico dialético, busca suas principais categorias em Joël Candau (2016), Clifford Geertz (1989) e Denise Simões Rodrigues (2017), entre outros. Neste estudo, é possível compreender e analisar o processo de elaboração identitária cultural no personagem em foco, analisando a educação e a memória do caboco amazônida, aqui entendidos como fundantes para se compreender a história dos povos da floresta.

Palavras-chave: Memória. Cultura. Identidade cultural. Processos educativos não formais. Literatura.

MEMORY IN THE AMAZON UNDER MIGUEL DOS SANTOS PRAZERES, BY BENEDICTO MONTEIRO

Abstract: The Amazon, its men and women. This is what the Paraense writer Benedicto Monteiro tells us, through the hero Miguel dos Santos Prazeres, in his novels Verdevagomundo, O Minosssauo, A terceira margem, Aquele um and O Homem rio. This work investigates the culture, memory and education in the Amazon, through the protagonist of the aforementioned novels. From there, build a more complex vision about the Amazon's memory, in the adventures and conflicts experienced by the hero of Benedicto Monteiro; and understand the non-formal educational processes in the region, in view of the narrator's stories, and to overcome the stereotyping of the Amazon. This scientific look at Amazonian

¹⁴¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho [acrescentar de qual simpósio de trabalho se trata] do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020, no simpósio 6: Saberes e Fazeres Curriculares Interculturais em Espaços Escolares e Não Escolares.

¹⁴² Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará, SEDUC-PA, crisdias3@hotmail.com



culture, in view of the historical analysis of literature, with the approach of Ethnomethodology, with the focus of historical dialectical materialism, seeks its main categories in Joël Candau (2016), Clifford Geertz (1989) and Denise Simões Rodrigues (2017), among others. In this study, it is possible to understand and analyze the process of cultural identity elaboration in the character in focus, analyzing the education and memory of the Amazonian caboco, understood here as fundamental to understand the history of the peoples of the forest.

Keyword: Memory. Culture. Cultural identity. Non-formal educational processes. Literature.

MEMORIA EN LA AMAZONIA MEDIANTE MIGUEL DOS SANTOS PRAZERES, POR BENEDICTO MONTEIRO

Resumen: El Amazonas, sus hombres y mujeres. Esto es lo que nos cuenta el escritor paraense Benedicto Monteiro, a través del héroe Miguel dos Santos Prazeres, en sus novelas Verdevagomundo, O Minosaurus, El tercer banco, Aquél y O Homem rio. Este trabajo investiga la cultura, la memoria y la educación en la Amazonía, a través del protagonista de las obras mencionadas. A partir de ahí, construir una visión más compleja sobre la memoria de la Amazonía, en las aventuras y conflictos vividos por el héroe de Benedicto Monteiro; y comprender los procesos educativos no formales en la región, a la luz de las historias del narrador, y superar los estereotipos de la Amazonía. Esta mirada científica a la cultura amazónica, en vista del análisis histórico de la literatura, con los enfoques de la etnometodología y del materialismo dialéctico histórico, busca sus principales categorías en Joël Candau (2016), Clifford Geertz (1989) y Denise Simões Rodrigues (2017), entre otros. En este estudio es posible comprender y analizar el proceso de elaboración de la identidad cultural en el personaje en foco, analizando la educación y memoria del caboco amazónico, entendido aquí como fundamental para comprender la historia de los pueblos de la selva.

Palabras-clave: Memoria. Cultura. Identidad cultural. Procesos educativos no formales. Literatura.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida ao longo de dois anos e meio no Programa de Mestrado em educação da Universidade do Estado do Pará e comunga a junção entre a fundamentação teórica da disciplina Cultura, saberes e imaginário na educação amazônica e o encantamento pela literatura brasileira de expressão



amazônica, mais especificamente no que tange à obra do romancista paraense Benedicto Monteiro. Tomando como principais fontes a chamada tetralogia monteriana, composta pelos romances Verdevagomundo, O Minossauro, A terceira Margem, Aquele um e O Homem rio, que têm como elo o personagem Miguel dos Santos Prazeres, que é a caracterização literária do caboco amazônida.

Este estudo permitiu analisar, a partir dos indícios fornecidos pelas obras, os processos educativos não formais, no contexto da Amazônia. Estes processos são silenciados e postos à margem das discussões sobre educação, doravante a sua relevância histórica para o contexto desta região. E falar sobre eles na academia passa a ter uma característica de inovação, do ponto de vista da cientificidade, uma vez que a educação formal carrega o status de o único processo sobre o qual se estrutura a formação dos diversos homens e mulheres para a vida.

Entretanto, na Amazônia, a educação desenvolvida no dia-a-dia da comunidade permite, por exemplo, a sobrevivência das tradições; a formação do amazônida para a produtividade, práticas medicinais e curativas e o conhecimento acerca da natureza e de todos os aspectos relacionados à vida do homem naquela sociedade.

Estes estudos destacaram a relevância da linguagem oral, para a região. Ela é o suporte da memória e o meio de sobrevivência das tradições. O que conta muito sobre os processos identitários, narrados através das aventuras do personagem Miguel dos Santos Prazeres.

No que tange à metodologia da pesquisa, foi feita pesquisa documental, com um mergulho sobre outros trabalhos, mídias, entrevistas, que nos deram indícios sobre o próprio escritor e o contexto histórico de elaboração. E bibliográfica, conhecendo outros recortes de estudos científicos acerca da obra do autor. Se configurando em uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, seguindo uma abordagem etnometodológica, com enfoque materialista histórico dialético, por apresentar crítica social, econômica e cultural.



2 O MUNDO DE MIGUEL

O objeto desta pesquisa é extraído do personagem Miguel dos Santos Prazeres, que é um herói, elo entre os romances de Benedicto Monteiro Verdevagomundo, O Minossauro, A terceira Margem, Aquele um e O Homem rio, que mostram aspectos essenciais para a caracterização do caboco amazônida. Dentre os aspectos culturais, Benedicto enfatiza o vocabulário típico, com palavras e composições, tais como aglutinações, que evidenciam a forma de ser e de pensar do homem desta região; a forte religiosidade na vida do amazônida, sobre a qual a figura do padre exerce grande influência sobre as pessoas e suas formas de pensar e na cultura de forma geral e, por consequência, sobre os processos educativos. Um exemplo claro de tudo isso é a escolha do nome do personagem.

A memória, por sua vez, perpassa por toda a elucidação dos diversos matizes e nuances dos elementos da natureza e as paisagens que compõem a Alenquer do personagem, importantíssimo para a construção do perfil deste herói e, neste sentido, se destaca o espaço emocional ocupado pela água, na vida do personagem Miguel; bem como a natureza, que se apresenta como o espaço de sua atuação de vida e trabalho no Mundo, enquanto mateiro, pescador, que nada, rema, pesca. Estas atividades passam a ser objeto de rememoração quando ele migra para a capital, Belém. Tudo isso, as narrativas mostram acerca dos processos educativos – não os formais – aqueles desenvolvidos no dia-a-dia da comunidade, entre diversos atores e estão presentes nas mais diversas formas de educação.

Esse emaranhado de informações é apresentado nas narrativas, trazendo uma infinidade de elementos culturais que caracterizam a Amazônia, como os já descritos, nas aventuras do personagem, seus dilemas, seu olhar sobre a vida, suas dores e as dádivas de ser amazônida, as relações de trabalho, a relação e entre o homem e a natureza.

Tendo o envolvimento do espaço/tempo na composição deste personagem, a leitura dos romances enfatiza os aspectos históricos e



geográficos. Dentro da constituição do tempo histórico, contexto da Ditadura militar. Nesse sentido, surgem as viagens do herói pelo mundo, tanto para fugir da ditadura, como para narrar a suas aventuras amorosas, seu símbolo de virilidade característico do homem da região. Para expressar mais este aspecto, Benedicto fez seu principal narrador pai de sete filhos, com sete mães de etnias deferentes: cabocla, japonesa, turca, negra, nordestina, portuguesa e índia, o que aponta a questão da multiétnicidade e do multiculturalismo na Amazônia.

A importância literária destas obras torna Benedicto Monteiro reconhecido, prestigiado e estudado no Brasil e no Mundo inteiro, com trabalhos nos mais diferentes recortes, mas ainda insuficientes para a riqueza das informações que elas apresentam sobre os homens da região. Pois nelas, Benedicto mostra os mistérios da Amazônia, a partir do seu personagem-elo, com as histórias, o vocabulário, a cultura, a forma de viver do homem da região. Ou seja, os aspectos identitários que contam as vivências e os olhares do caboco amazônida sobre a vida, ligando-os ao espaço-tempo do rio e da floresta.

A forma como o rio é descrito pelo personagem mostra como este recurso natural aglutina aspectos identitários dos povos da Amazônia. Sendo ele o espaço onde a figura do personagem elo entre os romances demonstra seu conhecimento sobre a natureza, atua no mundo e o lugar onde vivem os seres que habitam o imaginário do amazônida.

3 OLHAR PARA O RIO COM OS OLHOS DE MIGUEL

Assim, a questão-problema sobre o qual estrutura esta pesquisa é: Como Benedito Monteiro aborda a memória, a cultura e os processos educativos não formais, do contexto do caboco amazônida, a partir do seu personagem Miguel dos Santos Prazeres, nas obras Verdevagomundo, O Minossauo, A terceira Margem, Aquele um e O Homem rio?3

Este recorte requer o estudo das obras, tendo como fundamentação os conceitos de cultura de Carlos Rodrigues Brandão, os olhares sobre a memória que encontramos em Michael Pollac (1989) e Maurice Halbwachs (2004).



Assim, em primeiro lugar, a categoria Cultura é vista enquanto construção sistêmica fundamentada em conhecimentos e valores (BRANDÃO, 2015, p.138). O que é expresso nos romances que compõem a tetralogia, nos quais o herói Miguel é uma expressão do caboco amazônida, com seu olhar sobre o Mundo permeado pela sua relação com a natureza, que se materializa através da sua relação com o rio, o que determina sua forma de ver e atuar no Mundo.

Em segundo lugar, a memória é uma categoria que se fundamenta em Michael Pollac (1989) e Maurice Halbwachs (2004), uma vez que as obras em questão se constituem através de relatos de rememoração, em torno das aventuras do nosso herói. E essa rememoração traz consigo um conjunto de elementos da cultura que são produto de memória coletiva: tradições, costumes e saberes. Tudo isso é essencial para compreender personagem Miguel enquanto narrador das histórias contadas pelo romance de Benedicto Monteiro, expressão do homem da Amazônia, com sua forma de viver, de atuar no mundo e, tendo como contexto temporal o período histórico da ditadura militar.

Já os processos educativos não formais, tão essenciais para a construção da identidade amazônica se constroem no dia-a-dia da comunidade e garantem a sobrevivência das práticas produtivas, o conhecimento sobre a natureza, as práticas medicinais e religiosas, em contraponto a uma dominação cultural de uma perspectiva branca, capitalista e urbana. Deste contato cultural (CANCLINI, 1995, p.141/142) olhar que faz deste homem um estereótipo de atraso e ignorância, em virtude dos estágios do desenvolvimento das políticas do sistema capitalista em locais deferentes da região amazônica. Este tipo de educação ainda é marginalizado no reconhecimento da sua relevância para os homens da floresta e, em virtude disso, ainda pouco estudado.

Os estudos desenvolvidos neste campo se encaixam na perspectiva de cidadania cultural (YÚDICE, 2013, p.43), categoria produz conceitos acerca dos direitos difusos de se ensinar sua língua e sua cultura, segundo uma perspectiva de diversidade cultural.



4 COMO INVESTIGAR A AMAZÔNIA ATRAVÉS DE MIGUEL

Acerca da metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, é possível apontar a pesquisa qualitativa de natureza documental e bibliográfica como tipos de pesquisas predominantes. A pesquisa qualitativa se encontra em um status inovador, do ponto de vista das ciências sociais. Pois estas foram tradicionalmente estruturadas sob uma óptica positivista e quantitativa.

Entretanto, em virtude da natureza do objeto de estudo, que aponta para aspectos da sociedade, cuja complexidade não é contemplada no rol de alcance das abordagens positivista e métodos quantitativos de análise de dados. Daí a pesquisa qualitativa de caráter exploratório, para atender à demanda de complexidade deste objeto de estudo. Este tipo de pesquisa, para Minayo (2011, p. 15):

(...) é necessário afirmar que o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de a conter. As ciências sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso, ela aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações.

Para a abordagem, a análise histórica da literatura, na perspectiva de Antônio Cândido (1976) pois entre as obras estudadas, o contexto histórico e geográfico é importantíssimo para o entendimento da caracterização do personagem estudado e para um olhar sob outro ângulo do estereótipo do caboco amazônida, criado pela dominação da cultura capitalista.

No entanto, a situação específica ocupada por esta pesquisa no campo educacional é, inclusive, caracterizada pela pluralidade de enfoques, que passa a ser realidade das ciências sociais, a partir da consideração da importância destes aspectos que não têm natureza quantificável. E estando fora da área da



educação formal, considera educação os processos outros, além dos formais, valorizando, neste contexto, a memória e a cultura dos povos da Amazônia e suas características sociais e históricas.

Além disso, é de suma importância mostrar óptica da etnometodologia, de Watson e Gastaldo, para os quais: “(...) é um ramo das Ciências Sociais, que busca estudar exatamente aquilo que as outras Ciências Sociais parecem fazer desaparecer: as pessoas singulares em suas ações cotidianas e os modos pelos quais elas, em interação, fazem sentido do mundo.” (WATSON e GASTALDO, 2015, p. 08). Isto porque um olhar sobre os processos educativos não formais construídos no leito das comunidades, de pai para filho em que se pese a importância no modo de vida e da organização econômica e estrutura de vida produtiva do caboco amazônica.

Ao longo do processo de investigação, foram apontados pelas obras aspectos envolvendo o ideário, uma cultura movente, com tantas bases originárias (o multiculturalismo na composição histórica e a consequente formação da diversidade cultural da Amazônia) que desembocam nos de mitos e lendas, tão importantes para a educação e para a formação moral dos homens desta região.

Dentre as fontes trabalhadas as cinco obras literárias (Verdevagomundo, O Minossauo, A terceira Margem, Aquele um e O Homem rio); toda documentação, dos arquivos pessoais de Benedito Monteiro, aos quais tivemos acesso, a partir do contato com a curadora sua obra, a filha do escritor e poetiza Wanda Monteiro, assim como outros trabalhos que já foram desenvolvidos dentro da temática, com outras abordagens e outros recortes, por pesquisadores brasileiros e de outros países.

Como é o caso do professor Doutor José Guilherme de Oliveira Castro, pesquisador que trabalha a obra deste escritor. Em entrevista concedida ao Diário on-line, acerca do material de suas pesquisas acerca do escritor Benedito Monteiro, apresenta detalhes acerca do seu trabalho literário:



Ele andou pelo interior, nas campanhas políticas, e recolhia muita fala daquela gente toda, daquelas cidades, não só dos ribeirinhos, mas também de outras cidades da zona rural. Então ele achava muito interessante aquele linguajar. Ele queria desenvolver uma tese sobre linguística. Só que quando a revolução triunfou, a casa dele foi invadida e pensavam que era material Subversivo e destruíram a maior parte. O que restou, ele criou as personagens dele, inclusive o grande herói, que é o Miguel dos Santos Prazeres, que é a personagem máxima da obra do Benedito. SKITTBERG, disponível em: <https://youtu.be/xhQt9pEyDmc>

Além de uma economia estruturada sob a floresta, em formas bastante específicas de organização comunitária, que evoluem ao longo da história e se situam no Mundo globalizado, tais como setores importantes da economia local: o comércio de madeiras, a exploração de minérios, a pesca, a pecuária, a agricultura, a exploração das espécies animais e vegetais, a produção de farinha e a história exploração do látex da seringueira, que é tão importante para a reflexão acerca da contextualização da Amazônia ao processo de colonização. O turismo é outro setor econômico que gira em torno da floresta e que vem se destacando, paulatinamente.

Tudo isso, são aspectos que, na pesquisa, com a presente estrutura científica proposta, como o objeto de estudo apresentado, o problema sobre o qual se debruça e a metodologia sugerida, acabam emergindo. Assim, conjectura-se que, tendo em vista toda a experiência vivida pelo escritor Benedito Monteiro, nas suas vivências em comunidade com os diversos cabocos amazônidas, bem como de seus estudos desenvolvidos com fins científicos, como foi apresentado pelo professor Doutor José Guilherme de Oliveira Castro, ele construiu material vasto sobre a memória, cultura e os processos educativos não formais, desenvolvidos pelos cabocos amazônidas, tão relevantes para os processos identitários da região.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, a relevância histórica da diversidade étnica produz grande riqueza cultural. Percebe-se que, na origem de ocupação desta região,



ocorre um grande processo de miscigenação, através de várias origens étnicas, o que é percebido nos detalhes revelados ao longo da tetralogia, como os saberes dos homens da floresta. Essa percepção se dá, principalmente, através da história de vida do personagem, tendo ele filhos com mulheres de sete origens étnicas diferentes, de modo a tornar toda a diversidade de forma mais evidente: seu filho de origem caboca, para mostrar a existência da própria natureza multiétnica da região; os de origem japonesa, turca e portuguesa mostra a relevância histórica da imigração destas etnias para a região norte; as etnias negra e os nordestinos (abarcando aí formação étnica historicamente constituída especificamente) se deu em virtude da própria história de ocupação do Brasil.

Mas a forma como a multiétnicidade fala ao leitor através do personagem evidencia aspectos gerais que constroem os saberes e a forma de ser do amazônida, que perpassam por todas as suas práticas de vida e trabalho. A medicina popular exercida pelos povos da floresta é sempre envolta por elementos da natureza e do imaterial. Assim, Miguel fala de uma experiência que comprova, para ele, a eficácia dessas práticas, em “O minossauro:

Na cura contra a febre, acho que meu padrinho tinha tomado parte. Não sei se com suas rezas de resmungos e silêncios ou com alguma coisa que ele tenha colocado escondido nalguma água. Ele possuía quengos. Febre, malária, eu já sofria desde de muito antes, acho que até desde criança. Mas, maligna, a terça maligna, foi a única febre que me derrubou no fundo duma rede que fiquei lá embaixo. Meu padrinho não deixou que me dessem remédios de farmácia. Meu pai, dessa feita também não conseguiu nada com os pretos. (MONTEIRO, 2010, p. 19)

O autor apresenta, sob o olhar da ficção, como sendo descrita por um caboco amazônida, universo sociocultural desta região. Ele passa a ser tudo aquilo no qual se constitui a cultura, a partir de elementos que se originam geograficamente em pontos diversos, no Brasil e no Mundo, se configurando num todo que sofre as influências de um processo de globalização e de urbanização, num processo de dominação. E é dentro no cotidiano comunitário que se tem a resistência ao processo de globalização, através dos processos



educativos não formais e da linguagem oral, que permitem a sobrevivência dos elementos culturais oriundos da diversidade amazônica.

A linguagem oral. Sobre ela se estruturam os processos educativos não formais, nas comunidades, os quais são responsáveis pela sobrevivência das tradições e, por consequência, todos os aspectos relacionados à vida e à produtividade dos homens da região.

Os saberes, tais como aqueles relacionados à origem dos componentes mitológicos, que tomam forma de elementos da natureza e podem estar relacionados às origens indígenas ou africanas, com influências das outras etnias e assumem destaque nas narrativas na região e assumem configurações identitárias que sobrevivem através da oralidade, como nos conta o próprio Miguel:

Pois imagine, entre a cabeça do búfalo e do jacaré, apareceu a cabeça de uma cobra. Só os olhos brilhantes e a língua como se fossem chamas de fogo davam forma para essa nova cabeça. Os olhos vermelhos do búfalo, os olhos brilhantes da cobra e a sua língua de fogo eram as únicas coisas que iluminavam aquele escuro. De repente, no meio daquelas sombras meio confusas, apareceu um bico de pássaro tipo água. E pra me confundir ainda mais, surgiu do nada, uma cabeça de peixe. A boca cheia de dentes enormes. Podia ser até uma piranha gigante, mas também podia ser uma piraíba, que é uma espécie de tubarão de água doce. Havia também uma cabeça que aparecia e desaparecia naquelas sombras. Não dava pra distinguir se era um sapo ou um morcego. Mas quando esse tal de animal fantasma virou verde-sombra, a luz da poronga alumiou um imenso lagarto. Não, não era um lagarto, era uma camaleão verde-negro. Bem verde, de um verde desconforme. Estava mais pra dragão, pelo tamanho e pelo fogo que saía pela sua boca e pelos seus olhos que tinham um brilhar esquisito. Aquele fogo que saía dos olhos do búfalo e dos olhos e da língua da cobra era o mesmo que saía da boca do camaleão preto todo esverdeado. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p.142)

Aqui se traduz a forma como o homem da floresta vê seus personagens mitológicos, que são tão presentes no ideário popular. O compartilhamento dessas crenças, através da linguagem oral evidencia posturas e modos de pensar e atuar no mundo, ou seja, são também fatores identitários. Logo, a linguagem oral é muito importante para estes processos de educação não formais que estruturam uma cultura que ocupa espaços marginalizados no contexto amazônico.



Em segundo lugar, o personagem Miguel vive suas experiências e narra como pensa e vive o homem na Amazônia, mostrando a importância do rio para este homem, que atua no Mundo através deste recurso da natureza:

Olhe só, quantos rios por aí. Como já lhe falei, mas é bom sempre relembrar. Desde o grande rio Amazonas trazendo águas lá do Perú, até o Tocantins que vem do centro do Brasil, deságuam em frente de Belém. E ainda tem os menores, como o Capim, o Guamá, o Acará, Moju e o próprio rio Pará. Por falta de rio, penso que não vou morrer de saudade, pois foi nos rios que eu me criei e sempre viajei. (MONTEIRO, O homem rio 2008, p.14)

Assim, o personagem Miguel apresenta um homem (o amazônida) que vive num contexto histórico marcado pelo período da ditadura militar e pela dominação do ambiente rural por parte da cidade, que invade a floresta e seus homens. Na narrativa apresentada por Benedicto na obra síntese da tetralogia, o seu personagem elo migra para a capital, de modo a materializar todas as dificuldades de adaptação ao centro urbano, em razão de parâmetros diferentes de produção e subsistência e do ambiente:

Estava enfim numa cidade-grande, por um tempo que eu não imaginava. Eu só tinha vindo pra Belém, por causa dos foguetes que espocavam na festa de Nazaré. O pessoal diz que Belém tem mais do que um milhão e quinhentos mil habitantes. Acho, que durante o Círio, essa população dobra. Pelo menos é o que se vê nas ruas. Mas eu, o que posso fazer numa cidade como esta? Sem rios, com seus igarapés reduzidos ao de estado de valas e com suas matas aprisionadas em bosques? Uma cidade, uma grande cidade, sim senhor, mas, onde, infelizmente, se fecham os horizontes. E eu tive que perder os meus rumos e todas as minhas distâncias. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p.45)

O dilema vivido Miguel mostra a realidade do amazônida, atraído pela cidade, pelo discurso de progresso e oportunidades, que foi popularizado no interior através do rádio – principal meio de comunicação aí utilizado – a partir do período da ditadura militar, no Brasil. No entanto, a formação do caboco, que se dá em meio social, na comunidade, de pai para filho, caracteriza os processos educativos não formais, que mantém práticas, tais como a agricultura, a pesca, a produção de farinha, a medicina popular, etc.



Em contrapartida, em ambiente urbano, a maioria das práticas laborais giram em torno de atividades que necessitam de instrução formal. Daí o surgimento de atividades que passam a absorver os cabocos que migram para a cidade. Na obra síntese, *O homem rio*, Benedicto fala da atividade do operador de carga avulso, o estivador, categoria que se destaca por trabalhar sem vínculo empregatício, cujos direitos trabalhistas são garantidos através de organização de cooperativa; assim como o taxista que trabalha como autônomo.

No entanto, poderíamos citar as diversas atividades informais, tão importantes no norte do Brasil. Sem a instrução formal, que os habilitem a exercer atividades importantes em meio urbano, o amazônida que migra para a cidade, é absorvido por essas atividades para a garantia do seu sustento.

Importante destacar que, diante das diferentes realidades que opunham a floresta e a cidade o caboco Miguel perde o norte de sua vida e jamais consegue adaptar-se e encontrar a felicidade. Tanto que, é sobre as águas que ele tenta buscar, novamente um lar ou alguma coisa que se aproxime. Afinal, são tantos saberes que giram em torno da mata, das águas, dos animais que, em ambiente urbano, se tornam sem um sentido.

O rio. Este elemento da natureza sobre o qual o amazônida aprende tantas coisas, como nadar, pescar, navegar, perceber as estações é, para o personagem, que apresenta ao leitor o olhar do escritor, o lugar mais importante da vida e das aprendizagens diversas, para os povos da floresta. Tanto que, ao final de sua saga o caboco Miguel encontra, nele, seu destino: “Sigo viagem. Mas vale voltar para as águas dos rios. Encontrar com as linhas d’água. Vencer distâncias. Como já lhe disse, são os rios que dão o destino de minha vida.”(MONTEIRO, *O homem rio*, 2008, p. 199)

Por fim, olhar para a Amazônia através dos olhos de Miguel é encontrar com as contradições e conflitos que giram em torno da oposição entre o interior e cidade, tais como as diferenças demográficas – se, por um lado, o interior apresenta uma esparsa concentração de pessoas e, por outro, na cidade, há maior concentração, o que requer um ritmo mais acelerado. Existem, também, diferenças de organização produtiva e de subsistência, ou seja, enquanto no



interior, as atividades produtivas estavam relacionadas às águas e à terra, na cidade, a produtividade dos homens está voltada para os a indústria, comércio e serviços, o que requer habilidades construídas através de processos de educação formais.

Até na minha casa, eu chego ou saio pra fazer o meu serviço. Quando eu chego ninguém me espera e quando eu saio, é apenas pra chegar no meu ponto de trabalho. O senhor nem pode imaginar como me fazem falta as distâncias. A amplidão do céu e os caminhos das águas. E principalmente aquele puro sentimento de liberdade. Depois que eu comecei a trabalhar nesta cidade, foi que eu fui dar valor pra liberdade que eu gozava. (MONTEIRO, O homem rio, 2008, p. 151)

No contexto histórico da ditadura militar, no Brasil, até anos 2000. Este é o período de construção das obras analisadas, daí a apresentação de um texto literário atual, que coloca a realidade local diante do contexto mundial. Para tanto, o rádio, surge como o veículo de informação para o personagem, dado seu impacto de relevância no que tange ao acesso às informações, em lugares mais remotos, até os dias atuais, dentro das narrativas.

Mas o principal resultado obtido com as pesquisas é de que a relevância geográfica dos processos educativos não formais para o amazônida, em relação à subsistência e ao espaço do homem no mundo reside, justamente, na relação de marginalização da floresta (ou campo?) em relação à cidade. O movimento histórico da globalização age sobre os povos da floresta como um processo de dominação da cultura urbana.

Assim, apesar de a instrução formal ter se configurado como a única realidade com relevância socialmente aceita, os processos outros têm sua relevância relacionada a diversas práticas humanas na Amazônia: artísticas, medicinais, religiosas, etc. Tendo grande impacto sobre a sobrevivência, à identidade, ao pertencimento, à produtividade, à atuação deste homem no Mundo, sendo fruto da memória e das práticas orais. O que foi cartografado por Benedicto, em um momento em que Miguel, ao final de sua saga, consegue mapear os entendimentos acerca da linguagem de cada localidade por onde passou ao longo de suas viagens.

O principal fator que comprova que a instrução formal não se sustenta como único processo educativo, é a realidade atual, em que o Mundo vive uma



pandemia (Covid 19), causando prejuízos para todas as áreas de atuação humana e impossibilitando o retorno seguro das atividades em sala de aula, dando maior destaque para a educação em ambientes não escolares.

O olhar sobre esta relevância demanda reconhecimento e valorização por parte do próprio Estado, no sentido de reconhecer as práticas não formais de ensino, a linguagem praticada pelas comunidades rurais da Amazônia, suas práticas orais, as práticas medicinais, a mitologia, como patrimônio imaterial, cuja resistência pode receber o suporte de políticas públicas, como sugere, para o contexto da América Latina, CANCLINI, 2008.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Nós, os humanos do mundo à vida, da vida à cultura**. São Paulo: Cortez, 2015.

CANCLINI, Néstor García. **CULTURAS HÍBRIDAS**. São Paulo: EDUSP, 2008. Introdução à edição de 2001. As culturas híbridas em tempos de globalização.

_____. **CONSUMIDORES E CIDADÃOS**. Conflitos multiculturais da globalização. Tradução de Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade** / Joël Candau; tradução Maria Letícia Ferreira. – 1. Ed., 3ª impressão. – São Paulo: Contexto, 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. Parte I – Uma Descrição Densa. Por um teoria interpretativa da cultura.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

MONTEIRO, Benedicto. **O Homem rio: A saga de Miguel dos Santos Prazeres** - 1ª Ed. Belém: Editora Amazônia, 2008.

MONTEIRO, Benedicto. **O minossau** - 4ª Ed. Belém: Editora Amazônia, 2010.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Tradução do francês de Dora Rocha Flaksman. Estudos históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2 n.3, 1989



WATSON, Rod, GASTALDO, Édson. **Etnometodologia e Análise da Conversa**. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC – Rio, 2015.

YÚDIC, George. **A conveniência da cultura na era global** / George Yúdice; tradução Marie-Anne Kremer. - 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 5ª ed.revista. São Paulo, Editora Nacional, 1976.

RODRIGUES, Denise Simões. **POLÍTICA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA PARAENSE NOS PERÍODOS COLONIAL E IMPERIAL À LUZ DA TEORIA DE CORNELIUS CASTORIADIS**. Projeto História, São Paulo, v. 60, pp. 252-280, Out-Dez, 2017

SKITTBERG, Liliane. **Personalidades históricas do Pará – Benedicto Monteiro**. Disponível em: <https://youtu.be/xhQt9pEyDmc> Acesso em: 18 abr. 2018.



NARRATIVAS MIDIÁTICAS MULTIPLATAFORMA E OS EFEITOS DE SENTIDO IDEOLÓGICO NA EJA SOBRE AS PROBLEMÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS¹⁴³

Aline do Socorro Martins Pacheco Sakaguchi¹⁴⁴

Resumo: Este estudo de caso tem como objetivo principal analisar as representações sociais da EJA sobre as problemáticas ambientais e sociais do bairro do Aurá, Ananindeua-PA e sua relação com as narrativas da mídia sobre o meio ambiente, que culpabilizam a população, desviando o foco do verdadeiro responsável: o Estado. A partir da experiência da pedagoga investigadora, constatou-se que referenciais como pobreza, miséria, violência urbana, meio ambiente, mídia e educação precisam ser apreendidos, internalizados, e compreendidos pelos educadores, a partir de sua familiarização com a realidade local, o concreto. Após este processo, abre-se reflexão sobre estratégias mais efetivas de ensino do tema “educação ambiental” no currículo escolar, com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável nesta região, contribuindo para a melhoria das condições de vida destes sujeitos. As práticas da EJA devem ser fundamentadas nas tradições e consenso do universo dos sujeitos, pois é ele quem molda as atitudes dos indivíduos.

Palavras-chaves: Multiplataformas. EJA. Representações sociais. Problemáticas socioambientais.

MULTIPLATFORM MEDIA NARRATIVES AND THE EFFECTS OF IDEOLOGICAL SENSE IN THE EJA ON SOCIO-ENVIRONMENTAL PROBLEMS

Abstract: This case study has as main objective to analyze the social representations of EJA on the environmental and social problems of the Aurá neighborhood, Ananindeua-PA and its relation with the media narratives about the environment, which blame the population, diverting the focus from the responsible: the State. From the experience of the pedagogue-researcher, it was found that references such as poverty, misery, urban violence, environment, media and education need to be apprehended, internalized, and understood by educators, from their familiarization with the local reality, the concrete. After this process, educators should include the subject "environmental education" in the

¹⁴³ Trabalho apresentado ao Simpósio Saberes e Fazeres curriculares interculturais em espaços escolares e não escolares do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹⁴⁴ Licenciada plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Especialista em Psicologia Educacional com ênfase em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Servidora da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA) e servidora da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) da Prefeitura de Ananindeua-PA. Mestranda em Comunicação, Linguagem e Cultura pelo PPGCLC (UNAMA).



school curriculum, with the objective of implementing sustainable development in this region, contributing to the improvement of these subjects' lives. The practices of EJA must be based on traditions and consensus of the universe of the subjects, because it is he who shapes the attitudes of individuals.

Keywords: Multiplataform. EJA. Social representations. Environmental issues.

NARRATIVAS MULTIPLATAFORMA DE LOS MEDIOS Y LOS EFECTOS DEL SENTIDO IDEOLÓGICO EN LA EJA SOBRE LOS PROBLEMAS SOCIOAMBIENTALES

Resumen: Este caso de estudio tiene como objetivo principal analizar las representaciones sociales de EJA sobre la problemática ambiental y social del barrio Aurá, Ananindeua-PA y su relación con las narrativas mediáticas sobre el medio ambiente, que culpan a la población, desviando el enfoque de la responsable: el Estado. A partir de la experiencia del pedagogo-investigador, se encontró que referencias como pobreza, miseria, violencia urbana, medio ambiente, medios de comunicación y educación deben ser aprehendidas, internalizadas y comprendidas por los educadores, desde su familiarización con la realidad local, la hormigón. Luego de este proceso, los educadores deben incluir la asignatura “educación ambiental” en el currículo escolar, con el objetivo de implementar el desarrollo sustentable en esta región, contribuyendo al mejoramiento de la vida de estos sujetos. Las prácticas de EJA deben basarse en las tradiciones y consensos del universo de los sujetos, porque es él quien configura las actitudes de los individuos.

Palabras-clave: Multiplataforma. EJA. Representaciones sociales. Cuestiones ambientales.

1 INTRODUÇÃO

Aurá é um bairro do município de Ananindeua¹⁴⁵, próximo à cidade de Belém, capital do estado do Pará, área da região amazônica que expandiu nas periferias, às margens dos rios e em meio à floresta. A população original é formada pelos “ribeirinhos”, moradores das “beiras” das águas cujas residências são as “palafitas”. Tais construções são precárias em relação à falta de luz, saneamento básico e água tratada, além do completo isolamento social e

¹⁴⁵ “Esta localidade surgiu na década em 1790, a partir da implantação de um engenho de açúcar às margens do rio Guamá, atual colônia agrícola do Abacatal”, segundo informações do Portal do Instituto Nacional de Ciências e Tecnologia - INCT (2020), disponíveis em <http://inct.cnpq.br/>.



econômico. São casebres de madeira, erguidos sobre tábuas para resguardar os moradores da invasão das águas durante o período das “cheias” (EcoBrasil¹⁴⁶, 2020).

A fonte de renda é marcada por subempregos, o que coloca esta população abaixo da linha da pobreza, segundo levantamentos do Banco Mundial¹⁴⁷ e das Nações Unidas em relação à renda, que é inferior a U\$ 3,20 por dia, o que corresponde a cerca de R\$ 15,00.

Portanto, a “escola” neste local tem um valor diferenciado, pois ela se constitui em o lugar de oportunidades, que oferece uma enorme classe de conhecimentos e crenças, destinadas à interpretação e construção do real, de acordo com a teoria de Moscovici (2011).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Municipal Padre Pietro Gerosa, localizada no bairro do Aurá em Ananindeua, foi escolhida como cenário de investigação pois a autora pesquisadora corrobora com Hadad e Di Pierro (2000), os quais afirmam que a EJA consiste em um instrumento de correção das desigualdades sociais produzidas pelo modo de produção, oportunidade para que o Estado cumpra a sua “função de assegurar a coesão das classes sociais” (p. 118)

A população amazônica possui muitas carências em decorrência das contingências da própria região: rios *versus* floresta e desenvolvimento urbano sem planejamento. Os moradores do Aurá e vizinhança têm buscado por mudanças através das representações sociais da EJA, mas as narrativas midiáticas multiplataformas, ocasionadas pela problemática ambiental do antigo aterro sanitário do Aurá e do atual “lixão” de Marituba, têm deixado marcas profundas, que têm impactado essas representações.

De acordo com Furtado (2010) na década de 90, foi estabelecido o aterro sanitário do Aurá, entretanto ao longo dos anos o aterro que deveria fazer o tratamento do lixo e dos seus resíduos tornou-se um depósito de lixo, conhecido

¹⁴⁶ Portal EcoBrasil da FUNBIO (Fundo Brasileiro para a Biodiversidade) e Fundação Viva Rio.

¹⁴⁷ Banco Mundial - Nações Unidas, disponível em <https://nacoesunidas.org/banco-mundial-quase-metade-da-populacao-global-vive-abaixo-da-linha-da-pobreza/>.



como lixão do Aurá. O que causou a poluição da Bacia do Aurá prejudicando o rio, principal fonte de subsistência da comunidade ribeirinha de Nossa Senhora dos Navegantes.

Conforme informações do Jornal Eletrônico “O Liberal.com”¹⁴⁸ (OLC, 2019), com base em estudos realizados pelo Instituto Evandro Chagas (IEC), o lixão de Aurá é “uma bomba relógio” que recebia cerca de 600 toneladas de lixo por dia e, por isto, foi desativado em 2015. Mesmo assim, o seu fechamento se transformou em uma polêmica político-econômica da Prefeitura que persiste em reabri-lo:

[...] para a continuidade do serviço de recebimento de resíduos, é necessário expandir a atual capacidade do aterro. E isso está condicionado a uma série de licenças, estudos, autorizações e comum entendimento entre diferentes órgãos para garantir segurança ambiental e operacional do empreendimento (OLC, 2019, P. 1).

O censo de 2013 realizado pela Prefeitura de Belém identificou a presença ativa de 1824 catadores no lixão, os quais, segundo Pinheiro¹⁴⁹ (2019) em publicação para o Portal Saneamento Básico: “[...] não foram amparados por programas que pudessem inseri-los no mercado de trabalho” (p. 1).

O IEC constatou incontáveis impactos causados pelo chorume emitido do Aterro Sanitário de Marituba, com graves consequências: “[...] na fauna e na cadeia alimentar das populações ribeirinhas ao longo do rio Aurá”, de acordo com a publicação do Jornal “O Liberal.com” (2019, p. 3).

Há outros riscos importantes relacionados ao Aterro Sanitário de Marituba que são a combustão espontânea de gás e a fumaça resultante dessa combustão, ambos considerados cancerígenos, além do impacto ao meio ambiente (solo, água e ar) e a toda espécie de vida (flora, fauna e humana).

Entretanto, a pior de todas as sequelas têm sido aquela produzida pelas narrativas midiáticas que vem atingir, em curto, médio e longo prazos, a memória coletiva deste povo, marcando as representações sociais. Isto ocorre porque o

¹⁴⁸ Jornal Eletrônico “O Liberal.com”, publicação de 30 de maio de 2019.

¹⁴⁹ “Avaliação do fechamento do lixão do Aurá do município de Belém/PA”, de Janary Fonseca Pinheiro em 22 de maio de 2019 ao Portal Saneamento Básico.



descarte inadequado do lixo infringe a lei de resíduos sólidos, algo que tira a responsabilidade dos governantes, os verdadeiros responsáveis pelo descaso do poder público com a comunidade do Aurá. A Teoria de Le Goff (1990) vem responder esta questão através da declaração de que “as sociedades são o resultado das relações entre história vivida e história natural”.

A “opressão” exercida pelo sistema sobre os sujeitos veio oferecer condições para que se desenvolva em sala de aula atividades de ensino que estimulem o pensamento e o desenvolvimento de práticas com no cotidiano dos alunos, o concreto, para que se tornem indivíduos contributivos na comunidade (FREIRE, 1987).

Neste contexto, frente às considerações citadas, tornou-se importante e pertinente realizar este “estudo de caso”, com a finalidade de esclarecer às seguintes questões norteadoras: Como as narrativas difundidas pelas mídias multiplataformas podem vir a influenciar na construção de sentido da EJA? Quais são os efeitos sociais produzidos pelas condições de precariedade do meio ambiente sobre os sujeitos, que têm sido culpabilizados em lugar dos governantes? Para responder a essas perguntas teve-se como bases de estudos o conteúdo bibliográfico referenciado e os dados amostrais obtidos a partir de entrevista com o grupo focal representante dos alunos da EJA do Aurá. Foi uma forma de avaliar a oitiva das narrativas do grupo focal e contribuir com informações para a criação de propostas pedagógicas mais efetivas de implementação de educação ambiental, de forma que possibilite um crescimento sustentável nesta região.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as representações sociais da EJA sobre as problemáticas ambientais e sociais do bairro do Aurá e sua relação com as narrativas midiáticas multiplataformas sobre o meio ambiente que culpabilizam a população, desviando o foco do verdadeiro responsável: o Estado. Os objetivos secundários se resumem em: apresentar o objeto de estudo, descrevendo o perfil da população investigada e sua problemática ambiental; investigar a situação do meio ambiente no bairro de Aurá, após o fechamento do lixão, avaliando as condições dos educandos-moradores frente



aos problemas ambientais; e relacionar a oitiva das narrativas da população investigada, analisando os efeitos de sentido ideológico produzidos pela mídia, que têm influenciado negativamente na conduta social destes sujeitos.

A escolha do tema foi motivada por sua relevância social, política e ambiental, além do interesse da autora-pesquisadora em contribuir com a comunidade acadêmica apresentado esta investigação no que se refere a valorização desse capital cultural e social periférico de grande importância para a área da comunicação e assim somar-se com as produções contra-hegemônicas que possam agregar na reestruturação do conhecimento científico.

2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A EJA

Os alunos da EJA do Aurá figuram como os “oprimidos” de Freire (1987) frente à mídia, que é opositora à transformação social quando culpabilizam os sujeitos em lugar dos governantes, verdadeiros responsáveis pela precariedade sanitária local. Esta opressão pode ser compreendida através dos pressupostos da Pedagogia do Oprimido de Freire (1987) e da Teoria da Problemática de Neusi Berbel¹⁵⁰ (1998), pois a educação passou a desempenhar um papel importante no desenvolvimento dos indivíduos, desde que haja articulação e consolidação com o mundo em que se encontram inseridos.

A Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici (2011) vem ancorar este estudo com conceitos que englobam a representação coletiva, ligando-a: “[...] a uma enorme classe de conhecimentos e crenças que incluíam a ciência, a religião, os mitos e as categorias de tempo e espaço que, devido à sua heterogeneidade, há impossibilidade de defini-las através de poucas categorias [...]” (p. 134).

Moscovici (2011) definiu a representação social como “ciências coletivas, *sui generis*, destinadas à interpretação e construção do real” (p. 48), aquelas que

¹⁵⁰ “A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos?”, de Neusi A. N. Berbel, Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação, Londrina, 1998.



“determinam valores e ideias apresentadas nas visões compartilhadas pelos grupos e regulam, por consequência, as condutas desejáveis ou admitidas” (p. 49). Ele abriu novas perspectivas sobre psicologia e sociologia a partir da visão de que o sujeito é, ao mesmo tempo, o produto e o produtor de uma sociedade, e não, um simples aparelho intrapsíquico (p. 135).

Le Goff (1924 *apud* Unicamp, 1990) constatou através de suas pesquisas que as sociedades humanas são o resultado das relações entre história vivida e história natural. Este resultado aponta uma relação objetiva entre “história e tempo” na construção das sociedades, apontando o tempo como instrumento fundamental nas diversidades sociais e culturais. Sendo assim, tanto a memória individual como a coletiva têm papel essencial nas representações sociais.

Halbwachs (1968) criou a categoria de “memória coletiva”:

[...] por intermédio da qual postulou que o fenômeno de recordação e localização das lembranças não pode ser efetivamente analisado se não for levado em consideração os contextos sociais, que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória (HALBWACHS, 1968 *apud* SILVA, 2013, p. 247).

A memória coletiva de Halbwachs (1968) ultrapassou a dimensão individual com a teoria de que as memórias de um sujeito nunca são de sua propriedade, pois nenhuma lembrança coexiste isolada de um grupo social. A memória coletiva é um processo de reconstrução linear dos acontecimentos e vivências no contexto dos interesses coletivos atuais.

Ricouer (2007) veio preencher uma lacuna entre as teorias de Le Goff (1990), Halbwachs (1968) e Moscovici (2011), declarando que “memória e esquecimento são níveis intermediários entre a experiência temporal humana e a operação narrativa”, onde o tempo ressurgue como instrumento importante de construção das sociedades, vínculo direto entre memória, história e existência.

Sá (1996) constatou que diante da sistemática das condições de emergência das representações estabelecidas pela teoria de Moscovici (1988), percebe-se que ela veio contribuir bastante para o esclarecimento da



legitimidade de diferentes objetos de representação, ou seja: “[...] uma reorganização imagética de elementos cognitivos privilegiados” (p. 21).

Segundo Freire (1987), as representações sociais se configuram em um processo em transformação, o qual tem sido problematizado na busca de mudança radical do mesmo, visando eliminar a consciência oprimida de um grupo, a partir do desmonte dos conteúdos alienadores. Este processo é iniciado pela própria tomada de consciência da situação opressora pelo “oprimido”, sendo que, para Freire, os sujeitos são oprimidos pela condição material imposta por um sistema opressor.

3 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A teoria de Freire (1987) vai de encontro à visão de Piaget¹⁵¹ (1976) no sentido de construção do sujeito da cognição, permitindo assim que o indivíduo construa seus conhecimentos de maneira ativa e de forma que ele se torne protagonista destes conhecimentos: é a educação libertadora que surge promovendo socialmente os sujeitos.

Os princípios de Piaget (1976) e de Freire (1987) elegeram a “educação de jovens e adultos” como a única concepção pedagógica que busca adequar os estudantes à sua própria realidade social e cultural, possibilitando uma reflexão acerca do trabalho e da educação, como instrumentos formadores de cidadãos conscientes e atuantes na sociedade. No entanto, Chaves e Mendonça (1997) afirmaram que o “conhecimento só se dá através de uma relação empática” (p. 65), isto é, a empatia na apreensão da particularidade do outro é o que dá início ao fluxo de criação e recriação dos significados e símbolos.

Paiva (2005) apresentou uma concepção diferenciada e própria da EJA que, segundo sua teoria, possui temporalidade e espacialidade multidimensionais que, mesmo não permanecendo de forma duradoura, a partir de suas ações de fazer, desfazer, pensar e transformar o mundo elas se tornam extremamente “sensíveis aos movimentos dos sujeitos”.

¹⁵¹ “Desarrollo cognitivo”, de Jean Piaget, 1976.



Hadad e Di Pietro (2000), afirmaram que a EJA consiste em um instrumento de correção das desigualdades sociais produzidas pelo modo de produção, criando uma oportunidade para que o Estado cumpra a sua “função de assegurar a coesão das classes sociais” (p. 118). Prosseguiram, declarando que:

A história da educação de jovens e adultos do período da redemocratização, entretanto, é marcada pela contradição entre a afirmação no plano jurídico do direito formal da população jovem e adulta à educação básica, de um lado, e sua negação pelas políticas públicas concretas, de outro (HADAD; DI PIETRO, 2000, p. 119).

Jodelet (2005) concluiu que as representações sociais são criadas a partir das experiências (aquilo que é vivido), do imaginário, da consciência (individual e coletiva) e das perspectivas interdisciplinares em todos os campos de estudos. Portanto, a EJA se configura em uma ferramenta democrática de oportunidade para que os sujeitos possam desenvolver ou reconstruir as representações sociais, possibilitando a participação dos indivíduos na sociedade em que se encontram inseridos.

4 AS PRODUÇÕES MIDIÁTICAS E A EDUCAÇÃO

A dimensão social de uma representação social só pode ser medida nos meios de comunicação e informação utilizados pela sociedade para agir e reagir. Isso ocorre porque a maneira, a legitimidade e como a informação sobre um “objeto” é construída e transmitida pode dissolver as representações do entorno desse mesmo objeto.

Por outro lado, deve-se considerar que os meios de comunicação são socialmente determinados por meio dos “objetos”, porém deve-se levar em consideração que os comportamentos, os valores e as visões de mundo e do homem só podem ser transmitidos em conjunto, através do processo de escolarização. As matérias jornalísticas têm seus próprios conceitos e referências sobre a epistemologia da educação social, mas não têm noção de



“como” ou “se” essa propagação pode vir a construir ou afetar as representações sociais, tanto de alunos como de educadores.

No contexto da influência das produções midiáticas sobre os sujeitos, Gagnebin (1997) se apoiou nos conceitos de Paul Ricoeur e Kant quanto à necessidade de se combater o idealismo extremo e a pretensão de autossuficiência da consciência, quando elas se instituem absolutas através da formação de consciência autorreflexiva nos sujeitos para que estes possam filtrar as narrativas midiáticas. Desse modo, ressalta-se a importância da reflexão de Gagnebin acerca da realidade: “[...] há a não-soberania do sujeito consciente e sua relação simbólica e cultural com esse outro que lhe escapa” (p. 262).

Para Chartier (2007) “é papel da escola incentivar a relação dos alunos com um patrimônio cultural cujos textos servem de base para pensar a relação consigo mesmo, com os outros e o mundo. É preciso tirar proveito das novas possibilidades do mundo eletrônico e ao mesmo tempo entender a lógica de outro tipo de produção escrita que traz ao leitor instrumentos para pensar e viver melhor.” Esta premissa nos atenta as possibilidades positivas das novas tecnologias na construção de condutas e comportamentos conscientes e condizentes com o contexto sociocultural real que os educandos estão inseridos para uma maior qualidade de vida a partir do exercício da cidadania.

5 A PERCEPÇÃO, ATITUDES E VALORES DO MEIO AMBIENTE

A topofilia é um termo originário do grego onde *tópos* significa lugar + *filia*, palavra que corresponde a um conjunto limitado de conceitos sobre lugar, identidade cultural e ambiente, enfim, consiste em uma visão do mundo em sua essência. Trata-se do estudo da percepção, das atitudes e dos valores do meio ambiente e do comportamento, idealizado por Yi-Fu Tuan (2012).

A topofilia, segundo Tuan (2012): “[...] é o elo efetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (5). Segundo a percepção de Tuan (2012), trata-se de um termo: “Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal [...]” (p. 5). A atitude é uma postura pessoal do sujeito frente ao mundo em que



se encontra inserido, o qual, por sua vez, tem um “valor” imensurável para a sobrevivência biológica da espécie humana.

A atitude tem maior estabilidade do que a percepção e ela se faz necessária a partir da implementação da educação ambiental e de iniciativas, em prol da sustentabilidade. Já a percepção é formada por uma sucessão de percepções, isto é, de experiências, portanto ela é própria dos indivíduos adultos. Só através de um estudo profundo sobre o meio ambiente, englobando a percepção, as atitudes e os valores, o homem poderá compreender a si mesmo porque ele é parte da natureza (TUAN, 2012).

Enfim, os problemas ambientais são problemas humanos, que dependem de soluções duradouras, oriundas de atitudes que brotam a partir de experiências vividas pelo homem, cabendo ao mesmo a preservação da natureza porque ela é o seu *habitat* natural (TUAN, 2012).

6 METODOLOGIA

Esta investigação, é classificada quanto à natureza como “pesquisa aplicada”, que é aquela que busca gerar conhecimento para uma aplicação prática e dirigida na solução de um problema com objetivos pré-definidos, conforme informações de Fleury e Werlang¹⁵² (2017).

Quanto ao método científico de argumentação, este estudo é dedutivo porque ele fornece um fundamento definitivo para sua conclusão, através de conceitos de dedução e raciocínio lógico, justificando o seu uso na solução do presente problema de pesquisa.

A modalidade deste estudo é histórico-crítica porque esta pesquisa compreende um conjunto de técnicas, métodos e procedimentos, os quais são usados por historiadores para gerenciar fontes primárias e outras evidências que possam envolver este “tema” e seus descritores.

¹⁵² “Pesquisa aplicada – reflexões sobre conceitos e abordagens metodológicas”, de Maria Tereza Leme Fleury e Sérgio Werlang, Rio de Janeiro, 2017.



A abordagem adotada neste estudo é quali-quantitativa, que consiste na qualificação e quantificação simultânea dos resultados da análise do material colhido do objeto investigado.

A modalidade de pesquisa adotada é caracterizada como “estudo de caso”, que consiste: “[...] no delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos” (YIN¹⁵³, 2001, p. 12).

6.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – PROCESSO DE BUSCA, COLETA E REGISTRO DOS DADOS BIBLIOGRÁFICOS

O conteúdo bibliográfico do meio eletrônico (*web*) foi obtido nas bases de dados CAPES, *ResearchGate*, SciELO e *Web of Science* a partir de periódicos, repositórios, informativos, editorias e eventos em anais, através de um levantamento bibliográfico, retrospectivo de 1968 a 2019, utilizando os descritores: Multiplataformas; EJA; Representações sociais; Problemáticas ambientais; e Análise semiótica. Os anos com maior incidência de publicações foram 1997, 2005, 2007 e 2015 (n=8), já nos de 1969-1981, 1983-1986, 1988, 1989, 1991, 1993-1995, 1998, 1999, 2001-2004, 2006, 2008-2011, 2016 e 2017 (n=34) não houve nenhuma publicação significativa sobre o assunto, apesar de se encontrarem incluídos no período de estudos.

Os critérios de inclusão foram obras bibliográficas publicadas a partir do ano de 1968, que abordassem o tema e descritores, onde foram selecionados ‘25’ conteúdos científicos. Os critérios de exclusão adotados foram de eliminação através de “filtros”:

- 1) Primeiro Filtro: foi aplicado nas “24” obras selecionadas, relativo à exclusão por “duplicidade de tema”, onde restaram ‘21’ conteúdos;

¹⁵³ “Estudo de caso: planejamento e métodos”, de Robert K. Yin, 2ª edição - Porto Alegre: Bookman, 2001.



- 2) Segundo Filtro: foi aplicado nos '21' conteúdos restantes, extensivo ao "idioma", optando-se por obras publicadas em inglês, onde restaram '20' (80%) obras científicas, de literatura nacional e internacional, selecionadas para leitura, fichamento prévio e construção da lista de referências bibliográficas.

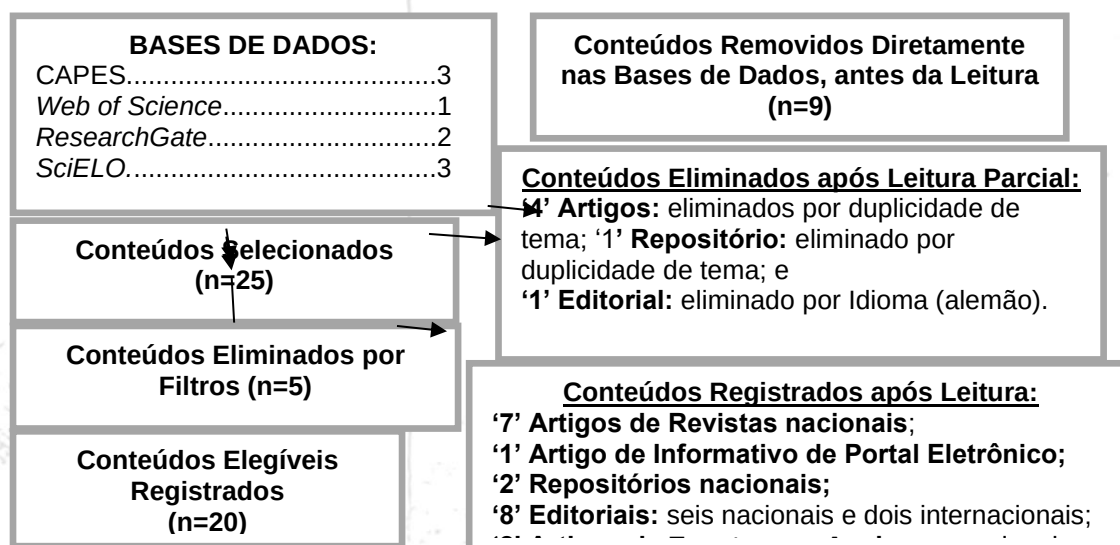


Figura 1: Fluxograma representativo do Processo de Busca, Seleção e Registro dos Dados Bibliográficos.

Fonte: Própria Autora (2020).

6.2 INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS AMOSTRAIS: QUESTIONÁRIO

O questionário estruturado (ANEXO) foi utilizado como técnica de coleta dos dados instrumentais por ser constituído por questões fechadas, sendo todos os entrevistados submetidos às mesmas perguntas e às mesmas alternativas de respostas.

6.3 PARTICIPANTES

População de 399 estudantes matriculados na Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Padre Pietro Gerosa, Aurá – Ananindeua –PA, representados por um grupo focal composto por três alunas. O grupo focal é uma



técnica metodológica utilizada para flexibilizar a aplicação do questionário em casos em que a população investigada é muito extensa e existe a necessidade de confecção de amostragem estratificada, isto é, de entrevista individual.

6.4 PROCEDIMENTOS

A entrevista e coleta dos dados amostrais foram realizadas pela própria pesquisadora, que é pedagoga e moradora de bairro próximo local, a fim de resguardar os procedimentos de padronização na aplicação. O questionário (ANEXO) foi aplicado individualmente (processo de extratificação). A amostra foi coleta no bairro no estado do Pará, na E. M. Padre Pietro Gerosa, situada na Rodovia BR 316 - Estrada Santana do Aurá, nº 22 - Águas Brancas, bairro Aurá, município de Ananindeua.

6.5 INSTRUMENTO DE ANÁLISE DAS AMOSTRAS: ANÁLISE ESTATÍSTICA DESCRITIVA

A análise estatística descritiva é um instrumento do ramo da estatística que é aplicado através de várias técnicas, objetivando a descrição e sumarização do conjunto de dados. O “objetivo” desta ferramenta é o que a diferencia da estatística inferencial ou indutiva, pois ele consiste em: organizar e sumarizar dados não indutivos, quantificando estatisticamente os resultados.

A Análise Estatística Descritiva utiliza a Teoria da Probabilidade que permite descrever fatos aleatórios, isto é, aqueles em que está presente a incerteza, como é o caso do fato empírico, o qual se apoia apenas em experiências vividas.

As etapas que devem ser percorridas em ordem sequencial na análise estatística descritiva são as seguintes:

- 1) Identificação da população;
- 2) Coleta da amostra;
- 3) Análise descritiva dos dados;
- 4) Inferência estatística;



5) Conclusão sobre as características dos investigados.

6.6 DESCRITIVA DOS DADOS: CLASSIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS

1. Variáveis Qualitativas (nominal e ordinal):

- a) Objeto de pesquisa - estudantes do sexo feminino, alunas da primeira etapa da EJA, da Escola Municipal Padre Pietro Gerosa, bairro do Aurá, Ananindeua, estado do Pará.
- b) Fatos empíricos - tipo e local de domicílio (próprio, alugado ou de invasão); infraestrutura (posto de saúde, saneamento básico e transporte); violência urbana; tempo de domicílio; proposta da EJA; estado de bem-estar social; meio de comunicação; narrativas midiáticas multimodais; representações sociais; situação ambiental; nível de poluição e aterro sanitário.

2. Variáveis Quantitativas (numeral):

- a) 399 estudantes representados por 1 grupo focal composto por 3 estudantes com idades entre 14 e 21 anos;
- b) 10 fatos empíricos apresentados através de 1 entrevista por meio de 1 construto instrumento estruturado com 23 questões fechadas.

6.7 INFERÊNCIA ESTATÍSTICA

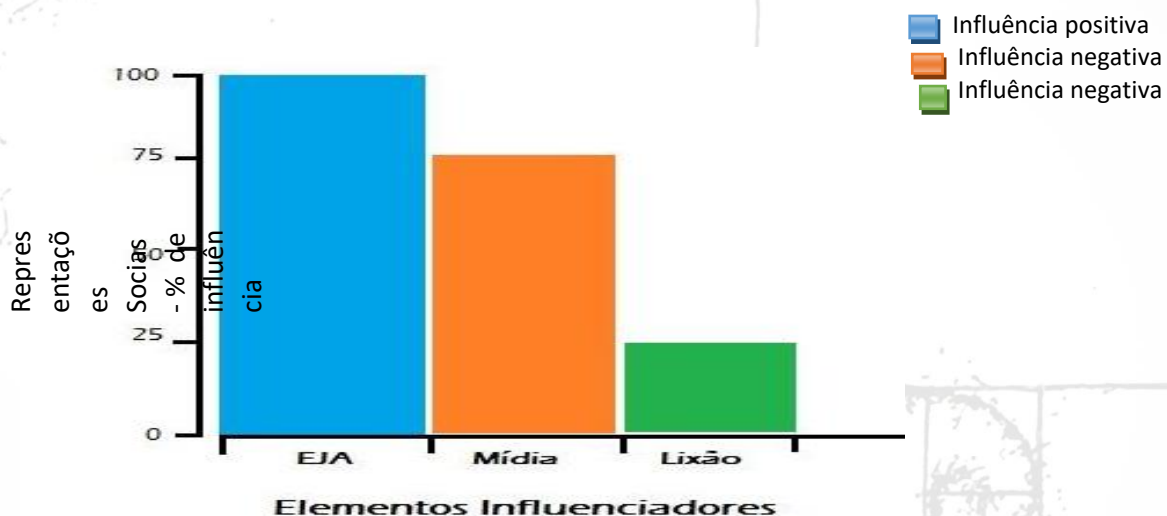
- 100% dos estudantes investigados residem no bairro do Aurá, município de Ananindeua, estado do Pará - PA.
- 100% do grupo de investigados são estudantes da 1ª etapa da EJA da Escola Municipal Padre Pietro Gerosa, Aurá, objeto deste estudo.
- 100% dos alunos têm idade entre 14 e 21 anos.
- 100% dos investigados são do sexo feminino.
- 75% dos alunos moram no Residencial Carlos Mariguella e 25% na Comunidade Paraíso de Deus.
- 25% dos alunos residem em imóvel próprio e 75% em imóvel alugado de invasão.



- 75% dos estudantes gostam do bairro do Aurá enquanto 25% acham que este local não é um bom lugar para se viver.
- 75% dos alunos vivem há mais de 10 anos no Aurá e 25% residem neste mesmo bairro há mais de 20 anos.
- 100% dos estudantes acham a infraestrutura (posto de saúde, saneamento básico e transporte) local insatisfatória.
- 100% dos alunos concordam de que o lixão vem impactar o meio ambiente e a saúde das pessoas através da poluição, mas 25% não tinham conhecimento de que o lixão foi desativado em 2015.
- 100% dos estudantes têm a televisão como o único meio de comunicação, mas afirmaram que as narrativas só falam da violência urbana de Aurá.
- 100% dos alunos observaram que os meios de comunicação só identificam Aurá pela violência urbana presente no cotidiano.
- 75% dos estudantes investigados afirmaram que a mídia tem influência sobre as representações sociais dos alunos da EJA, mas 25% destes discordaram.

6.8 RESULTADOS

Gráfico 1: Demonstrativo dos percentuais correspondentes às influências sofridas nas Representações Sociais dos alunos da EJA do Aurá – Ananindeua-PA.





7 CONCLUSÃO

A presente pesquisa sobre a representação social da epistemologia da Educação de Jovens e Adultos descreve, a partir da investigação da autora-pesquisadora, que as representações sociais dos alunos da 1ª etapa da EJA do Aurá têm sido marcadas pelas narrativas midiáticas multiplataformas. Tais discursos encontrados, abordaram com muita frequência o lixo do Aurá e a violência urbana do bairro do Aurá, influenciando de maneira negativa a base epistemológica da educação ambiental do Projeto Político Pedagógico da Escola Padre Pietro Gerosa.

Constatou-se que elementos como pobreza, miséria, violência, moradia, comunicação, meio ambiente, a partir da objetivação e ancoragem, são indicadores tanto da representação social dos educadores como também dos estudantes.

Por fim, acredita-se que estes referenciais precisam ser apreendidos, internalizados, e compreendidos pelos educadores, a partir de sua familiarização com a realidade local, o concreto. Após este processo, os educadores deverão buscar estratégias mais efetivas no ensino de “educação ambiental” no currículo escolar, com o objetivo de implementar o desenvolvimento sustentável nesta região.

Concluiu-se, a partir da experiência da autora-pesquisadora, a necessidade de reestruturação do currículo da EJA, incluindo práticas interativas no dia-a-dia, que produzam as representações sociais (RS) com base em teorias do “senso comum”, isto é, a partir de conhecimentos produzidos de forma espontânea, dentro do próprio grupo de alunos. Tal produção deve ser fundamentada nas tradições e consenso do universo dos sujeitos, pois é ele quem molda as atitudes dos indivíduos.



REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **“Os livros resistirão às tecnologias digitais”**. Entrevista cedida a Cristina Zahar. Revista Nova Escola, São Paulo, 01Ago. 2007. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/938/roger-chartier-os-livros-resistirao-as-tecnologias-digitais>> Acesso em: 13 Ago. 2020, 15:20.

CHAVES, Ana Paula; MENDONÇA, Viviane. **Produção de significados: uma proposta de metodologia fenomenológica**. Revista Estudos de Psicologia, Campinas, v. 14, n. 3, p; 65-68, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FURTADO, Adrielson. **Aurá**. Blog Adrielson Furtado, Ananindeua, 16.Abr. 2010. Disponível em: <<https://adrielsonfurtado.blogspot.com/2010/04/aura.html>>. Acesso em: 03jul.2020, 22:30.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Uma filosofia do cogito ferido: Paul Ricoeur**. Revista Estudos Avançados, São Paulo, v. 11, n. 30, p. 261-272, 1997.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 14, mai-ago 2000.

HALBWACHS, Maurice. **La Mémoire Collective**. 2ª ed. Paris: Presses, 1968.

INGOLD, T. A cultura no chão: o mundo percebido através dos pés. In: INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. (p.70-94).

JODELET, Denise. **Psicologia social: Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LE GOFF, Jacques (1924). **História e Memória**. Coleção Repertórios, tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Unicamp, 1990.

LYRA, Maria C.D.P.; RIBEIRO, Anália K. R.; DE CONTI, Luciane. **Temporalidade e Interpretabilidade na Análise de Narrativas**. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, Recife, v. 34, n. 3431, p. 1-10, 2018.

MOSCOVICI, S. **The coming era of social psychology**. In: *Cognitive Approaches to Social Behavior*, 1982.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Metodologia Interativa: um processo hermenêutico dialético**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2001.

PAIVA, Jane. **Educação de jovens e adultos: direito, concepções e sentidos**. Tese (Doutorado), Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.



PINHEIRO, Janary Fonseca. **Avaliação do fechamento do lixão do Aurá do município de Belém/PA**. Portal Eletrônico Saneamento Básico, Brasília, p. 1-7, 22 mai. 2019.

REY, Fernando González. **As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural**. Revista Psicologia da Educação, São Paulo, n. 24, p. 155-179, 2007.

RICOEUR, P. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SÁ, Celso Pereira. **Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central**. Revista Temas em Psicologia, Rio de Janeiro, n. 3, p. 19-33, 1996.

SCAFUTO, Simone M. Abrahão. **Narrativas midiáticas multimodais e seus efeitos sociais**. Tese (Doutorado), Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SPINK, Mary Jane. **A produção de sentidos na perspectiva da linguagem em ação**. In: Linguagem e produção de sentidos no cotidiano [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 72 p. (Cap. II e III).

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 2012.



CURRÍCULO ESCOLAR E LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: UM ESTUDO EM UMA ESCOLA EM BELÉM (PA)¹⁵⁴

Ana D'Arc Martins de Azevedo¹⁵⁵

André Felipe da Costa Cunha¹⁵⁶

Igor Luiz Machado da Silva¹⁵⁷

Resumo: O trabalho relata uma experiência de inserção dos conceitos da linguagem cinematográfica no currículo escolar de uma escola pública de ensino fundamental de Belém (PA) com alunos do 5º ano, identificando as contribuições que este conteúdo traz para o aprendizado desse aluno e a importância de inseri-lo no contexto curricular escolar, considerando o potencial do cinema em ser utilizado como recurso didático. A pesquisa teve como método a pesquisa ação, por meio de uma oficina realizada em sala de aula abordando questões conceituais da linguagem cinematográfica, onde se observou a possível relação positiva. Tendo como pressuposto que o cinema ocupa um importante lugar na sociedade, sendo um campo de manifestações culturais, sociais e históricas, carregando um potencial significativo a ser utilizado em sala de aula. Por isso, conhecer a linguagem que o cinema utiliza possui uma relevância importantíssima para o alcance de sua utilização mais profunda.

Palavras-Chave: Currículo Escolar. Linguagem Cinematográfica. Cinema.

SCHOOL CURRICULUM AND CINEMATOGRAPHIC LANGUAGE: A STUDY IN A SCHOOL IN BELÉM (PA)

Abstract: The work reports an experience of inserting the concepts of cinematographic language in the school curriculum of a public elementary school of Belém (PA) with 5th grade students, identifying the contributions that this content brings to the learning of this student and the importance of inserting it in the school curriculum context, considering the potential of cinema to be used as a didactic resource. The research had as method the action research, through a

¹⁵⁴ "Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho ST 6: Saberes e Fazeres Curriculares Interculturais em Espaços Escolares e Não Escolares".

¹⁵⁵ Doutora em Educação/Currículo pela Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP. Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Graduada em Pedagogia. Prof.^a da Universidade da Amazônia – UNAMA e da Universidade do Estado do Pará – UEPA. E-mail: azevedoanadarc@gmail.com

¹⁵⁶ Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Pós Graduado em Gestão Educacional e Docência no Ensino Superior pela ESAMAZ. Pedagogo e Diretor de Ensino, Pesquisa, Pós Graduação, Inovação e Extensão do IFPA Campus Avançado Vigia. E-mail: andre.cunha@ifpa.edu.br

¹⁵⁷ Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. Pós-graduando em Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - Uniasselvi. Técnico Administrativo em Educação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa. E-mail: igorluiz@outlook.com



workshop realized in the classroom approaching conceptual issues of cinematographic language, where it was observed the possible positive relationship. Having as assumption that the cinema occupies an important place in society, being a field of cultural, social and historical manifestations, carrying a significant potential to be used in the classroom. Therefore, knowing the language that the cinema uses has a very important relevance for the achievement of its deepest use.

Keywords: School Curriculum. Cinematographic language. Cinema.

CURRÍCULO ESCOLAR E LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: UM ESTUDIO EM UMA ESCUELA DE BELÉM(PA)

Resumen: El trabajo relata una experiencia de inserción de los conceptos de lenguaje cinematográfico en el currículo escolar de una escuela primaria pública en Belém (PA) con alumnos de 5° grado, identificando las contribuciones que este contenido aporta al aprendizaje de este alumno y la importancia de insertarlo en el contexto del currículo escolar, considerando el potencial del cine para ser utilizado como recurso didáctico. La investigación tuvo como método la investigación acción, a través de un taller realizado en el aula abordando cuestiones conceptuales del lenguaje cinematográfico, donde fue observado la posible relación positiva. Asumir que el cine ocupa un lugar importante en la sociedad, al ser un sitio de manifestaciones culturales, sociales e históricas, con un potencial significativo para ser utilizado en el aula. Por tanto, conocer el lenguaje que utiliza el cine es de suma importancia para llegar a su uso más profundo.

Palabras-Clave: Currículo Escolar. Lenguaje Cinematográfico. Cine.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz um recorte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, cujo objeto de estudo considerou, *currículo escolar e linguagem cinematográfica*, pois admitimos que o cinema tem se mostrado relevante para a sociedade, pois o que ele representa para a história é algo que não passa despercebido. Tanto é que, hoje, é considerado uma arte. Por isso, ele não deixaria de se relacionar com a educação.

As expressões cinematográficas embutidas em um filme proporcionam inúmeras possibilidades de entretenimento e aprendizado. Pela sua



característica áudio visual, o cinema chama (e prende) a atenção do espectador – criança, jovem ou adulto – e por isso pode ser usado como ferramenta pedagógica para ensinar: desde aspectos cotidianos das disciplinas ministradas até mesmo sobre valores, contribuindo com a formação cultural do indivíduo sem menosprezar a cultura alheia. O cinema mostra, em suas entrelinhas, a existência nítida de culturas, no plural.

A relação emocional estabelecida com o cinema criou uma paixão que pôde ser amadurecida e mais bem explorada, muito em função da identificação com o campo da Pedagogia e, principalmente, com a forma como esses estudos possibilitaram uma ampliação na visão sobre os filmes.

O cinema articula elementos que proporcionam significados profundos, caracterizados pela combinação de técnicas utilizadas na produção de um filme, por isso, é preciso compreender essa configuração, pois “o significado de um filme é o todo” (ALMEIDA, 1994 *apud* DUARTE, 2009).

Os conteúdos contidos em meio às diversas possibilidades que a sua linguagem tem de se expressar entram em contato com o universo do espectador, principalmente do aluno, gerando uma gama de percepções subjetivas que podem ser facilitadas e mediadas pelo conhecimento, mesmo que básico, da linguagem cinematográfica.

O cinema, então, se encontra realmente com a Educação, e começa a fazer parte do cotidiano escolar, daí justificando a necessidade de tratar da linguagem do cinema como conteúdos ministrados em sala de aula, com o objetivo de dar subsídios para o aluno ao interpretar os filmes, e ao professor no momento de utilizar essa ferramenta podendo mediar o conhecimento de forma consciente, ao ser introduzida no currículo escolar.

A clara aproximação do cinema com a educação traz à tona a necessidade de explorar o universo cinematográfico para compreender os efeitos que essa mídia exerce no comportamento, nas concepções, nas emoções da criança, e acima de tudo, percebendo a forma como utilizar essa ferramenta, de maneira a contribuir realmente para a formação social, cultural, pessoal e acadêmica dos indivíduos.



Portanto, investigar sobre a prática de utilização do cinema na sala de aula através da abordagem sobre a sua linguagem é de suma importância para a formação de indivíduos no contexto denominado por Duarte (2009), como audiovisual, em que a transmissão de conhecimento se dá em grande escala por meios de comunicação de massa.

O cinema possibilita uma forma de percepção de realidades diversas, manifestadas em contextos culturais, sociais e políticos diferentes, representando povos diferentes que muitas vezes podem fazer parte de contextos sociais desfavorecidos pelas padronizações impostas pela sociedade, mas que através do cinema, ganham foco e visibilidade, podendo ser vistos por diversas pessoas e tendo os seus valores colocados em questão para serem percebidos.

Para Merten (1990), o cinema é um brinquedo onde a criança acha reflexos e expressões de sua própria infância e dos outros. Proporciona a sensação de sonhar acordado, ou seja, de expressão do imaginário e fantástico da criança. Mas o autor também alerta que, assim como toda ferramenta, o cinema tem seu lado perigoso.

Muitas vezes, a prática do uso do cinema, na sala de aula, é orientada por fatores atrativos em relação ao filme, para abordar de maneira mais prazerosa determinado assunto. Este é um ponto interessante, pois, como descreve Freire (1996) o ser humano é inacabado, inconcluso e, acima de tudo, consciente desse fato. Portanto, a curiosidade, o desejo, o ímpeto, são artifícios importantes de serem explorados pelo professor, tendo em vista o fato de que ele mesmo é um ser inserido em um mundo de concepções, culturas, emoções, e que pode utilizar os filmes como um “laboratório”, aonde são percebidos mundos diferentes.

Essa busca se torna prazerosa, proporcionando uma satisfação semelhante a uma brincadeira, como Alves (2004, p. 40) afirma que “qualquer coisa pode ser um brinquedo”, isso implica em realizar as atividades com satisfação, tendo anseio em aprender, descobrir, podendo então encontrar no cinema um instrumento que alia a satisfação com o conhecimento, proporcionando uma experiência completa.



Com isso, tendo em vista a importância dos estudos da relação entre o cinema e o currículo para a formação do profissional atuante na área e para a ampliação dos seus conhecimentos sobre as manifestações culturais que posteriormente foram presenciadas e devidamente abordadas, consideramos a seguinte problemática: *Quais os efeitos da inserção da linguagem cinematográfica no currículo escolar que utiliza o cinema em uma série de Ensino Fundamental nas séries iniciais em Belém (PA)?*

Como objetivo geral: Investigar os efeitos da inserção da linguagem cinematográfica no currículo escolar que utiliza o cinema em uma série de Ensino Fundamental nas séries iniciais em Belém (PA). E como objetivos específicos: Identificar as contribuições que o conhecimento da linguagem cinematográfica possibilita na leitura audiovisual dos alunos; analisar a importância de a inserção da linguagem cinematográfica no currículo para a escola utilizar a ferramenta cinema em sala de aula.

2 METODOLOGIA

A pesquisa realizada é de Campo do tipo Pesquisa Ação e de abordagem qualitativa, que por sua vez, trata-se de um tipo de pesquisa que visa refletir sobre a sua própria prática. Segundo Tripp (2005, p. 446), “Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação”.

Os passos adotados na pesquisa levaram em consideração os seguintes aspectos: **Primeiro momento:** com a seleção prévia dos alunos participantes, os pesquisadores exibiram o vídeo “Além da Mente”. Após a exibição do curta, os alunos foram submetidos a um questionário que buscou coletar informações obtidas por eles, a partir de suas capturas pessoais ao assistir ao vídeo; **Segundo momento:** os mesmos alunos participaram de uma oficina sobre a linguagem cinematográfica ministrada pelos próprios pesquisadores com base em estudos de autores, cuja oficina foi de cunho técnico, afim de abordar



peculiaridades que a linguagem do cinema proporciona e como ela favorece a criação de novas e exclusivas ferramentas de comunicação com o espectador;

Terceiro momento: oferecido aos alunos um pequeno lanche com dois principais objetivos: relaxamento/descontração, e a partir disso promover uma roda de conversa informal, deixando-os à vontade para falar sobre o que já apropriaram sobre o tema e, ocasionalmente, favorecer a troca de olhares/experiências entre os participantes, abrangendo suas visões e entendimentos sobre o tema.

3 CURRÍCULO E LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: UMA INTERLOCUÇÃO POSSÍVEL

Tradicionalmente, o currículo escolar é entendido por professores e pelo senso comum por uma visão pragmática, definindo o currículo por uma visão que “percebe como o conjunto de conteúdos programáticos estabelecidos para as disciplinas e séries escolares” (OLIVEIRA; SÜSSEKIND, 2012, p.107). Essa visão é refletida em uma prática na qual muitos professores atuam dentro da sala de aula com vista a cumprir determinado programa curricular, enxergando a atividade docente de forma mecânica, fechada e impossibilitada de sair desses moldes.

Duarte (2009, p. 71) afirma que “a escolha dos filmes que são exibidos no contexto escolar dificilmente é orientada pelo que se sabe do cinema, mas, sim, pelo conteúdo programático que se deseja desenvolver a partir ou por meio deles”. Os autores mostram que a visão tradicional sobre o currículo se estende as atividades realizadas nas salas de aula, inclusive no uso dos filmes, que são incluídos nas atividades escolares como forma de complemento para determinado conteúdo já ministrado, limitando o potencial pedagógico que o filme possui.

É primordial entender que o currículo possui um dinamismo e uma complexidade que depende do contexto em que é vivido. Neste sentido, afirma Oliveira e Sússekink (2012, p. 108) que “o currículo tem que ser entendido como



a cultura real que surge de uma série de processos, mais que como um objeto delimitado e estático que se pode planejar e depois implantar”.

Elaborar estratégias para a formação de um currículo aplicado em sala de aula necessita de uma preparação prévia por parte do professor, de maneira que reflita sobre as suas decisões e estratégias que resultarão na aplicação de um projeto curricular. Este é um ponto de partida para a elaboração de um projeto curricular que

constitui um tipo de atividade que consiste não somente em tomar decisões que têm a ver com o que queremos alcançar e o que faremos para tanto, mas supõe também refletir sobre porque tomaremos determinadas decisões e realizaremos uma ou outra prática (LINUESCA, 2013, p.227).

Nota-se, então, que o cinema é dotado do poder de influenciar nas atitudes, valores e crenças dos espectadores, contribuindo significativamente na construção de seu currículo pessoal. Isso se dá pela mudança de imaginário social que ocorre com o tempo. Cada pessoa olha para as situações de maneiras diferentes. E isso acontece por vários aspectos, dentre eles estão à localidade.

O conceito trazido por Duarte (2009) chama atenção para o fato de que os filmes possibilitam e ao mesmo tempo exigem para sua compreensão uma competência para ver, que consiste em uma capacidade de analisar as obras cinematográficas compreendendo profundamente os conteúdos, os significados e as manifestações culturais imersas no filme.

Essa competência é um processo que se consolida diante da prática constante de assistir a filmes, e mais ainda, com o entendimento do cinema em sua totalidade como arte e mídia, podendo assim exercer o ato de análise com bases diversas que servirão para esmiuçar a obra ao ponto a explorar melhor o potencial que a mesma possui, e isso por ser um processo, podemos assim dizer que cada filme assistido seria um “treino para o olhar”.

Segundo Mascarello (2006), o cinema surge em 1893, com a invenção de um aparelho chamado quinetoscópio patenteado por Thomas A. Edison e ganha a primeira exibição em 1895 com os irmãos Louis e Auguste Lumière em Paris, no lugar chamado Grand Café, um lugar aonde as pessoas se encontravam e



desfrutavam de várias atrações artísticas. Os primeiros filmes exibidos retratavam cenas cotidianas ou mesmo imagens aleatórias retiradas de algum espaço artístico, como a dança de uma bailarina, em suma, segundo Mascarello (2006, p. 20) as primeiras obras “eram em sua ampla maioria compostos por uma única tomada e pouco integrados a uma eventual cadeia narrativa”.

Esse era o início de uma linguagem que evolui no decorrer do tempo, mas que no início ainda não era bem compreendida pelo público, que ainda estranhava ver imagens em movimento, em sequência ininterrupta, não entendiam como se dava a construção de histórias daquela forma, já que se tratava de uma novidade para uma sociedade que dói construída através da cultura oral e não possuía a habilidade de codificar tantas informações visuais retratadas em sequência.

Podemos perceber que já no início do contato entre espectador e cinema já existia uma necessidade de compreender que ali estava surgindo uma nova forma de comunicação, que necessitava de um conhecimento prévio e certas habilidades para entender os filmes. No entanto, o cinema começou a se estabelecer com uma linguagem própria e diferente de tudo o que foi experimentado anteriormente, com o corte em cenas feito pelos diretores, para Carrière (2006, p.14) “Foi aí, na relação invisível entre uma cena com outra, que o cinema gerou realmente uma nova linguagem”, essa linguagem possuindo uma gramática variável e vocabulário próprio que influenciou gerações.

Essa evolução no cinema (mais especificamente na sua linguagem) possibilitou aos cineastas uniformizar a maneira de fazer filmes ao mesmo tempo que imprime sua personalidade/visão/identidade ao fazê-lo. Várias nomenclaturas, gírias, costumes e maneiras de fazer uma cena foram descobertas e propagadas entre os estúdios: *takes*, tomadas, ângulos, “ação!”.

Delegou-se muitas tarefas: ocupações como diretores de fotografia, roteiristas, dublês, figurinistas, diretores de arte, compositores de trilha sonora, etc. foram cada vez mais requisitados pelos produtores de filmes. O modo de filmar foi-se aprimorando à medida em que esses profissionais iam adquirindo



experiência e se aperfeiçoando. Conseguia-se, assim, um modelo fabril a ser seguido e aproveitado, já que agilizava o processo.

Daí surge à linguagem própria do cinema que muito diz, mesmo quando em uma cena o personagem nada diz. O conjunto formado pela cenografia, o figurino, o ator, o tipo de lente da câmera, o fundo musical, o ângulo, a luz, etc. formam essa linguagem peculiar do cinema que é capaz de transmitir qualquer sentimento que desejar. Exatamente por essas especificidades, o espectador precisa da “competência para ver” referida por Duarte (2009).

O cinema configura-se uma janela de observação. Possibilita a apresentação de novos conceitos, valores e experiências ao espectador através de suas viagens pela tela do projetor – ou da televisão – possibilitada pela lente da câmera do cineasta. A partir dessas experiências, o espectador pode criar novos conhecimentos, substituir um antigo por um novo, e até confrontar dois deles para formar um inédito.

A utilização de filmes, em salas de aula, nesta linha, não pode se enquadrar no conceito freiriano de “Educação Bancária” onde o professor determina e delimita o que o aluno deve absorver daquela obra. Isso não proporciona ao aluno a autonomia de exercer sua própria visão problematizadora do mundo no construir de seu entendimento do filme e ocasiona uma reprodução sistemática e genérica sobre o mesmo (FREIRE, 1996).

Por isso, Morin (2000) aponta que a educação do futuro precisa dar conta dessa complexidade, caminhando no rumo de fazer com que os indivíduos possam se reconhecer como habitantes da terra, criando uma “identidade terrena”, e praticando aquilo que ele chama de “ética da compreensão”, que implica em compreender antes de condenar, reconhecer que o “outro” pode errar tanto como “eu”, somente assim podemos caminhar para uma humanização das relações humanas. A partir disso, o cinema configura-se como uma estratégia de ensino importante para utilizada em sala de aula, com vista em abranger temas, conceitos e processos importantes para a sociedade.



4 CURRÍCULO ESCOLAR E LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: UM ESTUDO EM UMA ESCOLA EM BELÉM (PA)

Os dados apresentados são recortes da pesquisa sobre a interface do currículo escolar e linguagem cinematográfica em uma escola pública por meio da pesquisa ação.

A Participante 1, ao ler o questionário referente aos vídeos, perguntou o que seria “trilha sonora”; o Participante 2 relacionou o fato de o vídeo “Além da mente” não possuir falas dos personagens com a falta de trilha sonora, e outros alunos deixaram em branco a resposta sobre o assunto. Diante disso, é importante perceber que o Participante 1 sabe o que é, mas desconhece a denominação do termo, assim como o Participante 2 que confunde os diferentes tipos de sonoplastia contidos num filme.

A trilha sonora é um dos aspectos primordiais em uma obra cinematográfica, um importante elemento significador que proporciona a identidade da obra e a sua compreensão, como afirma Bernadet (2012, p. 50) “a música acompanha o filme para, em geral reforçar as emoções: exasperação do perigo, ternura em cenas românticas, música que frequentemente ouvimos sem prestar atenção”.

Em relação aos planos de filmagem utilizados na produção dos vídeos, de uma forma geral, os alunos não souberam identificar o que seria “Plano geral” e “Plano detalhe”, dois aspectos básicos e importantes na composição de cenas. Existia ao mesmo tempo uma familiaridade com alguns conteúdos e uma distância em relação a outros, muitos dos conhecimentos já existentes foram adquiridos através da proximidade deles com filmes no seu ambiente familiar.

Sobre esses aspectos citados acima, Costa (2003, p. 39) mostra que a introdução do cinema na escola tem gerado uma dicotomia entre a linguagem escrita, mais utilizada na escola, e a linguagem audiovisual, introduzida de maneira paliativa, por isso afirma que “o problema já não é mais, como ingenuamente se acreditou e com resultados decepcionantes, introduzir alguns ‘subsídios audiovisuais’ na escola”. Portanto, isso é um reflexo da forma como a



escola vem tratando o cinema, fazendo com que o aluno não compreenda o cinema como um todo, como um campo a ser explorado.

Já no decorrer da oficina, os participantes foram demonstrando que possuíam conhecimentos relevantes sobre o processo de produção dos filmes e que não haviam sido relacionados no momento da análise dos vídeos, pois, quando perguntamos quem eram os responsáveis pelo processo de produção, dois participantes citaram figuras como atores, o roteirista, o diretor, estando conscientes de que as obras cinematográficas são resultado de um trabalho complexo e que as pessoas que “não aparecem” na frente da tela, são essenciais para que o filme esteja pronto.

Durante essa ação, simulamos o processo de filmagem, onde cada participante representaria um dos papéis descritos e deveria se posicionar onde sua respectiva função o demandaria. Com eles em posição, chamamos a atenção de que a maioria deles (diretor, roteirista, compositor musical e diretor de fotografia) estava posicionada atrás da câmera (simulamos uma câmera com um tripé) e apenas o ator estava aparecendo na filmagem.

Estas percepções mostram que os alunos possuem um importante conhecimento adquirido pela sua experiência social, como afirma Duarte (2009, p. 14), mostrando que assistir a filmes está “longe de ser apenas uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação das pessoas e contribui para distingui-las socialmente”.

Nessa mesma ação, abordamos também questões que envolvem os ângulos de filmagem, outro ponto importante para a mensagem da cena, criando uma situação e utilizando uma câmera para filmar como forma de exemplificar com o auxílio deles.

Os próprios participantes demonstraram enxergar o cinema como algo muito distante da escola. Para eles, o fato de sair de sala de aula num dia letivo para participar da pesquisa já era lucro: estavam fora da sala de aula para assistir a filmes, já que inicialmente eles imaginavam que a atividade consistia apenas na exibição. Uma fala em especial, do participante número 2, chamou a atenção.



Ao serem perguntados se gostariam que os filmes fossem mais utilizados na escola, ele afirmou que sim, pois seria mais divertido.

As percepções demonstradas pelos alunos no decorrer da oficina sobre a aplicação dos aspectos tratados, assim como a fala do Participante 2 relatada acima, demonstram a grande disponibilidade que as crianças e os jovens tem em explorar o cinema, mas é preciso perceber que cabe a escola aproveitar essa disponibilidade, essa sensação de “diversão” que o cinema representa para eles e transformar em um fazer pedagógico.

Em relação à importância da inserção da linguagem cinematográfica a pesquisa trouxe à tona direcionamentos elucidadores sobre o tema, mostrando através da fala dos alunos pesquisados, que demonstraram um interesse repentino pela atividade quando perceberam que se tratava de uma exibição de vídeo, que existe uma notória “sede” em vivenciar o cinema que pode ser explorada por parte da escola.

A proximidade com o cinema se estabelece, a partir da prática de assistir a filmes, sendo ela construída socialmente e que por consequência, possibilita o que Duarte (2009), intitula de “competência para ver”, desenvolvida exatamente pela exploração do universo cinematográfico.

A fala dos Participantes referindo-se a distância que o cinema tem em relação à escola e a visão dicotômica que demonstram em relação à aula convencional, classificada por eles como “chata”, e a exibição de um filme como sinônimo de diversão. Havendo este distanciamento entre o currículo escolar e o momento de utilização de um filme na escola, dificulta que o cinema possa ser visto como afirma Costa (2003, p. 39), “um objeto de estudo, de conhecimento e informação válido por si próprio, mas também pelo confronto que permite estabelecer entre disciplinas institucionais [...]”.

Os alunos, cada um em sua esfera demonstraram certa relação com o cinema, fazendo-os ficarem interessado na atividade no primeiro momento. Foi interessante que, o momento que eles mais interagiram foi quando simulamos a construção de uma obra cinematográfica, atribuindo funções específicas a cada um e simbolizando a construção de um filme.



O Participante 1 chegou a dizer que gostaria de trabalhar em uma locadora de filmes quando crescesse. É essencial, na dinâmica de construção de um currículo, conhecer essas realidades, baseando-se na informação de Oliveira e Sússekkind (2012, p. 108) que “o currículo tem que ser entendido como a cultura real que surge de uma série de processos, mais que como um objeto delimitado e estático que se pode planejar e depois implantar”.

O currículo, para o uso do cinema incluindo a inserção de sua linguagem, abordado desta maneira descrita acima possibilita que os alunos possam compreender o momento em que vivemos, chamado por Duarte (2009) de “sociedade audiovisual”, sendo essencial para a escola compreender os efeitos dessa mídia nos seus alunos e prepará-los para analisarem o que essa mídia tem a oferecer, desenvolvendo a chamada “competência para ver” através da familiarização com o seu sistema de significação.

Assim, é perceptível a importância do interesse dos professores pela linguagem do cinema, como afirma Duarte (2009, p. 34), é importante “nos interessarmos pela teoria do cinema do mesmo modo como nos interessamos pela teoria da literatura”, pois esse conhecimento prepara o professor para a utilização desta ferramenta em sala de aula.

É possível enxergar no cinema inúmeras possibilidades dentro de sala de aula. Desde seu uso banal como uma exibição apenas para preencher o tempo dos alunos, passando pela abordagem de um tema específico de alguma disciplina (mesmo que esse tema seja retratado em apenas uma cena do filme), visitando temas transversais como ética, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo, saúde, etc., todos são usos válidos e que justificam o uso do cinema pela escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Unindo o potencial do cinema com sua atratividade aos olhos da criança, pode-se identificar uma ferramenta pedagógica inestimável para a educação. Sabendo que a criança, ao se dispor em assistir ao filme, esquece-se de seus



preconceitos, conflitos, e vê no filme um reflexo de si, uma fonte de saberes para responder seus questionamentos e uma janela para o mundo, conclui-se que o professor, juntamente com a escola, deve propor um diálogo bem mais profundo entre o cinema/arte e seus alunos. Os benefícios dessa proposta são encontrados desde o ensinar da escola (conteúdo das disciplinas) até o ensinar da vida (questões morais, éticas, cidadãos) que podem/devem contribuir para a construção de um indivíduo mais consciente de seu papel na sociedade e, por assim dizer, mais completo.

Neste sentido, existe um potencial enorme a ser explorado por parte do professor em relação ao cinema, pois, exibir filmes na sala de aula não é apresentá-lo para o aluno, mas sim inserir parte do universo vivido por ele na sala de aula. Foi possível perceber que, aproveitar este potencial não é uma tarefa simplória e rasa, necessita de um preparo em conhecer o lugar que o cinema ocupa na sociedade, as especificidades de sua linguagem e os instrumentos que utiliza para se comunicar, o potencial que possui de ser educativo ou explorado educativamente pela escola. Isto é necessário para que haja realmente a “competência para ver” a filmes, este trabalho então mostrou que inserir a linguagem cinematográfica no currículo escolar é um caminho.

Outro ponto importante é que, assistir a filmes é uma prática social, cultural, com reflexos no comportamento, apesar disso, o cinema ainda um campo distante da vida das pessoas, não há a real dimensão da influência exercida e a importância para a educação. Enxergar o cinema apenas como entretenimento é comum não apenas no meio infantil, mas grandes partes das pessoas, incluindo os educadores, restringem o significado de um filme a um “momento de lazer”, isto se reflete na sala de aula.

É importante destacar também que discutir sobre uma melhor utilização do cinema dentro do currículo escolar não é falar em utopia, mas antes é tratar de algo possível de ser realizado pela escola. Encontrar caminhos didáticos é uma tarefa dos professores e professoras que escolhem trabalhar com o cinema, existem em outros trabalhos acadêmicos inspirações vindas da prática de outros profissionais, mas é preciso destacar que é possível expandir e afirmar uma



utilização mais profunda, analítica, que estimule a leitura audiovisual, que contextualize a importância do cinema e que insira o aluno de maneira a proporcionar momentos de produção cinematográfica, despertando o seu interesse pela área.

Podemos dizer que a relação entre o cinema e o currículo escolar é possível, mas não só isso, também percebemos que o ato de assistir a filmes já representa uma “experiência curricular” única e dinâmica, um diálogo entre os saberes expressos nos filmes e aqueles constituintes do espectador, um momento de aprendizagem muito comum na nossa sociedade, que influencia e é influenciada pela mídia, experiências com potenciais enriquecedores ou estagnadores colocados em uma película de 5 minutos ou de 3 horas em que o filme tem a capacidade de ditar o que vai ser aprendido e percebido. Em suma, os educadores não podem desprezar a importância e capacidade que o cinema enquanto arte, técnica, prática social e cultural possui.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Campinas. Fundação Educar DPaschoal, 2004.

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema?** São Paulo: Brasiliense, 2012.

COSTA, Antônio. **Compreender o cinema**. Tradução Nilson Moulin Louzada; revisão técnica Sheila Shvarzman. 3º ed, São Paulo: Globo, 2003.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. – 3.ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LINUESCA, Maria Clemente. Elaborar o Currículo: Prever e representar a Ação. In: Sacristán, José Gimeno (org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Miguel González Arroyo. – Porto Alegre: Penso, 2013.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. (org.). - Campinas, SP: Papirus, 2006.



MERTEN, Luiz Carlos. O Cinema e a Infância. In: Zilberman, Regina (Org.). **A Produção Cultural para a criança**. 4ª Edição. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1990.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SÜSSEKIND, Maira Luiza. Currículos e Democracia. In: Santos, Edméa Oliveira dos (org.). **Currículos – teorias e práticas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica; tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2005.



AFEIÇÃO/COGNIÇÃO NUMA PERSPECTIVA CURRICULAR INCLUSIVA: UM OLHAR SOBRE O ESTUDANTE AUTISTA NA SALA INCLUSIVA¹

Ana Daniela de Oliveira Lima²
Ana D'Arc Martins de Azevedo³

Resumo: Este artigo apresenta a afeição/cognição numa perspectiva curricular inclusiva: um olhar sobre o estudante autista na sala inclusiva. Um estudo teórico da relação afeição/cognição em sala de aula entre professor e estudante autista. As questões de ordem afetiva encontram-se atreladas aos aspectos cognitivo, bem como é exigido dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, posturas que por muito tempo a escola tradicional deixou de priorizar. Foram utilizados os autores como: Macedo (2005), Mantoan (2003), Marçal (2019) e leis que abordam as conquistas da pessoa autista. A metodologia teve base em estudo bibliográfico de livros, leis, artigos sobre o tema. Um novo sistema educativo e necessariamente uma nova educação precisa ser estruturada, para subsidiar estas mudanças, as escolas e as Instituições Superiores de Educação possuem um papel relevante neste processo, pois se constituem em espaço privilegiado para a pesquisa e a implementação da prática curricular inclusiva.

Palavras-chave: Afetividade. Cognição. Inclusão. Estudante autista.

AFFECTION/COGNITION IN AN INCLUSIVE CURRICULAR PERSPECTIVE: A LOOK AT THE AUTISTIC STUDENT IN THE INCLUSIVE ROOM¹

Abstract: This article presents affection / cognition in an inclusive curriculum perspective: a look at the autistic student in the inclusive classroom. A theoretical study of the affection / cognition relationship in the classroom between autistic teacher and student. Affective issues are linked to cognitive aspects, as well as the subjects involved in the teaching-learning process, postures that the traditional school has long ceased to prioritize. Authors such as: Macedo (2005), Mantoan (2003), Marçal (2019) and laws that address the achievements of the autistic person were used. The methodology was based on a bibliographic study of books, laws, articles on the topic. A new educational system and necessarily a new education needs to be structured, in order to subsidize these changes, schools and Higher Education Institutions have a relevant role in this process, as



they constitute a privileged space for research and the implementation of inclusive curricular practice.

Keywords: Affectivity. Cognition. Inclusion. Autistic student.

AFECTO/COGNICIÓN EN UNA PERSPECTIVA CURRICULAR INCLUSIVA: UNA MIRADA AL ESTUDIANTE AUTISTA EN LA SALA INCLUSIVA¹

Resumen: Este artículo presenta afecto / cognición en una perspectiva curricular inclusiva: una mirada al estudiante autista en el aula inclusiva. Estudio teórico de la relación afecto / cognición en el aula entre profesor y alumno autista. Las cuestiones afectivas están ligadas a los aspectos cognitivos, así como a los sujetos involucrados en el proceso de enseñanza-aprendizaje, posturas que la escuela tradicional hace tiempo que dejó de priorizar. Se utilizaron autores como: Macedo (2005), Mantoan (2003), Marçal (2019) y leyes que abordan los logros de la persona autista. La metodología se basó en un estudio bibliográfico de libros, leyes, artículos sobre el tema. Es necesario estructurar un nuevo sistema educativo y necesariamente una nueva educación, para poder subsidiar estos cambios, las escuelas y las Instituciones de Educación Superior tienen un papel relevante en este proceso, ya que constituyen un espacio privilegiado para la investigación y la implementación de la práctica curricular inclusiva.

Palabras-clave: Afectividad. Cognición. Inclusión. Estudiante autista.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se constitui em um estudo teórico a respeito da afeição/cognição uma perspectiva inclusiva: um olhar sobre o estudante autista na sala inclusiva. Muito tem se falado sobre a inclusão de pessoas com deficiência na escola, nas salas inclusivas, este estudo tem objetivo de investigar como ocorre a relação afeição/cognição do professor e aluno autista na sala de aula inclusiva. Neste estudo proponho uma investigação teórica para compreender a relação afeição/cognição em sala de aula inclusiva entre professor e aluno autista.



Foram utilizados autores Macedo (2005), Mantoan (2003), Marçal (2019) e outros autores com foco no assunto em questão e leis que abordam as conquistas da pessoa autista. A relação entre professor e aluno deve acontecer de modo a favorecer a apreensão do conhecimento pelo estudante, assim, quanto maior for a interação e a proximidade entre docente e discentes, maior será a probabilidade de êxito no processo educativo.

Através de uma boa relação com o professor o estudante autista passa a se sentir participante do seu processo de aprendizado, através das interações com o ambiente em sala de aula. Esta realidade pode se configurar como um alicerce para uma autonomia, subsidiada pelas relações de afeição/cognição. A seguinte pergunta foi inicialmente formulada no âmbito desta pesquisa, investigar como se dá a relação afeição/cognição entre professor e aluno autista na sala de aula inclusiva.

Este artigo está organizado em tópicos, são eles: Tópico 1, Introdução, que aqui se inicia com esta abordagem. Tópico 2, um breve histórico sobre o autismo e o Enfoque Inclusivo. Tópico 3, um olhar sobre a afeição/cognição e a visão holística na educação. Tópico 4, A relação afeição/cognição na sala inclusiva. Tópico 5, a descrição da metodologia da pesquisa. Tópico 6, um olhar sobre os resultados da pesquisa.

A realização deste trabalho é de grande relevância, pois propõem uma realidade sobre a inclusão muito interessante e diferenciada, que, ao mesmo tempo, se apresenta como uma estratégia extremamente valiosa para o crescimento do aprendizado do estudante autista através de um currículo inclusivo.

2 BREVE HISTÓRICO SOBRE AUTISMO E O ENFOQUE INCLUSIVO.

Torna-se necessário iniciar com um breve histórico sobre Transtorno do Espectro Autista – TEA, para dar base para nosso estudo. A história da investigação sobre o autismo vem dos estudos do campo da psiquiatria sobre as características psicossociais do desenvolvimento infantil. Esses estudos contam



uma história recente e ainda em processo de investigação. Tem seu início com Plouller, em 1906, quando analisou crianças diagnosticadas com demência infantil, e eram alheias ao contato social, definiu este estado como “um estado de autismo”. “Em 1911, Bleuler definiu o termo autismo como “perda de contato com a realidade, causada pela impossibilidade ou grande dificuldade na comunicação interpessoal” (MARÇAL, 2019, p. 37)”.

Em 1943, Kanner, psiquiatra austríaco, residente nos Estados Unidos, passou a investigar 11 casos, eram crianças nas idades entre 02 e 08 anos de idade. Foram observadas a dificuldade das crianças desde o começo de suas vidas para se relacionar com as pessoas e situações. Na sua obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, discute as questões fundamentais do autismo. Em 1944, o pediatra austríaco Hans Asperger, desconhecendo a publicação de Kanner, lança um estudo com 04 crianças em condições psíquicas semelhantes às descritas por Kanner. Destacando uma condição de “psicopatia autística”. Na década de 70, observa-se um conjunto de estudos aprofundando características referenciadas por Kanner e Asperger. Os estudos de Michael Rutter compuseram os descritores mais precisos, sobre o diagnóstico de crianças com autismo.

No final do século XX e início do XXI, o DSM - IV (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) observava os prejuízo nas áreas de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos, que se manifestavam na primeira infância, como Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), onde englobava subcapítulos como: Transtorno Autista, Transtorno de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno de Asperger e Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação. (MARÇAL, 2019, p. 36).

Em 2013, na sua 5ª versão, o DSM-V, organiza como critério para diagnóstico o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), passa a considerar o atraso e desvio sociais, não só como função de retardo mental; problemas de comunicação, novamente, não só em função de retardo mental associado; comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; início antes dos trinta meses de idade.

O termo: Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID), foi adotado no Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-III), no



Brasil é conhecido como: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Aponta os Déficits sociais e de comunicação e os Comportamentos repetitivos e restritos. Classificados de acordo com o grau de severidade: leve, moderado ou severo, e os sintomas ocorrem na primeira infância. (MARÇAL, 2019, p. 37).

Ainda como critério diagnóstico para o TEA, temos a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID, estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Esse critério é o mais comum para as indicações nos laudos médicos, por conter identificações específicas de uso clínico e códigos de doenças mais facilmente identificáveis na área da saúde.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2008), hoje a versão que ainda vigora é a CID 10, o autismo se enquadra em CID F.84, como Transtorno Global do Desenvolvimento, caracterizado por alterações nas interações sociais recíprocas e de comunicação, e por um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Mas, a partir de 1º de janeiro de 2022, entrará em vigor a CID 11. Esta versão já divulgada desde o ano de 2018 permitirá aos países planejar seu uso, preparar traduções e treinar profissionais de saúde. No caso do TEA, alinha o diagnóstico com o DSM V, além de auxiliar a manutenção de um sistema global de identificação do autismo.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva do Ministério da Educação a inclusão constitui um paradigma educacional fundamentado numa concepção de direitos humanos que segundo Mantoan (2003), conjuga a igualdade e diferença como valores indissociáveis, avançando para uma ideia de equidade social.

A educação inclusiva assume um espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel das instituições educacionais na superação da exclusão. É necessário reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las.

Segundo Macedo (2005), a educação inclusiva implica uma visão diferente da educação comum, baseada na diversidade e não na homogeneidade. Considera-se que cada pessoa tem necessidades e



características próprias, fruto de sua procedência social e cultural e de suas condições pessoais com relação a motivações, competências e interesses, fatores que são intermediários nos processos de aprendizagem, fazendo com que cada caso seja único e não repetível. As diferenças são uma condição inerente ao ser humano e, portanto, a diversidade está dentro do “normal”.

O desenvolvimento de uma educação inclusiva também implica uma mudança importante no papel da educação especial que segundo Mantoan (2003), é concebida como um conjunto de conhecimentos, técnicas e recursos especializados, colocados a serviço da educação comum para atender as necessidades educacionais especiais que possam surgir entre os alunos de forma temporária ou permanente.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais.

Segundo Mantoan (2003), o direito à participação e a não discriminação significa que ninguém deveria sofrer nenhum tipo de restrição para participar das diferentes atividades da vida humana e segundo Macedo (2005), para tornar efetiva a plena participação é necessário assegurar a igualdade de oportunidades, ou seja, oferecer a cada pessoa a ajuda e recursos que necessita, de acordo com suas características e necessidades individuais, para que esteja em igualdade de condições de aproveitar as oportunidades. A participação plena implica ter voz e ser aceito pelo que uma pessoa é, por isso, é fundamental assegurar o direito à própria identidade, na medida em que determina o ser humano como individualidade no conjunto da sociedade, promovendo sua liberdade e autonomia.

A Lei nº12.764/12, Lei Berenice Piana, instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e foi a primeira a considerar o autista uma pessoa com deficiência. Conforme o art.1º da Lei 12.764/2012 é considerada pessoa com transtorno do espectro autista



aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I e II:

I – deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II – padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. (art.1º da Lei 12.764/2012)

Com a Lei, fica assegurado o acesso a ações e serviços de saúde, incluindo: o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional, a nutrição adequada e a terapia nutricional, os medicamentos e as informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento. Da mesma forma, a pessoa com autismo terá assegurado o acesso à educação e ao ensino profissionalizante, à moradia, ao mercado de trabalho e à previdência e assistência social.

Lei nº13.146 de 6 de julho de 2015. A Lei Brasileira de Inclusão dispõe sobre o direito da pessoa com deficiência:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (LBI . cap IV do direito à educação)

3 A AFEIÇÃO/COGNIÇÃO E A VISÃO HOLÍSTICA NA EDUCAÇÃO

Muitos autores e pesquisadores vêm contribuindo de modo significativo para uma compreensão que visa identificar os aspectos afetivos e cognitivos na relação professor-aluno e as possíveis influências destes no processo para a aprendizagem significativa.

Segundo Davis e Oliveira (1994), afeto e cognição são aspectos inseparáveis, que fazem parte de toda e qualquer atividade humana, embora em proporções variáveis. O afeto pode, assim, ser entendido como a energia



necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar.

tanto a inteligência como a afetividade são mecanismos de adaptação, pois permitam ao indivíduo construir noções sobre os objetos, as pessoas e as situações, conferindo-lhes atributos, qualidades, e valores. Assim contribuem para construção do próprio sujeito, sua identidade e visão de mundo. (Davis e Oliveira, 1994, p.84)

Segundo Leite e Tassoni (2002), a teoria de Wallon considera que, durante toda a vida do indivíduo, a afetividade tem um valor imprescindível. A afetividade possui um sentido amplo que engloba as emoções (de origem biológica) e os sentimentos (de origem psicológica). Davis e Oliveira (1994), também destacam a importância da construção social do sujeito evidenciando que é por meio do contato humano que a pessoa se desenvolve, comunicando-se com o outro, organizando seu pensamento, planejando, direcionando e avaliando sua ação, bem como, experimenta sentimentos como alegrias, tristezas, ansiedade, calma e outros.

Segundo Ribeiro in: Brandão e Crema (1991), a era em que estamos é de holismo, o que compreende um novo paradigma científico, que supõe que estamos nos tornando pessoas unificadas em um mundo também em processo de unificação.

[...] deseja reunir todas as vozes, pois pretende dedicar-se à pessoa como um todo: corpo, sentimentos, intelecto e espírito...esta transformação que todas as eras conheceram como possível para o ser humano, é um potencial que não podemos mais negligenciar. (BRANDÃO e CREMA, 1991, p. 111- 113)

Precisamos de uma educação que tire o sujeito da dimensão da individualidade ao sentimento de comunidade. Uma educação do senso de humanidade. Além disso, necessitamos recuperar ou desenvolver a capacidade de conhecer nossos sentimentos e expressá-los com autenticidade. Para Rogers:

Deveria haver um lugar para a aprendizagem pela pessoa toda, com seus sentimentos e ideias integrados...reunir a aprendizagem cognitiva, que foi sempre necessária, com a aprendizagem afetivo-vivencial, tão descurada hoje nos ensinos. (ROGERS, 1977, p.143)



De acordo com Ribeiro in: Brandão e Crema (1991), a educação holística apresenta-se como um desafio, pois nossa sociedade é marcada pela fragmentação. No entanto, quando buscamos a origem da palavra educar percebemos que é a mistura de aumentar-se, criar-se, instruir-se, ensinar-se e gerar-se. Uma visão não fragmentada da educação supõe uma visão criativa de qualquer campo do saber ou da ação, de modo que o homem trabalhe o todo e não apenas uma parte sua. Somente uma educação na totalidade pode permitir ao ser humano consumir-se e ser plenamente.

A inteligência e a afetividade são diferentes em natureza, mas indissociáveis na conduta concreta da pessoa o que significa que não há conduta unicamente afetiva, bem como não existe conduta unicamente cognitiva, e que a afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, estimulando-o ou perturbando-o, acelerando-o ou retardando-o.

4 A RELAÇÃO AFEIÇÃO/COGNIÇÃO NA SALA INCLUSIVA

Para Leite e Tassoni (2002), em cada estágio de desenvolvimento do ser humano, os aspectos afetivos e cognitivos estão constantemente entrelaçados, constituindo-se em um par inseparável. O pensamento tem sua origem na esfera da motivação, das necessidades, dos impulsos, dos interesses, do afeto e da emoção. Em se tratando do contexto educacional e, mais especificamente, da sala de aula:

a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (aluno) e os diversos objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas. (LEITE; TASSONI, 2002, p. 124)

Segundo Santaella (1993), não há e nem pode haver, separação entre percepção e conhecimento assim, o que se diz, como se diz, em que momento e por que, da mesma forma o que se faz, como se faz, em que momento e por que, afetam profundamente as relações professor–aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem e na percepção do



estudante.

Desse modo, quando se discute a afetividade no contexto escolar o que se pretende é enfatizar o significado afetivo das ações docente e as experiências vivenciadas pelo educando, na relação com os diversos objetos do conhecimento, de modo que, a natureza e qualidade da mediação feita pelo professor e vivenciada pelo sujeito na relação com o objeto, são fundamentais para que se alcance uma experiência afetiva prazerosa.

O professor é o grande responsável pelo processo educativo, de modo que em sua prática diária acaba mesclando posturas e condutas variadas, porém cabe ao mesmo refletir sobre suas ações em sala de aula, no sentido de favorecer uma aprendizagem que seja significativa para o educando.

Segundo Davis e Oliveira (1994), embora a função da escola na vida da criança não seja a de promover o ajustamento afetivo, cabe à instituição de ensino esforçar-se por propiciar um ambiente estável e seguro, no qual as pessoas possam sentir-se bem e desenvolver-se, por que nestas condições a atividade intelectual fica facilitada. Da mesma forma, a presença do professor dá ao estudante condições de segurança física e emocional que o levam a aprender.

Para Leite e Tassoni (2002), no processo de inter-relação em sala de aula, o comportamento do professor, através de suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos, desejos, afeta cada aluno individualmente, visto que, em uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente.

Portanto, é perceptível que a afetividade está presente em todas as decisões da escola e que o professor, como mediador, é quem determina a qualidade dos vínculos que se estabelecerão entre o aluno e o objeto do conhecimento. Assim, as relações de mediação devem ser permeadas por sentimentos de simpatia, acolhimento, respeito, apreciação e outros capazes de promover a facilitação da aprendizagem e o desenvolvimento integral do aluno.



5 METODOLOGIA

A análise bibliográfica como recurso de investigação, de cunho qualitativo e descritivo. A pesquisa bibliográfica tem como finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científicas existentes acerca do assunto a ser investigado e leva em conta a qualidade do material a ser analisado, bem como sua contribuição para a nossa prática pedagógica. Este trabalho baseou-se na análise de livros, artigos, leis, que abordam o tema.

6 UM OLHAR SOBRE OS RESULTADOS NA PESQUISA

O afeto sem dúvida é um aspecto que está presente a todo instante nas relações que nós, seres humanos, estabelecemos com os demais seres e objetos. Quando se trata do ambiente escolar o afeto também está presente, visto que, pessoas estão interagindo diariamente, o que gera conhecimento mútuo, aproximação, intimidade. Seja por modo verbal ou não-verbal expressamos o que sentimos pelo outro o tempo todo.

São nossos afetos que dão o colorido especial à conduta de cada um e às nossas vidas. Eles se expressam nos desejos, sonhos, fantasias, expectativas, nas palavras, nos gestos, no que fazemos e pensamos. É o que nos faz viver. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 189)

Reações orgânicas acompanham as emoções e revelam vivências ou estados emocionais do indivíduo: tremor, riso, choro, lágrimas, expressões faciais e etc. As reações orgânicas fogem ao nosso controle [...] são sensações que ocorrem em resposta a fatores geralmente externos. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p.195)

Assim, a afetividade manifesta-se como emoção, mas também pode expressar-se como sentimentos, no entanto, estes se diferem das emoções por serem mais duradouros e por não virem acompanhados de reações orgânicas intensas. O fundamental é compreendermos que a vida afetiva, emoções e sentimentos, constitui o homem e é um aspecto de grande importância na vida psíquica.



Na escola os alunos precisam ser tratados como indivíduos capazes de construir, modificar e integrar ideias e sentimentos por meio da interação com outras pessoas, com objetos e situações que exijam envolvimento e respeito por sua especificidade.

A comunicação não é constituída apenas de código verbal. Também utilizamos para a comunicação expressões de rosto, gestos, movimentos, desenhos e sinais [...] o homem encontra um mundo de objetos e significados já construídos pelos outros homens. Nas relações sociais, ele se apropria desse mundo cultural e desenvolve o “sentido pessoal”. Produz, assim, uma compreensão sobre o mundo, sobre si mesmo e os outros. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p.136; 144)

A linguagem é um dos fatores que faz do homem um ser particular, diferente dos demais seres. Tal linguagem compreende um conjunto de símbolos e expressões que possibilitam a comunicação. A comunicação é característica social e a escola constitui-se em um importante local de trocas, de comunicação verbal e não-verbal.

O afeto se manifesta em sala de aula por meio da interação e da comunicação. A sala de aula é para o aluno um espaço de grandes descobertas e para o professor um ambiente de grandes responsabilidades. Sabemos que é na interação professor-aluno que a aprendizagem se dá, nas conversas informais, na troca de conhecimentos, nos questionamentos feitos, nas perguntas respondidas, enfim, no diálogo que estabelecem.

O meio - a sala de aula – deve proporcionar interação, seja o professor em contato com os alunos, seja eles em contato uns com os outros e eles em contato com os objetos do conhecimento (os recursos disponíveis para a aprendizagem). A interação proporciona afeto e gera aprendizagem. A escola pode contribuir bastante, orientando, conversando, fazendo o aluno perceber a si mesmo e ao outro e, assim, compreender o mundo a sua volta.



A aprendizagem é, portanto, um processo essencialmente social, que ocorre na interação com os adultos e os colegas. O desenvolvimento é resultado desse processo, e a escola, o lugar privilegiado para essa estimulação. A Educação passa, então, a ser vista como processo social sistemático de construção da humanidade. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 126)

Quando refletimos sobre a afetividade em sala de aula, logo destacamos a presença e responsabilidade do professor em proporcionar ao aluno um ambiente agradável. É fundamental que as atividades selecionadas incentivem os alunos a resolver problemas, sejam eles cognitivos, sociais, afetivos, tomar decisões, perceber regularidades, analisar dados, discutir e aplicar ideias; as atividades devem estar sempre relacionadas com situações que tragam desafios e levem problemas que precisam ser resolvidos, ou que deem margem à criação.

Assim, o docente deve atentar para a metodologia que está utilizando, e como o currículo inclusivo pode proporcionar mudanças na forma do ensino aprendizagem e a escolha das atividades e a maneira de conduzi-la implica em sucesso ou insucesso para o aluno. A utilização de atividades inadequadas, bem como, a falta de esclarecimento e intervenções do professor nas atividades pode gerar desmotivação. Desse modo, vale salientar que, o diálogo deve fazer parte constantemente da metodologia adotada, e como podemos encontrar o melhor forma de inserir um currículo educacional que seja inclusivo e que atenda a todos, sendo respeitada as especificidades.

O professor deverá dosar a quantidade de afeto. Ao falar de afeto, muitos podem até mesmo pensar que a afetividade sempre será benéfica à relação professor-aluno e ao processo de ensino e aprendizagem, mas a verdade é que o excesso de carinho e atenção pode acarretar perdas. Desse modo, também é uma competência do educador dosar a quantidade de afeto, impondo limites, estabelecendo regras e acordos em sala de aula, sem priorizar alguns alunos em detrimento de outros. Não esquecer que em todos os estágios a forma da afetividade facilitadora se expressar exige a colocação de limites, que facilitam o processo de ensino-aprendizagem, garantindo o bem-estar de todos os envolvidos.



É importante salientar que, por um lado, a escola é uma instituição, por isso exige organização, regras, limites em prol de objetivos claros e precisos. Por outro lado, não podemos negar que as relações interpessoais na escola precisam estar permeadas por sentimentos de simpatia, acolhimento, respeito, apreciação, bem como, cumplicidade, que também acontece por meio da interação entre os sujeitos, pelo que é falado, captado e transmitido por meio de um olhar, de um sorriso, pelo movimento do corpo que acolhe, escuta e observa e todos esses aspectos devem fazer parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola para a busca de um currículo inclusivo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar a afeição/cognição uma perspectiva inclusiva: um olhar sobre o estudante autista na sala inclusiva. O tema que suscitou esta investigação é de extrema importância porque vem contribuir para um estudo no que se refere às questões de ordem afetiva e cognitiva em sala de aula, de modo a suscitar ou resgatar fatores outrora desconsiderados, que valorizam o outro, priorizam a reflexão, o diálogo e a interação. Assim, os educadores possam refletir sobre sua prática e seu papel de extrema importância dentro do processo de ensino-aprendizagem com o aluno com Transtorno do Espectro Autista – TEA.

No processo de interação entre professores e aluno autistas, ainda existem pendências. É perceptível que o professor adote como prática cotidiana um misto de concepções a respeito do ensino e da aprendizagem e que em meio a isso, aspectos do tradicional ainda estão presentes, como algumas posturas docentes mais rígidas, bem como, alguns conteúdos verbais carregados de incompreensão e falta de empatia. No entanto, uma reflexão-ação diária do professor seria uma solução para amenizar estes problemas.

O professor é essencial, pois é o grande responsável pelo processo de ensino e aprendizagem em sua capacidade de planejar e avaliar o processo



educativo, de modo que valorize acima de tudo a pessoa autista ou não - com suas competências e habilidades, perceba suas carências, compreenda suas limitações, acompanhe o seu desenvolvimento, visando seu crescimento pessoal e educacional.

No que se refere ao afeto, os professores devem ter a sensibilidade ao reconhecer a criança como um ser que necessita de carinho e atenção e ao ver a escola como um espaço que deve estar permeado de empatia, consideração e respeito ao aluno.

Em se tratando da manifestação do afeto em sala de aula, ficou evidente que ele deve fazer parte da rotina de sala de aula, das atividades programadas de modo a favorecer o processo de ensino-aprendizagem. Por outro lado, também, foi enfatizada a importância de se estabelecer limites a criança ao mesmo tempo em que se manifesta o afeto. Faz-se necessário destacar a importância do fator afeto para o desenvolvimento intelectual, bem como a presença de suma importância do educador para a implantação de um modelo educacional que valorize o ser humano com suas competências, valores, limitações e necessidades.

A escola apresenta-se como um meio fundamental de desenvolvimento em que professor e alunos são afetados um pelo outro e ambos pelo contexto, de modo que a não satisfação das necessidades afetivas prejudica a todos: no aluno gera dificuldades de aprendizagem e no professor insatisfação e descompromisso.

A realização desta pesquisa é de grande importância para resgatar o afeto na relação entre professor e estudante autista. Os profissionais estão capacitados para promover um ensino que realmente valorize o outro acima de tudo, respeitando seus limites e educando para a cidadania, tendo como base uma formação adequada e constante e um currículo escolar inclusivo. Além disso, acredito que diante de tantos obstáculos que nós, educadores, encontramos no processo de ensino-aprendizagem, é possível educar com afeto.



REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. Psicologias. Uma introdução ao estudo de psicologia. Ed. Saraiva, 2001.

CANDAU, Vera Maria. A didática em questão. Ed. Vozes, 2003

DAVIS, Cláudia e OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Psicologia da Educação. (Coleção Magistério , 2º grau. Série formação de professores). 2º ed. SP:Cortez,1994.

LEITE E TASSONI in: AZZI, Roberta Gurgel; SADALLO, Ana Maria Falcão de Aragão (org.). Psicologia e formação docente: desafios e conversas. SP: Casa do psicólogo, 2002.

Lei nº12.764/12. Lei Berenice Piana.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm.

Acesso em 07 de julho de 2019.

Lei nº13.146/15. A Lei Brasileira de Inclusão dispõe sobre o direito da pessoa com deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em 07 de julho de 2019.

MACEDO, Lino. Ensaios pedagógicos: como construir uma escola para todos? Porto Alegre; Artmed, 2005.

MANTOAN, M. T. Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção cotidiano escolar). 1ª ed.

MARÇAL, Flávia, (org.). MENDES, Anna Karen Soutello; VIEIRA, Scheilla de Castro Abbud. Perspectiva legal do AEE e Políticas de Inclusão. In: Transtorno do Espectro do Autismo: Questões pedagógicas e gerenciamento de processo inclusivos. Belém-PA: MEC, SECADI, 2019.

MEC. MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em 08 de julho de 2019.

OMS. Organização Mundial de Saúde. Disponível em:

<http://www.saude.gov.br/component/tags/tag/oms>. Acesso em 10 de julho de 2019.

RIBEIRO in: BRANDÃO, Denis M. S.; CREMA, Roberto. Visão Holística em Psicologia e Educação. SP:Summus, 1991.

SANTAELLA, Lúcia. A percepção: uma teoria semiótica. Ed. Experimento. São Paulo 1993.



ENTRELAÇANDO SABERES EM EJA: VIVÊNCIAS EXPERIENCIADAS POR UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA EM ABAETETUBA¹⁵⁸

Ana D’Arc Martins de Azevedo¹⁵⁹

Leida Cristina Saraiva Teixeira¹⁶⁰

RESUMO: Este trabalho relata as experiências de uma das autoras como alfabetizadora e coordenadora de turmas de Alfabetização de Jovens e Adultos no município de Abaetetuba/PA. O objetivo geral é o de perceber o entrelace de conhecimentos de jovens e adultos da Educação/Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA) que ocorre na educação formal e não formal em ambientes não escolares com os saberes: cultural e educacional locais. A metodologia foi qualitativa, pois é construído na prática docente e na troca de saberes. A análise expõe o compartilhamento do fazer pedagógico tanto pela professora como pelos demais envolvidos. Utilizou-se como referencial teórico: Ribeiro *et al* (2018) e Freire (1987; 1980), além de pesquisa em sites especializados (imagens e dados). Podem-se inferir que a busca pela educação perpassa pelas diversas formas de saberes: educacional, social e cultural.

Palavras-Chave: Relato de experiências. Entrelace de saberes. EJA. Abaetetuba/Pa.

INTERLACING KNOWLEDGE IN EJA: EXPERIENCES EXPERIENCED BY A LITERACY TEACHER IN ABAETETUBA

Abstract: This paper reports the experiences of one of the authors as literacy and coordinator of Youth and Adult Literacy classes in the municipality of Abaetetuba/PA. The general objective is to perceive the interlace of knowledge of young people and adults Education/Literacy of Youth and Adults (EJA) that occurs in formal and non-formal education in non-school environments with local knowledge: cultural and educational. The methodology was qualitative, because it is built in teaching practice and in the exchange of knowledge. The analysis exposes the sharing of pedagogical practice both by the teacher and by the others involved. Ribeiro *et al* (2018) and Freire (1987; 1980) were used as theoretical reference, as well as research in specialized websites (images and data). It can be inferred that the search for education permeates the various forms of knowledge: educational, social and cultural.

¹⁵⁸Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Saberes e Fazeres Curriculares Interculturais em Espaços Escolares e Não Escolares do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹⁵⁹ Profa. Dra. do PPGCLC e PPGCLC/UNAMA. azevedoanadarc@gmail.com

¹⁶⁰ Mestranda do PPGCLC/UNAMA. saraivaleida@gmail.com



Keywords: Experience report. Intern of knowledge. EJA. Abaetetuba/PA.

CONOCIMIENTOS ENTRELAZADOS EN EJA: EXPERIENCIAS EXPERIMENTADAS POR UN PROFESOR DE ALFABETIZACIÓN EN ABAETETUBA

Abstracto: Este trabajo reporta las experiencias de uno de los autores como alfabetización y coordinador de las clases de Alfabetización juvenil y adulta en el municipio de Abaetetuba/PA. El objetivo general es percibir el entrelazado de conocimientos de jóvenes y adultos Educación/Literacyde Jóvenes y Adultos(EJA) que se produce en la educación formal y no formal en entornos no escolares con conocimientos locales: culturales y educativos. La metodología fue cualitativa, porque se construye en la práctica docente y en el intercambio de conocimientos. El análisis expone el intercambio de práctica pedagógica tanto por el maestro como por los demás involucrados. Ribeiro et al (2018) y Freire (1987; 1980) se utilizaron como referencia teórica, así como la investigación en sitios web especializados (imágenes y datos). Se puede inferir que la búsqueda de la educación impregna las diversas formas de conocimiento: educativo, social y cultural.

Palabras-Clave: Informe de experiencia. Entrelace de saberes. EJA. Abaetetuba/PA.

1 INTRODUÇÃO

Os relatos de experiências na área da educação geralmente visam trazer contribuições entre a teoria e a prática docente e, neste trabalho não é diferente, pois traz as experiências de uma das autoras como alfabetizadora e coordenadora de turmas de Alfabetização de Jovens e Adultos no município de Abaetetuba/PA durante o período de 2006 a 2010.

O objetivo geral é o de perceber o entrelace de conhecimentos de jovens e adultos Educação (Alfabetização) - EJA e a vivência docente que a autora estimulou a se tornar docente de Língua Portuguesa e estudiosa da educação formal e não formal em ambientes escolares e não escolares que envolvam o enlace de saberes: cultural e educacional.

A metodologia foi qualitativa, pois é construído na prática docente.

A análise expõe a busca compartilhada por uma qualificação tanto pela professora como pelos demais envolvidos: educandos, professores e artesãos.



Utilizou-se como referencial teórico: Ribeiro *et al* (2018) e Freire (1987; 1980), além de pesquisa em sites especializados (imagens e dados).

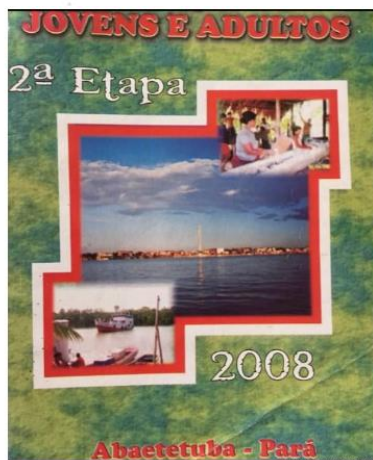
Podem-se inferir que a busca por uma formação que digna perpassa pela dedicação e pela oportunidade que a educação oferece em suas diversas formas de representação: curricular, social e cultural.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 ENTRELAÇAMENTO DA AUTORA COM A EJA

A descoberta da Educação de Jovens e Adultos (EJA) pela professora Leida Saraiva se deu quando esta foi convidada, em 2006, a colaborar na inserção do brinquedo de miriti (na época, a mesma era artesã) na primeira edição do livro didático “Construindo a Cidadania”- SEMEC/PMA- 1ª e 2ª etapas EJA, capítulo: Matemática. Após o término da colaboração a mesma foi convidada a ser inserida como autora e a participar das capacitações a serem ofertadas aos professores da SEMEC- Abaetetuba. Tais capacitações seguiram até agosto de 2008 com a produção da 2ª Edição do supracitado livro (Ver Imagem 1, abaixo).

Imagem 1 – Capa livro “Construindo a Cidadania 2 Edição, 2008.



Fonte: Ribeiro, Bezerra & Silva, 2018, p.180



Essa experiência, suscitou o interesse pela EJA e Leida Saraiva passou tornou-se alfabetizadora pelo programa Vale Alfabetizar, em 2008, em uma turma formada por artesãos de brinquedo de miriti, sua primeira experiência oficial como docente.

Daí em diante, a decisão de querer seguir a carreira docente foi crescendo e amadurecendo até que em 2009, Leida foi aprovada em Letras- Língua Portuguesa: primeiramente em uma faculdade particular e depois na Universidade Federal do Pará- Campus Abaetetuba onde findou sua graduação em 2014, defendendo sua monografia intitulada “A escrita de jovens que estudam na EJA: um estudo de caso em uma turma de 3ª etapa da escola ‘Prof. Leônidas Monte’, no município de Abaetetuba, sobe a orientação da Prof.^a Dr.^a Mara Rita Duarte de Oliveira (há época, no CUBT-UFPA-Abaetetuba; atualmente no campus de Cametá) e já estando aprovada na especialização em Alfabetização de Jovens e Adultos voltada para a Juventude, pelo campus de Belém em parceria com o campus de Bragança, concluindo em 2015, com a monografia “Alfabetizar letrando jovens da EJA utilizando gêneros textuais: a experiência de uma escola pública no município de Abaetetuba/PA sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Selma Costa Pena (ICED-UFPA-Belém).

Durante o período da graduação ocorreu a experiência como coordenadora de turmas de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA-PA Alfabetizado- 3ª URE, 2010, bairro Algodual) no município de Abaetetuba/PA.

2.2 IDENTIFICANDO O LOCAL DAS EXPERIÊNCIAS: ABAETETUBA

A professora Leida Saraiva chegou em Abaetetuba, advinda do sudeste paraense (Parauapebas) em um dia muito festivo no município de Abaetetuba: no dia 08 de dezembro de 2007, dia do “Círio da Padroeira” (como costumam dizer os abaetetubenses) e já pode observar – a partir de relatos de moradores e visitantes - que

Abaetetuba é uma cidade plural e híbrida, construída do encontro entre indígenas, africanos e europeus, e da diluição das fronteiras entre cidade - campo e local - global, expressa nas múltiplas e contingentes representações: terra da cachaça, cidade da dança, cidade das olarias, cidade das drogas, cidade das águas, cidade da poesia, cidade dos autos, cidade da carpintaria naval, cidade da arte (GOMES, 2013),



VII CONFLUÊNCIAS

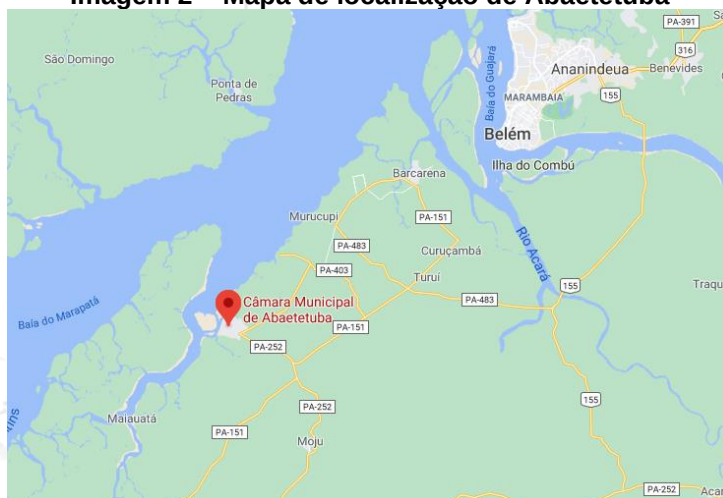
ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

terra das cestarias (MORAES, 2013); mais recentemente, é representada como a capital mundial do brinquedo de miriti. (RIBEIRO, BEZERRA & SILVA, 2018, p. 181).

Mas onde exatamente fica Abaetetuba?

O município de Abaetetuba se situa a 51 km a Sul-Oeste de Belém. Vizinheiro dos municípios de Moju, Barcarena e Igarapé-Miri, segundo o site www.cidade-brasil.com.br, em 15/09/2020.

Imagem 2 – Mapa de localização de Abaetetuba



Fonte: www.cmabaetetuba.pa.gov.br, em 10/09/2020.

Segundo último censo, contava com 157 698 habitantes. A densidade demográfica é de 97,9 habitantes por km² no território do município (Ver Imagem 3).

Imagem 3 - Foto da sede da cidade



Fonte: www.cmabaetetuba.pa.gov.br. Acesso em 10/09/2020.



2.3 O RELATO DAS EXPERIÊNCIAS

O processo entre a teoria e a prática em EJA ocorre o enlace entre o conhecimento do que se ensina, como se ensina e para quem se ensina e entre todos os envolvidos, possibilitando um maior entrelaçamento com os saberes e a conscientização sendo esta, segundo Paulo Freire (1980, p.26), “[...] um compromisso histórico. É também consciência histórica: é a inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo.”.

Neste fazer e refazer o mundo, o papel do Alfabetizador e sobretudo do Orientador de turmas de Alfabetização em EJA é de grande valia na construção desta conscientização por ser a figura de orientação e exemplo perante os demais envolvidos: educando e educadores.

Dentre as experiências da professora Leida Saraiva, a primeira se deu no ano de 2006 quando Leida atuou como alfabetizadora de uma turma formada especificamente por artesãos de miriti pelo programa Vale Alfabetizar- uma parceria entre a empresa mineradora Vale e a Prefeitura municipal de Abaetetuba.

A turma era bastante heterogênea tanto quanto ao sexo, à idade e ao local de estudo, pois haviam tanto homens quanto mulheres, desde jovens (o mais novo com 15 anos) até idosos (a mais idosa com 78 anos) e o atendimento era feito em diferentes locais, desde ateliês até residência dos educandos.

A arte do brinquedo de miriti foi o “carro chefe” para a aquisição de muitos conhecimentos repassados e adquiridos durante as aulas, já que o fato de a educadora também conhecer e vivenciar a mesma subsistência de muitos deles: a venda dos brinquedos de miriti e as feiras de exposição para a divulgação de tal produto cultural.

Este conhecimento serviu como estímulo e como base para a assimilação dos conteúdos: as noções de métrica e valores matemáticos eram utilizados na confecção e na venda dos produtos, a aquisição e o desenvolvimento da escrita



foram estabelecidos desde nomes em barcos de miriti (Ver Imagem 3) até no simples fato de assinar fichas de participação em capacitações do SEBRAE/PA.

Imagem 3 – Escrita em barco de miriti



Fonte: www.panoramio.com, em 10/09/2010.

A outra experiência foi durante no ano de 2010, quando a Leida já era graduanda de Língua Portuguesa (inicialmente de uma faculdade particular e depois da Universidade Federal do Pará- UFPA- Campus Abaetetuba) e pode atuar como coordenadora de turmas de alfabetização de adultos do bairro Algodual, em Abaetetuba.

A coordenação foi conseguida após seleção curricular e de apresentação de um projeto de intervenção a ser desenvolvido durante o período de atuação no programa Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos – MOVA/PA.

Sob a coordenação de Leida estavam 9 turmas (Portanto, 9 alfabetizadores em formações continuadas semanais- Ver Imagem 4) compostas por 175 educandos tão diversificados quanto à experiência anterior, pois também havia uma heterogeneidade de muitas formas: jovens adultos e idosos, homens, mulheres e homoafetivos, residentes em diferentes áreas do bairro Algodual (desde palafitas em áreas de invasão - Chicolândia - até sobrados em alvenaria em áreas mais nobres do bairro) e as atividades eram desenvolvidas em barracões comunitários ou sala da casa das alfabetizadoras.



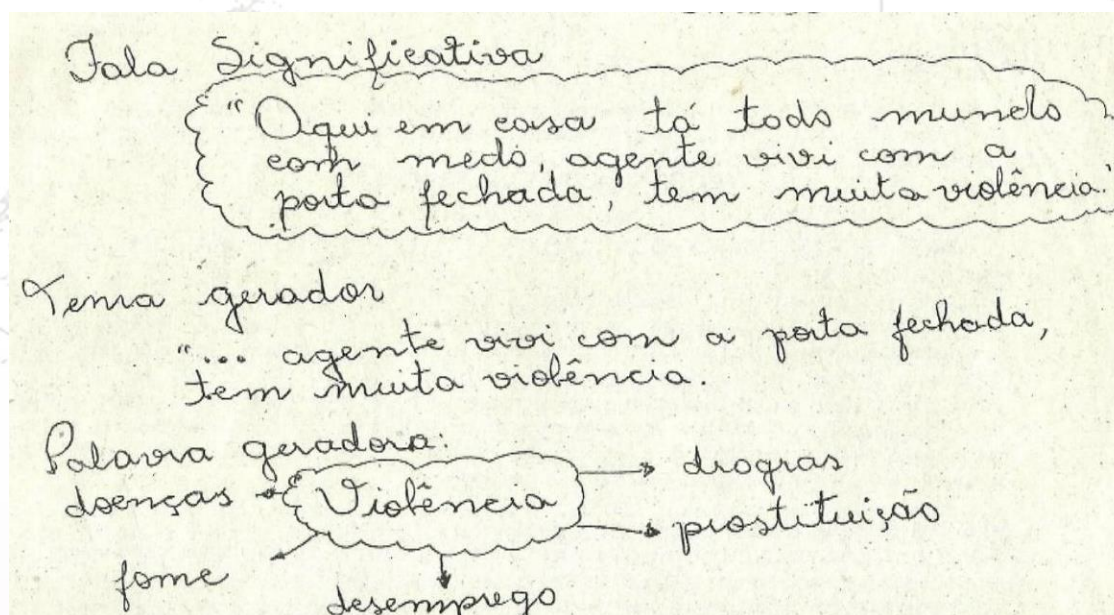
Imagem 4 – Equipe de alfabetizadore/as



Fonte: acervo da professora Leida Saraiva.

As diversas estratégias pedagógicas utilizadas focavam-se na pedagogia freireana no uso da pesquisa sócio-antropológica e questionário sócio-econômico aos alfabetizando jovens e adultos e no uso da Tema/Palavra geradora (Ver Imagem 4).

Imagem 5 – Esboço do Tema/Palavra geradora por uma das alfabetizadoras



Fonte: acervo da professora Leida Saraiva.



3 CONFLUÊNCIA DE SABERES: RESULTADOS

As experiências surtiram resultados positivos quanto à autonomia dos educandos quanto da sua participação como agente de mudança em seu local de vivência, a exemplo disso, elencamos alguns a seguir:

- Participação dos alunos e de parte da comunidade do bairro Algodoal em palestras sobre Trabalho, ministrada pela advogada Bruna Fernandes (Carteira de trabalho).
- 4 Alfabetizadores realizaram a prova do ENEM a fim que conseguirem adentrar em um curso superior (2 conseguiram: Pedagogia e Matemática) e se dedicarem ao estudo a fim de obter êxito em um concurso público (2 conseguiram: agente comunitário de saúde e professora ensino Fundamental I).
- 140 alunos encaminhados a EJA: 1ª e 2ª etapas.
- Realização de abaixo-assinado feito pelos alunos de 2 (duas) turmas de alfabetização a fim de conseguirem melhorias quanto a água no bairro Algodoal- invasão Chicolândia - o que culminou na instalação de uma caixa d'água para o abastecimento da população (Ver Imagem 6).



Imagem 6 – Caixa d’água na invasão Chicolância, bairro Algodão



Fonte: www.cmabaetetuba.pa.gov.br/o-municipio/. Acesso em 10/09/2020.

4 CONCLUSÃO

O relato das experiências da professora Leida tanto como alfabetizadora quanto coordenadora de turmas de alfabetização geraram em torno da troca de saberes entre os envolvidos: alfabetizadores e educandos, pois buscou práticas para serem utilizados durante as aulas em espaços não escolares. Esse tipo de prática pedagógica admite que o currículo intercultural seja possível mesmo diante de práticas excludentes, como a da caixa d’água na invasão Chicolândia.

Portanto, o fazer pedagógico baseado em princípios pautados de valorização de culturas e identidades locais pertinentes ao contexto em que a prática docente está situada legitima os saberes e fazeres curriculares de modo intercultural em espaços não escolares da EJA, inclusive em turmas de alfabetização de jovens e adultos.



REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª Ed. São Paulo: Moraes, 1980.102p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessário à prática educativa**. 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

RIBEIRO, Joyce Otânia S.; BEZERRA, Luana C.; SILVA, Ana C. Santos. Brinquedo de miriti: tradição e patrimônio no livro didático. Eixo temático VII- Currículo, culturas e diferenças. In: **Ebook do III Eped**. Joyce Ribeiro [et al] (org.). Abaetetuba: Abaeté, 2018. Disponível em: <http://cubt.ufpa.br/publicacoes/documento/faecs/Ebook%20III%20Eped-min.pdf> Acesso em: 22 maio 2019.

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE DE ABAETETUBA: Plano municipal de saneamento do município de Abaetetuba diagnóstico atual do município. Vol. 02. Dezembro de 2017. Disponível em: https://abaetetuba.assesi.com/arquivos/25/PLANO%20MUNICIPAL%20DE%20SANEAMENTO_001_2017_0000002.pdf. Acesso em: 22 jul 2018.



A MNEMOSYNE AMAZÔNIDA¹⁶¹

Guilherme Pastana F. de Oliveira¹⁶²

Resumo: O presente artigo se trata de um relato de experiência. Visando mostra uma possibilidade de como trabalhar o conceito de identidade cultural amazônida, por meio de um painel fotográfico, realizado durante uma Feira de conhecimento, ocorrido em uma escola pública, através de uma oficina. As fotos contidas no painel, contém legendas feitas na Língua Inglesa, todas contendo a utilização do verbo BE e destacando a visão dos alunos participantes, sobre o que eles relacionaram a imagem captada com o conceito de identidade cultura amazônida. Para tanto, tivemos como base o Atlas de imagem de Aby Warburg (Mnemosyne), além do embasamento teórico de alguns autores como: Mauad (2019), Lisboa (2019), Samain (2012) e Wolton (2004).

Palavras-chave: Imagem. Fotografia. Identidade Cultural e Língua Inglesa.

THE AMAZON MNEMOSYNE

Abstract: This article is an experience report. Aiming shows a possibility of how to work the concept of Amazonian cultural identity, through a photographic panel, held during a Knowledge Fair, which took place in a public school, through a workshop. The photos contained in the panel contain captions made in the English language, all containing the use of the verb BE and highlighting the view of the participating students, on what they related the image captured with the concept of Amazonian cultural identity. For that, we had as basis the Image Atlas of Aby Warburg (Mnemosyne), in addition to the theoretical basis of some authors such as: Mauad (2019), Lisbon (2019), Samain (2012) and Wolton (2004).

Keywords: Image. Photography. Cultural identity and English Language.

EL AMAZONAS MNEMOSYNE

Resume: Este artículo es un informe de experiencia. Con el propósito de muestra una posibilidad de cómo trabajar el concepto de identidad cultural amazónica, a través de un panel fotográfico, realizado durante una Feria del Conocimiento, que se llevó a cabo en una escuela pública, a través de un taller.

¹⁶¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho T^{II}: Saberes e Fazeres Curriculares Interculturais em Espaços e Não Escolares do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹⁶² Guilherme Pastana Fonseca de Oliveira é Esp. em Estudos Linguísticos e Análise Literária pela Universidade do Estado do Pará- UEPA, professor AD-4 concursado na Secretaria de Educação do Pará- SEDUC, atuando com Língua Inglês na Educação Básica, e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura- PPGCLC. E-mail: teachergui_past@hotmail.com



Las fotografías contenidas en el panel contienen leyendas realizadas en idioma inglés, todas conteniendo el uso del verbo BE y destacando la mirada de los estudiantes participantes, sobre lo que relacionaban la imagen captada con el concepto de identidad cultural amazónica. Para ello, tuvimos como base el Atlas de Imágenes de Aby Warburg (Mnemosyne), además de la base teórica de algunos autores como: Mauad (2019), Lisboa (2019), Samain (2012) y Wolton (2004).

Palabras-Clave: Imagen. Fotografía. Identidad cultural y Lengua Inglesa.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, lidamos 24h com algum tipo de imagem seja ela em uma tela com sensibilidade ao toque (touch screen), seja a tela de um celular, ou a tela de uma máquina fotográfica digital, e por que não dizer a imagem revelada em uma fotografia. Contudo, ela está presente em nossa sociedade desde a década de 1830, sendo um “resultado da feliz conjugação do engenho, da técnica e da oportunidade” (MAUAD: 1995).

Segundo a autora, foi graças a união de Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) e Louis Jacques Mandé Daguerre (1787- 1851) que surgiu as primeiras fotografias com imagens permanentes em 1826, conhecido como o processo de heliografia realizado por Niépce e depois patenteado por Daguerre denominado daguerreótipo (WIKIPÈDIA: S/D). Enquanto o primeiro preocupava-se com os meios técnicos de fixar a imagem num suporte concreto, resultado das pesquisas ligadas à litogravura, o segundo almejava o controle que a ilusão da imagem poderia oferecer em termos de entretenimento (afinal de contas, ele era um homem do ramo das diversões).

No entanto, a fotografia não é apenas uma imagem refletida em uma superfície, mas uma forma de comunicação, que segundo Pereira, a comunicação “pode ser considerada o processo social básico, primário, porque é ela que torna possível a própria vida em sociedade. A comunicação preside, rege todas as relações humanas” (PEREIRA apud LISBOA et al: 2016. p. 17).



Com base nesta perspectiva, elaborou-se um trabalho prático envolvendo a fotografia como uma forma de comunicação, pois:

(...) quando pensamos em fotografia como uma fonte de informação, temos quatro gêneros de comunicação diferentes: “fotografia social, esporte, cultural e policial. Todas elas têm o objetivo de informar, ou seja, transmitir uma mensagem através de cada imagem (LIMA *apud* LISBOA et al: 2016.p. 17).

Dessa forma, pensou-se em usar a fotografia como recurso didático para discutir o conceito de identidade cultura e, ao mesmo tempo, trabalhar o verbo to be, verbo este tão utilizado nos estudos da língua inglesa com base no Atlas da Mnemosyne de Aby Warburg.

Este, divide-se em 06 (seis) seções assim denominadas: Introdução, O Atlas de Aby Warburg, O passo a passo, A visão fotográfica dos alunos, Considerações finais e Referências.

A primeira, faz um apanhado histórico da fotografia, mostrando que ela não é algo novo, se faz presente desde 1830 e pode ser vista como uma forma de comunicação; a segunda, apresenta um pouco da vida de Aby Warburg e sua famosa obra: seu Atlas de imagens (*Mnemosyne*); a terceira demonstra todos os passos metodológicos para a criação do painel, denominado Mnemosyne Amazônida; A quarta compõe de uma análise sobre a nossa identidade por meio das fotos selecionadas no painel; a quinta contém as considerações finais, sendo possível afirmar que a imagem fotográfica pode ser visto como um elemento de representação de uma identidade, no caso, a identidade amazônica; e a sexta e último seção é composta pelas referências.

2 O ATLAS DE ABY WARBURG

Segundo Samain (2012), Warburg é o primogênito de uma família de banqueiros judeu-alemã de Hamburgo, onde pelo o que se sabe, ele trocou o direito de primogenitura desde que eu irmão mais novo banca-se sua biblioteca (sua grande paixão).



Além desta biblioteca, Warburg teve outro projeto grandioso, a construção de seu atlas de imagens: *Mnemosyne*. Ainda segundo Samain (2012), Warburg pretendia compreender as culturas humanas por meio de imagens, para ser mais preciso, por meio de seus atlas composto por 79 painéis, e fundo preto, reunindo aproximadamente 900 imagens.

Sabe-se que, durante a construção de seu atlas, Warburg viajou para o Novo México, vivendo com os índios Pueblos em 1895 - 1986, com o intuito de verificar como a antiguidade sobreviveu no Renascimento. Fato que pode ser explicado pelo conceito de: *Nachleben* (após-viver) de Didi-Huberman.

Didi-Huberman compreendia que:

a relação entre cultura, como elemento artificial no jogo histórico, e vida, como inevitabilidade relacional, aponta para um sentido de vida na *Nachleben* como uma simultaneidade do jogo de funções (abordagem antropológica), do jogo de formas (abordagem morfológica) e de um jogo de forças (abordagem dinâmica e energética) (DIDI-HUBERMAN apud HIPÓLITO; PEDRONI: 2017, p. 04).

Como pode-se perceber, a *Nachleben* possui três abordagens distintas. Com base em Hipólito e Pedroni (2017), a primeira abordagem dar significado às ações humanas, além de também interpretar tais ações em conjunto. A segunda abordagem, morfológica, “procura dar aparências aos significados (inclusive, ações como aparências)”, formando um conjunto inteligível destas aparências e, ao mesmo tempo, estabelecendo uma axiologia que confira valores a tal conjunto. E a terceira, a abordagem dinâmica e energética, permite “gerar relações entre significados e significados, aparências e aparências, significados e aparências, assim como entre seus conjuntos”. Deste modo, os autores afirmam que “quando compreendemos a simultaneidade desses jogos, seu contínuo movimento e emaranhar de imagens, experiências e ideias, aproximamo-nos da *Leben* das imagens” (HIPÓLITO; PEDRONI: 2017. p.04). Mas, o que é *Nachleben* de fato? Segundo Berger, os *Nachleben* são “ressurgências da antiguidade nas fases ulteriores das culturas” (BERGER apud SAMAIN: 2012, p. 55).



Com base nas ideias warburguiana, construiu-se uma oficina sobre fotografia, tendo como temática, a identidade cultural amazônica. Esta, teve como objetivo, debater o conceito de identidade cultural amazônica com os alunos do Ensino Médio, tendo como suporte a imagem fotografia e a legendagem (feita na língua inglesa). Visando criar como produto, um painel fotográfico, o qual optou-se chamar de Mnemosyne Amazônica. Contudo, o que entende-se por Mnemosyne? Segundo Samain (2012: 56), Mnemosyne pode ser compreendida como “uma espécie de enciclopédia de movimentos em constantes andanças no tempo, de tensões e de outros afetos que se inscrevem e habitam o inconsciente da memória humana coletiva, tal como camadas geológicas”.

A seção seguinte abordará toda a metodologia seguida para construção da Mnemosyne Amazônica.

3 O PASSO A PASSO

A ideia para este, começou por meio de um insight durante uma reunião pedagógica feita pela equipe técnica da escola X¹⁶³, a qual trabalho com a disciplina: Língua Inglesa com os alunos do ensino Médio. Nessa, foi nos dado como proposta, a realização de uma Feira do Conhecimento, tendo como tema principal: a cultura amazônica. Onde os professores foram distribuídos em grupos e cada grupo deveria montar uma oficina, a qual deveria ser oferecida para os alunos. Sendo que meu grupo foi formado pelas a professora AC, a professora VDLR¹⁶⁴ e eu.

A feira ocorreu nos dias: 29, 30, 31 de maio e no dia 03 de junho, distribuídos da seguinte maneira: no dia 29 de maio, foi trabalhado o conteúdo teórico; nos dias 30 e 31 foi realizado a parte prática da oficina. Nesta, os alunos saíram da escola para tirar as fotografias que seriam utilizadas no painel

¹⁶³ Optou-se denominar a escola em questão por escola X para não expor a identidade da mesma.

¹⁶⁴ Optou-se criar o código AC e VDLR para falar das professoras que trabalharam comigo durante a realização da Feira de Conhecida, objetivando preservar as identidades das mesmas.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

(Mnemosyne Amazônida), onde cada foto deveria conter uma legenda em inglês, feita pelos alunos, sendo que esta deveria estar relacionada a foto escolhida. No dia 03 de junho, ocorreu a culminância da Feira. Sendo válido ressaltar que cada oficina foi composta por no máximo 30 aluno.

Por meio de votação, os alunos escolheram dois locais para a captura das imagens fotográficas: o primeiro local escolhido foi o mangal das Garças, localizado na Rua Carneiro da Rocha, no bairro da Cidade Velha, e o segundo local foi a Estação das Docas, localizada na Avenida Boulevard Castilhos França, no bairro Campina.

No dia de visitação, cada aluno ficou encubido de tirar 03 (tr s) fotos, que no olhar deles, a imagem captada teria algo a ver com a identidade amazônida. Logo em seguida, eles deveriam mandar estas fotos para os professores mediado por um grupo de Whatsapp. Em seguida, nós (professores) selecionamos 20 (vinte) fotos para fazer parte de nosso produto final, nosso painel fotográfico chamado de Mnemosyne Amazônida (ver foto 1).

Foto 1- Mnemosyne Amazônida



Fonte: Arquivo Pessoal

4 A VISÃO FOTOGRÁFICA DOS ALUNOS



As fotos, contidas no painel, podem ser divididas basicamente em 04 (quatro) olhares diferentes: comida; fauna e flora, cultura e arquitetura. Todas possuem uma legenda em inglês com base na estrutura frasal “We are”. Onde o pronome “we” significa nós e a palavra “are” é o verbo to be conjugado na primeira pessoa do plural, significando somos. Ou seja, tudo que está contido no painel é uma representação do que nós somos, ou seja, uma representação do que os alunos entendem como algo pertencente à nossa identidade¹⁶⁵, a identidade amazônida.

Em relação ao grupo da comida, foi obtida apenas 01(uma) única foto. Ela é composta de uma tigela de açaí com farinha d’água e um prato contendo um pedaço de filé de peixe frito (ver foto 02).

Foto 02- Paraense flavor¹⁶⁶



Fonte: Arquivo Pessoal

Podendo-se perceber que na visão dos alunos, não tem algo mais representativo da nossa cultura gastronômica do que a famosa junção de açaí com peixe frito.

¹⁶⁵ Este entende por identidade um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados”. CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Vol. II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

¹⁶⁶ Paraense flavor (sabor paraense), optou-se em manter as legendas em inglês feitas pelos alunos.

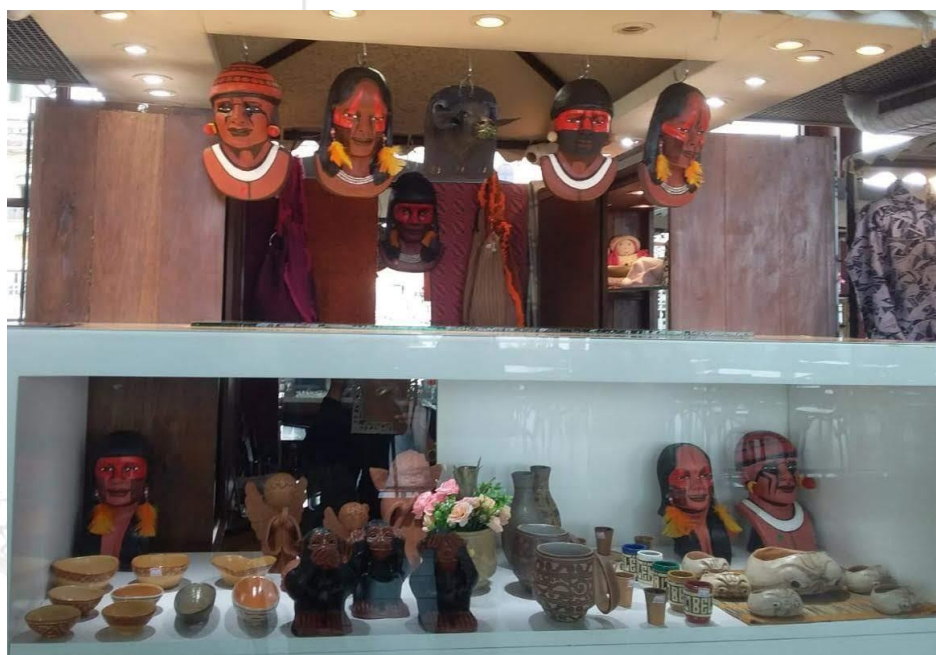


VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

Em relação ao grupo da cultura, obteve-se 02 (duas) fotos, uma relacionada à cultura indígena (ver foto 03) e outra relacionada à cultura ribeirinha (ver foto 04).

Foto 03 - Culture



Fonte: Arquivo Pessoal

Foto 04 - Discoverers of Brazil



Fonte: Arquivo Pessoal



Com base na imagem, a cultura indígena, assim como seu artesanato e a cultura ribeirinha representada pela conoa, instrumento diária desta população, a qual também fazem parte da nossa identidade amazônida.

Em relação à fauna e flora, teve-se 08(oito) fotos, das quais optou-se apenas 02 (duas) a nível de ilustração deste. Podendo ser observado que os alunos têm a graça, animal típico da nossa região (ver foto 05), assim como a Baía do Guajará e sua vegetação (ver foto 06) como elementos pertencentes à nossa identidade.

Foto 05- Exotic animals



Fonte: Arquivo Pessoal

Foto 06- A little piece of this nature



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES



Fonte: Arquivo Pessoal

Finalmente, em relação à arquitetura, obteve-se 07 (sete) fotos que permutam entre os guindastes de ferro, presentes na Estação da Docas, a própria estrutura arquitetônica dos balcões da Estação (ver foto 07) e guindastes de ferro, presentes no Mangal das Garças(ver foto 08), assim como a hélice de um navio também presente no Mangal.

Foto 06- Art and leisure



Foto 07- Portuguese Colonization



Fonte: Arquivo Pessoal



Dessa forma, pode-se dizer que os alunos também ver a arquitetura, presente nestes locais, advinda da época da borracha, como um elemento da nossa sociedade que representam nossa cultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a fotografia é uma invenção antiga que sofreu uma mudança no que diz respeito a manipulação de imagem, antes esta manipulação era manual, hoje, ela é completamente digital. Com base nas palavras de Lima (apud LISBOA:2016), a fotografia é uma fonte de informação. Por conseguinte, ela pode ser vista como uma forma de comunicação.

Assim como Aby Warburg reunia suas imagens de acordo com a temática desejada (política da boa vizinhança), criou-se este painel contendo 20 (vinte) fotos, onde cada foto representa aspectos de nossa identidade. Tais aspectos podem ser divididos em 04 grupos: comida, fauna e flora, cultura e arquitetura (ver seção 04).

Portanto, observa-se que a construção de uma identidade se baseia em um atributo cultural. Sendo possível afirmar que as fotos contidas no painel podem ser consideradas como uma forma de representação de nossa identidade, a identidade amazônica. Sendo válido ressaltar que esta identidade é reconhecida por meio de uma comparação com outra identidade diferente, sobre isso temos que identidade consiste:

na soma nunca concluída de um aglomerado de signos, referências e influências que definem o entendimento relacional de determinada entidade, humana ou não humana, percebida por contraste, ou seja, pela diferença ante as outras, por si ou por outrem. Portanto, identidade está sempre relacionada à ideia de alteridade, ou seja, é necessário existir o outro e seus caracteres para se definir então por comparação e diferença (WIKIPÉDIA: S/D).

Além disso, a fotografia também pode ser utilizada como uma forma de comunicação. A respeito disso, Wolton (2004, p. 10) afirma que a comunicação “está sempre ligada a um modelo cultural, ou seja, a uma representação do



outro, uma vez que comunicar consiste em difundir mas, também, em interagir com um indivíduo ou uma coletividade”. Podendo-se afirmar que a fotografia enquadra-se na primeira abordagem do *Nachleben*, a de dar significado às ações humanas, além de também interpretar tais ações em conjunto.

Concluindo-se que a fotografia é uma elemento social que permite as mais diversas abordagens acadêmicas, como no caso em questão, que por meio dela, pode-se realizar um trabalho interdisciplinar, juntando o conceito de identidade e as regras gramaticais da língua inglesa, proporcionando a construção de nosso painel fotográfico, a Mnemosyne Amazônida.

6 REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Vol. II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HIPÓLITO, Rodrigo; PEDRONI, Fabiana. **A visão de Didi-Huberman sobre Warburg e a contribuição do retorno à “ciência sem nome” para o tratamento com a Arte Contemporânea**. Curitiba: Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais. Vol. 4. n. 02, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/download/1935/1308>>. Acessado no dia: 10 jul. 2019.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces**. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf> Acessado no dia: 04 jul 2019.

LISBOA, Aline. et al. **A fotografia como comunicação**. Universidade Guarulhos - SP: Revista Educação, 2016. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/viewFile/2333/1709>>. Acessado no dia: 04 jul. 2019.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas/ SP: Editora 24, 2012. [51- 80].

WIKIPÉDIA. **Louis Jacques Mandé Daguerre**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Louis_Jacques_Mand%C3%A9_Daguerre>. Acessado no dia: 07 jul. 2019.

_____. **Joseph Nicéphore Niépce**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Nic%C3%A9phore_Ni%C3%A9pce>. Acessado no dia: 07 jul. 2019.



NARRATIVA ETNOGRÁFICA NA INFÂNCIA QUILOMBOLA: RELAÇÃO SOCIAL E INSTRUMENTO MUSICAL 'CARIMBÓ'¹⁶⁷

Elziene Souza Nunes Nascimento¹⁶⁸

Resumo: Este artigo é um relato de experiência, ocorrida no quilombo de Pitimandeuá. A problemática: De que forma o instrumento musical 'carimbó' integra a criança quilombola à cultura de seus ancestrais e pode contribuir para a construção de sua relação social e manutenção da tradição? Objetivo geral: analisar a construção da relação social na infância quilombola por meio do instrumento musical 'carimbó'. Objetivos específicos: Conhecer a história de Pitimandeuá; Explicar a importância do carimbó para a tradição quilombola amazônica paraense; Demonstrar como a construção da relação social na infância quilombola se efetiva através da cultura de seus ancestrais materializada pelo instrumento musical 'carimbó'. Pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, de caráter etnográfico, baseada na observação de 30 crianças da comunidade e, fundamentada em teóricos: Couto; Brito (2017), Chagas JR; Lima (2013), Jurandir (2004), entre outros. Conclui-se que as crianças quilombolas constroem uma relação social saudável, oportunizada pela prática cultural de seu povo e que, por meio do instrumento musical 'carimbó', mantém viva a tradição de seus ancestrais.

Palavras-Chave: Relação social. Infância quilombola. Instrumento 'carimbó'. Pitimandeuá.

NARRATIVA ETNOGRÁFICA EN LA INFANCIA DEL KILOMBOL: RELACIÓN SOCIAL E INSTRUMENTO MUSICAL 'CARIMBÓ'

Resumen: Este artículo es un relato de experiencia, que tuvo lugar en el quilombo Pitimandeuá. El problema: ¿Cómo el instrumento musical 'carimbó' integra al niño quilombola con la cultura de sus antepasados y puede contribuir a la construcción de su relación social y mantenimiento de la tradición? Objetivo general: analizar la construcción de relaciones sociales en niños quilombolas a través del instrumento musical "carimbó". Objetivos específicos: Conocer la historia de Pitimandeuá; Explicar la importancia del carimbó para la tradición amazónica para quilombola; Demostrar cómo la construcción de la relación

¹⁶⁷ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Saberes e Fazeres Curriculares Interculturais em Espaços Escolares e Não Escolares do VII Confluências, realizado na Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém, Pará, de 20 a 22 de outubro de 2020.

¹⁶⁸ Mestre em Comunicação Linguagens e Cultura/UNAMA. Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura/UNAMA. Especialista em Educação Especial e Inclusão/FIBRA. Especialista em Libras/FIBRA. Bacharel e Licenciada em História/UFPA. Docente da Educação Básica da Rede Estadual. Grupos de pesquisas: GEPEIF; GEPIDI, GEPAPPI e Rede Decolonial. E-mail: elzienenunes@gmail.com.



social en la infancia quilombola se efectúa a través de la cultura de sus antepasados materializada por el instrumento musical 'carimbó'. Investigación de campo, con enfoque cualitativo, de carácter etnográfico, basada en la observación de 30 niños de la comunidad y basada en los teóricos: Couto; Brito (2017), Chagas JR; Lima (2013), Jurandir (2004), entre otros. Concluimos que los niños quilombolas construyen una sana relación social, posibilitada por la práctica cultural de su gente y que, a través del instrumento musical 'carimbó', mantiene viva la tradición de sus antepasados.

Palabras-Clave: Relación social. Infancia quilombola. Instrumento 'carimbó'. Pitimandeuá.

ETHNOGRAPHIC NARRATIVE IN KILOMBALL CHILDHOOD: SOCIAL RELATIONSHIP AND MUSICAL INSTRUMENT 'CARIMBÓ'

Abstract: This article is an experience report, which took place in the Pitimandeuá quilombo. The problem: How does the musical instrument 'carimbó' integrate the quilombola child with the culture of their ancestors and can contribute to the construction of their social relationship and maintenance of tradition? General objective: to analyze the construction of social relationships in quilombola children through the musical instrument 'carimbó'. Specific objectives: To know the history of Pitimandeuá; Explain the importance of the carimbó for the para quilombola Amazonian tradition; Demonstrate how the construction of social relationship in quilombola childhood is effected through the culture of their ancestors materialized by the musical instrument 'carimbó'. Field research, with a qualitative approach, of an ethnographic character, based on the observation of 30 children from the community and based on theorists: Couto; Brito (2017), Chagas JR; Lima (2013), Jurandir (2004), among others. We conclude that quilombola children build a healthy social relationship, made possible by the cultural practice of their people and that, through the musical instrument 'carimbó', keeps the tradition of their ancestors.

Key Words: Social relationship. Quilombola childhood. Instrument 'carimbó'. Pitimandeuá.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo consta de um relato de experiência, ocorrida na comunidade remanescente de quilombo, localizada em Pitimandeuá-Castanhal/Pará. O contato com a respectiva comunidade ocorreu por meio de visitas, no segundo semestre de 2019, orientadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas



Interdisciplinares em Diversidade e Inclusão - GEPEDI, o qual encontra-se vinculado a Universidade da Amazônia – UNAMA/PA.

Durante as visitas, ficamos conhecendo a realidade daquela comunidade, a qual enfrentava um momento crítico, no que tange ao aspecto educativo institucionalizado, tendo em vista que a escola da comunidade havia sido fechada, por determinação do poder público daquele município, alegando, contenção de gastos.

Então, durante todo o percurso do ano de 2019, as crianças ficaram sem frequentar a escola instalada na sua própria comunidade, algumas delas, tiveram que deslocar-se para outras escolas, porém, são distantes de Pitimandeuá, o que causou inúmeros desconfortos, tanto aos estudantes quanto às suas respectivas famílias. Outras, crianças, as menores, foram impossibilitadas de frequentar essas escolas mais distantes, justamente em função de suas famílias não sentirem segurança em enviá-las para um local desconhecido por elas.

Esse, portanto, foi o cenário que encontramos nessa comunidade remanescente de quilombo, um descaso total do poder público com sua história, sua cultura, sua pedagogia, enfim, com esse povo que tanto contribuiu e contribui para a formação dessa Nação.

Em meio a esse quadro nada satisfatório para essa comunidade, a liderança local procurou estratégias para que as crianças não ficassem ociosas, e tiveram a iniciativa de criar momentos pedagógicos, de caráter interativo e com a presença da cultura de seus ancestrais, principalmente por meio da dança do carimbó, estimulando-as na prática de outros saberes que não apenas o escolar. Porém, o foco desta pesquisa, atenta para um fenômeno até então não pesquisado, que trata do vínculo da criança quilombola, dessa comunidade, com o tambor que faz soar o batuque para a música e para a dança. Neste sentido, a problemática em questão é: De que forma o instrumento musical ‘carimbó’ integra a criança quilombola à cultura de seus ancestrais e pode contribuir para a construção de sua relação social e manutenção da tradição?

O objetivo geral é analisar a construção da relação social na infância quilombola por meio do instrumento musical ‘carimbó’. E como objetivos



específicos: I) Conhecer a história de Pitimandeuá/Pará; II) Explicar a importância do carimbó para a tradição quilombola amazônica paraense; III) Demonstrar como a construção da relação social na infância quilombola se efetiva através da cultura de seus ancestrais materializada pelo instrumento musical 'carimbó'.

Desta forma, é importante mencionar que a expressão 'carimbó' (entre aspas) mencionada nesta pesquisa, seguirá a perspectiva do antropólogo Miranda (1906), o qual em seu "Glossário Paraense", descreve o 'carimbó' como um "tambor". E quando usada a expressão carimbó (sem aspas) se estará fazendo referência a música e a dança.

Metodologicamente, é uma pesquisa de campo, de caráter etnográfico e de abordagem qualitativa, baseada na observação participante de 30 (trinta) crianças da referida comunidade e, fundamentada em teóricos, a saber Couto; Brito (2017), Chagas Jr; Lima (2013), Jurandir (2004), entre outros.

Desta forma este artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: na primeira seção é realizado um histórico da comunidade de Pitimandeuá, antecédida pela introdução; na segunda seção é narrada a importância do carimbó para a tradição quilombola amazônica paraense; a terceira seção, trata do método e a quarta enfatiza o relato da experiência sobre a construção da relação social da criança quilombola por meio do instrumento musical 'carimbó' e manutenção da tradição.

2 HISTORICIZANDO A COMUNIDADE DE PITIMANDEUÁ/PARÁ

O nome da comunidade quilombola, em estudo é: Menino Jesus de Pitimandeuá ou Agrovila de Pitimandeuá, porém, é mais conhecida por Pitimandeuá, nome este que carrega toda a vivência e tradição daquele povo. Esse pedaço de chão, recebeu a certificação, como remanescente de quilombo, pela Fundação Cultural Palmares (FCP). Sua localização é no município de Inhangapí, nordeste do Pará (COUTO; BRITO, 2017). É importante compreender que a expressão 'remanescente' foi cunhada pelas áreas jurídica e também



antropológica, para designar que seus habitantes trazem consigo a cultura de seus ancestrais. Observe:

Esta denominação parece querer definir estes grupos sociais pelo que eles já não são mais, traz embutida uma noção de algo residual, alguém que já foi e do qual hoje permanecem só algumas lembranças, alguns vestígios, reminiscências não bem identificadas (TRECCANI, 2006, p. 85).

Porém, essa comunidade resiste, para manter vivas suas tradições histórico-culturais. É importante mencionar que a História sobre sua formação, data do final do século XIX, período este em que sete escravos fugidos (da região de Caraparú/Santa Isabel do Pará) chegaram e se fixaram naquele território, recebendo, posteriormente, outros negros que fugiam das fazendas e outros que foram libertos. É interessante perceber que os quilombos se constituíram enquanto locais de resistência de negros e mestiços.

No Brasil, os quilombos constituíram-se como espaços de resistência, durante o sistema escravista, visto que foram sendo formados em sua grande maioria por negros fugidos. O quilombo brasileiro trata-se de uma oposição à estrutura escravocrata, sendo este uma reconstrução do quilombo africano, originários dos povos bantos (CAMPOS; SOUZA, 2015, p. 315).

O espaço 'Menino Jesus', também seguiu (e segue) a tradição da resistência. Era, inicialmente, propriedade de uma senhora portuguesa que, depois, fez a doação dessa terra, colaborando para a fixação permanente desse povo nesse espaço, o qual se constitui em uma área de transição entre a região metropolitana de Belém e o Nordeste do Pará (COUTO; BRITO, 2017). O nome da comunidade tem uma história:

O nome Pitimandeuá é derivado da tradicional atividade do cultivo e do tratamento da mandioca, principalmente para a produção de farinha. O processo envolvia o amolecimento da mandioca nas beiras do rio da comunidade a partir do contato com a água, gerando um forte odor, conhecido popularmente no Pará como pitiú (COUTO; BRITO, 2017, p. 77).

Percebe-se a sintonia da comunidade com as suas práticas sociais, tendo em vista que, a história do seu nome está vinculada ao plantio da raiz 'mandioca'



e do seu beneficiamento, por meio do uso do ‘piti’ que serve para abstrair o suco da mandioca para a produção artesanal, da goma e do tucupí e, o sumo para a produção da farinha d’água. E o termo ‘mandeua’, que “significa terra de algo” (COUTO; BRITO, 2017, p. 77).

Atualmente, nesta localidade, residem cerca de 44 famílias, as quais estão ligadas as atividades agrícolas e extrativistas. Mantendo uma relação harmoniosa com a natureza, pois tais atividades são de subsistência. Ao observamos a postura dos moradores da comunidade em relação a natureza, em muito nos remete as obras de Dalcídio Jurandir, tais como: *Passagem dos Inocentes* (1984); *Chove nos campos de Cachoeira* (2011); *Belém do Grão-Pará* (2004), dentre outras, como se fosse uma voz da natureza, ao narrar um bem-viver no chão amazônico paraense (Marajó, Belém, Baixo Amazonas Paraense), trazendo na sua literatura um modo de viver a parte do modelo eurocêntrico capitalista, demonstrando a existência de outros modos de vida, até como uma forma de resistência e enfrentamento a epistemologia europeia.

O espaço geográfico de Pitimandeuá, exerce uma harmonia com a natureza, ao mesmo tempo em que é composto por pequenas ruas, algumas asfaltadas, na entrada do lugar fica uma igreja católica com uma pequena praça em sua frente. No centro uma praça, maior, que possui bancos e gramas. Ao lado direito e esquerdo ficam as casas, algumas de madeira e outras de alvenaria. Tem um barracão que abriga a comunidade em reuniões e demais atividades comunitárias, como por exemplo, na recreação para as crianças. Tem também uma escola, de pequeno porte, porém, bem estruturada, mas que se encontra fechada, por determinação da prefeitura daquele município.

Seguindo a rua principal até o seu final encontra-se o igarapé, que serve a comunidade e que “tem muita expressividade” (COUTO; BRITO, 2017, p. 77). Existe a cultura de que no igarapé há presença dos espíritos ancestrais e, essa tradição deve ser respeitada por todos aqueles que visitam esse espaço.

Portanto, existe uma relação forte da comunidade com a ancestralidade, com as lendas, com a terra, com a floresta e com água. Essa sintonia torna esse espaço único e, os seus membros, estabelecem entre si, fortes laços de



amizade, solidariedade e convívio afetoso, mesmo estando longe fisicamente desse lugar. Os membros dessa comunidade se mantêm identificados a esse espaço quilombola, o vínculo vai além de ser negro, vem das raízes de ser simplesmente, filho de Menino Jesus de Pitimandeu.

Na seção seguinte será enfatizado a respeito da importância do carimbó, para o povo quilombola amazônico paraense.

3 A IMPORTÂNCIA DO CARIMBÓ NA TRADIÇÃO QUILOMBOLA AMAZÔNICA PARAENSE

A partir da expressão carimbó, vários entendimentos podem ser delineados no imaginário do povo do salgado amazônico paraense. Observe, a análise abaixo, a qual consta de um pequeno recorte da pesquisa sobre o “Projeto Carimbó”, sob a direção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, no Pará em 2009:

O carimbó, considerando as possíveis dimensões que tal designação pode compreender festa, música, dança, artesanato etc., como expressão que carrega múltiplos elementos éticos e estéticos na microrregião do Salgado Paraense, envolve domínios tanto ordinários quanto eventuais da vida social (CHAGAS JR; LIMA, 2013, p. 44).

Dentre estas e outras múltiplas possibilidades de identificação, queremos utilizar, neste artigo, apenas uma: a do ‘carimbó’, enquanto instrumento musical. O tambor que é utilizado para batucar e acompanhar as melodias dançantes é desta forma denominado: “ O nome Carimbó é oriundo do instrumento musical, um tambor artesanal utilizado nesse estilo musical, chamado de “Curimbó” (BRANDÃO, 2015, s/p).

Uma das tradições de grande valor da cultura quilombola, o carimbó é representativo nas festas locais, tanto em rituais religiosos -homenagem aos seus santos- como em rituais sociais, como por exemplo, “plantio e colheita da mandioca e da maniva” (CHAGAS JR; LIMA, 2013, p. 45), no ato da pesca, em aniversários e simplesmente entre encontros de amigos.



Segundo Salles (1969, s/p) “A base do carimbó [musicalmente] são os tambores”. Essa frase carrega todo o valor simbólico desse instrumento musical nas rodas de danças. De fato, é impensável e impraticável o cantar, o dançar, sem que esse instrumento esteja presente.

Chagas Jr; Lima (2013, p. 45) descrevem esse instrumento musical da seguinte forma: “ (tambores feitos do tronco de árvores escavadas, tendo uma de suas extremidades coberta por couro de boi, veado ou outro animal) ”. Observa-se que a matéria-prima utilizada na produção desse instrumento é bastante elementar, porém, seu som é de uma preciosidade cultural imensurável.

O batuque do tambor, bate no ritmo do coração amazônico quilombola, a raiz cultural desse povo é o puro carimbó. Há um acervo epistemológico que confirma essa afirmativa. Tal evidência é observável na análise de Chagas Jr; Lima (2013, p. 46) ao enfatizarem que: “Em grande parte dessas referências, tem-se o carimbó como uma invenção de negros escravos que habitavam esta parte da Amazônia no século XVII”. Porém, essas teorias não deram conta de sustentar a origem real do carimbó, tendo em vista que os indígenas também se dizem produtores originais dessa tradição, porém, tal discussão não é foco desta pesquisa, por isso será apenas aqui mencionada, meteoricamente.

Na seguinte seção será relatado a respeito da metodologia executada no desenvolvimento desta pesquisa.

4 O MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de campo, que teve como *lôcus*, a comunidade remanescente de quilombo denominada de Pitimandeuá, ocorrida no segundo semestre do ano de 2019. Foi uma pesquisa participante artificial, tendo em vista que a pesquisadora não pertence a comunidade investigada. Não estruturada, porque a pesquisadora fazia as anotações do que ocorria, sem seguir um roteiro prévio. A abordagem da pesquisa é do tipo qualitativa e de caráter etnográfico,



baseada na observação de 30 (trinta) crianças quilombolas, nos momentos em que estavam em contato com a cultura local, por meio do instrumento musical 'carimbó'.

Marconi; Lakatos (2003) classificam a pesquisa participante enquanto pesquisa exploratória. Isso porque trata-se de um processo de investigação de pesquisa empírica, em que o objetivo se encontra na formulação de questões ou de um problema. Portanto, observar o comportamento das crianças foi importante, para atingir o objetivo da pesquisa, a fim de examinar o fenômeno pelo qual mostraria a realidade dos fatos que almejava-se analisar.

As bases teóricas selecionadas para a composição deste artigo, estão de acordo com a temáticas em questão, tais como: Quilombo, 'carimbó', Pitimandeuá, resistência e relação social. A saber, Couto; Brito (2017); Chagas Jr; Lima (2013); Jurandir (2004), entre outros.

A seguinte seção, constará das observações junto as crianças e as respectivas análises a respeito do seu comportamento frente ao tambor 'carimbó'.

5 A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO SOCIAL NA INFÂNCIA QUILOMBOLA POR MEIO DO INSTRUMENTO MUSICAL 'CARIMBÓ': narrativa etnográfica

Desde os primeiros contatos com as crianças quilombolas da comunidade de Pitimandeuá, percebemos o vínculo riquíssimo de sua relação com as práticas culturais de seus ancestrais. Tendo em vista que, a liderança local insere as mesmas em atividades interativas, principalmente, no atual contexto de fechamento das escolas no campo.

As crianças eram reunidas, pela liderança quilombola, em um barracão, cuja a base e colunas foram construídas com concreto, é um espaço semiaberto dos lados e coberto por telhas. Logo na entrada, quem chega, é saudado por uma árvore alta e latifoliada a qual fornece uma sombra aconchegante. É nesse barracão simples na aparência, mas rico em manifestar a cultura local, que as atividades de caráter pedagógico eram direcionadas às crianças. Porém, as



observações realizadas para compor esta pesquisa, mantiveram o foco para as atividades em que as crianças realizavam, de maneira espontânea, como a dança do carimbó, e a partir de uma delimitação micro, para a construção da relação social da criança por meio do instrumento musical ‘carimbó’, que fornece o ritmo e a dança.

Sobre a construção social do indivíduo, Janet (1936) e Vygotsky (1984) pontuam que, a mesma se efetiva por meio de relações com outros, por meio da linguagem, e de alterações do funcionamento psicológico constituídas pelas interações face a face e por relações sociais mais amplas (que configuram lugares sociais, formas de inserção em esferas da cultura, papéis a serem assumidos etc.).

A partir destas teorias, aliada as observações realizadas, fica evidente que o instrumento musical ‘carimbó’ materializa a construção da relação social entre as crianças, tal relação se desenvolve na interação das rodas de dança, a partir do envolvimento com o outro e, esse outro, é seu ‘irmãozinho’ do quilombo, que estar junto nas atividades pedagógicas propostas pela liderança local. Esse ‘estar junto’ fortalece o vínculo de comunidade e afetividade entre as mesmas. Foi durante as práticas dessas atividades educativas, que notamos um fenômeno interativo entre as crianças com o instrumento do tambor.

Foi de um grande valor, perceber uma linguagem única entre elas e, isso torna-se fundamental para o entendimento de sua cultura, a sintonia no olhar no olho do outro e sentir o que o outro sente, essas são manifestações que ecoam dos seus hábitos e, dessa forma, assumem sua condição de crianças quilombolas, muito embora sem perceber, pelo fato de ainda estarem vinculadas ao mundo infantil, porém, as bases de pertencimento, já estão sendo fincadas.

A sensação de participar desse momento histórico foi de uma riqueza imensurável, ao presenciar cada chegada do instrumento ‘carimbó’, trazido pelas mãos marcadas na história de luta/resistência da liderança da comunidade e, a alegria contagiando a criançada que fazia a roda de dança sem que ninguém pedisse ou que os organizassem na posição de iniciar o ritual. Era automático que rapidamente, já estavam a postos para a continuação das atividades, mas



agora, com a presença do tambor, que iniciaria o batuque, por meio daquelas pequenas mãos, para que todos começassem a manifestar seu gingado, coisa mais linda do mundo (grifo nosso). Tal como é retratada a seguir: “A dança tem a dinâmica impulsionada pelo batuque dos tambores, com passos “miúdos” feitos pelos dançantes, que giram ciclicamente no formato da dança de roda...” (CHAGAS JR; LIMA, 2013, p. 46).

Na manifestação da dança, as crianças quilombolas não eram vestidas com a indumentária que se presencia nos festivais culturais da cidade grande. Muito pelo contrário, suas roupas eram aquelas que utilizavam no dia a dia mesmo: blusa de meia e short (desbotando a cor). A infância inocente e desapegada de bens materiais (tal qual é manifestada pelo capitalismo ocidental), lhe fazia dançar com os pés descalços, aqui teorizando Dalcídio Jurandir (2004) tal qual a “aristocracia de pés no chão”, este é um termo cunhado por esse autor, para se referir aos subalternizados, quando lhes é dado condições de visibilidade e, acredita-se que esse olhar micro às crianças, por meio de sua manifestação cultural, estar impregnada de resistência, a uma cultura hegemônica ocidentalizada. Essas são “as lutas do seu tempo, esperança na sua humanidade descalça (CHAGAS JR; MAIA, 2018, p. 236).

Quando se menciona a sua esperança, logo se reporta a alegria, mas também, as angústias de viver no cotidiano quilombola, essas ricas experiências sociais, são traduzidas na composição das letras das músicas, que trazem os hábitos locais e a visão de seu próprio mundo como temáticas centrais. Observe:

Os temas (letras) das canções, em geral são alusivos a elementos da fauna e da flora da região, bem como do dia a dia do trabalho e demais sociabilidades cotidianas, sendo que, majoritariamente, os compositores, cantadores e tocadores são agricultores e/ou pescadores. Neste interim, a oralidade vai marcar significativamente a reprodução dos conhecimentos e saberes relacionados a esta manifestação (CHAGAS JR; LIMA, 2013, p. 46).

Essa é uma das práticas que coloca as crianças frente a frente com a cultura de seus ancestrais e que, no tempo presente, a liderança quilombola mantém viva e socializa com as mesmas, de modo que, entram em contato direto



com a essência cultural do povo, conhecendo-a por meio da letra das músicas que manifestam toda tradição.

Para além de estar em contato com a cultura ancestral, as crianças primam pelo brincar nesse momento, a diversão é típica do mundo infantil. Estabelecendo a 'âncora' com a teoria vygotskyana (1984) sobre o 'brincar', o mesmo pondera que no espaço das atividades lúdicas, a criança re-cria suas vivências do dia a dia, copia modos culturais de ação com ou sobre objetos e modos da relação interpessoal. E dessa forma, a criança quilombola constrói sua relação social, imitando a realidade na brincadeira na qual estão inseridas.

Dessa forma, é manifestada o vínculo afetivo das crianças com o instrumento musical 'carimbó' como um objeto lúdico, no qual se envolvem de forma apaixonante, esse é um fator relevante no processo de desenvolvimento infantil. Segundo Santos (2002, p. 12): "O lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento". Esse é o ponto chave desta pesquisa, que foca na importância desse instrumento musical como colaborador na construção da relação social das crianças e que contribui para a manutenção da cultura de seus ancestrais.

Foi perceptível a existência da relação saudável das crianças da comunidade com esse instrumento musical, como se fosse seu brinquedo. Pois durante nossa pesquisa, não presenciamos nenhuma criança portando brinquedo industrializado, nenhuma criança com *smartphone* ou *tablet* em suas pequenas mãos. Muito pelo contrário, suas mãos são usadas para bater palmas, as mãos estavam ocupadas no toque do tambor, sim, eram as crianças que batucavam o instrumento 'carimbó' e se revezam nessa prática cultural e lúdica. Não existiu um momento que o tambor ficou sem ser tocado por aquelas mãozinhas, pequenas no tamanho, mas grandes na habilidade da tradição.

Teorizando com as ciências sociais, que privilegia as relações sociais, mais especificadamente com Weber (1969), para o qual a relação social é entendida como um comportamento que é referido de forma recíproca por uma



multiplicidade de agentes. Neste contexto a relação social se efetiva por meio do conteúdo de sentido e dessa forma, a relação social das crianças nas atividades interativas e com o instrumento 'carimbó' são baseadas em relações sociais comunitárias, pelo grau de teor afetivo que apresenta, fundamentada nos sentimentos que aprendem a exercer com as práticas deixadas por seus ancestrais e que a liderança local mantém vivas.

No quilombo, o carimbó resiste, e nessa via de resistência, acredita-se que o carimbó conjecture outras experiências, contra-hegemônicas, pertinentes às ideias das epistemologias do Sul, que podem ser conceituadas como um conjunto de conhecimentos e práticas que, ao longo da história, foram construídos por distintos povos, contextos e culturas que, subalternizadas desde o princípio do processo de colonização até a contemporaneidade, foi desqualificado ao longo da história pelo aparelho do Estado dominante. As diferentes instituições sociais e o pensamento científico explorador primaram em silenciar tais práticas sociais e saberes, considerando-os inferiores, improdutivos e residuais (SANTOS, 2010). Daí decorre a importância do fazer da liderança quilombola, manter viva a tradição e ter nas crianças seu foco para que as práticas histórico-culturais de seus ancestrais não se percam.

Dessa forma, quando observamos a liderança quilombola defendendo a prática social do carimbó, ao estimular as vivências das crianças com esse ritual, percebemos a legitimação dos saberes e práticas sociais nele contido. Essa ação pode ser associada a representação identitária que estes sujeitos manifestam pelo pertencer a este espaço, por pertencer a cultura a qual seus ancestrais valorizavam e que é relevante que chegue a estas crianças como uma forma de dar continuidade à tradição.

Durante as atividades exercidas era comum, algumas crianças, sentarem em cima do instrumento e batucar, com uma leveza, com uma habilidade de admirar e para realizar essa festa, o único instrumento disponibilizado era o 'carimbó', o que faz com que o valor desse instrumento seja ainda mais significativo aquelas crianças. Esse modo de fazer carimbó infantil, não existe em lugar nenhum do mundo, só no quilombo de Pitmandeua. São as crianças



que permitem experienciar essas práticas representadas por uma áurea estética que valoriza o processo emocional e permite a explosão de emotividades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática desta pesquisa visava responder ao seguinte questionamento: De que forma o instrumento musical ‘carimbó’ integra a criança quilombola à cultura de seus ancestrais e pode contribuir para a construção de sua relação social e manutenção da tradição?

Como respostas a tais questionamentos, esta pesquisa evidenciou que a liderança da comunidade de Pitimandeuca, assumiu um papel de mediadora junto as crianças em atividades pedagógicas, tendo em vista, o fechamento das escolas do campo. Porém, o fenômeno que oportunizou o desenvolvimento desta pesquisa foi a relação social das crianças, estabelecida nas atividades culturais de seu povo, bem como a afinidade que mantinham com o instrumento musical ‘carimbó’.

Mesmos em condições de poucos recursos, os tais não se constituíram em impedimentos para que a liderança local implantasse o projeto pedagógico desenvolvido com qualidade. A comunidade contava com o apoio de alguns acadêmicos na colaboração desse projeto.

Nesse período de pesquisa, tentamos colaborar com o projeto, por meio de execução de atividades, mantendo o contato direto com as crianças para termos o conhecimento próximo do seu cotidiano, por meio das observações conhecemos os avanços, os sucessos e as angústias que perpassam pela sua caminhada de vida.

Porém, o que mais foi motivo do nosso olhar, enquanto pesquisadora, foi em uma perspectiva decolonial, visualizar a problemática instaurada por outra ótica, a da resistência desse povo, que mesmo em meio ao fechamento da escola da comunidade e com poucos recursos, desenvolveram um trabalho com maestria e, dessa forma, fortaleceu-se os vínculos de amizade e de afetividade



entre as crianças, principalmente em relação a manutenção da tradição por meio de suas práticas culturais.

Foi gratificante conhecer e fazer parte de um projeto valioso como este e, que não deve parar, tendo em vista que a criança quilombola deve conhecer a cultura de seus ancestrais e esse conhecimento deve ser oportunizado pela liderança local. É por meio desse saber que as crianças quilombolas manterão uma vida saudável, oportunizada pela prática cultural do seu povo e que por meio do instrumento musical ‘carimbó’ mantém viva a tradição de seus ancestrais e possibilita a construção de sua relação social.

REFERÊNCIA

BRANDÃO, Priscila. **Conheça a história do carimbó**. Agronegócios, 2015. (Consultado em 16 de julho de 2020).

CAMPOS, Louise Rodrigues; SOUZA, Sullivan Ferreira. **EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E DECOLONIALIDADE: UM DIÁLOGO INTERCULTURAL**. XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. PUC-PARANÁ, P.313-330, 2015.

CHAGAS JR, Edgar M.; LIMA, Andrey Faro de. Da origem “à perda”: o jogo identitário do carimbo. In: **Patrimônio cultural na Amazônia: investigações, inventários e intervenções**/Luciana Gonçalves de Carvalho (org.) – Santarém: UFOPA, 2013.

CHAGAS JR, Edgar M.; MAIA, Maíra Oliveira. **A “ARISTOCRACIA DE PÉ NO CHÃO” E O HERÓI POPULAR EM BELÉM DO GRÃO PARÁ, DE DALCÍDIO JURANDIR**. Revista Literatura e Sociedade nº28, p. 219-236, jul/dez, 2018.

COUTO, Aiala Colares; BRITO, Lyara Carlyle. **TERRITÓRIO, IDENTIDADE E RE-EXISTÊNCIAS NO QUILOMBO DE PITIMANDEUA-PARÁ**. Revista GeoAmazônia. Belém, v.5, n.10, p.68-85, 2017.

JANET, P. **L’évolution psychologique de la personnalité**. Paris: Ed. A. Chahine, 1936.

JURANDIR, Dalcídio. **Passagem dos Inocentes**. Belém: Falangola Editora, 1984.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém-do-Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 2004.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.



MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MIRANDA, Vicente Chermont de. **Glossário paraense: Collecção de vocábulos peculiares à Amazonia e especialmente à ilha do Marajó**. [S.l.]: Livraria maranhense, 1906.

SALLES, Vicente e Marena. **Carimbó: trabalho e lazer do caboclo – Vicente Salles**. Brazil Document, 1969. Consultado em 25 de julho de 2020.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador**. 5 ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 23-73.

TRECANI, Girolamo Domenico. **Terras de Quilombo**: caminhos e entraves do processo de titulação. Belém, 2006.

VYGOTSKY, Levy S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984 [org. M. Cole e outros – textos originais de diferentes datas].

WEBER, Max. **Economía y Sociedad**. Trad. de José Medina Echavarría et al; Fondo de Cultura Económica, Mexico, 1969, vol.I, pp. 18-23. Tradução para o Português por Amélia Cohn, confrontada com a edição alemã, 1972.



PODCAST: UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO 5.0¹⁶⁹

Carolina de Sousa Franco Santos¹⁷⁰

Maíra Evangelista de Sousa¹⁷¹

Resumo: O presente artigo, de caráter teórico, reflete sobre a evolução da educação e das novas tecnológicas dando ênfase ao *podcast*, uma ferramenta midiática usada no processo de ensino-aprendizagem, dando destaque para o histórico da educação em especial a educação 4.0 até a atual educação 5.0, por meio de autores como Fava (2012, 2014), Petrillo, Mello e Neto (2020) que tem amplo estudo sobre o histórico da educação até os dias atuais, bem como autores que abordam aspectos tecnológicos da cibercultura como Moran (1993, 2007), Levy (2010), Rudiger (2011), Tedesco (2004) na sociedade do conhecimento. Os procedimentos metodológicos utilizados baseiam-se na pesquisa bibliográfica (GIL, 2002).

Palavra-chave: Aprendizagem. Educação 4.0. Educação 5.0. Tecnologia da Informação e Comunicação. *Podcast*.

PODCAST: A PEDAGOGICAL APPROACH IN EDUCATION 5.0

Resume: This theoretical article reflects on the evolution of education and new technologies, emphasizing the podcast, a media tool used in the teaching-learning process, highlighting the history of education, especially education 4.0 up to current education 5.0, by means of authors such as Fava (2012, 2014), Petrillo, Mello and Neto (2020) who have extensive study on the history of education to the present day, as well as authors who address technological aspects of cyberculture like Moran (1993, 2007), Levy (2010), Rudiger (2011), Tedesco (2004) in the knowledge society. The methodological procedures used are based on bibliographic research (GIL, 2002).

¹⁶⁹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Saberes e Fazeres Curriculares Interculturais em Espaços Escolares e não Escolares do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro 2020.

¹⁷⁰ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – PPGCC/UNAMA. Mestra em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Membro do Grupo de Pesquisa Ubiquidade da Comunicação - UBIKOM (UNAMA/CNPQ). E-mail: carol_franco@globocom.com

¹⁷¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e dos cursos de Comunicação Social da Universidade da Amazônia (UNAMA). Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCOM/UFPA). Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). É coordenadora do Grupo de Pesquisa Ubiquidade da Comunicação - UBIKOM (UNAMA/CNPQ). E-mail: maira.evangelistadesousa@gmail.com.



keyword: Learning. Education 4.0. Education 5.0. Information and Communication Technology. Podcast.

PODCAST: UN ENFOQUE PEDAGÓGICO EM LA EDUCACIÓN 5.0

Resumen: Este artículo teórico reflexiona sobre la evolución de la educación y las nuevas tecnologías, haciendo énfasis en el podcast, una herramienta mediática utilizada en el proceso de enseñanza-aprendizaje, destacando la historia de la educación, especialmente la educación 4.0 hasta la educación actual. 5.0, a través de autores como Fava (2012, 2014), Petrillo, Mello y Neto (2020) que tienen un extenso estudio sobre la historia de la educación hasta la actualidad, así como autores que abordan aspectos tecnológicos de la cibercultura como Moran (1993, 2007), Levy (2010), Rudiger (2011), Tedesco (2004) en la sociedad del conocimiento. Los procedimientos metodológicos utilizados se basan en la investigación bibliográfica (GIL, 2002).

Palabra-clave: Aprendizaje. Educación 4.0. Educación 5.0. Tecnología de la Información y la Comunicación. Podcast.

1 INTRODUÇÃO

A evolução tecnológica tem influenciado diretamente a vida do ser humano, tanto nas alterações que introduz no seu cotidiano, quanto nos processos adotados para a educação das novas gerações. O uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação (TICs) aplicadas à educação está transformando radicalmente o ambiente escolar e criando novas formas de ensino-aprendizagem.

Assim, a forma expositiva de ensinar tem mudado consideravelmente a expectativa dos aprendizes, criando novas atribuições e desenhando um novo perfil para o professor. Este cenário de mudanças tecnológicas e comportamentais no âmbito educacional representa uma modernização do ensino como um todo.

Neste sentido, as relações humanas entre o homem moderno com espaço e tempo têm sido alteradas constantemente. Para Lima (2000, p. 10):



Gradualmente, o espaço virtual irá substituir o espaço físico, criando novas relações sociais, econômicas, culturais, etc. entre os indivíduos e o meio ambiente. A simplificação dos sistemas de acesso à informação e o desenvolvimento de *e-mails* mais sofisticados de participação do contexto onde atuamos com o uso, por exemplo, do dinheiro virtual, de livros eletrônicos, de cinema personalizado, escritórios virtuais, etc. estão construindo um modelo de relação entre os indivíduos e o meio ambiente que exigirá o desenvolvimento de um novo paradigma tendo como base o que denomino, genericamente, de pensamento digital.

No campo educacional, em decorrência desses avanços, a metodologia de ensino vem sofrendo inúmeras mudanças no Brasil e no mundo, sendo comum verificar, que em países de tecnologia avançada, como Japão, Estado Unidos da América e Portugal, as aulas ministradas virtualmente são cada vez mais comuns, em que professores precisam se adaptar às exigências até então desconhecidas pela maioria, como aponta Brunner (1996 apud TEDESCO, 2004, p.17).

Desta feita, vivenciamos situações de educação on-line, com mídias cada vez mais inseridas no cotidiano educacional, possibilitando uma educação mais interativa, em que a concepção de ensino *anytime/anywhere* se faz cada vez mais presente, tornando o aluno gestor de seu próprio tempo e espaço no processo de ensino-aprendizagem, tornando-o ainda mais abertos e criativos, graças às possibilidades de interconexão em escala mundial, porém, como indivíduos, em última análise, não estamos ficando mais inteligentes, como apontado por Rudiger (2011).

Diante deste cenário, este artigo de caráter teórico tem o objetivo refletir, a partir da pesquisa bibliográfica (GIL, 2002), sobre a evolução da educação e das novas tecnológicas dando ênfase ao *podcast*.

2 A EDUCAÇÃO E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

O conceito clássico de sala de aula com espaços físicos delimitados, professor como único detentor do saber, vem se tornando cada vez mais obsoleto. Nesta perceptiva, o ensino híbrido se torna cada vez mais presente no



cenário educacional, novas tecnologias transformam o ensino criando formas inovadoras de aprendizagem provocando um processo de mudança contínuo e acelerado.

Para Moran (1993, p.19),

Os meios de comunicação desempenham também um importante papel educativo, transformando-se, na prática, numa segunda escola, paralela à convencional. Os meios são processos eficientes de educação informal, porque ensinam de forma atraente e voluntária - ninguém é obrigado, ao contrário da escola, a observar, julgar e agir tanto individual como coletivamente.

Esses efeitos impactam diretamente a evolução da educação. Atualmente, já vivenciamos a Educação 5.0, mas, para entendermos este cenário, é necessário perpassar por todo o histórico educacional até os dias atuais, pois, como Jenkins (2009, p.27) menciona, 'toda história importante é contada'.

Destarte, trazemos a Educação 1.0, meados do século XII, as aulas aconteciam nas igrejas e o ensino era baseado em uma educação estritamente cristã, limitado às lições das Escrituras, leitura e estudos dos salmos. Na época as escolas eram chamadas de 'Escolas Paroquiais', o ensino tinha por característica uma hierarquia verticalizada de saberes, professores eram detentores do conhecimento enquanto os alunos eram sujeitos passivos no processo de ensinagem por meio de conteúdos estáticos (FAVA, 2012, p.17).

Com a Revolução Industrial surge a Educação 2.0, início do século XVIII, e com ela o ensino de massa, pessoas eram preparadas para trabalharem nas fábricas. O conhecimento transmitido na época tinha a função de adequar o educando à sociedade e ao mercado de trabalho que ele se enquadrara, e por muito tempo essa educação foi suficiente.

Ainda nesse período, o local de aprendizagem era apenas a sala de aula, com alunos sendo seres passivos, e com a responsabilidade de ensinar unicamente do professor que detinha a sincronização, princípio da era industrial, e impactava diretamente nas escolas, pois a sociedade da época era totalmente programada, influenciando assim o ambiente escolar, onde estudantes estariam



presentes no mesmo momento recebendo ensinamentos de seus professores, mas não necessariamente estariam aprendendo algo, mas a presença do aluno como sujeito passivo era indispensável a sincronização da educação 1.0.

Segundo Fava (2014, p.22),

Os sistemas de controle de frequência são um exemplo dessa sincronia; todos devem estar sempre no mesmo espaço, na mesma ocasião, no mesmo átimo, para responder de forma sincronizada a uma mesma chamada.

Com efeito, fica claro que, na época, o aprendizado do aluno tinha data e hora para acontecer, objetivando unicamente treinamentos baseados na aprendizagem informativa em que a memorização ficava evidente, pois, para Fava, (2012, p.45) “a fábrica necessita da sincronização para que todos estejam presentes na linha de montagem ao mesmo tempo”.

Neste período, Fava (2012) nos mostra que professores iniciaram um processo de descobertas sobre o potencial tecnológico para o processo de ensino-aprendizagem. Foi um período longo em meio a grandes dificuldades, visto que a implementação de tecnologias nas escolas acontecia de forma tímida e gradativa.

Com o advento da 3ª Revolução Industrial, meados do século XX, o progresso tecnológico ganhou força possibilitando ao homem inventar uma ‘máquina inteligente’ que substituiu o trabalho repetitivo e exaustivo, fazendo com que novas exigências de autonomia, flexibilidade, criatividade e aprendizagem, assim temos a Educação 3.0.

Em meados do século XX, em uma sociedade do conhecimento repleta de informações, baseada em novas tecnologias de informação e comunicação, o professor se torna mediador do conhecimento e é visto como organizador do processo de ensino-aprendizagem, enquanto que o aluno, sujeito autônomo, é responsável por sua aprendizagem de forma colaborativa, com currículo integrado e atualizado constantemente uma nova concepção do que ensinar, como ensinar e com o que ensinar para obter pessoas aptas para um mercado



de trabalho diferente dos anteriores, em que novas habilidades se tornam presentes em todos os campos profissionais. Para Martino (2014, p.36),

Os processos de convergência são dinâmicos, e acontecem no momento em que o indivíduo recria, em sua vida cotidiana, as mensagens e as experiências em conjunto com as mensagens que chegam da mídia – e que ele, por sua vez, pode “re-criar”. A cultura da convergência representa uma alteração, aliás, na maneira como o indivíduo é visto no processo de comunicação.

Este processo de convergência citado por Martino (2014) é visível na Educação 3.0, pois o docente precisa saber lidar com as novas tecnologias de informação e comunicação bem como seus alunos. Assim, Levy (2014, apud FAVA, 2014, p. 40), “no mundo digital, tudo aquilo que tem potencial será embora ainda não seja”.

A tecnologia se faz cada vez mais presente no cotidiano educacional, metodologias vão se inovando aproveitando ao máximo das possibilidades tecnologias e seu potencial para o processo de ensino-aprendizagem. Período que perceptivelmente “a escolha e a organização não serão mais por disciplinas ou unidade de aprendizagem, sim orientadas pela aplicação do conhecimento” (FAVA, 2014, p.35), em que professores desenham e gerenciam projetos e atividade que mudam constantemente e o aluno é totalmente volátil e acessível a estas alterações frequentes.

Com as constantes evoluções tecnológicas e, respondendo necessidades da 4ª Revolução Industrial, deu-se início a Educação 4.0 no início do século XXI. Professores permanecem como mediadores do conhecimento e cada vez mais incentivadores de novas descobertas para com seu alunado e, de outro lado, este último é protagonista de seu aprendizado, que contempla o *learning by doing*, aprendendo a aprender e aprender fazendo, idealizado por John Dewey (1859-1952), em que o aluno aprende com sua prática e não mais simplesmente à luz da teoria do conhecimento, por meio de ambientes escolares mais colaborativos e dinâmicos. Este método defendido por Dewey nos traz uma educação como um processo de reconstrução e reorganização das experiências



adquiridas que influenciarão diretamente nas experiências futuras, característica da Educação 4.0.

Para Moran (2007, p. 168)

Educar é um processo complexo que exige neste momento mudanças significativas. Investindo na formação de professores no domínio dos processos de comunicação envolvidos na relação pedagógica e no domínio das tecnologias, poderemos avançar mais de pressa, sempre tendo consciência de que em educação não é tão simples mudar, porque há toda uma ligação com o passado que é necessário manter e também uma visão de futuro à qual devemos estar atentos. Não nos enganemos. Mudar não é tão simples e não depende de um único fator. O que não podemos é cada um jogar a culpa nos outros para justificar a inércia, a defasagem gritante entre as aspirações dos alunos e a forma de preenchê-las. Se os administradores escolares investirem em formação humanística dos educadores e no domínio tecnológico, poderemos avançar mais.

Contudo, nem professores e nem escolas podem ignorar a presença das mídias em seu cotidiano educacional. Em entrevista para a Nova Escola, José Armando Valente (2018) ressalta que “é necessário integrar tecnologia ao currículo, explorar seu potencial e promover a conversa com as áreas de conhecimento” assim é possível perceber nesta Era educacional a presença de metodologias ativas, autonomia e capacidade de solucionar problemas nunca vistos no qual a linguagem computacional, internet das coisas, a inteligência artificial e outras tecnologias se fazem presente nos diversos seguimentos. O ensino híbrido ganha força, a *cultura maker* (faça você mesmo), desperta no aluno o interesse por habilidades e competências indispensáveis ao mercado de trabalho cada vez mais competitivo, proativo e tecnológico.

Contudo, saber utilizar e criar metodologias viáveis com esses recursos ainda é um desafio para a educação, em qualquer nível ou modalidade, porque nos defrontamos cotidianamente com o desperdício ou o mau uso desses recursos, fato exposto por Alvin Toffler (1970), filósofo norte americano nos anos 1970: “os analfabetos do século XX não serão aqueles que não sabem ler e escrever, mas aqueles que não conseguirão aprender, desaprender e reaprender” cenário bastante atual o qual podemos perceber durante a rápida



exposição da evolução da educação apresentada até o momento e vivenciada por muitos.

Desta feita, nos deparamos com um universo educacional transformador, em que o ensino caminha lado a lado com as mudanças do mundo atual, preparado para lidar com novas gerações em que salas de aulas não são apenas um espaço para reprodução do conhecimento e sim, um local que valoriza a prática, o pensamento crítico e o desenvolvimento de atividades que aproximem do mundo real, dando ao aluno voz para que seja protagonista na evolução de seus próprio conhecimento, proporcionando uma educação regrada em criatividade e inventividade, usando diversos recursos e diferentes ambientes baseados em experimentação, tendo o aluno no centro do processo de aprendizagem.

Não tão distante, em entrevista para Revista Ponto.com, Jim Lengel (2012) afirmar que “a disponibilidade de informação e comunicação enriquece o relacionamento entre aluno e professor, mas somente se ambos aproveitarem as vantagens e aprenderem a utilizar os recursos tecnológicos para fins acadêmicos sérios” assim, temos o *podcast*, mídia que surgiu em 2004 e vem se popularizando ao longo dos anos, não apenas no campo informativo, mas no âmbito educacional.

Tal mídia se apresenta como um elo entre o uso do rádio, por ter vantagem imediatista de informação e interação entre seus ouvintes, visto que o áudio é uma forma de exercitar a imaginação, criatividade e isso faz toda a diferença, como mencionado por Meditsch (2001, p. 229):

Cada vez mais as pessoas vão precisar ser informadas em tempo real a respeito do que está acontecendo, no lugar em que se encontrarem, sem paralisar as suas demais atividades ou monopolizar a sua atenção para receber a informação.

Neste sentido o *podcast* resgata a oralidade e inspira a imaginação de seus ouvintes são arquivos de áudios em formato digital transmitido pela internet com potencial para desenvolver habilidades cognitivas, através do *download* de arquivo ou *streaming on demand* e *always-on* para ouvir onde desejar. Esta mídia nos remete a afirmativa de Eziquiel Menta (2011) para que as escolas



possam pensar em ferramentas tecnológicas existentes e criar possibilidades mesmo que *off-line* para seu cotidiano educacional.

3 A EDUCAÇÃO 5.0 E A RESSIGNIFICAÇÃO DA ABORDAGEM PEDAGÓGICA

As escolas têm um grande desafio no século XXI não podendo ignorar as tecnologias de informação e comunicação em seu cotidiano baseado em metodologias e projetos mais dinâmicos e abertos e com ela o surgimento da Educação 5.0 como uma evolução da Educação 4.0.

A Educação 5.0 tem como premissa o uso das tecnológicas de informação e comunicação e baseia-se nas competências socioemocionais, conhecidas como *soft skills*, pilar desta nova era educacional, a qual capacita o indivíduo para o uso das tecnologias de forma saudável e produtiva, além de entender o impacto da tecnologia no cérebro humano.

A Educação 5.0 está relacionada a uma web sensorial e emotiva denominada web 5.0, projetada para desenvolver computadores que interajam com seres humano Mello, Neto e Petrillo (2020, p. 5) acreditam que “professores precisam usar e promover as competências emocionais intra e interpessoais”, sendo esta a maior característica desta educação, definidas pela combinação do conhecimento, habilidades e atitudes resultantes no bom desempenho do aluno para atender atuais exigências do mercado de trabalho da sociedade 5.0.

Segundo estudo realizado pela *KnowledgeWorks, Navigating The Future of Learning: Forecast 5.0* (2018), a Educação 5.0 aborda novos modelos de educação em que aluno ocupa o centro do processo de ensino-aprendizagem e docente é o mentor e curador do conteúdo a ser abordado.

Contudo, a Educação 5.0 tem seu conceito ainda em desenvolvimento e forte relação com a cultura empreendedora, unindo tecnologia à inteligência social e emocional, possibilitando soluções para a sociedade do conhecimento, recebendo uma avalanche de informações fazendo com que os alunos necessitam saber fazer a gestão delas para transformá-las em conhecimento.



Por meio das novas tecnologias de informação e comunicação utilizadas da educação 5.0 podemos personalizar o aprendizado por caminhos digitais, em que o docente transcendendo seu papel tradicional, possibilitando que seus alunos tenham autonomia para construção do próprio conhecimento, sendo este o maior desafio desta evolução educacional, visto que os educandos da Educação 5.0 são caracterizados por uma geração híbrida, totalmente digital e, para alcançar este público, em qualquer lugar, diversas tecnologias se fazem necessárias, dentre elas o *podcast* oriundo da educação 4.0 e cada vez mais presente no âmbito educacional.

4 PODCAST – FERRAMENTA MIDIÁTICA NA EDUCAÇÃO

O *podcast* assim como outras tecnologias sofreu significativas mudanças ao longo do tempo, por ser produzido de forma descentralizada, ou seja, em tempos diferentes de produção e publicação, ele apresenta uma característica específica de outros meios de comunicação, seus programas são disponibilizados automaticamente na web permitindo acesso inicialmente a episódios curtos, direto às informações e conteúdos que o usuário deseja ouvir e sua programação atingiu um público reduzido, mas interconectado pela *internet*.

O *podcast* surgiu em 2004, quando foi divulgada, a 12 de abril de 2004, pelo jornal Britânico “The Guardian”, em um artigo sobre a facilidade de o usuário produzir seus próprios programas de rádio, utilizando um *Ipod*, um software de áudio e um blog para publicação desses programas.

Segundo alguns usuários e estudiosos, o vocábulo originou-se das palavras *Broadcasting* (radiodifusão) com *Ipod* (dispositivo portátil que reproduz sons), foi Adam Curry, ex-Vj da MTV, e o programador Dave Winner, com suas modificações referentes aos formatos dos áudios, que alterou o processo de publicação dos audioblogs, antes pensamentos escritos, e posteriormente passou a gravá-los e publicá-los através de arquivos em áudios. A intenção de Cury era disponibilizar seus programas de rádio para download no *iTunes*, para



que seus espectadores pudessem acessar seu programa de maneira *on-demand*, baixando um arquivo de MP3 (LUIZ; ASSIS, 2009).

A programação veiculada nesta mídia fica a cargo do *podcaster*, que, em geral, também é responsável pela produção dos episódios, bem como, dos conteúdos que serão abordados para seu público alvo. Assim como no rádio para a criação das narrativas do *podcast* faz-se por meio do uso de recursos tecnológicos como o microfone, software específico para edição de áudio e um computador com acesso à Internet para publicação. Depois de prontas, as narrativas, conhecidas por episódios de *podcast*, são disponibilizados na web para que seus usuários tenham acesso a seus conteúdos.

Os episódios do *podcast* podem ser ouvidos de forma linear ou não, também atendendo as possibilidades de tempo e lugar específicas de cada usuário. Assim, o *podcast* permite ao usuário o acesso direto às informações e conteúdos desejados, sem determinar horários definidos de uso das fontes de informação, dando ao ouvinte a possibilidade de montar sua própria programação ao escolher os episódios que deseja ouvir, diversificando assim as narrativas orais que ele irá ouvir, de forma totalmente gratuita.

O *podcast* sofreu algumas mudanças e a mais significativa, atualmente, é a duração de seus episódios, em geral acima de 30 minutos e com intervalos semanais reduzidos entre suas publicações. Desta forma conseguem aumentar consideravelmente sua audiência. Dependendo do tema abordado em cada programa, ele pode ser apenas um emissor de áudio, o qual atende boa parte das necessidades, por meio de palestras e entrevistas, ou um emissor de vídeo, ou também um “*Enchanced Podcasts*” (áudio com imagem anexada).

Diante das evoluções no âmbito educacional, a busca por aulas mais atrativas e significativas apresentam o *podcast* como uma mídia que perpassa por diferentes níveis de ensino, do infantil ao superior, sendo ele utilizado desde a Educação 4.0, como já citamos anteriormente, através da criação de episódios por professores e alunos até seu uso enquanto objeto de aprendizagem, o que permite sua utilização em diferentes estratégias e metodologias de ensino, como afirmado por Jenkins (2009 p. 30):



Os mercados midiáticos estão passando por mais uma mudança de paradigma. Acontece de tempos em tempos. Nos anos 1990, a retórica da revolução digital continha uma suposição implícita, e às vezes explícita, de que os novos meios de comunicação eliminariam os antigos, que a Internet substituiria a radiodifusão e que tudo isso permitiria aos consumidores acessar mais facilmente o conteúdo que mais lhes interessasse.

Assim, constatamos que o *podcast* antes visto apenas como ferramenta midiática complementar ao ensino nas escolas, atualmente é encontrado como material didático principal em diversas instituições de ensino, permitindo um aumento significativo de usuários, pois, para Martino (2014, p. 28), “quanto mais o ciberespaço se expande, maior o número de indivíduos e grupos conectados gerando e trocando informações, saberes e conhecimentos”, difundindo assim o uso do *podcast* no âmbito educacional, em especial nos últimos meses devido a pandemia de COVID-19 no Brasil, escolas tiveram que convergir do ensino presencial para o ensino remoto e fazer uso de diferentes ferramentas tecnológicas para dar segmento ao processo educacional de seus alunos e o *podcast* se tornou aliado fundamental nos diferentes níveis de ensino, além de já ser conhecido como uma ferramenta de baixo custo e de fácil manuseio, tornando-a como uma das mais usadas por docentes e alunos.

5 ABORDAGEM PEDAGÓGICA E O USO DA TECNOLOGIA

Com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação aplicadas à educação, como já apresentamos aqui, vale ressaltar que as TICs não se inserem no contexto pedagógico para solucionar os problemas já existentes no processo de ensino-aprendizagem, mas sim como ferramentas que podem servir para a melhoria do aprendizado do aluno e assim, para Moura e Carvalho (2007, p.837), “o *podcast* parece funcionar bem com alunos motivados, que detenham competências a nível tecnológico e ainda quando o propósito vai de encontro às necessidades dos alunos.”

Percebemos aqui, um potencial cada vez maior do uso desta ferramenta midiática em sala de aula como um suporte para o ensino das mais variadas



disciplinas por meio de planejamento prévio da aula por parte do docente, haja vista que qualquer conteúdo pode ser abordado, originado tanto da sala aula como de outro lugar, podendo ser sugerido pelo professor ou por seus alunos, tenho assim uma característica aparente da Educação 5.0 ao permitir que o educando seja criador de episódios e o educador seu mentor.

Outra característica do *podcast* é ser uma mídia que representa uma maneira de inserção de seus usuários no mundo digital. De acordo com Junior e Coutinho (2007, p. 837):

De fato, o *podcast* permite ao professor disponibilizar materiais didáticos como aulas, documentários e entrevistas em formato áudio que podem ser ouvidos pelos estudantes a qualquer hora do dia e em qualquer espaço geográfico. O estudante pode aceder informação disponibilizada pelo professor e descarregá-la para o seu dispositivo móvel, utilizá-la onde e quando quiser e ainda interagir com o professor sob a forma de comentários deixados no aplicativo.

Essas peculiaridades o tornam uma tecnologia inclusiva, visto que alguns de seus ouvintes acabam tendo pela primeira vez acesso a tecnologia por meio de seus episódios, além de trabalhar com o primeiro sentido desenvolvido pelo homem, já no ventre materno – a audição, muito importante na captação do que provem do mundo externo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2002), este artigo de caráter teórico buscou refletir sobre a evolução da educação e das novas tecnológicas dando ênfase ao *podcast*. Com a investigação, observamos que o *podcast*, por ser uma ferramenta midiática relativamente nova (haja vista que tivemos seu primeiro *podcast* em 2004 nos Estados Unidos disponível na Internet com formas particulares de interação), tem potencial significativo para cunho educacional, visto que estabelece uma ligação entre o conteúdo formal e a oralidade, além deste recurso ser um aliado para o novo perfil docente e do aluno, baseado na autônoma e nas competências, características da educação em especial a 5.0 a qual estamos inserido.



REFERÊNCIAS

CARVALHO, Ana Amélia Amorim & MOURA, Adelina Maria Carneiro. **Podcast: Potencialidades na Educação**. Disponível em:

http://prisma.cetac.up.pt/artigospdf/5_adelina_moura_e_ana_amelia_carvalho_prisma.pdf. Acesso em 03 jul. 2020.

FAVA, Rui. **Educação 3.0**: Aplicando o PCDA nas instituições de ensino. São Paulo: Saraiva, 2014.

FAVA, Rui. **Educação 3.0**: Como ensinar estudantes com culturas tão diferentes. Cuiabá: Carlini e Caniato Editorial, 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNIOR, João Batista Bottentuit. COUTINHO, Carla Pereira. **Podcast em Educação**: Um Contributo ao Estado para Arte. In Libro de Actas do Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía. A.Coruña/Universidade da Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación. ISSN: 1138-1663. 2007. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/55608002.pdf>., Acesso em 11 jun. 2020.

KNOWLEDGEWORKS, Navigating The Future of Learning: Forecast 5.0. 2018. Disponível em <http://marcosbarros.com.br/wp-content/uploads/2019/03/forecast5.pdf>. Acesso 19 jul. 2020.

LENGEL, Jim. **Principles of Education 3.0**. Disponível em: <http://lengel.net/ed30/principles.html>. Acesso em 10 jul. 2020.

LENGEL, Jim. **Inovação na Escola**. [outubro 2017]. Entrevistador: Marcus Tavares, Revista Ponto Com. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://revistapontocom.org.br/entrevistas/entrevista-com-jim-lengel>, acesso em 19 de julho de 2020.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIMA, Frederico O. **A Sociedade Digital**: O impacto da tecnologia na sociedade, na educação e nas organizações. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

LUIZ, L.; ASSIS, P. O crescimento do podcast: origem e desenvolvimento de uma mídia da cibercultura. In: **SIMPÓSIO ABCIBER**, 3. 2009, São Paulo. 3o Simpósio Nacional de Pesquisadores em Cibercultura. São Paulo: ABCiber, 2009. Disponível em: http://www.academia.edu/5872782/O_crescimento_do_podcast_origem_e_des



envolvimen to_de_uma_m%C3%ADdia_da_cibercultura. Acesso em: 10 junho 2020.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**. Linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014.

MEDITSCH, E. O ensino do radiojornalismo em tempo de internet. In: S. V. MOREIRA; N. DEL BIANCO. **Desafios do rádio no século XXI**. Rio de Janeiro, UERJ. 2001.

MELLO, Clayson de Moraes; NETO, José Rogério de Almeida; PETRILLO, Regina Pentagna. **Educação 5.0: educação para o futuro**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2020.

MENTA, Eziquiel. **EscolaBR: Inclusão Digital de Professores**. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, 2011, Curitiba.

MORAN, José M. **Leitura dos meios de comunicação**. São Paulo, Pancast, 1993.

_____. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

RÜDIGER, Franscisco. Cultura e Cibercultura: princípios para uma reflexão crítica. **LOGOS 34**, v. 34, n. 01, 2011.

TEDESCO, Juan Carlos (org.). **Educação e Novas Tecnologias: Esperança ou Incerteza?** São Paulo: Cortez, 2004.

VALENTE, José Armando. **Educação 4.0: o que devemos esperar** [março 2018]. Entrevistador: Débora Garofalo. Revista Nova Escola. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/9717/educacao-40-o-que-devemos-esperar>, acesso em 19 de julho de 2020.



REPRESENTAÇÕES DA BIBLIOTECONOMIA SOCIAL NO CONTEXTO DO NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS (NEABI) IFAC

José de Arimateia Ferreira de Oliveira¹⁷²

Resumo: O presente artigo é um relato de experiência de um profissional da informação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC, no período compreendido de 2014 a 2019. Tem como objetivo abordar as representações da biblioteconomia social a partir do desenvolvimento de trabalhos extensionistas e do diálogo interdisciplinar com o Núcleo de estudos afro-brasileiros e indígenas (NEABI - IFAC). Ao analisar tais questões, surgiu uma segunda intenção que é a construção do processo identitário desse profissional. À vista destas perspectivas, descreve-se as atividades ou ações educativas e culturais, relacionadas às questões étnico-raciais. A fundamentação teórica desta pesquisa, foram utilizados, principalmente, os estudos de Almeida (1987), Moscovici (2004) e Rajagopalan (2003). Os recursos metodológicos utilizados foram a pesquisa qualitativa, participante e bibliográfica. Os resultados dessas vivências demonstraram que a identidade é uma construção que acontece lentamente por meio de muitos desafios, convivência e diálogo interdisciplinar em diferentes grupos sociais, e com isso, comprovando que é possível conciliar os serviços técnicos com a biblioteconomia social, a partir de uma educação pluricultural e pluriétnica e de alguma forma contribuir para amenizar a discriminação e o preconceito racial presentes nos modelos de sistema de ensino e na conjuntura social existentes.

Palavras-chave: Biblioteconomia social. Educação étnico racial. Identidade.

REPRESENTATIONS OF SOCIAL BIBLIOTECONOMY IN THE CONTEXT OF THE AFAC-BRASILIAN AND INDIGENOUS STUDIES (NEABI) IFAC

Abstract: This article is an experience report of an information professional from the Federal Institute of Education, Science and Technology of Acre - IFAC, in the period from 2014 to 2019. It aims to address the representations of social librarianship from the development of works extensionists and interdisciplinary dialogue with the Center for Afro-Brazilian and Indigenous Studies (NEABI - IFAC). When analyzing these questions, a second intention emerged, which is the construction of the identity process of this professional. In view of these perspectives, educational and cultural activities or actions related to ethnic-racial issues are described. The theoretical basis of this research, mainly, the studies

¹⁷² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Graduado em Biblioteconomia (UFPA). Especialização em Literatura Luso Brasileira (UFT) e em História e Cultura Afro-brasileira (UCM). Atualmente, bibliotecário do IFAC. E-mail: jose.oliveira@ifac.edu.br.



of Almeida (1987), Moscovici (2004) and Rajagopalan (2003) were used. The methodological resources used were qualitative, participatory and bibliographic research. The results of these experiences demonstrated that identity is a construction that happens slowly through many challenges, coexistence and interdisciplinary dialogue in different social groups, and with this, proving that it is possible to reconcile technical services with social librarianship, based on a pluricultural and pluri-ethnic education and in some way contribute to alleviate the discrimination and racial prejudice present in the models of the educational system and in the existing social context.

Keywords: Social librarianship. Racial ethical education. Identity.

REPRESENTACIONES DE LA BIBLIOTECONOMÍA SOCIAL EN EL CONTEXTO DE LOS ESTUDIOS AFAC-BRASILEÑOS E INDÍGENAS (NEABI) IFAC

Abstracto: El presente artículo es un informe de experiencia de un profesional de la información del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Acre - IFAC, en el período comprendido entre 2014 y 2019. Tiene como objetivo abordar las representaciones de la biblioteconomía social a partir del desarrollo de trabajos extensionistas y del diálogo interdisciplinar con el Núcleo de estudios afro-brasileños e indígenas (NEABI - IFAC). Al analizar estas cuestiones, surgió una segunda intención que es la construcción del proceso identitario de ese profesional. A la vista de estas perspectivas, se describen las actividades o acciones educativas y culturales, relacionadas con las cuestiones étnico-raciales. El fundamento teórico de esta investigación se utilizó principalmente los estudios de Almeida (1987), Moscovici (2004) y Rajagopalan (2003). Los recursos metodológicos utilizados fueron la investigación cualitativa, participante y bibliográfica. Los resultados de esas vivencias han demostrado que la identidad es una construcción que sucede lentamente por medio de muchos desafíos, convivencia y diálogo interdisciplinario en diferentes grupos sociales, y con ello, demostrando que es posible conciliar los servicios técnicos con la biblioteconomía social, a partir de una educación pluricultural y pluriétnica y contribuir de alguna manera a amenizar la discriminación y el prejuicio racial presentes en los modelos de sistema educativo y en la coyuntura social existentes.

Keywords: Bibliotecología social. Educación ética racial. Identidad.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho está dividido em dois tópicos: o primeiro aborda as representações da biblioteconomia social a partir do desenvolvimento de



trabalhos extensionistas e do diálogo interdisciplinar com o NEABI-IFAC e o segundo, analisa mediante essas perspectivas, o processo de construção da identidade profissional de um bibliotecário - profissional da informação.

Com base nessas construções de ideias, surgiram as seguintes questões norteadoras: a) é possível conciliar os serviços técnicos do bibliotecário com as representações da biblioteconomia social por meio de uma educação pluricultural e pluriétnica? b) o fazer bibliotecário possui representações sociais ou são apenas aspectos que podem existir profissionalmente a qualquer momento, em uma determinada realidade?

Nessa perspectiva, caracterizar ou investigar a identidade profissional não é uma tarefa fácil, a constatação é pertinente, visto que, ser técnico e ao mesmo tempo, vincular-se como membro de outros segmentos institucionais, implica consequentemente em certos conflitos de pertencimento identitário, de resistência interna e afirmação profissional.

Destarte, o eixo temático que orienta esta pesquisa, é voltado para a práxis, tendo como base conceitual as reflexões sobre o fazer bibliotecário através de relatos de experiências que envolvem a biblioteconomia social em um diálogo interdisciplinar com o NEABI, enquanto espaço de visibilidade e luta pela promoção da igualdade racial.

Desse modo, o que motivou a investigação deste trabalho, inicialmente, foram as experiências ocorridas em comunidades tradicionais em que se percebeu a necessidade de agregar novos conhecimentos acadêmicos, com a realização de estudos nas linhas de pesquisa “cultura e sociedade” e “linguagem e identidade”, tendo como destaque a participação do bibliotecário como coordenador de projetos de extensão, aprovados em editais e institucionalizados pelo IFAC. No que tange ao cenário específico de organização e administração de biblioteca, observou-se a inexistência ou carência de bibliografias na área da Educação étnico racial e os poucos conteúdos programáticos dessa temática, contidos nos PPCs (Projetos Pedagógicos de Cursos), principalmente, nos cursos de licenciaturas ofertados pelo IFAC.



Por fim, este artigo tem como objetivo abordar as experiências de um profissional da informação diante das representações da biblioteconomia social, do desenvolvimento de trabalhos extensionistas e do diálogo interdisciplinar com o NEABI, construindo assim, um processo identitário do profissional.

2 DESENVOLVIMENTO

Biblioteconomia é uma disciplina que possui fundamentos técnicos e práticos. Ao dialogar com todas as áreas do conhecimento humano pode ser considerada também como uma disciplina multidisciplinar, com saberes científicos, sendo que nas áreas das ciências humanas e sociais, o profissional bibliotecário, desenvolve suas demandas de forma ativa e participativa. No Brasil, a profissão de Bibliotecário foi criada em 1962 por meio da Lei nº 4.084/62, sendo regulamentada por meio do Decreto nº 56.725/65, quatro anos mais tarde.

Nesta perspectiva, considera-se o tema biblioteconomia social como uma das categorias das representações sociais e como uma abordagem significativa para o bibliotecário, sua práxis e o processo de formação profissional e identitária, visto que na sociedade, existem diferentes representações, cada uma com seus conceitos, categorias e abordagens particulares. Assim sendo, a respeito das representações sociais, Moscovici argumenta:

(...) uma sociedade não poderia ser definida pela simples presença de um coletivo que reuniu indivíduos através de uma hierarquia de poder, por exemplo, ou através de intercâmbios baseados em interesses mútuos. Certamente existem poder e interesses, mas para serem reconhecidos como tais na sociedade devem existir representações ou valores que lhes deem sentido, e, sobretudo, que se esforcem para que os indivíduos converjam e se unam através de crenças que garantam sua existência em comum. Isso tudo é guiado por opiniões, símbolos e rituais, isto é, por crenças e não simplesmente pelo conhecimento ou técnica. (MOSCOVICI, 2004, p. 173).



Embora seja pouco mencionada dentro da Ciência da Informação e entre os profissionais da área, a biblioteconomia social não pode ser desqualificada enquanto representações sociais e do saber. Segundo Moscovici, “As principais categorias da representação são de origem social e são trazidas à cena exatamente em situações em que todos parecem se opor a elas”. (MOSCOVICI, 2004, p. 179).

Dessa forma, é importante ressaltar que, essa categoria em questão é um modelo social de construção da democracia, com livre acesso e apropriação da informação, onde o bibliotecário/profissional da informação, tem uma responsabilidade social e ética importante, como mediador da leitura crítica e reflexiva. E mesmo com tantas limitações e desafios que se opõem ao fazer profissional, através de sua técnica, incentiva o usuário na busca e ao acesso à informação de seus direitos enquanto cidadão, apontando, por meio de sua prática, mecanismos ou ações para obtenção do conhecimento da identidade histórico-cultural, seja individual ou coletivamente.

Neste seguimento, Almeida acrescenta que:

Informação é poder, sim, mas só para aqueles que têm acesso a ela. E não se trata apenas de acesso físico: trata-se de acesso a seu conteúdo. Trata-se da capacidade de poder ler, de poder entender, de incorporar, de vivenciar, de se integrar, de se reconhecer, e de decidir sobre o que lhe diz respeito. (ALMEIDA, 1987, p.34)

Todavia, diante desse processo, torna-se necessário que o bibliotecário além da competência técnica, busque empoderar-se por meio de certas abordagens representacionais, como: participação em grupos de estudos e/ou pesquisas (iniciação científica) e em eventos científicos, bem como na realização de investimentos em capacitação e qualificação, objetivando a aquisição de outras habilidades ou competências profissionais, como ser crítico, criativo, ousado, entre outras.

A partir de tais considerações propõe-se realizar um breve comentário sobre o NEABI e sua importância dentro do contexto educacional e das representações sociais. Enquanto referência no trabalho com a Educação para



as relações ético-raciais é um espaço de discussões acadêmicas entre alunos, servidores, pesquisadores, colaboradores e as comunidades tradicionais, visando o debate voltado para as políticas afirmativas, questões ético-raciais, bem como, a promoção de reflexões sobre racismo estrutural, xenofobia, intolerância religiosa, entre outras temáticas. O núcleo foi criado a partir da implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que estabelecem como obrigatória o estudo da temática de história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo da educação básica brasileira.

Ressalta-se que, o processo identitário do profissional da informação é uma construção que está estruturada também pelas representações da biblioteconomia social e do diálogo com o NEABI, por meio da interdisciplinaridade, enquanto forma de ampliar as possibilidades e perspectivas da tríade Pesquisa, Ensino e Extensão.

Destarte, quando se fala em identidade, Rajagopalan afirma: “Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo” (RAJAGOPALAN, 2003, p.71). O mesmo autor ressalta: “A única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo”. Trata-se, portanto, de definir a influência de uma identidade com as demais dentro de uma estrutura social em um determinado tempo e espaço, uma vez que, o conflito de identidade é um dos fatores que distancia o conhecimento de outras culturas ou estruturas sociais e consequentemente a falta de conhecimento da própria identidade.

Deste modo, entre as atividades ou ações promovidas pelo Núcleo, destacam-se, principalmente, as Semanas “Abril indígena” e “Novembro negro”, onde são realizadas por meio de: mesas redondas, palestras, minicursos, oficinas, exposições artísticas e culturais, entre outras. Uma das atividades realizadas pelo bibliotecário durante o evento “novembro negro” a ser destacada foi o projeto “Estabelecendo conexões com o passado Adinkra: representações culturais e conhecimentos africanos”, cujo objetivo foi estabelecer conexões do passado com o presente, em uma dimensão histórica e artística do negro como sujeito social, através de símbolos africanos, que foram confeccionados em



diversos materiais, como camisetas e sacolas reaproveitáveis. O projeto teve como resultado final, a realização de exposições e de várias oficinas de construção dos símbolos africanos. Destaca-se ainda, as representações literárias indígenas, consideradas como instrumento para abordar narrativas nos campos da memória, história e identidade cultural. Assim, durante o evento “abril indígena”, foi possível analisar essas narrativas como espaços de luta e resistência, presentes nas trajetórias e nas práticas sociais de autores e dos povos indígenas. O projeto “Literatura indígena brasileira” teve como resultados a realização de exposições e de uma oficina literária.

Portanto, o campo de atuação da biblioteconomia social e do NEABI, são espaços privilegiados para a promoção da educação das relações étnico-raciais, embora, seja necessário reconfigurar ou reorganizar esses lugares no sentido de, promover informações significativas e transformadoras para uma educação antirracista, diferentemente de imposições de outras tradições culturais e linguísticas que negaram ao longo dos anos as diferentes expressões. Assim sendo, as criações desses ambientes representacionais de diálogos podem ser caracterizadas e identificadas como lugares de luta e de resistência em favor dos povos que foram desfavorecidos cultural e socialmente.

3 METODOLOGIA

As metodologias utilizadas neste trabalho foram: pesquisa qualitativa, participante e bibliográfica. Nas visitas às comunidades os recursos metodológicos utilizados foram os contos africanos e as leituras de artigos sobre povos e comunidades tradicionais que nortearam os debates, sendo que, durante os eventos culturais ocorreram diferentes atividades como: dança-afro, palestras, oficinas, mesas redondas e criação de exposições temáticas, com o objetivo de mostrar as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro.

Desta forma, a trajetória e experiências adquiridas pelo profissional da informação diante às representações da biblioteconomia social, foram



vivenciadas por meio da participação em comissões organizadoras de eventos do NEABI e de execução de ações realizadas individualmente ou em parcerias, que exigiram o uso de procedimentos sistemáticos e metodológicos, fundamentais para a construção do conhecimento. Neste sentido, cita-se algumas das ações ou atividades realizadas e coordenadas pelo bibliotecário:

3.1- Ações realizadas antes do ingresso no NEABI.

3.1.1- Projeto de Extensão. **Título:** "Mediação de leitura: a intervenção da linguagem e da diversidade na (re) construção da identidade e no processo de formação de leitores no Ifac - Campus Xapuri". **Descrição:** Projeto de extensão institucionalizado pela Pró-reitoria de extensão - PROEX/IFAC, aprovado pelo Edital nº 001/2014- CULTURA. **Objetivo principal:** Contribuir na formação de leitores através da narrativa literária infanto-juvenil afro-brasileira, como linguagem artística e cultural, através de uma concepção da cultura brasileira, enquanto campo de diversidade multicultural - ano 2014.



FIGURA 1- Narração de conto afro-brasileiro

3.1.2- Mediador de Mesa redonda. **Título:** “Diversidade cultural no novo milênio: por um Brasil mais plural” - ano 2014.

3.1.3- “Grupo de Diálogos da diversidade e das relações raciais debate respeito à religião” - ano 2015.

O Grupo de Diálogos da Diversidade e das Relações Raciais (GDRI) do IFAC/*Campus* Xapuri se reuniu pela primeira vez no terreiro de candomblé Ilê AséAparáOdara onde discutiram o tema "Respeito a Religião". (...) no encontro o grupo foi recebido pela YÁ AWRÁ-OMIN, que há mais de 20 anos tem o candomblé como religião. Ela explicou sobre a origem africana do Candomblé e que não há diferenças entre gênero, raça, condição social na religião. O grupo foi esclarecido sobre as características próprias do Candomblé, desfazendo mitos e preconceitos sobre a religião. (...) O coordenador do projeto, o bibliotecário José de Arimateia de Oliveira (...) acredita que



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

“Muitos preconceitos só serão quebrados a partir do momento em que as pessoas buscarem e se apropriarem da informação” (...) “Precisamos reconhecer, também que qualquer povo, independente da sua raça ou religião possui iguais direitos, respeito e dignidade”. (IFAC, 2015).



FIGURA 2- Terreiro de candomblé Ilê AséAparáOdara



FIGURA 3- Discentes, docentes e técnicos do Ifac

O relato de experiência acima evidenciado contribuiu para analisar o processo de resistência cultural relatado pela lalorixá Awrá, do terreiro de candomblé, que utiliza também a capoeira como instrumento de afirmação identitária em sua comunidade. Contudo, ao trabalhar textos literários nessa ação, percebeu-se o quanto esse material é importante como estratégia pedagógica, ao possibilitar a compreensão de muitos aspectos voltados para a história e cultura africana e afro-brasileira.

3.2- Ações do bibliotecário realizadas após o ingresso no NEABI.

3.2.1-Produções Bibliográficas e apresentação de trabalhos em eventos científicos.

a) Título: “**Grupo de diálogo da diversidade e das relações raciais do Ifac Xapuri:** uma experiência de integração com comunidades tradicionais”. Rio Branco: IFAC, 2016. (Anais do I Seminário de Desenvolvimento Territorial do Estado do Acre e I Seminário de Mulheres dos Territórios Rurais e da Cidadania do Estado do Acre); b) Título: “**Conhecendo comunidade tradicional de matriz africana:** o terreiro de candomblé Ilê Asé Apará Odara, em Xapuri-Ac, como expressão de resistência e afirmação identitária. Maceió: IFAL, 2017. (Anais do XI Congresso Norte Nordeste de pesquisa e inovação); c) Título: “**O processo**



de letramento no contexto sociocultural: novos espaços de diálogo na Biblioteca do IFAC”. Rio Branco: IFAC, 2017. (Caderno de Ciência e Tecnologia Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, v. 2).

3.2.2- Conferencista de Mesa redonda.

a- Título: "Preconceito e discriminação à cultura afro-brasileira". Ano 2016.

(...) A ação teve a participação do professor de História, João Cabral, que contextualizou historicamente a violência e discriminação sofrida pelos negros. Já o bolsista no projeto “Iniciação aos fundamentos técnicos e táticos da capoeira”, Pedro Frederico Matos Broto, ressaltou a importância da capoeira como instrumento de valorização da tradição afro-brasileira. As religiões de origem afro também foram assuntos discutidos no evento. O servidor Arimateia de Oliveira falou sobre os estudos que realizou em um terreiro na cidade de Xapuri. (...) Representante do terreiro de Mãe Claudia de Yemanjá, Ogan Hudson explicou sobre a religião e o representante do movimento Cernegro, Ogan Arimateia, também participou da ação abordando religião e religiosidade. (IFAC, 2016a).

Essa atividade proporcionou conhecer certas experiências de combate a intolerância religiosa e possibilitou uma discussão voltada para a visibilidade e respeito às cultura afro-brasileira, principalmente, as religiões de matriz africana.

3.2.3-Título: Grupo promove diálogos sobre identidade indígena: GDRI em Xapuri ouve liderança Manchineri no Município e reflete sobre relações raciais e diversidade.

Grupo de Diálogos da Diversidade e das Relações Raciais do IFAC – GDRI do IFAC/Campus Xapuri realizou seu segundo encontro nesta terça-feira, dia 31 de maio. Desta vez o tema foi “Tradição e cultura identitária dos povos indígenas no Acre”. O aluno João Victor Maciel Andrade, do 4º ano do curso Técnico de Biotecnologia (integrado ao médio) leu um texto sobre a luta e resistência dos indígenas ao longo da história acreana como introdução ao debate. (...) José de Arimateia Ferreira de Oliveira, coordenador do projeto, acredita que com a implantação do Núcleo de Estudos Afro brasileiros e Indígenas – NEABI no campus, contribuirá para uma prática educativa de respeito às diversidades. Ele afirmou a importância de reconhecer as experiências culturais da comunidade, identificando e valorizando os processos históricos de povos indígenas e de outros grupos sociais, como caminho que deve ser percorrido



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

para a construção da educação étnico-racial no cotidiano escolar. (IFAC, 2016b).



FIGURA 4 – Representante do Povo Manchineri em Xapuri



FIGURA 5- Discentes, docentes e técnicos do Ifac

A referida ação foi considerada positiva, do ponto de vista da realização de um encontro em território aonde pulsa a tradição e a cultura de um povo indígena.

3.2.4- Projeto de Extensão. **Título:** “O processo de letramento no contexto sociocultural: novos espaços de diálogo na Biblioteca do IFAC - Campus Rio Branco”. **Objetivo principal:** Propiciar o potencial transformador da Biblioteca do IFAC - Campus Rio Branco, enquanto espaço de discussão e interação sociocultural, através de prática do letramento e suas diversidades textuais e literárias. Ano 2016-2017.



FIGURA 6 - Roda de leitura - Grupo capoeira



FIGURA 7 - Roda de capoeira



FIGURA 8-Roda de conversa sobre multiculturalismo



FIGURA 9-Roda de conversa sobre Preconceito racial

3.2.5- Eventos e exposições culturais.

a) Dança Afro (organização e coordenação - 2015); b) Exposição: “A formação identitária através da herança cultural Africana” (organização e montagem - 2015); c) Exposição: “O que há de África entre nós! ” (organização e montagem



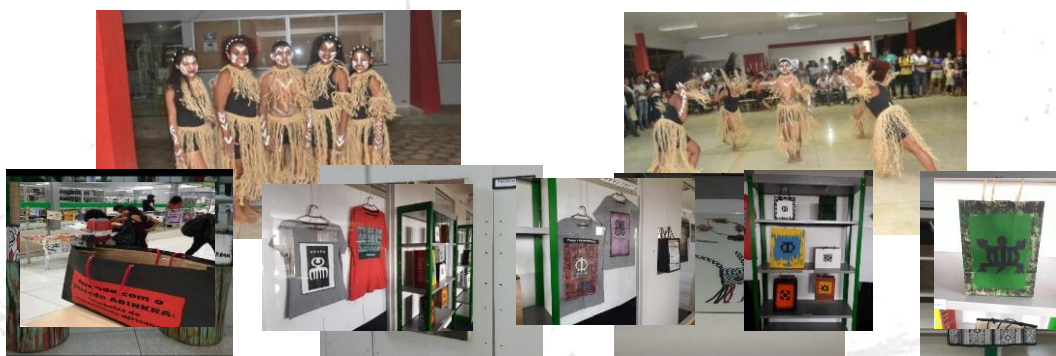
- 2016); **d)** Exposição: “Produção de artes: adornos Manchineri” (organização e montagem - 2016); **e)** Mostra: “Documentos de arquivos: História e memória de Xapuri” (organização e montagem - 2016); **f)** Exposição: “Estabelecendo conexões com o passado Adinkra: representações culturais de conhecimento africano” (organização e montagem - 2019).

FIGURA 10 - integrantes da dança afro

FIGURA 11 - Apresentação da dança afro

FIGURA 12 – Exposição indígena realizada na Biblioteca do Ifac - Campus Xapuri

FIGURA 13 - Exposições realizadas nas Bibliotecas do Ifac e da Ufac - Campus Rio



Branco

3.2.6- Comissão organizadora de eventos.

a) I Semana da Cidadania e Direito à Diversidade (comissão organizadora - 2015); **b)** Semana da Consciência Negra: “Reflexões sobre identidade” (comissão organizadora - 2017); **c)** Abril indígena: “Desafios e possibilidades” (comissão organizadora - 2018); **d)** Semana da Consciência Negra: “Consciência Negra: Pluralidade, Diversidade e Resistências” (comissão organizadora - 2018); **e)** Abril indígena: “Povos indígenas: cenários possíveis” (comissão organizadora - 2019); **f)** Novembro Negro: “Por igualdade de oportunidades” (comissão organizadora - 2019).

3.2.7- Palestras, oficinas, mesas redondas e outras.

a) Palestra: “A influência da literatura na construção da identidade cultural de leitores”. (palestrante - 2016); **b)** Roda de conversa: “Repensando a diversidade cultural a partir de um grupo de diálogo na biblioteca”. (mediador - 2016); **c)** Oficina: “Estabelecendo conexões com o passado Adinkra: representações



culturais de conhecimento africano”. (oficineiro - 2019); **d)** Roda de conversa: “Literatura indígena Brasileira”. (mediador - 2019).

FIGURA 14 - Oficinas realizadas em diversas locais em Rio Branco e Zona Rural



FIGURA 15 – Roda de conversa realizada com alunos do Ifac - Campus Rio Branco

4 CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo, observou-se que as vivências do profissional da informação a partir da execução de ações realizadas no NEABI e nos ambientes internos e externos à biblioteca, proporcionaram para a contribuição do processo de construção de um fazer pedagógico, capaz de conhecer outros territórios como espaços de diálogos e respeito às diversidades culturais. E assim, de alguma maneira, amenizar a discriminação e o preconceito racial, presentes nos espaços institucionais de ensino e na conjuntura social existentes.

À vista disso, pode-se considerar que o profissional bibliotecário contribuiu com o desenvolvimento institucional por meio de ações de extensão, alcançando resultados de experiências sócio educativa e cultural fora do contexto escolar. Dessa forma, ressalta-se que é possível conciliar o conhecimento técnico do bibliotecário com as representações da biblioteconomia social, a partir do acesso



à informação, à democratização do saber e permeando para a contribuição de ações voltadas para uma educação pluricultural e pluriétnica, onde o profissional em questão é um mediador dessa informação na biblioteca e em diversos espaços sociais.

Por fim, conclui-se que, foi possível analisar parte das experiências e conflitos identitários como processo cultural do fazer bibliotecário, considerando que, significam a própria ação afirmativa de sua identidade e não apenas de aspectos que podem existir isoladamente ou a qualquer momento. Todavia sua atuação é desafiadora, ocorrendo um processo de adaptação e resistência contínua, através do exercício da profissão, conectado com as representações sociais da tradição e do contemporâneo, o que pressupõe, dialeticamente, a construção e a desconstrução das práxis, na perspectiva de linearidade ao contexto de trabalho desenvolvido ou ainda, a ser desenvolvido por esse profissional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. **A ação cultural do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática.** Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2011/08/pdf_bf26644cf9_0018444.pdf. Acesso em: 31 ju.l 2020.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE. **Grupo de diálogos da diversidade e das relações raciais debate respeito a religião.** Disponível em: http://www.ifac.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4346%3Agrupo-de-dialogos-da-diversidade-e-das-relacoes-raciais-debate-respeito-a-%20religiao&catid=44%3Axapuri&Itemid=85. Rio Branco: IFAC, 2015. Acesso em: 28 de jul. 2020.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE. **Evento discute preconceito e discriminação da cultura afro-brasileira.** Rio Branco: IFAC, 2016a. Disponível em: <https://portal.ifac.edu.br/ultimas-noticias/72-campus-rio-branco/649-evento-discute-preconceito-e-discriminacao-da-cultura-afro-brasileira>. Acesso em: 29 jul. 2020.

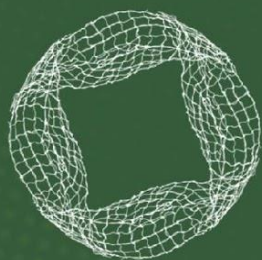
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE. **Grupo promove diálogos sobre identidade indígena: GDRI em Xapuri ouve liderança Manchineri no Município e reflete sobre relações raciais e**



diversidade. Rio Branco: IFAC, 2016b. Disponível em: https://portal.ifac.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=208. Acesso em: 29 jul. 2020.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola editorial, 2003.



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

SIMPÓSIO DE TRABALHO – CAPITAL SOCIAL E CULTURAL

COORDENAÇÃO:

Profa. Dra. Analaura Corradi (PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Ivana Oliveira (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Douglas Junio Fernandes Assumpção (FEEVALE)

Profa. Msc. Karen dos Santos Correia Bittencourt (Doutoranda – PPGCLC/UNAMA)

EMENTA:

Considerar os campos educativos e de trabalho como áreas impactantes pelas mudanças e necessidades de continua capacitação, e observando a influência e/ou o impacto das novas tecnologias. Registra-se a reconfiguração de aspectos comportamentais, de mercado, políticas, socioculturais e econômicos. Este Simpósio de Trabalho tem como proposta central a reunião de pesquisadores de diversas áreas, com seus estudos e pesquisas que envolvam aspectos sociais e culturais e/ou via suporte das tecnologias com enfoque aos processos comunicacionais, linguareiros e culturais correlacionados com desenvolvimento regional.



PPGCLC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA



VULNERABILIDADE DAS CLASSES POPULARES E A HERMENÊUTICA GADAMERIANA SOBRE SAÚDE¹⁷³

Analaura Corradi¹⁷⁴

José Maria Eiró Alves¹⁷⁵

Resumo: A presente revisão de literatura visa contribuir com reflexões sobre capital social (BORDIEU) na perspectiva das classes populares (HOBBSBORN) e possíveis efeitos oriundos da carência da educação formal em espaços periféricos e, ao mesmo tempo, como essa educação é incapaz de fortalecer os laços ancestrais acerca do cuidado com a saúde. Na sequência, será trazida para consideração a leitura hermenêutica sobre saúde, conforme proposta por GADAMER. A metodologia, portanto, é de cunho revisional da bibliografia já produzida, acrescida de observação da realidade social, notadamente no que diz respeito ao aprofundamento das desigualdades sociais e o desprestígio dos saberes tradicionais concernentes à arte de curar.

Palavras-Chave: Classes Populares. Vulnerabilidade. Saúde. Hermenêutica.

VULNERABILIDAD DE LAS CLASES POPULARES Y LA HERMENEUTICA GADAMERIANA EM SALUD

Resumen: Esta revisión de la literatura intenta contribuir a las reflexiones sobre el capital social (BORDIEU) desde la perspectiva de las clases populares (HOBBSBORN) y los posibles efectos derivados de la falta de educación formal en los espacios periféricos y, al mismo tiempo, cómo esta educación es incapaz de estrechar lazos ancestrales sobre el cuidado de la salud. Luego, se tomará en consideración la lectura hermenéutica sobre salud, propuesta por GADAMER. La metodología, por tanto, tiene un carácter de revisión de la bibliografía ya producida, más la de la observación de la realidad social, en particular en lo que respecta a la profundización de las desigualdades sociales y el descrédito de los conocimientos tradicionales sobre el arte de curar.

¹⁷³ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Capital Social e Cultural do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama), no período de 20 a 21 de outubro de 2020

¹⁷⁴ Profa Dra Titular na Universidade da Amazônia (Belém/PA), nos cursos de Graduação em Comunicação Social (Publicidade e Jornalismo), Design Gráfico e dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura e de Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano da Unama. Coordenadora do Grupo de Estudos Capital Social e Cultural no contexto midiático contemporâneo. Membro dos Grupos de Estudo: Narramazônia, Batuques e Academia do Peixe Frito (CNPQ). E-mail: corradi7@gmail.com.

¹⁷⁵ Estudante de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama). Professor Mestre Titular da Unama no Curso de Graduação em Direito e do Centro Universitário Uninassau (Belém/PA). Membro da Academia Brasileira de Ensino do Direito e Associado à Rede de Pesquisa Empírica em Direito. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Hermenêutica Constitucional da Universidade da Amazônia (CNPQ). E-mail: joseeiroalves@gmail.com.



Palabras-Clave: Clases populares. Vulnerabilidad. Salud. Hermeneutica.

THE VULNERABILITY OF POPULAR CLASSES AND THE GADAMERIAN HERMENEUTICS ON HEALTH

Abstract: The present literature review aims to contribute to reflections on social capital (BORDIEU) from the perspective of the popular classes (HOBBSAWN) and possible effects arising from the lack of formal education in peripheral spaces and, at the same time, how this education is unable to strengthen ties ancestors about health care. Then, the hermeneutic reading about health will be brought into consideration, as proposed by GADAMER. The methodology, therefore, is of a revisionary nature of the bibliography already produced, plus that of the observation of social reality, notably with regard to the deepening of social inequalities and the discredit of traditional knowledge concerning the art of healing.

Key Words: Popular Classes. Vulnerability. Health. Hermeneutics.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende reafirmar a relevância do capital social para as classes populares, bem como abordar o significado de doença e saúde na perspectiva da hermenêutica de Gadamer, propondo uma metodologia de cunho revisional da bibliografia, acrescida da observação da realidade, especialmente quanto ao desprestígio dos saberes tradicionais concernentes à arte de curar e o caráter oculto da saúde.

A apresentação deste se deu por ocasião do VII Confluências – evento acadêmico e científico do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (Unama) e contou com ponderações e observações dos professores que compuseram o Simpósio de Trabalho Capital Social e Cultural a partir do documento original aprovado e apresentado.

Na seção de número 1, o objetivo é perceber a noção de saúde a partir das premissas tradicionalmente estabelecidas pela Organização Mundial da



Saúde (OMS) e a noção popular de saúde, contemplando, ainda, o caráter crítico sobre a visão positivista acerca do significado de saúde.

Na seção de número 2, o objetivo é destacar a relevância do capital social para a construção de comportamentos baseados em redes da comunidade, acerca de práticas capazes de repassar conhecimentos de senso comum capazes de colaborar com a manutenção do equilíbrio da saúde.

Na última seção o objetivo é salientar a importância da hermenêutica gadameriana no sentido de compreender o sujeito em sua dimensão histórica e a partir das experiências vivenciadas, que o constituem e fazem com que tenha um determinado modo de enxergar a realidade circundante e sua própria condição existencial.

2 CONCEITO DE SAÚDE PARA A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE E A CRÍTICA ACERCA DO MODELO POSITIVISTA

A definição mais difundida acerca da significação de saúde leva em conta não apenas a ausência de doença, mas a condição na qual esteja presente o perfeito bem-estar físico, mental e social, o que denota um paradigma positivista e cartesiano, ligado à produção de verdades científicas. Vale lembrar que, seguindo a orientação cartesiana, a nova verdade destrói a antiga na perspectiva das ciências exatas, entretanto, não é a demonstração explicativa de suposições experimentadas a partir de procedimentos previamente fixados que serão capazes de evidenciar o correto e o verdadeiro no âmbito das ciências humanas.

A lógica e o compromisso com a apuração da verdade pelas marcas do método positivista marcaram o espírito moderno e a ilustração deveria ser capaz de levar à compreensão e ao reconhecimento de múltipla relatividade de pontos de vista, bem como valorizar as posições antagônicas que formam um todo compreensivo e coerente, desde que presente a consciência do caráter particular de suas perspectivas.

Porém, a permanência no lugar do outro marca substancialmente a alteridade na medida em que é necessário se colocar deliberadamente no lugar



daquele, pois é preciso compreender a partir de diferentes pontos de vista, superando a ingenuidade de que o acesso ao conhecimento garante ao intérprete o acesso a uma verdade absoluta e plena.

Vê-se, entretanto, que esse parâmetro não atende a realidade contemporânea, pois se mostra uma verdadeira utopia no sentido de que a ideia de perfeição é mormente questionada, considerando o caráter subjetivo e a ausência de condições de estabelecer critérios objetivos capazes de conceber uma escala segura para classificar as condições dos sujeitos.

O bem-estar físico, mental e social não é igual para todos os indivíduos; as condições materiais de existência e o modo como o ser humano lida com as suas limitações tem uma relação direta com o equilíbrio com o qual a vida e suas relações se desenvolvem, mesmo em situações que podem parecer adversas.

Sujeitos que se encontram inseridos em comunidades distintas também são marcados por comportamentos não sincrônicos e por análises que não podem ser reduzidas aos mesmos parâmetros, no que diz respeito ao bem-estar e satisfação, principalmente do ponto de vista psíquico, pois o modo como as relações se estabelecem também interferem no bem-estar geral das pessoas.

Há inúmeras relações intersubjetivas capazes de gerar novas atribuições de significado, mas também são pré-determinados, justamente pelo pressuposto inafastável de que a comunidade precede cada ser humano. Tradições, usos, costumes, práticas aceitas largamente, boa parte desses elementos serão incorporados pelos integrantes das comunidades.

A educação formal goza de papel privilegiado no estabelecimento de posições subalternas, pois não estimula o fortalecimento do lugar e colabora na construção de um imaginário de satisfação que está sempre voltado para as benesses de um modelo fictício de sociedade.

Assim, satisfação e bem-estar deixam de ser construídos culturalmente no âmbito da comunidade e são comumente delineados pela indústria cinematográfica internacional e nacional. As ausências de bens materiais de consumo são naturalmente erigidas como as maiores necessidades dos



integrantes de comunidades que ainda carecem de melhores condições de saneamento, saúde, educação, segurança.

O conhecimento tradicional, outrora relevante no cenário das comunidades termina sendo reduzido sensivelmente. Isso leva à paulatina perda da imaginação e da criatividade, à negação das práticas ancestrais de cura e mesmo de oralidade e acolhimento, pois o tempo contemporâneo vai sendo sorvido de outro modo: quase não há tempo a perder ouvindo os antigos e suas histórias ultrapassadas pelo conhecimento que deriva da tecnologia informacional sempre acessível a poucos toques na tela do smartphone.

Assim, a ciência dos humildes é desprezada, descontinuada, tornada como algo supérfluo e a ancestralidade, riqueza amazônica, é deixada de lado, em detrimento de interesses que servem ao capital internacional, aos grupos hegemônicos que controlam a economia e interferem diretamente no cenário político-partidário.

Mesmo sujeitos que ainda não sucumbiram à tal violência institucionalizada, terminam se vendo privadas de resistir, tanto por fatores externos como por aqueles que ao longo do tempo foram incutidos pelo sistema, que trabalha com a eliminação das particularidades do sujeito e das identificações dos grupos, para homogeneizar a sociedade a partir de um discurso globalizante.

A economia, as relações de trabalho e, sobretudo, o direito centrado na produção do Estado que desprestigia o particular, sobreleva o geral e desconsidera as particularidades dos sujeitos perfaz uma realidade marcada por uma generalização positivista que aniquila os saberes particulares e impede que sejam adotadas noções de saúde e bem-estar que levem em conta as idiosincrasias dos grupos sociais.

Assim, qualquer tentativa de normatizar de modo absoluto os limites da vida humana podem agravar as dificuldades de superação de problemas. Mesmo a noção de normalidade é bastante relativa e, em muitos casos, incapaz de colaborar com um diagnóstico preciso acerca de algum tipo de patologia que mereça intervenção. A ideia de estado patológico não pode ser limitada a ideia



de ausência de norma, de fuga da prescrição, mas, também, como uma forma de viver que ainda não foi experimentada por vários sujeitos e grupos e pode se mostrar saudável quando apreciada de modo científico. A saúde é, portanto, um construto derivado do modo do indivíduo se relacionar com a sua vida.

Para Canguilhem (2009, p. 71) a doença se constitui em abalo e ameaça ao organismo vivo, “a definição de doença exige, como ponto de partida, a noção de ser individual. A doença surge quando o organismo é modificado de tal modo que chega a reações catastróficas no meio que lhe é próprio”.

3 VULNERABILIDADE DAS CLASSES POPULARES E O CAPITAL SOCIAL

Esse cenário se mostra recoberto de uma teia inseparável de vidas que se tocam e que repassam o uso dos mecanismos de acolhimento a partir de um comportamento individual que vai se adequando a tudo o que já fora anteriormente produzido.

É essa a expectativa dos pais, família em sentido mais amplo, fiéis dos grupos religiosos, professores e futuros patrões. A construção do sujeito vai sendo direcionada para que espaços determinados pelo capital sejam ocupados por aqueles que forem mais aptos a vencer a competição por espaço e reconhecimento não a partir de suas qualidades construídas e vivenciadas na alteridade e na empatia, mas na luta por sobrevivência diante de condições cada vez mais excludentes.

Por esses motivos, boa parte da população urbana, sem se dar conta também é violentada, olha com estranheza para os indígenas e quilombolas, esquecidos nas periferias das grandes cidades. E em algumas décadas atrás, ainda era comum a presença de uma miscigenação de costumes e práticas que envolviam benzedoiras e benzedeiros, preparação de garrafadas, banhos aromáticos e de limpeza do corpo e da alma.

Em Belém/PA, o complexo do Ver-o-Peso resiste como espaço onde as vendedoras de ervas e de sonhos prosseguem acalentando o físico e o espiritual,



oferecendo um imaginário de salvação completa que estimula a criatividade e identifica os sujeitos com sua ancestralidade.

O indivíduo, portanto, passa a ser direcionado a renunciar as tradições seculares, que vão sendo perdidas ao longo do tempo, pois as memórias e falas dos antigos não tem a mesma relevância na atualidade. É preciso adorar um novo deus: o mercado. E essa dinâmica de um capitalismo selvagem não pode ficar paralisada quando confrontada com a tradição local.

Entretanto, a felicidade é fugaz e, às vezes, não é sorvida. É que, obviamente, para ser consumidor é necessário mais do que desejo: é preciso ter capacidade de compra. E a distância entre a realidade financeira da maioria da população e a realização de sonhos de consumo é gigantesca.

Os sonhos de melhor condições existenciais podem ficar mais próximos se o acesso à educação formal e à renda forem implementados, permitindo que o sujeito acumule experiências e, a partir de suas conexões com os outros, passe a se representar como potencial articulador e aplicador de utilidades para si e para os demais, se sobrelevando como alguém detentor de algum tipo de poder no âmbito das relações de trabalho, com projeção positiva de sua personalidade.

Nesse sentido, ganham particular importância as lições de Bordieu (1998, p. 7), ao afirmar que

O capital social é constituído de um conjunto de recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas, de interreconhecimento e de interreconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis.

A partir desse referencial, faz-se mister considerar que inúmeras trocas são realizadas entre os indivíduos, tanto do ponto de vista real como simbólico, na medida em que as relações de poder dentro de cada grupo e nas projeções amplificadas de cada uma das personalidades vão decorrer tanto da capacidade de relacionamento como também do que for possível construir em termos do volume de capital, seja ele econômico, cultural ou simbólico.



Há de ser ressaltar o aspecto dinâmico da rede de relações que os indivíduos estabelecem, na medida em que o que é socialmente construído se encontra passível de câmbio, pois decorrente de um trabalho incessante de produção e reprodução, nos quais os seus partícipes têm acumulados ganhos reais e simbólicos.

Assim, quais estratégias podem ser pensadas para ampliar o capital social e dele fazer uso em benefício de melhores condições existenciais? O trabalho em rede é uma delas e disso as comunidades mais aproximadas de padrões mais simples e menos divididas parecem fornecer um espaço no qual ainda se veja a preocupação com o outro, justamente na medida em que o olhar vê alguém muito próximo de seus padrões de educação formal, condição financeira, dificuldades e contradições.

Populações de periferia e de lugares nos quais os agrupamentos sociais carecem de uma organização parecem deter melhores condições de uma aproximação em virtude dos problemas que precisam enfrentar juntos para ter o mínimo de condições de existência. Pode-se afirmar, assim, que há um investimento nessas redes de ligações, seja consciente ou não, capazes de viabilizar soluções ou acordos capazes de garantir um diálogo acerca das próprias dificuldades, o que é passível de identificação nas vivências com parentes, colegas de trabalho, vizinhos.

Esse lugar que cada sujeito preenche, não apenas geograficamente tratado, mas como ser biológico, psíquico, dotado de reconhecimento em virtude do contrato social inaugurado na era moderna e fortalecido na contemporaneidade com as declarações que proclamam os direitos humanos, encontra-se delimitado pelas relações que aqueles que o precederam já estabeleciam no sentido de um espaço no qual sujeitos afins exercem liberdades semelhantes, agem com os mesmos trejeitos, cumprem rituais que se repetem no tempo e no espaço onde seus ancestrais viveram.

Contemporaneamente, as sociedades são marcadas por um fenômeno de massificação dos mecanismos de produção e reprodução de bens de consumo, pela padronização dos objetos de desejo e pela valorização icônica de padrões



estéticos que levam à criação de um imaginário básico de sucesso e satisfação inatingível pela maioria da população alijada dos processos de trocas notadamente destinados às classes mais favorecidas economicamente.

Com o passar do tempo, entretanto, veio o século XX e, com ele, uma série de situações que denotaram verdadeira barbárie, como salienta Hobsbawm (2013, p. 248), capazes de deixar atônitos os cientistas e a arrogante pretensão geral de suficiência do conhecimento aferível como único meio de obtenção de segurança nos processos de resolução de problemas foi momentaneamente afastada.

Ocorre que, para uma legião de seres humanos que compõem classes populares e não se encontram num locus privilegiado do ponto de vista das condições mínimas de existência, sobretudo diante de tantas ausências relativas à falta de saneamento básico, apropriado acompanhamento médico das famílias, alimentação e atividade física adequadas, sem levar em consideração questões de ordem psíquicas, percebe-se que a negação de direitos é uma constante.

4 A HERMENÊUTICA GADAMERIANA SOBRE SAÚDE E A NEGAÇÃO DE DIREITOS

Diante de um quadro que se acentua em países e comunidades que ainda necessitam de melhores condições materiais, evidente que os sujeitos vão se constituindo a partir de ausências e negações. A vida, o cotidiano e o modo de vida contemporâneo são permeados por valores e desejos distantes da periferia, da favela e dos locais que agasalham aqueles que não vivenciam as benesses prometidas pela modernidade.

Assim, há um hiato e um vazio nas vidas daqueles que não têm acesso a um bom atendimento de saúde, mas que, também, não são estimulados, pela educação formal, a ter cuidado e prevenir males que podem ficar mais distantes caso existam políticas públicas efetivamente aplicadas. Aliado a tudo isso, o



desemprego, o subemprego, a ausência de oportunidades no mercado formal de trabalho trazem dificuldades para as famílias que vivenciam tal realidade.

Como dizer para alguém que espera há décadas pelo saneamento básico, pela construção do posto de saúde, pelo melhor funcionamento da escola do bairro, que não tem biblioteca na comunidade e que é tratado como bandido pelo sistema de segurança e de justiça simplesmente por residir na periferia que a sua vida, de fato, importa para o Estado e as “autoridades” por ele constituídas?

Apesar do século XX ter inaugurado uma série de intervenções satisfatórias para a cura de doenças e fixação de protocolos capazes de controlar processos patológicos, tanto do ponto de vista físico como psíquico, não alcançou com plenitude tais objetivos, notadamente para as parcelas menos aquinhoadas da população mundial.

As desigualdades estabelecidas pelo sistema de colonização e de manutenção de um modelo exploratório das antigas colônias pelas metrópoles faz com que sejam mantidas posições de centro e periferia, que marcam o cenário internacional e, também, de certo modo, alimentam um preconceito endógeno concernente às áreas carentes e periféricas e aos centros urbanizados das grandes cidades.

A desigualdade é a marca das sociedades capitalistas contemporâneas e o mecanismo opressor está à disposição das classes hegemônicas. Estas permanecem ditando não apenas os protocolos de controle econômico e político, mas, também, impedindo a estruturação de um sujeito independente e dotado de criticidade acerca de suas próprias condições existenciais e consciente da espoliação sofrida por seus iguais.

Sobre o tema, sobreleva a importância de Hobsbawn (2013, p. 281), quando assevera que a massa da população dominada é citada apenas de forma ocasional pela classe dominante. Considera que mesmo insatisfeita, a forma como sempre operou a política da cúpula configurava um impeditivo para que os pobres pudessem ameaçar a ordem social, sendo, quando muito, um pouco relevantes no plano local, mas jamais em nível nacional, permanecendo limitados a posições subalternas.



Do ponto de vista político-jurídico, o art. 196, da CRFB/1988 assevera que “a saúde é direito de todos e dever do Estado” e que tal direito deve ser garantido mediante “políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e outros agravos”.

Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que o ideal é o trabalho preventivo, visando diminuir ao máximo os elementos que possam perturbar o equilíbrio do bem-estar físico e psíquico do ser humano, bem como também atuar de modo a evitar o agravamento de situações patológicas já instaladas.

Sendo esse o viés apresentado pela Carta Fundamental, deve-se perceber, também, que inúmeras outras situações que perturbam a realidade circundante do ser humano também são capazes de gerar risco à saúde física e mental, como ocorre, por exemplo, com o uso indiscriminado de pesticidas, a mineração e a utilização de substâncias tóxicas que poluem o meio ambiente, a exploração de petróleo, aliados a especulação imobiliária e a falta de implementação da reforma agrária e do estatuto das cidades, que prevê a desapropriação de imóveis sem uso, o crescente ataque às terras indígenas e quilombolas, as queimadas criminosas e a precarização das relações de trabalho.

Percebe-se um cenário complexo que merece atenção especial, pois questões que pareciam sanadas, pelo menos do ponto de vista da fundamentação legal e da busca de proteção pelos órgãos governamentais, passaram a sofrer com um discurso oficial que desprestigia o conhecimento dessas áreas específicas e propicia um retrocesso social, econômico e político incalculável.

A ciência tem limites materiais relacionados ao pessoal especializado, financiamento de pesquisas, redução de investimentos, o que apenas aumenta a desigualdade das sociedades contemporâneas e que determinam dificuldades de acesso à fomento da pesquisa, outro problema que também se apresenta no tempo atual, diante do evidente ataque às universidades públicas e órgãos públicos responsáveis por relevantes pesquisas, sobretudo na área da saúde e controle e fiscalização do meio ambiente.



Contraditoriamente, o tempo presente marca um tremendo lamento diante da agressão que espaços ainda preservados do Pantanal Mato-Grossense e da Amazônia estão sofrendo com a ausência de fiscalização adequada, bem como com o incentivo de exploração de extração ilegal de madeira e garimpo em terras indígenas, ao não uso de máscaras faciais como medida de contenção da propagação do coronavírus, à negativa de participar de campanhas de vacinação, enfim, o rosário é grande e a tristeza é senhora.

A ciência moderna pressupõe a objetividade como forma de explicação da realidade, com postulados comprovados pelos métodos de domínio da verdade, entretanto, mesmo entre os expertos, a especialização vai fazendo com que exista uma limitação do olhar, uma determinação das experiências e certezas acerca de um determinado objeto.

Abre-se um espaço para um diálogo profícuo entre coerência interpretativa para alcançar a verdade. Para isso, é necessário que o sujeito esteja disposto a reconhecer que o outro (humano ou não) tem razão e a consentir que ele prevaleça sobre mim na medida em que seus argumentos estão baseados numa racionalidade científica e guardando um componente ético no sentido da ação prática pretendida.

A tradição como fator essencial da compreensão não implica em acertar acriticamente um conservadorismo social e político. Há um confronto com as instituições culturais burguesas que pretendem generalizar o saber histórico. Toda experiência é um confronto dessa natureza. Ora, o novo vem a luz pela mediação com o antigo, num processo de comunicação universal mediado pela linguagem, que constitui a base de tudo o que constitui o homem e a sociedade.

O historiador deve estar disponível para compreender o passado, ainda que possa parecer exótico, a partir do próprio contexto em que ele emerge. Não obstante, a consciência histórica exige que esse escuta não seja feita de forma beatificada. A tradição repassada pela voz que chega do passado precisa ser analisada por intermédio de um comportamento reflexivo, do mesmo modo que é preciso reconhecer a necessidade de dar espaço às vozes que foram silenciadas ao longo do tempo, como é o caso dos povos tradicionais.



Esse procedimento é decorrente da vida contemporânea, que não aceita ingenuamente uma tradição ou conjunto de verdades. O questionamento é o mote para que se possa refletir sobre tais realidades. Não é desconsiderar o passado e sua verdade histórica, mas enfrentá-la sem a acomodação do discurso dominante nem se deixar influenciar pelo afastamento de critérios necessários à boa compreensão da evolução social.

O comportamento reflexivo diante da tradição importa em reconhecer relevante papel que a interpretação passou a desempenhar nas modernas ciências humanas, diante da relevância simbólica da palavra. Para Gadamer, a interpretação não é ocasional. Seu conceito deve ser universal e capaz de englobar a tradição, eis que não se interpreta apenas os textos e a tradição oral, mas tudo o que é transmitido pela história.

Por isso, Bittar (2005) afirma que:

o ser-no-mundo carrega a experiência do estar-aí (*Daisein*) da qual não pode se desvincular; não posso modificar minha compreensão-de-mundo, pois ela já é determinada pela minha história-de-mundo, da qual não posso me alhear (BITTAR, 2005, p. 184).

É justamente essa a reflexão central da hermenêutica em Gadamer, segundo a qual a realidade histórica define o modo de vida, mas também a maneira como interpreto e convivo com o mundo. Todos os dias há lutas com o mundo e, em muitos casos, o sujeito já estabeleceu pré-conceitos a partir de suas experiências peculiares que fazem com que esteja condicionado.

Esse particular empreendimento faz com que o positivismo filosófico e científico do século XIX sofra um abalo considerável, na medida em que mais importante é buscar a compreensão das experiências vividas pelo sujeito, visando ultrapassar pré-conceitos criados por ele mesmo e que se aninham nas vidas e podem causar prejuízos se não houver a libertação dos modelos que buscam universalizar os indivíduos.

Importante reflexão de natureza filosófico-hermenêutica acerca da saúde e doença foi trazida por Caprara (2003, p. 923-931), conforme abaixo transcrito:



Para esclarecer melhor a abordagem hermenêutica em relação à saúde e à doença, começaremos com um exemplo que se refere ao conceito de angústia (angst), tal como desenvolvido por Kierkegaard (1813-1855) e Heidegger (1889-1976). Para estes autores, a angústia deve ser considerada como elemento constitutivo dos seres humanos; em particular, para Kierkegaard (1952), a angústia constitui um estado fundamental da existência humana. Os seres humanos que não conhecem a melancolia têm um espírito que não conhece a metamorfose (Kierkegaard, 1952, 1972). Ao mesmo tempo, para Heidegger, a ansiedade não é um sintoma patológico, mas um estado que permite um acesso privilegiado de autoconhecimento (Heidegger, 1976).

Quando a saúde sofre algum abalo, o ser humano fica sensível, reflete sobre sua vida, sobre o que virá e o tempo que ainda pode dispor nessa experiência material. A patologia exige reflexão sobre a saúde e como a sua ausência evidencia uma falta que se torna o elemento identificado capaz de fazê-lo ficar frente a frente com o sentimento de finitude.

Nesse particular espaço de raciocínio, guarda posição de relevo os textos que Gadamer escreveu sobre saúde e que, no momento em que o mundo enfrenta reflexos deletérios motivados pela pandemia da COVID-19, são cruciais para a compreensão da relação entre os sujeitos envolvidos no processo de abordagem médica dos doentes e quanto às medidas sanitárias protetivas exigidas pelos protocolos internacionais.

No texto intitulado “o caráter oculto da saúde”, Gadamer (2006, p. 109), assevera que a verdadeira singularidade não se encontra tanto na doença, mas no milagre da saúde. Tal afirmativa remete ao foco central que é a importância de conceber que o objeto a ser analisado e recuperado é a saúde. O foco é na sua plenitude, entretanto, a doença, como fenômeno, precisa ser interpretada.

Gadamer (2006, p. 109) acrescenta uma distinção entre o que denominou de medicina científica e a verdadeira arte de curar. É perceptível a ligação com sua obra prima verdade e método quando recupera a importância do senso comum ao afirmar que não é somente o método científico que está capacitado a obtenção de verdades.

Gadamer (2006, p. 110) refere à pretensão do homem europeu de se considerar científico e, portanto, estar acostumado a expressões como qualidade de vida como representativas de um modelo assentado somente a partir da



modernidade. Porém, chama a atenção para o fato de que em determinadas sociedades ritos religiosos e procedimentos de cura são aplicados por curandeiros e curandeiras com capacidade de aferição de suas validades diante da experiência, o que revela uma tensão com a representação de verdade científica da sociedade contemporânea e a justifica o título do texto como “o caráter oculto da saúde”.

Gadamer (2006, p. 110) destaca que a ciência médica representa a ciência da doença, pois esta é representada por algo perigoso, uma perturbação, algo negativo com o qual é preciso lidar. A tradição científica mostra que é preciso existir um objeto a tratar, uma inquietação que precisa de resposta. Logo, a experiência médica deve estar voltada para a subjugação da doença e, por fim, da própria natureza na qual este estado patológico se manifesta.

Gadamer utiliza, ainda, do uso que a expressão “totalidade” passou a significar a partir do século XIX e o fato de que a especialização da arte de curar terminou se perdendo num labirinto, o que prejudicou a orientação para o todo. O autor sustenta que a ideia de totalidade deve valer para cada médico, cada paciente, os quais, afinal, somos todos nós. Prossegue reconhecendo que o que se seguiu, infelizmente, ao progresso da ciência, foi o enorme retrocesso no cuidado geral com a saúde e na prevenção de doenças.

Marcado pelo assombro oriundo da COVID-19, a comunidade global se encontra marcada pelas orientações de isolamento social e anseia pelo anúncio de uma vacina capaz de imunizar com segurança todas as pessoas.

No Brasil, as dúvidas acerca da eficácia de medicamentos para o combate da doença, aliado ao desprestígio parcial dos protocolos de segurança recomendados pelos organismos internacionais de saúde e referendados por especialistas dos principais órgãos de pesquisa em saúde do país vêm trazendo preocupação constante em relação ao controle da pandemia, mas essas são reflexões para uma futura abordagem.

REFERÊNCIAS



ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BITTAR, Eduardo C. B. Hans-Georg Gadamer: a experiência hermenêutica e a experiência jurídica. In: BOUCAULT, Carlos Eduardo de Abreu; RODRIGUEZ, José Rodrigo (Organizadores). **Hermenêutica Plural:** possibilidades jusfilosóficas em contextos imperfeitos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORDIEU, Pierre. **O capital social:** notas provisórias. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. (Organizadores). **Escritos de Educação.** Petrópolis: Vozes, 1998.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico.** Rio de Janeiro: Forense, 2009.

CAPRARA, Andrea. Uma abordagem hermenêutica da relação saúde-doença. **Cadernos de Saúde Pública.** Volume 19 (4), p. 923-931. Rio de Janeiro: 2003.

GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde.** Petrópolis: Vozes, 2006.

HORKHEIMER, Max. **Teoria crítica:** uma documentação. São Paulo: Perspectiva, 2015.



O AUDIOVISUAL SOB A ÓTICA FEMININA PÓS EFEITO WEINSTEIN: UMA ABORDAGEM SOBRE RELAÇÕES DESIGUAIS DE PODER, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO¹⁷⁶

Andréa da Silva Mendes Borges¹⁷⁷

Resumo: A indústria cinematográfica é um mercado que além de distribuir sua arte, distribui ícones e mitos que permeiam o imaginário popular com suas histórias. No estudo a seguir, é possível extrair as informações que o contexto dos anos de 2017 e 2018 fornecem sobre as mudanças que se deram a partir de denúncias de assédio sexual e desmistificam o glamour dos bastidores das produções. Para isso, foi feita uma análise exploratória inserindo os conceitos de identidade e representação para dar sustento às argumentações as quais defendem uma urgente revisão das relações de poder desigual que põe abaixo questões de representação feminina no cinema, especialmente em cargos decisórios.

Palavras-chaves: Identidade. Representação social. Assédio sexual. Cinema. Audiovisual. Representação feminina. Poder.

AUDIOVISUAL UNDER FEMALE OPTICS AFTER WEINSTEIN EFFECT: AN APPROACH TO UNEQUAL RELATIONSHIPS OF POWER, IDENTITY AND REPRESENTATION

Abstract: The film industry is a market that, in addition to distributing its art, distributes icons and myths that permeate the popular imagination with its stories. In the following study, it is possible to extract the information that the context of the years 2017 and 2018 provide about the changes that took place from reports of sexual harassment and demystify the glamor behind the scenes of the productions. To this end, an exploratory analysis was carried out, inserting the concepts of identity and representation to support the arguments which advocate an urgent review of unequal power relations that puts down issues of female representation on cinema, especially about decision-making positions.

Keywords: Identity. Social representation. Sexual harassment. Cinema. Audiovisual. Female representation. Power.

¹⁷⁶ Trabalho apresentado no Simpósio de Trabalho 7: Capital Social e Cultural, evento componente do VII Confluências. Outubro de 2020.

¹⁷⁷ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA). Pós-graduada em Marketing (Universidade Estácio de Sá). Graduada em Comunicação com habilitação em Publicidade e Propaganda (FEAPA). Atua como gestora de mídias sociais. Integrante do grupo de estudos: Arte, Imagem e Cultura (UNAMA)



AUDIOVISUAL BAJO ÓPTICA FEMENINA DESPUÉS DEL EFECTO WEINSTEIN: UN ENFOQUE A LAS RELACIONES DESIGUALES DE PODER, IDENTIDAD Y REPRESENTACIÓN

Abstracto: La industria del cine es un mercado que, además de distribuir su arte, distribuye iconos y mitos que impregnan el imaginario popular con sus historias. En el siguiente estudio, es posible extraer la información que brinda el contexto de los años 2017 y 2018 sobre los cambios que se produjeron a partir de denuncias de acoso sexual y desmitificar el glamour tras bambalinas de las producciones. Para ello, se llevó a cabo un análisis exploratorio, insertando los conceptos de identidad y representación para sustentar los argumentos que abogan por una revisión urgente de las relaciones desiguales de poder que abaten las cuestiones de la representación femenina en el cine, especialmente en los puestos de decisión.

Palabras-Clave: Identidad. Representación social. Acoso sexual. Cine. Audiovisual. Representación femenina. Poder.

1 INTRODUÇÃO

As relações de desiguais na sociedade são recorrentes e, por vezes, normalizadas e compreender o espaço que ocupamos é um desafio quando tomamos consciência que uns podem mais que os outros, por isso também a necessidade de compreensão das representações sociais. Aqui neste estudo, foi abordado como os processos de representação e sociabilidade vem sendo estabelecidos no audiovisual hollywoodiano após as denúncias de assédio e abuso sexual contra o ex produtor Harvey Weinstein. Como suas vítimas vêm ocupando os espaços que homens com poder se prevaleciam para reproduzir comportamentos predatórios.

Para a realização deste texto foi feita uma pesquisa exploratória dividida em três tópicos principais, a começar pela contextualização de abordagens extraídas de portais de notícias e estudos relacionados à identidade e representação no espaço da indústria cinematográfica estadunidense, especialmente o lugar que as mulheres ocupam desde as primeiras denúncias em outubro de 2017, traçando um panorama geral até os dias de hoje.



Na segunda parte, tratou-se das discussões levantadas a respeito do protagonismo da mulher no cinema americano, especialmente em cargos decisórios nesse mercado como produção e direção. Aqui foram enumeradas as mulheres mais proeminentes que despontam desde os escândalos sexuais que levaram várias figuras importantes à cadeia.

Na terceira parte, traçou-se uma descrição do momento atual em que as mulheres se encontram no mercado cinematográfico e como a identidade e representação feminina vem influenciando nas últimas produções por trás e em frente às câmeras.

Para dar suporte ao estudo, autores como Moscovici, Chebel e Malrieu foram trazidos por Maria Antonia Alonso de Andrade para o entendimento das Teorias das Representações Sociais adequado ao objeto analisado. Após abordar os três itens, passou-se para as discussão e resultados, culminado nas considerações finais.

2 IDENTIDADE E PODER NA INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA

Durante décadas, Harvey Weinstein foi o homem mais poderoso do cinema norte americano. Isso conferiu a confiança que precisava para cometer diversas modalidades de crimes sexuais, do assédio ao estupro e quem não cedia corria o risco de ter a carreira e a reputação destruídas, mas foi a partir das revelações feitas pela atriz Ashley Judd ao jornal *The York Times*¹⁷⁸ em sua versão online que o produtor viu tudo o que havia construídos desabar com sucessivas acusações desde então.

Os abusos ocorreram por décadas impunes, resultados de relações desiguais de poder normalizadas pela formação das identidades de cada um dos envolvidos, especialmente Weinstein: homem branco com poder aquisitivo. Todas essas características o colocavam em uma posição privilegiada na indústria

¹⁷⁸ Harvey Weinstein Paid Off Sexual Harassment Accusers for Decades. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2017/10/05/us/harvey-weinstein-harassment-allegations.html>>. Acesso em 15 de julho.



cinematográfica estadunidense. Isso é explicado pelo princípio de uma das três perspectivas individualistas, a biologista, apontada por Chebel apud Andrade (1995), onde características imutáveis de identidade como ser homem e branco confirmam uma posição de poder enquanto representação de tudo o que pode abranger tais características. Nesse caso, o criminoso se sentia licenciado a exercer seu poder sob forma de assédio, abuso e violência, fora as destruição de carreiras, como descrevem:

Ele abria caminho com um exército de advogados, valendo-se de punitivos acordos de confidencialidade com aqueles que trabalhavam com ele e, quando necessário, pagando os acusadores. Contratava empresas de segurança privada — formadas por ex-espiões — para cavar informações sobre mulheres e jornalistas que faziam denúncias contra ele. De qualquer modo, a maioria das mulheres das quais ele se aproveitava se mantinha em silêncio, por um sincero medo de que suas carreiras fossem comprometidas, enquanto os homens que poderiam ter tomado alguma atitude permaneciam ali e nada faziam, relutando em gastar seu poder numa luta. (HEIMANS E TIMMS, 2018, p. 10)

Já os processos identitários que abrangem as atitudes coniventes aos crimes de Weinstein poderiam se enquadrar às explicações dadas pela escola francesa, a qual considera a identidade abrangendo características individualistas, mas também a as construídas dentro de seus grupos como expõe Andrade (1995).

Em relação as mulheres agredidas, também cabem abordagens quanto a formação identitária e representação, pois tanto as agressões, coações, ameaças, acordos judiciais quanto a cultura do silêncio as colocava em uma posição subalternizada, onde a normalização das práticas abusivas as garantia permanência dentro do mercado. Quando Andrade menciona que a *protoidentidade*, que trata da questão individualista e a identidade social, ela supões que as duas não se dissociam, no entanto, quando se trata do contexto dos escândalos sexuais de Hollywood, ao que parece, as duas formações identitárias relacionadas às vítimas do ex produtor entram em conflito, uma vez que a *protoidentidade* se desconforta em relação a normalização das práticas predatórias de Weinstein, porém, a identidade social que as confere alguma



representação no meio hollywoodiano e manutenção da carreira se mantem estável, suprimindo a *protoidentidade*. Mesmo assim, a formação identitária da mulher ao longo da história é o da conformidade com os modelos patriarcais.

3 A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO CINEMA AMERICANO DESDE O EFEITO WEINSTEIN

Em outubro de 2017, a atriz Alyssa Milano se manifestou em sua página do Twitter encorajando mulheres a denunciar casos de assédio usando a hashtag #metoo, dias depois que a também atriz Ashley Judd concedeu ao jornal *The New York Times* em sua versão online denunciando os abusos de Harvey Weinstein. Desde então, não pararam de surgir denúncias em várias plataformas de redes sociais. A essa onda de denúncias que se configurou em movimento coordenado foi dado o nome de Efeito Weinstein (Cobb e Horeck, 2018).

O movimento #metoo traçou uma quebra de paradigma no sentido de revisão do papel representativo no audiovisual norte americano, mas transcendeu os limites desse campo, pois de modo geral, estava-se trazendo à tona a questão do assédio no ambiente de trabalho. As atrizes que encabeçaram o a iniciativa espelhou o comportamento de outras mulheres ao redor do mundo, portanto aquilo que se configurava em *protoidentidade* agora passa por um momento questionamento e revisão dos modelos de sociabilidade da mulher.

Quando usuárias da internet que passaram por situação de abuso se viram representadas em outras em posições proeminentes tomando a atitude de quebrar o silêncio sobre as questões de violência sexual, sentiram-se seguras e uma corrente se iniciou no sentido de não conformidade com as estruturas de poder historicamente reproduzidas. Todo esse processo resulta na queda daquele que é considerado a figura mais importante e temida e que compõe uma estrutura de poder que se configura no que Andrade (1995) vai chamar de núcleo central. Ela afirma que uma mudança de identidade só pode ocorrer quando o núcleo central muda, ou seja, quando a estruturação do núcleo é alterada.



Heimans e Timms (2018) definem como velho poder e novo poder as estruturas que se estabelecem e as descrevem da seguinte maneira, respectivamente: a primeira funciona como uma moeda que concentra detida e acumulada por poucos mantida cuidadosamente e quem representa maior poder tem estoque suficiente para utilizar sempre que necessário e, além disso, está em uma estrutura fechada, inacessível e guiada por um líder. O segundo é feito coletivamente, aberto, participativo e conduzida por pares em uma estrutura de corrente afim de canalizar ou invés de acumular e é mais forte quando aumenta de repente. Foi, nesse segundo modelo que as mulheres passaram por um processo de empoderamento em rede de maneira tão imediata que a hashtag *#metoo* em menos de vinte quatro horas já era o mais mencionada nas plataformas de mídias sociais.

Dalí em diante, o protagonismos da mulher no cinema passou a ser observado de maneira que algumas figuras, inclusive já premiadas passaram a elencar como os nomes mais fortes entre as mulheres de Hollywood, especialmente no cargos decisórios de produção, direção e roteiro. A respeito desse momento denominado por Cobb e Horeck (2018) como *pós Weinstein*, é importante ressaltar que é uma luta que está longe de terminar e precisa ser tratada com a consciência que é necessário ser levada com determinação para não se cair na armadilha de acreditar que o mercado está livre das práticas sistemáticas de abusos em todas as suas variáveis.

São destacadas aqui as mulheres que mais despontaram nesse período Pós Weinstein. Marasciulo (2019) as enumera:



VII CONFLUÊNCIAS

ARTES DE SER: ENTRELAÇE DE SABERES

Figura 1



Fonte: Revista Galileu, 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/11/conheca-5-mulheres-poderosas-de-hollywood.html>. Acesso em: 14 de julho de 2020

Figura 1: Shonda Rhimes, a showrunner criou e produziu diversos hits, entre eles *Grey's Anatomy*, *Scandal*, *How to Get Away With Murder* e *Private Practice*. Desde 2017, ela produz com exclusividade para a Netflix com sua produtora ShondaLand.

Figura 2



Fonte: Revista Galileu, 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/11/conheca-5-mulheres-poderosas-de-hollywood.html>. Acesso em: 14 de julho de 2020.

Figura 2: Ava DuVernay, a escritora, produtora e diretora foi a primeira mulher negra a ser indicada a um Golden Globe de direção e a um Oscar de Melhor Filme (por *Selma*). Ela também foi pioneira em dirigir um filme com orçamento de mais de US\$ 100 milhões (*Uma Dobra no Tempo*).



Figura 3



Fonte: Revista Galileu, 2018. Disponível em:
<<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/11/conheca-5-mulheres-poderosas-de-hollywood.html>>. Acesso em: 14 de julho de 2020.

Figura 3: Patty Jenkins, a diretora é a prova de que qualidade vale mais do que quantidade. Dirigiu, entre outros, episódios das séries Arrested Development, The Killing e Entourage. Mas foi por seu trabalho em Mulher-Maravilha, em 2017, que ficou bem conhecida: ela foi a primeira mulher a dirigir um filme de super-heróis, com uma protagonista do sexo feminino. A sequência do longa sai em 2020.

Figura 4



Fonte: Los Angeles Time, 2016. Disponível em:
<<https://www.latimes.com/entertainment/envelope/cotown/la-fi-ct-himi-bajaria-20160522-snap-story.html>>. Acesso em 14 de julho de 2020.



Figura 4: Bela Bajaria é quem escolhe quais séries internacionais serão produzidas originalmente pela Netflix. Desde o início de 2019, a responsabilidade está a cargo de Bela Bajaria. Antes disso, ela era vice-presidente de conteúdo, cuidando de licenciamentos e distribuição de séries nos EUA. Entre os projetos que ela ajudou a transformar em realidade está a série espanhola Elite. Tudo com menos de três anos de empresa — Bajaria trocou a Universal pela Netflix em 2016.

Figura 5



Fonte: Revista Galileu, 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/11/conheca-5-mulheres-poderosas-de-hollywood.html>. Acesso em: 14 de julho de 2020.

Figura 5: Dungey ocupa o cargo de vice-presidente de conteúdo original na Netflix, trabalhando na seleção e desenvolvimento de projetos do braço norte-americano da empresa de streaming. Antes disso, Dungey foi a primeira negra a presidir a ABC, rede de televisão da Disney que tem em seu catálogo séries como Grey's Anatomy, Modern Family, Black-Ish, The Good Doctor, American Idol e Shark Tank. Ela ocupou o cargo entre 2016 e 2018.

É importante destacar que dentre as cinco mulheres, apenas uma é branca e as demais são de origem afro e indiana. Isso é um reflexo que os padrões da indústria já começam mudar em estrutura, abrangendo maior diversidade, tanto de gênero quanto de etnia. Isso pode ser o indício do que é mencionado por:



[...] o acerto de contas pós-Weinstein reverbera amplamente: há lições importantes a serem aprendidas sobre como outras indústrias - em outros países - trabalham para contestar a desigualdade e promover mudanças estruturais significativas.¹⁷⁹ (COBB E HORECK, 2018, p. 491)

Neste tópico foi importante identificar estas cinco mulheres pelas suas imagens, nomes, etnias e cargos pelo que representam neste momento de quebra de paradigmas, sob o resultado do Efeitos Weinstein e seu desdobramento para Pós-Weinstein, depois do mundo virtual e material ter experimentado o movimento/ fenômeno hashtag *#metoo* (*#eutambém*), estabelecido pela quarta onda do feminismo que tem no digital uma de suas características mais emblemática.

4 O HOLLYWOOD DEPOIS DA ERA WEINSTEIN

Os valores determinados na indústria cinematográfica norte americana quanto a identidade e representações vinham basicamente de homens brancos e milionários, muito embora o início da história do cinema era marcado pelo visionismo feminino, como discorre Marasciulo (2019):

Quando a indústria cinematográfica de Hollywood surgiu, as mulheres eram a vanguarda, e foram essenciais para construí-la. Atualmente, porém, elas são minoria, em uma proporção de uma mulher a cada cinco homens trabalhando nas produções.

Desde as primeiras denúncias, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas da qual fazia parte o ex produtor, reuniram-se em caráter de urgência e deliberaram sobre sua imediata expulsão pelo comportamento

¹⁷⁹ Tradução nossa para “[...] the post-Weinstein reckoning reverberates far and wide: there are key lessons to be learned regarding how other industries—in other countries—work to contest inequity and advance meaningful structural change.



inadequado. Além disso, os organizadores também decidiram um código de conduta para seus membros (Cerioni, 2017).

O código de conduta para membros da academia publicado no portal Variety expressa os que:

(...) os membros também devem se comportar de forma ética, defendendo os valores da Academia de respeito pela dignidade humana, inclusão e um ambiente de apoio que estimule a criatividade". (VARIETY, 2018, p. 01, tradução nossa).

As negociações de venda da Weinstein Company que estava indo à falência em 2018 só seriam vendidas com a condição que a diretoria fosse ocupada majoritariamente por mulheres segundo o portal DW ¹⁸⁰.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de caráter exploratório buscou analisar como o cinema norte americano tem se estabelecido após a nova realidade em que o mundo se encontra, especialmente quando se trata de uma vida conectada em rede que foi fundamental na mudança de paradigmas para além dos bastidores da indústria em questão. Para isso as teorias de representação social e identidades estabeleceram a o pontos que foram discutidos.

As estruturas de relações de poder desigual no audiovisual hollywoodiano ainda podem passar por mais mudanças tanto em termos de condutas quanto os de representatividade e, para tanto, é necessário manter as discussões tanto na academia quanto na base da sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Alonso de. A Identidade como representação social. 1995.

CERIONI, Clara. Por que Hollywood não será mais a mesma após o caso Weinstein. Revista Exame, 2018. Disponível em: <

¹⁸⁰ Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-br/produtora-de-weinstein-ser%C3%A1-dirigida-por-mulheres-ap%C3%B3s-venda/a-42806060>>. Acesso em: 18 de julho de 2020.



<https://exame.com/casual/as-consequencias-do-caso-weinstein-para-hollywood/>>. Acesso em 18 de julho de 2020.

COBB, Shelley; **HORECK**, Tanya. Post Weinstein: gendered power and harassment in the media industries, *Feminist Media Studies*, 2018, DOI:10.1080/14680777.2018.1456155. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/14680777.2018.1456155>>. Acesso em: 14 de julho de 2020.

HEIMANS, Jeremy e **TIMMS**, Henry. O novo poder: Como disseminar ideias, engajar pessoas e estar sempre um passo à frente em um mundo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KANTOR, Jodi; **TWOHEY**, Megan. Harvey Weinstein Paid Off Sexual Harassment Accusers for Decades. *The New York Times*, 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/10/05/us/harvey-weinstein-harassment-allegations.html>>. Acesso em: 15 de julho de 2020.

MARASCIULO, Marília. Conheça 5 mulheres poderosas de Hollywood. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/11/conheca-5-mulheres-poderosas-de-hollywood.html>>. Acesso em 14 de julho de 2020.

Produtora de Weinstein será dirigida por mulheres após venda. Portal DW, 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/produtora-de-weinstein-sera-dirigida-por-mulheres-apos-venda/a-42806060>>. Acesso em 18 de julho de 2020.

Standards of Conducts and Process for Submitting Claims of Misconduct. Arquivos Portal Variety, 2018. Disponível em: <https://pmcvariety.files.wordpress.com/2018/01/standards-of-conduct-process.pdf>. Acesso em 16 de julho de 2020.



TRAVESSA CAMPOS SALES: COMUNICAÇÃO E MOBILIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA DO CORONAVÍRUS¹⁸¹

Leonardo José Góes Oliveira¹⁸²

Maíra Evangelista de Sousa¹⁸³

RESUMO: O bairro da Campina, em especial, carrega grande parte do patrimônio histórico e artístico da cidade de Belém/Pará, como exemplo a Travessa Campos Sales. Este artigo observa a mobilidade e a comunicação na via localizada entre a Rua Senador Manoel Barata e a Travessa Treze de Maio, antes e durante a pandemia de Covid-19. A pesquisa de caráter qualitativo, parte de uma análise, comparativa na via durante os meses de agosto de 2019 e de maio de 2020. Os procedimentos metodológicos abarcam a pesquisa bibliográfica, a observação registro fotográfico, bem como a descrição e a análise.

Palavras-chave: Travessa Campos Sales. Comunicação. Mobilidade. Pandemia de Covid-19.

LANE CAMPOS SALES: COMMUNICATION AND MOBILITY IN TIMES OF CORONAVIRUS PANDEMIC

ABSTRACT: The Campina neighborhood, in particular, carries much of the historic and artistic heritage of the city of Belém-Pará, as an example of Travessa Campos Sales. This article looks at mobility and communication on the road located between Street Senador Manoel Barata and Lane Treze de Maio, before and during the Covid-19 pandemic. Qualitative research, part of an analysis, comparative on the road during the months of August 2019 and May 2020. The methodological procedures include bibliographic research, observation of photographic records, as well as description and analysis.

Keywords: Lane Campos Sales. Commucation. Mobility. Covid-19 Pandemic.

¹⁸¹ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Capital Social e Cultural do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹⁸² Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UNAMA). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA). E-mail: leonardooliveiraarquitetura@gmail.com.

¹⁸³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e dos cursos de Comunicação Social da Universidade da Amazônia (UNAMA). Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCOM/UFPA). Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). É coordenadora do Grupo de Pesquisa Ubiquidade da Comunicação - UBICOM (UNAMA/CNPQ). E-mail: maira.evangelistadesousa@gmail.com.



TRAVESSA CAMPOS SALES: COMUNICAÇÃO Y MOVILIDAD EN TIEMPOS DE PANDEMIA DEL CORONAVIRUS

RESUMEN: El barrio de Campina, en particular, guarda gran parte del patrimonio histórico y artístico de la ciudad de Belém-Pará, como ejemplo de Travessa Campos Sales. Este artículo analiza la movilidad y la comunicación en la carretera entre Rua Senador Manoel Barata y Travessa Treze de Maio, antes y durante la pandemia Covid-19. Investigación cualitativa, parte de un análisis, comparativo en ruta durante los meses de agosto de 2019 y mayo de 2020. Los procedimientos metodológicos incluyen la investigación bibliográfica, observación de registros fotográficos, así como descripción y análisis.

Palabras-clave: Travessa Campos Sales. Comunicación. Movilidad. Pandemia de Covid-19.

1 INTRODUÇÃO

A Travessa Campos Sales, localizada em Belém/PA, anteriormente nos tempos de colônia (1530-1823), era conhecida como Travessa do Passinho. Duas edificações se destacam na via, estando presentes na história e memória da cidade, a Capela do Senhor dos Passos e a Biblioteca e Arquivo Público do Pará (CRUZ, 1992, p. 65-66).

A Capela, atualmente, se encontra em situação precária de conservação e aguarda restauração, assim como seu sobrado anexo, hoje descaracterizado, fato que gera reflexões sobre o uso das edificações na via. Já a respeito do Arquivo Público, esse foi restaurado pelo Governo do Pará em 2017. Atualmente serve como guardião da memória paraense para pesquisadores e visitantes (AGÊNCIA PARÁ, 2020). Hoje, a travessa Campos Sales apresenta comércio pujante sendo por lojas em prédios históricos descaracterizados, ou pelas ruas com vendedores ambulantes, que muitas obstruem o ir e vir.

A justificativa na criação deste artigo está em observar a necessidade de atenção da mobilidade em tempos antes e depois da pandemia, como forma de entender a dinâmica da via com todos os seus problemas atuais.



O objetivo deste artigo é observar a comunicação e a mobilidade na travessa Campos Sales, antes (agosto de 2019) e durante a pandemia de Covid-19 (Coronavírus) em (maio de 2020), a partir das várias mudanças no centro comercial da cidade. Para tanto, foi realizada uma comparação da via durante esses dois períodos, por meio da observação e do registro fotográfico, e posterior descrição e análise dos dados. A pesquisa tem caráter qualitativo.

A Covid-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, teve seus primeiros casos apresentados na cidade de Wuhan, na China, no final de novembro de 2019. A doença pode em muitos casos se apresentar como uma infecção branda, podendo também desencadear pneumonia, insuficiência respiratória e até a morte (OPAS, 2020).

Desde o início da pandemia de Covid-19, houve uma grande preocupação diante desta doença que se espalhou rapidamente em várias regiões ao redor do mundo, como no Brasil e no Pará, que possuem muitos casos e mortes, apresentando diferentes impactos na sociedade.

O anúncio de que o mundo vivia uma pandemia de Covid-19 foi feito pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 11 de março de 2020 (FREITAS; NAPIMOGA; DONALÍSIO, 2020). De acordo com a OMS, em 18 de março de 2020, os casos confirmados da Covid-19 já haviam ultrapassado 214 mil em todo o mundo. Não existiam planos estratégicos prontos e eficazes para serem aplicados à pandemia, ou seja, tudo é novo (FREITAS; NAPIMOGA; DONALÍSIO, 2020). Atualmente, segundo dados atualizados de outubro de 2020, se encontra com mais 38 milhões de casos, ultrapassando 1 milhão de vítimas no mundo (OPAS, 2020).

Diante deste contexto, este artigo está dividido da seguinte forma: na primeira parte, *Comunicação e Mobilidade nas cidades*, são explanados os conceitos que nortearão a discussão deste estudo; já na segunda, *A comunicação e a mobilidade na travessa Campos Sales antes e durante a Pandemia de Covid-19*, são apresentadas a descrição e a análise desta pesquisa.



2 COMUNICAÇÃO E MOBILIDADE NAS CIDADES

A sociedade e suas relações interpessoais sempre se transformam ao longo do tempo, estas relações apresentam um conceito abstrato, de incontáveis agrupamentos e configurações, tal conceito deve ser objeto para investigação, o qual cada um tem sua particularidade das formas individuais de existência (SIMMEL, 2006, p. 11).

Assim, para compreender a relação entre comunicação e mobilidade nas cidades se deve começar a entender a abrangência do processo comunicativo em si. Pode-se definir a comunicação como o compartilhamento de significado por meio da troca de informação, o processo é definido pela tecnologia da comunicação, pelas características dos emissores e receptores de informação, por seus códigos culturais de referência e códigos de comunicação, assim como pela abrangência do processo comunicativo (CASTELLS, 2015).

Justamente por ser uma forma de troca de informação, a comunicação não pode ser dissociada do conceito de mobilidade, pois ela “é uma forma de ‘mover’ informação de um lugar para outro, produzindo sentido, subjetividade, espacialização.” (LEMOS, 2009, p. 29).

A cultura da mobilidade não surge com a sociedade industrial, embora na contemporaneidade ocorra a ampliação da compressão espaço-temporal onde comunicação, mobilidade informacional e deslocamento de pessoas ao redor do mundo são correlatos e se ampliam, a cultura da mobilidade faz parte da evolução da cultura humana como um todo. Desse modo, a cultura da mobilidade na sociedade evolui de acordo com os períodos históricos, sendo importante reconhecer que a modernidade ampliou as formas de mobilidade, tanto física quanto virtual (LEMOS, 2009).

A relação entre mobilidade e sociedade sempre existiu. A definição mais básica evoca o movimento no espaço ao longo de um determinado tempo, envolvendo o deslocamento de um ponto A para um ponto B (CRESSWELL, 2006), podendo ser entendida como “o movimento do corpo entre espaços, entre



localidades, entre espaços privados e públicos.” (LEMOS, 2005, p. 3). Nesse sentido, o conceito

engloba tanto os movimentos em larga escala de pessoas, objetos, capital e informação em todo o mundo, quanto os processos mais locais de transporte diário, o movimento através do espaço público e a viagem de coisas materiais do cotidiano (HANNAM; SELLER; URRY, 2006, p. 1173, tradução nossa).

Logo, o conceito de mobilidade envolve: (1) os movimentos físicos: caminhar e escalar, além dos movimentos aprimorados por tecnologias como bicicleta, carro, ônibus, trem, navio e avião; (2) os movimentos de imagens e informações da mídia local, nacional e global: comunicações um-para-um – como telégrafo, fax, telefone, celular – e, comunicações muitos-para-muitos – como computadores cada vez mais em rede e embarcado; (3) as infraestruturas imóveis que organizam os fluxos (SELLER; URRY, 2006).

3 A COMUNICAÇÃO E A MOBILIDADE NA TRAVESSA CAMPOS SALES ANTES E DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Neste artigo, o objetivo é observar a mobilidade e a comunicação na via localizada entre Rua Senador Manoel Barata e Travessa Treze de Maio, antes de durante a pandemia de Covid-19, a partir de uma abordagem qualitativa. Partindo de uma análise comparativa na via durante os meses de agosto de 2019 e de maio de 2020.

A descrição e a análise apresentadas a seguir, foram realizadas com base na pesquisa bibliográfica, na observação e no registro fotográfico realizados na via. A Travessa Campos Sales (ver Figura 1) é marcada pelo intenso comércio, com um grande fluxo de pessoas durante o dia. Já no final da tarde e início da noite se torna perigoso transitar pela via por conta do risco de assaltos e outras situações (FERNANDES, 2019, p. 60).



Figura 1 – Travessa Campos Sales, bairro da Campina.



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Entre as edificações presentes na via, duas se destacam na história e memória da cidade, a Capela do Senhor dos Passos (ver Figura 2) e a Biblioteca e Arquivo Público do Pará (ver Figura 3) (CRUZ, 1992, p. 65-66). A Capela do Senhor dos Passos, que possui este nome pela procissão dos passos, cuja fundação não é exata, mas teria sido concluída em 1790, era propriedade do Barão de Jaguarari Ambrósio Henriques da Silva Pombo, que morou com sua família no sobrado anexo à construção, originando outra denominação à construção, Capela Pombo. O prédio foi passado de geração a geração (OLIVEIRA, 2008, p.55). Esta Capela, que está localizada no bairro da Campina, apresentando tombamento de bairro pela lei nº 7.709 de 18 de maio de 1994, esta mesma lei que também tombou o bairro da Cidade Velha em Belém/PA. (BRASIL, 1994).

Figura 2 – Fachada da Capela Pombo.



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.



Figura 3 – Biblioteca e Arquivo Público do Pará.



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Outra edificação importante situada na travessa, é a Biblioteca e Arquivo Público do Pará que já abrigou o Banco Comercial, mas desde o governo de Lauro Sodré (1901) até os dias atuais abriga documentos históricos do Estado do Pará (TORII, 2016, p. 33). Esta edificação foi tombada individualmente pelo Departamento de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural do Pará (DPHAC), no dia 02 de julho de 1982 (SECULTPA, 2015).

Hoje, além de ponto para vendedores ambulantes, a via se tornou um ambiente propício para pichações em suas edificações como exemplo a Capela Pombo (ver Figura 2). Apesar disso, suas percepções e memórias continuam imbricadas no cotidiano do bairro da Campina, sempre objeto de estudos para pesquisadores que analisam as edificações, a falta de mobilidade na via e comunicação através dos atores sociais que circulam na via (FERNANDES, 2020, p. 62).

O bairro da Campina, em Belém/PA, por ser um bairro totalmente tombado desde 1994, apresenta suas dificuldades no que se refere à mobilidade urbana. A via é estreita, apresentando tráfego e fluxo intensos de veículos e pessoas, aliado ao intenso comércio, além de vasto patrimônio de bens materiais, que se



encontram descaracterizados e com poluição visual, como o caso dos sobrados com azulejos portugueses anexos à Capela Pombo (ver Figura 4), que também sofre ações do tempo, aguardando restauração.

Figura 4 – Sobrados anexos a Capela Pombo descaracterizados.



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Além disso, outro problema identificado na via é sua mobilidade prejudicada, assim como nas outras vias no bairro do centro comercial, pela falta de investimentos em suas calçadas, que dividem espaços com postes, obstruindo a passagem das pessoas que acabam por usar a rua para fazer seu deslocamento diário, ocasionando risco ao pedestre.

Esses problemas são encontrados em toda extensão do trecho, foco do estudo da via, dividindo espaço com vendedores ambulantes, fazendo com que a comunicação no bairro seja intensa. Assim, através desta análise é possível perceber que no centro comercial esta questão é bastante discutida, para obter como resultado uma comunicação mais organizada com todos os atores que circulam nessa via, foi realizado uma análise comparativa entre a mobilidade e a comunicação na via (ver Quadro 1). A análise considerou o período normal, ou seja, anterior à pandemia.



Quadro 1 – Análise comparativa da mobilidade e comunicação na via.

MOBILIDADE NA VIA	COMUNICAÇÃO NA VIA
Vias estreitas com fluxo intenso de pedestres, carros e motos.	Poluição sonora existente em toda extensão da via.
Presença de calçadas sem estrutura adequada e postes de iluminação obstruindo o ir e vir nas vias	Poluição visual em postes de iluminação, fachadas e paredes de edificações.
Asfalto irregular em vários pontos dificultando o tráfego e fluxo.	Poluição e descarte irregular de lixo na via.

Fonte: os autores.

Diante das observações apresentadas do quadro 1, pode-se verificar através da comparação entre mobilidade e comunicação, que na via o fluxo de pessoas e veículos é recorrente e a falta de investimentos implica diretamente no ir e vir da população, provocado pela falta de planejamento urbano e viário na área.

Há muitos anos se discute, tanto na prefeitura e no governo do estado quanto em órgãos como o Instituto de Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN) sobre destinar o acesso às vias do comércio apenas para pedestres, com foco na João Alfredo e Santo Antônio que possuem uma estrutura passível para esta prática. No caso da Campos Sales, no trecho do estudo, por conta de sua extensão, outras soluções poderiam ser aplicadas, como o controle do fluxo em horários determinados, aterramento da rede elétrica e reestruturação da própria via.

No Pará, o primeiro caso foi em 18 de março na cidade de Belém, assim como no resto do mundo, no estado foi adotado o “lockdown” e quarentena obrigatória para assim conter a transmissão do novo vírus, diante disso, serviços não essenciais, como o comércio no bairro da Campina, ficaram fechados,



afetando a mobilidade na Travessa Campos Sales (ver Figura 5 e Quadro 2). Diante do decreto da prefeitura em 27 de abril só reabrindo dois meses depois diante da flexibilização e relaxamento de medidas (G1 PARÁ, 2020).

Figura 5 – Travessa Campos Sales com movimento e antes (agosto de 2019) e durante a pandemia (maio de 2020) do coronavírus.



Fonte: FERNANDES, 2019; Acervo Pessoal, 2020.

Quadro 2: Análise Comparativa antes e durante a pandemia do coronavírus na via

ANTES DA PANDEMIA	DURANTE DA PANDEMIA
Rua movimentada em horários de pico e fluxo de veículos intenso.	Rua pouco movimentadas e fluxo de veículos moderado.
Fluxo intenso de veículos e de pessoas e muitas aglomerações.	Poucas pessoas nas ruas com máscara e poucas aglomerações.
Lojas abertas e comércio abertos.	Lojas abertas e comércios abertos com restrições de entrada e segurança.

Esta mudança no cenário de lojas abertas em levantamento demonstrou quais quantas edificações são existentes no trecho estudado, quais estavam abertas e fechadas, além disso além da análise da preservação da fachada destas edificações,



como se pode ver nos (quadro 3) e (quadro 4) e nas colagem de fotos de algumas lojas (Figura 6).

Quadro 3: Lista de edificações e seus usos na Travessa Campos Sales.

LISTA DE EDIFICAÇÕES (TRAVESSA CAMPOS SALES)		
EDIFICAÇÃO	TIPO DE USO	NOME DA EDIFICAÇÃO
EDIFICAÇÃO 1	Comercial	Loja de Artigo Musicais (Sobrado)
EDIFICAÇÃO 2	Institucional	Arquivo e Biblioteca Pública
EDIFICAÇÃO 3	Misto	Defensoria Pública do Pará (c/5 lojas)
EDIFICAÇÃO 4	Misto	Edifício Residencial (c/ 4 lojas) Justo Chermont
EDIFICAÇÃO 5	Institucional	Capela Pombo (Abandonada)
EDIFICAÇÃO 6	Comercial	Loja Comercial Yamada (Abandonada)

No (quadro 3) é explanado a presença de uso misto e comercial constante na via, além de uso institucional como exemplo a Capela (abandonada) e o Arquivo Público, mostrando a diversidade do uso da via.

Quadro 4: Lista de estabelecimentos comerciais na Travessa e seu funcionamento durante a pandemia (maio de 2020)

LISTA DE ESTABELECIMENTO COMERCIAIS			
LOJA	FUNCIONAMENTO	LOJA	FUNCIONAMENTO
Loja Macedo Musical	Aberta	Loja de Bolsas	Fechada
Loja de Artigos (Malas)	Fechada	Loja de Varejo e Atacado	Fechada
Loja de Antenas	Fechada	Loja de Varejo e Atacado	Fechada
Ótica 1	Aberta	Ótica 2	Fechada
Loja de Varejo e Atacado	Aberta	Loja de Semijoias	Fechada
Loja de Fornituras	Fechada	Loja de Varejo e Atacado	Fechada



Figura 6: Lojas fechadas (acima) durante a pandemia e abaixo loja de artigos musicais (abaixo) aberta



Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

Ou seja, por conta da pandemia, houve uma diminuição do fluxo de pessoas nesta via, diminuindo tanto a comunicação (normalmente, a partir do contato físico) quando a mobilidade das pessoas (que circulavam pela região). Nesse sentido, por mais que a arquitetura da travessa juntamente com aspectos culturais dos moradores da região proporcionem determinados tipos de sociabilidade, tais comportamentos foram alterados por conta da Pandemia de Covid-19.

Desse modo, observou-se que antes da pandemia a via apresentava seu ritmo normal com aglomerações típicas do centro comercial da cidade. Realidade que mudou (ver quadro) no período da pandemia, quanto se pode notar que restrições no ir e vir e no comércio aconteceram, mudando o cenário com recomendações de distanciamento social e uso de máscara, para conter proliferação da Covid-19.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o objetivo de observar a mobilidade e a comunicação na Travessa Campos Sales, em Belém/PA. A partir da pesquisa bibliográfica, observação e registro fotográfico da via foi possível observar que a Travessa Campos Sales sofreu mudanças na mobilidade e na comunicação em relação a antes e durante a pandemia, pois antes a via tinha intenso fluxo de pessoas e veículos, e durante a pandemia isso mudou com as restrições de funcionamento de serviços, em que o dever é respeitar o distanciamento social e o uso de máscaras. Contudo, outros problemas antigos como poluição sonora e visual, assim como a descaracterização do patrimônio ainda permanecem nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2015.

CRESSWELL, Tim. **On the Move. Mobility in the Modern Wertern World**. New York: Routledge, 2006. Livro eletrônico, não paginado.

CRUZ, Ernesto. **As Ruas de Belém**. Belém: Editora Cejup, ,1992.

FERNANDES, Glenda. Cultura Material e Arqueologia no Contemporâneo: O Caso da Capela Pombo em Belém/Pará/Amazônia. **Revista Mosaico**, Belém, 2019.

FERNANDES, Glenda. Destruída Pelo Tempo: Capela Pombo como suporte de História e Memória. In: **Arqueologia Contemporânea e suas possibilidades: O Caso da Capela Pombo em Belém – PA**. Qualificação de Doutorado – Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

FREITAS, André; NAPIMOGA, Marcelo; DONALÍSIO, Maria Rita, 2020. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. Faculdade de Medicina São Leopoldo Mandic, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Saúde Coletiva, **Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília, Campinas, 2020.



G1PARÁ, 2020: Acessado em 21/07/2020, <https://g1.globo.com/pa/para/secretaria-estadual-de-saude-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-no-para>

HANNAM, Kevin; SELLER, Mimi; URRY, John. Editorial: Mobilities, Immobilities and Moorings. **Mobilities**, v. 1, n. 1, 2006. p. 1-22.

LEI ORIDINÁRIA DE RESERVAÇÃO E PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO, AMBIENTAL E CULTURAL DO MUNICÍPIO DE BELÉM E DE OUTRAS PROVIDÊNCIAS, 7.709/ 18 de maio de 1994 Acessado em 21/01/2020 em: <https://cmbelem.jusbrasil.com.br/legislacao/583044/lei-7709-94>

LE MOS, André. **Ciber-cultura-remix**. 2005. Acesso em: 17 ago. 2015.

LE MOS, André. Cultura da Mobilidade. **Revista Famecos**, Salvador, 2009.

OLIVEIRA, Domingos. **Capela Pombo: Belém Pará: Interpretações e Perspectivas**, Monografia de Especialização (UFPA/Fórum Landi), Belém, 2008.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acessado em 15/10/2020.

RODRIGUES, Lauana; ARAÚJO, Patrícia. O Direito Esquecido Pelo Tempo Consumido: Lazer e Mobilidade Urbana em Belém- Pará. **Revista Licere**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning A**, v. 38, n. 2, 2006. p. 207-226.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais da sociologia – indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

TAVARES, Darlane; LUCENA, Adriana; LEITE Sandra. **Arquitetura é Comunicação**. In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2014, João Pessoa-PB, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, João Pessoa, 2014.

TORII, Leonardo. **O Guardião da Memória do Estado do Pará: Acesso à informação e Política na Criação do Arquivo Público do Pará (1894-1906)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.



AS CULTURAS INDÍGENAS SÃO CARACTERIZADAS NO PARQUE DOS POVOS INDÍGENAS?¹⁸⁴

Luciélia de Aquino Ramos¹⁸⁵

Andre Demarchi¹⁸⁶

Cynthia Mara Miranda¹⁸⁷

Resumo: este estudo consiste na análise de elementos que compõem o parque dos povos indígenas, instalado em Palmas, capital do estado do Tocantins em 2017. o objetivo é identificar e analisar se os elementos construídos para homenagear os povos indígenas são representativos da sua cultura. a metodologia teve como base a etnografia, com captação de imagens dos elementos construídos no local, pela autora da pesquisa, para representação da cultura destes povos, agregando entrevista pertinente ao objetivo. os resultados e as discussões da análise levaram a questionamentos sobre os elementos representativos instalados no parque que fazem homenagem aos povos indígenas, que tem o intuito de provocar reflexões acerca das decisões sem consulta pública.

Palavras-Chave: Povos indígenas. Parque. Representatividade.

ARE INDIGENOUS CULTURES CHARACTERIZED IN THE INDIGENOUS PEOPLE'S PARK?

Abstract: This study consists of an analysis of the elements that make up the Indigenous Peoples Park, installed in Palmas, capital of the State of Tocantins in 2017. The objective is to identify and analyze if the elements built to honor indigenous peoples are representative of their culture. The methodology was based on ethnography, with the capture of images of the elements built in the place, by the research author, to represent the culture of these peoples, adding an interview relevant to the objective. The results and discussions of the analysis led to questions about the representative elements installed in the park that pay homage to the Indigenous People, which aims to provoke reflections on decisions without public consultation.

¹⁸⁴ Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho SIMPÓSIO 7:Capital Social e Cultural do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹⁸⁵ Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás, Mestranda em Comunicação e Sociedade, pelo PPGCOM, da Universidade Federal do Tocantins.

¹⁸⁶ Antropólogo, artista, pesquisador e professor na Universidade Federal do Tocantins (UFT), onde leciona no curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM). Possui Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (2003), Mestrado em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006) e Doutorado em Antropologia Cultural pela mesma instituição.

¹⁸⁷ Doutora em Ciências Sociais pela UnB, Professora Associada do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da UFT, Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Direitos e Igualdade (CODiG/Cnpq).



Keywords: Indigenous people. Park. Representativeness.

¿SE CARACTERIZAN LAS CULTURAS INDÍGENAS EN EL PARQUE DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS?

Resumen: Este estudio consiste en el análisis de los elementos que componen el Parque de los Pueblos Indígenas, instalado en Palmas, capital del Estado de Tocantins en 2017. El objetivo es identificar y analizar si los elementos construidos para honrar a los pueblos indígenas son representativos de su cultura. La metodología se basó en la etnografía, con la captura de imágenes de los elementos construidos en el hogar, por parte del autor de la investigación, para representar la cultura de estos pueblos, agregando una entrevista relevante al objetivo. Los resultados y discusiones del análisis llevaron a cuestionamientos sobre los elementos representativos instalados en el parque que rinden homenaje a los Pueblos Indígenas, lo que busca provocar reflexiones sobre decisiones sin consulta pública.

Palabras-Clave: Pueblos indígenas. Parque. Representatividade.

1 INTRODUÇÃO

Um parque, uma praça, são elementos que podem compor a morfologia urbana de uma cidade, espaço público de uso comum para usufruto da população. A capital do estado do Tocantins, Palmas, com 31 anos, em sua recente história é uma cidade planejada que já implantou parques e praças em seu espaço urbano, destacam-se: a praça dos Girassóis, o Parque Cesamar, o Bosque dos Pioneiros, a Praça da Árvore e o Parque dos Povos Indígenas. Estes lugares são frequentados por moradores, estudantes, crianças jovens, adultos, idosos e por turistas.

Este estudo se concentra no Parque dos Povos Indígenas, tendo o objetivo de analisar os elementos que caracterizam as culturas dos povos indígenas, que foram homenageados na criação deste equipamento urbano.

A comunicação destes lugares se relaciona com a identidade visual ou comunicação visual criada para se tornar público. Para Ferrara (2002, p. 15), “Os lugares correspondem a arquitetura ou ao design do espaço da cidade”.



Pretende-se correlacionar o equipamento urbano com a cultura indígena.

Afinal:

Povos que lutaram durante séculos para continuar existindo em condições jurídicas e de direito democraticamente iguais aos dos cidadãos brasileiros, tendo respeitados os seus modos de vida e formas de expressão cultural, como afirma nossa Constituição Federal (DEMARCHI; MORAIS, 2015, p. 17).

A abordagem da Cultura indígena neste estudo não será de aprofundamento antropológico. Para Geertz, (1989, p. 24), “Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir a sua particularidade”, afirma também que:

[...] o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano. De fato, esse não é o seu único objetivo – a instrução, a diversão, o conselho pratico, o avanço moral e a descoberta da ordem natural do comportamento humano são outros, e a antropologia não é a única disciplina a persegui-los. No entanto, esse é um objetivo ao qual o conceito de cultura semiótico se adapta especialmente bem. (GEERTZ, 1989, p. 24).

Analisar os elementos que compõem a cena urbana formada pelo Parque dos Povos Indígenas, não havia sido cogitado. Contudo, a partir de uma aula da disciplina Cultura, Comunicação e Território: Descolonizando a Comunicação, ministrada pelo professor Dr André Demarchi, do Mestrado em Comunicação e Sociedade do PPGCom, a percepção ficou aguçada. O professor mencionou em sala de aula o grafismo nas lixeiras do Parque, representando os povos indígenas e citou estudo dos autores David Kopenawa e Albert, Bruce, do livro: A queda do céu.

Para o desenvolvimento da pesquisa, o estudo de campo e a etnografia foram o pilar metodológico para captar os elementos expostos na praça e identificar o local como sendo de referência para os eles.

Foram produzidas durante a pesquisa de campo, realizada no dia 01 de dezembro de 2019, 168 imagens durante o período de 4 horas. Também foi realizada pesquisa paralela em busca de imagens no ambiente virtual. Desta forma, das 168 produzidas pela pesquisadora (com equipamento fotográfico



Nikon D3100), 8 (oito) compõe este estudo. Da pesquisa virtual, resultou a seleção de 1 imagem da inauguração do parque utilizada, inserindo também 4 imagens do grafismo indígena do Tocantins.

2 O PARQUE DOS POVOS INDÍGENAS

O Parque¹⁸⁸ dos Povos Indígenas (PPI), foi inaugurado como um espaço destinado ao reconhecimento da cultura e história desses povos, no dia Internacional dos Povos Indígenas, 9 de agosto de 2017. A matéria¹⁸⁹, publicada no site da prefeitura de Palmas, mostra que o Parque dos Povos Indígenas cria um sentimento de reciprocidade. Jacome (2017) afirma que este será o maior parque urbano do Brasil, em uma área de 17 quilômetros entre as áreas verdes dos córregos Sussuapara e Brejo Comprido.

Os indígenas que compareceram ao evento fizeram um show com apresentações de danças e lançamento de arco e flechas. Foram representados pelas nações Xerente, Karajá, Xambioá, Krahô e Apinajé. (JACOME, 2017)

3 POVOS INDÍGENAS

Durante os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas realizado em 2015 em Palmas, aconteceu o Fórum Social Indígena. Entre as temáticas, discutiu-se o reconhecimento dos territórios tradicionais, desafio que se vislumbra à garantia dos direitos indígenas. Para Roque (2017, p. 86) “A questão atinge igualmente

¹⁸⁸ Nesta primeira etapa foi realizado o paisagismo, a iluminação, a inclusão de uma pista profissional de skate, duas quadras de areia para peteca e badminton, playground, pista para caminhada com 700 metros, ciclovia, quadra para slackline, estacionamento, duas quadras de vôlei de areia e futevôlei com arquibancada para 528 pessoas, construção de banheiros públicos, espaço destinado à Feira das Cores, com estrutura para 30 barracas de produtos, instalação aparelhos para ginástica e reforma da praça da Árvore, que antecede ao parque.

¹⁸⁹

Matéria

disponível

em:

<https://www.palmas.to.gov.br/secretaria/infraestrutura/noticia/1505428/parque-dos-povos-indigenas-cria-um-sentimento-de-reciprocidade-entre-o-indio-e-o-nao-indio-diz-marcos-terena/>. Acesso em: fev. de 2020.



todos, inclusive os que atualmente estão estabelecidos em seus territórios, pois ainda são muitos os conflitos e as ameaças”.

Destaca-se ainda, a manifestação de um membro da etnia Xavante, que deixou a seguinte mensagem:

Nós não somos sem-terra – nós somos sem o direito deste reconhecimento no papel, de possuir aquilo que sempre foi nosso, já que estávamos nesse território muito antes da formação do Estado nação brasileiro (ROQUE, 2017, p. 86).

Ao longo dos tempos, os povos indígenas, viveram e ainda vivem situações discriminatórias. Marilena Chauí (1994), ao ler os “diários e cartas de Colombo, Vespúcio, Caminha e Las Casas – identificou que a descrição dos nativos da terra obedece a um padrão sempre igual: são seres belos, fortes, livres, sem lei, sem rei e sem fé. A essência de sua cultura não foi considerada, e ainda na contemporaneidade este é um assunto em discussão.

Para Freire 2002, é importante discutir essas ideias equivocadas, para se ter uma visão correta sobre a história indígena, sobre o Brasil atual, fazendo a seguinte explanação:

As sociedades indígenas constituem um indicador extremamente sensível da natureza da sociedade que com elas interage. A sociedade brasileira se desnuda e se revela no relacionamento com os povos indígenas. É aí que o Brasil mostra a sua cara. Nesse sentido, tentar compreender as sociedades indígenas não é apenas procurar conhecer “o outro”, “o diferente”, mas implica conduzir as indagações e reflexões sobre a própria sociedade em que vivemos. (FREIRE, 2002, p. 2).

Andre Demarchi e Odilon Moraes, trazem para reflexão “as cinco ideias equivocadas sobre os índios”, do artigo publicado pelo antropólogo José Bessa Freire em (2002), no artigo: Mais algumas ideias equivocadas sobre os índios ou o que não deve mais ser dito sobre eles, onde, Demarchi e Moraes, (2015, p.19) contextualizam discutindo acerca da grandeza e da simplicidade trazida por Freire. O texto é conduzido com uma variedade de exemplos que ilustram com



clareza cinco ideias que levam a compreensão do pensamento sobre os povos indígenas brasileiros.

Para Demarchi e Moraes (2015, p. 1),

Essas ideias sintetizam hábitos do pensamento e práticas cotidianas que são colocadas em ação por diferentes grupos da também diversificada sociedade brasileira que se auto identificam como não-indígenas (DEMARCHI E MORAIS, 2015, p. 1).

Este estudo tem sentido de contribuir para “diminuir a distância cultural”, ampliar o conhecimento, refletir sobre as ideias equivocadas “existente entre muitas populações locais e nacionais e os povos indígenas brasileiros”. (DEMARCHI; MORAIS, 2015, p. 22).

Ainda que ocorram distorções sobre a cultura indígena, o necessário de fato, é o reconhecimento dos seus modos de exprimir, manifestar e viver que lhes confira dignidade própria.

4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada teve como base a análise etnográfica, com pesquisa de campo e captação de imagens dos elementos que podem ser identificados como referência aos indígenas, por aqueles que projetaram o Parque dos Povos Indígenas. Das 168 fotos feitas do local, 08 (oito) fotos compõem o corpus desta pesquisa. O equipamento utilizado foi uma máquina Nikon D3100, o trabalho foi realizado no dia 01 de dezembro de 2019 a partir das 8h46 permanecendo no local até as 11h 20, em Palmas, Tocantins.

Das fotos analisadas, mais uma foi captada com mesma máquina considerando a necessidade de efeito comparativo, por se tratar de períodos diferentes, e mais 6 figuras de pinturas e desenhos de grafismo indígena, com imagens dois povos indígenas do Tocantins os Karajás e os Xerentes, que somam ao corpus da pesquisa.

Ao iniciar o estudo foi percebido que as fontes de informação e percepção pessoal poderiam trazer contribuição ao trabalho, assim, foi inserida fala de uma



pessoa sobre os elementos indígenas dispostos no Parque dos Povos Indígenas. A entrevista gravada foi transcrita, e compõe o acervo deste estudo, além dos conteúdos, teóricos, imagens e links de consulta.

Para constar e, também, a título de verificação, no que diz respeito ao conteúdo histórico do Parque dos Povos Indígenas, foi feita consulta nos meios de comunicação com o descritor “inauguração do parque dos povos indígenas do Tocantins” na plataforma de busca Google. Os veículos que noticiaram sobre a inauguração e estrutura do Parque alinhados e ao teor da matéria do site oficial da Prefeitura de Palmas.

5 ANÁLISE DOS ELEMENTOS

Elementos do PPI¹⁹⁰

01. Monumento Lança da Amizade:

O monumento Lança da Amizade, é composto de uma grande lança de metal, afixado com haste de metal sobre um tronco, com grafismo e cordas, formado por 7 troncos em dimensões diferentes e com grafite aplicado nas cores preta, branca e vermelho e uma placa de identificação.

Para compreender o que foi concebido para homenagear os povos indígenas, explicita-se o texto da placa: “Este monumento com a réplica da lança da amizade simboliza o conagraçamento dos participantes dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. A lança é repassada para todas as sedes do evento e aponta para um futuro de respeito e integração entre as nações. Ela é um resgate da nossa ancestralidade e marca do nosso orgulho de termos sediado os primeiros jogos Mundiais dos Povos indígenas da história da humanidade realizado em 2015. Palmas 09 de agosto de 2017, dia mundial dos povos Indígenas.”

Ao consultar um documento oficial dos Jogos mundiais dos povos indígenas: Brasil, 2015: o importante é celebrar! (ROQUE, 2017) não foi encontrado referência a Lança da Amizade. Ao pesquisar na plataforma Google

¹⁹⁰ PPI – Parque dos Povos Indígenas.



também não foi identificado que a Lança da Amizade seria repassada a cada local que sediasse o evento dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas.

Em entrevista concedida à autora da pesquisa, no dia 03 de fevereiro de 2020, ao ser perguntado sobre a lança da amizade, a placa e o grafismo, o indígena e engenheiro ambiental Avanilson Karajá respondeu: “A pintura desta placa não tem nada a ver, é arte de design gráfico, não é pintura indígena não, esta lança não tem nada a ver, não representa os povos indígenas do Tocantins, acho que isso tudo é tirado da internet”.

Karajá (2020) diz que: “Com relação ao parque: acho que ele deveria ser mais caracterizado com a identidade indígena. [...] não tem um monumento, mas se você for ver não tem nada da cultura indígena”.

Figura 1 e 2 – Grafismo nos troncos do Monumento



Fonte: a própria autora

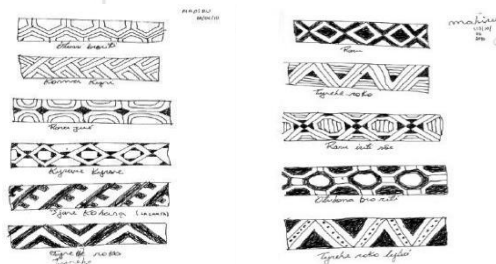
O monumento é composto de uma grande lança de metal, e afixado por um tronco com grafismo e cordas, com 7 (sete) troncos em dimensões diferentes e com grafite aplicado, pintura em cor preta e vermelho e ornamentado com cordas. Este elemento está em estado precário.

Não há histórico, de acordo com a entrevista realizada com Karajá (2020), da existência de monumento na aldeia, com esta composição de troncos. Para Filho e Silva, 2012, a arte de fazer grafismo nas bonecas Karajá, torna-se referência demonstrativa do fazer e produção do artesanato destes povos indígenas. Os desenhos dos grafismos indígenas usados para as bonecas



Karajá, exemplificados na figura 04 e figura 05, são desenhos em papel usados pela ceramista Mahiru, de Santa Isabel do Morro.

Figuras 3 e 4 – Grafismos desenhados em papel pela ceramista Mahiru.

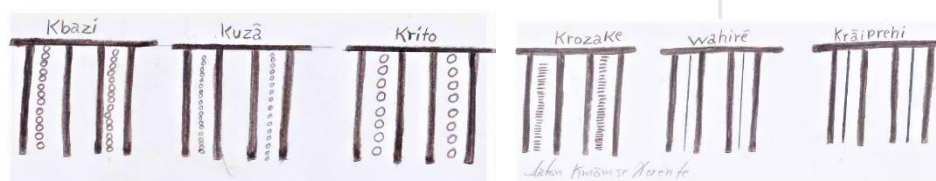


Fonte: Lima e Silva, (2012, p. 4)

Karajá (2020), explana que o uso do grafismo e pinturas pelos povos indígenas, está ligado a simbologia aplicada nas pinturas Karajá, relacionada, aos seres da natureza, a fauna, a flora, aos animais, as arvores e aos seus rituais tudo tem significado. A pintura já foi usada para guerrear, para camuflar, atualmente os indígenas ficam pintados no dia a dia, cada uma tem um significado, a pintura para moça, para o rapaz, para mulher casada, pintura para o homem, pintura para o lutador. Karajá (2020).

Os povos Xerentes, tem como referencial sua identificação em metades clânicas patrilineares e exogâmicas, desde crianças, em lugares de convívio diário, em sua e em outras aldeias, “por meio das simbologias das pinturas corporais clânicas das metades e suas subdivisões entre Doi (bolinhas – kritoizapto/círculo) e Wahirê (listra– ãhirê/traço)”.(MELO E GONÇALVES, 2017)

Figuras 5 e 6 – As metades exogâmicas patrilineares – Doi e Wahirê



Fonte: Melo e Gonçalves, (2017, p. 204) Autoria: Ailton Kmömse Xerente, jul. 2015.



Os Akwê, antes de aprenderem a usarem roupas, sempre estavam pintados, principalmente para se protegerem dos maus espíritos, que andam solto por aí. Anciã Eurides Xerente, jul. 2014 apud (MELO E GONÇALVES, 2017, p. 205). Para os indígenas a pintura é uma forma de saber, patrimônio cultural do seu povo, e deve ser passado de gerações a gerações.

02. Grafite nas lixeiras:

As lixeiras com o grafismo¹⁹¹ foi um dos elementos escolhidos para homenagear os povos indígenas no parque. Durante a realização da pesquisa foram encontradas 3 (três) lixeiras neste padrão, dispostas nas figuras 07.08.09.

Figuras 7, 8, 9 – Lixeiras com grafite



Fonte: a própria autora

As lixeiras foram pintadas com desenhos que lembram a geometria do grafismo indígena, na cor preta, mas não seguem o padrão e característica criteriosa da expressão indígena. Karajá (2020), afirma que em Araguaína, na via Lago, o município fez um calçadão remetendo a cultura Karajá: “só que eles fizeram a consulta para ver se aquela pintura era Karajá mesmo, para fazer o calçadão. É todo bonito, bem original mesmo, bem detalhado, tipo calçadão de Copacabana e foi muito interessante”.

As imagens retratam a proposta de homenagem aos Povos Indígenas no Parque dos Povos Indígenas. As lixeiras ficam expostas na extensão do espaço

¹⁹¹ A pintura foi realizada pelo artista grafiteiro Sandro Rios, sendo possível ver sua atuação no vídeo da matéria disponível em: MOREIRA, Heitor. Parque dos Povos Indígenas será inaugurado nesta quarta-feira (9) em Palmas. 09/08/2017. Bom dia Tocantins - Portal de Notícias Online G1, TV Anhanguera. <http://g1.globo.com/to/tocantins/videos/t/todos-os-videos/v/parque-dos-povos-indigenas-sera-inaugurado-nesta-quarta-feira-9-em-palmas/6065933/>. Acesso em fev. 2020.



público, tendo o objetivo de ilustrar um dos elementos eleitos como representativos dos povos indígenas.

Há uma divergência entre a forma de representação indígena e a aplicada nas lixeiras. Os povos indígenas, dentre as pesquisas realizadas, não inserem em lixeiras o seu grafismo, cada povo tem uma forma utilizar a pintura, seus traços, suas cores para expressar sua arte e os motivos de sua aplicação, o grafismo pode ser inserido no corpo, como também em objetos, que remetem aos modos de viver de cada um dos povos.

Observa-se que os desenhos dos povos indígenas Karajás e Xerentes, figuras 3,4,5 e 6 deste estudo, diferem dos traços grafitados nas lixeiras, em forma e detalhamento, o geometrismo indígena e a particularização utilizada por eles traduzem um legado cultural da vida destes povos, os traços, criam uma composição genuína dos indígenas.

Os grafismos indígenas dos Xerentes, expressam motivos que lembram a fauna e a flora, e geralmente revelam comportamentos e vivências: Na arte indígena, a pintura tem propósitos diversos, não é somente estética, há valores culturais transmitidos, estabelecendo função de cada um na aldeia, identificar estado civil, “Algumas índias utilizam esse método, por exemplo, para “dizer” que estão interessadas em encontrar um parceiro.”(MARQUES; BICALHO, 2017, p.1)

Os povos Karajá, também tem suas formas de exibir as pinturas e seu grafismo: a pintura corporal é dividida entre o feminino e o masculino do povo Karajá-Xambioá, especificidades, que dão identidade à cultura destes povos. Uma criança que recebe pintura corporal, com tinta extraída do jenipapo, no caso em ritual de Aruanã, a ela é dada a responsabilidade de buscar a alimentação do Aruanã. (ALBUQUERQUE; KARAJA, 2016, p. 45)

03. Grafite na lateral da pista de skate

Pintura livre, de cores diversas com a representação de duas cabeças indígenas, uma com cocar e outra com pintura facial, na parte dos olhos para representar o



indígena¹⁹². Sem detalhamento que destaque ou se torne uma homenagem que faça jus a história dos povos indígenas. As figuras 11 e 12 são inseridas para percepção da tipicidade das pinturas corporais dos povos karajá e Xerente para comparar com o grafismo na pista de skate.

Figura 10, 11, 12 – Grafite na lateral Pista de Skate, Pintura corporal tribo Karajá, Pintura corporal na tribo Xerente respectivamente.



Fonte: figura 10, a própria autora; figura 11, Indígena Karajá, Netuno 2010; Foto: Indígenas Xerentes por Elias Oliveira/Secom, 2016.

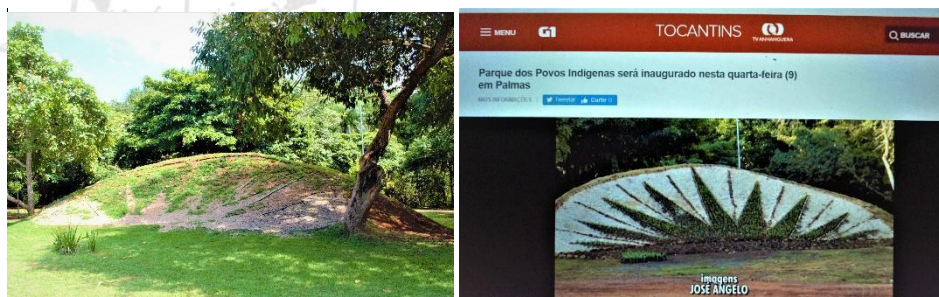
04. Cocar

Num elevado elaborado no terreno, se projetou um cocar com recorte, detalhado e ornamentado com plantas verdes.

¹⁹² Na Pintura corporal tribo Karajá, as pinturas significam, principalmente, a passagem de uma fase da vida para outra (com exceção da pintura diária e da pintura hojuju). Disponível: <http://blog-do-netuno.blogspot.com/2010/09/pinturas-indigenas-e-seus-significados.html>. Na Pintura corporal na tribo Xerente, estabelece tradição e função de cada um. Nesta figura os indígenas se pintaram e fizeram artesanato para presentear a Princesa da Bélgica. Disponível: <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2016/07/princesa-da-belgica-visita-aldeia-e-e-batizada-por-indigenas-no-tocantins.html>.



Figura 13 e 14 – Cocar



Fonte: autores.

Fonte: foto capturada pela autora, portal de notícias G1

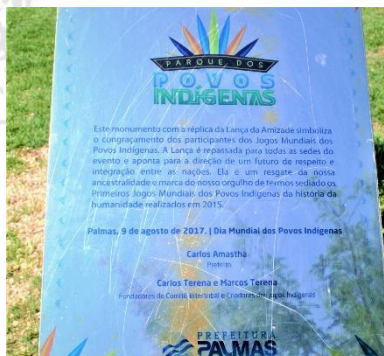
Nestas imagens percebe-se que o componente criado já perdeu sua caracterização e está longe de lembrar que é um cocar Indígena, representado com plantas quando o parque foi inaugurado, figura da direita, lembra um cocar recortado e a logomarca criada para o Parque dos Povos Indígenas. A obra construída está abandonada e não mantém a proposta inicial.

05. Placa – Identidade visual do PPI

A placa de inauguração do Parque dos Povos Indígenas, foi afixada em Palmas 09 de agosto de 2017, dia mundial dos povos Indígenas. O texto da placa foi transcrito no elemento 01 deste estudo, consta que a lança da amizade simboliza o conagraçamento dos participantes dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. A logomarca do Parque dos Povos Indígenas, exibe um conceito criativo definindo em nove penas coloridas estilizadas a representação do cocar indígena.



Figura 15 - Placa



Fonte: autores.

Karajá (2020) explana sobre a necessidade de consulta em casos de empreendimentos, de obra pública que seja relacionada com o indígena, deveria haver uma consulta, conforme convenção 169 OIT, (que prevê as consultas aos povos indígenas para este tipo de ação) e fez também referência ao artigo 231 da Constituição Brasileira, alertando para evitar este tipo de erro, como aconteceu neste espaço urbano que leva o nome de Parque dos Povos indígenas.

A Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), é um documento assinado por Deborah Duprat¹⁹³ em 23/08/16, e disciplina uma nova relação do Estado nacional com o seu “povo”. Seu público são os povos tribais e indígenas, considerando os seus modos de manifestar e suas vivências, demonstrando que se deve respeitar a sua cultura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo discutido neste artigo, muitos pensamentos continuam acesos para debruçar em outras pesquisas complementares e que culminem na ideia de entender os processos humanos, percepção que de alguma forma é

¹⁹³ Deborah Duprat é Subprocuradora-Geral da República e Procuradora Federal dos Direitos do Cidadão, A Convenção 169 da OIT e o direito à consulta prévia, livre e informada. Repórter Brasil. 23/08/2016. <https://reporterbrasil.org.br/2016/08/a-convencao-169-da-oit-e-o-direito-a-consulta-previa-livre-e-informada/> Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo com fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ).



possível acelerar a compreensão das culturas tradicionais dos povos indígenas. Bem como, de entender como a tratativa do branco se confunde com o desejo e vontade natural destas nações.

A análise dos elementos apresentou divergências entre o que foi construído para ser caracterizado como cultura dos povos indígenas, conflitando com os seus modos de representatividade no grafismo e na lança.

Considera-se que a representatividade dos elementos não alcança a essência da cultura dos indígenas, prevalecendo o nome do parque como principal elemento. Um espaço urbano para o entretenimento, o lazer, para atividades físicas, artísticas e culturais é um bem que se faz a sociedade.

Além das explicações socioeconômicas do urbano, estão as imagens da cidade que assimilam uma robusta realização humana, uma forma distinta de civilização (FERRARA, 2002, p.201). As características culturais sedimentam a cidade enquanto cenário diverso de signos, que cria uma linguagem, justifica e legitima, enquanto modo específico de produção.

O atributo da identidade permite conhecer um lugar, uma praça ou um parque, como entidade diferenciada, distinguindo-a dos demais logradouros, “configurando a imagem por meio da relação espacial entre si mesma e seu entorno, integrando ambos em um conjunto único, transformando-a simbolicamente, para o observador num espaço reconhecível e representativo de estímulo para práticas sociais”. (BARREIRA, 2007, p.7)

A simbologia proposta para o parque, enquanto representatividade dos povos indígenas, ainda não reflete as especificidades e justa homenagem a cultura dos povos indígenas, que venham transformar este cenário urbano.

Davi Kopenawa, em uma visita a um museu de Nova York, se deparou com objetos expostos, encontrou caixas de vidro, e dentro delas cadáveres de crianças com a pele enrugada. Kopenawa afirma que teve um sentimento muito ruim de tudo que presenciou, chegou a se enfurecer e expressar sua indignação. “Os brancos só tinham inimidade com eles. Depois, guardaram seus despojos e agora os expõem aos olhos de todos!” Que pensamento de ignorância!”. (KOPENAWA, 1991, p. 427)



Kopenawa (1991) ao sinalizar tal situação, gera uma reflexão profunda para os brancos e questiona se é interesse dos brancos mostrar os corpos mortos de seus pais, mães ou mulheres em um museu, em lugar dos ancestrais indígenas. O que eles pensariam se vissem seus defuntos exibidos assim diante de forasteiros, de milhares de visitantes?

Com base na reflexão de Kopenawa, um questionamento se desenhou: o grafismo inserido nas lixeiras do parque é a forma que os povos indígenas querem ser ver representados? Homenageados? Uma obra pública nestas dimensões, precisaria de consulta aos povos indígenas, por se tratar de elementos inseridos como reveladores da cultura indígena no espaço urbano que leva o nome de Parque dos Povos indígenas.

Não foi encontrado registro de consulta pública aos povos indígenas, no que tange a tomada de decisão para a construção daquele espaço. Diante do exposto, as decisões sem consulta aos homenageados silenciam a cultura indígena no parque que leva seu nome, assim o teor de uma homenagem acaba se transformando em ofensa e falta de respeito. Esta leitura realizada sobre este espaço público não se encerra podendo haver outros olhares e formas de interpretar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; KARAJA, Adriano Dias Gomes. **Aspectos Históricos e Culturais do povo Karajá – Xambioá**. Francisco Edviges Albuquerque e Adriano Dias Gomes Karajá (Orgs.) Campinas/SP: Pontes Editores, 2016.

BARREIRA, Kenniane Lenir Nogueira Carvalho. **PRAÇA DO BOSQUE DOS PIONEIROS: INTEGRAÇÃO SÓCIOAMBIENTAL EM PLENO SÉCULO XXI**. Mestrado Interinstitucional UnB e UFT em Arquitetura e Urbanismo. Arquiteta Especialista em Planejamento Urbano e Ambiental (UFT), Mestranda do

CHAUÍ, Marilena de Souza. 500 Anos-caminhos da memória, trilhas do futuro. **GRUPIONI, LDB Índios no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, p. 11-12, 1994.

DEMARCHI, André; MORAIS, Odilon. Mais algumas ideias equivocadas sobre os índios ou o que não deve mais ser dito sobre eles. **Projeto de Pesquisa**. Universidade Federal do Tocantins, 2015.



DUPRAT, Deborah. **A Convenção 169 da OIT e o direito à consulta prévia, livre e informada.** Repórter Brasil, publicação em 23/08/2016. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2016/08/a-convencao-169-da-oit-e-o-direito-a-consulta-previa-livre-e-informada/>

FERRARA, Lucrécia D'Alessio, **Design em Espaços**, São Paulo, Edições Rosari, 2002.

GEERTZ, Clifford. **“Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”.** In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 13- 41.

KARAJÁ, Avanilson, **Entrevista sobre o Parque dos Povos Indígenas**, concedida à Luciélia de Aquino Ramos, em 03 de fevereiro de 2020.

KOPENAWA, Albert, BRUCE, Davi **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami** / Davi Kopenawa e Bruce Albert; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro, ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira; SILVA, Telma Camargo da. **A arte de saber fazer grafismo nas bonecas Karajá.** Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 18, n. 38, p. 45-74, dez. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 05 jan. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000200003>.

MARQUES, Lorrayne Vieira; BICALHO, Poliene Soares dos Santos. **O CORPO COMO TELA: OS XERENTE**, ANAIS - Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – III SEPE ÉTICA, POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO. Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis de Ciências Socio econômicas e Humanas, 2017.

MELO, Elisângela Aparecida Pereira de, GONÇALVES, Tadeu Oliver. **PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS XERENTE EM COMUNIDADES DE PRÁTICA**, Revista Exitus, Santarém/PA, Vol. 7, N° 2, p. 191-215, 2017.

ROQUE, Lucas **Jogos mundiais dos povos indígenas: Brasil, 2015: o importante é celebrar!** / Lucas Roque, Marcos Terena, Juan Antonio Calfin e Taily Terena. – Brasília: PNUD, 2017. 104 p., il.



COMUNICAÇÃO E FIBROMIALGIA: INSTAGRAM COMO ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO DIGITAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS FIBROMIÁLGICOS (ABRAFIBRO)¹⁹⁴

Marlene Silva de Moura¹⁹⁵

Analaura Corradi¹⁹⁶

Ivana Claudia Guimarães de Oliveira¹⁹⁷

Resumo: O artigo procurou analisar a comunicação na página do Instagram da Associação Brasileira de Fibromiálgicos (ABRAFIBRO) objetivando identificar o engajamento das pessoas que sofrem de fibromialgia e de que forma o conteúdo é comentado e compartilhado pelos seguidores daquela página. Como metodologia, usou-se a pesquisa qualitativa descritiva com análise de conteúdo por meio de recorte específico do objeto de estudo, realizada em maio de 2020, com depoimentos realizados, na campanha sobre a importância do apoio familiar ao fibromiálgico, promovida pela Associação. Os dados coletados foram separados em categorias: como sua família pode ajudar? O que você gostaria de dizer a seus familiares mas não tem coragem? Por que minha família me apoia? O que um familiar pode fazer? Os resultados mostraram que o uso do Instagram como ferramenta para comunicação aos fibromiálgicos tem resultados positivos.

Palavras-Chaves: Comunicação. Fibromialgia. Instagram. Análise de Conteúdo.

COMMUNICATION AND FIBROMYALGIA: INSTAGRAM AS A DIGITAL COMMUNICATION STRATEGY OF THE BRAZILIAN ASSOCIATION OF FIBROMYALGICS (ABRAFIBRO)

Abstract: The article sought to analyze the communication on the Instagram page of the Brazilian Association of Fibromyalgia (ABRAFIBRO) in order to identify the engagement of people suffering from fibromyalgia and how the content is commented on and shared by the followers of that page. As a methodology, we used qualitative descriptive research with content analysis

¹⁹⁴ Trabalho apresentado ao SIMPÓSIO 7: Capital Social e Cultural do VII Confluências, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA), no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

¹⁹⁵ Psicóloga e Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA) – e-mail: pra.marlene@gmail.com.

¹⁹⁶ Doutora em Ciências Agrárias pela Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Docente do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA) – e-mail: corradi7@gmail.com

¹⁹⁷ Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade do Pará (UFPA), Docente do Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA) – e-mail: ivanaprofessora@gmail.com



through a specific clipping of the object of study, carried out in May 2020, with testimonials made, in the campaign on the importance of family support to fibromyalgia, promoted by the Association. The data collected was separated into categories: how can your family help? What would you like to say to your family members but don't have the courage? Why does my family support me? What can a family member do? The results showed that the use of Instagram as a tool for communicating to fibromyalgia patients has positive results.

Keywords: Communication. Fibromyalgia. Instagram. Content Analysis.

COMUNICACIÓN Y FIBROMIALGIA: INSTAGRAM COMO ESTRATEGIA DE COMUNICACIÓN DIGITAL DE LA ASOCIACIÓN BRASILEÑA DE FIBROMIALGIA (ABRAFIBRO)

Resumen: El artículo buscaba analizar la comunicación en la página de Instagram de la Asociación Brasileña de Fibromialgia (ABRAFIBRO) con el fin de identificar el engagement de personas que padecen fibromialgia y cómo el contenido es comentado y compartido por los seguidores de esa página. Como metodología, se utilizó la investigación descriptiva cualitativa con análisis de contenido mediante un recorte específico del objeto de estudio, realizado en mayo de 2020, con testimonios realizados, en la campaña sobre la importancia del apoyo familiar a la fibromialgia, impulsada por la Asociación. Los datos recopilados se dividieron en categorías: ¿cómo puede ayudar su familia? ¿Qué le gustaría decir a los miembros de su familia pero no tiene el valor? ¿Por qué me apoya mi familia? ¿Qué puede hacer un miembro de la familia? Los resultados mostraron que el uso de Instagram como herramienta para comunicarse con los pacientes con fibromialgia tiene resultados positivos.

Palabras-Clave: comunicación. Fibromialgia. Instagram. Análisis de contenido.

1 INTRODUÇÃO

Um número expressivo de pessoas vem usando as redes sociais que atuam como proposta de aproximar e socializar como Instagram, Facebook, Twitter e Tik Tok. Nesses espaços virtuais, a pessoa decide que página ou grupo quer se conectar, bem como será a visualização de seu perfil no ciberespaço, podendo alterar de acordo com sua motivação pessoal.



Algumas dessas páginas são de pessoas portadoras de fibromialgia¹⁹⁸ e grupos de pessoas que compartilham sintomas, terapias e/ou tratamento. A escolha deste trabalho foi pela página do Instagram da Associação Brasileira dos Fibromiálgicos (ABRAFIBRO)¹⁹⁹, organização não governamental (ONG) que existe há 13 anos, formada por pacientes e profissionais voluntários que informam e orientam sobre a Fibromialgia.

O objetivo do trabalho foi identificar na página do Instagram da ABRAFIBRO o engajamento das pessoas que sofrem de fibromialgia e de que forma as postagens são comentadas e compartilhadas pelos seguidores. A partir da definição do objeto de investigação, foi feita análise das postagens e dos comentários feitos nos depoimentos da campanha sobre o apoio familiar ao fibromiálgico, no mês de maio de 2020, em especial, porque no dia doze de maio é celebrado mundialmente o “dia da fibromialgia”. Foram analisadas as publicações durante o período de 31 dias.

A primeira seção do trabalho apresenta as redes sociais e de como elas fazem parte da vida das pessoas influenciando na maneira de interagir no meio pessoal e social. Sabe-se que através da internet pessoas dos mais diversos e distantes lugares do mundo tem se conectado e trocado experiências.

A segunda seção apresenta a ABRAFIBRO e de como a Associação tem trabalhado com a divulgação e orientação sobre a fibromialgia. A terceira seção trata do conceito, sintomatologia e tratamento da fibromialgia. A quarta seção aborda o percurso metodológico utilizado a fim de desenvolver o trabalho, tendo, como instrumentos o dia da postagem das mensagens no perfil do Instagram da ABRAFIBRO, os depoimentos e as curtidas e comentários.

Os depoimentos foram separados em categorias: como sua família pode ajudar? O que você gostaria de dizer a seus familiares mas não tem coragem? Por que minha família me apoia? O que um familiar pode fazer? Por fim, são

¹⁹⁸ Síndrome crônica marcada por dores musculoesqueléticas espalhadas por todo o corpo, com a presença de pontos dolorosos à apalpação, chamados de tender points.

¹⁹⁹ Link da página: <https://www.instagram.com/abrafibro/>



apresentados os resultados alcançados e as discussões realizadas com o referencial teórico proposto, seguido das considerações finais do trabalho.

2 REDES SOCIAIS E COMUNICAÇÃO DIGITAL

Os vínculos dentro das redes sociais tendem a ser fluidos, ou seja, rapidamente estabelecidos conforme a necessidade em um momento e desmanchado no instante seguinte. O termo “redes sociais” cobre um vasto espectro de agrupamentos sociais online dedicados a todo o tipo de atividade. Os laços firmados nas redes sociais ocorrem a partir de interesses comuns a fim de compartilhar conhecimentos, mas também engajar pessoas em questões políticas, sociais e culturais. “O poder de mobilização exponencial das redes sociais as torna um fator relevante para se pensar elementos da vida fora da internet” (MARTINO, 2014, p. 58). Para o autor, as características básicas da rede social têm dinâmica característica e estão relacionadas com o estabelecimento de relações e interações nos espaços virtuais ligado a lógica de ação das redes sociais.

Recuero (2009) define rede social como uma relação entre dois fatores: os atores (pessoas, instituições ou grupos) que atuam moldando as estruturas sociais e suas conexões (interações ou laços sociais). A internet trouxe uma nova maneira de interação, entendida por Thompson (1998, p. 79) como “Interação Mediada”, ou seja, maneiras de comunicação que lançam mão de meios técnicos como fios elétricos, papel, ondas eletromagnéticas, permitindo que a mensagem seja entregue ao receptor em outro espaço e/ou tempo. A internet é capaz de aproximar o que está distante viabilizando a comunicação entre pessoas, não apenas quanto à localização geográfica, mas também levando em conta as diferenças sociais, econômicas e culturais.

A comunicação pode encontrar muitos obstáculos que a atrapalham gerando significados relevantes para as pessoas. As dificuldades na



comunicação advêm de linguagens e saberes diferentes nem sempre compartilhados entre os interlocutores, limitações orgânicas do receptor ou emissor, imposição de valores e influência de mecanismos inconscientes (ACQUA,1997).

A comunicação não é uma ação passiva como compartilhar ou transferir alguma coisa, mas um tipo de vivência, uma experiência, uma imersão. A comunicação é um fenômeno com capacidade de desarranjar, provocar e, através disso, levar a pensar pelo incômodo provocado nas pessoas. O autor apresenta duas teses: Na primeira, a comunicação não permite que uma pessoa saia da mesma forma como entrou sem que ocorra algo que tenha possibilidade de alterá-la, pois promove transformação nos interlocutores. Na segunda tese, destaca que para acontecer a comunicação, é necessária a produção de sentido. O fato de se produzir em nossa interioridade novos tipos de arranjos, de se criar uma alteração na maneira como trabalhamos e pensamos (MARCONDES FILHO, 2019).

3 FIBROMIALGIA

A fibromialgia é uma síndrome crônica marcada por dores musculoesqueléticas espalhadas por todo o corpo, com a presença de pontos dolorosos à apalpação (*tender points*). O diagnóstico é clínico, já que não há alterações laboratoriais específicas (MAEDA; FERNANDEZ; FELDMAN, 2005).

O Colégio Americano de Reumatologia (ACR) estima que a definição de fibromialgia está baseada na presença de onze dentre dezoito pontos dolorosos (ACR, 1990) e identifica apenas 20% das pacientes com dor difusa. Os critérios apresentados pelo ACR, que visa estabelecer diretrizes baseadas em evidências científicas para o diagnóstico da fibromialgia, em 2010 e 2011, relacionam 56% de seus critérios à dor musculoesquelética.

Em 2016 foi proposta nova revisão de critérios para corrigir erros de classificação observados em pacientes com dor regional. Adicionou-se, então, um critério complementar, de dor difusa. Contudo, independentemente do



método diagnóstico usado para definir fibromialgia (clínico ou através de questionário que combina avaliação da dor regional e fadiga), um número substancial de diagnósticos positivos ocorre em contagens de pontos dolorosos (6-18 pontos) em correlação significativa com a intensidade da dor espontânea difusa (HEYMANN et al., 2017). É importante que tais fatores sejam destacados, pois, como as dores não são acompanhadas de inflamações nas articulações ou lesões que possam ser comprovadas por exames, o diagnóstico é clínico (PROVENZA et al., 2004).

Na fibromialgia, a intensidade da dor e a piora da qualidade do sono estão associadas a escores elevados de fadiga. A dor diária é o preditor mais importante que a depressão ou qualidade do sono. Há um padrão cíclico e disfuncional da dor e do sono não reparador subjacente à experiência de fadiga na fibromialgia (HEYMANN et al, 2017).

Os fatores associados a fibromialgia podem ser identificados por meio de instrumentos como: Questionário de Impacto de Fibromialgia (QIF), Escala de Fadiga de Avaliação, Questionário de Saúde Geral, Escala de Lidar com Dor Crônica e a Escala de Qualidade de Sono. Assim, são investigados aspectos relacionados aos fatores emocionais, atividade física, fadiga, qualidade do sono, capacidade funcional, tomada de decisão envolvendo expectativas sobre a doença, e o lidar passivo, que inclui a inatividade ou solicitação de ajuda externa (HEYMANN et al, 2017).

A fibromialgia é considerada uma doença “invisível” e sem cura, com etiopatogenia obscura, podendo ser confundida com outras doenças reumáticas e não reumáticas dado o quadro de dor e fadiga crônica. A condição dolorosa, além das limitações orgânicas, provoca uma série de comprometimentos socioafetivos. A sensação de incapacidade pode ser influenciada por fatores sociais e psicológicos, podendo acarretar perda laboral e surgimento de fatores psicológicos, com alterações no humor e sintomas depressivos, além de diminuição da atividade física, que afeta o quadro de dor (KNOPLICH, 2001).

Sentimento de culpa, baixa autoestima e vitimização também provocam a exacerbação dos sintomas e prejudicam as estratégias de enfrentamento do



paciente (BERBER; KUPEK; BERBER, 2005 apud HELFENSTEIN JR; GOLDENFUM; SIENA, 2012). O perfil psicológico das pessoas com fibromialgia está associado ao perfeccionismo, à busca obsessiva de detalhes e à autocrítica severa (WEIDEBACH, 2002).

O tratamento da fibromialgia baseia-se na associação da terapêutica medicamentosa, psicológica e reabilitação física, dependendo da gravidade dos sintomas, das características físicas e psicológicas e de fatores agravantes. Dentre as intervenções propostas, está o acompanhamento psicoterápico que pode ocorrer em grupos de apoio visando amenizar os sintomas. Orientar que a fibromialgia não será curada, mas que os sintomas podem ser controlados é de vital importância (HAUN et al., 1999).

Nesse contexto, a comunicação entre fibromiálgicos mostra-se terapêutica e se apresenta como uma ferramenta que pode auxiliar na condução do tratamento, pois a comunicação é um meio pelo qual as pessoas interagem e troca de informações. Ao analisar o conceito de comunicação como processo de interação onde pessoas se afetam pela troca de informações, percebe-se múltiplas emoções envolvidas como ansiedade, alegrias e medos, além das ideias e sentimentos. Na comunicação se compartilha mensagens, sentimentos e emoções que podem influenciar no comportamento a partir dos valores, crenças, história de vida e cultura.

Felipe Moretti et al. (2011) ao estudarem a fibromialgia entre usuários da internet apontaram que os usuários de redes sociais, ao procurarem informações sobre alguns fatores específicos, são favorecidos de várias formas, melhorando não apenas o relacionamento social, mas as questões clínicas no enfrentamento da doença. Há maior qualidade de vida e mudanças comportamentais positivas.

4 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS FIBROMIÁLGICOS (ABRAFIBRO)

A escolha deste trabalho foi pela página do Instagram da Associação Brasileira dos Fibromiálgicos (ABRAFIBRO), formada por pacientes e profissionais voluntários que trazem informações e orientações a quem quer



conhecer mais a Fibromialgia, com CID 10 - M79.7, na lista do Código Internacional de Doenças (CID).

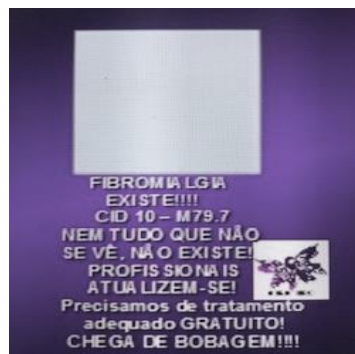
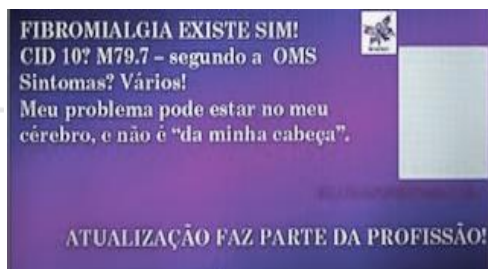
O Instagram surgiu no dia 06/10/2010 desenvolvido pelos engenheiros de programação Kevin Systrom e Mike Krieger, um aplicativo gratuito que permite tirar fotos, escolher filtros e compartilhar o resultado nas redes sociais. Através dele, é possível seguir outros usuários, curtir, comentar e compartilhar as imagens (PIZA, 2012).

A ABRAFIBRO começou a usar as redes sociais em 2007, no antigo Orkut²⁰⁰, quando praticamente ninguém falava sobre Síndrome de Fibromialgia (SF). A Associação teve início com mulheres portadoras de fibromialgia que se reuniram e criaram uma Associação virtual lutando por melhor qualidade de vida, tratamento gratuito, e conquista de políticas públicas para os fibromiálgicos.

A ABRAFIBRO não tem uma sede própria e, atualmente, possui 876 seguidores no site (www.abrafibro.com), quase 3 mil seguidores na página do Facebook, (<https://www.facebook.com/PagdaAbrafibro>), 792 no Twitter (@_abrafibro), 5,2 mil no Instagram (<https://www.instagram.com/abrafibro/>) e 6,23 mil inscritos no Youtube (<https://www.youtube.com/channel/UCRanYaHg3MwZ5upd-H7lcFg/about>) visando comunicação com pessoas portadoras de fibromialgia e levando aos fibromiálgicos, familiares, amigos, simpatizantes e estudantes uma vasta lista de assuntos, todos voltados à fibromialgia.

A página do Instagram da ABRAFIBRO teve sua primeira publicação no dia 09/04/2016 com divulgação da campanha “Fibromialgia existe sim” (Figura 1) com a proposta de conseguir que os profissionais de saúde pesquisassem sobre o tema: “Conseguiremos que os profissionais da saúde pelo menos pesquisem”. Foram publicadas duas fotos da campanha trazendo as seguintes mensagens:

²⁰⁰ O Orkut (nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco funcionário do Google) foi uma rede social filiada ao Google criada em 2004. Nela era possível ter um perfil, entrar em uma comunidade e interagir online com amigos e pessoas que compartilham o mesmo interesse - TORRES, Cláudio. A bíblia do marketing digital. São Paulo: Editora Novatec, 2009. O Orkut encerrou suas atividades em 2014.



Fonte: ABRAFIBRO. Fibromialgia existe sim. Disponível em: <<https://www.instagram.com/abrafibro/?hl=pt-br>>. Acesso em: 11 jun 2020

Com o passar do tempo e a possibilidade de expansão que as redes sociais permitem, a página passou a ser seguida por várias pessoas, sendo a grande maioria de portadores de fibromialgia. Através da página no Instagram, a ABRAFIBRO tem proporcionado interações se mostrando como mais um instrumento de divulgação e troca de experiências, visto que não há fronteiras entre as comunicações e as mídias sociais.

A página no Instagram da ABRAFIBRO viabiliza troca de informações sobre a fibromialgia e de como a família pode ajudar e ressalta em suas mídias sociais que a educação sobre a Fibromialgia é parte integrante do tratamento multidisciplinar ao paciente que deve se estender aos familiares e amigos.

5 METODOLOGIA

Como metodologia, utilizou-se a pesquisa qualitativa descritiva com análise de conteúdo por meio de um recorte específico da página do Instagram da Associação Brasileira de Fibromiálgicos do objeto de estudo que é o mês de maio de 2020 quando se comemora, no dia 12, o dia internacional da fibromialgia.

Bardin (2016) destaca que a análise de conteúdo designa: um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às



condições de produção das mensagens. Considera-se ainda, com base em Santos (2012), que uma análise de conteúdo, enquanto análise de significados, ocupa-se de descrições objetivas, sistemáticas e mesmo quantitativas do conteúdo extraído das comunicações, com suas respectivas interpretações.

A busca pelas informações foi realizada por meio das publicações presentes na página do Instagram da ABRAFIBRO. Para isso, o Instagram foi o facilitador cujo registro das publicações, ficam salvas na linha do tempo desde a criação da página ou perfil até a atualidade, o que permite a consulta de postagens e comentários mais antigos.

Foram selecionadas 31 postagens com depoimentos de pessoas fibromiálgicas publicadas no mês de maio de 2020 referentes a campanha divulgada em comemoração ao dia 12 de maio, dia mundial da fibromialgia. A seleção das postagens foi realizada a partir da campanha com tema “Apoio familiar” destacando o quanto o apoio da família é fundamental para as pessoas com fibromialgia. As postagens nos 31 dias do mês de março de 2020 contaram com 2.497 curtidas e 131 comentários.

Para análise, foram separados como instrumentos o “dia da postagem das mensagens”, os “depoimentos” e as “curtidas e comentários” para alcançar o objetivo de identificar, na página do Instagram, da ABRAFIBRO, o engajamento das pessoas que sofrem de fibromialgia dentro da rede com os fibromiálgicos e de que maneira o conteúdo é comentado e curtido. A análise se deu através de 03 fases:

Na primeira fase, foi realizada pré-análise para organizar os dias da campanha, os depoimentos, curtidas e comentários, identificando se havia concordância ou não dos seguidores com os depoimentos postados. Na campanha foram postados 30 depoimentos e realizada uma live²⁰¹, ambos curtidos e comentados. Algumas pessoas concordaram e outros discordaram a respeito das experiências pessoais citadas nos depoimentos a respeito do relacionamento com os familiares, no enfrentamento da fibromialgia. Foram

²⁰¹ Significa “ao vivo”, linguagem da Internet, caracteriza transmissões ao vivo feitas por meio das redes sociais.



registrados comentários de apoio, ânimo e orientações sobre como agir com a família durante em períodos de crise com a fibromialgia. Os moderadores do perfil estimularam o compartilhamento da página e da campanha, bem como a troca de experiências entre os seguidores.

Após pré-análise, os depoimentos foram separados através de 04 diferentes perguntas feitas nos 31 dias da campanha, bem como o número total de curtidas e comentários para identificar como as postagens foram recebidas pelos fibromiálgicos e demais seguidores da página. Os depoimentos foram separados nas seguintes categorias: Como sua família pode ajudar? O que você gostaria de dizer a seus familiares mas não tem coragem? Por que minha família me apoia? O que um familiar pode fazer? As perguntas foram correlacionadas com os comentários observando as características e objetividade, sendo destacados os comentários mais e menos curtidos em cada categoria.

Na terceira fase, foi realizada a interpretação dos dados onde se procurou comparar os comentários a fim de verificar semelhanças e discordâncias com as postagens. A utilização de unidades de registros através das mensagens postadas a cada dia da semana e separadas de acordo com as categorias separadas foram usadas para auxiliar na análise das postagens e comentários.

6 RESULTADO E DISCUSSÃO

Nesta etapa, serão apresentados os resultados coletados, na campanha da ABRAFIBRO, na página do Instagram com tema “APOIO FAMILIAR É O MELHOR REMÉDIO” – Dia Internacional da Fibromialgia – 12 de maio. Nos dias 01 a 19/05/2020, foram postados depoimentos com enfoque de “como a família poderia ajudar?”. No dia 16/05/2020 não houve depoimento, mas uma “live” com uma psicóloga e a Vice-Presidente da ABRAFIBRO sobre “Fibromialgia e Saúde Mental”. Nos dias 20 a 26/04/2020, os depoimentos foram sobre “o que fibromiálgico gostaria de dizer aos familiares, mas não tem coragem?”; nos dias 27 a 30/04/2020, o enfoque foi voltado ao “por que a família apoia?”; e no dia 31/04/2020, último dia da campanha, o depoimento final sobre “o que um familiar



pode fazer?” Contabilizando 2.497 curtidas, 131 comentários, 99 concordaram com a postagem, 02 não concordaram e o moderador fez 30 comentários de apoio, ânimo e orientações. Foram separadas para discussão as postagens com interação dos seguidores da página da ABRAFIBRO, no Instagram que tiveram maior alcance de público.

Na primeira categoria (Quadro 1) os depoimentos sobre como a família do fibromiálgico pode ajudar, foram postados por 20 dias (de 01 a 20/05/2020), sendo que no dia 16 não houve depoimento por conta da live sobre Fibromialgia e Saúde mental. A live teve o maior número de curtidas do período da campanha (333 curtidas). Os depoimentos tiveram 1849 curtidas, 91 comentários, 69 pessoas concordaram com a postagem e 02 não concordaram. Quem não concordou relatou ter apoio da família. O depoimento mais curtido (207 curtidas) foi o do primeiro dia da campanha (01/05/2020) sobre a importância dos familiares acreditarem na fibromialgia e no sofrimento de quem é acometido por ela. Percebeu-se através das curtidas e dos comentários que muitos portadores de fibromialgia são desacreditados pela família. Apenas 02 pessoas não concordaram dizendo ter apoio da família para lidar com a fibromialgia. O depoimento menos curtido (com 43 curtidas) falou da importância da família se importar com os sentimentos do fibromiálgico. Para este depoimento, uma pessoa comentou sobre o desejo que a família importe e se envolva com o tratamento. Foram observados 17 comentários do moderador do grupo.

QUADRO 1 - 1ª CATEGORIA: “COMO SUA FAMÍLIA PODE AJUDAR?”

1ª CATEGORIA: “COMO SUA FAMÍLIA PODE AJUDAR?”	
20 DEPOIMENTOS POSTADOS NOS DIAS: 01 A 20/05/2020	
CURTIDAS: 1849 COMENTÁRIOS: 91	
MAIS CURTIDO: Dia 01/05/2020 c/ 207 curtidas	MENOS CURTIDO: Dia 11/05/2020 c/ 43 curtidas.
Dia 01: “Gostaria que meus familiares acreditassem na minha doença e no meu sofrimento.” – S.M.J. com 207 curtidas e 28 comentários, sendo a maioria dos comentários sobre não ter ajuda dos familiares no enfrentamento da fibromialgia. Apenas 01 pessoa registrou ter ajuda da família;	Dia 11: “Gostaria que se importassem com o que eu sinto” – C.S. 43 curtidas e 01 comentário sobre o desejo que a família importe e se envolva com o tratamento;



Fonte: Marlene Moura, 2020

Na segunda categoria (Quadro 2), os depoimentos sobre o que o fibromiálgico gostaria de dizer aos seus familiares, mas, não tem coragem foram postados por 06 dias (de 21 a 26/05/2020), com um número menor de curtidas (394), 35 comentários e 21 pessoas que concordaram. Não houve comentário discordando do depoimento e 12 comentários de apoio do moderador. O comentário do dia 23/05/2020 se destacou com 92 curtidas e 12 comentários, um comentário se destacou entre os demais porque a seguidora comentou que por conta da fibromialgia, já havia tentado suicídio. O moderador fez 04 comentários de apoio, ânimo e solidariedade as pessoas que deixaram mensagens relatando dificuldades com a fibromialgia. O depoimento menos curtido (50 curtidas) foi postado no dia 22/05/2020 sobre o desejo de ter mais amor da família, com 50 curtidas e 05 comentários, uma seguidora relatou vergonha de ter fibromialgia e não gostava de falar sobre o assunto, outra dizia não gostar de ser chamada de “Maria das dores”.

QUADRO 2 - 2ª CATEGORIA: O QUE VOCÊ GOSTARIA DE DIZER A SEUS FAMILIARES MAS NÃO TEM CORAGEM?

2ª CATEGORIA: O QUE VOCÊ GOSTARIA DE DIZER A SEUS FAMILIARES, MAS NÃO TEM CORAGEM?	
06 DEPOIMENTOS POSTADOS NOS DIAS 21 A 26/05/2020	
CURTIDAS: 394 COMENTÁRIOS: 35	
MAIS CURTIDO: Dia 23/05/2020 c/ 92 curtidas	MENOS CURTIDO: Dia 22/05/2020 c/ 50 curtidas
Dia 23: “Desculpe, não tenho culpa de ter fibromialgia e dar tanto trabalho. Se eu pudesse, desistiria da vida para causar menos sofrimento” – F.B. 92 curtidas e 12 comentários revelando tristeza por se identificarem e 02 pessoas que registraram muito descontentamento e 01 que já sentiu vontade de tirar a vida: C.N. escreveu: “Infelizmente a fibro não afeta somente a nós quem tem a doença, mas aos da família tbm, há dois anos atrás tentei contra minha própria vida pra dá um fim em tudo e não dá mais trabalho... Hj tenho crises e simplesmente me recolho em meu quarto até melhorar para não preocupar os outros. Essa fibromialgia nos causa além das dores físicas, emocionais, nos dá até vergonha pq não é visível aos olhos das pessoas. É triste mas aprendi que aquilo que me faz pior hj	Dia 22: “Gostaria muito que um de vocês tivesse amor suficiente para cuidar de mim” – A.L. 50 curtidas e 05 comentários onde um relatava ter vergonha de ter fibromialgia e não gostava de falar sobre o assunto; outro comentário dizia não gostar da frase: “está com dor de novo?” e nem ser chamada de “Maria das dores”.



ignoro. Todos os dias é um aprendizado, um dia não estou muito bem, no outro estou pior e assim vou levando meus dias e ainda assim sou grata a Deus por tudo”	
--	--

Fonte: Marlene Moura, 2020

Na terceira categoria (Quadro 3), os depoimentos foram a respeito do por que a família apoia o fibromiálgico, postados de 27 a 30/05/2020, com um número menor ainda de curtidas (195) em comparação com as postagens anteriores e apenas 05 comentários. O depoimento mais curtido (56 curtidas) foi postado no dia 27/05/2020 falando sobre não menosprezar a dor do outro, não houve comentários. O menos curtido (43 curtidas) foi o depoimento do dia 30/05/2020 falando que comentários negativos não ajudam, mais apoio e empatia sim.

QUADRO 3 - 3ª CATEGORIA: POR QUE A MINHA FAMÍLIA ME APOIA?

3ª CATEGORIA: POR QUE A MINHA FAMÍLIA ME APOIA?	
04 DEPOIMENTOS POSTADOS NOS DIAS 27 A 30/05/2020	
CURTIDAS: 195 COMENTÁRIOS: 05	
MAIS CURTIDO: Dia 27/05/2020 c/56 curtidas	MENOS CURTIDO: Dia 30/05/2020 c/43 curtidas
Dia 27: “O que importa é não menosprezar a dor do outro e lembrar que sempre pode acontecer conosco ou alguém da nossa família” – L.G. 56 curtidas e 02 comentários apenas marcando pessoas para virem a postagem.	Dia 30: “Comentários negativos e atitudes controversas não ajudam. Apoio e empatia sim” – D.C. 43 curtidas e nenhum comentário

Fonte: Marlene Moura, 2020

A última categoria (Quadro 4) abordou sobre o que um familiar pode fazer para ajudar o fibromiálgico, postado dia 31/05/2020. O depoimento teve 59 curtidas e nenhum comentário, falou sobre como o amor e a disposição em ajudar são fundamentais a uma pessoa com fibromialgia.

QUADRO 4 - 4ª CATEGORIA: O QUE UM FAMILIAR PODE FAZER?

4ª CATEGORIA: O QUE UM FAMILIAR PODE FAZER?
01 DEPOIMENTO POSTADO NO DIA 31/05/2020
CURTIDAS:59 COMENTÁRIOS nenhum
Último dia da campanha trouxe a mensagem de incentivo e apoio ao fibromiálgico.



Dia 31: Eu te amo e vou fazer tudo o que for possível para te ajudar” – J.A.G. - 59 curtidas e nenhum comentário

Fonte: Marlene Moura, 2020

Também foi observado que a ABRAFIBRO tem moderadores que estimulam a troca de experiência entre os usuários e atividades informativas sobre a doença. Os moderadores fizeram 30 comentários durante o período com mensagens de apoio, ânimo e orientações como agir com o familiar diante de todas as categorias apresentadas. Nas quatro categorias estudadas foi possível identificar o desejo dos fibromiálgicos:

1. De serem acreditados quanto a doença, que é considerada “invisível” e sem cura conforme estudos de Knoplich (2001);
2. Em não serem rotulados por conta do sofrimento, pois acabam se sentindo culpados e com baixa autoestima o que, segundo a literatura exacerba os sintomas e prejudicam as estratégias de enfrentamento do paciente (BERBER; KUPEK; BERBER, 2005 apud HELFENSTEIN JR; GOLDENFUM; SIENA, 2012);
3. De receberem auxílio nas atividades domésticas, pois a sensação de incapacidade pode ser influenciada por fatores sociais e psicológicos, podendo acarretar perda laboral e surgimento de fatores psicológicos, com alterações no humor e sintomas depressivos variados, além de diminuição da atividade física, acentuando mais ainda o quadro de dor (KNOPLICH, 2001);
4. Na compreensão do sofrimento, pois o fibromiálgico a intensidade da dor e a piora da qualidade do sono estão associadas a escores elevados de fadiga (HEYMANN et al, 2017);
5. Na não cobrança por parte da família, pois a fibromialgia pode levar a quadros depressivos conforme constatação de Sá et al. (2005) que durante anos os pacientes fibromiálgicos são rotulados como doentes psiquiátricos, uma vez que, apesar das queixas generalizadas de dor e da acentuada fadiga, estas não são justificadas.



Foi possível perceber que a página no Instagram da ABRAFIBRO tornou-se um local importante para que os fibromiálgicos expressem seus sentimentos e motivações, além de compartilharem dores, sintomas e questões pessoais. Percebe-se, ainda, que quando a proposta é fazer com que o outro se sinta bem, a interação entre pessoas pode ser benéfica, em especial, com o compartilhamento de mensagens de apoio e solidariedade. Os resultados demonstraram que o uso do Instagram como ferramenta para comunicação com os fibromiálgicos tem resultados positivos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o uso da página do Instagram da ABRAFIBRO tem sido uma importante ferramenta para comunicação e apoio de pessoas que necessitam de atenção quanto a fibromialgia. Foi possível perceber o quanto essas pessoas estão engajadas e dispostas a comentar e compartilhar suas dores e dificuldades com a fibromialgia. E, ainda, como o apoio familiar se torna relevante para que o fibromiálgico encare melhor seu sofrimento.

A página do Instagram da ABRAFIBRO é local estratégico para que os fibromiálgicos expressem seus sentimentos e motivações, além de compartilharem dores, sintomas e questões pessoais. Os comentários de apoio, ânimo e orientações sobre a fibromialgia realizados pelos moderadores da página estimulam a troca de experiência e informam sobre a doença promovendo engajamento.

REFERÊNCIAS

ACQUA, M. C. Q. D. et al. Comunicação da equipe multiprofissional e indivíduos portadores de hipertensão arterial. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

HELFENSTEIN J. R. M.; GOLDENFUM, M. A.; SIENA, C. A. F. Fibromialgia: aspectos clínicos e ocupacionais. **Rev Assoc Med Bras**. v. 58, n. 3, p. 358-365, 2012.

HEYMANN, R. E; PAIVA, E. S.; MARTINEZ, J. E.; HELFENSTEIN, M. Jr.; REZENDE, M.C.; PROVENZA, J. R.; RANZOLINA, A.; ASSIS, M. R. A.; FELDMAN, D. P.; RIBERO, L.S.; SOUZA, E. J.R. Novas diretrizes para o diagnóstico da fibromialgia. **Rev. Bras. Reumatologia**, v. 57, n. 2, p. 467-76, 2017.



HAUN, M. V. A; FERRAZ, M. B.; POLLAK, D. F. Validação dos critérios do Colégio Americano de Reumatologia (1990) para classificação da fibromialgia, em uma população brasileira. **Rev. Bras. Reumatol**, v. 39, n. 4, p. 221-30, 1999.

KNOPLICH, J. **Fibromialgia Dor e Fadiga**. São Paulo: Robe Editorial, 2001.

MAEDA, A. M. C.; FERNANDEZ, M. I. G.; FELDMAN, D. Compreendendo a dor psíquica dos portadores de fibromialgia. **Rev. Bras. de Med**, v. 63, n.1, p.18-22, Jan/Fev, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A questão da comunicação Revista**. Fapcom, São Paulo, v. 3, n. 5, jan./jul. 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais. Linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MORETTI, F.A. et al. Avaliação do nível de conhecimento sobre fibromialgia entre usuários da internet. **Rev. Bras. Reumatologia**, v. 51, n. 1, p. 7-19, 2011.

PIZA, M. V. **O fenômeno Instagram: considerações sobre a perspectiva tecnológica**. Brasília – DF, 2012, 48p. Monografia (Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia), Universidade de Brasília. Disponível em:<https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012_MarianaVassalloPiza.pdf>. Acesso em 11 jun 2020.

PROVENZA et al. Fibromialgia. **Rev. Bras. Reumatologia**, v. 44. n. 6, p. 443-449, nov./dez., 2004.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SÁ, E. et al. A dor e o sofrimento: Algumas reflexões a propósito da compreensão psicológica da fibromialgia. **Revista Portuguesa de Psicossomática**, v. 7, n. 1-2, p. 101-113, 2005.

SANTOS, F. M. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 6, n. 1, p. 383-387, 2012.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade. Uma teoria social da mídia**. Petrópolis, Vozes, 1998.

WEIDEBACH, W.F.S. Fibromialgia: evidências de um substrato neurofisiológico. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 48, n.4, p. 291-299, 2002.



PRIVACIDADE DIGITAL: A INTOLERÁVEL VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA²⁰²

Walquíria Marcelina de Almeida²⁰³

Ivana Claudia Guimarães de Oliveira²⁰⁴

Rosângela Araújo Darwich²⁰⁵

Resumo: Os idosos brasileiros estão usando, cada vez mais, a internet para pesquisar, comprar e estreitar laços afetivos no mercado online. A tecnologia trouxe grandes benefícios que são inegáveis, no entanto, não veio sozinha. Os malefícios quanto à questão sigilosa de dados de segurança dos idosos põem em xeque a vulnerabilidade aos ataques cibernéticos, por meio da ação de pessoas más intencionadas. A partir dessa constatação, este artigo objetiva enfatizar de que forma os idosos são afetados na privacidade digital, seja negativa ou positivamente. Para tanto, realiza uma pesquisa descritiva e qualitativa Gil (2019). Concluímos que é importante a efetivação de punições jurídicas que garantam a proteção de direitos fundamentais da pessoa idosa em ambiente virtual.

Palavras-chaves: Internet. Idoso. Privacidade digital.

DIGITAL PRIVACY: INTOLERABLE VIOLENCE AGAINST THE ELDERLY PERSON

Abstract: Elderly Brazilians are increasingly using the internet to research, buy and strengthen affective ties in the online market. Technology has brought great benefits that are undeniable. However, she did not come alone. The harms of the confidentiality of elderly people's security data question the vulnerability to cyber-attacks through the action of bad people. Based on this observation, this article aims to emphasize how the elderly are affected in digital privacy, whether negative or positive. Therefore, it carries out a descriptive and qualitative research GIL (2019). We conclude that it is important to carry out legal punishments that guarantee the protection of fundamental rights of the elderly person in a virtual environment.

Keywords: Internet. Elderly. Digital privacy.

²⁰² Trabalho apresentado ao Simpósio de Trabalho Capital Social e Cultural do VII Confluências, realizado Pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagem e cultura da Universidade da Amazônia (Unama) no período de 20 a 21 de outubro de 2020.

²⁰³ Pedagoga e Mestranda de Comunicação e linguagem da Unama (PPGCLC) <https://orcid.org/0000-0002-2845-5440>

²⁰⁴ Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental (Naea/UFGA). Professora titular da Universidade da Amazônia (Unama) no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC). *Orcid:* <https://orcid.org/0000-0003-3194-7259>

²⁰⁵ Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento pela UFPA <https://orcid.org/0000-0001-7325-9097>



PRIVACIDAD DIGITAL: VIOLENCIA INTOLERABLE CONTRA LOS MAYORES

Resumem: Los brasileños mayores utilizan cada vez más Internet para investigar, comprar y fortalecer los lazos afectivos en el mercado en línea. La tecnología ha traído grandes beneficios que son innegables. Sin embargo, ella no vino sola. Los daños en cuanto a la confidencialidad de los datos de seguridad de las personas mayores cuestionan la vulnerabilidad a los ciberataques a través de la acción de personas con malas intenciones. A partir de esta observación, este artículo tiene como objetivo enfatizar cómo las personas mayores se ven afectadas en la privacidad digital, ya sea negativa o positiva. Por tanto, realiza una investigación descriptiva y cualitativa GIL (2019). Concluimos que es importante llevar a cabo sanciones legales que garanticen la protección de los derechos fundamentales de la.

Palabras-clave: Internet. Tercera edad. Privacidad digital.

1 INTRODUÇÃO

A conectividade instantânea em tempos atuais já é uma realidade que faz parte da rotina dos usuários idosos que passam a ter uma vida mais dinâmica, produtiva e cheia de possibilidades, principalmente relacionado à Tecnologia da Informação Comunicação (TIC) e sua expectativa de vida.

Antes de falar da conectividade na rotina dos idosos, é necessário esclarecer o conceito de velhice, assim sendo, Mirian Goldenberg (2016, p. 9) diz que “a beleza da velhice está exatamente em sua singularidade, também nas pequenas e grandes escolhas que cada indivíduo faz, em cada fase ao buscar concretizar seu projeto de vida e encontrar o significado de sua existência”.

Ainda sobre a utilização das TICs pelos idosos, percebe-se o porquê da necessidade da comunicação ser a base da vida social, um pertencimento identitário, com reflexões na econômica, política e áreas afins do conhecimento. Nesse sentido, a internet se tornou essencial por ser um fenômeno sem precedentes que atinge todas as dimensões sociais.

Em conformidade com a reflexão acima, Manuel Castell (2018), diz que “As redes sociais estão mais fortes do que nunca” e isso vem consolidando e



mudando os perfis de comunicação entre os idosos, então, para permanecer nas redes sociais eles precisavam utilizar objetos técnicos adequados de comunicação.

Este fato dinamiza o potencial social para melhor, mas essa convivência tem um preço muito alto: sua privacidade digital²⁰⁶. Segundo matéria disponibilizada no site Safernet.org.br sobre privacidade online, o termo está “relacionado com nosso direito de controlar os tipos de compartilhamento e uso das informações sobre nossas vidas e quem pode saber o que, e em quais condições”. Além disso, é um direito constitucional, que deve ser protegido ao longo do processo de aprendizagem digital e que parte do pressuposto de que:

Viver e envelhecer são assim fenômenos imbuídos do estado cultural, social, político, econômico e tecnológico de uma sociedade. As sociedades do conhecimento ou da informação, como as atuais, definiram novas possibilidades e limites para os idosos. Com a introdução das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), mudou o modo de acesso e produção de conhecimento (DIAS, 2012, p. 240).

É importante que se considere que a privacidade pessoal e digital que o indivíduo tem direito, quando exhibe, armazena ou fornece informações na internet, tem sido instrumento de imensa importância em comunicação digital, na mesma medida que os riscos de exposição ou de ser roubado nesses espaços.

Dessa maneira, a vigilância virtual é um espaço que necessita de muita cautela, pois necessita de critérios minuciosos para o acesso seguro às pessoas da terceira idade. O artigo intitulado. *Os meios de comunicação como extensões do homem*, produzido por McLuhan (2007), em sua literatura pertinente, apresenta como resultados obtidos que tudo o que o ser humano é capaz de criar são apenas extensões do seu próprio corpo, ou seja, o autor é considerado “humanista na era da comunicação”.

De acordo com o autor supracitado, sobre a expansão do mundo da mídia eletrônica, a tendência do mercado mundial é recriar o mundo à imagem da

²⁰⁶ Segundo o dicionário da Língua Portuguesa Amora, privacidade significa “Qualidade do que é íntimo”.



aldeia global e suas construções a partir de uma identidade mais compartilhada e conectada sem fronteiras e ilimitadas, permeando novos desafios e tendências dos indivíduos aqui em destaque: a terceira idade.

Nesse âmbito, a *cybercultura* é um conjunto de atividades e características comuns ao cidadão digital, que são marcadas pelo uso da TIC. São capazes de potencializar o indivíduo no universo digital, por reconhecer sua identidade e traços socioculturais que se relacionam com a tecnologia da informação (GARCIA, 2018 *apud* BRANT, 2014, p.150). Não podemos negar o poder da mídia na construção de realidades cotidianas, através das representações dos diferentes aspectos da vida humana e social dos longevos. Nessa perspectiva, Santaella argumenta que

as redes sociais, mais do que favorecer a circulação, abrem espaço para a formação de ambientes de convivência instantânea entre as pessoas, instaurando uma cultura colaborativa, em que todos participam, e que evolui conforme a necessidade e exigência de seus membros (SANTAELLA, 2016, p. 72).

Nessa direção, considerando o conhecimento como um processo dinâmico e necessário, a autora ressalta que as mídias sociais melhoram a capacidade cognitiva das pessoas longevas criando vínculos de experiências e bem-estar entre si e com os grupos vinculados virtualmente com os mais de 60 anos, que tem como perfis mais acessados: “facebook”, “Instagram”, “WhatsApp” e “Twitter”, e outros aplicativos em função da expansão da comunicação na internet.

A partir disso, os diversos sistemas operacionais na internet proporcionam ataques à liberdade da pessoa idosa. Nesta Perspectiva, sobressai o poder de exercer efeito semântico e político junto às tecnologias da informação e comunicação, que precisou se adaptar em salvaguardar e proteger os dados da pessoa idosa também em sua jurisprudência.

Nesse contexto, segundo a Constituição Federal de 1988:

Direito à Privacidade:



O artigo 5º da Constituição Federal de 1988 reza obrigação de assegurar direito à privacidade: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. (ESTATUTO DO IDOSO, 2017, p. 19).

Assim, considerando a relevância desse tema, o objetivo do artigo é verificar a percepção dos idosos sobre o seu processo de comunicação e os perigos de navegação desatento na rede.

Logo, as redes de comunicação se estabelecem com a quebra de paradigmas em todos os aspectos da sociedade onde os idosos são cada vez mais vítimas de crimes cibernéticos. Por não ter muito conhecimento de segurança ou fraudes na web, esse internauta não sabe distinguir a fraude de algo legítimo, explica Fábio Assolini²⁰⁷ (2016).

Este contexto inédito resulta na demanda por novas alternativas de acolhimento enquanto sujeito participativo dentro do sistema das TICs, sendo imperativa a implementação de ações protetivas, dentro do Marco Civil da Internet (Lei 12.965/2014), que regula direitos e deveres dos internautas na navegação para atenção das necessidades desta estrutura etária emergente.

O que se busca com o presente tema científico é somar a essa discussão atual, necessária e urgente, uma perspectiva reflexiva em relação a segurança de dados e o bem-estar dos idosos no meio cibernético.

2 METODOLOGIA

A partir do momento em que a privacidade digital para o idoso impõe desafios comunicacionais à prova de segurança virtual na rede cresceu o motivo da pesquisa e se tornou ainda mais relevante

Este estudo se constitui numa abordagem qualitativa, baseando-se na revisão na literatura bibliográfica e documental de notícias publicadas em periódicos científicos na plataforma Scielo, domínios públicos, livros, tese e

²⁰⁷ Segurança Digital da Kaspersky.



órgãos jurídicos que versam sobre o tema com as palavras chaves: privacidade digital e velhice no ano 2018/2019 sobre a codificação de segurança em rede.

Diante desse ponto de vista, a metodologia utilizada para este tema foi a pesquisa exploratória descritiva. Segundo Gil (2019), trata-se de uma pesquisa que tem por objetivo descrever uma determinada situação, realidade ou fato. Dessa forma, foi feito uma seleção e leitura do material explorado partir dos critérios palavras chaves e codificação.

Para fins de análise, foram vistos instrumentos de mídia, impactos e seus efeitos nos usos da privacidade digital, no contexto dos idosos. Assim, é bastante pertinente inserir o idoso nos cuidados de sua segurança virtual.

Com base na observação da literatura, de maneira geral, a segurança virtual apresenta avanços significativos nas tecnologias das TICs. Já no que diz respeito, a literatura demonstra vigilância constante em níveis diversos com graduação a meio e alta complexidade quanto às apropriações de privacidade pelos digitais, caracterizando a problematização, centro e guia da presente pesquisa.

3 NOVAS EXPERIÊNCIAS E NOVAS VIVÊNCIAS

A intenção básica da comunicação é melhorar o entendimento da realidade, as relações com os outros e se modificar a si mesmo e aos fatos. É essencial que os idosos compreendam que a maneira de perceber os acontecimentos à sua volta influencia a sua conduta mais do que a realidade da situação. Assim, Castells destaca:

A comunicação é compartilhada de significado por meio da troca de informação. O processo é definido pela tecnologia da comunicação pelas características de referências e protocolos de comunicação e pela abrangência do processo comunicativo (CASTELLS, 2015, p. 102).

Ou seja, à medida que, as nações se industrializam, mudanças nos padrões de vida e trabalho são inevitavelmente acompanhadas por uma



transformação nos padrões da comunicação dentro das mídias eletrônicas. Para o alcance desses objetivos o Estatuto do Idoso é redigido por princípios muito bem delineados, vejamos:

Art.24. os meios de comunicação manterão espaços ou horários especiais voltados aos idosos com finalidade informativa, educativa; artística e cultural e ao público sobre o processo de envelhecimento. (2017, p. 37).

Assim sendo, o uso de novas tecnologias está em todos os lugares e quem não se adapta à sua utilização se torna obsoleto no próprio contexto social. Sem dúvida, o surgimento de tecnologias para criação de conteúdos nos meios digitais, a consolidação das redes sociais como porta de entrada para conteúdos noticiosos e o consequente processo de plataformação são parte deste conjunto.

Essa mudança no padrão mostra que a pesquisa versa sobre a proteção virtual do idoso frente às novas tecnologias da informação e novas formas de comunicação que começam a se agrupar conforme as necessidades de consumo da sociedade para quem fala e ouve e para quem compra e consome.

O significativo aumento da longevidade humana é fato postulado e festejado nas últimas décadas. As especificações que o sistema de mensagens impõe ao ser humano, nas formas de pensar, sentir e atuar, ficam implícitas e informais. Sendo assim, o art. 3.º inciso IV do Estatuto do Idoso dispõe que:

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§ 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna. (2017, p. 37).

No Brasil, cada vez mais aumenta o número de pessoas acima de 50 anos envolvidas com as novas tecnologias. De acordo com a pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



A população idosa do Brasil em 2018 era de 28 milhões de pessoas, e a expectativa do próprio Instituto é de que, em dez anos, o número de idosos chegue a mais de 38 milhões de pessoas. A projeção para 2030, por exemplo, é de que, pela primeira vez, a população idosa brasileira seja mais numerosa que a de crianças, passando dos 43 milhões. (IBGE, 2019).

Além disso, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) mostrou que a terceira idade está cada vez mais conectada às tecnologias, seja por entretenimentos e lazer, seja por necessidade de adaptação ao mercado. As faixas etárias e a classificação sobre quem deve ser considerado velho ou não, envolve disputas simbólicas, econômicas e políticas.

Para tanto, é fundamental o comprometimento com a qualidade e segurança das “tecnologias para idosos”, uma vez que seus dados de domínio público podem ser utilizados por qualquer cidadão, que deseje pesquisar acerca do tema e que devem ser permeáveis à mudança, ao novo, à reconstrução:

Dessa forma, a tecnologia em saúde constitui uma importante ferramenta voltada às diversas condicionalidades e demandas inerentes ao processo de envelhecimento, podendo proporcionar melhora na condição de saúde e autoestima dos idosos, segurança no ambiente doméstico, subsídio de técnicas ao cuidado em ambientes médico-hospitalares, facilidade na mobilidade, comunicação e maior oportunidade no trabalho e no lazer, além de oferecer à pessoa idosa novas oportunidades e desafios, superiores às gerações anteriores. (ARAÚJO *et al*, 2017, p. 581).

Nesse sentido, o empoderamento da terceira idade no meio mediático se torna um processo que oferece possibilidades às pessoas de autodeterminar suas próprias vidas, efetivamente a partir de sua inserção nos processos sociais e políticos.

Conforme os autores Jorge e Sibília (2019) mediático

Entre todos esses deslocamentos, destaca-se o estrondoso sucesso das tecnologias digitais de comunicação através das redes informáticas, que não apenas permitem como também estimulam a conexão permanente com a maior quantidade possível de interlocutores, sacudindo as antigas barreiras entre os espaços públicos e o âmbito privado (JORGE; SIBÍLIA, 2019, p. 4).



Segundo os autores acima, os suportes tecnológicos, cada vez mais numerosos, tornaram-se socialmente disponíveis, eles têm dado origem à novas formas de discursividades para as mais diversas tarefas, tornando-se ainda mais essenciais.

Dessa maneira, a Internet 2.0 vem para potencializar a interatividade, a disseminação e o acesso às informações que vão desde o comércio eletrônico até os serviços de informações públicas. Além disso, partir da integração dessa navegação o crescimento do celular tornou-o a ferramenta principal nas mãos dos idosos, que ampliam a “boa velha conversa”²⁰⁸ de sempre, aumentando sua rede social e prolongando sua saúde mental.

É possível ressaltar que a relevância do celular e notebook traz uma vantagem significativa de instantaneidade. Mas antes de tudo, precisamos entender que:

A capacidade interativa de novo sistema de comunicação, que multiplica e diversifica os pontos de entrada no processo de comunicação geram uma autonomia sem precedentes para os sujeitos comunicativos se comunicarem amplamente (CASTELLS, 2015, p. 189).

Doravante, a conexão do idoso com a Internet consiste em não impor ou pregar o que julgamos ser melhor para ele, mas disponibilizar um recurso fantástico de interatividade, ouvir e ser ouvido, ler e ser lido, ver e ser visto:

A Cultura da conexão enfoca a lógica social e as práticas culturais que favoreceram e popularizaram essas novas plataformas – a lógica que explica por que compartilhar se tornou uma atividade tão comum, e não apenas como isso se deu. Nossa abordagem não supõe que as novas plataformas liberem as pessoas de velhas limitações, mas, em vez disso, sugere que as facilidades da mídia digital funcionam como catalisadoras para a reconceituação de outros aspectos da cultura, exigindo que sejam repensadas as relações sociais, que imaginemos de outro modo a participação cultural e política, que as expectativas econômicas sejam revistas e que se reconfigurem as estruturas legais (JENKINS, 2015 prefácio)

²⁰⁸(grifo meu).



Por sua vez, o aprendizado tecnológico depois dos 60 anos possibilita novas descobertas, experiências e vivências. Segundo essa lógica, a midiaticização não é um processo universal que caracteriza toda a humanidade, mas sim, um resultado operacional da capacidade de semiose da humanidade.

Neste sentido, a tecnologia da comunicação para idoso se apresenta como uma alternativa para promover a interação humano-computador. Será que é possível fazer as mudanças necessárias na tecnologia da comunicação para deixar o mundo mais seguro? Alguns autores como Araújo e Fortes (2017), além de várias áreas do conhecimento, creem que a inclusão digital pode ajudar e afirmam que:

O cuidado empoderador surge como uma atividade intencional, que permite ao idoso adquirir conhecimento de si mesmo e daquilo que o rodeia, podendo exercer mudanças nesse ambiente e na sua própria conduta. O empoderamento vai ao encontro das tecnologias leves, por ser um recurso que possibilita o sucesso entre as relações humanas envolvendo o profissional e o usuário, bem como deve haver a inclusão da família, das interações pessoais, da história e condições de vida, em busca da promoção da saúde (ARAÚJO e FORTES *et. al*, 2017, p. 589)

Conectados, os idosos se informam e partilham as informações sobre diagnósticos médicos, atividades físicas e lúdicas, beleza e culinária, entre outros, que leva consigo a tecnologia da comunicação a seu favor, ajudando a levar uma vida melhor e a se inserir na sociedade, ou seja, na grande parcela da população brasileira excluída.

Esse tem sido um dos grandes motivadores para esse público que faz parte da vida social coletiva, que muito vem contribuindo para que o Brasil seja efetivamente um país de todos.

4 O RESPEITO À PRIVACIDADE DIGITAL DOS USUÁRIOS IDOSOS

É necessário olhar esse idoso por outro ponto de vista, como sujeito e cidadão que carrega consigo, para dentro das instituições mediáticas, desejos, temores, sofrimentos e expectativas.



Em conformidade com esse pensamento Castro (2019, p. 27), “para a maioria das pessoas, mandar uma mensagem pelo correio eletrônico é apenas um momento de comunicação, mas para o idoso, receber uma mensagem eletrônica é ser lembrado por outros”. Dessa forma, o ciberespaço faz parte das redes sociais na internet, conectando-se com pessoas e criando novos laços sociais, a partir de suas angústias existenciais.

Por isso, a lei de proteção de dados pessoais cria respeito à privacidade dos dados – Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) nº13.709. Essa lei foi criada em 14 de agosto de 2018 pelo ex-presidente da república Michel Temer, para maior fiscalização protetiva de dados na rede.

Ainda que, a vigilância eletrônica hackeada esteja em todos os lugares, ela coloca em fragilidade muitos idosos, por vender dados pessoais no que se refere ao ajeite dos *cookies*²⁰⁹ e bancos digitais²¹⁰ e se sentem vulneráveis, angustiados e com medo, uma vez que na possibilidade constante, sem prévio consentimento da informação, ocorre perigo eminente.

Todavia, nesse mundo conectado, “o Estado nos vigia e o Capital nos vende, ou seja, vende nossa vida transformada em dados”, já dizia (CASTELLS, 2015, p. 16). Essa atividade simbólica é baseada no comportamento inadequada ao “ato criminoso virtual”.

É interessante notarmos que, atualmente, a humanidade está vivenciando um período de isolamento social devido à pandemia da Covid-19, o que mudou em vários aspectos a rotina do nossos idosos inclusive, expondo-os mais aos golpes cibernéticos. Contudo, diante desse quadro endêmico universal, cabe às autoridades públicas propor medidas protetivas de seguridade, já que nenhum princípio jurídico ao idoso deve ser suprimindo totalmente.

De acordo com Castells (2015, p. 1) em sua reportagem cujo tema “internet ameaçada”²¹¹ que voga os perigos que os usuários estão passando, é

²⁰⁹ O significado de “cookies” o Cookie é um arquivo de texto simples armazenado pelo navegador. Fonte: <https://www.hostgator.com.br>, 2020.

²¹⁰ Os bancos digitais são instituições financeiras em que todo o acesso e utilização são feitos online, inclusive o atendimento aos clientes. Fonte: <https://www.dicionariofinanceiro.com>, 2020

²¹¹ Fonte: <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/castells-a-internet-ameacada/>



possível perceber a conformidade da afirmativa acima no trecho “Sem dúvida, não é difundida porque contradiz o modelo de negócio das empresas de internet: a coleta e venda de dados para publicidade focalizada, que constituem 91% dos ganhos do Google”.

Logo, eles, os idosos, precisam ter cuidado com as redes de informação, pois a segurança está ameaçada, haja vista que o roubo de identidade é um dos crimes que mais cresce no mundo. Um estudo na Central de Serviços dos Bancos – Serasa (2017), publicado recentemente, mostrou que pessoas com mais de 60 anos são as mais visadas pelos golpistas.

Como pode ser visto acima, os idosos muitas vezes caem nesses golpes devido a ataques criminosos e, por isso, perdem dados, dinheiro ou ambos por vírus anexados aos e-mails, anúncios comerciais excessivos, por causa da fragilidade do corpo humano. O uso "obrigatório" da internet tem prejudicado gravemente a saúde dos idosos.

Segundo dados contidos no gráfico abaixo, em 2018 houve um aumento de 12% de ataques contra idosos, do primeiro trimestre ao segundo, o que significa que as ocorrências tendem ao aumento.



Fonte: Wagner Wakka, 2018.

De acordo com a federação, mais de 70% das fraudes estão relacionadas à engenharia social, que é o momento de induzir os clientes a fornecer informações confidenciais e senhas aos fraudadores. Os ladrões estão aproveitando o aumento nas transações digitais que foram agravadas pelo isolamento social, e os dados pessoais desses usuários ficam vulneráveis a fraudes.



Segundo Pinheiro (2019, p. 1) “Os criminosos estão migrando para esse ambiente devido à comodidade de aplicar golpes e também à falsa impressão de anonimato”.

Com diversos indicadores, mais idosos estão usando a internet e se adaptando rapidamente às redes sociais. Nessa faixa etária, 58% do acesso à internet é obtido pelos celulares somente. Outros 33%, pelo celular e pelo computador. Somente 8% usam apenas o computador para acessar a rede. Os dados são da nova pesquisa TIC Domicílios (2018), do Cetic.br.

No entanto, é comum que fiquem confusos ao lidar com o universo voraz das informações disponíveis na web. Cada vez mais conectada, essa faixa etária também está exposta aos riscos do ambiente virtual. Afinal, é preciso se instrumentalizar para o processo de acesso às informações, não só relativas a promover a saúde, mas também sobre os mais diversos assuntos.

Por conseguinte, é no contexto diário que a vulnerabilidade do idoso vai emergindo no uso inconsequente das redes sociais que pode gerar crimes e violências, como bullying digital, roubos, sequestro, pedofilia e até mesmo ações de concorrência desleal entre eles.

Preocupamo-nos com a capacitação da população idosa quanto ao uso da linguagem da internet, para que possa acompanhar o progresso tecnológico. Neste sentido, existem medidas de proteção.

Em outro enunciado, a segurança da informação coloca os principais riscos aos ataques na internet. Por exemplo, quando há invasão de privacidade, ou seja, alguém, indevidamente, coleta informações que trafegam na rede sem estarem criptografadas, como o conteúdo dos e-mails enviados e recebidos por você.

Outros aspectos negativos que alertamos é sobre o contato com pessoas mal-intencionadas que geram códigos maliciosos (Malware), seguidos pela obtenção ao acesso aos dados que você digita ou que estão armazenados em seu computador, colocando em riscos sua imagem, seus hábitos e suas preferências de navegação



Dentre os riscos para idosos estão: o desconhecimento dos hábitos na rede, pois não são nativos digitais. É grande o risco de caírem em golpes, especialmente de “phishing”²¹² (e-mails falsos que levam a pessoa a revelar dados pessoais e financeiros), e também serem presas fáceis para “fake News”²¹³ ou engenharia social (que são SMS ou telefonemas que visam a aplicar golpes financeiros).

Mas as tecnologias para idosos são consideradas importantes ferramentas de integração digital na sociedade atual, respeitando seus limites. Portanto, a base para a participação desse idoso no ambiente digital é a sua capacidade de possuir novas tecnologias relacionadas à informação e comunicação.

Na prática, os netos são ótimos companheiros nessa jornada de descobrimento, porque uma criança ou adolescente tem total domínio da ferramenta e acaba por ensinar como usar o equipamento. Jenkins (2015) afirma que:

mesmo com esse desejo do desenvolvedor de prever tecnologicamente como deve ser o uso popular ou em nichos de determinada tecnologia, “as tecnologias” nunca poderão ser projetadas de maneira absoluta como o material deve ser distribuído dentro de determinado contexto social e cultural. (JENKINS, 2015, p. 65)

Para os autores Martins e Souza (2018), a estruturação para a vida cotidiana movida pela informação, mesmo com acesso fragmentado é desigual. Esse modo de viver determina as interações entre o indivíduo e a informação. No entender das falas dos autores mencionados, a centralidade da sociedade em rede também tem acentuado várias desigualdades entre países, grupos e pessoas, no que diz respeito ao acesso à internet.

A nova interdependência eletrônica recria o mundo em uma imagem de aldeia global. “O mundo virtual é um espaço rizomático, na medida em que

²¹² A expressão Phishing em inglês significa “pescando” uma técnica de fraude online, utilizada por criminosos no mundo da informática para roubar senhas de banco e demais informações pessoais, usando-as de maneira fraudulenta fonte: <https://www.significados.com.br/phishing/>

²¹³ A palavra significa notícias falsas.



possui várias entradas e saídas, que dá ao usuário infinitas possibilidades de se conectar ao circuito de participação” (SANTOS; RIBEIRO, 2017, p. 261).

Contudo, o idoso precisa se sentir estimulado a pesquisar sobre modos de melhorar as condições de confiabilidade virtual, de cuidar dos detalhes que promovam a sua segurança e imagem. Neste sentido, o estatuto do idoso e jurisprudência vem ampará-lo nessa questão delicada de sua vida.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os autores analisados Jenkins, (2015) e Araújo e Fortes (2017), a percepção da mídia sobre os idosos e os dispositivos tecnológicos aumentam a sua expectativa de longevidade e a vulnerabilidade aos perigos virtuais.

Sobre a análise dos periódicos jurídicos e da tecnologia da informação e comunicação assistivo, a esta fase, ficou evidente em 60% a tramitação de recursos protetivos comunicacionais que ajudam melhor ao idoso na segurança sobre os seus dados pessoais.

Dessa forma, cabe ressaltar que nos periódicos analisados neste artigo, com temas em segurança virtual (2018/2019), o acesso a sites específicos aos idosos, a exemplo: blogs, publicidade, farmácias, que produzem entres eles um sentimento de pertencimento à vida pública, porém, não atinge os 100% dos idosos de maneira efetiva, visto que, ainda tem idosos fora das discussões.

Nessa perspectiva, Jenkins (2015, p. 70), compartilha esta opinião: “Consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores”.

Onde apenas são valorizados aqueles que se adéquam aos novos estilos de vida, que estão sendo oferecidos, difundidos pelas mídias. Isso ocorre porque a mídia veicula certas representações dos velhos, e do envelhecimento, exercendo função de ponto de referência.



A midiatização situa-se em processos e contextos históricos e em percursos de desenvolvimento de alta complexificação que impõem a necessidade de considerar mecanismos de explicação que são atualizados no movimento destes próprios processos históricos e nos quais se passa o desenvolvimento das técnicas, dos processos e das práticas de comunicação. (NETO, 2006, p. 2).

No espaço de midiatização e frisado nos periódicos analisados (JUSBRASIL²¹⁴, 2018/2019), amplia-se ações dentro do ministério público, que estão cada vez mais em alta em relação à invasão de privacidade dos longevos e alerta ainda para as falhas de proteção de dados. Os autores Castells (2020), Garcia (2018); Santos (2019); Ribeiro (2017); Leite (2016) afirmam: são muito úteis em princípio como uma rede social gratuita. Vê-se que a moeda de troca entre a empresa e o usuário são todos os dados gerados pelos usuários do site.

A informação que mais chamou a atenção, foi o ato de que a lei 12.737/12 conhecida como lei Carolina Dieckman veio alterar o código penal ao instituir proteção contra crimes ou delitos considerados cibernéticos e proteger contra a ação de fraudes.

A jurisprudência²¹⁵ afirma que: “cada caso deve ser analisado como único, e se realmente houve a violação dos direitos fundamentais, os danos serão reparados mediante a aplicação da sanção correta”.

Casos em que se desmentem histórias falsas que são contadas online, usando pessoas idôneas e exigindo providências às autoridades. Faz-se necessário repensar os efeitos de tal uso sobre a saúde física, a condição psicológica e a qualidade de vida desses usuários. (SANTOS *et al*, 2019).

A tecnologia da comunicação não é início, nem o fim, e sim um caminho para ajudar, para facilitar as coisas. Tem que ser acolhedora e protetiva. Todavia, as tecnologias comunicacionais oferecem-nos oportunidades para cartografarmos a vida.

²¹⁴ <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/117197216/lei-12965-14>

²¹⁵ <https://jus.com.br/artigos/75673/a-responsabilidade-civil-por-danos-morais-em-redes-sociais>, 2019.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O imperativo da tecnologia na mídia se constitui como a mais recente singularidade contemporânea. Saiba que o envelhecimento é considerado um processo universal, dinâmico e irreversível. Outro fato que contribuiu para essa mudança é que os idosos são considerados potenciais consumidores da Internet.

Do ponto de vista das discussões dos autores trabalhados, os estudos sobre privacidade digital contribuem para revisar o próprio sentido de segurança na “mídia” para o idoso. Por essas leis de jurisprudência, observa-se que a terceira idade tem direito a uma conectividade segura de antivírus. Entretanto, atualmente se vê uma realidade distante do que se está legalmente preconizado.

Assim, foi percebido nesse estudo que a privacidade digital se encontra muito presente nas vidas dos idosos que favorece a reflexão diante a este tema. Com isso, cresce a necessidade de um gerenciamento comunicacional mais eficaz sobre ela, pois, embora essa população tenha direitos legalmente assegurados, a atenção às suas demandas na prática de ações processuais mostra-se tímidas, limitando-se a experiências isoladas.

É importante refletir como essa tecnologia de comunicação, que nasceu para dar conta do processamento de grande volume de informações no mundo, transformou e revolucionou nosso cotidiano e a vida dos idosos, configurando as suas relações sociais. Concluiu-se, e então, que a implementação, bem como o desenvolvimento de tecnologias voltadas às necessidades dos idosos é mister para estabelecer condições adequadas e inovadoras para um cuidado satisfatório desse segmento populacional.

Neste âmbito, é preciso ressaltar o papel democrático que a segurança virtual possui para que todas as possibilidades de mudanças possam ocorrer por meio dela. Em sentido amplo, repensar ações que sejam capazes de gerar novos saberes, possibilitar aprendizagem, criação, participação e maior inserção social do idoso. Portanto, nesse espaço, ser velho é um momento de novas possibilidades, não de limitação.



REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Sarah Nikece Mesquita; FORTES. Santiago Roberta(orgs). Tecnologias voltadas para o cuidado do idoso em serviços de saúde: uma revista integralista, 2017.
- CASTELLS. Manuel. *O poder da comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- CASTRO, Amanda. *Aceitação e Adaptação da internet entre idosos: um estudo de representações e práticas sociais*, Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Florianópolis. 2019. p.355.
- CORTES, Tanisse Paes Bóvio Barcelos; MARTINS, Analice de Oliveira and Souza; CARLOS Henrique Medeiros de. Educação midiática, educomunicação e formação docente: parâmetros dos últimos 20 anos de pesquisas nas bases scielo e scopus. *Educ. rev.* vol.34. ISSN 0102-4698, 2018.
- DIAS, Vera; SCHWARTZ, Gustavo. O lazer na perspectiva do indivíduo idoso. *Lecturas, Educación Física y Deportes: Revista Digital*, Buenos Aires, año 10, n. 87, 2012.
- ESTATUTO DO IDOSO. Brasília: *Senado Federal*, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 40 p.
- FAUSTO NETO, A. Midiatização: prática social, prática de sentido. In: *COMPÓS*, 15, 2006, Bauru. *Anais...* Bauru: UNESP, 2006.
- FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. In: *Educação & Sociedade*. ano XXIII. n. 79. ago. Campinas: UNICAMP, 2002. pp. 257-272. Disponível em: Acesso em: 21 jan. 2018.
- GARCIA, João Rodrigo Roncalho Caparroz. *Direito A Personalidade e A Privacidade Digital*. CATEGORIA: Direito e informática. Disponível em: <https://www.conteudojuridico.com.br/consultas/Artigos?articulista=Jo%C3%A3o%20Rodrigo%20Roncalho%20Caparroz%20Garcia>. Acessado em: 08 de agosto de 2020.
- GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar projetos de pesquisa*. 6 ed. São Paulo, Atlas, 2019.
- GOLDENBERG, Mirian. *velho é lindo!* 1 ed-rio de janeiro. Civilização brasileira, 2016.



JENKINS, Henry. GREEN Joshua, E Ford Sam. *A cultura da Conexão: criando valores e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Aleph 1, 2015.

JORGE, Marianna Ferreira; SIBILIA, Paula. O "vício" da conexão como um mal-estar do século XXI: Da repressão pela lei ao "livre" In: *XXVIII Encontro Anual da Compôs*, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2019.

LEITE, Henrique Specian. *A Importância da Privacidade na Internet*. 2016. 61 f. TCC (Graduação) – Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Departamento de Tecnologia da Informação, Faculdade de Tecnologia de São Paulo, São Paulo, 2016.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2007.

SANTOS, P. SEED – *Secretaria de Educação a Distância*, Brasília, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

PINHEIRO, 2019, p.1. Disponível em: <https://tribunaonline.com.br/os-principais-golpes-que-ameacam-aposentados-na-internet>. Acessado em 19 de setembro de 2020

PRIVACIDADE online e a linguagem oculta da internet. Disponível em: new.safernet.org.br. Acessado em: 05 de novembro de 2020.

SANTAELLA, Lucia. *Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política*. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2016.

SANTOS, Fausi dos; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Privacidade em tempos de internet: comportamento e discursivização de si entre usuários no ambiente virtual. *Revista Brasileira de Psicologia e educação*. v 19, N 2 P 258-267, 2017.

SANTOS, Paloma Ariana dos et al. A percepção do idoso sobre a comunicação no processo de envelhecimento. *Audiol. Commun. Res.*, São Paulo, v. 24, e 2058, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-64312019000100312&lng=en&nrm=iso. access on 17 Aug. 2020. Epub June 06, 2019. <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2018-2058>. Acessado em: 15 de agosto de 2020.

WAKKA, Wagner. Número de ataques cibernéticos no Brasil quase que dobrou em (Arte: Dfndr Lab). Disponível em: canaltech.com.br/2018. Acessado em: 05 de novembro de 2020.



Sites Consultados:

IBGE. Disponível em: <http://www.folhape.com.br/2019>. Acesso em 19 de setembro de 2020.

Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/saude-e-bem-estar/mais-idade/ela-tem-seguranca-online>. Acesso em junho de 2019.

Disponível em:
<https://www.dx.doi.org/10.6018/eglobal.16.2247241>. Revista eletrônica trimestral fevereiro a abril DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i2p101-116> 2017.

Disponível em: <http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2019/06/fesvip201910.pdf> ISSN 2447-2131, DOI 10.29327/213. Acesso em junho de 2019.

Disponível em: <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/castells-a-internet-ameacada>. Acesso em 06 de setembro de 2020.

Disponível em: <https://tribunaonline.com.br/os-principais-golpes-que-ameacam-aposentados-na-internet>. Acesso em 19 de setembro de 2020.

SERASA. Disponível em: <https://www.significados.com.br,2020>. Acesso em 19 de setembro de 2020.

TIC Domicílios 2018, do Cetic.Br. Disponível em: <http://www.folhadesaopaulo/2019>. Acesso em 19 de setembro de 2020.

VERÓN, E. *Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências*. Matrizes, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan./jun. 2014.



PPGCLC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA



UNAMA



ISBN: 978-65-88274-11-8

CD



9 786588 274118